A HISTÓRIA DA HUMANIDADE



ESCRITO E ILUSTRADO POR

HENDRIK VAN LOON

A História da Humanidade

Por Hendrik Van Loon

OceanofPDF.com

Escrito e Ilustrado por Hendrik Van Loon

Tradução de Robert de Aquino

OceanofPDF.com

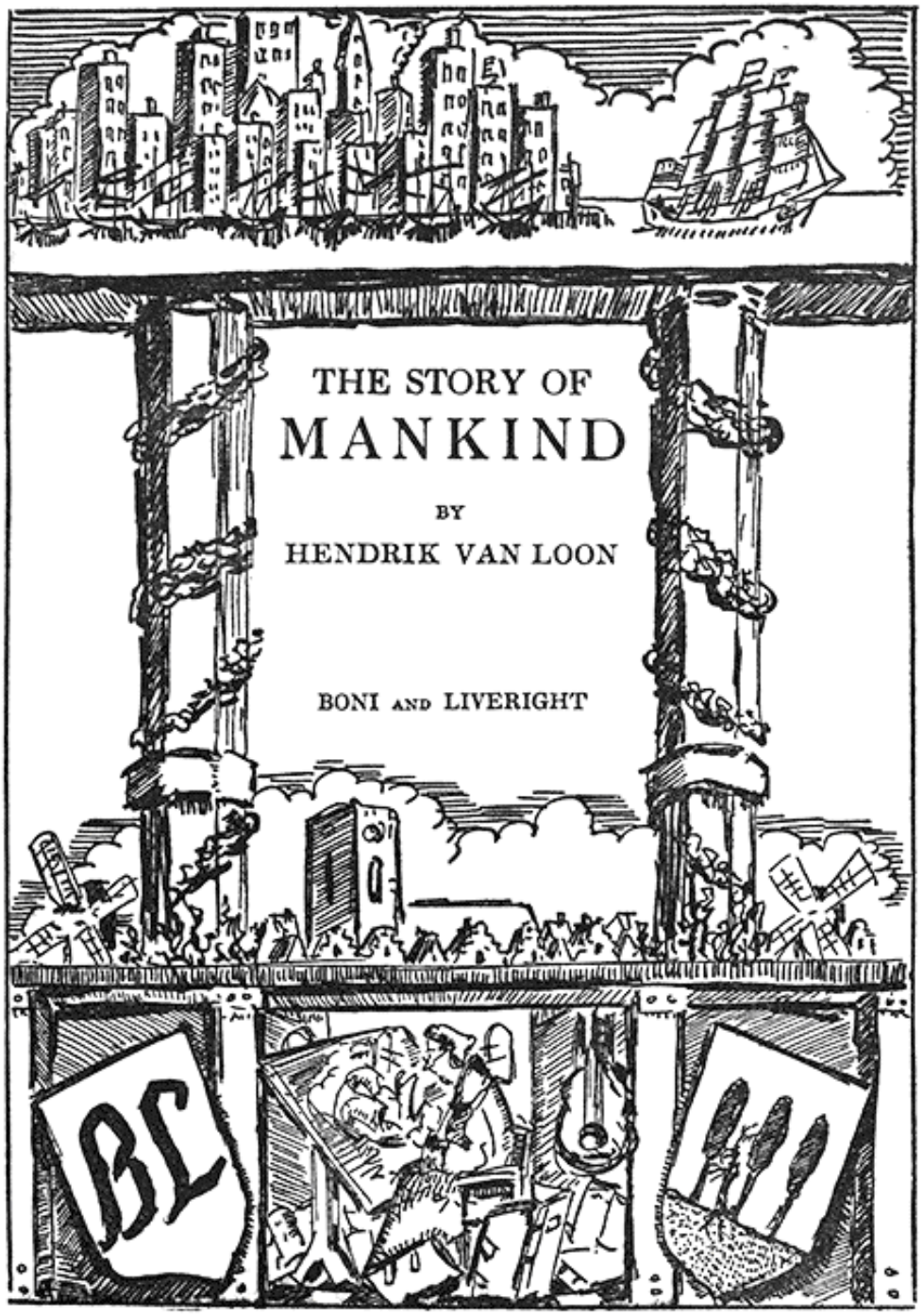
Sumário

PREFÁCIO
A HISTÓRIA DA HUMANIDADE
O PREPARAR DO PALCO
NOSSOS PRIMEIROS ANCESTRAIS
O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO
HIERÓGLIFOS
O VALE DO NILO
A HISTÓRIA DO EGITO
MESOPOTÂMIA
OS SUMÉRIOS
OS HEBREUS
OS FÉNICIOS
OS INDO-EUROPEUS
O MAR EGEU
OS GREGOS
AS CIDADES GREGAS
AUTOGOVERNO GREGO
A VIDA GREGA
O TEATRO GREGO
AS GUERRAS PERSAS
ATENAS vs ESPARTA
ALEXANDRE O GRANDE
UMA RECAPITULAÇÃO
ROMA E CARTAGO
A ASCENSÃO DE ROMA
O IMPÉRIO ROMANO
JESUS DE NAZARÉ
A QUEDA DE ROMA

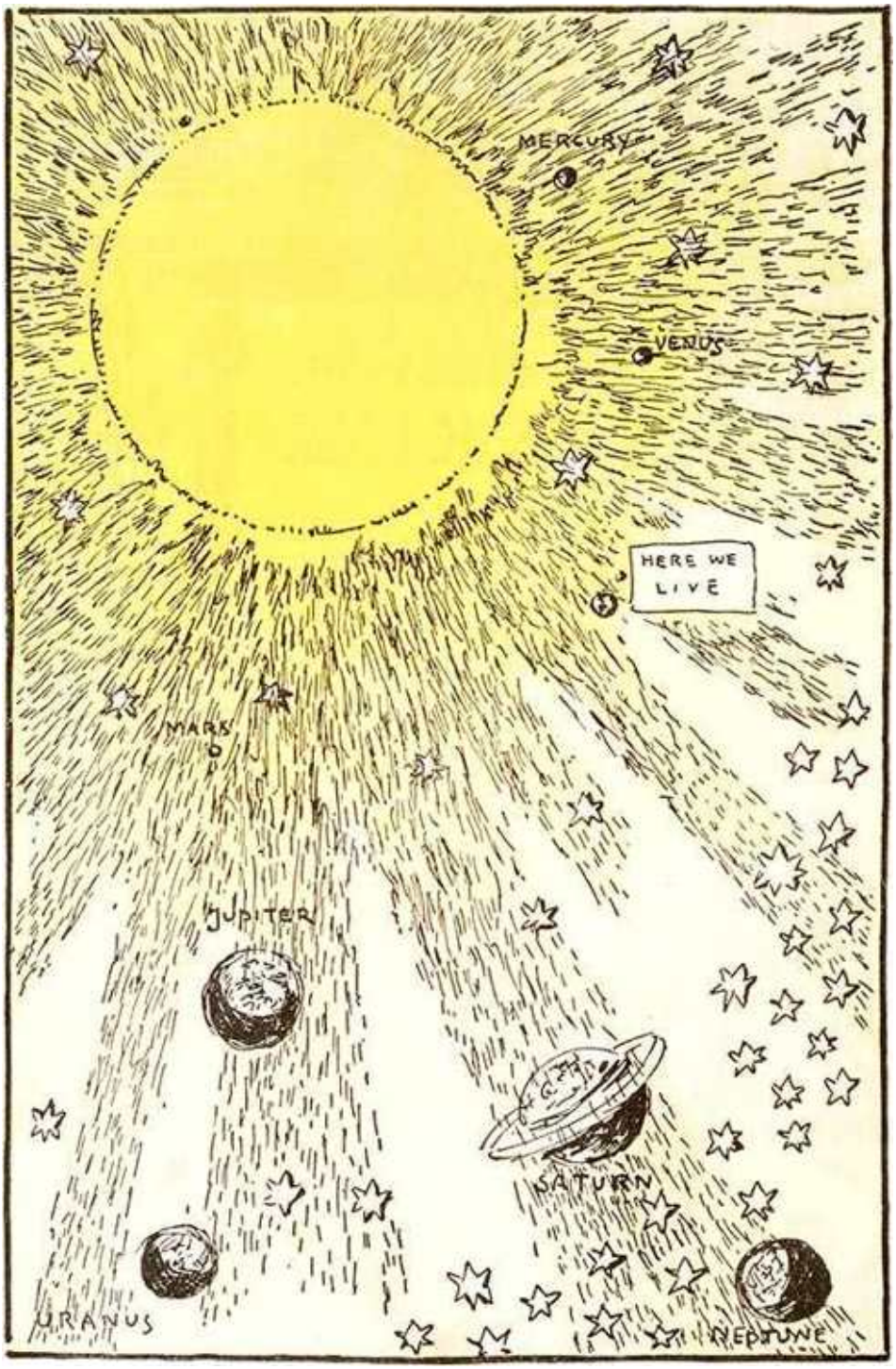
A ASCENSÃO DA IGREJA
MAOMÉ
CARLOS MAGNO
OS NÓRDICOS
FEUDALISMO
CAVALEIROS
PAPA vs EMPEROR
AS CRUZADAS
A CIDADE MEDIEVAL
AUTOGOVERNO MEDIEVAL
O MUNDO MEDIEVAL
COMÉRCIO MEDIEVAL
O RENASCIMENTO
A ERA DA EXPRESSÃO
AS GRANDES DESCOBERTAS
BUDA E CONFÚCIO
A REFORMA
A GUERRA RELIGIOSA
A REVOLUÇÃO INGLESA
EQUILÍBRIO DO PODER
A ASCENSÃO DA RÚSSIA
RUSSIA vs SUÉCIA
A ASCENSÃO DA PRÚSSIA
O SISTEMA MERCANTIL
A REVOLUÇÃO AMERICANA
A REVOLUÇÃO FRANCESA
NAPOLEÃO
A SANTA ALIANÇA
A GRANDE REAÇÃO
INDEPENDÊNCIA NACIONAL
A ERA DO MOTOR

A REVOLUÇÃO SOCIAL
A EMANCIPAÇÃO
A ERA DA CIÊNCIA
ARTE
EXPANSÃO E GUERRA COLONIAL
UM NOVO MUNDO
COMO SEMPRE SERÁ
UMA CRONOLOGIA ANIMADA
RELATIVO ÀS IMAGENS

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

PREFÁCIO



Quando eu tinha doze ou treze anos, um tio que me despertou o amor por livros e fotografias prometeu me levar à uma expedição memorável. Eu estava prestes a ir com ele ao topo da Old Saint Lawrence em Roterdão.

E assim, num belo dia, um sacristão com uma chave tão grande quanto a de São Pedro abriu uma porta misteriosa. "Toque a campainha", disse ele, "quando vocês quiserem sair", e com um grande rangido de velhas dobradiças enferrujadas, ele nos separou do barulho da rua movimentada e nos trancou em um mundo cheio de novas e estranhas experiências.

Pela primeira vez em minha vida, fui confrontado pelo fenômeno do silêncio audível. Quando subimos o primeiro lance de escadas, acrescentei outra descoberta ao meu conhecimento limitado dos fenômenos naturais — o da escuridão tangível. Uma corrida nos mostrou onde os caminhos das escadas nos levaria. Fomos para o andar seguinte e depois para o próximo e o próximo, até que eu perdi a conta e depois veio outro andar, e de repente ficou muito claro. Este piso estava em uma altura regular com o teto da igreja, e era usado como depósito. Coberto com muitos centímetros de poeira, havia os símbolos abandonados de uma fé venerável que havia sido descartada pelas boas pessoas da cidade muitos anos atrás. Aquilo que significou vida e morte para nossos ancestrais foi reduzido a velharias e entulhos.

O andar seguinte nos mostrou de onde viera tal clarão. Enormes janelas abertas com barras pesadas de ferro transformavam o espaço alto e estéril

no lar de centenas de pombos. O vento soprava pelas barras de ferro e no ar um ruído estranho e agradável. Era o o barulho da cidade abaixo de nós, mas um ruído que tinha sido purificado e limpo pela distância. O estrondo de carrinhos pesados e o tilintar dos cascos dos cavalos, o enrolamento de guindastes e polias, o som sibilante do vapor paciente que tinha sido preparado para fazer o trabalho do homem de mil maneiras diferentes — todos haviam sido misturados em um sussurro suavemente farfalhante que proporcionava um belo pano de fundo para o arrulhar dos pombos.

Aqui as escadas chegaram ao fim e as escadinhas começaram. E depois da primeira escadinha (uma coisa velha e escorregadia que fazia com que qualquer um se sentisse inseguro e ficasse com um pé cauteloso), havia uma grande descoberta, o relógio da cidade. Eu vi o coração do tempo. Eu podia ouvir as pulsações pesadas dos segundos rápidos — um, dois, três — até os sessenta. Então, um súbito estremecimento quando todas as rodas pararam e outro minuto foi cortado da eternidade. Sem pausa, recomeçou — um, dois, três — até que, finalmente, após um sinal de aviso e a raspagem de muitas rodas, uma voz estrondosa, bem acima de nós, disse ao mundo que era a hora do meio-dia.

No andar seguinte estavam os sinos. Os pequenos sinos e suas terríveis irmãs. No centro, o grande sino, que me fazia ficar duro de medo quando o ouvia no meio da noite ao contar histórias de terror. Em grande solidão, parecia refletir sobre aqueles seiscentos anos durante os quais compartilhara as alegrias e tristezas das boas pessoas de Roterdã. Ao redor, organizados ordenadamente como os potes azuis de uma antiquada boticária, penduravam os pequenos companheiros que, duas vezes por semana, tocavam uma melodia alegre para alegrar o pessoal do campo que tinha chegado ao mercado para comprar, vender e ouvir o que o grande mundo estava fazendo. Mas num canto — sozinho e evitado pelos outros — um grande sino preto, silencioso e severo, o sino da morte.

Então a escuridão mais uma vez e outras escadinhas, mais íngremes e ainda mais perigosas do que as que havíamos escalado antes, e de repente o ar fresco dos grandes céus. Nós alcançamos a galeria mais alta. Acima de nós o céu. Abaixo de nós, a cidade — uma pequena cidade em miniatura, onde formigas ocupadas rastejavam apressadamente para lá e para cá, cada uma com a intenção de cuidar de seus negócios particulares e, além da mistura de pedras, o verde intenso do campo aberto.

Foi meu primeiro vislumbre ao ver o grande mundo.

Desde então, sempre que tive a oportunidade, fui ao topo da torre e me diverti. Era um trabalho árduo, mas pagava integralmente o mero esforço físico de subir alguns degraus.

Além disso, eu sabia qual seria minha recompensa. Eu via a terra e o céu, e ouvia as histórias de meu amigo, o vigia, que morava em um pequeno barraco, construído em um canto abrigado da galeria. Ele cuidava do relógio e era um pai para os sinos, avisava sobre incêndios, e desfrutava de muitas horas livres e depois fumava um cachimbo e se punha a pensar. Ele frequentara a escola quase cinquenta anos antes e raramente lera um livro, mas havia vivido no topo da torre por tantos anos que absorvera a sabedoria daquele vasto mundo que o cercava por todos os lados.

História que ele conhecia bem, pois era uma coisa viva com ele. "Ali", ele dizia, apontando para uma curva do rio, "lá, meu menino, você vê essas árvores? É aí que o Príncipe de Orange represa a água para aguar a terra e salvar a cidade de Leida". Ou ele me contava a história do velho rio Meuse, quando o largo rio deixou de ser um porto calmo e se tornou uma maravilhosa estrada, carregando os navios de Michiel de Ruyter e Marteen Tromp naquela famosa última viagem, quando deram a vida para que o mar pudesse ser livre para todos.

Depois, havia as pequenas aldeias, agrupadas em volta da igreja protetora, que uma vez, muitos anos atrás, havia sido a casa de seus santos padroeiros. Ao longe, podíamos ver a torre inclinada de Delft. À vista de seus altos arcos, Guilherme, o Silencioso, fora assassinado e lá Hugo Grócio aprendera a interpretar suas primeiras frases em latim. E ainda mais longe, se avistava a igreja de Gouda, a terra natal do homem cuja sagacidade havia se provado mais poderosa que os exércitos de muitos imperadores, o menino carente que o mundo conhecia como Erasmo de Roterdão.

Finalmente a linha prateada do mar sem fim e como contraste, imediatamente abaixo de nós, a colcha de retalhos de telhados, chaminés, casas, jardins, hospitais, escolas e ferrovias, que chamamos de nossa casa. Mas a torre nos mostrou nossa velha casa sob uma nova luz. A comoção confusa das ruas e do mercado, das fábricas e da oficina, tornou-se a expressão bem ordenada da energia e propósito humano. O melhor de

tudo era que a visão ampla do passado glorioso, que nos cercava por todos os lados, nos dava nova coragem para enfrentar os problemas do futuro quando voltávamos às nossas tarefas diárias.

A história é a poderosa Torre da Experiência, que o Tempo construiu em meio aos intermináveis campos de eras passadas. Não é tarefa fácil alcançar o topo desta grande torre e obter a vantagem da visão completa. Não há elevador, mas os pés jovens são fortes e isso pode ser feito.

Aqui eu te dou a chave que vai abrir a porta.

Quando voltar, você também entenderá o motivo do meu entusiasmo.

Hendrik Willem Van Loon.

OceanofPDF.com

A HISTÓRIA DA HUMANIDADE



No norte, bem no alto de uma terra chamada Svithjod, existe uma rocha. Ela tem cento e sessenta metros de altura. Uma vez a cada mil anos, um passarinho chega a essa rocha para afiar seu bico.

Quando a rocha for usada, então, um único dia da eternidade terá se passado.

OceanofPDF.com

O PREPARAR DO PALCO

Nós vivemos sob a sombra de um gigantesco ponto de interrogação. Quem somos nós? De onde nós viemos? Para onde iremos?

Lentamente, mas com persistente coragem, temos empurrado este ponto de interrogação mais e mais para aquela linha distante, além do horizonte, onde esperamos encontrar nossa resposta.

Nós não fomos muito longe.

Ainda sabemos muito pouco, mas chegamos ao ponto em que (com um bom grau de precisão) podemos adivinhar muitas coisas.

Neste capítulo, direi como (de acordo com nossa melhor hipótese) a que ponto fizemos nossa primeira aparição.

Se representarmos o tempo durante o qual tem sido possível a vida animal existir em nosso planeta por uma linha desse comprimento, então a pequena linha logo abaixo indica a idade durante a qual o homem (ou uma criatura mais ou menos parecida com o homem) viveu sobre esta terra.



O homem foi o último a chegar, mas o primeiro a usar seu cérebro com o propósito de conquistar as forças da natureza. Essa é a razão pela qual vamos estudá-lo, em vez de gatos, cães, cavalos ou qualquer outro animal que, à sua maneira, tenha um desenvolvimento histórico muito interessante por trás deles.

No começo, o planeta em que vivemos era (até onde sabemos agora) uma grande bola de matéria flamejante, uma minúscula nuvem de fumaça no infinito oceano do espaço. Gradualmente, no curso de milhões de anos, a superfície se queimou e foi coberta com uma fina camada de rochas. Sobre essas rochas sem vida, a chuva descia em torrentes sem fim, desgastando o granito duro e carregando o pó para os vales que ficavam escondidos entre os altos penhascos da terra fumegante.



Finalmente o sol rompeu as nuvens e viu como este pequeno planeta estava coberto com algumas pequenas poças que se desenvolveriam nos imensos oceanos dos hemisférios leste e oeste.

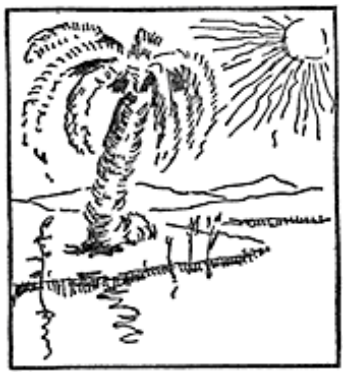
Então um dia a grande maravilha aconteceu. O que estava morto deu origem à vida.

A primeira célula viva flutuou sobre as águas do mar.

Por milhões de anos, vagou sem rumo com as correntes. Mas durante todo esse tempo estava desenvolvendo certos hábitos que poderiam sobreviver mais facilmente na terra inóspita. Algumas dessas células eram mais felizes nas profundezas escuras dos lagos e das poças. Elas criaram raízes nos sedimentos viscosos que haviam sido carregados do topo das colinas e se transformaram em plantas. Outras preferiam se movimentar e elas criavam estranhas pernas articuladas, como escorpiões, e começaram a se arrastar pelo fundo do mar em meio às plantas e às coisas verdes pálidas que pareciam geléias do mar. Outras ainda (cobertas de escamas) dependiam de um movimento de natação para ir de um lugar a outro em busca de comida, e gradualmente povoaram o oceano com miríades de peixes.

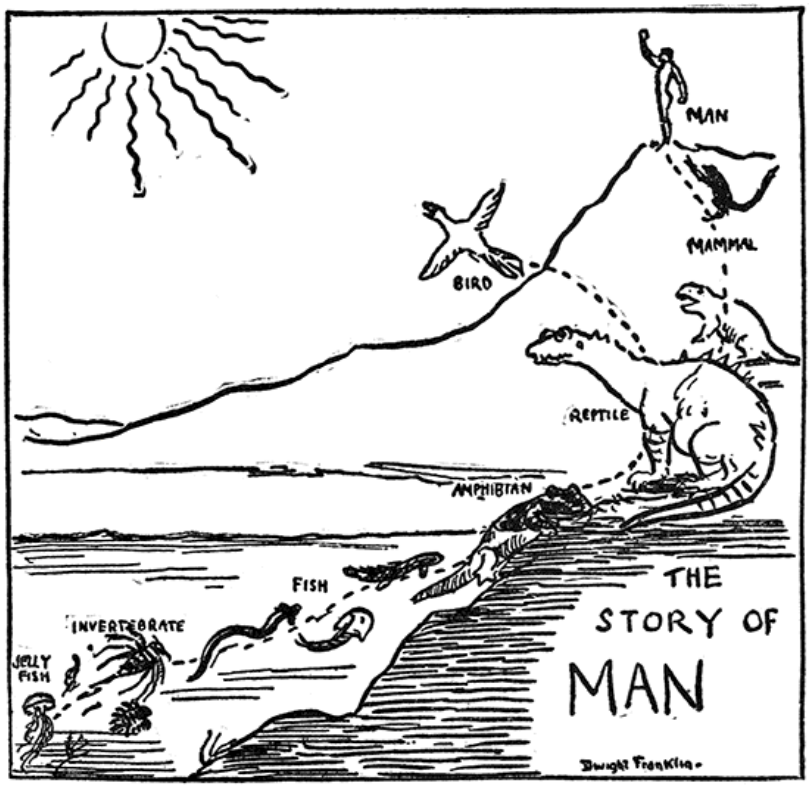
Enquanto isso, as plantas aumentaram em número e tiveram que procurar novos locais de moradia. Não havia mais espaço para elas no fundo do mar. Relutantemente, elas deixaram a água e fizeram um novo lar nos pântanos e nas margens de lama que ficavam no sopé das montanhas. Duas vezes por dia as marés do oceano cobriam-nas com a sua salmoura. Pelo resto do tempo, as plantas aproveitaram melhor sua situação desconfortável e tentaram sobreviver no ar rarefeito que circundava a superfície do planeta. Depois de séculos de evolução, aprenderam a viver confortavelmente no ar como fizeram na água. Elas aumentaram de

tamanho e tornaram-se arbustos e árvores e finalmente aprenderam a cultivar lindas flores que atrairiam a atenção das grandes abelhas e dos pássaros que carregavam as sementes por toda parte, até que toda a terra ficou coberta de pastos verdejantes.



Alguns peixes também começaram a deixar o mar e aprenderam a respirar com pulmões e guelras. Chamamos tais criaturas anfíbias, o que significa que elas podem viver com igual facilidade na terra e na água. O primeiro sapo que cruza seu caminho pode dizer tudo sobre os prazeres da dupla existência do anfíbio.

Uma vez fora da água, esses animais gradualmente se adaptaram cada vez mais à vida na terra. Alguns se tornaram répteis (criaturas que rastejam como lagartos) e compartilhavam o silêncio das florestas com os insetos. Para que pudessem se mover mais rapidamente através do solo macio, eles melhoraram suas pernas e seu tamanho aumentou até que o mundo foi preenchido com formas gigantescas (que os manuais da biologia listam sob os nomes de Ictiossauro, Megalossauro e Brontossauro) que cresceram para serem de nove a doze metros de comprimento e que poderiam ter brincado com os elefantes assim como um gato adulto brinca com seus gatinhos.



Alguns dos membros dessa família reptiliana começaram a viver no topo das árvores, que tinham então mais de trinta metros de altura. Eles não precisavam mais de suas pernas para andar, mas era necessário que se movessem rapidamente de galho em galho. E assim eles mudaram uma parte de sua pele para uma espécie de pára-quedas, que se estendia entre os lados de seus corpos e os dedinhos dos pés, e gradualmente eles cobriram esse paraquedas magro com penas e transformaram suas caudas em um mecanismo de direção e voando de árvore em árvore se transformaram em verdadeiros pássaros.

Então aconteceu uma coisa estranha. Todos os répteis gigantescos morreram em pouco tempo. Nós não sabemos o motivo. Talvez tenha sido devido a uma mudança repentina no clima. Talvez tivessem crescido tanto que não pudessem nadar nem caminhar nem engatinhar, e morreram de fome, mas não ao alcance das grandes samambaias e árvores. Qualquer que tenha sido a causa, o império mundial dos grandes répteis existira por aproximadamente um milhão de anos.

O mundo agora começou a ser ocupado por criaturas muito diferentes. Elas eram os descendentes dos répteis, mas eram muito diferentes porque alimentavam seus filhotes com com os seios da mãe. Por

isso, a ciência moderna chama esses animais de "mamíferos". Eles não adotaram nem as escamas dos peixe nem as penas dos pássaros, mas cobriram seus corpos com pêlos. Os mamíferos, no entanto, desenvolveram outros hábitos que deram à raça deles uma grande vantagem sobre os outros animais. A fêmea da espécie carregava os ovos dos jovens dentro de seu corpo até nascerem e enquanto todos os outros animais, até então, deixavam seus filhos expostos aos perigos do frio e do calor, e aos ataques das feras selvagens, os mamíferos mantiveram seus filhotes com eles por um longo tempo e os abrigaram enquanto ainda estavam fracos demais para lutar contra seus inimigos. Desta forma, os jovens mamíferos tiveram uma chance muito maior de sobreviver, porque aprenderam muitas coisas com suas mães. Você já deve ter visto alguma um gato ensinando seu filhote a cuidar de si mesmo.

Mas desses mamíferos não preciso dizer muito para você conhecê-los bem. Eles te cercam por todos os lados. Eles são seus companheiros diários nas ruas e em sua casa, e você pode ver seus primos menos familiares atrás das grades do jardim zoológico.

E agora chegamos à separação dos caminhos quando o homem subitamente deixa a interminável procissão de criaturas que vivem e morrem de forma estúpida e começa a usar sua razão para moldar o destino de sua raça.

Um mamífero em particular parecia superar todos os outros em sua capacidade de encontrar comida e abrigo. Aprendera a usar as patas dianteiras com o propósito de segurar a presa e, por força da prática, desenvolvera uma garra semelhante a uma mão. Depois de inúmeras tentativas, aprendera a equilibrar todo o corpo nas patas traseiras. (Este é um ato difícil, que toda criança tem que aprender, embora a raça humana tenha feito isso por mais de um milhão de anos).

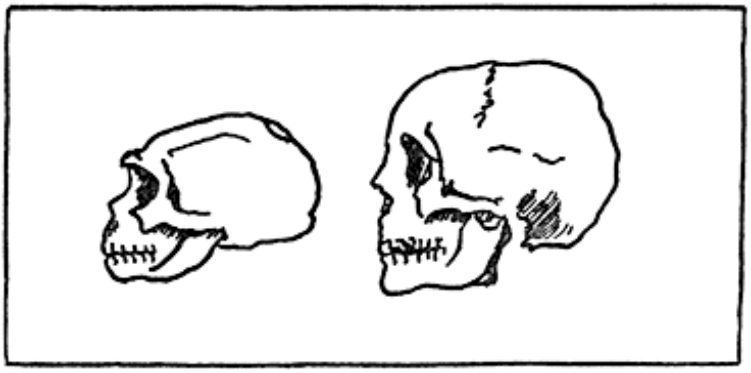
Esta criatura, meio símio e meio macaco, mas superior a ambos, tornou-se o caçador mais bem sucedido e poderia sobreviver em todos os climas. Para maior segurança, geralmente se movia em grupos. Aprendeu a fazer grunhidos estranhos para alertar seus jovens do perigo que se aproximava e depois de muitas centenas de milhares de anos, começou a usar esses ruídos guturais com o propósito de falar.

Esta criatura, embora você dificilmente acredite, foi seu primeiro ancestral "semelhante a um homem".

OceanofPDF.com

NOSSOS PRIMEIROS ANCESTRAIS

Nós sabemos muito pouco sobre os primeiros homens "verdadeiros". Nunca vimos suas fotos. Na camada mais profunda de argila de um solo antigo, algumas vezes encontramos pedaços de seus ossos. Esses estavam enterrados em meio aos esqueletos quebrados de outros animais que há muito tempo desapareceram da face da terra. Antropólogos (cientistas eruditos que dedicam suas vidas ao estudo do homem como um membro do reino animal) pegaram esses ossos e foram capazes de reconstruir nossos primeiros ancestrais com um grau razoável de precisão.



O tataravô da raça humana era um mamífero muito feio e pouco atraente. Ele era bem pequeno, muito menor que as pessoas de hoje. O calor do sol e o vento cortante do inverno frio coloriram sua pele de marrom-escuro. Sua cabeça e a maior parte de seu corpo, seus braços e pernas também estavam cobertos de longos cabelos grosseiros. Ele tinha dedos muito finos, mas fortes, que faziam suas mãos parecerem as de um macaco. Sua testa era baixa e sua mandíbula era como a mandíbula de um animal selvagem que usa seus dentes como garfo e faca. Ele não usava roupas. Ele não tinha visto fogo, exceto as chamas dos vulcões que enchiam a terra com a fumaça e a lava.

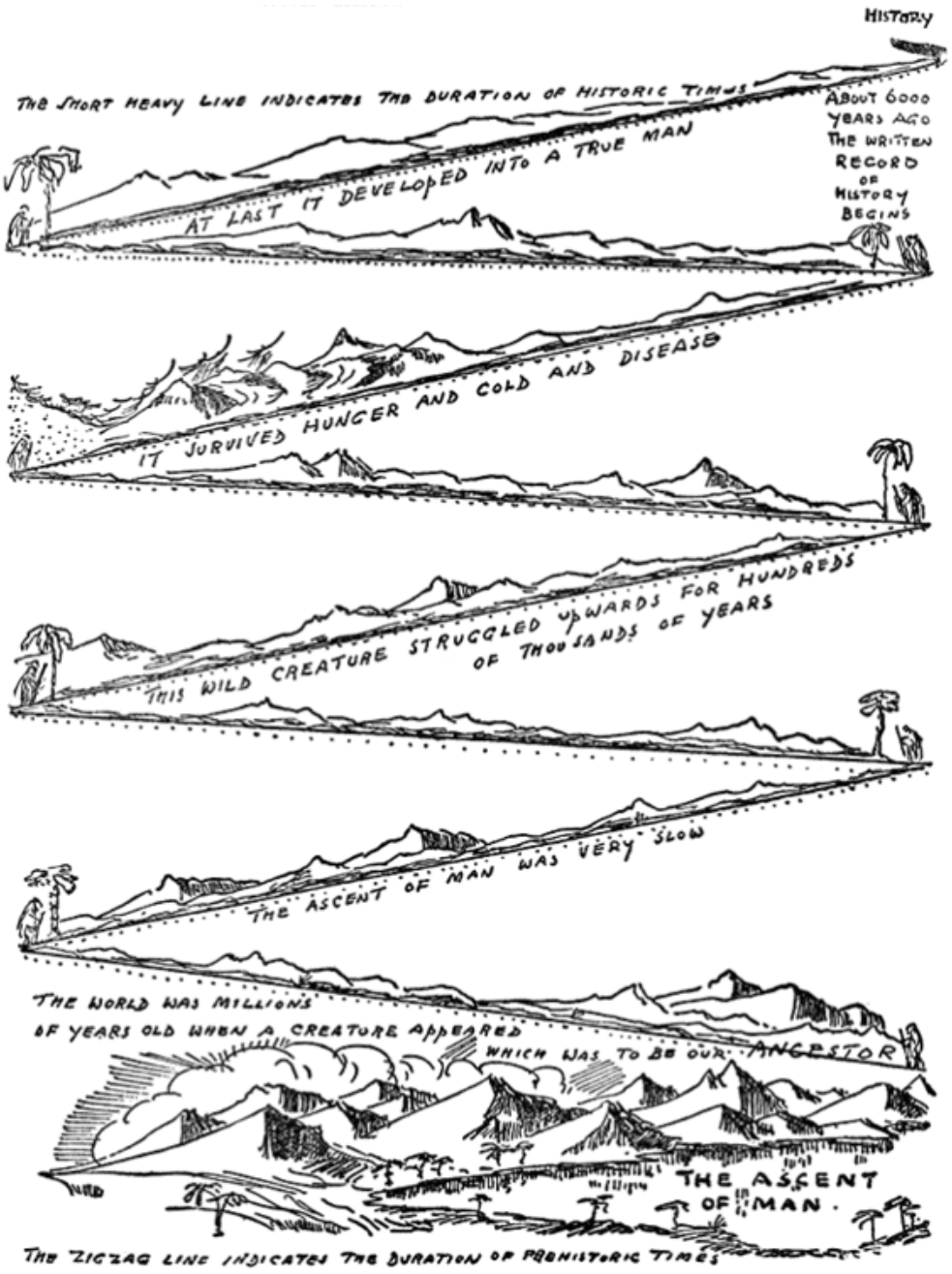
Ele vivia na escuridão úmida de vastas florestas, como os pigmeus da África fazem até hoje. Quando sentia fome, comia folhas cruas e as raízes das plantas ou os ovos de um pássaro raivoso e alimentava seus próprios filhos. De vez em quando, depois de uma longa e paciente perseguição, ele pegava um pardal, um cão selvagem ou talvez um coelho. Eles os comiam

crus porque nunca descobrira que a comida era mais saborosa quando era cozida.

Durante as horas do dia, esse ser humano primitivo rondava procurando coisas para comer.

Quando a noite descia sobre a terra, ele escondia sua esposa e seus filhos em uma árvore oca ou atrás de alguns pedregulhos pesados, pois ele estava cercado por todos os lados por animais ferozes e quando estava escuro esses animais começaram a rondar, procurando por algo para comer, e eles gostavam do gosto dos seres humanos. Era um mundo onde você deveria comer ou ser comido, e a vida era muito infeliz porque estava cheia de medo e miséria.

No verão, o homem estava exposto aos raios escaldantes do sol e, durante o inverno, seus filhos congelavam até a morte em seus braços. Quando tal criatura se machucava, (e os animais caçadores estavam sempre quebrando seus ossos ou torcendo os tornozelos) ele não tinha ninguém para cuidar dele e então morria agonizando.



Como muitos dos animais que enchem o zoológico com seus ruídos estranhos, o homem primitivo gostava de tagarelar. Ou seja, ele repetia interminavelmente o mesmo jargão ininteligível porque lhe agradava ouvir o som de sua voz. No devido tempo, ele aprendeu que ele poderia usar esse ruído gutural para avisar seus companheiros sempre que algum perigo os ameaçava e então ele deu certos gritinhos que vieram a significar "Tem um tigre vindo!" ou "aqui vem cinco elefantes". Então os outros grunhiram algo

de volta para ele e seu rosnado significava: "Eu os vejo", ou "vamos fugir e nos esconder". E esta foi provavelmente a origem de toda a linguagem.

Mas, como eu disse antes, desses primórdios sabemos muito pouco. O homem primitivo não tinha ferramentas e não construía nenhuma casa. Ele viveu e morreu e não deixou rastros de sua existência, exceto alguns colares de ossos e alguns pedaços de seu crânio. Isto nos dizem que muitos milhares de anos atrás o mundo era habitado por certos mamíferos que eram bem diferentes de todos os outros animais — que provavelmente haviam se desenvolvido a partir de outro animal semelhante a um macaco desconhecido, que aprendera a andar sobre suas patas traseiras e usar suas patas dianteiras como mãos — e que provavelmente estavam conectadas com as criaturas que foram nossos primeiros ancestrais.

É pouco o suficiente que sabemos e o resto é uma escuridão.

OceanofPDF.com

O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO

O homem primitivo começa a criar suas ferramentas

O homem primitivo não sabia o que o tempo significava. Ele não mantinha registros de aniversários ou aniversários de casamento ou a hora da morte. Não fazia ideia de dias, semanas ou até anos. Mas, de um modo geral, ele acompanhava as estações porque percebera que o inverno frio era invariavelmente seguido pela primavera amena — que a primavera se transformava no verão quente quando os frutos amadureciam e as espigas selvagens de milho estavam prontas para serem comidas e que o verão terminava quando rajadas súbitas de vento varriam as folhas das árvores e vários animais se preparavam para o longo sono hibernal.

Mas agora, algo incomum e bastante assustador acontecera. O tempo estava muito estranho. Os dias quentes do verão tinham chegado muito tarde. Os frutos não haviam amadurecido. Os topos das montanhas que costumavam ser cobertos de grama agora estavam profundamente escondidos sob um pesado fardo de neve.

Então, certa manhã, várias pessoas selvagens, que diferentemente das outras criaturas que viviam naquela região, vieram vagando dos altos picos. Eles pareciam magros e mortos de fome. Eles proferiram sons que ninguém conseguia entender. Eles pareciam dizer que estavam com fome. Não havia comida suficiente para os antigos habitantes e os recém-chegados. Quando tentaram ficar mais do que alguns dias, houve uma terrível batalha e famílias inteiras foram mortas. Os outros fugiram para as montanhas e morreram na nevasca seguinte.

Mas as pessoas na floresta ficaram muito assustadas. Os dias ficaram mais curtos e as noites ficaram mais frias do que deveriam ter sido.

Finalmente, entre duas colinas altas, uma pequena partícula esverdeada de gelo rapidamente ao rolar aumentou exponencialmente de tamanho. Uma gigantesca geleira veio deslizando morro abaixo. Pedras enormes estavam sendo empurradas para o vale. Com o barulho de uma dúzia de

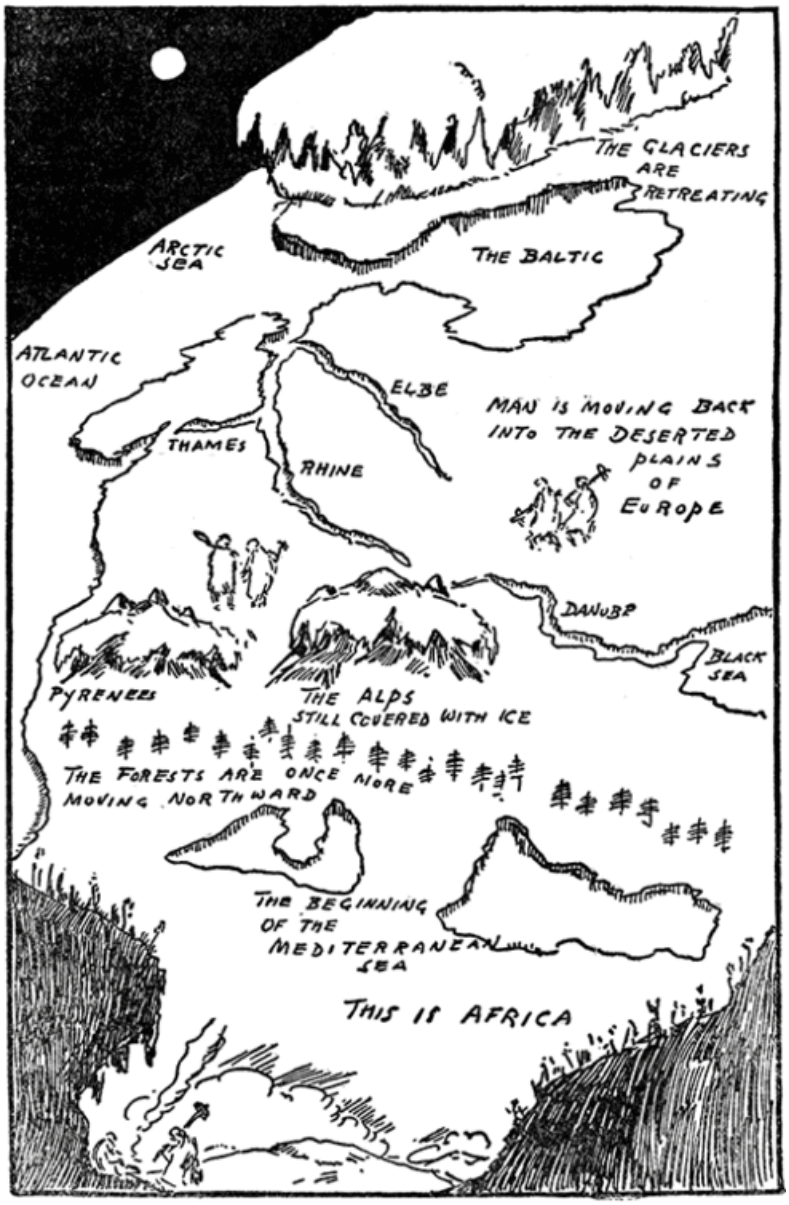
tempestades, torrentes de gelo, lama e blocos de granito de repente caíram entre as pessoas da floresta e as mataram enquanto dormiam. Árvores centenárias foram esmagadas como gravestos de madeira e então começou a nevar.

Nevou por meses e meses. Todas as plantas morreram e os animais fugiram em busca do sol no sul. Os homens colocaram seus pequenos filhos nas costas e seguiram os animais. Mas eles não podiam viajar tão rápido quanto as criaturas selvagens e foram forçados a escolher entre pensar rápido ou morrer rapidamente. Eles pareceram ter preferido a primeira opção, pois eles conseguiram sobreviver aos terríveis períodos glaciais que, em quatro diferentes ocasiões, ameaçaram matar todos os seres humanos na face da Terra.

Em primeiro lugar, era necessário que o homem se vestisse para não congelar até a morte. Ele aprendeu a cavar buracos e cobri-los com galhos e folhas e nessas armadilhas ele pegou ursos e hienas, que ele matou com pedras pesadas e cujas peles ele usou como casacos para si e sua família.

Em seguida veio o problema da habitação. Isso foi simples. Muitos animais tinham o hábito de dormir em cavernas escuras. O homem agora seguiu o exemplo deles, expulsou os animais de suas casas quentes e as reivindicou por conta própria.

Mesmo assim, o clima era muito severo para a maioria das pessoas, os velhos e os jovens morriam a um ritmo terrível. Então um gênio pensou no uso do fogo. Certa vez, enquanto caçava, ele havia se deparado com um incêndio florestal. Ele lembrou que ele quase foi assado até a morte pelas chamas. Até agora, o fogo havia sido um inimigo. Agora se tornou um amigo. Uma árvore morta foi arrastada para dentro da caverna e iluminada por meio de galhos em chamas. Isso transformou a caverna em um pequeno quarto aconchegante.



E então uma noite uma galinha morta caiu no fogo. Não foi resgatado até que tivesse sido bem torradoa O homem descobriu que a carne tinha um sabor melhor quando cozinhada e ele então descartou um dos velhos hábitos que ele havia compartilhado com os outros animais e começou a preparar sua comida.

Milhares de anos se passaram. Apenas as pessoas com os cérebros mais inteligentes sobreviveram. Eles tiveram que lutar dia e noite contra o frio e a fome. Eles foram forçados a inventar ferramentas. Eles aprenderam como afiar pedras em machados e como fazer martelos. Eles foram obrigados a ter grandes estoques de alimentos para os dias intermináveis do inverno e

descobriram que o barro poderia moldar tigelas e jarros e endurecido nos raios do sol. E assim o período glacial, que havia ameaçado destruir a raça humana, tornou-se seu maior professor porque forçava o homem a usar seu cérebro.

OceanofPDF.com

HIERÓGLIFOS

Os egípcios inventaram a arte da escrita e o registro da história começou

Nossos ancestrais mais antigos que viveram na grande vastidão da Europa estavam aprendendo rapidamente muitas coisas novas. É seguro dizer que, no devido tempo, eles teriam abandonado os caminhos dos selvagens e teriam desenvolvido uma civilização própria. Mas de repente chegou ao fim o isolamento deles. Eles foram descobertos.

Um viajante de uma terra desconhecida que ousara cruzar o mar e as altas passagens da montanha encontrara seu caminho para as pessoas selvagens do continente europeu. Ele veio da África. Seu lar estava no Egito.

O vale do Nilo desenvolveu um estágio elevado de civilização milhares de anos antes que o povo do oeste tivesse sonhado com as possibilidades de um garfo, uma roda ou uma casa. E, portanto, deixaremos nossos tataravós em suas cavernas, enquanto visitamos as costas sul e leste do Mediterrâneo, onde ficava a primeira escola da raça humana.

Os egípcios nos ensinaram muitas coisas. Eles eram excelentes agricultores. Eles sabiam tudo sobre irrigação. Eles construíram templos que depois foram copiados pelos gregos e que serviram como os primeiros modelos para as igrejas nas quais adoramos hoje em dia. Eles inventaram um calendário que provou ser um instrumento tão útil para medir o tempo que sobreviveu com algumas mudanças até hoje. Mas, o mais importante de tudo, os egípcios aprenderam a preservar a fala para o benefício das gerações futuras. Eles inventaram a escrita.

Estamos tão acostumados com jornais, livros e revistas que tomamos como certo que o mundo sempre foi capaz de ler e escrever. Na verdade, escrever, a mais importante de todas as invenções, é bem recente. Sem documentos escritos, seríamos como cães e gatos, que só podem ensinar aos seus filhotes e seus filhotes algumas coisas simples e que, por não poderem

escrever, não têm como usar a experiência antepassada das gerações de gatos e cães que existiram.

No primeiro século antes de nossa era, quando os romanos chegaram ao Egito, encontraram o vale cheio de pequenas figuras estranhas que pareciam ter algo a ver com a história do país. Mas os romanos não estavam interessados em "qualquer coisa estranha" e não investigavam a origem dessas figuras estranhas que cobriam as paredes dos templos e as paredes dos palácios e resmas infinitas de folhas planas feitas do papiro. O último dos sacerdotes egípcios que haviam compreendido a arte sagrada de fazer essas imagens havia morrido vários anos antes. O Egito, privado de sua independência, tornou-se um armazém repleto de importantes documentos históricos que ninguém poderia decifrar e que não eram de utilidade terrena para o homem ou a fera.

Dezessete séculos se passaram e o Egito permaneceu uma terra de mistério. Mas no ano de 1798, um general francês chamado Bonaparte visitou a África oriental para preparar um ataque contra as colônias indianas britânicas. Ele não foi além do Nilo e sua campanha foi um fracasso. Mas, por acaso, a famosa expedição francesa resolveu o problema do antigo idioma egípcio.

Um dia, um jovem oficial francês, muito entediado com a vida sombria de sua pequena fortaleza no rio Rosetta (uma foz do Nilo), decidiu passar algumas horas ociosas vasculhando as ruínas do delta do Nilo. E eis que! ele encontrou uma pedra que o intrigou muito. Como tudo no Egito, estava coberto de pequenas figuras. Mas esse pedaço particular de basalto negro era diferente de tudo que já havia sido descoberto. Carregava três inscrições. Uma delas era em grego. A língua grega era conhecida. "Tudo o que era preciso", raciocinou ele, "é comparar o texto grego com as figuras egípcias, e elas logo revelarão seus segredos."

O plano parecia bastante simples, mas levou mais de vinte anos para resolver o enigma. No ano de 1802, um professor francês chamado Champollion começou a comparar os textos gregos e egípcios da famosa pedra de Roseta. No ano de 1823, ele anunciou que havia descoberto o significado de quatorze pequenas figuras. Pouco tempo depois, ele morreu, mas os mais importentes princípios da escrita egípcia se tornaram conhecidos. Hoje, a história do vale do Nilo é mais conhecida por nós do

que a história do rio Mississippi. Nós possuímos um registro escrito que abrange quatro mil anos de história narrada.

Como os antigos hieróglifos egípcios (a palavra significa "escrita sagrada") desempenharam um papel muito importante na história, (alguns deles de forma modificada chegaram até ao nosso próprio alfabeto), você deve saber algo sobre o engenhoso sistema que foi usado há cinquenta séculos para preservar a palavra falada para o proveito das gerações vindouras.

Claro, você sabe o que é uma linguagem de sinais. Todas as histórias dos índios de nossa terra têm um capítulo dedicado a mensagens estranhas (sic) na forma de pequenas figuras que informam quantos búfalos foram mortos e quantos caçadores havia em determinado bando. Como regra geral, não é difícil entender o significado de tais mensagens.

O egípcio antigo, no entanto, não era uma língua de sinais. As pessoas espertas do Nilo haviam superado este estágio muito antes. Suas imagens significavam muito mais do que os objetos que representavam, como tentarei explicar agora.

Suponha que você fosse Champollion e estivesse examinando uma pilha de folhas de papiro, todas cobertas de hieróglifos. De repente você se depara com uma foto de um homem com uma serra. "Muito bem", você diria, "isso significa, é claro, que um fazendeiro saiu para derrubar uma árvore". Então você pega outro papiro. Conta a história de uma rainha que morreu aos oitenta e dois anos. No meio de uma frase aparece a foto do homem com a serra. Rainhas de oitenta e dois não lidam com serras. A imagem, portanto, deve significar outra coisa. Mas o que?

Esse é o enigma que o francês finalmente resolveu. Ele descobriu que os egípcios foram os primeiros a usar o que hoje chamamos de "escrita fonética" — um sistema de caracteres que reproduz o "som" (ou fonema) da palavra falada e que nos possibilita traduzir todas as nossas palavras faladas. em uma forma escrita, com a ajuda de apenas alguns pontos e traços.

Vamos voltar por um momento para o pequeno homem com a serra. A palavra "saw" em inglês que significa serrote e que você encontrará em uma carpintaria, também significa o passado do verbo ver "to see/saw".



Isto é o que aconteceu com as palavras durante o passar do tempo. De ínicio, significava apenas uma coisa específica. Então esse significado foi perdido e se tornou o particípio passado de um verbo. Depois de várias centenas de anos, os egípcios perderam de vista esses dois significados e a imagem veio representar uma única letra, a letra S. Uma frase curta mostrará o que quero dizer. Aqui está uma frase inglesa moderna, como teria sido escrita em hieróglifos.



A figura a seguir significa, ou os olhos em sua cabeça, que permitem ver ou significa "eu", a pessoa que está falando.



Esta outra abaixo significa ou um inseto que coleta mel, ou representa o verbo "ser", que significa existir. Novamente, pode ser a primeira parte de um verbo como "tonar-se" ou "comportar-se".



Seguindo, Neste caso particular, por uma folha, Que significa "leaf/folha" ou "leave/sair" ou "lieve/folha" (o som das três palavras é o mesmo).



O "olho" que você conhece.

Finalmente você obtém a imagem de um girafa. É parte da velha língua de sinais a partir da qual os hieróglifos se desenvolveram.



Agora você pode ler essa frase sem muita dificuldade.

"Eu acredito que vi uma girafa/ I believe I saw a giraffe."

Tendo inventado esse sistema, os egípcios desenvolveram-no durante milhares de anos até que pudessem escrever qualquer coisa que quisessem, e usaram essas "palavras conservadas" para enviar mensagens a amigos, manter contas comerciais e ter um registro da história de seu país, que as gerações futuras pudessem se beneficiar dos erros do passado.

OceanofPDF.com

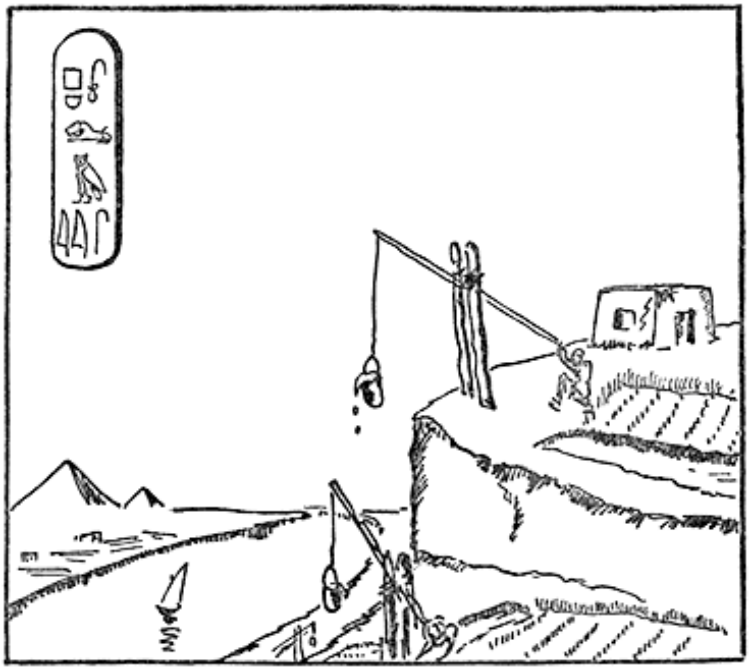
O VALE DO NILO

O início da civilização no vale do nilo

A história do homem é o registro de uma criatura faminta em busca de comida. Onde quer que a comida fosse abundante, o homem viajou para fazer sua casa.

A fama do Vale do Nilo deve ter se espalhado sem demora. Do interior da África e do deserto da Arábia e da parte ocidental da Ásia, as pessoas se reuniram no Egito para reivindicar sua parte das ricas fazendas. Juntos, esses invasores haviam formado uma nova raça que se chamava "Remi" ou "os homens". Eles tinham boas razões para serem gratos a um destino que os levara a essa estreita faixa de terra. No verão de cada ano, o Nilo transformava o vale em um lago raso e, quando as águas recuavam, todos os campos de grãos e pastagens eram cobertos com vários centímetros do barro mais fértil.

No Egito, um rio gentil fez o trabalho de um milhão de homens e tornou possível alimentar a abundante população das primeiras grandes cidades de que temos registro. É verdade que toda a terra arável não estava no vale. Mas um sistema complexo de pequenos canais e varreduras de água transportava a água do nível do rio até o topo das margens mais altas e um sistema ainda mais complexo de trincheiras de irrigação espalhou-a por toda a terra.



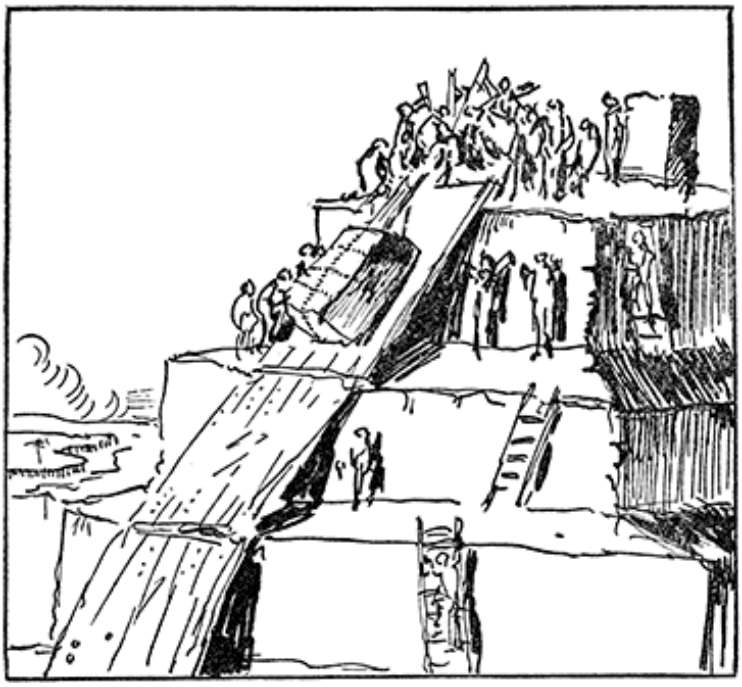
Enquanto o homem da era pré-histórica era obrigado a gastar dezesseis horas de cada vinte e quatro parar procurar comida para si e para os membros de sua tribo, o camponês egípcio ou o habitante da cidade egípcia se viu possuidor de certo lazer. Ele usou esse tempo livre para fazer muitas coisas que eram meramente ornamentais e nem tanto úteis.

Mais que isso. Um dia ele descobriu que seu cérebro era capaz de pensar todos os tipos de pensamentos que não tinham nada a ver com os problemas de comer, dormir e encontrar um lar para as crianças. O egípcio começou a especular sobre muitos problemas estranhos que o confrontavam. De onde vieram as estrelas? Quem fez o barulho do trovão que o assustou tão terrivelmente? Quem fez o rio Nilo subir com tal regularidade que foi possível basear o calendário na aparição e no desaparecimento das cheias anuais? Quem era ele próprio, uma estranha pequena criatura cercada por todos os lados por morte e doença e ainda assim sendo felizes e cheios de risos?

Ele fez essas perguntas e algumas pessoas gentilmente se apresentaram para responder a essas perguntas da melhor maneira possível. Os egípcios os chamavam de "sacerdotes" e eles se tornaram os guardiões de seus pensamentos e ganharam grande respeito na comunidade. Eles eram homens altamente instruídos que foram encarregados da tarefa sagrada de manter os registros escritos. Eles entenderam que não é bom para o homem

pensar apenas em sua vantagem imediata neste mundo e chamaram sua atenção para os dias do futuro, quando sua alma iria morar além das montanhas do oeste e deveria dar conta de seus atos para Osiris, o poderoso Deus que era o Governante dos Vivos e dos Mortos e que julgou os atos dos homens de acordo com seus méritos. De fato, os sacerdotes fizeram falaram tanto desse dia futuro no reino de Ísis e Osíris que os egípcios começaram a encarar a vida meramente como uma breve preparação para a Outra Vida e transformaram o abundante vale do Nilo em uma terra dedicada aos Mortos.

De uma maneira estranha, os egípcios passaram a acreditar que nenhuma alma poderia entrar no reino de Osíris sem a posse do corpo que tinha sido seu lugar de residência neste mundo. Portanto, assim que um homem morria, seus parentes pegavam seu cadáver e o embalsamavam. Durante semanas, o cadáver era embebido em uma solução de natrão e, em seguida, coberto por ervas. A palavra persa para ervas era "Mumiai" e o corpo embalsamado era chamado de "Mummy". Era embrulhado em jardas e jardas de linho e colocado em um caixão especialmente preparado.



Originalmente, esses túmulos haviam sido cavados nas rochas das montanhas do oeste, mas quando os egípcios se mudaram para o norte, foram obrigados a construir seus cemitérios no deserto. O deserto, no entanto, está cheio de animais selvagens e ladrões igualmente selvagens e

eles invadiram as sepulturas e perturbaram a múmia ou roubaram as jóias que haviam sido enterradas com o corpo. Para evitar tal profanação, os egípcios costumavam construir pequenos montes de pedras em cima das sepulturas. Esses pequenos montes aumentaram gradualmente de tamanho, porque os ricos construíram montes mais altos que os pobres e havia muita competição para ver quem conseguia fazer o maior monte de pedras. O registro foi feito pelo rei Khufu, a quem os gregos chamavam de Quéops e que viveu trinta séculos antes de nossa era. O monte dele abrangeu mais de treze hectares de deserto que é três vezes mais espaço do que aquele ocupado pela igreja de São Pedro, o maior edifício do mundo cristão.

Durante vinte anos, mais de cem mil homens estavam ocupados carregando as pedras necessárias do outro lado do rio — transportando-as através do Nilo (como eles conseguiram fazer isso, nós não entendemos), arrastando-as em muitos casos por uma longa distância através do deserto e, finalmente, içando-os em sua posição correta. Mas os arquitetos e engenheiros do rei realizaram tão bem sua tarefa que o estreito caminho de passagem que leva ao túmulo real no coração do monstro de pedra nunca foi desordenado pelas milhares de toneladas de pedra que o pressionam de todos os lados.

OceanofPDF.com

A HISTÓRIA DO EGITO

O triunfo e a queda do Egito

O rio Nilo era um amigo gentil, mas ocasionalmente era um duro capataz. Ensinava às pessoas que viviam em suas margens a nobre arte do "trabalho em equipe". Eles dependiam uns dos outros para construir suas valas de irrigação e manter seus diques em reparo. Dessa forma, aprenderam como conviver com seus vizinhos e sua associação de benefício mútuo, facilmente desenvolvida em um estado organizado.

Então um homem ficou mais poderoso do que a maioria de seus vizinhos e ele se tornou o líder e comandante-chefe da da comunidade quando os vizinhos invejosos da Ásia ocidental invadiram o próspero vale. No decorrer do tempo, ele se tornou seu rei e governou toda a terra desde o Mediterrâneo até as montanhas do oeste.

Mas essas aventuras políticas dos antigos faraós (a palavra significava "o homem que vivia na Casa Grande") raramente interessavam camponês trabalhador dos campos de grãos. Contanto que ele não fosse obrigado a pagar mais impostos a seu rei do que julgava justo, ele aceitou o governo do faraó ao aceitar o governo do Poderoso Osíris.

Era diferente, no entanto, quando um invasor estrangeiro veio e roubou-lhe as suas posses. Depois de vinte séculos de vida independente, uma selvagem tribo árabe de pastores, chamada os Hicsos, atacou o Egito e por quinhentos anos eles foram os senhores do vale do Nilo. Eles eram impopulares e grande ódio também foi sentido pelos hebreus que vieram para a terra de Goshen para encontrar um abrigo após a longa peregrinação pelo deserto e que ajudaram o usurpador estrangeiro agindo como seus cobradores de impostos e seus funcionários públicos.

Mas pouco depois do ano 1700 a.C., o povo de Tebas começou uma revolução e, após uma longa luta, os hicsos foram expulsos do país e o Egito ficou livre novamente.

Mil anos depois, quando a Assíria conquistou toda a Ásia ocidental, o Egito tornou-se parte do império de Sardanapalo. No século VII a.C.,

tornou-se mais uma vez um estado independente que obedecia ao governo de um rei que vivia na cidade de Sais, no delta do Nilo. Mas no ano 525 a.C., Cambises, o rei dos persas, tomou posse do Egito e no século IV a.C., quando a Pérsia foi conquistada por Alexandre, o Grande, o Egito também se tornou uma província macedônia. Recuperou uma aparência de independência quando um dos generais de Alexandre se estabeleceu como rei de um novo estado egípcio e fundou a dinastia dos Ptolomeus, que residiam na recém-construída cidade de Alexandria.

Finalmente, no ano 89 a.C., os romanos vieram. A última rainha egípcia, Cleópatra, tentou o seu melhor para salvar o país. Sua beleza e charme eram mais perigosos para os generais romanos do que meia dúzia de exércitos egípcios. Duas vezes ela foi bem sucedida em seus ataques ao coração de seus conquistadores romanos. Mas no ano 30 a.C., Augusto, sobrinho e herdeiro de César, desembarcou em Alexandria. Ele não compartilhava a admiração de seu tio recente pela linda princesa. Ele destruiu seus exércitos, mas poupou sua vida para que ele pudesse fazê-la marchar em seu triunfo como parte dos despojos da guerra. Quando Cleópatra ouviu falar desse plano, ela se matou tomando veneno. E o Egito se tornou uma província romana.

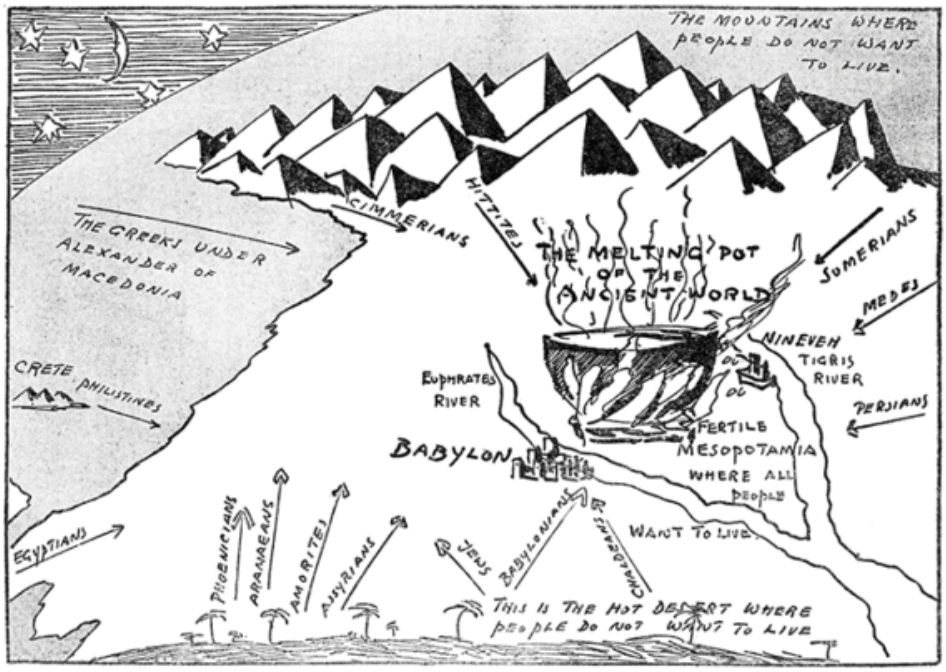
OceanofPDF.com

MESOPOTÂMIA

Mesopotâmia — o segundo centro de civilização oriental

Vou levá-lo ao topo da pirâmide mais alta e vou pedir que você se imagine possuído pelos olhos de um falcão. Muito longe, ao longe, muito além das areias amarelas do deserto, você verá algo verde e cintilante. É um vale situado entre dois rios. É o Paraíso do Antigo Testamento. É a terra do mistério e da admiração que os gregos chamavam de Mesopotâmia — o "país entre os rios".

Os nomes dos dois rios são o Eufrates (que os babilônios chamavam de Purattu) e o Tigre (que era conhecido como o Diklat). Eles começam seu curso em meio às neves das montanhas da Armênia, e lentamente, eles correm através da planície sul até chegarem às margens lamacentas do golfo Pérsico. Eles realizam um serviço muito útil. Eles transformam as regiões áridas da Ásia ocidental em um jardim fértil.



O vale do Nilo atraíra as pessoas porque lhes oferecia comida em condições relativamente fáceis. A "terra entre os rios" era popular pela

mesma razão. Era um país cheio de promessas e tanto os habitantes das montanhas do norte como as tribos que vagavam pelos desertos do sul tentavam reivindicar este território como propriedade exclusiva deles. A constante rivalidade entre os montanhistas e os nômades do deserto levou a uma guerra sem fim. Somente os mais fortes e os mais corajosos poderiam esperar sobreviver e isso explicaria porque a Mesopotâmia se tornou o lar de uma raça muito forte de homens que foram capazes de criar uma civilização que era em todos os aspectos tão importante quanto a do Egito.

OceanofPDF.com

OS SUMÉRIOS

Os sumérios, escritores cuneiformes, cujos blocos de argila contam-nos a história de Assíria e Babilônia, o grande caldeirão semítico

O século XV foi uma época de grandes descobertas. Colombo tentou encontrar um caminho para a ilha de Catai e tropeçou em um continente novo e insuspeitado. Um bispo austríaco preparou uma expedição que deveria viajar para o leste e encontrar a casa do grão-duque de Moscóvia, uma viagem que levou ao completo fracasso, pois Moscou não foi visitada por homens ocidentais até uma geração depois. Enquanto isso, um certo veneziano chamado Barbero havia explorado as ruínas do oeste da Ásia e trazido à tona relatos de uma língua muito curiosa que ele encontrara esculpida nas rochas dos templos de Shiraz e gravada em intermináveis pedaços de barro cozido.

Mas a Europa estava ocupada com muitas outras coisas e não foi até o final do século XVIII que as primeiras "inscrições cuneiformes" (assim chamadas porque as letras eram em forma de cunha e cunha são chamadas de "Cuneus" em latim) foram trazidas para Europa por um topógrafo dinamarquês, chamado Niebuhr. Depois levou trinta anos até que um paciente professor alemão chamado Grotefend decifrasse as primeiras quatro letras, o D, o A, o R e o SH, o nome do rei persa Dario. E outros vinte anos tiveram que passar até que um oficial britânico, Henrique Rawlinson, que encontrou a famosa inscrição de Behistun, nos deu uma chave viável para a escrita cuneiforme da Ásia ocidental.

Comparado ao problema de decifrar esses escritos cuneiformes, o trabalho de Champollion fora fácil. Os egípcios usavam figuras. Mas os sumérios, os primeiros habitantes da Mesopotâmia, que tiveram a idéia de gravar suas palavras em tábuas de barro, haviam descartado inteiramente as figuras e haviam desenvolvido um sistema de figuras em forma de V que mostravam pouca conexão com as imagens das quais eles foram desenvolvidos. Alguns exemplos mostram o que quero dizer.

No começo uma estrela, quando desenhada com um prego em um tijolo, parecia a seguinte:



Este sinal, porém, era pesado demais e depois de um tempo quando o significado de "céu" foi acrescentado ao da estrela, a imagem foi simplificada desta forma:



O que tornou ainda mais um quebra-cabeça.

Da mesma forma, um boi mudava de:



Para:



E um peixe mudava de:



Para:



O sol era originalmente um círculo simples:



E tornou-se:



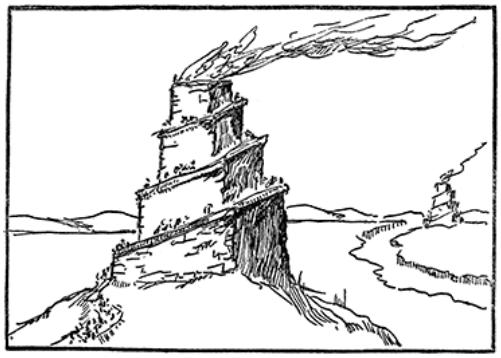
Se fôssemos usando o roteiro sumério hoje faríamos um:



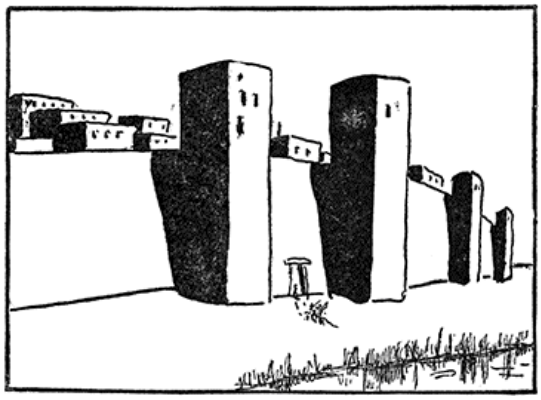
Parecido com:



Este sistema de escrever nossas idéias parece bastante complicado, mas por mais de trinta séculos foi usado pelos sumérios, os babilônios, os assírios, os persas e todas as diferentes raças que forçaram seu caminho para o vale fértil.



A história da Mesopotâmia é uma das guerras e conquistas sem fim. Primeiro os sumérios vieram do norte. Eles eram um povo branco que viveu nas montanhas. Eles estavam acostumados a adorar seus Deuses no topo das colinas. Depois de entrarem na planície, construíram pequenas colinas artificiais em cima das quais construíram seus altares. Eles não sabiam como construir escadas e, portanto, cercaram suas torres com galerias inclinadas. Nossos engenheiros tomaram emprestada essa idéia, como você pode ver em nossas grandes estações ferroviárias, onde galerias ascendentes levam de um andar a outro. Podemos ter pego emprestado outras idéias dos sumérios, porém é difícil saber. Os sumérios foram inteiramente absorvidos pelas raças que entraram no vale fértil em uma data posterior. Suas torres, no entanto, ainda estão no meio das ruínas da Mesopotâmia. Os judeus os viram quando foram para o exílio na terra da Babilônia e os chamaram torres de Bab-Illi, ou torres de Babel.



No século quarenta antes de nossa era, os sumérios haviam entrado na Mesopotâmia. Eles logo cedo foram dominados pelos acádios, uma das muitas tribos do deserto da Arábia que falam um dialeto comum e que são conhecidos como os "semitas", porque antigamente as pessoas acreditavam que eles eram os descendentes diretos de Sem, um dos três filhos de Noé. Mil anos depois, os acadianos foram forçados a se submeter ao governo dos Amorreus, outra tribo do deserto semita cujo grande rei Hamurabi construiu para si um magnífico palácio na cidade sagrada de Babilônia e que deu ao seu povo um conjunto de leis que fizera o estado Babilônico o melhor império administrado do mundo antigo. Em seguida, os hititas, a quem você também encontrará no Antigo Testamento, assaltou o Vale Fértil e destruiu tudo o que não podia levar. Eles, por sua vez, foram vencidos pelos seguidores do grande deus do deserto, Assur, que se chamavam Assírios e que fizeram da cidade de Nínive o centro de um vasto e terrível império que conquistou toda a Ásia ocidental e o Egito e reuniu impostos de inúmeras raças até o final do sétimo século antes do nascimento de Cristo, quando os Caldeus, também uma tribo semita, restabeleceram a Babilônia e fizeram dessa cidade a capital mais importante daquele tempo. Nabucodonosor, o mais conhecido de seus reis, encorajou o estudo da ciência, e nosso conhecimento moderno de astronomia e matemática baseia-se em certos princípios que foram descobertos pelos Caldeus. No ano 538 a.C., uma tribo cruel de pastores persas invadiu esta antiga terra e derrubou o império dos caldeus. Duzentos anos depois, eles por sua vez foram derrubados por Alexandre, o Grande, que transformou o Vale Fértil, o antigo caldeirão de tantas raças semitas, em uma província grega. Depois vieram os romanos e depois dos romanos, os turcos e a Mesopotâmia, o segundo centro da civilização do mundo, tornaram-se um

vasto deserto onde enormes montes de terra contavam uma história da antiga glória.



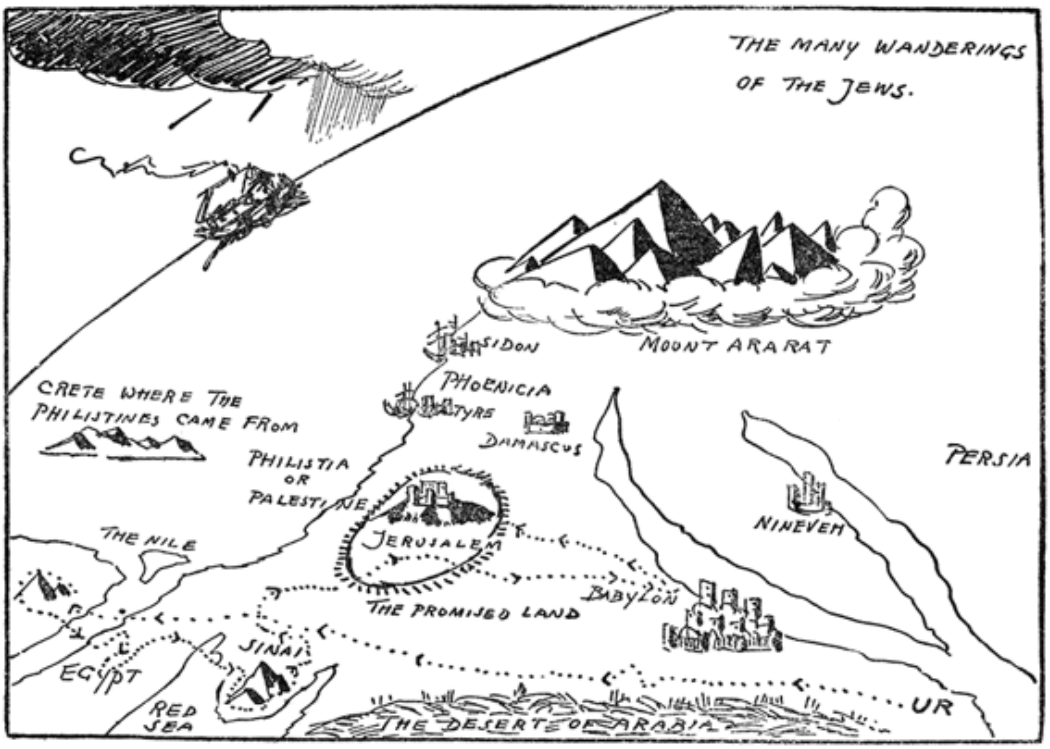
OceanofPDF.com

OS HEBREUS

Os Hebreus e a busca de um lar

Algum tempo durante o século XX antes de nossa era, uma tribo pequena e sem importância de pastores semíticos havia deixado sua antiga casa, situada na terra de Ur na foz do Eufrates, e tentara encontrar novas pastagens dentro do domínio dos reis da Babilônia. Eles tinham sido expulsos pelos soldados reais e então se mudaram para o oeste, procurando por um pequeno pedaço de território desocupado onde pudessem montar suas tendas.

Essa tribo de pastores era conhecida como os hebreus ou, como os chamamos, os judeus. Eles haviam vagado por toda parte e, depois de muitos anos de peregrinações sombrias, tinham sido abrigados no Egito. Por mais de cinco séculos eles haviam habitado entre os egípcios e, quando seu país adotivo foi invadido pelos saqueadores hicsos (como eu lhe contei na história do Egito), eles conseguiram se tornar úteis ao invasor estrangeiro e foram deixados em a posse ininterrupta de seus campos de pasto. Mas depois de uma longa guerra de independência, os egípcios expulsaram os hicsos do vale do Nilo e, em seguida, os judeus se depararam com tempos maléficos, pois haviam sido degradados à categoria de escravos comuns e foram forçados a trabalhar nas estradas e pirâmides reais. E como as fronteiras eram guardadas pelos soldados egípcios, era impossível que os judeus escapassem.



Depois de muitos anos de sofrimento, foram salvos do seu destino miserável por um jovem judeu chamado Moisés, que por muito tempo habitou o deserto e que aprendeu a apreciar as virtudes simples dos seus primeiros antepassados, que se afastaram das cidades. e a vida na cidade e se recusaram a deixar-se corromper pela facilidade e pelo luxo de uma civilização estrangeira.

Moisés decidiu trazer seu povo de volta ao amor pelos caminhos dos patriarcas. Ele conseguiu escapar das tropas egípcias que foram enviadas depois dele e levou seus companheiros de tribo ao coração da planície ao pé do Monte Sinai. Durante sua longa e solitária vida no deserto, aprendera a reverenciar a força do grande Deus do Trovão e da Tempestade, que governava os altos céus e sobre quem os pastores dependiam para a vida, luz e alento. Esse Deus, uma das muitas divindades que eram amplamente adoradas na Ásia ocidental, era chamado Jeová e, por meio do ensino de Moisés, tornou-se o único Mestre da raça hebraica.

Um dia, Moisés desapareceu do acampamento dos judeus. Sussurrou-se que ele tinha ido embora carregando duas tábuas de pedra bruta. Naquela tarde, o topo da montanha foi perdido de vista. A escuridão de uma

tempestade terrível escondeu do olho do homem. Mas quando Moisés voltou, eis que! Ali estavam gravadas nas tábuas as palavras que Jeová havia dito ao povo de Israel em meio ao estrondo de seu trovão e aos relâmpagos ofuscantes de seu relâmpago. E a partir desse momento, Jeová foi reconhecido por todos os judeus como o Maior Mestre de seu Destino, o único Deus Verdadeiro, que lhes ensinara a viver vidas santas quando lhes ordenou que seguissem as sábias lições de seus Dez Mandamentos.

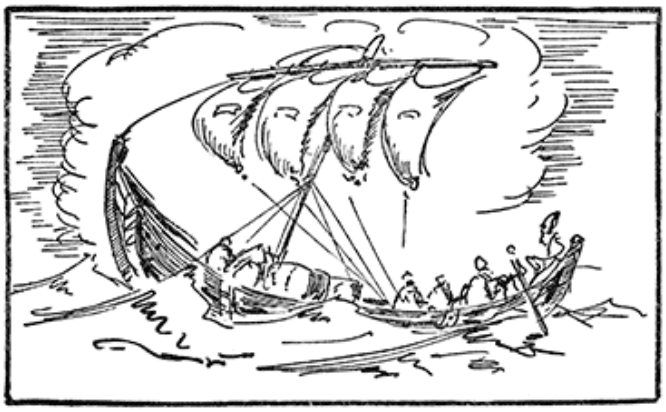
Eles seguiram Moisés quando ele lhes ordenou que continuassem sua jornada através do deserto. Eles o obedeciam quando ele lhes dizia o que comer e beber e o que evitar para que eles pudessem se manter bem no clima quente. E finalmente, depois de muitos anos de peregrinação, chegaram a uma terra que parecia agradável e próspera. Chamava-se Palestina, que significa o país do "Pilistu", os filisteus, uma pequena tribo de cretenses que se estabeleceram ao longo da costa depois de terem sido expulsos de sua própria ilha. Infelizmente, o continente, a Palestina, já era habitado por outra raça semítica, chamada os cananeus. Mas os judeus invadiram os vales e construíram cidades e construíram um poderoso templo em uma cidade a que chamaram Jerusalém, o Lar da Paz.

OceanofPDF.com

OS FÉNICIOS

Os fénicios quem nos deram nosso alfabeto

Os fenícios, que eram vizinhos dos judeus, eram uma tribo semítica que se estabelecera muito cedo nas margens do Mediterrâneo. Construíram para si duas cidades bem fortificadas, Tiro e Sidon, e em pouco tempo conquistaram o monopólio do comércio dos mares ocidentais. Seus navios iam regularmente para a Grécia, a Itália e a Espanha, e até se aventuraram além do estreito de Gibraltar para visitar as ilhas Scilly, onde podiam comprar estanho. Onde quer que fossem, construíam-se pequenas estações de comércio, às quais chamavam colônias. Muitos deles foram a origem das cidades modernas, como Cádiz e Marselha.



Eles compraram e venderam o que prometia trazer um bom lucro. Eles não foram incomodados por uma consciência. Se acreditarmos em todos os seus vizinhos, os fenícios não sabiam o que as palavras honestidade ou integridade significavam. Eles consideravam um baú cheio de tesouros o mais alto ideal de todos os bons cidadãos. Na verdade, eles eram pessoas muito desagradáveis e não tinham um único amigo. No entanto, eles deram todas as gerações vindouras uma contribuição do maior valor possível. Eles nos deram nosso alfabeto.

Os fenícios estavam familiarizados com a arte de escrever, inventada pelos sumérios. Mas eles consideravam esses garranhos como uma perda desajeitada de tempo. Eram homens de negócios práticos e não podiam gastar horas gravando duas ou três cartas. Eles começaram a trabalhar e

inventaram um novo sistema de escrita que era muito superior ao antigo. Eles tomaram emprestado alguns símbolos egípcios e simplificaram várias figuras em forma de cunha dos sumérios. Sacrificaram a bonita aparência do sistema antigo pela vantagem da velocidade e reduziram as milhares de imagens diferentes a um alfabeto curto e prático de vinte e duas letras.

No devido tempo, esse alfabeto viajou pelo Mar Egeu e entrou na Grécia. Os gregos acrescentaram algumas cartas e levaram o sistema melhorado para a Itália. Os romanos modificaram um pouco as figuras e, por sua vez, as ensinaram aos selvagens bárbaros da Europa ocidental. Esses bárbaros selvagens eram nossos próprios ancestrais, e essa é a razão pela qual este livro é escrito em caracteres que são de origem fenícia e não nos hieróglifos dos egípcios ou na escrita de cunhas dos sumérios.

OceanofPDF.com

OS INDO-EUROPEUS

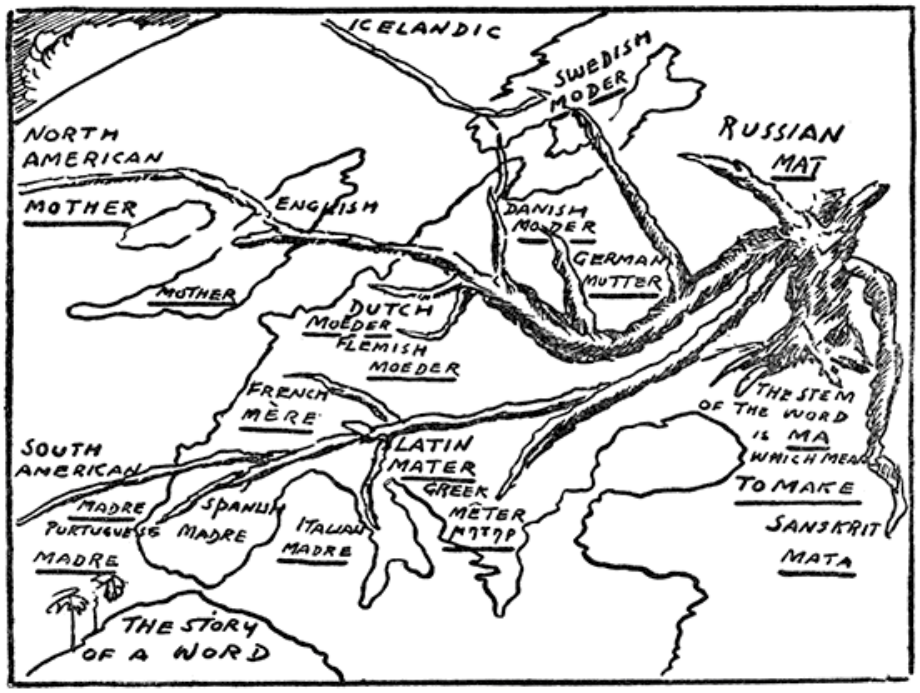
Os persas indo-europeus conquistaram o mundo semitico e egípcio

O mundo do Egito, da Babilônia, da Assíria e da Fenícia já existiam há quase trinta séculos e as veneráveis raças do Vale Fértil estavam ficando velhas e cansadas. Seu destino foi selado quando uma corrida nova e mais enérgica apareceu no horizonte. Chamamos essa raça de raça indo-européia, porque ela conquistou não apenas a Europa, mas também se tornou a classe dominante na região que seria conhecida como Índia Britânica.

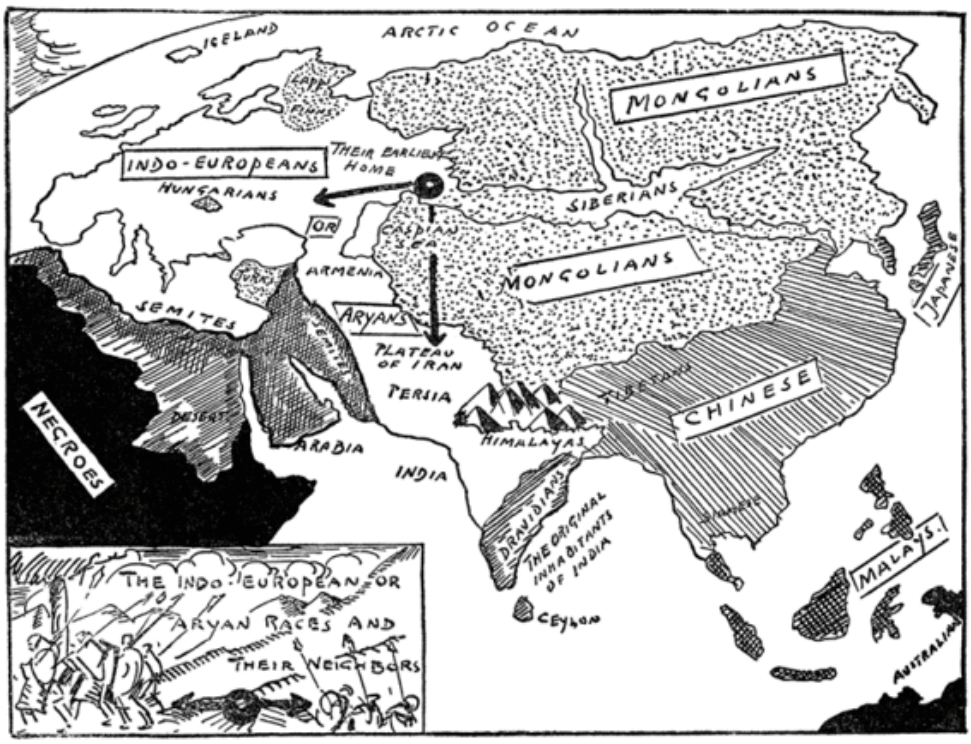
Esses indo-europeus eram homens brancos como os semitas, mas falavam uma língua diferente, que é considerada a origem comum de todas as línguas européias, com exceção dos dialetos húngaro, finlandês e basco do norte da Espanha.

Quando ouvimos falar deles pela primeira vez, eles viveram ao longo das margens do mar Cáspio por muitos séculos. Mas um dia eles fizeram as malas e saíram à procura de um novo lar. Alguns deles haviam se mudado para as montanhas da Ásia Central e por muitos séculos eles viveram entre os picos que cercam o planalto do Irã e é por isso que os chamamos de arianos. Outros seguiram o sol poente e tomaram posse das planícies da Europa, como lhes direi quando lhes apresentarei a história da Grécia e de Roma.

Por enquanto, devemos seguir os arianos. Sob a liderança de Zaratustra (ou Zoroastro), que era seu grande mestre, muitos deles haviam deixado seus lares nas montanhas para seguir o rio Indus, que fluía rapidamente, a caminho do mar.



Outros preferiram ficar entre as colinas da Ásia ocidental e lá fundaram as comunidades semi-independentes dos medos e dos persas, dois povos cujos nomes copiamos dos antigos livros de história gregos. No sétimo século antes do nascimento de Cristo, os medos tinham estabelecido um reino próprio chamado Média, mas isso pereceu quando Ciro, o chefe de um clã conhecido como os Anshan, se fez rei de todas as tribos persas e deu início a um carreira de conquista que logo fez dele e seus filhos os senhores de toda a Ásia ocidental e do Egito.



De fato, com tanta energia esses persas indo-europeus impulsionaram suas campanhas triunfantes no ocidente que logo se viram em sérias dificuldades com outras tribos indo-européias que séculos antes haviam se mudado para a Europa e haviam tomado posse da península grega e da ilhas do Mar Egeu.

Essas dificuldades levaram às três famosas guerras entre a Grécia e a Pérsia, durante as quais o rei Dario e o rei Xerxes da Pérsia invadiram a parte norte da península. Eles devastaram as terras dos gregos e tentaram arduamente entrar no continente europeu.

Mas nisso eles não tiveram sucesso. A marinha de Atenas mostrou-se invencível. Cortando as linhas de suprimentos dos exércitos persas, os marinheiros gregos invariavelmente forçaram os governantes asiáticos a retornar à sua base.

Foi o primeiro encontro entre a Ásia, o antigo mestre e a Europa, o jovem e ansioso aluno. Muitos dos outros capítulos deste livro lhe dirão como a luta entre o Oriente e o Ocidente continuou até o dia de hoje.

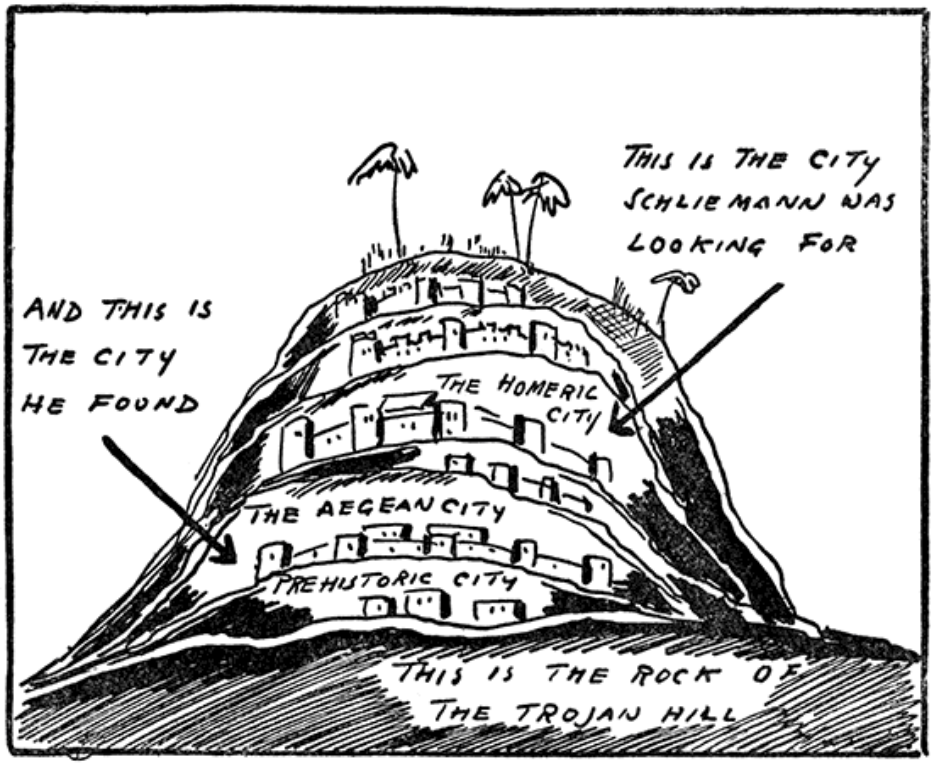
OceanofPDF.com

O MAR EGEU

O povo do mar egeu levou a civilização da velha Ásia até a vastidão da Europa

Quando Heinrich Schliemann, um arqueólogo alemão era um garotinho, seu pai contou-lhe a história de Tróia. Ele gostava daquela história melhor do que qualquer outra coisa que já ouvira e decidira que, assim que fosse grande o suficiente para sair de casa, viajaria para a Grécia e "encontraria Troy". A ideia de que ele era o filho de um pastor pobre de uma aldeia de Mecklenburg não o incomodava. Ele sabia que precisaria de dinheiro, então decidiu juntar dinheiro primeiro e mais tarde cavar. Na verdade, ele conseguiu uma grande fortuna em pouco tempo, e assim que teve dinheiro suficiente para equipar uma expedição, foi para o canto noroeste da Ásia Menor, onde supôs que Tróia estava situada .



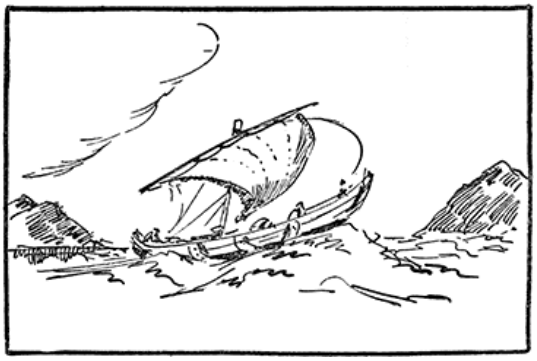


Naquele canto particular da antiga Ásia Menor, havia um monte alto coberto de campos de grãos. Segundo a tradição, foi a casa de Príamo, o rei de Tróia. Schliemann, cujo entusiasmo era um pouco maior que seu conhecimento, não perdeu tempo em explorações preliminares. De uma vez começou a cavar. E ele cavou com tanto zelo e velocidade que sua trincheira atravessou diretamente o coração da cidade para a qual ele estava olhando e o levou para as ruínas de outra cidade enterrada que era pelo menos mil anos mais velha que a Tróia da qual Homer havia escrito. Então algo muito interessante ocorreu. Se Schliemann tivesse encontrado alguns martelos de pedra polida e talvez alguns pedaços de cerâmica crua, ninguém teria ficado surpreso. Em vez de descobrir tais objetos, que as pessoas geralmente associavam aos homens pré-históricos que haviam vivido nessas regiões antes da chegada dos gregos, Schliemann encontrou belas estatuetas e jóias muito caras e vasos ornamentados com um padrão que era desconhecido para os gregos. Ele aventurou a sugestão de que dez séculos antes da grande guerra de Tróia, a costa do Egeu tinha sido habitada por uma raça misteriosa de homens que em muitos aspectos tinham sido os superiores das selvagens tribos gregas que invadiram seu país e destruíram sua civilização ou absorveram até perder todo o traço de originalidade. E isso provou ser o caso. No final 1870, Schliemann visitou as ruínas de

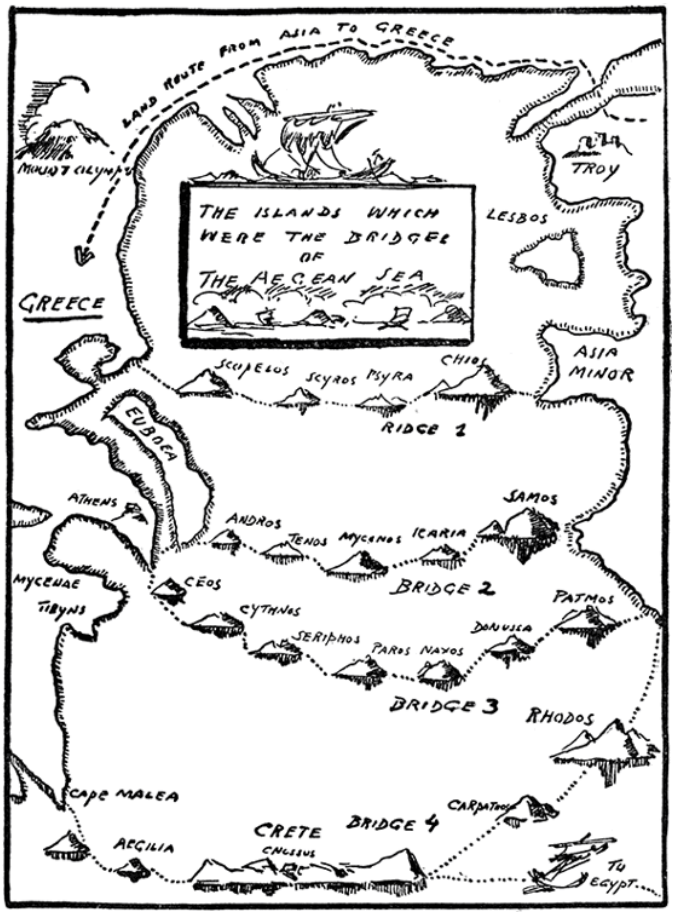
Micenas, ruínas tão antigas que os guias romanos maravilharam-se. Lá embaixo, sob as placas planas de pedra de um pequeno recinto redondo, Schliemann tropeçou em um maravilhoso tesouro, que havia sido deixado para trás por aquelas pessoas misteriosas que haviam povoado a costa grega com suas cidades e que construíram muros, tão grandes, pesados e fortes, que os gregos os chamavam de obra dos Titãs, aqueles gigantes parecidos com deuses que antigamente costumavam jogar bola com os picos das montanhas.



Um estudo muito cuidadoso dessas muitas relíquias acabou com algumas das características românticas da história. Os criadores dessas primeiras obras de arte e os construtores dessas fortes fortalezas não eram feiticeiros, mas marinheiros e comerciantes simples. Eles viviam em Creta e nas muitas ilhas pequenas do Mar Egeu. Tinham sido marinheiros resistentes e haviam transformado o Egeu em um centro de comércio para a troca de mercadorias entre o leste altamente civilizado e o deserto lentamente desenvolvido do continente europeu.



Por mais de mil anos eles mantiveram um império insular que havia desenvolvido uma forma muito refinada de arte. Na verdade, sua cidade mais importante, Cnossus, na costa norte de Creta, fora inteiramente moderna em sua insistência, na higiene e no conforto. O palácio fora devidamente drenado e as casas receberam fogões e os Cnossianos foram os primeiros a fazer uso diário da banheira até então desconhecida. O palácio de seu rei era famoso por suas escadarias sinuosas e seu grande salão de banquetes. Os porões abaixo desse palácio, onde o vinho, o grão e o azeite de oliva estavam armazenados, eram tão vastos e impressionaram tanto os primeiros visitantes gregos que deram origem à história do "labirinto".



Mas o que finalmente aconteceu com este grande império egípcio e o que causou sua súbita queda, não posso dizer.

Os cretenses estavam familiarizados com a arte de escrever, mas ninguém ainda foi capaz de decifrar suas inscrições. Sua história, portanto, é desconhecida para nós. Temos que reconstruir o registro de suas aventuras das ruínas que os Egeus deixaram para trás. Essas ruínas deixam claro que o

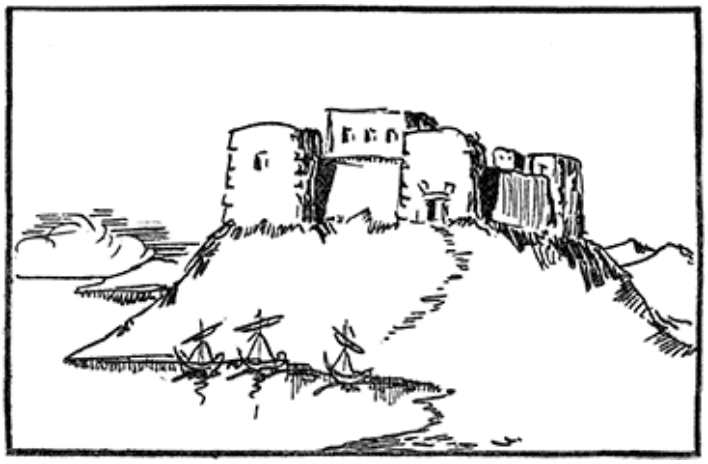
mundo egeu foi repentinamente conquistado por uma raça menos civilizada que recentemente veio das planícies do norte da Europa. A menos que estejamos muito enganados, os selvagens que foram responsáveis pela destruição da civilização cretense e egípcia eram ninguém menos do que certas tribos de pastores errantes que tinham acabado de tomar posse da península rochosa entre o mar Adriático e o mar Egeu e que são Conhecido por nós como gregos.

OceanofPDF.com

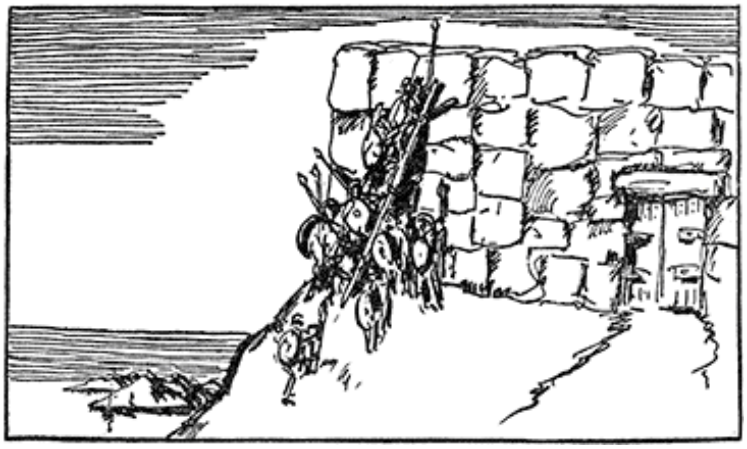
OS GREGOS

Enquanto isso a tribo Indo-Européia dos Helenos estava tomando posse da Grécia

As pirâmides tinham mil anos e começavam a mostrar os primeiros sinais de decadência, e Hamurabi, o sábio rei da Babilônia, havia morrido e enterrado vários séculos, quando uma pequena tribo de pastores deixou suas casas ao longo das margens do rio Danúbio e vagou para o sul em busca de novas pastagens. Eles se chamavam Helenos, depois de Heleno, o filho de Deucalião e Pirra.



Desses primeiros helenos não sabemos nada. Tucídides, o historiador da queda de Atenas, descrevendo seus primeiros antepassados, disse que "não significavam muito", e isso provavelmente era verdade. Eles eram muito mal-educados. Eles viviam como porcos e jogavam os corpos de seus inimigos para os cães selvagens que guardavam suas ovelhas. Eles tinham muito pouco respeito pelos direitos das outras pessoas, e matavam os nativos da península grega (que eram chamados de Pelasgos), roubavam suas fazendas e seus gados, escravizavam suas esposas e filhas e escreviam canções sem fim elogiando a coragem do povo dos Aqueus. Um clã que guiara o avanço helênico para as montanhas da Tessália e do Peloponeso.

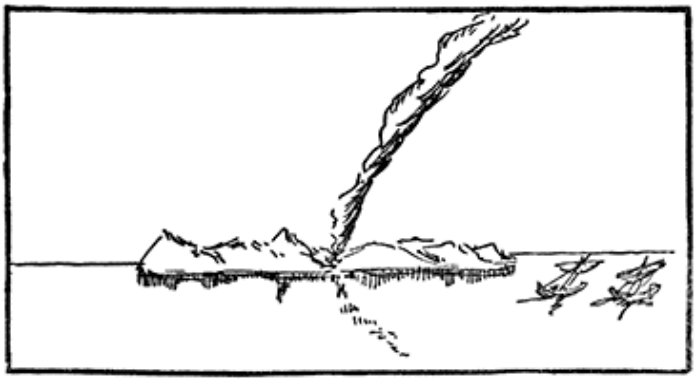


Mas aqui e ali, no topo de altas rochas, eles viram os castelos dos Egeus, aqueles que eles não atacaram, pois temiam as espadas de metal e as lanças dos soldados egeus e sabiam que não podiam derrotá-los com seus machados de pedra.

Por muitos séculos eles continuaram a vagar de vale em vale e de um lado da montanha a outro. Então toda a terra foi ocupada e a migração chegou ao fim.

Esse momento marcou o começo da civilização grega. O agricultor grego, vivendo próximo das colônias Egeias, foi finalmente levado pela curiosidade a visitar seus vizinhos arrogantes. Ele descobriu que podia aprender muitas coisas úteis com os homens que moravam atrás dos altos muros de pedra de Micenas e Tirinto.

Ele era um aluno inteligente. Em pouco tempo, ele dominou a arte de manusear aquelas estranhas armas de ferro que os Egeus haviam trazido da Babilônia e de Tebas. Ele compreendeu os mistérios da navegação e então começou a construir pequenos barcos para seu próprio uso.



E quando ele aprendeu tudo o que os Egeus poderiam ensinar, ele se voltou para seus professores e os levou de volta para suas ilhas. Logo depois, ele se aventurou no mar e conquistou todas as cidades do Egeu. Finalmente, no século XV, antes de nossa era, ele saqueou e devastou Cnossus e, dez séculos depois de sua primeira aparição, os helenos eram os governantes indiscutíveis da Grécia, do Egeu e das regiões costeiras da Ásia Menor. Tróia, a última grande fortaleza comercial da civilização mais antiga, foi destruída no século XI a.C.

A história européia começaria com toda a seriedade.

OceanofPDF.com

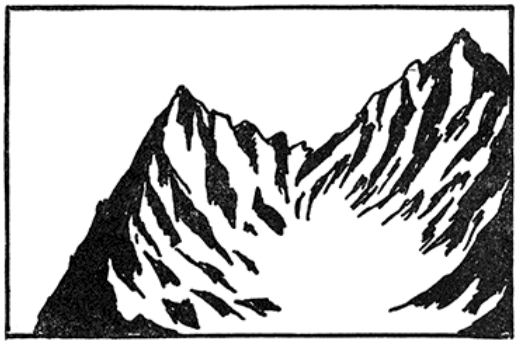
AS CIDADES GREGAS

As cidades gregas que era realmente Estados

Nós, pessoas modernas, amamos o som da palavra "grande". Orgulhamo-nos do fato de pertencermos ao "maior" país do mundo e possuir a "maior" marinha e cultivar as "maiores" laranjas e batatas, e gostamos de viver em cidades de "milhões" de habitantes e quando estamos mortos, estamos enterrados no "maior cemitério de todo o estado".

Um cidadão da Grécia antiga, se nos tivesse ouvido falar, não saberia o que queríamos dizer. "Moderação em todas as coisas" era o ideal de sua vida e o mera grandeza não o impressionava de maneira alguma. E esse amor pela moderação não era apenas uma frase vazia usada em ocasiões especiais: influenciava a vida dos gregos desde o dia do nascimento até a hora da morte. Fazia parte de sua literatura e os fazia construir pequenos mas perfeitos templos. Encontrou expressão nas roupas que os homens usavam e nos anéis e nas pulseiras de suas esposas. Seguiu as multidões que foram ao teatro e obrigou-os a censurar qualquer dramaturgo que ousasse pecar contra a lei férrea do bom gosto ou do bom senso.

Os gregos insistiram nessa qualidade em seus políticos e em seus atletas mais populares. Quando um poderoso corredor chegou a Esparta e se gabou de poder ficar em pé por mais tempo do que qualquer outro homem em Hélade, o povo o expulsou da cidade porque ele se orgulhava de um feito no qual qualquer tolo poderia o passar. "Tudo isso está muito bem", você dirá, "e sem dúvida é uma grande virtude cuidar tanto da moderação e da perfeição, mas por que os gregos teriam sido os únicos a desenvolver essa qualidade nos tempos antigos?" Para uma resposta, vou apontar para o modo como os gregos viviam.



O povo do Egito ou da Mesopotâmia tinha sido os "súditos" de um misterioso Governante Supremo que vivia a quilômetros e quilômetros de distância em um palácio escuro e que raramente era visto pelas massas da população. Os gregos, por outro lado, eram "cidadãos livres" de uma centena de pequenas "cidades" independentes, a maior das quais contava menos habitantes do que uma grande aldeia moderna. Quando um camponês que vivia em Ur disse que ele era babilônico, ele quis dizer que ele era um dos milhões de outras pessoas que prestavam homenagem ao rei que naquele momento em particular era o mestre da Ásia ocidental. Mas quando um grego dizia orgulhosamente que era um ateniense ou um tebano, falava de uma pequena cidade, que era ambas, sua casa e seu país e que não reconhecia nenhum mestre, mas o desejo do povo nos mercados da cidade.

Para o grego, sua pátria era o lugar onde ele nasceu; onde ele passou seus primeiros anos brincando de esconde-esconde entre as rochas proibidas da Acrópole; onde ele tinha crescido em masculinidade com milhares de outros meninos e meninas, cujos apelidos eram tão familiares para ele quanto os de seus próprios colegas de escola. Sua pátria era o solo sagrado onde seu pai e sua mãe estavam enterrados. Era a pequena casa dentro das altas muralhas da cidade onde sua esposa e filhos viviam em segurança. Era um mundo completo que cobria não mais que quatro ou cinco acres de terra rochosa. Você não vê como esses ambientes devem ter influenciado o homem em tudo que ele fez, disse e pensou? O povo da Babilônia, da Assíria e do Egito fazia parte de uma vasta multidão. Eles se perdiam na multidão. O grego, por outro lado, nunca perdera contato com seu entorno. Ele nunca deixou de fazer parte de uma pequena cidade onde todos conheciam todos os outros. Ele sentiu que seus vizinhos inteligentes estavam observando-o. O que quer que tenha feito, se escreveu peças de teatro ou fez estátuas de mármore ou compôs músicas, lembrou que seus esforços seriam julgados por todos os cidadãos nascidos livres de sua

cidade natal que sabiam sobre tais coisas. Esse conhecimento forçou-o a lutar pela perfeição, e a perfeição, como ele havia sido ensinado desde a infância, não era possível sem moderação.

Nesta escola difícil, os gregos aprenderam a se destacar em muitas coisas. Eles criaram novas formas de governo, novas formas de literatura e novos ideais na arte que nunca fomos capazes de superar. Eles realizaram esses milagres em pequenas aldeias que cobriam menos terreno do que quatro ou cinco blocos urbanos modernos.

E olha, o que finalmente aconteceu!

No quarto século antes de nossa era, Alexandre da Macedônia conquistou o mundo. Assim que terminou de lutar, Alexandre decidiu que devia conceder os benefícios dos verdadeiros gênios gregos a toda a humanidade. Ele os tirou das pequenas cidades e aldeias e tentou fazê-los florescer e dar frutos em meio às vastas residências reais de seu recém-adquirido Império. Mas os gregos, removidos da visão familiar de seus próprios templos, privados dos sons e cheiros bem conhecidos de suas próprias estradas, logo perderam a alegria e o maravilhoso senso de moderação que inspirara o trabalho de suas mãos e cérebros enquanto eles trabalhavam para a glória de suas antigas cidades-estados. Eles se tornaram artesãos baratos, contentes com trabalhos de segunda categoria. No dia em que as pequenas cidades-estados da antiga Hélade perderam sua independência e foram forçadas a se tornar parte de uma grande nação, o velho espírito grego morreu. E está morto desde então.

OceanofPDF.com

AUTOGOVERNO GREGO

Os gregos foram o primeiro povo a experimentar o autogoverno

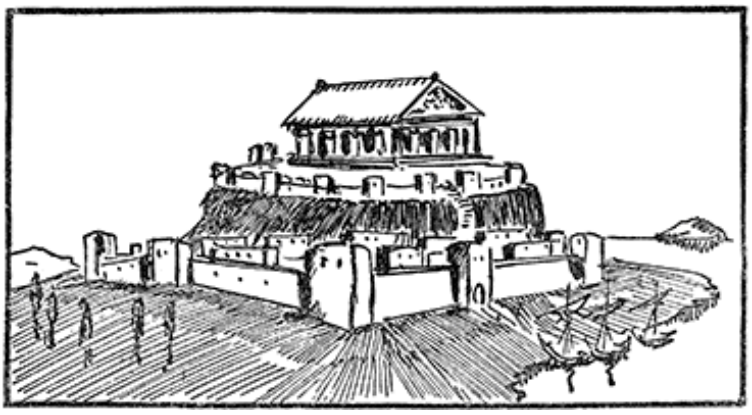
No começo, todos os gregos tinham sido igualmente ricos e igualmente pobres. Todo homem possuía um certo número de vacas e ovelhas. Sua cabana de barro fora seu castelo. Ele estava livre para ir e vir como quisesse. Sempre que era necessário discutir assuntos de importância pública, todos os cidadãos se reuniam no mercado. Um dos homens mais velhos da aldeia foi eleito presidente e era seu dever ver que todos tinham a chance de expressar suas opiniões. Em caso de guerra, um aldeão particularmente enérgico e autoconfiante era escolhido comandante em chefe, mas as mesmas pessoas que voluntariamente deram a esse homem o direito de ser seu líder, reivindicaram o mesmo direito de privá-lo de sua função, quando o perigo de guerra havia passado.

Mas gradualmente a vila se transformou em uma cidade. Algumas pessoas tinham trabalhado duro e outras tinham sido preguiçosas. Alguns tinham sido infelizes e outros ainda tinham sido simplesmente desonestos ao lidar com seus vizinhos e juntaram riquezas. Como resultado, a cidade não mais consistia em vários homens igualmente ricos. Pelo contrário, foi habitada por uma pequena classe de pessoas muito ricas e uma grande classe de pessoas muito pobres.

Houve outra mudança. O velho comandante-chefe, que havia sido reconhecido como "chefe" ou "rei", porque sabia como conduzir seus homens à vitória, desaparecera do cenário. Seu lugar fora ocupado pelos nobres — uma classe de pessoas ricas que, com o passar do tempo, conseguira uma parte indevida das fazendas e propriedades.

Esses nobres desfrutaram de muitas vantagens sobre a multidão comum de homens livres. Eles conseguiram comprar as melhores armas que seriam encontradas no mercado do Mediterrâneo oriental. Eles tinham muito tempo livre e podiam praticar a arte de lutar. Eles viviam em casas fortemente construídas e podiam contratar soldados para lutar por eles. Eles estavam

brigando constantemente entre si para decidir quem deveria governar a cidade. O vitorioso nobre então assumiu uma espécie de reinado sobre todos os seus vizinhos e governava a cidade até que ele, por sua vez, era morto ou expulso por outro nobre ambicioso.



Tal rei, pela graça de seus soldados, foi chamado de "Tirano" e durante os sétimo e sexto séculos antes de nossa era toda cidade grega foi por um tempo governada por tais tiranos, muitos dos quais, por sinal, eram homens excessivamente capazes. Mas a longo prazo, esse estado de coisas tornou-se insuportável. Em seguida, foram feitas tentativas para realizar reformas e, a partir dessas reformas, surgiu o primeiro governo democrático do qual o mundo tem um registro.

Foi no início do século VII que o povo de Atenas decidiu fazer uma faxina e mais uma vez deu ao grande número de homens livres uma voz no governo como deveriam ter tido nos dias de seus ancestrais Aqueus. Eles pediram a um homem chamado Draco que fornecesse um conjunto de leis que protegesse os pobres contra as agressões dos ricos. Draco começou a trabalhar nessas leis. Infelizmente ele era um advogado profissional e muito fora de contato com a vida comum. Aos seus olhos, um crime era crime e, quando terminou seu código, o povo de Atenas descobriu que essas leis draconianas eram tão severas que não podiam ser postas em prática.

Os atenienses procuraram um reformador mais humano. Por fim, encontraram alguém que poderia fazer esse tipo de coisa melhor do que qualquer outra pessoa. Seu nome era Sólon. Ele pertencia a uma família nobre e viajou por todo o mundo e estudou as formas de governo de muitos outros países. Depois de um estudo cuidadoso do assunto, Sólon deu a

Atenas um conjunto de leis que testemunhavam o maravilhoso princípio de moderação que fazia parte do caráter grego. Ele tentou melhorar a condição do camponês sem, contudo, destruir a prosperidade dos nobres que eram (ou melhor, quem poderia ser) de tão grande serviço ao Estado como soldados.

Mas o mais importante de tudo, Sólon forçou o homem livre médio a ter um interesse direto e pessoal nos assuntos da cidade. Ele não poderia mais ficar em casa e dizer "oh, estou muito ocupado hoje" ou "está chovendo e é melhor eu ficar em casa". Esperava-se que ele fizesse sua parte; estar na reunião do conselho da cidade; e levar parte da responsabilidade pela segurança e prosperidade do estado.

Este governo pelas "demos", o povo, esteve longe de ser bem sucedido. Houve muita conversa fiada. Havia muitas cenas de ódio e rancor entre os rivais pela honra oficial. Mas ensinou o povo grego a ser independente e confiar em si para a sua salvação e isso foi uma coisa muito boa.

OceanofPDF.com

A VIDA GREGA

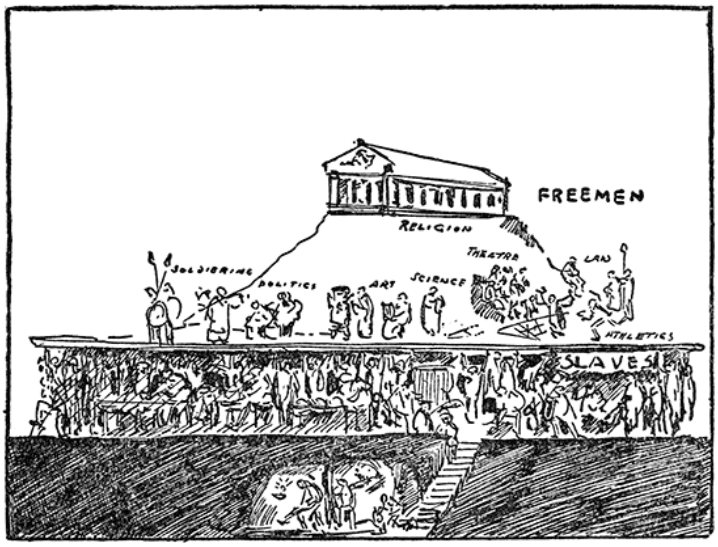
Como os gregos viveram

Mas como, você perguntará, os gregos antigos teriam tempo de cuidar de suas famílias e de seus negócios se estivessem sempre correndo para o mercado para discutir assuntos de estado? Neste capítulo contarei a você.

Em todas as questões do governo, a democracia grega reconheceu apenas uma classe de cidadãos — os homens livres. Cada cidade grega era composta de um pequeno número de cidadãos nascidos livres, um grande número de escravos e uma pitada de estrangeiros.

Em intervalos raros (geralmente durante uma guerra, quando os homens eram necessários para o exército), os gregos mostraram-se dispostos a conferir os direitos de cidadania aos "bárbaros", como chamavam os estrangeiros. Mas esta foi uma exceção. Cidadania era uma questão de nascimento. Você era um ateniense porque seu pai e seu avô eram atenienses antes de você. Mas por maiores que sejam seus méritos como comerciante ou soldado, se você nasceu de pais não-atenienses, continuara como "estrangeiro" até o fim dos tempos.

A cidade grega, portanto, sempre que não era governada por um rei ou um tirano, era dirigida pelos e para os homens livres, e isso não teria sido possível sem um grande exército de escravos que superava em número os cidadãos livres à razão de seis ou cinco para um e que realizaram aquelas tarefas às quais nós, pessoas modernas, devemos dedicar a maior parte do nosso tempo e energia, se desejamos prover nossas famílias e pagar o aluguel de nossos apartamentos.



Os escravos faziam todo o cozimento e fabricação de velas e castiçais de toda a cidade. Eles eram os alfaiates, os carpinteiros, os joalheiros, os professores e os escriturários, cuidavam da loja e cuidavam da fábrica enquanto o mestre ia à reunião pública para discutir questões de guerra e paz ou visitar o teatro para ver a última peça de Ésquilo ou ouvir uma discussão sobre as ideias revolucionárias de Eurípides, que ousou expressar certas dúvidas sobre a onipotência do grande deus Zeus.

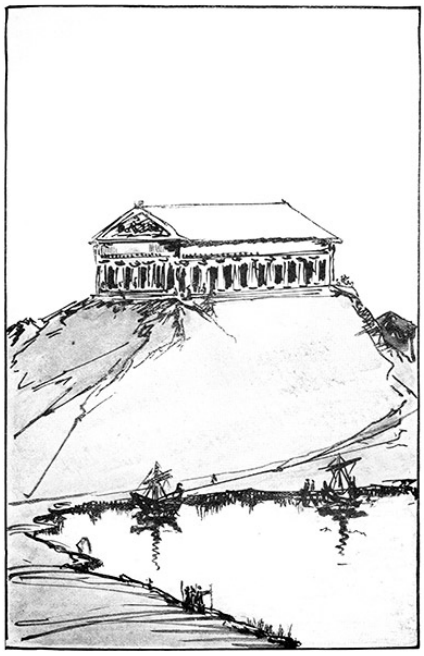
De fato, a antiga Atenas lembrava um clube moderno. Todos os cidadãos nascidos livres eram membros hereditários e todos os escravos eram servos hereditários, e esperavam pelas necessidades de seus senhores, e era muito agradável ser um membro da organização.

Mas quando falamos de escravos, não quero me relatar aos escravos retratados na novela “Chica da Silva”. É verdade que a posição daqueles escravos que cultivavam os campos gregos era muito desagradável, mas o homem livre médio que perdera tudo devido ao infortunio de sua vida se via obrigado a se empregar como mão-de-obra das fazendas e levava uma vida tão miserável quanto os próprios escravos. Nas cidades, além disso, muitos dos escravos eram mais prósperos do que as classes mais pobres dos homens livres. Pois os gregos, que amavam a moderação em todas as coisas, não gostavam de tratar seus escravos de acordo com a moda que depois era tão comum em Roma, onde um escravo tinha tão poucos direitos quanto um motor em uma fábrica moderna e podia ser jogado aos lobos sem a menor justificativa.

Os gregos aceitavam a escravidão como uma instituição necessária, sem a qual nenhuma cidade poderia se tornar a casa de um povo verdadeiramente civilizado.

Os escravos também cuidavam das tarefas que hoje em dia são realizadas pelos homens de negócios e pelos profissionais. Quanto aos deveres domésticos que ocupam tanto tempo da sua mãe e que preocupam o seu pai quando ele chega em casa, os gregos, que entendiam o valor do lazer, reduziram tais deveres ao mínimo possível vivendo em meio a ambientes de extrema simplicidade.

Para começar, suas casas eram muito simples. Até mesmo os nobres ricos passavam a vida numa espécie de celeiro de adubo, que carecia de todos os confortos que um trabalhador moderno espera como direito natural. Uma casa grega consistia em quatro paredes e um telhado. Havia uma porta que dava para a rua, mas não havia janelas. A cozinha, as salas de estar e os dormitórios foram construídos em torno de um pátio aberto no qual havia uma pequena fonte, ou uma estátua e algumas plantas para fazer com que parecessem vivos. Dentro deste pátio a família vivia quando não chovia ou quando não estava muito frio. Em um canto do pátio o cozinheiro (que era um escravo) preparava a refeição e em outro canto, a professora (que também era escrava) ensinava às crianças o alfa, beta, gamma e as tabelas de multiplicação e ainda em outro canto a senhora da casa, que raramente deixava seu recinto (já que não era considerada boa conduta para uma mulher casada ser vista na rua com demasiada frequência) estava consertando o casaco do marido com suas costureiras (que eram escravas) e no pequeno escritório, logo depois da porta, o mestre inspecionava as contas que o superintendente de sua fazenda (que era um escravo) acabara de trazer para ele.



Quando o jantar estava pronto, a família se reunia, mas a refeição era muito simples e não demorava muito. Os gregos parecem ter considerado o comer como um mal inevitável e não um passatempo, que mata muitas horas tristes e, eventualmente, mata muitas pessoas melancólicas. Eles viviam de pão e vinho, com um pouco de carne e alguns vegetais verdes. Eles só bebiam água quando nada mais estava disponível, porque não achavam muito saudável. Eles adoravam se convidar para o jantar, mas nossa idéia de uma refeição festiva, em que todos deveriam comer muito mais do que o adequado, teria enojado eles. Eles se reuniam à mesa com o propósito de uma boa conversa e um bom copo de vinho e água, mas como eram pessoas moderadas desprezavam aqueles que bebiam demais.

A mesma simplicidade que prevalecia na sala de jantar também dominava a escolha de roupas. Eles gostavam de estar limpos e bem arrumados, de ter o cabelo e a barba bem cortados, de sentir o corpo forte com o exercício e a natação do ginásio, mas nunca seguiam a moda asiática que prescrevia cores fortes e padrões estranhos. Usavam um longo casaco branco e conseguiam parecer tão espertos quanto um oficial italiano moderno em sua longa capa azul.

Eles adoravam ver suas esposas usando ornamentos, mas achavam muito vulgar exibir sua riqueza (ou suas esposas) em público e, sempre que as mulheres saíam de casa, elas eram mais discretas possível.

Em suma, a história da vida grega é uma história não só de moderação, mas também de simplicidade. "Coisas", cadeiras, mesas, livros, casas e carruagens tendem a ocupar grande parte do tempo de seus donos. No final, eles invariavelmente fazem dele seu escravo e suas horas são gastas cuidando de seus desejos, mantendo-os polidos, escovados e pintados. Os gregos, antes de tudo, queriam ser "livres", tanto na mente quanto no corpo. Para que pudessem manter sua liberdade e ser verdadeiramente livres de espírito, reduziam suas necessidades diárias ao ponto mais baixo possível.

OceanofPDF.com

O TEATRO GREGO

As origens do teatro, a primeira forma de divertimento público

Em um estágio muito inicial de sua história, os gregos começaram a coletar os poemas escritos em homenagem a seus valentes ancestrais, que expulsaram os pelasgos da Hélade e destruíram o poder de Tróia. Estes poemas foram recitados em público e todos vieram ouvi-los. Mas o teatro, a forma de entretenimento que se tornou quase uma parte necessária de nossas próprias vidas, não se desenvolveu a partir desses contos heróicos recitados. Teve uma origem tão curiosa que devo dizer algo sobre isso em um capítulo separado

Os gregos sempre gostaram de desfiles. Todos os anos eles realizavam procissões solenes em homenagem a Dionísio, o Deus do vinho. Como todos na Grécia bebiam vinho (os gregos pensavam que a água era útil apenas para o propósito de nadar e velejar), essa Divindade em particular era tão popular quanto um Deus da Fonte de Refrigerante seria em nossa própria terra.

E porque o Deus-vinho deveria viver nas vinhas, em meio a uma multidão de Sátiros (criaturas estranhas que eram metade homem e metade bode), a multidão que se juntou à procissão costumava usar peles de cabra e a pular como bodes reais. A palavra grega para cabra é "tragos" e a palavra grega para cantor é "oidos". O cantor que berrava como uma cabra, portanto, foi chamado de "tragos-oidos" ou cantor de cabra, e é este nome estranho que se desenvolveu na palavra moderna "Tragédia", que significa no sentido teatral uma peça com um final infeliz , assim como Comédia (que realmente significa o canto de algo "comos" ou alegre) é o nome dado a uma peça que termina felizmente.

Mas como, você perguntará, esse coro barulhento de mascarados, batendo como cabras selvagens, se desenvolverá nas nobres tragédias que encheram os teatros do mundo por quase dois mil anos?

O elo de ligação entre o cantor de cabras e Hamlet é realmente muito simples, como vou mostrar em um momento.

O coro cantante era muito divertido no começo e atraiu grandes multidões de espectadores que ficaram do lado da estrada e riram. Mas logo esse negócio de gargalhadas tornou-se cansativo e os gregos pensavam que o entorpecimento era um mal apenas comparável à fealdade ou doença. Eles pediram algo mais divertido. Em seguida, um jovem poeta inventivo da aldeia de Icária, na Ática, descobriu uma nova ideia que provou ser um tremendo sucesso. Ele fez um dos membros do coro de bode dar um passo à frente e se envolver em conversas com o líder dos músicos que marcharam à frente do desfile tocando sua flauta. Este indivíduo foi autorizado a sair da linha. Ele balançou os braços e gesticulou enquanto falava (isto é, ele "atuava" enquanto os outros apenas ficavam parados e cantavam) e ele fez muitas perguntas, que o mestre da banda respondeu de acordo com o roteiro de papiro sobre o qual o poeta havia escrito essas respostas antes do show começar.

Essa conversa grosseira e pronta — o diálogo — que contava a história de Dionísio ou um dos outros deuses, tornou-se imediatamente popular entre a multidão. A partir de então, cada procissão dionisíaca tinha uma "cena atuada" e muito em breve a "atuação" era considerada mais importante do que a procissão e as gaitadas.

Ésquilo, o mais bem-sucedido de todos os "trágicos" que escreveu nada menos que oitenta peças durante sua longa vida (de 526 a 455), deu um passo ousado quando apresentou dois "atores" em vez de um. Uma geração depois, Sófocles aumentou o número de atores para três. Quando Eurípides começou a escrever suas terríveis tragédias em meados do século V a.C., ele recebeu tantos atores quanto quisesse e quando Aristófanes escreveu aquelas famosas comédias em que ele zombava de tudo e de todos, inclusive dos deuses do Monte Olimpo, o coro foi reduzido ao papel de meros espectadores que estavam alinhados atrás dos atores principais e que cantaram "este é um mundo terrível" enquanto o herói em primeiro plano cometeu um crime contra a vontade dos deuses.

Essa nova forma de entretenimento dramático exigia um cenário adequado, e logo toda cidade grega possuía um teatro, recortado da rocha de uma colina próxima. Os espectadores sentaram em bancos de madeira a frente de um amplo círculo. Nesse meio-círculo, que era o palco, os atores e

o coro se posicionaram. Atrás deles, havia uma tenda onde eles faziam grandes máscaras de argila que escondiam seus rostos e que mostravam aos espectadores se os atores deveriam ser felizes e sorridentes ou infelizes e chorosos. A palavra grega para tenda é "skene" e é por isso que falamos do "cenário" do palco.

Quando a tragédia se tornou parte da vida grega, as pessoas levaram isso muito a sério e nunca foram ao teatro para tirar férias de suas mentes. Novas peças tornaram-se um evento tão importante quanto uma eleição e um dramaturgo de sucesso era recebido com maiores honras do que aquelas concedidas a um general que acabara de voltar de uma famosa vitória.

OceanofPDF.com

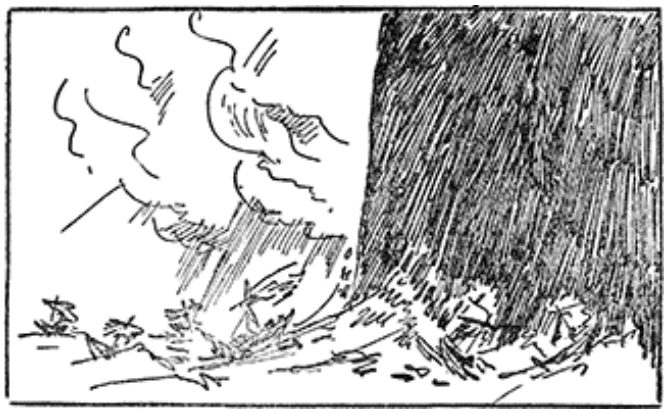
AS GUERRAS PERSAS

Como os gregos defenderam a Europa contra a invasão asiática e levaram os persas de volta para o mar egeu

Os gregos haviam aprendido a arte de negociar com os Egeus que haviam sido os alunos dos fenícios. Eles haviam fundado colônias segundo o padrão fenício. Eles haviam até melhorado os métodos fenícios com um uso mais geral do dinheiro ao lidar com clientes estrangeiros. No sexto século antes de nossa era, eles haviam se estabelecido firmemente ao longo da costa da Ásia Menor e estavam dominando o comércio dos fenícios em um ritmo acelerado. Os fenícios, claro, não gostaram, mas não eram fortes o suficiente para arriscar uma guerra com seus concorrentes gregos. Eles se sentaram e esperaram, e não em vão.

Em um capítulo anterior, eu lhe contei como uma humilde tribo de pastores persas subitamente subiu no caminho da guerra e conquistou a maior parte da Ásia ocidental. Os persas eram civilizados demais para saquear seus novos súditos. Eles se contentaram com um tributo anual. Quando chegaram à costa da Ásia Menor, insistiram que as colônias gregas de Lídia reconhecessem os reis persas como seus superiores e pagassem um imposto estipulado. As colônias gregas se opuseram. Os persas insistiram. Então as colônias gregas apelaram para o país de origem e o palco foi montado para uma briga.

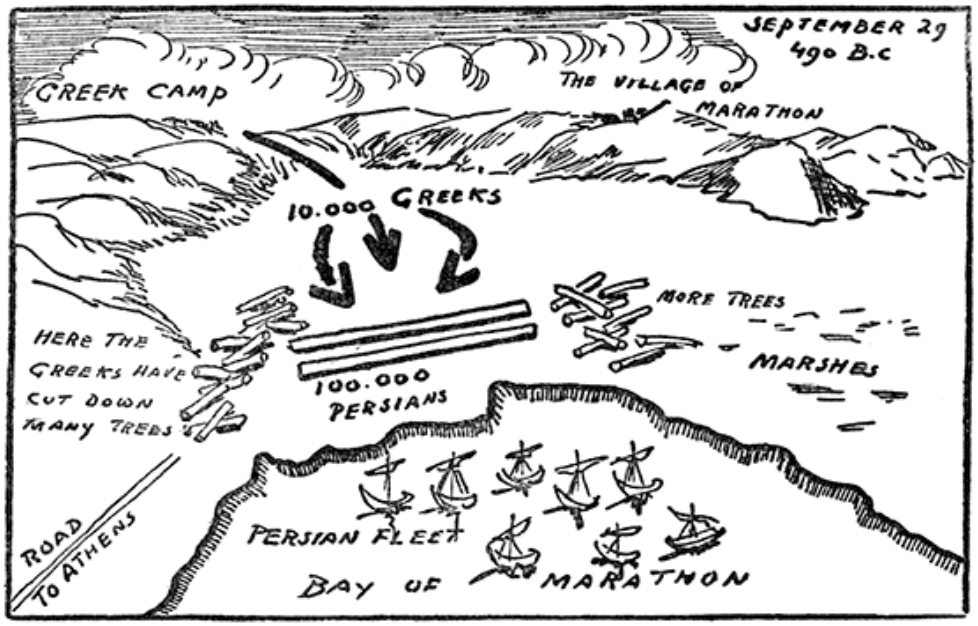
Pois, se a verdade fosse dita, os reis persas consideravam as cidades-estados gregas como instituições políticas muito perigosas e maus exemplos para todas as outras pessoas que supostamente seriam escravas pacientes dos poderosos reis persas.



É claro que os gregos gozavam de certo grau de segurança porque seu país estava escondido além das águas profundas do Egeu. Mas aqui seus antigos inimigos, os fenícios, deram um passo à frente com ofertas de ajuda e conselhos aos persas. Se o rei persa fornecesse os soldados, os fenícios garantiriam a entrega dos navios necessários para transportá-los para a Europa. Era o ano 492 antes do nascimento de Cristo, e a Ásia se preparou para destruir o poder crescente da Europa.

Como um aviso final, o rei da Pérsia enviou mensageiros aos gregos pedindo "terra e água" como sinal de sua submissão. Os gregos prontamente jogaram os mensageiros no poço mais próximo, onde encontrariam tanto "terra e água" em grande abundância, e asim, a paz não foi possível.

Mas os Deuses do Alto Olimpo zelavam pelos filhos e quando a frota fenícia que levava as tropas persas estava perto do Monte Atos, o Deus da Tempestade tocou suas bochechas até quase estourar as veias de sua fronte e a frota foi destruída por um terrível furacão. e os persas foram todos afogados.



Dois anos depois eles voltaram. Desta vez navegaram diretamente pelo Mar Egeu e aterrissaram perto da aldeia de Maratona. Assim que os atenienses ouviram isso, enviaram seu exército de dez mil homens para guardar as colinas que cercavam a planície maratoniana. Ao mesmo tempo, eles despacharam um corredor rápido para Esparta para pedir ajuda. Mas Esparta invejava a fama de Atenas e se recusou a ajudá-la. As outras cidades gregas seguiram seu exemplo, com exceção da pequena Plateias, que enviou mil homens. Em 12 de setembro do ano 490, Miltíades, o comandante ateniense, lançou este pequeno exército contra as hordas dos persas.

Naquela noite, o povo de Atenas viu o céu ficar vermelho os navios em chamas. Ansiosamente esperaram notícias. Por fim, uma pequena nuvem de poeira apareceu na estrada que levava ao norte. Era Fidípides, o corredor. Apenas alguns dias antes ele retornou de sua missão a Esparta. Ele havia se apressado em se juntar a Milcíades. Naquela manhã, ele participou do ataque e depois se ofereceu para levar a notícia da vitória à sua amada cidade. As pessoas o viram cair e correram para apoiá-lo. "Nós vencemos", ele sussurrou e então morreu, uma morte gloriosa que o fez invejado por todos os homens.

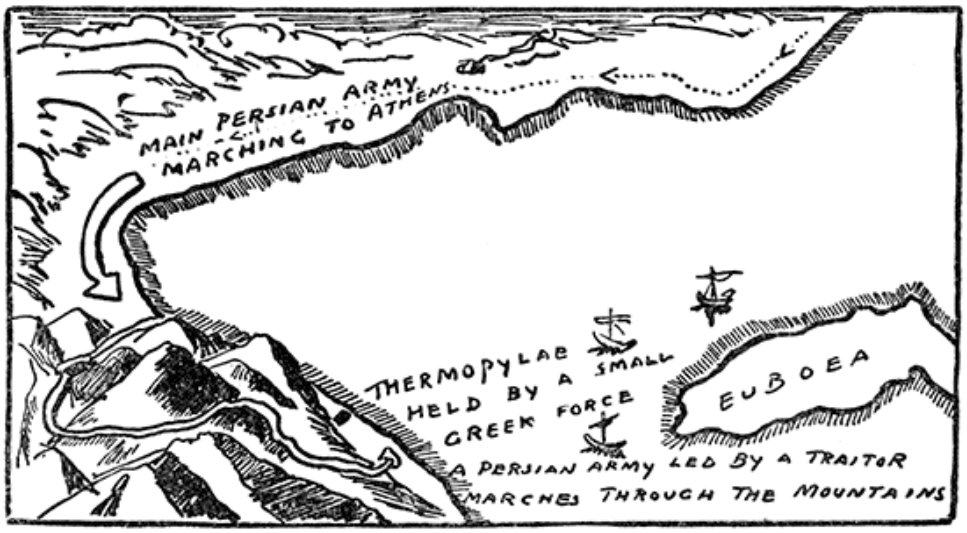
Quanto aos persas, eles tentaram, depois desta derrota, aterrissar perto de Atenas, mas encontraram a costa protegida e desapareceram, e mais uma vez a terra da Hélade estava em paz.

Oito anos eles esperaram e durante este tempo os gregos não estavam ociosos. Eles sabiam que um ataque final era esperado, mas não concordaram sobre a melhor maneira de evitar o perigo. Algumas pessoas queriam aumentar o exército. Outros disseram que uma frota forte era necessária para o sucesso. Os dois partidos liderados por Aristides (para o exército) e Temístocles (o líder dos homens da marinha maior) lutaram um contra o outro amargamente e nada foi feito até que Aristides foi exilado. Então Temístocles teve sua chance e ele construiu todos os navios que pôde e transformou o Pireu em uma forte base naval.

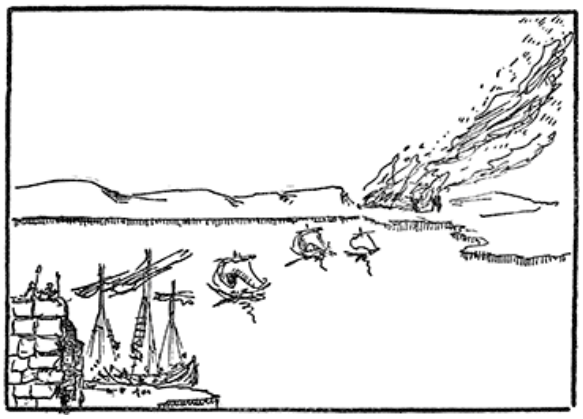
No ano 481 a.C., um tremendo exército persa apareceu na Tessália, uma província do norte da Grécia. Nesta hora de perigo, Esparta, a grande cidade militar da Grécia, foi eleita comandante-em-chefe. Mas os espartanos pouco se importavam com o que acontecia no norte da Grécia, desde que o seu próprio país não fosse invadido. Eles negligenciaram a fortificação dos caminhos que levavam à Grécia.



Um pequeno destacamento de espartanos sob o comando de Leônidas foi instruído a guardar a estreita estrada entre as altas montanhas e o mar que ligava Tessália às províncias do sul. Leonidas obedeceu a suas ordens. Ele lutou e segurou o passe com bravura inigualável. Mas um traidor chamado Efialtes, que conhecia os pequenos atalhos de Malis, guiou um regimento de persas pelas colinas e possibilitou que atacassem Leônidas na retaguarda. Perto do Warm Wells – Termópilas — uma terrível batalha foi travada. Quando a noite chegou, Leônidas e seus fiéis soldados jaziam mortos sob os cadáveres de seus inimigos.



Mas o passe se perdeu e a maior parte da Grécia caiu nas mãos dos persas. Eles marcharam sobre Atenas, jogaram a guarnição das rochas da Acrópole e queimaram a cidade. As pessoas fugiram para a ilha de Salamina. Tudo parecia perdido. Mas, no dia 20 de setembro do ano de 480, Temístocles forçou a frota persa a batalhar dentro do estreito que separava a ilha de Salamis do continente e em poucas horas destruiu três quartos dos navios persas.



Assim, a vitória de Termópilas não deu em nada. Xerxes foi forçado a se aposentar. No ano seguinte, assim decretou, traria uma decisão final. Ele levou suas tropas para a Tessália e lá esperou a primavera.

Mas desta vez os espartanos entenderam a seriedade da hora. Eles deixaram o abrigo seguro do muro que haviam construído através do Istmo de Corinto e, sob a liderança de Pausanias, marcharam contra Mardônio, o general persa. Os gregos unidos (cerca de cem mil homens de uma dúzia de cidades diferentes) atacaram os trezentos homens de areia do inimigo perto

de Plateias. Mais uma vez a pesada infantaria grega rompeu a enxurrada de flechas persas. Os persas foram derrotados, como haviam perdido em Maratona, e desta vez partiram para sempre. Por uma estranha coincidência, no mesmo dia em que os exércitos gregos obtiveram sua vitória perto de Plateias, os navios atenienses destruíram a frota inimiga perto do Cabo Mycale, na Ásia Menor.

Assim, o primeiro encontro entre a Ásia e a Europa terminou. Atenas se cobriu de glória e Esparta lutou bravamente e bem. Se essas duas cidades pudessem chegar a um acordo, se estivessem dispostas a esquecer seus pequenos ciúmes, poderiam se tornar líderes de uma Hélade forte e unida.

Mas, infelizmente, eles permitiram que a hora da vitória e do entusiasmo passasse, e a mesma oportunidade nunca retornou.

OceanofPDF.com

ATENAS vs ESPARTA

Como Atenas e Esparta lutaram uma guerra longa e desastrosa para liderar a Grécia

Atenas e Esparta eram cidades gregas e o povo falava uma língua comum. Em todos os outros aspectos, eram diferentes. Atenas ergueu-se da planície. Era uma cidade exposta à brisa fresca do mar, disposta a olhar o mundo com os olhos de uma criança feliz. Esparta, por outro lado, foi construída no fundo de um vale profundo e usou as montanhas circundantes como uma barreira contra o pensamento estrangeiro. Atenas era uma cidade de comércio movimentado. Esparta era um acampamento armado onde as pessoas eram soldados. O povo de Atenas adorava sentar-se ao sol e discutir poesia ou ouvir as sábias palavras de um filósofo. Os espartanos, por outro lado, nunca escreveram uma única linha que fosse considerada literatura, mas eles sabiam como lutar, eles gostavam de lutar e sacrificavam todas as emoções humanas ao seu ideal de preparação militar.

Não é de admirar que esses espartanos sombrios viam o sucesso de Atenas com ódio malicioso. A energia que a defesa do lar comum havia desenvolvido em Atenas era agora usada para fins de natureza mais pacífica. A Acrópole foi reconstruída e transformada em um santuário de mármore para a Deusa Atena. Péricles, o líder da democracia ateniense, enviou para todos os lugares grandes escultores e pintores e cientistas para tornar a cidade mais bonita e os jovens atenienses mais dignos de sua casa. Ao mesmo tempo, ele manteve um olhar atento em Esparta e construiu muros altos que ligavam Atenas ao mar e a tornaram a fortaleza mais forte daquele tempo.

Uma briga insignificante entre duas pequenas cidades gregas levou ao conflito final. Por trinta anos a guerra entre Atenas e Esparta continuou. Terminou em um terrível desastre para Atenas.

Durante o terceiro ano da guerra, a peste havia entrado na cidade. Mais da metade do povo e Péricles, o grande líder, foram mortos. A praga foi seguida por um período de liderança ruim e indigna de confiança. Um

jovem brilhante chamado Alcibíades ganhou o favor da assembléia popular. Ele sugeriu um ataque à colônia espartana de Siracusa, na Sicília. Uma expedição estava equipada e tudo estava pronto. Mas Alcibíades se meteu numa briga de rua e foi forçado a fugir. O general que o sucedeu foi um trapalhão. Primeiro ele perdeu seus navios e depois perdeu seu exército, e os poucos atenienses sobreviventes foram jogados nas pedreiras de Siracusa, onde morreram de fome e sede.

A expedição havia matado todos os jovens de Atenas. A cidade estava condenada. Depois de um longo cerco, a cidade se rendeu em abril do ano 404. Os altos muros foram demolidos. A marinha foi levada pelos espartanos. Atenas deixou de existir como o centro do grande império colonial que havia conquistado durante os dias de sua prosperidade. Mas aquele desejo maravilhoso de aprender e conhecer e investigar que distinguira seus cidadãos livres durante os dias de grandeza e prosperidade não pereceu com as muralhas e os navios. Continuou a viver. Ficou ainda mais brilhante.

Atenas já não moldava os destinos da terra grega. Mas agora, como o lar da primeira grande universidade, a cidade começou a influenciar as mentes de pessoas inteligentes muito além das estreitas fronteiras da Hélade.

OceanofPDF.com

ALEXANDRE O GRANDE

Alexandre, o macedônio, estabelece um império mundial grego e o que aconteceu com esta grande ambição

Quando os Aqueus deixaram suas casas ao longo das margens do Danúbio para procurar novas pastagens, passaram algum tempo entre as montanhas da Macedônia. Desde então, os gregos mantiveram certas relações mais ou menos formais com o povo deste país do norte. Os macedónios do seu lado mantiveram-se bem informados sobre as condições na Grécia.

Agora aconteceu que, quando Esparta e Atenas terminaram sua guerra desastrosa pela liderança de Hélade, a Macedônia era governada por um homem extraordinariamente inteligente chamado Filipe. Ele admirava o espírito grego nas letras e na arte, mas desprezava a falta de autocontrole grega nos assuntos políticos. Irritava-o ver que um povo perfeitamente bom desperdiçava seus homens e dinheiro em brigas infrutíferas. Assim, resolveu o problema fazendo-se senhor de toda a Grécia e depois pediu aos novos súditos que se juntassem a ele numa viagem que ele pretendia pagar à Pérsia em troca da visita que Xerxes pagara aos gregos cento e cinquenta anos antes. .

Infelizmente, Filipe foi assassinado antes que pudesse começar esta expedição bem preparada. A tarefa de vingar a destruição de Atenas foi deixada para o filho de Filipe, Alexandre, o amado aluno de Aristóteles, o mais sábio de todos os professores gregos.

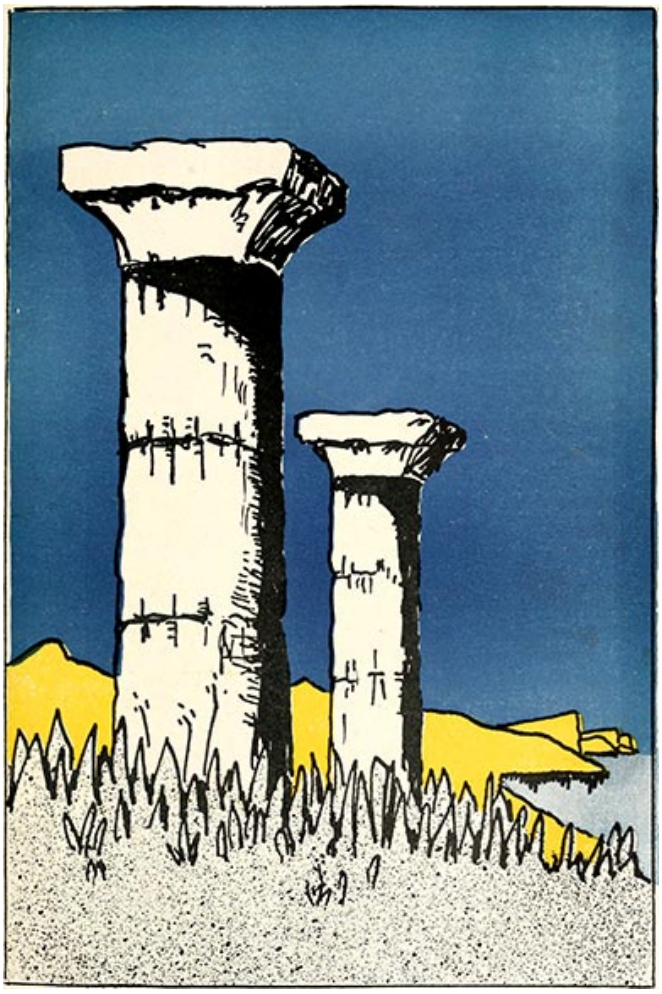
Alexandre se despediu da Europa na primavera do ano de 334 a.C. Sete anos depois, chegou à Índia . Nesse meio tempo, ele destruiu a Fenícia, a antiga rivalidade dos mercadores gregos. Ele conquistou o Egito e foi adorado pelo povo do vale do Nilo como filho e herdeiro dos faraós. Ele havia derrotado o último rei persa — derrotara o império persa que dera ordens de reconstruir a Babilônia, — levara suas tropas ao coração das

montanhas do Himalaia e tornara o mundo inteiro uma província e dependência macedónia. Então ele parou e anunciou planos ainda mais ambiciosos.

O recém-formado Império deve ser trazido sob a influência da mente grega. As pessoas devem aprender a língua grega — elas devem viver em cidades construídas sobre um modelo grego. O soldado alexandrino agora se transformava em professores de escola. Os acampamentos militares de ontem tornaram-se os centros pacíficos da civilização grega recentemente importada. Mais e mais a inundação de costumes gregos aumentou, quando de repente Alexandre foi acometido de febre e morreu no antigo palácio do rei Hamurabi, da Babilônia, no ano de 323.

Então as águas recuaram. Mas eles deixaram para trás o barro fértil de uma civilização superior e Alexandre, com todas as suas ambições infantis e vaidades tolas, realizou um serviço de grande valor. Seu império não sobreviveu por muito tempo a ele. Vários generais ambiciosos dividiram o território entre si. Mas eles também permaneceram fiéis ao sonho de uma grande irmandade mundial de idéias e conhecimentos gregos e asiáticos.

Eles mantiveram sua independência até que os romanos adicionaram a Ásia ocidental e o Egito a seus outros domínios. A estranha herança dessa civilização helenística (parte grega, parte persa, parte egípcia e babilônica) caiu para os conquistadores romanos. Durante os séculos seguintes, ela se apoderou tanto do mundo romano, que sentimos sua influência em nossas próprias vidas hoje em dia.



OceanofPDF.com

UMA RECAPITULAÇÃO

Um breve resumo dos capítulos 1 a 20

Então, longe, do alto da nossa alta torre, olhamos para o leste. Mas a partir de agora, a história do Egito e da Mesopotâmia vai se tornar menos interessante e devo levá-lo a estudar a paisagem ocidental.

Antes de fazermos isso, vamos parar um momento e deixar claro para nós mesmos o que vimos.

Antes de tudo, mostrei a você o homem pré-histórico — uma criatura muito simples em seus hábitos e muito pouco atraente em suas maneiras. Eu lhe contei como ele era o mais indefeso dos muitos animais que vagavam pelo deserto primitivo dos cinco continentes, mas sendo possuidor de um cérebro maior e melhor, ele conseguiu se manter.

Depois vieram as geleiras e os muitos séculos de frio, e a vida neste planeta tornou-se tão difícil que o homem foi obrigado a pensar três vezes mais do que nunca se quisesse sobreviver. No entanto, desde que "o desejo de sobreviver" era (e é) a mola principal que mantém todos os seres vivos em movimento até o último suspiro de sua respiração, o cérebro do homem glacial foi colocado para trabalhar com toda seriedade. Essas pessoas resistentes não apenas conseguiram sobreviver com os longos períodos de frio que mataram muitos animais ferozes, mas quando a Terra se tornou quente e confortável novamente, o homem pré-histórico tinha aprendido uma série de coisas que lhe deram tão grandes vantagens sobre seus vizinhos menos inteligentes que o perigo de extinção (um muito grave durante o primeiro meio milhão de anos de residência do homem neste planeta) se tornou muito remoto.

Eu lhe contei como esses primeiros ancestrais nossos estavam vagarosamente se arrastando quando de repente (e por razões que não são bem compreendidas) as pessoas que viviam no vale do Nilo se antecederam e quase durante a noite, criaram o primeiro centro de civilização.

Então eu mostrei a Mesopotâmia, "a terra entre os rios", que foi a segunda grande escola da raça humana. E fiz um mapa das pequenas pontes

insulares do Mar Egeu, que transportava o conhecimento e a ciência do antigo oriente para o jovem oeste, onde viviam os gregos.

Em seguida, falei de uma tribo indo-européia, os Helenos, que milhares de anos antes haviam deixado o coração da Ásia e que, no século XI antes de nossa era, abriram caminho na península rochosa da Grécia e, desde então, foram conhecidos por nós como os gregos. E eu lhe contei a história das pequenas cidades gregas que eram realmente estados, onde a civilização do antigo Egito e da Ásia foi transfigurada em algo completamente novo, em algo mais nobre e melhor do que qualquer coisa que tivesse acontecido antes.

Quando você olhar para o mapa, verá como, a essa altura, a civilização descreveu um semicírculo. Começa no Egito e, por meio da Mesopotâmia e das Ilhas Egeias, segue para o oeste até chegar ao continente europeu. Os primeiros quatro mil anos, egípcios, babilônios, fenícios e um grande número de tribos semitas (lembre-se que os judeus eram apenas um entre um grande número de povos semitas) carregaram a tocha que iluminaria o mundo. Eles agora o entregam aos gregos indo-europeus, que se tornam os professores de outra tribo indo-européia, os Romanos.

Isso, como você verá daqui a pouco, leva a um terrível conflito entre as duas raças rivais, e de sua luta surge o vitorioso Império Romano, que é levar essa civilização egípcia-mesopotâmica-grega aos cantos mais recônditos da Europa continental, que serviu como a base pela qual nossa sociedade moderna está baseada.

Eu sei que tudo isso parece muito complicado, mas se você se apossar desses poucos princípios, o resto da nossa história se tornará muito mais simples. Os mapas deixarão claro o que as palavras não contam. E após esse curto intervalo, voltamos à nossa história e lhe contaremos a famosa guerra entre Cartago e Roma.

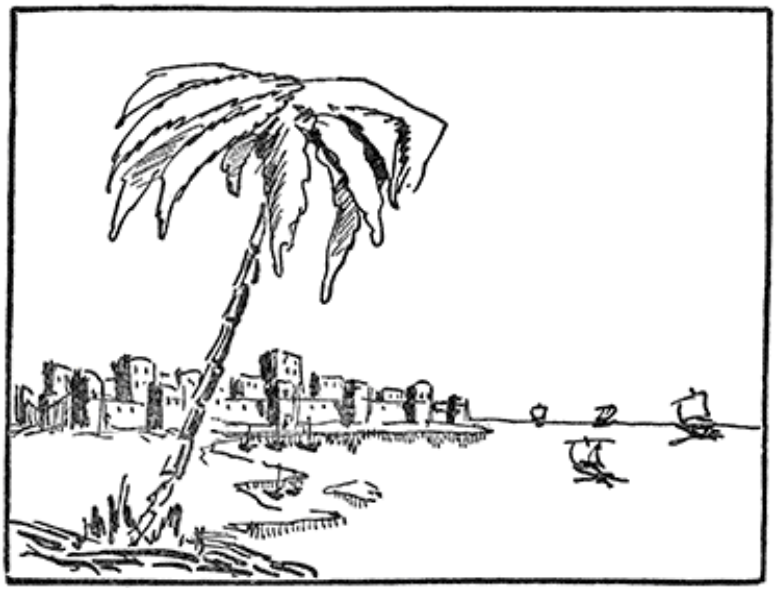
OceanofPDF.com

ROMA E CARTAGO

A colônia semitica do Cartago no litoral norte da África e a cidade indo europeia de Roma, na costa oeste da Itália, lutaram entre si pela posse do mediterrâneo ocidental e Cartago foi destruída

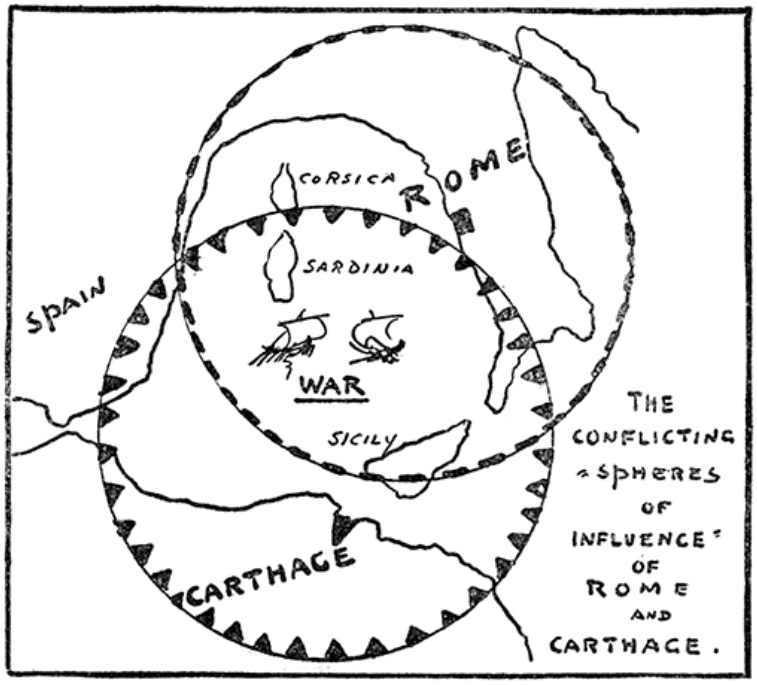
O pequeno posto de comércio fenício de Kart-hadhas ficava numa colina baixa que dava para o Mar Africano, um trecho de água de cento e quarenta e cinco quilômetros de largura que separa a África da Europa. Era um local ideal para um centro comercial. Quase ideal demais. Cresceu rápido demais e ficou muito rico. Quando no século VI antes de nossa era, Nabucodonosor da Babilônia destruiu Tiro, Cartago rompeu todas as relações com a pátria mãe e se tornou um estado independente — o grande posto avançado ocidental das raças semíticas.

Infelizmente, a cidade herdara muitas das características que durante mil anos haviam sido características dos fenícios. Era uma imensa casa de negócios, protegida por uma marinha forte, indiferente à maioria dos aspectos mais sutis da vida. A cidade e o país vizinho e as colônias distantes eram todos governados por um grupo pequeno mas extremamente poderoso de homens ricos. A palavra grega para ricos é "ploutos" e os gregos chamavam tal governo de "homens ricos" de "plutocracia". Cartago era uma plutocracia e o poder real do Estado estava nas mãos de uma dúzia de grandes proprietários de navios e proprietários de minas e mercadores que se reuniam na sala dos fundos de um escritório e consideravam a sua pátria como uma empresa que devia render eles um lucro decente. Eles estavam, no entanto, bem acordados e cheios de energia e trabalhavam muito duro.



Com o passar dos anos, a influência de Cartago sobre seus vizinhos aumentou até a maior parte da costa africana, a Espanha e certas regiões da França eram possessões cartaginesas e pagavam tributos, impostos e dividendos à poderosa cidade no Mar Africano.

É claro que tal "plutocracia" estava sempre à mercê da multidão. Enquanto havia muito trabalho e os salários eram altos, a maioria dos cidadãos estava bastante satisfeita, permitia que seus "melhores" os governassem e não fazia perguntas embaraçosas. Mas quando nenhum navio saiu do porto, quando nenhum minério foi trazido para os fornos de fundição, quando os estivadores foram expulsos do emprego, então houve reclamações e houve uma exigência de que a assembléia popular fosse convocada como nos velhos tempos, quando Cartago era uma república autônoma.



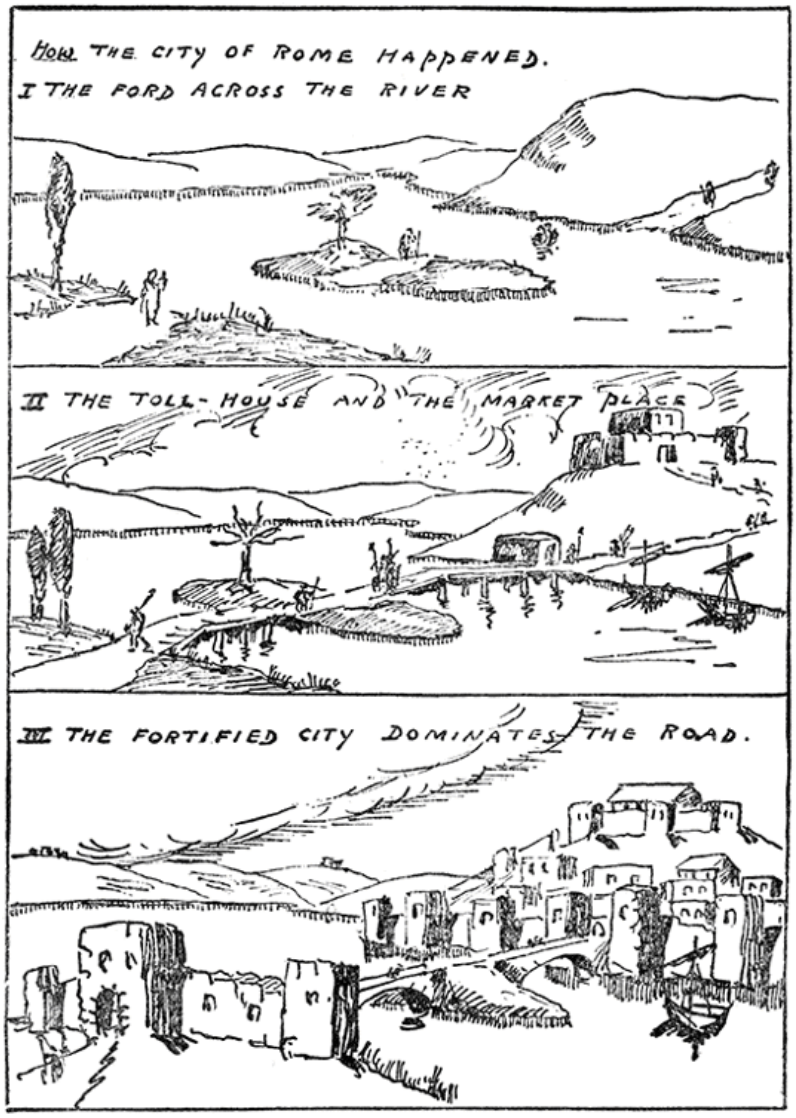
Para evitar tal ocorrência, a plutocracia era obrigada a manter os negócios da cidade a todo vapor. Eles haviam conseguido fazer isso com muito sucesso por quase cinco centenas de anos, quando ficaram muito perturbados com certos rumores que lhes chegavam da costa ocidental da Itália. Dizia-se que uma pequena aldeia às margens do rio Tibre subitamente subira a grande potência e se tornava o reconhecido líder de todas as tribos latinas que habitavam o centro da Itália. Também foi dito que esta aldeia, que por sinal se chamava Roma, pretendia construir navios e ir atrás do comércio da Sicília e da costa sul da França.

Cartago não poderia tolerar tal competição. O jovem rival deve ser destruído para que os governantes cartagineses não percam seu prestígio como governantes absolutos do Mediterrâneo ocidental. Os rumores foram devidamente investigados e, de maneira geral, esses foram os fatos que vieram à tona.

A costa oeste da Itália havia sido negligenciada pela civilização. Enquanto na Grécia todos os bons portos eram voltados para o leste e desfrutavam de uma visão completa das movimentadas ilhas do Mar Egeu, a costa oeste da Itália não contemplava nada mais excitante do que as ondas desoladas do Mediterrâneo. O país era pobre. Era, portanto, raramente visitado por comerciantes estrangeiros e os nativos foram

autorizados a viver em posse tranquila de suas colinas e suas planícies pantanosas.

A primeira invasão séria desta terra veio do norte. Em uma data desconhecida, certas tribos indo-européias haviam conseguido passar pelos Alpes e chegando até o sul. Encheram o calcanhar e a ponta da famosa bota italiana com suas aldeias e seus rebanhos. Destes conquistadores iniciais não sabemos nada. Nenhum Homer cantou sua glória. Seus próprios relatos sobre a fundação de Roma (cerca de oitocentos anos depois, quando a pequena cidade se tornara o centro de um império) são contos de fadas e não pertencem a uma história. Rômulo e Remo pulando pelos muros um do outro (eu sempre esqueço quem pulou o muro) fazendo a leitura divertida, mas a fundação da Cidade de Roma era um assunto muito mais prosaico. Roma começou como milhares de cidades americanas fizeram, por ser um local conveniente para troca e comércio de cavalos. Ficava no coração das planícies da região central da Itália. O rio Tibre oferecia acesso direto ao mar. A estrada terrestre de norte a sul encontrou aqui um vau conveniente que poderia ser usado durante todo o ano. E sete pequenas colinas ao longo das margens do rio ofereciam aos habitantes um refúgio seguro contra seus inimigos que viviam nas montanhas e aqueles que viviam além do horizonte do mar próximo.



Os montanhistas eram chamados os Sabinos. Eles eram uma multidão rude com um desejo profano de acumulação fácil. Mas eles estavam muito atrasados. Eles usavam machados de pedra e escudos de madeira e não eram páreo para os romanos com suas espadas de aço. As pessoas do mar, por outro lado, eram inimigos perigosos. Eles foram chamados os Etruscos e eles eram (e ainda são) um dos grandes mistérios da história. Ninguém sabia (ou sabe) de onde eles vieram; quem eles eram; o que os afastou de suas casas originais. Encontramos os restos de suas cidades e seus cemitérios e seus sistemas de distribuição de água ao longo da costa italiana. Estamos familiarizados com suas inscrições. Mas como ninguém nunca foi capaz de decifrar o alfabeto etrusco, essas mensagens escritas são, até o momento, apenas chatas e sem tanto uso.

Nosso melhor palpite é que os Etruscos vieram originalmente da Ásia Menor e que uma grande guerra ou peste naquele país os forçou a ir embora e procurar um novo lar em outro lugar. Seja qual for a razão para a sua vinda, os etruscos desempenharam um grande papel na história. Eles carregavam o pólen da antiga civilização do leste para o oeste e ensinavam os romanos que, como sabemos, vinham do norte, os primeiros princípios de arquitetura e construção de ruas e lutas, arte, culinária, medicina e astronomia.

Mas, assim como os gregos não amavam seus professores egeus, os romanos odiavam seus mestres etruscos. Eles se livraram deles assim que puderam e a oportunidade se ofereceu quando mercadores gregos descobriram as possibilidades comerciais da Itália e quando os primeiros navios gregos chegaram a Roma. Os gregos chegaram ao comércio, mas ficaram para instruir. Eles descobriram que as tribos que habitavam o campo romano (e que eram chamadas de latinos) estavam dispostas a aprender coisas que poderiam ser de uso prático. Imediatamente compreenderam o grande benefício que poderia derivar de um alfabeto escrito e copiaram o dos gregos. Eles também entendiam as vantagens comerciais de um sistema bem regulado de moedas, medidas e pesos.

Eles até receberam os deuses dos gregos em seu país. Zeus foi levado para Roma, onde ficou conhecido como Júpiter e as outras divindades o seguiram. Os deuses romanos, no entanto, nunca foram como seus primos alegres que acompanharam os gregos em sua jornada através da vida e da história. Os deuses romanos eram funcionários do Estado. Cada um administrava seu próprio departamento com grande prudência e profundo senso de justiça, mas por sua vez exigia a obediência de seus adoradores. Essa obediência os romanos seguiram com cuidado escrupuloso. Mas nunca estabeleceram as relações pessoais cordiais e aquela amizade encantadora que existia entre os velhos helenos e os poderosos habitantes do alto pico olímpico.

Os romanos não imitaram a forma grega de governo, mas sendo da mesma população indo-européia como o povo de Hélade, a história antiga de Roma se assemelha a de Atenas e as outras cidades gregas. Eles não acharam difícil se livrar de seus reis, os descendentes dos antigos chefes tribais. Mas uma vez que os reis foram expulsos da cidade, os romanos foram forçados a refrear o poder dos nobres, e demorou muitos séculos até

que eles conseguissem estabelecer um sistema que desse a cada cidadão livre de Roma a chance de ter um interesse pessoal em os assuntos de sua cidade.

Depois disso, os romanos desfrutaram de uma grande vantagem sobre os gregos. Eles administravam os assuntos de seu país sem fazer muitos discursos. Eles eram menos imaginativos que os gregos e preferiam uma grama de ação a um punhado de palavras. Eles entendiam a tendência da multidão (a "plebe", como era chamada a assembléia de cidadãos livres) muito bem para desperdiçar tempo valioso com a simples conversa. Eles, portanto, colocaram o negócio real de administrar a cidade nas mãos de dois "cônsules" que foram assistidos por um conselho de anciãos, chamado Senado (porque a palavra "senex" significa um homem velho). Por uma questão de vantagem personalizada e prática, os senadores foram eleitos da nobreza. Mas o poder deles havia sido estritamente definido.

Roma uma vez passou pelo mesmo tipo de luta entre os pobres e os ricos que forçou Atenas a adotar as leis de Draco e Sólon. Em Roma, esse conflito ocorreu no século V a.C. Como resultado, os homens livres obtiveram um código de leis escrito que os protegia contra o despotismo dos juízes aristocráticos pela instituição do "Tribuno". Esses Tribunos eram magistrados da cidade, eleitos pelos homens livres. Eles tinham o direito de proteger qualquer cidadão contra as ações dos funcionários do governo que eram considerados injustos. Um cônsul tinha o direito de condenar um homem à morte, mas se o caso não tivesse sido absolutamente provado, o Tribuno poderia interferir e salvar a vida do pobre homem.

Mas quando uso a palavra Roma, pareço me referir a uma pequena cidade de alguns milhares de habitantes. E a força real de Roma estava nos distritos do campo fora de seus muros. E foi no governo dessas províncias remotas que Roma, em tenra idade, mostrou seu dom maravilhoso como poder colonizador.

Em tempos muito antigos, Roma tinha sido a única cidade fortemente fortificada no centro da Itália, mas sempre oferecia um refúgio hospitaleiro a outras tribos latinas que por acaso estavam em perigo de ataque. Os vizinhos latinos reconheceram as vantagens de uma união próxima com um amigo tão poderoso e tentaram encontrar uma base para algum tipo de aliança defensiva e ofensiva. Outras nações, egípcios, babilônios, fenícios, e até gregos, teriam insistido em um tratado de submissão por parte dos

"bárbaros". Os romanos não fizeram nada disso. Eles deram ao "estrangeiro" a chance de se tornarem parceiros em uma "Res publica" comum — ou um Commonwealth (Comunidade).

"Você quer se juntar a nós", disseram eles. "Muito bem, vá em frente e junte-se. Vamos tratá-lo como se você fosse um cidadão de pleno direito de Roma. Em troca desse privilégio, esperamos que você lute pela nossa cidade, a mãe de todos nós, sempre que for necessário. "

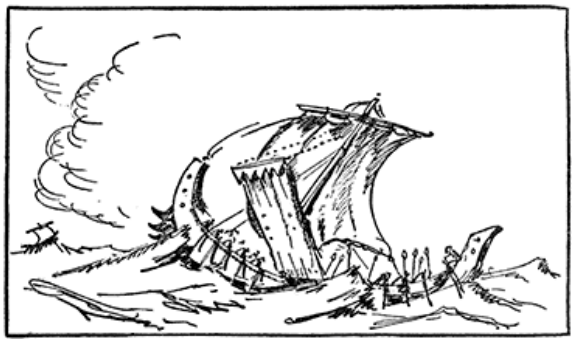
O "estrangeiro" apreciou esta generosidade e mostrou sua gratidão com sua lealdade inabalável.

Sempre que uma cidade grega era atacada, os residentes estrangeiros fugiam o mais rápido que podiam. Por que defender algo que não significava nada para eles além de uma pensão temporária em que eram tolerados, desde que pagassem suas contas? Mas quando o inimigo estava diante dos portões de Roma, todos os latinos correram em sua defesa. Era a mãe deles que estava em perigo. Era o seu verdadeiro "lar", mesmo que vivessem a cem milhas de distância e nunca tivessem visto as paredes das colinas sagradas.

Nenhuma derrota e nenhum desastre poderiam mudar este sentimento. No início do século IV a.C., os gauleses selvagens invadiram a Itália. Eles derrotaram o exército romano perto do rio Allia e marcharam sobre a cidade. Eles haviam tomado Roma e então esperavam que o povo viesse e processasse pela paz. Eles esperaram, mas nada aconteceu. Após um curto período de tempo, os gauleses se viram cercados por uma população hostil que impossibilitou a obtenção de suprimentos. Depois de sete meses, a fome obrigou-os a se retirar. A política de Roma de tratar o "estrangeiro" de formas iguais provou ser um grande sucesso e Roma permaneceu mais forte do que nunca.

Este breve relato do início da história de Roma mostra a enorme diferença entre o ideal romano de um estado saudável e o do mundo antigo que foi incorporado na cidade de Cartago. Os romanos contavam com a alegre e cordial cooperação entre vários "cidadãos iguais". Os cartagineses, seguindo o exemplo do Egito e da Ásia ocidental, insistiram na obediência irracional (e, portanto, sem vontade) dos "Sujeitos" e, quando estes falhavam, eles contratavam soldados profissionais para lutar por eles.

Agora você entende o porque Cartago estava fadada a temer um inimigo tão inteligente e poderoso e por que a plutocracia de Cartago estava disposta a arriscar uma guerra para que eles pudessem destruir o perigoso rival antes que fosse tarde demais.



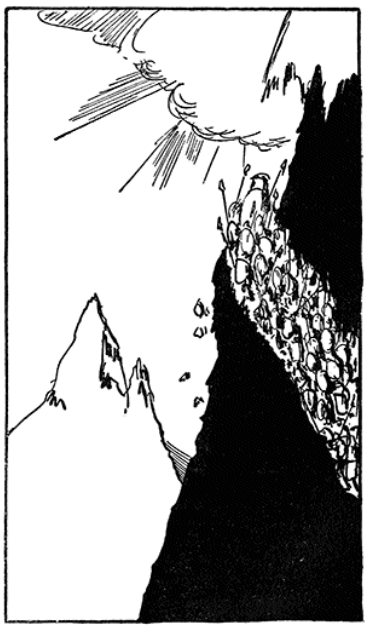
Mas os cartagineses, sendo bons homens de negócios, sabiam que nunca compensa apressar as coisas. Eles propuseram aos romanos que suas respectivas cidades desenhassem dois círculos no mapa e que cada cidade reivindicasse um desses círculos como sua "esfera de influência" e prometesse manter-se fora do círculo do outro companheiro. O acordo foi prontamente feito e foi quebrado tão prontamente quando ambos os lados acharam prudente enviar seus exércitos para a Sicília, onde um solo rico e um governo ruim convidavam a interferência estrangeira.

A guerra que se seguiu (a chamada primeira Guerra Púnica) durou vinte e quatro anos. Foi travada em alto mar e no começo parecia que a experiente marinha cartaginesa derrotaria a recém-criada frota romana. Seguindo suas antigas táticas, os navios cartagineses ou atropelariam os navios inimigos ou ousariam um ataque de lado em que quebrariam seus remos e matariam os marinheiros do navio indefeso com suas flechas e bolas de fogo. Mas os engenheiros romanos inventaram uma nova embarcação que carregava uma ponte de embarque através da qual os soldados de infantaria romanos invadiram o navio hostil. Então houve um súbito fim das vitórias cartaginesas. Na batalha de Milas, sua frota foi seriamente derrotada. Cartago foi obrigado a pedir a paz e a Sicília tornou-se parte dos domínios romanos.

Vinte e três anos depois surgiram novos problemas. Roma (em busca de cobre) tinha tomado a ilha da Sardenha. Cartago (em busca de prata) ocupou todo o sul da Espanha. Isso fez de Cartago um vizinho direto dos

romanos. Este último não gostou nada disso e ordenou que suas tropas cruzassem os Pirineus e vigiassem o exército cartaginês de ocupação.

O palco estava montado para o segundo surto entre os dois rivais. Mais uma vez, uma colônia grega era o pretexto para uma guerra. Os cartagineses sitiavam Saguntum na costa leste da Espanha. Os saguntianos apelaram para Roma e Roma, como de costume, estava disposta a ajudar. O Senado prometeu a ajuda dos exércitos latinos, mas a preparação para esta expedição levou algum tempo e, enquanto isso, Saguntum foi saqueada e destruída. Isso foi feito em oposição direta à vontade de Roma. O Senado decidiu sobre a guerra. Um exército romano deveria atravessar o mar africano e fazer um pouso em solo cartaginês. Uma segunda divisão manteria os exércitos cartagineses ocupados na Espanha para evitar que eles corressem para ajudar a cidade natal. Foi um excelente plano e todos esperavam uma grande vitória. Mas os deuses decidiram o contrário.

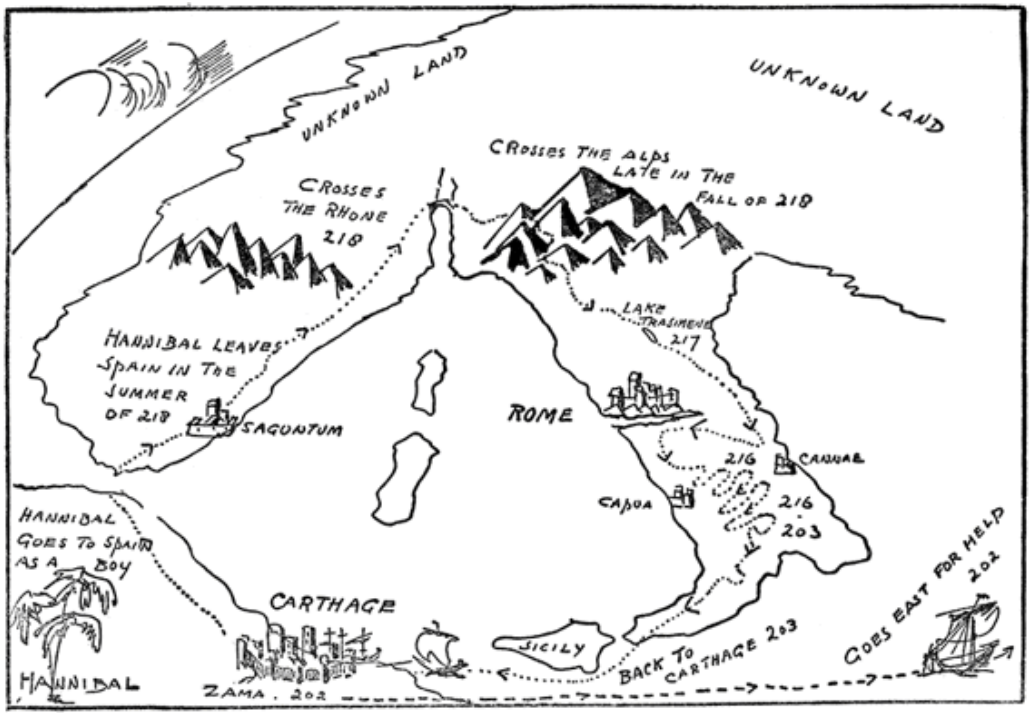


Era o outono do ano 218 antes do nascimento de Cristo e o exército romano que atacaria os cartagineses na Espanha deixara a Itália. As pessoas esperavam ansiosamente por notícias de uma vitória fácil e completa quando um terrível rumor começou a se espalhar pela planície do Pó. Alpinistas selvagens, com os lábios tremendo de medo, falavam de centenas de milhares de homens marrons acompanhados por animais estranhos, "cada um do tamanho de uma casa", que subitamente emergiram das nuvens de neve que circundavam a antiga passagem Graian, através da

qual Hércules milhares de anos antes, havia dirigido os bois de Gerião a caminho da Espanha para a Grécia. Logo um fluxo interminável de refugiados encharcados apareceu diante dos portões de Roma, com detalhes mais completos. Aníbal, filho de Hamilcar, com cinquenta mil soldados, nove mil cavaleiros e trinta e sete elefantes em combate, cruzaram os Pireneus. Ele havia derrotado o exército romano de Cipião nas margens do rio Ródano e ele guiara seu exército em segurança pelas passagens montanhosas dos Alpes, embora fosse outubro e as estradas estivessem densamente cobertas de neve e gelo. Então, ele tinha juntado forças com os gauleses e juntos eles derrotaram um segundo exército romano pouco antes que eles cruzassem a Trébia e sitiassem Placentia, o término do norte da estrada que ligava Roma, com a província dos distritos Alpinos.

O Senado, surpreso, mas calmo e enérgico como sempre, silenciou a notícia dessas muitas derrotas e enviou dois novos exércitos para deter o invasor. Aníbal conseguiu surpreender essas tropas em uma estrada estreita ao longo das margens do Lago Trasimeno e lá ele matou todos os oficiais romanos e a maioria de seus homens. Desta vez houve um pânico entre o povo de Roma, mas o Senado manteve a calma. Um terceiro exército foi organizado e o comando foi dado a Fábio Máximo com poder total para agir "como era necessário para salvar o estado".

Fábio sabia que devia ter muito cuidado para não se perder. Seus homens crus e destreinados, os últimos soldados disponíveis, não eram páreo para os veteranos de Aníbal. Ele se recusou a aceitar a batalha, mas continuamente seguia Aníbal, destruindo todas as plantações de comida, as estradas e atacando pequenos destacamentos que em geral enfraqueceu a moral das tropas cartaginesas por meio de uma forma mais angustiante e irritante de guerrilha.



Tais métodos, no entanto, não satisfaziam as temíveis multidões que haviam encontrado segurança atrás dos muros de Roma. Eles queriam "ação". Algo deveria ser feito e feito rapidamente. Um famoso herói de nome Varro, o tipo de homem que percorria a cidade dizendo a todos o quanto melhor podia fazer as coisas do que o velho Fábio Máximo. O "Retardador", tornou-se comandante-em-chefe por aclamação popular. Na batalha de Canas (216) ele sofreu a mais terrível derrota da história romana. Mais de setenta mil homens foram mortos. Aníbal era senhor de toda a Itália.

Ele marchou de um extremo a outro da península, proclamando-se o "libertador do jugo de Roma" e pedindo às diferentes províncias que se unissem a ele na guerra da cidade-mãe. Então mais uma vez a sabedoria de Roma deu fruto nobre. Com as exceções de Cápua e Siracusa, todas as cidades romanas permaneceram fiéis. Aníbal, o libertador, viu-se contrariado pelas pessoas cujo amigo ele pretendia ser. Ele estava longe de casa e não gostou da situação. Ele enviou mensageiros a Cartago para pedir suprimentos e novos homens. Alas, Cartago também não podiam enviá-lo.

Os romanos, com suas pontes de embarque, eram os senhores do mar. Aníbal deveria se ajudar da melhor maneira possível. Ele continuou a derrotar os exércitos romanos que foram enviados contra ele, mas seu

número diminuía rapidamente e os camponeses italianos se mantinham indiferentes a esse "libertador" autonomeado.

Após muitos anos de vitórias ininterruptas, Aníbal viu-se sitiado no país que acabara de conquistar. Por um momento, a sorte pareceu se transformar. Asdrúbal, seu irmão, derrotara os exércitos romanos na Espanha. Ele cruzou os Alpes para ir ao auxílio de Aníbal e enviou mensageiros para o sul para contar sua chegada e pedir ao outro exército que o encontrasse na planície do rio Tibre. Infelizmente os mensageiros caíram nas mãos dos romanos e Aníbal esperou em vão por mais notícias até que a cabeça de seu irmão, cuidadosamente empacotada em uma cesta, veio parar em seu acampamento e lhe contou o destino das últimas tropas cartaginesas.

Com Asdrúbal fora do caminho, o jovem Públio Cipião reconquistou facilmente a Espanha e quatro anos depois os romanos estavam prontos para um ataque final a Cartago. Aníbal foi chamado de volta. Ele cruzou o mar Africano e tentou organizar as defesas de sua cidade natal. No ano 202 na batalha de Zama, os cartagineses foram derrotados. Aníbal fugiu para Tiro. De lá, ele foi para a Ásia Menor para incitar os sírios e os macedônios contra Roma. Ele conseguiu muito pouco, mas suas atividades entre essas potências asiáticas deram aos romanos uma desculpa para levar sua guerra para o território do leste e anexar a maior parte do mundo Egeu.

Levado de uma cidade a outra, como um fugitivo sem lar, Aníbal finalmente soube que o fim de seu ambicioso sonho tinha chegado. Sua amada cidade de Cartago tinha sido arruinada pela guerra. Ela foi forçada a assinar uma paz terrível. Sua marinha estava afundada. Ela havia sido proibida de fazer guerra sem a permissão romana e sido condenada a pagar milhões de dólares aos romanos pelos anos intermináveis que se seguiriam. A vida não oferecia esperança de um futuro melhor. No ano de 190 a.C., Aníbal tomou veneno e se matou.



Quarenta anos depois, os romanos forçaram sua última guerra contra Cartago. Três longos anos os habitantes da antiga colônia fenícia resistiram ao poder da nova república. A fome os forçou a se render. Os poucos homens e mulheres que sobreviveram ao cerco foram vendidos como escravos. A cidade foi incendiada. Durante duas semanas inteiras, os armazéns, os palácios e o grande arsenal queimaram. Então uma terrível maldição foi pronunciada sobre as ruínas enegrecidas e as legiões romanas voltaram para a Itália para desfrutar de sua vitória.

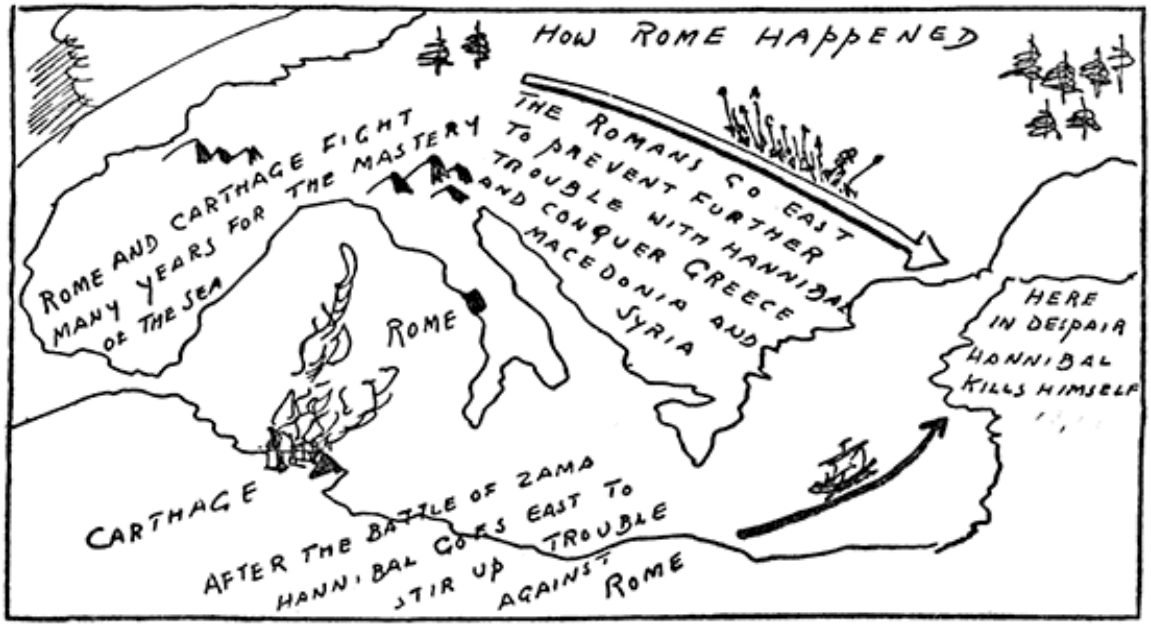
Nos próximos mil anos, o Mediterrâneo permaneceu um mar europeu. Mas assim que o Império Romano foi destruído, a Ásia fez outra tentativa de dominar esse grande mar interior, como você aprenderá quando eu falar sobre Maomé.

OceanofPDF.com

A ASCENSÃO DE ROMA

Como Roma se tornou a cidade mais importante do mediterrâneo

O Império Romano foi um acidente. Ninguém o planejou. Ele "aconteceu". Nenhum famoso general ou estadista se levantou e disse: "Amigos, romanos, cidadãos, devemos fundar um Império. Siga-me e juntos vamos conquistar toda a terra desde os portões de Hércules até os Montes Tauro".



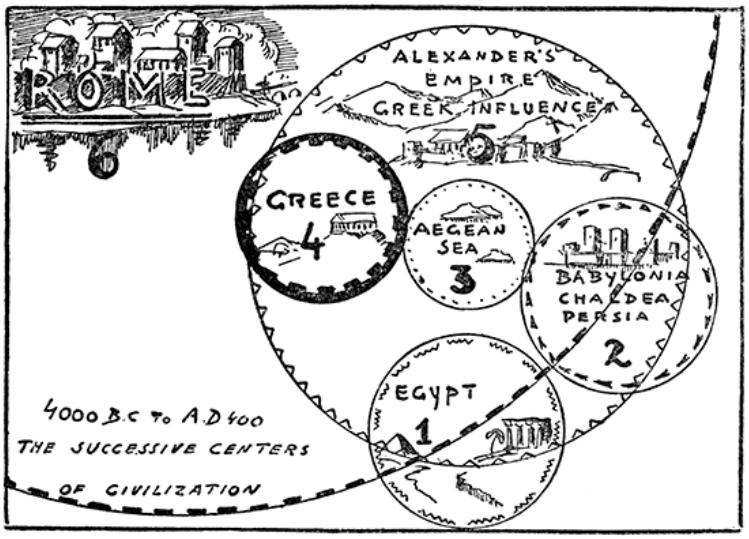
Roma produziu generais famosos, estadistas e assassinos igualmente distintos, e os exércitos romanos lutaram em todo o mundo. Mas o império romano foi feito sem um plano preconcebido. O romano médio era um cidadão muito prático. Ele não gostava de teorias sobre o governo. Quando alguém começou a recitar "para o leste o curso do Império Romano, etc., etc.", ele deixava às pressas o fórum. Ele apenas continuou a tomar mais e mais terras porque as circunstâncias o forçaram a fazê-lo. Ele não foi motivado pela ambição ou pela ganância. Por natureza e inclinação, ele era fazendeiro e queria ficar em casa. Mas quando ele era atacado logo era obrigado a se defender e quando o inimigo cruzava o mar para pedir ajuda

em um país distante, então o paciente romano marchava muitos quilômetros tristes para derrotar este inimigo perigoso e quando isso era feito, ele ficava para administrar suas províncias recém-conquistadas, para que não caíssem nas mãos de bárbaros errantes e se tornassem uma ameaça à segurança romana. Parece um pouco complicado e, no entanto, para os contemporâneos, foi muito simples, como você verá daqui a pouco.

No ano de 203 a.C., Cipião atravessou o mar africano e levou a guerra para a África. Cartago chamara Aníbal de volta. Mal apoiado por seus mercenários, Aníbal havia sido derrotado perto de Zama. Os romanos pediram sua rendição e Aníbal fugiu para obter ajuda dos reis da Macedônia e da Síria, como eu lhe disse no último capítulo.

Os governantes desses dois países (remanescentes do Império de Alexandre, o Grande) estavam contemplando uma expedição contra o Egito. Eles esperavam dividir o rico vale do Nilo entre si. O rei do Egito ouvira isso e pedira a Roma que o apoiasse. O palco estava montado para uma série de narrativas e tramas altamente interessantes. Mas os romanos, com sua falta de imaginação, abaixaram a cortina antes que a peça fosse iniciada. Suas legiões derrotaram completamente a pesada falange grega que ainda era usada pelos macedônios como sua formação de batalha. Isso aconteceu no ano de 197 a.C., na batalha das planícies de Cinoscéfalos, ou "Cabeças dos Cães", no centro da Tessália.

Os romanos então marcharam em direção ao sul até Ática e informaram aos gregos que eles tinham vindo para "entregar os helenos do jugo macedônio". Os gregos, não tendo aprendido nada em seus anos de semi-escravidão, usaram sua nova liberdade da maneira mais infeliz. Todas as pequenas cidades-estado começaram a discutir umas com as outras como haviam feito nos bons e velhos tempos. Os romanos, que tinham pouca compreensão e menos amor por essas tolices bizarras de uma raça que eles menosprezavam, mostravam grande tolerância. Mas cansando dessas intermináveis dissensões, eles perderam a paciência, invadiram a Grécia, incendiaram Corinto (para "encorajar os outros gregos") e enviaram um governador romano a Atenas para governar essa província turbulenta. Nesse caminho, a Macedônia e a Grécia se tornaram estados-tampão que protegiam a fronteira oriental de Roma.



Entrementes, do outro lado do Dardanelos estava o Reino da Síria, e Antíoco III Magno, que governava aquela vasta terra, mostrara grande ansiedade quando seu distinto convidado, o General Aníbal, lhe explicou como seria fácil invadir a Itália e saquear a cidade de Roma.

Lúcio Cipião, irmão de Cipião, o combatente africano que derrotara Aníbal e seus cartagineses em Zama, foi enviado para a Ásia Menor. Ele destruiu os exércitos do rei sírio perto de Magnésia (no ano de 190 a.C.). Pouco depois, Antíoco IV Epifânio foi linchado por seu próprio povo. A Ásia Menor tornou-se um protetorado romano e a pequena cidade-república de Roma era a dona da maioria das terras que faziam fronteira com o Mediterrâneo.

OceanofPDF.com

O IMPÉRIO ROMANO

Como a república de Roma após séculos sem descanso e revoluções se tornou um Império

Quando os exércitos romanos retornaram dessas muitas campanhas vitoriosas, foram recebidos com grande júbilo. No entanto essa súbita glória não tornou o país mais feliz. Pelo contrário. As infindáveis campanhas haviam arruinado os fazendeiros que tinham sido obrigados a fazer o árduo trabalho de construir o Império. Havia colocado muito poder nas mãos dos generais bem-sucedidos (e seus amigos particulares) que usaram a guerra como uma desculpa para o roubo em grande escala.

A velha república romana orgulhara-se da simplicidade que caracterizara a vida de seus homens famosos. A nova república sentia vergonha dos casacos surrados e dos altos princípios que estiveram na moda nos dias de seus avós. Tornou-se uma terra de pessoas ricas governada por pessoas ricas para o benefício das pessoas ricas. Como tal, estava condenada a um fracasso desastroso, como eu lhe contarei agora.

Em menos de um século e meio Roma havia se tornado a amante de praticamente toda a terra ao redor do Mediterrâneo. Naqueles primeiros dias da história, um prisioneiro de guerra perdia a liberdade e tornava escravo. Os romanos consideravam a guerra um negócio muito sério e eles não demonstravam piedade para com um inimigo conquistado. Após a queda de Cartago, as mulheres e crianças cartaginesas foram vendidas como escravos junto dos seus próprios escravos. E um destino semelhante aguardava os obstinados habitantes da Grécia, Macedônia, Espanha e da Síria, quando eles ousaram se revoltar contra o poder romano.

Dois mil anos atrás, um escravo era apenas uma peça de maquinaria. Hoje em dia, um homem rico investe seu dinheiro em fábricas. Os ricos de Roma (senadores, generais e aproveitadores de guerra) investiram na terra e nos escravos. A terra que compravam ou usurpavam nas províncias recém-adquiridas. Os escravos que eles compravam no mercado aberto eram os mais baratos. Durante a maior parte do terceiro e

segundo séculos antes de Cristo, havia uma oferta abundante e, como resultado, os proprietários de terras trabalhavam com seus escravos até caírem mortos, quando compravam novos no balcão de barganha mais próximo dos cativos coríntios ou cartagineses.

E agora eis o destino do fazendeiro de nascimento livre!

Ele cumpriu seu dever em relação a Roma e lutou contra suas batalhas sem reclamar. Mas quando ele chegou em casa depois de dez, quinze ou vinte anos, suas terras estavam cobertas de ervas daninhas e sua família tinha sido arruinada. Mas ele era um homem forte e disposto a começar a vida de novo. Ele semeou e plantou e esperou pela colheita. Ele levou seus grãos para o mercado junto com seu gado e suas aves, e descobriu que os grandes proprietários de terra que trabalhavam com escravos cobriam todos os preços deles. Por alguns anos ele tentou se manter. Então ele desistiu em desespero. Ele deixou o país e foi para a cidade mais próxima. Na cidade, ele estava com tanta fome quanto antes na fazenda. Ele compartilhou sua miséria com milhares de outros seres deserdados. Eles se agasalharam em casebres imundos nos subúrbios das grandes cidades. Eles estavam sujeitos a adoecer e morrer de epidemias terríveis. Eles estavam profundamente descontentes. Eles lutaram pelo seu país e esta foi a sua recompensa. Estavam sempre dispostos a ouvir aqueles feiticeiros plausíveis que se reuniam em torno de uma queixa pública como tantos abutres famintos, e logo se tornaram uma grave ameaça à segurança do Estado.

Mas a classe dos recém-ricos encolheu os ombros. "Temos nosso exército e nossos policiais", argumentaram eles, "eles manterão a turba em ordem". E eles se esconderam atrás dos altos muros de suas casas agradáveis e cultivaram seus jardins e leram os poemas de um certo Homero que um escravo grego acabara de traduzir em hexametros latinos muito agradáveis.

Em algumas famílias, no entanto, a antiga tradição de serviço altruísta à comunidade continuou. Cornelia, filha de Cipião Africano, fora casada com um romano chamado Gracchus. Ela teve dois filhos, Tibério e Gaio. Quando os meninos cresceram, entraram na política e tentaram implementar algumas reformas necessárias. Um censo mostrara que a maior parte das terras da península italiana pertencia a duas mil famílias nobres. Tibério Graco, tendo sido eleito um Tribuno, tentou ajudar os

homens livres. Ele reviveu duas leis antigas que restringiam o número de acres que um único proprietário poderia possuir. Desta forma, ele esperava reviver a valiosa classe antiga de pequenos proprietários independentes. Os recém-ricos o chamavam de ladrão e inimigo do estado. Houve tumultos de rua. Um grupo de bandidos foi contratado para matar o popular Tribuno. Tibério Graco foi atacado quando ele entrou na assembléia e foi espancado até a morte. Dez anos depois, seu irmão Gaio tentou a experiência de reformar uma nação contra os desejos expressos de uma classe privilegiada e forte. Ele aprovou uma "lei pobre" que deveria ajudar os agricultores destituídos. Por fim, transformou a maior parte dos cidadãos romanos em mendigos profissionais.

Ele estabeleceu colônias de pessoas carentes em partes distantes do império, mas esses assentamentos não conseguiram atrair o tipo certo de pessoas. Antes de Gaio, Gracchus poderia fazer mais mal, ele também foi assassinado e seus seguidores foram mortos ou exilados. Os dois primeiros reformadores eram cavalheiros. Os dois que vieram depois eram muito diferentes. Eles eram soldados profissionais. Um deles foi chamado Marius. O nome do outro era Sula. Ambos desfrutaram de um grande número de seguidores.

Sula era o líder dos proprietários de terras. Marius, o vencedor de uma grande batalha no sopé dos Alpes, quando os teutões e os cimbros tinham sido aniquilados, era o herói popular dos fazendeiros livres deserdados.

Agora aconteceu no ano 88 a.C. que o Senado de Roma ficou muito perturbado pelos rumores que vieram da Ásia. Mitrídates VI do Ponto, rei de um país ao longo das margens do mar Negro e grego pelo lado de sua mãe, viu a possibilidade de estabelecer um segundo império Alexandrino. Ele começou sua campanha pela dominação mundial com o assassinato de todos os cidadãos romanos que por acaso estavam na Ásia Menor, homens, mulheres e crianças. Tal ato, claro, significava guerra. O Senado equipou um exército para marchar contra o rei de Pontos e puni-lo por seu crime. Mas quem seria o comandante-chefe? "Sula", disse o Senado, "porque ele é cônsul". "Marius", disse a multidão, "porque ele foi cônsul cinco vezes e porque é o defensor de nossos direitos.

Quem legisla é a lei. Sula foi escolhido para o comando do exército. Ele foi para o oeste para derrotar Mitrídates e Marius foram para a África. Lá, Marius esperou até ouvir que Sula havia entrado na Ásia. Ele então retornou

à Itália, reuniu uma multidão heterogênea de descontentes, marchou em Roma e entrou na cidade com seus salteadores profissionais, passou cinco dias e cinco noites matando os inimigos do partido senatorial, foi eleito cônsul e morreu prontamente da agitação da última quinzena.

Seguiram-se quatro anos de desordem. Então Sula, tendo derrotado Mitrídates, anunciou que estava pronto para retornar a Roma e acertar algumas contas antigas. Ele era tão bom quanto sua palavra. Durante semanas, seus soldados estavam ocupados executando os de seus compatriotas que eram suspeitos de simpatias democráticas. Um dia eles se apoderaram de um jovem que costumava ser visto na companhia de Marius. Eles iam enforcá-lo quando alguém interferiu. "O menino é muito jovem", disse ele, e eles o soltaram. Seu nome era Júlio César. Você deve encontrá-lo novamente na próxima página.

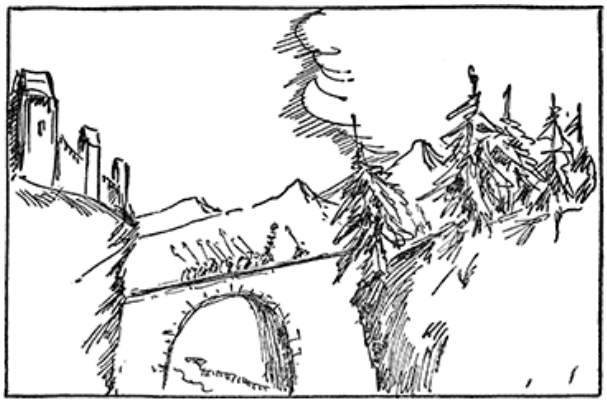
Quanto a Sila, ele se tornou "ditador", que significava o único e supremo governante de todas as posses romanas. Ele governou Roma por quatro anos e morreu em silêncio em sua cama, tendo passado o último ano de sua vida cuidando de seus repolhos, como era costume de tantos romanos que passaram a vida inteira matando seus semelhantes.

Mas as condições não ficaram melhor. Pelo contrário, eles pioraram. Outro general, Cneu Pompeu, ou Pompeu, um amigo íntimo de Sila, foi para o leste renovar a guerra contra os sempre problemáticos Mitridates. Ele dirigiu aquele potentado energético para as montanhas onde Mitrídates tomou veneno e se matou, bem sabendo que destino o esperava como cativo romano. Em seguida, ele restabeleceu a autoridade de Roma sobre a Síria, destruiu Jerusalém, percorreu a Ásia ocidental, tentando reviver o mito de Alexandre, o Grande, e finalmente (no ano 62) retornou a Roma com uma dúzia de navios carregados de derrotados. Reis, príncipes e generais, todos os que foram forçados a marchar na procissão triunfal deste romano extremamente popular que apresentou sua cidade com a quantia de quarenta milhões de dólares em pilhagem.

Era necessário que o governo de Roma fosse colocado nas mãos de um homem forte. Apenas alguns meses antes, a cidade quase caíra nas mãos de um jovem aristocrata preguiçoso que se chamava Catilina, que apostara fora seu dinheiro e esperava se reembolsar por suas perdas por um pequeno saqueio. Cícero, um advogado de espírito público, descobrira a trama,

alertara o Senado e forçara Catilina a fugir. Mas havia outros jovens com ambições semelhantes e não havia tempo para conversa fiada.

Pompeu organizou um triunvirato que deveria encarregar-se dos assuntos. Ele se tornou o líder deste Comitê Vigilante. Caio Júlio César, que havia se tornado famoso como governador da Espanha, era o segundo no comando. O terceiro era uma pessoa indiferente, chamada Crasso. Ele havia sido eleito porque era incrivelmente rico, tendo sido um empreiteiro de sucesso em suprimentos de guerra. Ele logo foi em uma expedição contra os partos e foi morto.



Quanto a César, que era de longe o mais hábil dos três, ele decidiu que precisava de um pouco mais de glória militar para se tornar um herói popular. Ele cruzou os Alpes e conquistou a parte do mundo que agora é chamada de França. Então ele martelou uma ponte de madeira sólida através do Reno e invadiu a terra dos Teutões selvagens. Finalmente ele pegou o navio e visitou a Inglaterra. Os céus sabem onde ele poderia ter terminado se não tivesse sido forçado a voltar para a Itália. Então ele foi informado que Pompeu foi nomeado ditador vitalício. Isto, naturalmente, significava que César seria colocado na lista dos "oficiais aposentados", e a idéia não lhe atraía. Ele lembrou que ele havia começado a vida como um seguidor de Marius. Ele decidiu ensinar os senadores e seu "ditador" outra lição. Ele cruzou o rio Rubicão, que separava a província da Gália na Cis-alpina da Itália. Em toda lugar ele era recebido como o "amigo do povo". Sem dificuldade, César entrou em Roma e Pompeu fugiu para a Grécia. César o seguiu e derrotou seus seguidores perto de Farsalo. Pompeu atravessou o Mediterrâneo e escapou para o Egito. Quando ele desembarcou, ele foi assassinado por ordem do jovem rei Ptolomeu. Alguns dias depois, Caesar chegou. Ele se viu preso em uma armadilha. Tanto os

egípcios quanto a guarnição romana, que permanecera fiel a Pompeu, atacaram seu acampamento.

A sorte estava com César. Ele conseguiu atear fogo à frota egípcia. A propósito, as faíscas dos vasos em chamas caíram no telhado da famosa biblioteca de Alexandria (que ficava perto da frente da água) e a destruíram. Em seguida, ele atacou o exército egípcio, levou os soldados ao Nilo, afogou Ptolomeu e estabeleceu um novo governo sob Cleópatra, a irmã do falecido rei. Foi então que chegou a notícia de que Fárnaces, o filho e herdeiro de Mitrídates, entrara no caminho da guerra. César marchou para o norte, derrotou Fárnaces em uma guerra que durou cinco dias, mandou avisar a sua vitória a Roma na famosa sentença "veni, vidi, vici", que é latim para "vim, vi, venci".

Então, César apareceu no Senado para relatar suas aventuras, e o agradecido Senado o tornou "ditador" por dez anos. Foi um passo fatal.

O novo ditador fez sérias tentativas de reformar o estado romano. Ele possibilitou que os homens livres se tornassem membros do Senado. Ele conferiu os direitos de cidadania a comunidades distantes, como havia sido feito nos primórdios da história romana. Ele permitiu que "estrangeiros" exercessem influência sobre o governo. Reformou a administração das províncias distantes que certas famílias aristocráticas passaram a considerar como suas posses particulares. Em suma, ele fez muitas coisas para o bem da maioria das pessoas, mas que o tornaram totalmente impopular com os homens mais poderosos do estado. Meia centena de jovens aristocratas formaram um complô para "salvar a República". Nos idos de março (quinze de março, segundo o novo calendário que César trouxera do Egito), César foi assassinado quando entrou no Senado. Mais uma vez Roma estava sem um mestre.



Havia dois homens que tentaram continuar a tradição da glória de César. Um era Antônio, seu ex-secretário. O outro era Otaviano, sobrinho-neto de César e herdeiro de sua propriedade. Otávio permaneceu em Roma, mas Antônio foi ao Egito para ficar perto de Cleópatra, com quem também se apaixonara, como parece ter sido o hábito dos generais romanos.

Uma guerra eclodiu entre os dois. Na batalha de Áccio, Otaviano derrotou Antônio. Antônio se matou e Cleópatra ficou sozinha para enfrentar o inimigo. Ela tentou muito fazer de Octaviano sua terceira conquista romana. Quando ela viu que não poderia causar nenhuma impressão sobre este aristocrata muito orgulhoso, ela se matou, e o Egito se tornou uma província romana.

Quanto a Otaviano, ele era um jovem muito sábio e não repetiu o erro de seu famoso tio. Ele sabia como as pessoas iriam reagir com a notícia. Ele era muito modesto em suas demandas quando retornou a Roma. Ele não queria ser um "ditador". Ele ficaria totalmente satisfeito com o título de "o honorável". Mas quando o Senado, alguns anos depois, se dirigiu a ele

como Augusto — o Ilustre — ele não se opôs e alguns anos depois o homens comuns o chamavam de César, ou Kaiser, enquanto os soldados, acostumados a considerar Otaviano como seu comandante em chefe se referiam a ele como Chefe, O Imperador ou mesmo Imperador. A República tornou-se um Império, mas o romano médio mal sabia do fato.

Em 14 d.C., sua posição como o Governante Absoluto do povo romano havia se tornado tão bem estabelecida que ele se tornou um objeto daquele culto divino que até então havia sido reservado para os deuses. E seus sucessores eram verdadeiros "imperadores" — os governantes absolutos do maior império que o mundo já havia visto.

Se a verdade fosse dita, o cidadão comum estava doente e cansado de anarquia e desordem. Ele não se importava com quem o governava, desde que o novo mestre lhe desse a chance de viver em silêncio e sem o barulho de tumultos eternos de rua. Otaviano assegurou aos seus súditos quarenta anos de paz. Não desejava ampliar as fronteiras de seus domínios. No ano 9 d.C., ele havia contemplado uma invasão do deserto do noroeste, habitada pelos teutões. Mas Varus, seu general, havia sido morto com todos os seus homens nas florestas de Teutoburgo, e depois disso os romanos não fizeram mais tentativas de civilizar essas pessoas selvagens.

Concentraram seus esforços no gigantesco problema da reforma interna. Mas era tarde demais para fazer muito bem. Dois séculos de revoluções e guerras estrangeiras haviam repetidamente matado os melhores homens entre as gerações mais jovens. Isso arruinou a classe dos fazendeiros livres. Introduziu o trabalho escravo, contra o qual nenhum homem livre poderia esperar competir. Transformara as cidades em colmeias habitadas por multidões de camponeses fugitivos, pauperizadas e doentias. Criara uma grande burocracia — funcionários mesquinhos que eram mal pagos e que eram forçados a aceitar subornos para comprar pão e roupas para suas famílias. O pior de tudo, tinha acostumado as pessoas à violência, ao derramamento de sangue, a um prazer bárbaro na dor e sofrimento dos outros.

Externamente, o estado romano durante o primeiro século de nossa era foi uma magnífica estrutura política, tão grande que o império de Alexandre se tornou uma de suas províncias menores. Sob essa glória viviam milhões e milhões de seres humanos pobres e cansados, labutando como formigas que construíram um ninho sob uma pedra pesada. Eles trabalharam para o

benefício de outra pessoa. Eles compartilhavam sua comida com os animais dos campos. Eles viviam em estábulos. Eles morreram sem esperança.

Era o setecentos e cinquenta e três anos desde a fundação de Roma. Caio Júlio César Otaviano Augusto estava morando no palácio do Monte Palatino, ocupada com a tarefa de governar seu império.

OceanofPDF.com

JESUS DE NAZARÉ

A história de Joshua de nazaré, a qual os gregos chamam a Jesus

No outono do ano da cidade 815 (que seria 62 d.C., em nossa maneira de contar o tempo), Esculápio Cultellus, um médico romano, escreveu ao seu sobrinho que estava com o exército na Síria da seguinte forma:

Meu querido sobrinho

Alguns dias atrás, fui chamado para prescrever um homem doente chamado Paulo. Ele parecia ser um cidadão romano de origem judaica, bem educado e de maneiras agradáveis. Disseram-me que ele estava aqui por causa de um processo judicial, um apelo de um de nossos tribunais provinciais, Cesaréia ou algum outro lugar no leste do Mediterrâneo. Ele havia sido descrito para mim como um sujeito "selvagem e violento" que vinha fazendo discursos contra o povo e contra a lei. Eu o achei muito inteligente e de grande honestidade.

Um amigo meu que costumava estar com o exército na Ásia Menor disse-me que ouviu algo sobre ele em Éfeso, onde pregava sermões sobre um novo Deus estranho. Perguntei ao meu paciente se isso era verdade e se ele havia dito ao povo que se rebelasse contra a vontade do nosso amado Imperador. Paulo me respondeu que o reino de que ele havia falado não era deste mundo e acrescentou muitas expressões estranhas que eu não entendia, mas que provavelmente se deviam à febre dele.

Sua personalidade causou uma grande impressão em mim e lamento saber que ele foi morto na estrada de Ostian há alguns dias. Por isso estou escrevendo esta carta para você. Quando você visitar Jerusalém, quero que você descubra algo sobre meu amigo Paulo e o estranho profeta judeu, que parece ter sido seu professor. Nossos escravos estão muito entusiasmados com o chamado Messias, e alguns deles, que falavam abertamente do novo reino (seja lá o que isso signifique), foram crucificados. Eu gostaria de saber a verdade sobre todos esses rumores e eu sou seu devotado tio.

Esculápio Cultellus.

Seis semanas depois, Gladius Ensa, o sobrinho, capitão da VII Infantaria Gálica, respondeu o seguinte:

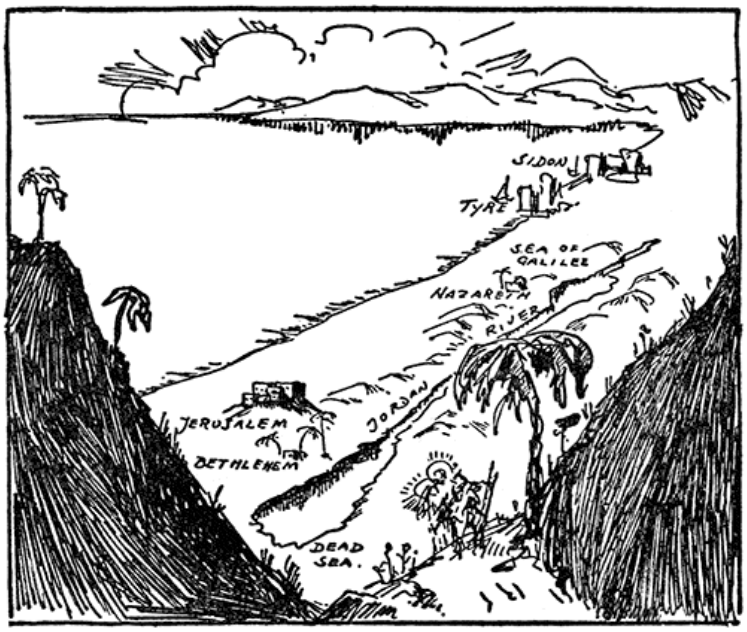
Meu querido tio

Recebi sua carta e cumpri suas instruções.

Duas semanas atrás nossa brigada foi enviada para Jerusalém. Houve várias revoluções durante o século passado e não resta muito da antiga cidade. Estamos aqui há um mês e amanhã continuaremos nossa marcha até Petra, onde houve problemas com algumas tribos árabes. Vou usar esta noite para responder suas perguntas, mas não espere um relatório detalhado.

Conversei com a maioria dos homens mais velhos desta cidade, mas poucos conseguiram me dar alguma informação definitiva. Alguns dias atrás, um vendedor ambulante chegou ao acampamento. Eu comprei algumas de suas azeitonas e perguntei se ele já tinha ouvido falar do famoso Messias que foi morto quando era jovem. Ele disse que se lembrava muito claramente, porque seu pai o levara para o Gólgota (uma colina fora da cidade) para ver a execução e mostrar-lhe o que aconteceu com os inimigos das leis do povo da Judéia. Ele me deu o endereço de um certo José, que havia sido um amigo pessoal do Messias e disse que era melhor eu ir vê-lo se quisesse saber mais.

Esta manhã fui chamar o José. Ele era um homem bastante velho. Ele tinha sido pescador em um dos lagos de água doce. Sua memória era clara e, por fim, recebi um relato bem definido do que acontecera durante os incômodos dias antes de eu nascer.



Tibério, nosso grande e glorioso imperador, estava no trono, e um oficial de nome de Pôncio Pilatos era governador da Judéia e Samaria. José sabia pouco sobre esse Pilatos. Ele parecia ter sido um oficial bastante honesto, que deixou uma reputação decente como procurador da província. No ano 783 ou 784 (José tinha esquecido quando) Pilatos foi chamado para Jerusalém por causa de um motim. Um certo jovem (o filho de um carpinteiro de Nazaré) disse estar planejando uma revolução contra o governo romano. Por incrível que pareça, nossos próprios oficiais da inteligência, que geralmente são bem informados, parecem não ter ouvido nada sobre isso, e quando investigaram o assunto, eles relataram que o carpinteiro era um excelente cidadão e que não havia razão para proceder contra ele. Mas os líderes antiquados da fé judaica, de acordo com José, ficaram muito chateados. Eles não gostavam muito de sua popularidade com as massas dos hebreus mais pobres. O "nazareno" (assim disseram a Pilatos) declarara publicamente que um grego, um romano ou mesmo um filisteu, que tentava viver uma vida decente e honrada, era tão bom quanto um judeu que passava seus dias estudando as antigas leis de Moisés. Pilatos não parece ter ficado impressionado com esse argumento, mas quando as multidões ao redor do templo ameaçaram linchar Jesus e matar todos os seus seguidores, ele decidiu levar o carpinteiro sob custódia para salvar sua vida.

Ele não parece ter entendido a verdadeira natureza da discussão. Sempre que ele pedia aos padres judeus que explicassem suas queixas, eles gritavam "heresia" e "traição" e ficavam terrivelmente empolgados. Finalmente, José me disse, Pilatos mandou chamar Joshua (que era o nome do Nazareno, mas os gregos que vivem nesta parte do mundo sempre se referem a ele como Jesus) para interrogá-lo pessoalmente. Pilatos conversou com ele por várias horas. Ele perguntou-lhe sobre as "doutrinas perigosas" que ele dizia ter pregado nas margens do mar da Galiléia. Mas Jesus respondeu que ele nunca se referiu à política. Ele não estava muito interessado nos corpos dos homens mas na alma do homem.

Pilatos, que parece ter sido bem versado nas doutrinas dos estóicos e dos outros filósofos gregos, não parece ter descoberto nada sedicioso na conversa de Jesus. De acordo com meu informante, ele fez outra tentativa de salvar a vida do gentil profeta. Ele continuou colocando a execução fora de campo. Enquanto isso, os sacerdotes fizeram o povo judeu ficar furioso de raiva. Houve muitos tumultos em Jerusalém antes disso e havia apenas alguns soldados romanos à distância. Relatórios estavam sendo enviados às autoridades romanas em Cesaréia que Pilatos havia "sido vítima dos ensinamentos do Nazareno". As petições estavam sendo circuladas por toda a cidade para que Pilatos se lembrasse, porque ele era um inimigo do imperador. Você sabe que nossos governadores têm instruções estritas para evitar uma ruptura aberta com seus súditos estrangeiros. Para salvar o país da guerra civil, Pilatos finalmente sacrificou seu prisioneiro, Jesus.

Foi o que José me disse, com lágrimas escorrendo por suas bochechas velhas. Dei-lhe uma moeda de ouro quando o deixei, mas ele recusou e pediu-me para entregá-lo a alguém mais pobre do que ele. Também fiz algumas perguntas sobre seu amigo Paulo. Ele o conhecera ligeiramente. Ele parece ter sido um fabricante de tendas que desistiu de sua profissão para pregar as palavras de um Deus que ama e perdoa, que era muito diferente daquele Jeová de quem os sacerdotes judeus estão nos dizendo o tempo todo. Posteriormente, Paulo parece ter viajado muito na Ásia Menor e na Grécia, dizendo aos escravos que todos eram filhos de um Pai amoroso e que a felicidade esperava por todos.

Espero ter respondido às suas perguntas para sua satisfação. A história toda parece muito inofensiva para mim no que diz respeito à segurança do

Estado. Mas então, nós romanos nunca fomos capazes de entender o povo desta província. Lamento que eles tenham matado seu amigo Paulo. Eu gostaria de estar em casa novamente, e eu sou, como sempre,
seu sobrinho obediente.

Gladius Ensa.

OceanofPDF.com

A QUEDA DE ROMA

O apagar de Roma

Os livros de texto da história antiga dão a data de 476 como o ano em que Roma caiu, porque naquele ano o último imperador foi expulso de seu trono. Mas Roma, que não foi construída em um dia, demorou a cair. O processo foi tão lento e tão gradual que a maioria dos romanos não percebia como seu velho mundo estava chegando ao fim. Queixaram-se da agitação dos tempos — reclamaram dos altos preços dos alimentos e dos baixos salários dos operários — amaldiçoaram os aproveitadores que detinham o monopólio dos grãos, da lã e das moedas de ouro. Ocasionalmente eles se rebelaram contra um governador excepcionalmente voraz.

Como eles poderiam perceber o perigo ameaçado? Roma fez uma boa demonstração da glória exterior. Estradas bem pavimentadas ligavam as diferentes províncias, a polícia imperial era ativa e mostrava pouca ternura por salteadores de estrada. A fronteira estava bem guardada contra as tribos selvagens que pareciam estar ocupando as terras devastadas do norte da Europa. O mundo inteiro prestava homenagem à poderosa cidade de Roma, e muitos homens capazes estavam trabalhando dia e noite para desfazer os erros do passado e trazer um retorno às condições mais felizes do início da República.

Mas as causas subjacentes da decadência do Estado, de que falei em um capítulo anterior, não foram removidas e a reforma, portanto, era impossível.

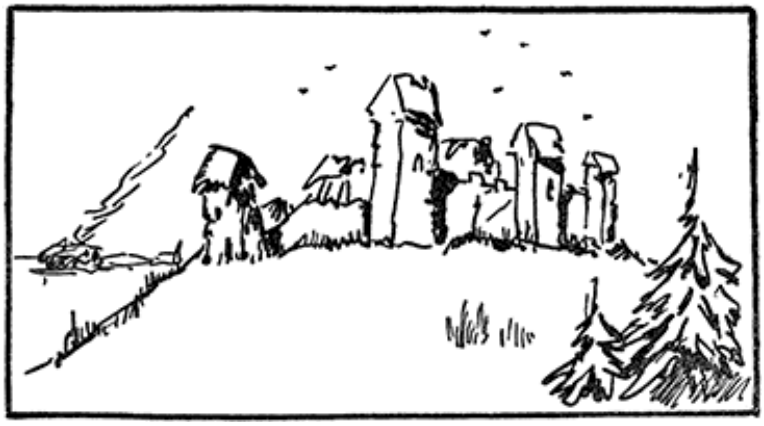
Roma era, primeiro e por último e o tempo todo, uma cidade-estado, assim como Atenas e Corinto tinham sido cidades-estados na antiga Hélade. Conseguira dominar a península italiana. Mas Roma, como governante de todo o mundo civilizado, era uma impossibilidade política e não poderia perdurar. Seus jovens homens foram mortos em suas intermináveis guerras. Seus fazendeiros foram arruinados pelo longo serviço militar e pela taxação. Eles ou se tornaram mendigos profissionais ou se alugaram a ricos proprietários de terras que lhes deram pensão e alojamento em troca de seus serviços e os tornaram "servos", aqueles

infelizes seres humanos que não são nem escravos nem homens livres, mas que se tornaram parte do solo que eles trabalhavam, como as muitas vacas e árvores.

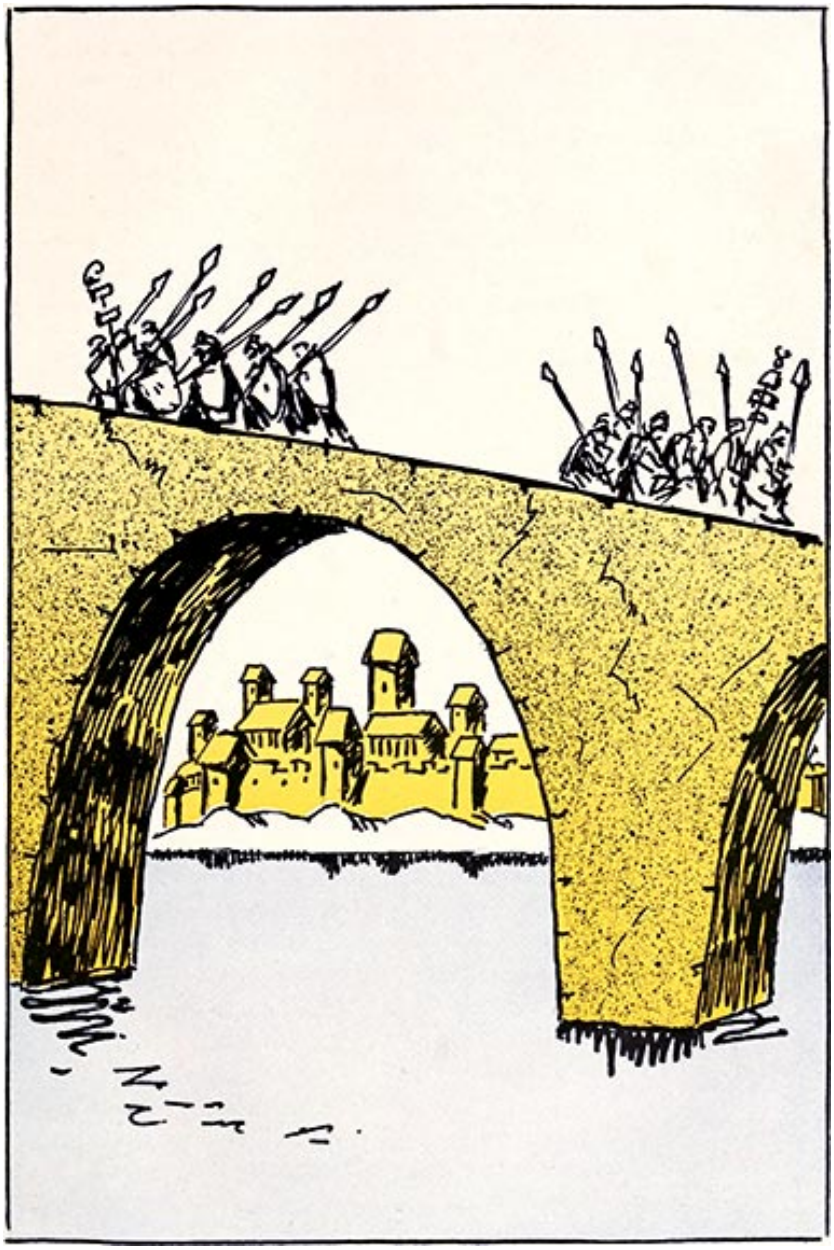
O Império, o Estado, tornou-se tudo. O cidadão comum havia diminuído para menos do que nada. Quanto aos escravos, eles ouviram as palavras que foram ditas por Paulo. Eles aceitaram a mensagem do humilde carpinteiro de Nazaré. Eles não se rebelaram contra seus senhores. Pelo contrário, eles foram ensinados a serem mansos e obedeceram a seus superiores. Mas eles perderam todo o interesse pelos assuntos deste mundo que provaram ser um local de morada tão miserável. Eles estavam dispostos a lutar a boa luta para que pudessem entrar no Reino dos Céus. Mas eles não estavam dispostos a se engajar na guerra em benefício de um imperador ambicioso que aspirava à glória por meio de uma campanha estrangeira na terra dos partos, dos númidas ou dos escoceses.

E assim as condições pioraram com o passar dos séculos. Os primeiros imperadores continuaram a tradição de "liderança" que dera aos antigos chefes tribais tal influência sobre seus súditos. Mas os imperadores do segundo e terceiro séculos eram imperadores de quarteis, soldados profissionais, que existiam pela graça de seus seguranças, os chamados pretorianos. Eles sucederam um ao outro com rapidez aterrorizante, assassinando seu caminho para dentro do palácio e sendo assassinados assim que seus sucessores se tornassem ricos o suficiente para subornar os guardas em uma nova rebelião.

Enquanto isso, os bárbaros estavam martelando os portões da fronteira norte. Como não havia mais exércitos romanos nativos para impedir seu progresso, mercenários estrangeiros tiveram que ser contratados para combater o invasor. Como o soldado estrangeiro era do mesmo sangue que seu suposto inimigo, ele era capaz de ser bastante tolerante quando se engajava na batalha. Finalmente, a título experimental, algumas tribos foram autorizadas a se estabelecer dentro dos limites do Império. Outros seguiram. Logo, essas tribos reclamaram amargamente dos cobiçosos coletores de impostos romanos, que levaram seu último centavo. Quando não receberam nenhuma reparação, marcharam para Roma e exigiram em voz alta que fossem ouvidos.



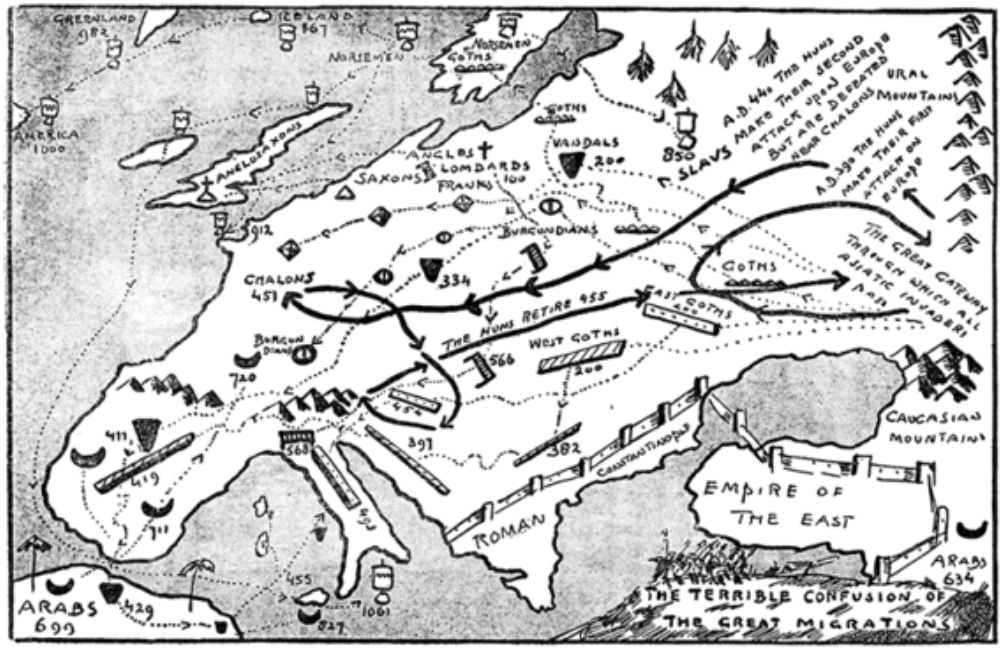
Isso deixou Roma muito insustentável como uma residência imperial. Constantino (que governou de 323 a 337) procurou uma nova capital. Ele escolheu Bizâncio, o portão do comércio entre a Europa e a Ásia. A cidade foi renomeada como Constantinopla e a corte mudou-se para o leste. Quando Constantino morreu, seus dois filhos, em prol de uma administração mais eficiente, dividiram o Império entre eles. O mais velho vivia em Roma e governava no ocidente. O mais novo ficou em Constantinopla e foi mestre do oriente.



Então veio o quarto século e a terrível visitação dos hunos, aqueles misteriosos cavaleiros asiáticos que por mais de dois séculos se mantiveram no norte da Europa e continuaram sua carreira de derramamento de sangue até serem derrotados perto de Chalons-sur-Marne na França no ano 451 Assim que os hunos alcançaram o Danúbio, começaram a pressionar duramente os godos. Os godos, para se salvar, foram obrigados a invadir Roma. O imperador Valente tentou detê-los, mas foi morto perto de Adrianópolis no ano 378. Vinte e dois anos depois, sob o rei deles, Alarico, esses mesmos godos ocidentais marcharam para oeste e atacaram

Roma. Eles não só saquearam mas também destruíram alguns palácios. Em seguida vieram os vândalos, e mostrou menos respeito pelas veneráveis tradições da cidade. Então os borgonheses. Então os godos orientais. Então o Alemanni. Então os francos. Não havia fim para as invasões. Roma, finalmente, estava à mercê de todos os ambiciosos ladrões de estrada que conseguiam reunir alguns seguidores.

No ano 402 o Imperador fugiu para Ravena, que era um porto marítimo e fortemente fortificado, e lá, no ano 475, Odoacro, comandante de um regimento dos mercenários alemães, queria que as fazendas da Itália fossem divididas entre si. Gentilmente, mas efetivamente retirou Rómulo Augusto, o último dos imperadores que governou a divisão ocidental, de seu trono, e proclamou-se Patriarca ou governante de Roma. O imperador do leste, que estava muito ocupado com seus próprios negócios, reconheceu-o e, por dez anos, Odoacro governou o que restava das províncias ocidentais.



Alguns anos depois, Teodorico, rei dos godos orientais, invadiu o recém formado Patriciado, tomou Ravena, assassinou Odoacro em sua própria mesa de jantar e estabeleceu um reino gótico em meio às ruínas da parte ocidental do Império. Este estado Patrício não durou muito tempo. No século VI, uma multidão heterogênea de longobardos, saxões, eslavos e ávaros invadiu a Itália, destruiu o reino gótico e estabeleceu um novo estado do qual Pavia se tornou a capital.

Então, finalmente, a cidade imperial mergulhou em um estado de absoluta negligência e desespero. Os antigos palácios haviam sido saqueados repetidas vezes. As escolas foram queimadas. Os professores haviam morrido de fome. As pessoas ricas tinham sido expulsas de suas vilas, que agora eram habitadas por bárbaros mal-cheirosos e peludos. As estradas haviam caído em decadência. As antigas pontes haviam desaparecido e o comércio chegara a um impasse. A civilização — o produto de milhares de anos de trabalho paciente por parte dos egípcios, babilônios, gregos e romanos, que elevaram o homem acima dos mais ousados sonhos de seus primeiros antepassados, ameaçou perecer do continente ocidental.

É verdade que, no extremo oriente, Constantinopla continuou a ser o centro de um império por mais mil anos. Mas isso dificilmente contava como parte do continente europeu. Seus interesses estavam no leste. Começou a esquecer sua origem ocidental. Aos poucos, a língua romana foi abandonada pelo grego. O alfabeto romano foi descartado e a lei romana foi escrita em caracteres gregos e explicada por juízes gregos. O imperador tornou-se um déspota asiático, adorado como os reis de Tebas haviam sido adorados no vale do Nilo, três mil anos antes. Quando os missionários da Igreja Bizantina procuraram novos campos de atividade, foram para o leste e levaram a civilização de Bizâncio para o vasto deserto da Rússia.

Quanto ao ocidente, foi deixado para as misericórdias dos bárbaros. Por doze gerações, assassinato, guerra, incêndio criminoso, saques foram a ordem do dia. Uma coisa — e apenas uma coisa — salvou a Europa da completa destruição, de um retorno aos dias dos homens das cavernas e da hiena.

Esta era a igreja — o rebanho de homens e mulheres humildes que durante muitos séculos se confessaram os seguidores de Jesus, o carpinteiro de Nazaré, que havia sido morto para que o poderoso Império Romano pudesse ser poupado de um pequeno tumulto em uma pequena cidade em algum lugar ao longo da fronteira síria.

OceanofPDF.com

A ASCENSÃO DA IGREJA

Como Roma se tornou o centro do mundo cristão

O romano inteligente médio que vivia sob o Império tinha pouco interesse pelos deuses de seus pais. Algumas vezes por ano ele ia ao templo, mas apenas por uma questão de costume. Ele olhou pacientemente quando as pessoas celebravam uma festa religiosa com uma procissão solene. Mas ele considerava a adoração de Júpiter e Minerva e Netuno como algo bastante infantil, uma sobrevivência dos primitivos dias da primitiva república e não um objeto de estudo adequado para um homem que dominara as obras dos estóicos e dos epicuristas e dos outros grandes filósofos de Atenas.

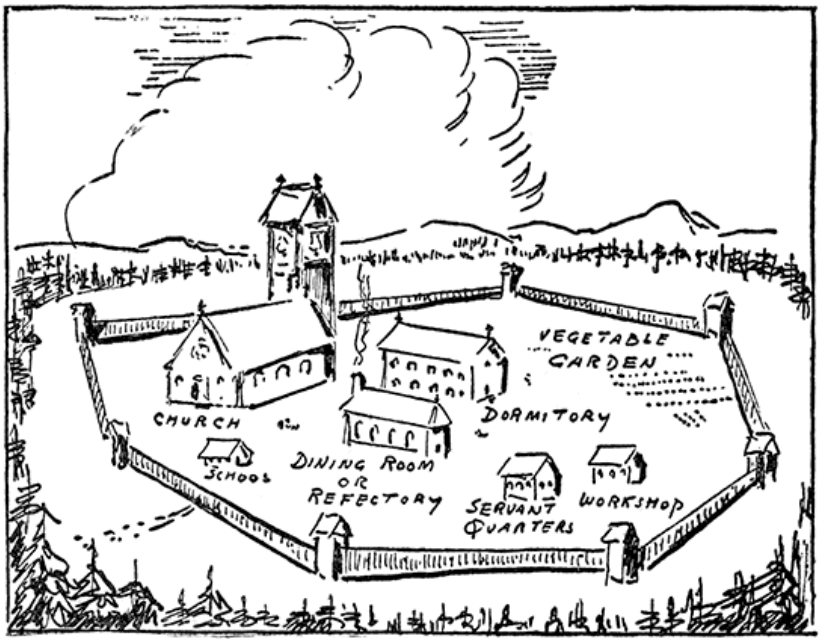
Essa atitude fez do romano um homem muito tolerante. O governo insistiu que todas as pessoas, romanos, estrangeiros, gregos, babilônios, judeus, deveriam prestar um certo respeito externo à imagem do imperador que deveria estar em todos os templos, assim como a imagem do presidente dos Estados Unidos é apto para se exbir em um selo de correio americano. Mas esta era uma formalidade sem qualquer significado mais profundo. De um modo geral, todos podiam honrar, reverenciar e adorar os deuses que quisessem e, como resultado, Roma estava cheia de pequenos templos e sinagogas de todo tipo, dedicados à adoração de divindades egípcias, africanas e asiáticas.

Quando os primeiros discípulos de Jesus chegaram a Roma e começaram a pregar sua nova doutrina de uma irmandade universal do homem, ninguém objetou. O homem da rua parou e ouviu Roma, a capital do mundo, sempre estar cheia de pregadores errantes, cada um proclamando seu próprio "mistério". A maioria dos sacerdotes auto-nomeados apelou para os sentidos — prometeu recompensas de ouro e prazer sem fim aos seguidores de seu próprio deus particular. Logo a multidão na rua notou que os chamados cristãos (os seguidores do Cristo ou "ungido") falavam uma língua muito diferente. Eles não pareciam impressionados com grandes riquezas ou uma posição nobre. Eles exaltavam as belezas da pobreza, da

humildade e da mansidão. Essas não eram exatamente as virtudes que fizeram de Roma a amante do mundo. Foi muito interessante ouvir um "mistério" que dizia às pessoas no auge de sua glória que seu sucesso mundano não lhes traria felicidade duradoura.

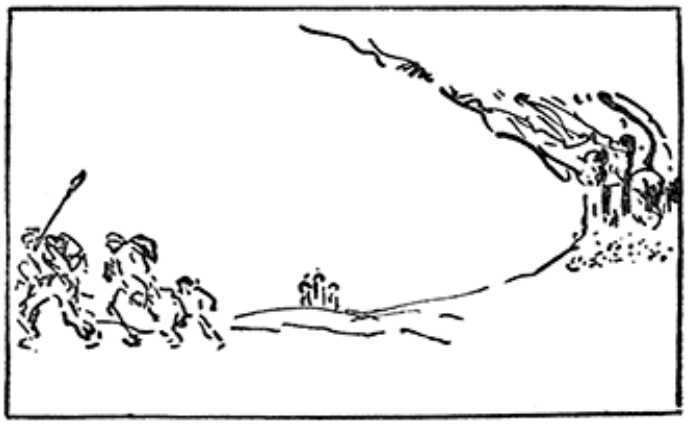
Além disso, os pregadores do mistério cristão contavam histórias terríveis do destino que aguardava aqueles que se recusavam a ouvir as palavras do verdadeiro Deus. Nunca foi sábio arriscar. É claro que os antigos deuses romanos ainda existiam, mas será que eles eram fortes o suficiente para proteger seus amigos contra os poderes dessa nova divindade que havia sido trazida da Ásia para a Europa? As pessoas começaram a ter dúvidas. Eles voltaram para ouvir mais explicações do novo credo. Depois de um tempo, eles começaram a encontrar os homens e mulheres que pregavam as palavras de Jesus. Eles os acharam muito diferentes dos padres romanos comuns. Eles eram todos terrivelmente pobres e gentis com os escravos e com os animais. Eles não tentaram obter riquezas, mas deram tudo o que tinham. O exemplo de suas vidas desinteressadas forçou muitos romanos a abandonar a antiga religião. Eles se juntaram às pequenas comunidades de cristãos que se reuniam nos fundos de casas particulares ou em algum lugar em um campo aberto, e os templos antigos ficavam desertos.

Isso aconteceu ano após ano e o número de cristãos continuou a aumentar. Presbíteros ou sacerdotes (o grego original significava "ancião") eram eleitos para guardar os interesses das pequenas igrejas. Um bispo foi nomeado chefe de todas as comunidades de uma única província. Pedro, que seguira Paulo a Roma, foi o primeiro bispo de Roma. No devido tempo, seus sucessores (que foram chamados de Pai ou Papai) vieram a ser conhecidos como Papas.



A igreja tornou-se uma instituição poderosa dentro do Império. As doutrinas cristãs apelavam para aqueles que se desesperavam deste mundo. Elas também atraíram muitos homens fortes que acharam impossível fazer uma carreira sob o governo imperial, mas que podiam exercer seus dons de liderança entre os humildes seguidores do mestre nazareno. Por fim, o Estado foi obrigado a prestar atenção. O Império Romano (já disse isso antes) foi tolerante por indiferença. Permitiu que todos buscassem a salvação de acordo com sua própria maneira. Mas insistiu que as diferentes seitas mantivessem a paz entre si e obedecessem ao sábio domínio de "viva e deixe viver".

As comunidades cristãs, no entanto, se recusaram a praticar qualquer tipo de tolerância. Eles declararam publicamente que seu Deus, e somente seu Deus, era o verdadeiro governante do Céu e da Terra, e que todos os outros deuses eram impostores. Isso parecia injusto para as outras seitas e a polícia desencorajava tais declarações. Os cristãos persistiram.



Logo houve mais dificuldades. Os cristãos se recusaram a passar pelas formalidades de prestar homenagem ao imperador. Eles se recusaram a aparecer quando foram chamados para se juntar ao exército. Os magistrados romanos ameaçaram puni-los. Os cristãos responderam que este mundo miserável era apenas a antessala de um Céu muito agradável e que eles estavam mais do que dispostos a sofrer a morte por seus princípios. Os romanos, intrigados com tal conduta, às vezes matavam os ofensores, mas com mais frequência não o faziam. Houve uma certa quantidade de linchamentos durante os primeiros anos da igreja, mas esse foi o trabalho daquela parte da turba que acusou seus humildes vizinhos cristãos de todos os crimes imagináveis (como abater e comer bebês, causar doenças e pestilências), porque era um esporte inofensivo e desprovido de perigo, pois os cristãos se recusavam a revidar.

Enquanto isso, Roma continuou a ser invadida pelos bárbaros e, quando seus exércitos falharam, os missionários cristãos saíram para pregar seu evangelho da paz aos selvagens teutões. Os missionários eram homens fortes sem medo da morte. Eles falavam uma língua que não deixava dúvidas quanto ao futuro dos pecadores não arrependidos. Os teutões ficaram profundamente impressionados. Eles ainda tinham um profundo respeito pela sabedoria da antiga cidade de Roma. Ele pensava que aqueles homens eram romanos e que eles provavelmente falavam a verdade. Logo, o missionário cristão tornou-se um poder nas regiões selvagens dos teutões e dos francos. Meia dúzia de missionários era tão valiosa quanto um regimento inteiro de soldados. Os imperadores começaram a entender que o cristão poderia ser de grande utilidade para eles. Em algumas províncias eles receberam direitos iguais aos que permaneceram fiéis aos antigos

deuses. A grande mudança no entanto veio durante a última metade do quarto século.

Constantino, às vezes (o céu sabe o porquê) chamado Constantino, o Grande, foi imperador. Ele era um rufião terrível, mas pessoas de qualidades tenras dificilmente poderiam esperar sobreviver naquela era de luta dura. Durante uma carreira longa e quadriculada, Constantino experimentou muitos altos e baixos. Uma vez, quando quase derrotado por seus inimigos, ele pensou que tentaria o poder dessa nova divindade asiática de quem todos estavam falando. Ele prometeu que ele também se tornaria um cristão se fosse bem sucedido na próxima batalha. Ele ganhou a vitória e depois disso ele foi convencido do poder do Deus cristão e se permitiu ser batizado.

Daquele momento em diante, a igreja cristã foi oficialmente reconhecida e isso fortaleceu grandemente a posição da nova fé.

Mas os cristãos ainda formavam uma minoria muito pequena de todo o povo (não mais do que cinco ou seis por cento) e, para vencer, eram obrigados a recusar qualquer compromisso. Os antigos deuses deveriam ser destruídos. Por um breve período, o imperador Juliano, um amante da sabedoria grega, conseguiu salvar os Deuses pagãos de mais destruição. Mas Juliano morreu de seus ferimentos durante uma campanha na Pérsia e seu sucessor Joviano restabeleceu a igreja em toda a sua glória. Um após o outro, as portas dos antigos templos foram então fechadas. Então veio o imperador Justiniano (que construiu a igreja de Santa Sofia em Constantinopla), que interrompeu a escola de filosofia em Atenas, fundada por Platão.

Esse foi o fim do velho mundo grego, no qual o homem foi autorizado a pensar seus próprios pensamentos e sonhar seus próprios sonhos de acordo com seus desejos. As regras de conduta um tanto vagas dos filósofos provaram ser uma bússola pobre para guiar o navio da vida após um dilúvio de selvageria e ignorância ter varrido a ordem estabelecida das coisas. Havia necessidade de algo mais positivo e mais definido. Isto a Igreja providenciou.

Durante uma época em que nada era certo, a igreja permaneceu como uma rocha e nunca recuou dos princípios que considerava verdadeiros e sagrados. Esta coragem constante ganhou a admiração das multidões e

levou a igreja de Roma em segurança através das dificuldades que destruíram o estado romano.

Houve, no entanto, um certo elemento de sorte no sucesso final da fé cristã. Após o desaparecimento do reino romano-gótico de Teodorico, no quinto século, a Itália estava relativamente livre de invasões estrangeiras. Os lombardos e saxões e eslavos que sucederam os godos foram tribos fracas e atrasadas. Nessas circunstâncias, era possível que os bispos de Roma mantivessem a independência de sua cidade. Logo os remanescentes do império, espalhados pela península, reconheceram os Duques de Roma (ou bispos) como seus governantes políticos e espirituais.

O palco estava montado para o aparecimento de um homem forte. Ele veio no ano 590 e seu nome era Gregório. Ele pertencia às classes dominantes da Roma antiga, e ele era "pre-feito" ou prefeito da cidade. Então ele se tornou um monge e um bispo e finalmente, e contra sua vontade (porque ele queria ser um missionário e pregar o cristianismo aos pagãos da Inglaterra), ele foi arrastado para a Igreja de São Pedro para ser nomeado Papa. Ele governou apenas quatorze anos, mas quando morreu, o mundo cristão da Europa ocidental reconheceu oficialmente os bispos de Roma, os papas, como o chefe de toda a igreja.

Este poder, no entanto, não se estendeu para o leste. Em Constantinopla, os imperadores continuaram o antigo costume que reconhecera os sucessores de Augusto e Tibério como chefe do governo e como Sumo Sacerdote da religião fundada. No ano de 1453, o Império Romano do Oriente foi conquistado pelos turcos. Constantinopla foi tomada, e Constantino Dragases, o último imperador romano, foi morto nos degraus da Igreja da Santa Sofia.

Alguns anos antes, Zoe, filha de seu irmão Tomás, havia se casado com Ivan III, da Rússia. Deste modo, os grão-duques de Moscou foram herdeiros das tradições de Constantinopla. A águia-dupla do antigo Bizâncio (reminiscente dos dias em que Roma fora dividida em parte oriental e ocidental) tornou-se o brasão da Rússia moderna. O czar, que fora apenas o primeiro dos nobres russos, assumiu a indiferença e a dignidade de um imperador romano, diante do qual todos os súditos, tanto altos quanto baixos, eram escravos desprezíveis.

A corte foi remodelada de acordo com o padrão oriental que os imperadores orientais haviam importado da Ásia e do Egito e que (de modo que se lisonjeavam) se assemelhava à corte de Alexandre, o Grande. Esta herança estranha que o Império Bizantino moribundo legou a um mundo desavisado continuou a viver com grande vigor por mais seis séculos, em meio às vastas planícies da Rússia. O último homem a usar a coroa com a dupla águia de Constantinopla, o czar Nicolau, foi assassinado apenas no outro dia, por assim dizer. Seu corpo foi jogado em um poço. Seu filho e suas filhas foram todos mortos. Todos os seus antigos direitos e prerrogativas foram abolidos, e a igreja foi reduzida à posição que ocupara em Roma antes dos dias de Constantino.

A igreja oriental, no entanto, se saiu muito diferente, como veremos no próximo capítulo, quando todo o mundo cristão será ameaçado de destruição pelo credo rival de um condutor árabe de camelos.

OceanofPDF.com

MAOMÉ

Ahmed, o condutor de camelos, que se tornou o profeta do deserto árabe e ao qual seus seguidores conquistaram todo o mundo conhecido para a glória de Alá

Desde os dias de Cartago e Aníbal, nada dissemos sobre o povo semita. Você se lembrará de como eles preencheram todos os capítulos dedicados à história do mundo antigo. Os babilônios, os assírios, os fenícios, os judeus, os arameus, os caldeus, todos eles semitas, haviam sido os governantes da Ásia ocidental durante trinta ou quarenta séculos. Foram conquistados pelos persas indo-europeus que vieram do leste e pelos gregos indo-europeus que vieram do oeste. Cem anos após a morte de Alexandre, o Grande, Cartago, uma colônia de fenícios semitas, havia combatido os romanos indo-europeus pelo domínio do Mediterrâneo. Cartago fora derrotado e destruído e, durante oitocentos anos, os romanos haviam sido mestres do mundo. No século VII, no entanto, outra tribo semita apareceu e desafiou o poder do Ocidente. Eram os árabes, pastores pacíficos que percorreram o deserto desde o início dos tempos sem mostrar sinais de ambições imperiais.

Então eles ouviram Maomé, montaram seus cavalos e em menos de um século eles foram empurrados para o coração da Europa e proclamaram as glórias de Alá, "o único Deus", e Maomé, "o profeta do único Deus", para o camponeses assustados da França.

A história de Ahmed, o filho de AbdAlá e Aminah (geralmente conhecido como Maomé, ou "aquele que será louvado"); lê como um capítulo nas "Mil e Uma Noites". Ele era um condutor de camelos, nascido em Meca. Ele parece ter sido um epiléptico e sofreu com períodos de inconsciência quando sonhou sonhos estranhos e ouviu a voz do anjo Gabriel, cujas palavras foram depois escritas em um livro chamado Alcorão. Seu trabalho como líder de uma caravana o levou por toda a Arábia e ele estava constantemente se envolvendo com mercadores judeus e

com comerciantes cristãos, e ele chegou a ver que a adoração de um único Deus era uma coisa excelente. Seu próprio povo, os árabes, ainda reverenciavam pedras estranhas e troncos de árvores como seus ancestrais haviam feito, dezenas de milhares de anos antes. Em Meca, sua cidade sagrada, ficava um pequeno edifício quadrado, o Caaba, cheio de ídolos e estranhas probabilidades e extremidades da adoração Hoodoo.

Maomé decidiu ser o Moisés do povo árabe. Ele não poderia ser um profeta e um condutor de camelo ao mesmo tempo. Assim, ele se tornou independente casando-se com sua empregadora, a rica viúva Cadija. Então ele disse a seus vizinhos em Meca que ele era o profeta esperado por Alá para salvar o mundo. Os vizinhos riram muito e quando Maomé continuou a incomodá-los com seus discursos, decidiram matá-lo. Eles o consideravam um lunático e um chato público que não merecia misericórdia. Maomé ouviu falar do enredo e no escuro da noite ele fugiu para Medina junto com Abacar, seu aluno confiável. Isso aconteceu no ano 622. É a data mais importante da história maometana e é conhecida como a Hégira — o ano do Grande Vôo.



Em Medina, Maomé, que era um estranho, achou mais fácil se proclamar um profeta do que em sua cidade natal, onde cada um o conhecera como um simples condutor de camelos. Logo ele foi cercado por um número crescente de seguidores, ou muçulmanos, que aceitaram o Islã, "a submissão à vontade de Deus", que Maomé elogiou como a mais alta de todas as virtudes. Por sete anos ele pregou para o povo de Medina. Então ele acreditou ser forte o suficiente para começar uma campanha contra seus antigos vizinhos que ousaram zombar dele e de sua Missão Sagrada em seus velhos tempos de dirigir camelos. À frente de um exército de medos, ele marchou pelo deserto. Seus seguidores levaram Meca sem grande dificuldade, e tendo massacrado alguns dos habitantes,

Daquele tempo em diante até o ano de sua morte, Maomé teve sorte em tudo que empreendeu.

Existem duas razões para o sucesso do Islã. Em primeiro lugar, o credo que Maomé ensinou a seus seguidores foi muito simples. Foi dito aos discípulos que eles devem amar a Alá, o Governante do Mundo, o Misericordioso e Compassivo. Eles devem honrar e obedecer a seus pais. Eles foram advertidos contra a desonestidade em lidar com seus vizinhos e foram admoestados a serem humildes e caridosos, aos pobres e aos doentes. Finalmente eles foram ordenados a se abster de bebida forte e ser muito frugal no que eles comiam. Isso foi tudo. Não havia padres, que agiam como pastores de seus rebanhos e pediram que fossem apoiados à causa comum. As igrejas ou mesquitas maometanas eram apenas grandes salões de pedra sem bancos ou fotos, onde os fiéis poderiam se reunir (se eles se sentissem inclinados) a ler e discutir os capítulos do Alcorão, o Livro Sagrado. Mas o muçulmano médio carregava sua religião com ele e nunca se sentiu cercado pelas restrições e regulamentos de uma igreja estabelecida. Cinco vezes por dia, ele virou o rosto para Meca, a Cidade Santa, e fazia uma simples oração. Pelo resto do tempo, ele deixou Alá governar o mundo como bem entendesse e aceitou qualquer que fosse o destino que o trouxesse com paciente resignação.

É claro que tal atitude em relação à vida não encorajou os fiéis a irem e inventarem máquinas elétricas ou se incomodarem com ferrovias e linhas de navios a vapor. Mas deu a cada muçulmano uma certa satisfação. Pediu-lhe que estivesse em paz consigo mesmo e com o mundo em que vivia e isso era uma coisa muito boa.

A segunda razão que explica o sucesso dos muçulmanos em suas guerras contra os cristãos, tinha a ver com a conduta daqueles soldados maometanos que saíram para lutar pela verdadeira fé. O Profeta prometeu que aqueles que caíssem, enfrentando o inimigo, iriam diretamente para o céu. Isso fez com que a morte súbita no campo fosse preferível a uma existência longa, mas triste na Terra. Isso deu aos muçulmanos uma enorme vantagem sobre as Cruzadas que estavam em constante temor de um futuro sombrio, e que aderiram às coisas boas deste mundo o quanto pudessem.

Tendo colocado sua casa religiosa em ordem, Maomé começou agora a desfrutar de seu poder como governante indiscutível de um grande número de tribos árabes. Mas o sucesso tem sido o desfavor de um grande número

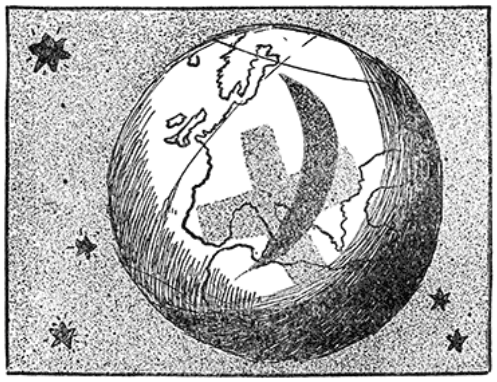
de homens que foram ótimos nos dias de adversidade. Ele tentou ganhar a boa vontade dos ricos por uma série de regulamentos que poderiam apelar para os da riqueza. Ele permitiu que os fiéis tivessem quatro esposas. Como uma esposa era um investimento caro naqueles tempos antigos, quando as noivas eram compradas diretamente dos pais, quatro esposas se tornaram um luxo positivo, exceto para aqueles que possuíam camelos e dromedários. Uma religião que a princípio tinha sido destinada aos caçadores resistentes do alto deserto do céu foi gradualmente transformada para atender às necessidades dos mercadores presunçosos que viviam nos bazares das cidades. Foi uma mudança lamentável do roteiro original e fez muito pouco bem à causa do maometismo. Quanto ao próprio profeta, ele continuou pregando a verdade de Alá e proclamando novas regras de conduta até que ele morreu, repentinamente, de uma febre em junho, o sétimo do ano 632.

Seu sucessor como califa (ou líder) dos muçulmanos era seu sogro, Abacar, que compartilhara os primeiros perigos da vida do profeta. Dois anos depois, Abacar morreu e Omar ibn Al-Khattab se tornou califa. Em menos de dez anos conquistou o Egito, a Pérsia, a Fenícia, a Síria e a Palestina e tornou Damasco a capital do primeiro império mundial maometano.

Omar foi sucedido por Ali, o marido da filha de Maomé, Fátima, mas uma briga começou em um ponto da doutrina muçulmana e Ali foi assassinado. Após a sua morte, o califado tornou-se hereditário e os líderes dos fiéis que iniciaram a sua carreira como chefe espiritual de uma seita religiosa tornaram-se os governantes de um vasto império. Eles construíram uma nova cidade nas margens do Eufrates, perto das ruínas da Babilônia e a chamaram de Bagdá, e organizaram os cavaleiros árabes em regimentos de cavalaria, eles partiram para levar a felicidade de sua fé muçulmana a todos os incrédulos. No ano 700 d.C., um general maometano com o nome de Tarik cruzou os antigos portões de Hércules e alcançou a alta rocha do lado europeu que ele chamou de Gibel-al-tarik, a Colina de Tarik ou Gibraltar.

Onze anos depois, na batalha de Jeres de la Frontera, ele derrotou o rei dos visigodos e, em seguida, o exército muçulmano mudou-se para o norte e seguindo a rota de Aníbal, eles cruzaram as passagens dos Pireneus. Eles derrotaram o duque de Aquitania, que tentou detê-los perto de Bordéus e marcharam sobre Paris. Mas no ano de 732 (cem anos após a morte do

profeta), eles foram derrotados em uma batalha entre Tours e Poitiers. Naquele dia, Carlos Martel (Carlos o Martelo), o chefe franco, salvou a Europa de uma conquista muçulmana. Ele expulsou os muçulmanos da França, mas eles se mantiveram na Espanha, onde Abderramão fundou o califado de Córdoba, que se tornou o maior centro de ciência e arte da Europa medieval.



Este reino mouro, assim chamado porque o povo veio da Mauritânia no Marrocos, durou sete séculos. Foi somente após a captura de Granada, a última fortaleza muçulmana, no ano de 1492, que Colombo recebeu a concessão real que lhe permitiu fazer uma viagem de descoberta. Os maometanos logo recuperaram sua força nas novas conquistas que fizeram na Ásia e na África e hoje existem tantos seguidores de Maomé quanto de Cristo.

OceanofPDF.com

CARLOS MAGNO

Como Carlos Magno, o rei dos Francos, veio para carregar o título do Imperador e tentou reviver o antigo ideal de Império Mundial

A batalha de Poitiers salvou a Europa dos maometanos. Mas o inimigo interno — a desordem sem esperança que se seguiu ao desaparecimento dos policiais romanos — aquele inimigo permaneceu. É verdade que os novos convertidos da fé cristã no norte da Europa sentiam um profundo respeito pelo poderoso bispo de Roma. Mas aquele pobre bispo não se sentia muito seguro quando olhava para as montanhas distantes. Os céus sabiam que novas hordas de bárbaros estavam prontas para atravessar os Alpes e começar um novo ataque a Roma. Era necessário — muito necessário — que a cabeça espiritual do mundo encontrasse um aliado com uma espada forte e um punho poderoso que estivesse disposto a defender sua Santidade em caso de perigo.

E assim os papas, que não só eram muito santos, mas também muito práticos, procuravam um amigo, e atualmente fizeram aberturas às mais promissoras tribos germânicas que haviam ocupado a Europa do noroeste após a queda de Roma. Eles foram chamados os francos. Um de seus primeiros reis, chamado Meroveu, ajudou os romanos na batalha dos campos de Catalaunia no ano de 451, quando derrotaram os hunos. Seus descendentes, os merovíngios, continuaram a tomar pequenos pedaços de território imperial até o ano de 486, quando o rei Clovis (a antiga palavra francesa para "Luís") se sentiu forte o suficiente para derrotar os romanos a céu aberto. Mas seus descendentes eram homens fracos que deixaram os assuntos de estado para seu primeiro ministro, o "Major Domus" ou Mordomo do palácio.

Pepino, o Breve, o filho do famoso Carlos Martel, que sucedeu seu pai como Mordomo do palácio, mal sabia como lidar com a situação. Seu mestre real era um teólogo devoto, sem nenhum interesse na política. Pepino pediu ao papa um conselho. O papa, que era uma pessoa

prática, respondeu que o "poder no estado pertencia àquele que realmente possuía". Pepino pegou a dica. Ele persuadiu Childerico, o último dos merovíngios a se tornar um monge e depois se fez a si próprio rei com a aprovação dos outros chefes germânicos. Mas isso não satisfez o astuto Pepino. Ele queria ser algo mais que um chefe bárbaro. Ele encenou uma elaborada cerimônia na qual Bonifácio, o grande missionário do noroeste europeu, ungiu-o e fez dele um "Rei pela graça de Deus". Foi fácil colocar essas palavras "Dei gratia" no serviço de coroação. Levou quase mil e quinhentos anos para tirá-los novamente.

Pepino estava sinceramente grato por essa gentileza da parte da igreja. Ele fez duas expedições à Itália para defender o papa contra seus inimigos. Ele levou Ravena e várias outras cidades para longe dos longobardos e os apresentou a sua Santidade, que incorporou esses novos domínios no chamado Estado Papal, que permaneceu um país independente até meio século atrás.

Após a morte de Pepino, as relações entre Roma e Aix-la-Chapelle ou Nymwegen ou Ingelheim (os Reis Francos não tinham uma residência oficial, mas viajavam de um lugar para outro com todos os seus ministros e oficiais da corte) tornaram-se cada vez mais cordiais. Finalmente, o papa e o rei deram um passo que influenciaria a história da Europa de uma maneira muito profunda.

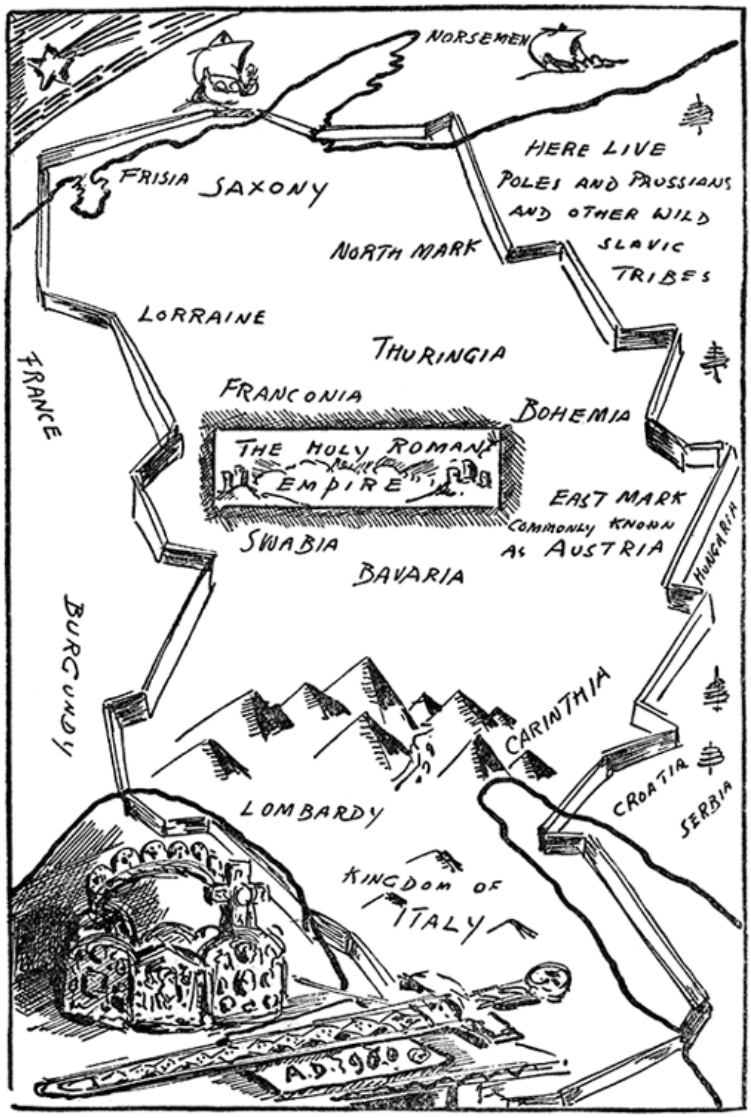
Carlos, comumente conhecido como Carolus Magnus ou Carlos Magno, sucedeu Pepino no ano de 768. Ele havia conquistado a terra dos saxões no leste da Alemanha e construíra cidades e mosteiros em toda a maior parte do norte da Europa. A pedido de certos inimigos de Abd-ar-Rahman, ele invadiu a Espanha para combater os mouros. Mas nos Pireneus ele havia sido atacado pelos selvagens bascos e forçado a se aposentar. Foi nessa ocasião que Roland, o grande Margrave de Breton, mostrou o que um chefe franco daqueles primeiros dias significava quando prometia ser fiel ao seu rei, e deu a sua vida e a dos seus seguidores de confiança para salvaguardar a retirada exército real.

Durante os últimos dez anos do século VIII, entretanto, Carlos foi obrigado a dedicar-se exclusivamente aos assuntos do sul. O papa, Leão III, havia sido atacado por um bando de bandoleiros romanos e deixado para morrer na rua. Algumas pessoas gentis tinham feito curativos em suas feridas e o ajudaram a fugir para o acampamento de Carlos, onde ele pediu

ajuda. Um exército de francos logo restaurou a calma e levou Leão de volta ao Palácio de Latrão, que desde os tempos de Constantino havia sido a casa do papa. Isso foi em dezembro do ano 799. No dia de Natal do ano seguinte, Carlos Magno, que estava hospedado em Roma, compareceu ao culto na antiga igreja de São Pedro. Quando ele se levantou da oração, o papa colocou uma coroa em sua cabeça,

Mais uma vez, o norte da Europa fazia parte de um império romano, mas a dignidade era de um chefe germano que sabia ler um pouco e nunca aprendera a escrever. Mas ele podia lutar e por um curto período houve ordem e até mesmo o imperador rival em Constantinopla enviou uma carta de aprovação ao seu "querido irmão".

Infelizmente, este esplêndido velho morreu no ano de 814. Seus filhos e netos começaram a lutar pela maior parte da herança imperial. Por duas vezes as terras carolíngias foram divididas, pelos tratados de Verdun no ano de 843 e pelo tratado de Mersen-on-the-Meuse no ano de 870. O último tratado dividiu todo o Reino dos Francos em duas partes. Carlos o Negrito recebeu a metade ocidental. Continha a antiga província romana chamada Gália, onde a língua do povo se tornara completamente romanizada. Os francos logo aprenderam a falar essa língua e isso explica o estranho fato de que uma terra puramente germânica como a França falar uma língua latina.

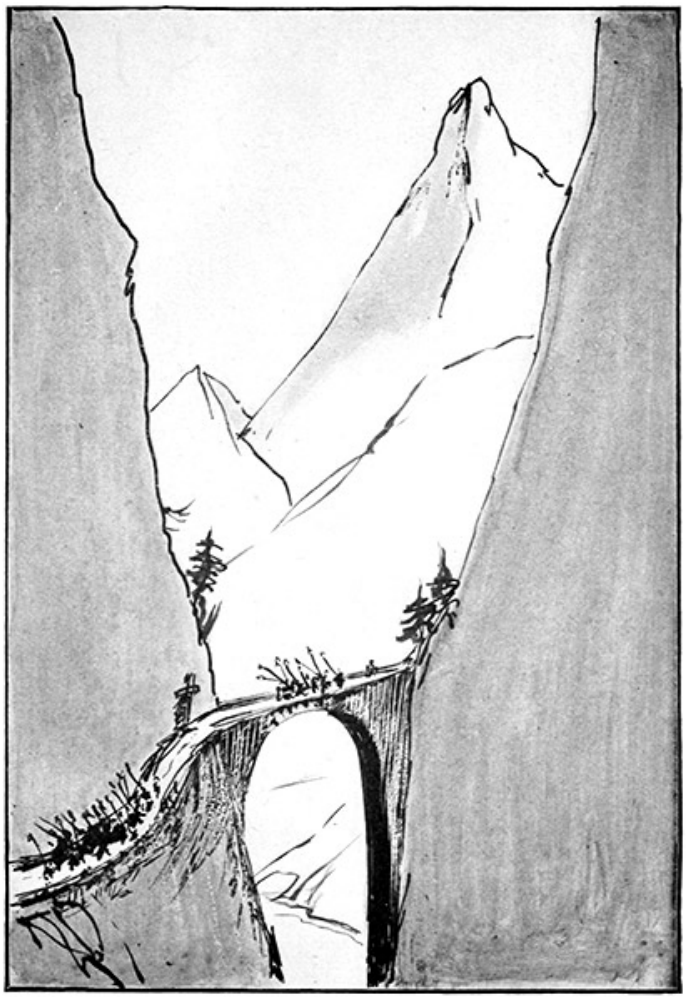


O outro neto conseguiu a parte oriental, a terra que os romanos chamavam de Germania. Aquelas regiões inóspitas nunca haviam feito parte do antigo Império. Augusto tentou conquistar esse "extremo oriente", mas suas legiões haviam sido aniquiladas na Floresta de Teutoburgo no ano 9 e o povo nunca havia sido influenciado pela civilização romana superior. Eles falavam a língua germânica popular. A palavra Teuton para "pessoas" era "thiot". Os missionários cristãos, portanto, chamavam a língua alemã de "lingua theotisca" ou "lingua teutisca", o "dialeto popular", e a palavra "teutisca" foi mudada para "Deutsch", que dá o nome de "Deutschland".

Quanto à famosa Coroa Imperial, ela logo escorregou das cabeças dos sucessores carolíngios e rolou de volta à planície italiana, onde se tornou

uma espécie de brinquedo de um pequeno número de potentados que roubaram a coroa uns dos outros em meio a muito derramamento de sangue e o usava (com ou sem a permissão do Papa) até a vez de um vizinho mais ambicioso. O papa, mais uma vez assediado por seus inimigos, mandou ajuda ao norte. Ele não apelou para o governante do reino franco-ocidental, desta vez, seus mensageiros atravessaram os Alpes e se dirigiram a Oto, um príncipe saxão que foi reconhecido como o maior chefe das diferentes tribos germânicas.

Oto, que compartilhava a afeição de seu povo pelos céus azuis e pelas alegres e belas pessoas da península italiana, apressou-se em socorrê-lo. Em troca de seus serviços, o Papa, Leão VIII, fez Oto "Imperador", e a metade oriental do antigo reino de Carlos passou a ser conhecida como "o Sacro Império Romano da Nação Germânica".



Essa estranha criação política conseguiu viver até a madura idade de oitocentos e trinta e nove anos. No ano de 1801, (durante a presidência de Tomás Jefferson), foi relegado, sem qualquer cerimônia, à histórica sucata. O sujeito brutal que destruiu o antigo Império Germânico era filho de um notário público da Córsega que fizera uma brilhante carreira a serviço da República Francesa. Ele era governante da Europa pela graça de seus famosos regimentos de guarda, mas desejava ser algo mais. Ele chamou o papa de Roma e o papa veio e ficou parado enquanto Napoleão colocava a coroa imperial sobre sua própria cabeça e proclamou-se herdeiro da tradição de Carlos Magno. Pois a história é como a vida. Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas.

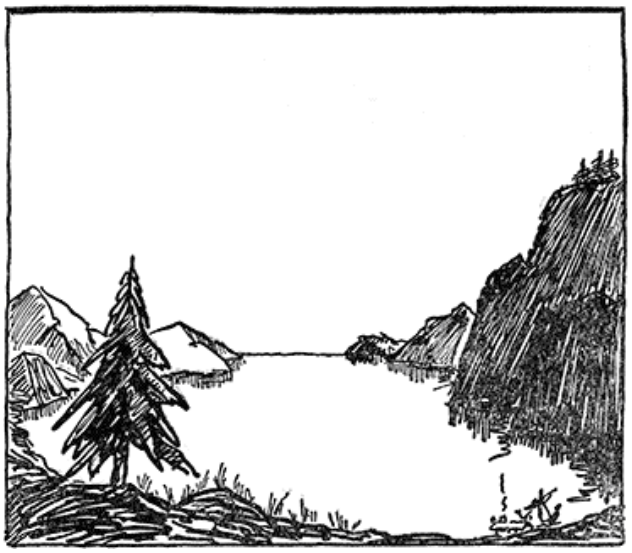
OceanofPDF.com

OS NÓRDICOS

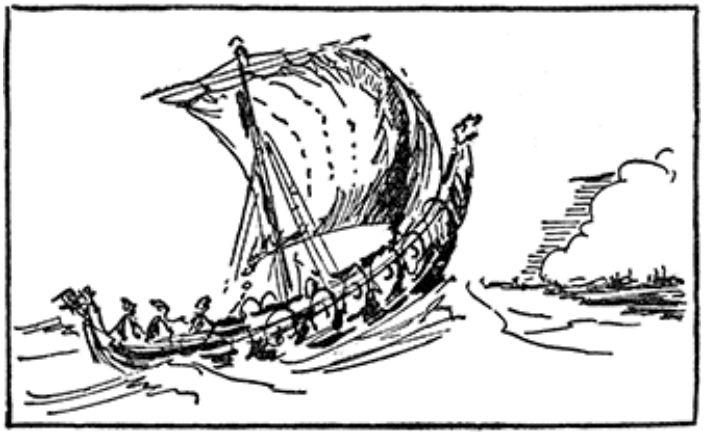
Porque as pessoas do décimo século oravam ao senhor para protegê-los da fúria dos homens nórdicos

Nos séculos III e IV, as tribos germânicas da Europa Central romperam as defesas do Império para que pudessem saquear Roma e viver da fartura da terra. No oitavo século, tornou-se a vez dos alemães serem os "saqueados". Eles não gostaram nada disso, mesmo que seus inimigos fossem primos em primeiro grau, os noruegueses, que viviam na Dinamarca, na Suécia e na Noruega.

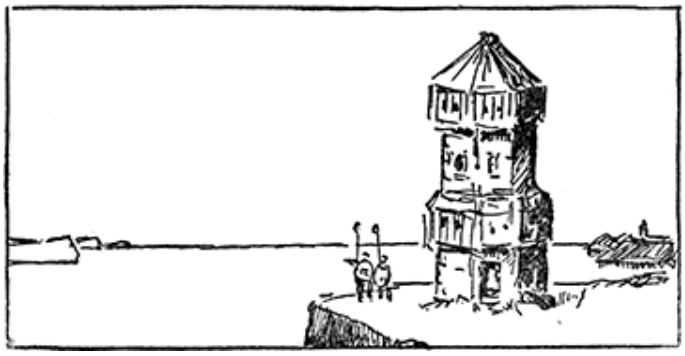
O que forçou esses marinheiros a se tornarem piratas não sabemos, mas uma vez que descobriram as vantagens e os prazeres de uma carreira bucaneira não havia ninguém que pudesse detê-los. Eles de repente desciam em uma pacífica aldeia franca ou frísia, situada na foz de um rio. Eles matariam todos os homens e roubariam todas as mulheres. Então, eles partiriam em seus navios velozes e quando os soldados do rei ou imperador chegaram ao local, os ladrões foram embora e nada restou além de algumas ruínas fumegantes.



Durante os dias de desordem que se seguiram à morte de Carlos Magno, os nórdicos desenvolveram grande atividade. Suas frotas fizeram incursões em todos os países e seus marinheiros estabeleceram pequenos reinos independentes ao longo da costa da Holanda, França, Inglaterra, Alemanha e chegaram até a Itália. Os nórdicos eram muito inteligentes. Eles logo aprenderam a falar a língua de seus súditos e abandonaram os modos incivilizados dos primeiros vikings (ou reis-mares) que tinham sido muito pitorescos, mas também muito sujos e terrivelmente cruéis.



No início do século X, um viking chamado Rolo atacou repetidamente a costa da França. O rei da França, fraco demais para resistir a esses ladrões do norte, tentou suborná-los para "serem bons". Ele lhes ofereceu a província da Normandia, se eles prometessem parar de incomodar o resto de seus domínios. Rolo aceitou essa barganha e tornou-se "Duque da Normandia".



Mas a paixão da conquista era forte no sangue de seus filhos. Do outro lado do canal, a poucas horas do continente europeu, podiam ver as falésias brancas e os campos verdes da Inglaterra. A pobre Inglaterra passou por dias difíceis. Por duzentos anos tinha sido uma colônia romana. Depois que

os romanos foram embora, foram conquistados pelos anglos e saxões, duas tribos germânicas de Schleswig. Em seguida, os dinamarqueses ocuparam a maior parte do país e estabeleceram o reino de Canuto. Os dinamarqueses tinham sido expulsos e agora (era no começo do século XI) outro rei saxão, Eduardo, o Confessor, estava no trono. Mas não se esperava que Eduardo vivesse muito e ele não tivesse filhos. As circunstâncias favoreceram os ambiciosos duques da Normandia.



Em 1066, Eduardo morreu. Imediatamente Guilherme da Normandia atravessou o canal, derrotou e matou Haroldo de Wessex (que havia tomado a coroa) na batalha de Hastings, e proclamou-se rei da Inglaterra.

Em outro capítulo, eu lhe contei que no ano 800 um chefe germano havia se tornado um imperador romano. Agora, no ano de 1066, o neto de um pirata nórdico foi reconhecido como rei da Inglaterra.

Por que devemos sempre ler contos de fadas, quando a verdade da história é muito mais interessante e divertida?

OceanofPDF.com

FEUDALISMO

Como a Europa central, atacada a partir de três lados, se tornou um campo armado e por que a Europa teria perecido sem os soldados profissionais e administradores que fizeram parte do sistema feudal?

Este capítulo, então, é a forma como a Europa estava no ano mil, quando a maioria das pessoas estava tão infeliz que acolheram a profecia anunciando o fim próximo do mundo e correram para os mosteiros, para que no Dia do Juízo pudessem serem encontrados envolvidos devotamente em seus deveres.

Em uma data desconhecida, as tribos germânicas deixaram sua antiga casa na Ásia e se mudaram para o oeste, para a Europa. Por inumeras pressões eles forçaram seu caminho para o Império Romano. Eles haviam destruído o grande império ocidental, mas a parte oriental, estando fora da rota principal das grandes migrações, conseguira sobreviver e debilmente continuava as tradições da antiga glória de Roma.

Durante os dias de desordem que se seguiram (as verdadeiras "eras das trevas" da história, os sexto e sétimo séculos de nossa era), as tribos germânicas foram persuadidas a aceitar a religião cristã e reconheceram o bispo de Roma como o Papa. ou cabeça espiritual do mundo. No século IX, o gênio organizador de Carlos Magno revivera o Império Romano e unira a maior parte da Europa ocidental em um único estado. Durante o décimo século, esse império havia se despedaçado. A parte ocidental tornou-se um reino separado, a França. A metade oriental era conhecida como o Sacro Império Romano-Germânico, e os governantes dessa federação de estados fingiam que eram os herdeiros diretos de César e Augusto.

Infelizmente, o poder dos reis da França não se estendia além do fosso de sua residência real, enquanto o Sacro Imperador Romano era

abertamente desafiado por seus poderosos súditos sempre que isso lhes convinha à imaginação ou ao lucro deles.

Para aumentar a miséria das massas populares, o triângulo da Europa ocidental (visto no capítulo da queda de Roma) ficou para sempre exposto a ataques de três lados. No sul, viviam os sempre perigosos muçulmanos. A costa ocidental foi devastada pelos nórdicos. A fronteira oriental (indefesa, exceto pelo curto trecho das montanhas dos Cárpatos) estava à mercê de hordas de hunos, húngaros, eslavos e tártaros.

A paz de Roma era coisa do passado remoto, um sonho dos "bons velhos tempos" que se foram para sempre. Era uma questão de "lutar ou morrer" e, naturalmente, as pessoas preferiam lutar. Forçada pelas circunstâncias, a Europa tornou-se um campo armado e havia uma demanda por liderança forte. O rei e o imperador estavam longe. Os homens da fronteira (e a maior parte da Europa no ano 1000 era "fronteira") devem se ajudar. Eles voluntariamente se submeteram aos representantes do rei que foram enviados para administrar os distritos periféricos, contanto que pudessem protegê-los contra seus inimigos.

Logo a Europa central estava cheia de pequenos principados, cada um governado por um duque, conde, barão ou um bispo, conforme o caso, e organizado como uma unidade de combate. Esses duques, condes e barões haviam jurado ser fiéis ao rei que lhes havia dado seu "feudum" (daí nossa palavra "feudal") em troca de seus serviços leais e uma certa quantia de impostos. Mas viajar naqueles dias era lento e os meios de comunicação eram extremamente pobres. Os administradores reais ou imperiais, portanto, desfrutaram de grande independência e, dentro dos limites de sua própria província, assumiram a maioria dos direitos que, na verdade, pertenciam ao rei.



Mas você cometeria um erro se supusesse que as pessoas do século XI se opuseram a essa forma de governo. Eles apoiavam o feudalismo porque era uma instituição muito prática e necessária. Seu Senhor e Mestre geralmente viviam em uma grande casa de pedra erguida no topo de uma rocha íngreme ou construída entre fossos profundos, mas à vista de seus súditos. Em caso de perigo, os sujeitos encontraram abrigo atrás das muralhas da fortaleza baronial. É por isso que eles tentaram viver o mais perto possível do castelo e isso representa as muitas cidades européias que começaram sua carreira em torno de uma fortaleza feudal.

Mas o cavaleiro do início da Idade Média era muito mais que um soldado profissional. Ele era o funcionário público daquele dia. Ele era o juiz de sua comunidade e ele era o chefe de polícia. Ele pegou os ladrões de estrada e protegeu os vendedores errantes que eram os mercadores do século XI. Ele cuidou dos diques para que o campo não fosse inundado (assim como os primeiros nobres haviam feito no vale do Nilo, quatro mil anos antes). Ele encorajou os trovadores que vagavam de um lugar para outro contando as histórias dos antigos heróis que haviam lutado nas grandes guerras das migrações. Além disso, ele protegia as igrejas e os

mosteiros dentro de seu território, e embora ele não pudesse ler nem escrever, (era considerado não-maleável saber tais coisas), ele empregou vários sacerdotes que mantinham suas contas e que registravam os casamentos, os nascimentos e as mortes que ocorriam dentro dos domínios baronais ou ducais.

No século XV, os reis tornaram-se novamente fortes o suficiente para exercer os poderes que lhes pertenciam porque eram "ungidos por Deus". Então os cavaleiros feudais perderam sua independência anterior. Reduzido ao posto de escudeiros do campo, eles já não preenchiam uma necessidade e logo se tornaram um incômodo. Mas a Europa teria perecido sem o "sistema feudal" da idade das trevas. Havia muitos cavaleiros ruins, pois há muitas pessoas más hoje em dia. Em geral, porém, os barões rudes dos séculos XII e XIII eram administradores dedicados que prestavam um serviço muito útil à causa do progresso. Naquela época, a nobre tocha de aprendizado e arte que iluminara o mundo dos egípcios e dos gregos e romanos estava queimando muito baixo. Sem os cavaleiros e seus bons amigos, os monges, a civilização teriam se extinguida completamente, e a raça humana teria sido forçada a recomeçar uma vez, onde o homem das cavernas havia parado.

OceanofPDF.com

CAVALEIROS

Era natural que os combatentes profissionais da Idade Média tentassem estabelecer algum tipo de organização para seu benefício mútuo e proteção. Dessa necessidade de organização, nasceu a Knighthood ou Cavalaria.

Nós sabemos muito pouco sobre as origens da Cavalaria. Mas, à medida que o sistema se desenvolvia, dava ao mundo algo de que se necessitava bastante — uma regra definida de conduta que suavizava os costumes bárbaros daquele dia e tornava a vida mais habitável do que fora durante os quinhentos anos da Idade das Trevas. Não foi tarefa fácil civilizar os homens da fronteira que passaram a maior parte do tempo combatendo maometanos, hunos e noruegueses. Frequentemente eles eram culpados de abandornar a fé, e jurando de todas as formas sobre misericórdia e caridade pela manhã, eles matariam todos os seus prisioneiros antes do anoitecer. Mas o progresso é sempre o resultado de um trabalho lento e incessante e, finalmente, o mais inescrupuloso dos cavaleiros foi forçado a obedecer às regras de sua "classe".

Essas regras eram diferentes nas várias partes da Europa, mas todas elas eram muito leais ao seu dever. A Idade Média considerava o serviço algo muito nobre e belo. Não era uma desgraça ser servo, desde que você fosse um bom criado e não diminuísse no trabalho. Quanto à lealdade, numa época em que a vida dependia do desempenho fiel de muitos deveres desagradáveis, essa era a principal virtude do combatente.

Pediu-se, portanto, a um jovem cavaleiro que jurasse que seria fiel como servo de Deus e como servo de seu rei. Além disso, ele prometeu ser generoso com aqueles cuja necessidade era maior que a dele. Ele prometeu a sua palavra que ele seria humilde em seu comportamento pessoal e nunca se orgulhar de suas próprias realizações e que ele seria um amigo de todos aqueles que sofreram, (com a exceção dos maometanos, a quem se esperava que ele matasse à vista).

Em torno desses votos, que eram apenas os Dez Mandamentos expressos em termos que as pessoas da Idade Média podiam entender, desenvolveu-se um sistema complicado de boas maneiras e comportamento externo. Os

cavaleiros tentaram modelar suas próprias vidas a partir do exemplo daqueles heróis da Mesa Redonda de Artur e da corte de Carlos Magno, de quem os Trovadores lhes haviam dito e de quem vocês podem ler em muitos livros deliciosos que são enumerados no final deste volume. Eles esperavam que eles pudessem ser tão corajosos quanto Lancelote e tão fiéis quanto Rolando. Eles se portavam com dignidade e falavam palavras cuidadosas e graciosas para que pudessem ser conhecidos como Verdadeiros Cavaleiros, por mais humilde que fosse o corte de seu casaco ou o tamanho de sua bolsa.

Deste modo, a ordem da Cavalaria tornou-se uma escola das boas maneiras que são o óleo do maquinário social. O cavalheirismo passou a significar cortesia e o castelo feudal mostrou ao resto do mundo que roupa vestir, como comer, como pedir a uma dama uma dança e as mil e uma pequenas coisas do comportamento cotidiano que ajudam a tornar a vida interessante e agradável.

Como todas as instituições humanas, a Cavalaria estava condenada a perecer assim que perdesse sua utilidade.

As cruzadas, sobre as quais um dos próximos capítulos narra, foram seguidas por um grande renascimento do comércio. Cidades cresceram durante a noite. As pessoas da cidade ficaram ricas, contrataram bons professores e logo foram os iguais dos cavaleiros. A invenção do pó de pólvora privou o "cavaleiro" fortemente armado de sua antiga vantagem e o uso de mercenários tornou impossível conduzir uma batalha com as delicadas sutilezas de um torneio de xadrez. O cavaleiro se tornou supérfluo. Logo ele se tornou uma figura ridícula, com sua devoção a ideais que não tinham mais qualquer valor prático. Dizia-se que o nobre Dom Quixote de la Mancha fora o último dos verdadeiros cavaleiros. Após sua morte, sua espada confiável e sua armadura foram vendidas para pagar suas dívidas.

Mas de alguma forma ou de outra essa espada parece ter caído nas mãos de vários homens. Washington a carregou durante os dias sem esperança de Vale Forge. Foi a única defesa de Gordon, quando ele se recusou a abandonar as pessoas que lhe haviam sido confiadas, e ficou para enfrentar sua morte na fortaleza sitiada de Cartum.

E eu não tenho certeza, mas isso provou de uma força inestimável para vencer a Grande Guerra.

OceanofPDF.com

PAPA vs EMPEROR

A estranha lealdade dupla do povo da idade média e como isso levou a brigas infindáveis entre os papas e os sagrados imperadores romanos

É muito difícil entender as pessoas de idades passadas. Seu próprio avô, que você vê todos os dias, é um ser misterioso que vive em um mundo diferente de idéias, roupas e maneiras. Agora estou contando a história de alguns de seus avós que foram removidos de vinte e cinco gerações, e não espero que você entenda o significado do que escrevo sem reler este capítulo várias vezes.

O homem médio da Idade Média viveu uma vida muito simples e sem acontecimentos. Mesmo que ele fosse um cidadão livre, capaz de ir e vir à vontade, raramente deixava sua própria vizinhança. Não havia livros impressos e apenas alguns manuscritos. Aqui e ali, um pequeno bando de monges diligentes ensinava leitura e escrita e alguma aritmética. Mas a ciência, a história e a geografia estavam enterradas sob as ruínas da Grécia e de Roma.

Tudo o que as pessoas sabiam sobre o passado aprendiam ouvindo histórias e lendas. Tal informação, que vai de pai para filho, é muitas vezes um pouco incorreta em detalhes, mas preservará os principais fatos da história com uma precisão surpreendente. Depois de mais de dois mil anos, as mães da Índia ainda assustam seus filhos desobedientes dizendo-lhes que "Iskander os pegará", e Iskander não é outro senão Alexandre, o Grande, que visitou a Índia no ano 330 antes do nascimento de Cristo, mas cuja história viveu todas essas idades.

As pessoas do início da Idade Média nunca viram um livro de história romana. Eles ignoravam muitas coisas que todo menino de escola conhece antes de entrar na terceira série. Mas o Império Romano, que é meramente um nome para você, era para eles algo muito vivo. Eles sentiram isso. Eles voluntariamente reconheceram o papa como seu líder espiritual porque ele

viveu em Roma e representou a idéia da superpotência romana. E eles ficaram profundamente agradecidos quando Carlos Magno, e depois Oto o Grande, reviveu a ideia de um império mundial e criou o Sacro Império Romano, para que o mundo pudesse voltar a ser como sempre foi.

Mas o fato de haver dois herdeiros diferentes da tradição romana colocou os fiéis burgueses da Idade Média em uma posição difícil. A teoria por trás do sistema político medieval era ao mesmo tempo sólida e simples. Enquanto o mestre mundano (o imperador) cuidava do bem-estar físico de seus súditos, o mestre espiritual (o papa) guardava suas almas.

Na prática, porém, o sistema funcionou muito mal. O imperador invariavelmente tentou interferir nos assuntos da igreja e o papa retaliou e disse ao imperador como deveria governar seus domínios. Então eles disseram uns aos outros para cuidar de seus próprios negócios em linguagem muito pouco cerimoniosa e o inevitável fim era a guerra.

Nessas circunstâncias, o que as pessoas deveriam fazer, um bom cristão obedecia tanto ao papa quanto a seu rei. Mas o papa e o imperador eram inimigos. De que lado deve um sujeito obediente e um cristão igualmente obediente tomar?

Nunca foi fácil dar a resposta correta. Quando o Imperador passou a ser um homem de energia e estava suficientemente bem provido de dinheiro para organizar um exército, ele estava muito apto a atravessar os Alpes e marchar sobre Roma, sitiar o Papa em seu próprio palácio, se necessário, e forçar Sua Santidade obedecer às instruções imperiais ou sofrer as consequências.

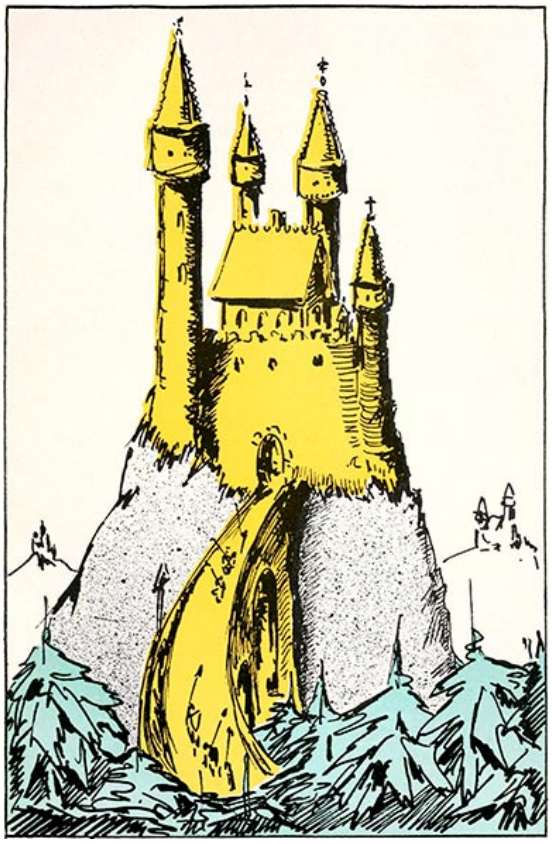
Mas mais frequentemente o papa era o mais forte. Então o imperador ou o rei junto com todos os seus súditos foi excomungado. Isso significava que todas as igrejas estavam fechadas, que ninguém poderia ser batizado, que nenhum moribundo poderia ser absolvido — em suma, que metade das funções do governo medieval chegou ao fim.

Mais do que isso, as pessoas foram absolvidas de seu juramento de lealdade ao seu soberano e foram instadas a se rebelar contra seu mestre. Mas se seguissem esse conselho do distante papa e fossem pegos, seriam enforcados por seu Lorde Lege e isso também era muito desagradável.

De fato, os pobres companheiros estavam em uma posição difícil e nenhum se saiu pior do que aqueles que viveram na segunda metade do século XI, quando o imperador Henrique IV do Sacro Império Romano-Germânico e o papa Gregório VII travaram uma batalha de duas voltas que nada decidiu e abalou a paz da Europa por quase cinquenta anos.

Em meados do século XI, houve um forte movimento de reforma na igreja. A eleição dos Papas, até agora, tinha sido um assunto muito irregular. Foi em benefício dos Santos Imperadores Romanos que um sacerdote bem disposto foi eleito para a Santa Sé. Eles frequentemente vinham a Roma na hora da eleição e usavam sua influência para o benefício de um de seus amigos.

No ano de 1059, isso foi mudado. Por decreto do papa Nicolau II, os principais sacerdotes e diáconos das igrejas de Roma e seus arredores foram organizados no chamado Colégio dos Cardeais, e essa reunião de clérigos proeminentes (a palavra "Cardeal" significa principal) recebeu o poder exclusivo de eleger os futuros papas.



No ano de 1073, o Colégio de Cardeais elegeu um padre chamado Hildebrand, filho de pais muito simples da Toscana, como papa, e tomou o nome de Gregório VII. Sua energia era ilimitada. Sua crença nos poderes supremos de seu Santo Ofício foi construída sobre uma rocha de granito de convicção e coragem. Na mente de Gregório, o papa não era apenas o chefe absoluto da igreja cristã, mas também o mais alto tribunal de apelação em todos os assuntos do mundo. O papa que elevara os simples príncipes germânicos à dignidade do imperador podia depô-los à vontade. Ele poderia vetar qualquer lei aprovada por duque, rei ou imperador, mas quem quisesse questionar um decreto papal, deveria tomar cuidado, pois o castigo seria rápido e impiedoso.

Gregório enviou embaixadores a todos os tribunais europeus para informar os potentados da Europa de suas novas leis e pediu-lhes que dessem a devida atenção ao seu conteúdo. Guilherme o Conquistador prometeu ser bom, mas Henrique IV, que desde os seis anos lutava com seus súditos, não tinha intenção de se submeter à vontade papal. Ele convocou um colégio de bispos germânicos, acusou Gregório de todo crime sob o sol e depois o deposto pelo conselho de Worms (Dieta de Worms).

O papa respondeu com excomunhão e exigiu que os príncipes germanos se livrassem de seu governante indigno. Os príncipes germanos, felizes demais para se livrar de Henrique, pediram ao papa que viesse a Augsburg e os ajudasse a eleger um novo imperador.

Gregório saiu de Roma e viajou para o norte. Henrique IV, que não era bobo, noticiou o perigo de sua posição. A todo custo ele deveria fazer as pazes com o papa e imediatamente. No meio do inverno, atravessou os Alpes e apressou-se a Canossa, onde o papa parou para descansar um pouco. Três longos dias, de 25 a 28 de janeiro do ano 1077, Henrique, vestido como um peregrino penitente (mas com um suéter quentinho debaixo de seu traje de monge), esperava do lado de fora dos portões do castelo de Canossa. Então ele foi autorizado a entrar e foi perdoado por seus pecados. Mas o arrependimento não durou muito. Assim que Henrique IV voltou para a Alemanha, ele se comportou exatamente como antes. Mais uma vez ele foi excomungado. Pela segunda vez um conselho de bispos germanos depuseram Gregório, mas desta vez, quando Henrique cruzou os Alpes, ele estava à frente de um grande exército, cercou Roma e forçou Gregório a se retirar para Salerno, onde morreu no exílio. Este primeiro

surto violento não decidiu nada. Assim que Henrique voltou à Alemanha, a luta entre o papa e o imperador continuou.



A família Hohenstaufen, que se apoderou do Trono Imperial Germânico pouco depois, era ainda mais independente que seus antecessores. Gregório alegou que os Papas eram superiores a todos os reis porque eles (os Papas) no Dia do Juízo seriam responsáveis pelo comportamento de todas as ovelhas do seu rebanho, e aos olhos de Deus, um rei era um daqueles fiéis no rebanho.

Frederico de Hohenstaufen, comumente conhecido como Barbarossa ou Barba Ruiva, estabeleceu a contra-alegação de que o Império havia sido concedido a seu antecessor "pelo próprio Deus" e como o Império incluía a Itália e Roma, ele iniciou uma campanha "províncias perdidas" para o país do norte. Barbarossa foi acidentalmente afogado na Ásia Menor durante a segunda Cruzada, mas seu filho Frederico II, um jovem brilhante que em sua juventude havia sido exposto à civilização dos maometanos da Sicília, continuou a guerra. Os Papas acusaram-no de heresia. É verdade que Frederico parece ter sentido profundo e sério desprezo pelo áspero mundo cristão do norte, pelos grosseiros cavaleiros germanos e pelos intrigantes padres italianos. Mas ele segurou sua língua, entrou em uma Cruzada e tomou Jerusalém dos infiéis e foi devidamente coroado como Rei da Cidade Santa. Mesmo esse ato não apaziguou os Papas. Eles depuseram Frederico e entregaram suas posses italianas a Carlos de Anjou, o irmão daquele rei Luís da França que ficou famoso como São Luís. Isso levou a mais guerra. Conradino da Germânia, filho de Conrado IV e o último dos Hohenstaufens, tentou recuperar o reino e foi derrotado e decapitado em Nápoles. Mas vinte anos depois, os franceses que se tornaram totalmente

impopulares na Sicília foram todos assassinados durante as chamadas Vésperas da Sicília, e assim foi.

A disputa entre os Papas e os Imperadores nunca foi resolvida, mas depois de um tempo os dois inimigos aprenderam a deixar um ao outro sozinhos.

No ano de 1273, Rudolph of Habsburg foi eleito imperador. Ele não se deu ao trabalho de ir a Roma para ser coroado. Os Papas não se opuseram e, por sua vez, mantiveram distância da Germânia. Isso significava paz, mas dois séculos inteiros, que poderiam ter sido usados com o propósito de organização interna, tinham sido desperdiçados em guerra inútil.

No entanto, é um malvado vento que não é bom para alguém. As pequenas cidades da Itália, por um processo de equilíbrio cuidadoso, haviam conseguido aumentar seu poder e sua independência à custa dos imperadores e dos papas. Quando a corrida pela Terra Santa começou, eles foram capazes de lidar com o problema de transporte dos milhares de peregrinos ansiosos que clamavam por passagem, e no final das Cruzadas eles construíram para si mesmas defesas tão fortes de tijolos e ouro que eles poderia desafiar o papa e o imperador com igual indiferença.

Igreja e Estado lutaram entre si e um terceiro — a cidade medieval — fugiu com os despojos.

OceanofPDF.com

AS CRUZADAS

Mas todas essas brigas foram esquecidas quando os Turcos invadiram a terra santa, profanaram os lugares sagrados e interferiram seriamente com o comércio do leste ao oeste. A Europa então cruzou

Durante três séculos houve paz entre cristãos e muçulmanos, exceto na Espanha e no Império Romano Oriental, os dois estados defendendo as portas da Europa. Os maometanos, tendo conquistado a Síria no século VII, estavam de posse da Terra Santa. Mas eles consideravam Jesus como um grande profeta (embora não tão grande quanto Maomé), e eles não interferiram com os peregrinos que desejavam orar na igreja que Santa Helena, a mãe do imperador Constantino, havia construído no local do Santo Sepulcro. Mas no início do século XI, uma tribo tártara dos confins da Ásia, chamada de seljuks ou turcos, tornou-se senhores do estado maometano no oeste da Ásia e, em seguida, o período de tolerância chegou ao fim.

Aleixo, o imperador, que raramente via algo de seus vizinhos cristãos do oeste, pediu ajuda e apontou para o perigo que ameaçava a Europa caso os turcos tomassem Constantinopla.

As cidades italianas que estabeleceram colônias ao longo da costa da Ásia Menor e da Palestina, temendo por suas posses, relataram histórias terríveis de atrocidades turcas e sofrimento cristão. Toda a Europa ficou agitada.

O papa Urbano II, um francês de Reims, que fora educado no mesmo famoso claustro de Cluny que treinara Gregório VII, achava que chegara a hora da ação. O estado geral da Europa estava longe de ser satisfatório. Os métodos agrícolas primitivos daquele dia (inalterados desde os tempos romanos) causaram uma constante escassez de comida. Houve desemprego e fome e estes estão aptos a levar a descontentamento e tumultos. A Ásia

Ocidental velhos tempos alimentou milhões. Foi um campo excelente para fins de imigração.

Portanto, no Concílio de Clermont, na França, no ano 1095, o Papa se levantou, descreveu os terríveis horrores que os infiéis infligiram à Terra Santa, deu uma brilhante descrição deste país que desde os dias de Moisés transbordou de leite e mel, e exortou os cavaleiros da França e os povos da Europa em geral a deixarem a esposa e os filhos e libertarem a Palestina dos turcos.

Uma onda de histeria religiosa varreu o continente. Toda razão acabou. Os homens largavam os martelos e a serras, saíam da loja e tomavam a estrada mais próxima para o leste para matar turcos. As crianças deixavam suas casas para "ir à Palestina" e deixavam os terríveis turcos de joelhos pelo mero apelo de seu zelo juvenil e piedade cristã. Totalmente noventa por cento desses entusiastas nunca chegaram à Terra Santa. Eles não tinham dinheiro. Eles foram forçados a implorar ou roubar para se manterem vivos. Eles se tornaram um perigo para a segurança das estradas e eles foram mortos pelo povo do país com raiva.

A primeira Cruzada, uma multidão selvagem de cristãos honestos, falidos em falência, nobres sem dinheiro e fugitivos da justiça, seguindo a liderança do meio louco Pedro, o Eremita e Walter sem Fortuna, iniciaram sua campanha contra os Infiéis matando todos os Judeus que eles encontravam pelo caminho. Chegaram até a Hungria e depois foram todos mortos.

Essa experiência ensinou a Igreja uma lição. Só o entusiasmo não libertaria a Terra Santa. A organização era tão necessária quanto a boa vontade e a coragem. Um ano foi gasto em treinar e equipar um exército de 200 mil homens. Eles foram colocados sob o comando de Godofredo de Bulhão, Robert, duque da Normandia, Robert, conde de Flandres, e um número de outros nobres, todos experientes na arte da guerra.



No ano 1096 esta segunda cruzada começou em sua longa viagem. Em Constantinopla, os cavaleiros homenagearam o imperador. (Pois, como lhes disse, as tradições morrem duramente, e um imperador romano, por mais pobre e impotente que seja, ainda era mantido em grande respeito). Então eles cruzaram para a Ásia, mataram todos os muçulmanos que caíram em suas mãos, invadiram Jerusalém, massacraram a população muçulmana e marcharam até o Santo Sepulcro para louvar e agradecer entre lágrimas de piedade e gratidão. Mas logo os turcos foram fortalecidos pela chegada de novas tropas. Então eles retomaram Jerusalém e por sua vez mataram os seguidores fiéis da Cruz.



Nos dois séculos seguintes, outras sete cruzadas ocorreram. Gradualmente, os cruzadores aprenderam a técnica da viagem. A viagem terrestre era muito entediante e muito perigosa. Eles preferiram atravessar os Alpes e ir para Gênova ou Veneza, onde tomaram o navio para o leste. Os genoveses e os venezianos fizeram deste serviço trans-mediterrânico de passageiros um negócio muito lucrativo. Eles cobravam taxas exorbitantes, e quando os cruzadores (a maioria dos quais tinha muito pouco dinheiro) não podiam pagar o preço, esses "especuladores" italianos permitiam que eles "trabalhassem em seu caminho". Em troca de uma tarifa de Veneza para o Acre, o Cruzador comprometia-se a fazer uma quantidade declarada de luta pelos donos de sua embarcação. Desta forma Veneza aumentou consideravelmente o seu território ao longo da costa do Adriático e na Grécia, onde Atenas se tornou uma colônia de Veneza, e nas ilhas de Chipre, Creta e Rodes.

Tudo isso, no entanto, ajudou pouco na resolução da questão da Terra Santa. Depois que o primeiro entusiasmo se esgotou, uma pequena viagem cruzada tornou-se parte da educação liberal de todo jovem bem-educado, e nunca houve falta de candidatos ao serviço na Palestina. Mas o velho zelo se foi. Os cruzadores, que haviam começado sua guerra com profundo ódio pelos maometanos e grande amor pelo povo cristão do Império Romano do Oriente e da Armênia, sofreram uma completa mudança de opinião. Eles passaram a desprezar os gregos de Bizâncio, que os enganavam e frequentemente traíam a causa da cruz, e os armênios e todas as outras raças levantinas, e começaram a apreciar as virtudes de seus inimigos que provaram ser oponentes generosos e justos.



É claro que nunca faria isso abertamente. Mas quando o cruzado retornou para casa, era provável que ele imitasse as maneiras que aprendera com seu inimigo pagão, em comparação com quem o cavaleiro ocidental comum ainda era uma boa parte de um caipira do interior. Ele também trouxe consigo vários novos alimentos, como pêssegos e espinafre, que ele plantou em seu jardim e cresceu para seu próprio benefício. Ele abandonou o costume bárbaro de usar uma carga pesada de armaduras e apareceu nas vestes de seda ou algodão que eram o hábito tradicional dos seguidores do Profeta e eram originalmente usadas pelos turcos. De fato, as Cruzadas, que haviam começado como uma expedição punitiva contra os pagãos, tornaram-se um curso de instrução geral em civilização para milhões de jovens europeus.

Do ponto de vista militar e político, as Cruzadas foram um fracasso. Jerusalém e várias cidades foram tomadas e perdidas. Uma dúzia de pequenos reinos foram estabelecidos na Síria, Palestina e Ásia Menor, mas foram reconquistados pelos turcos e após o ano de 1244 (quando Jerusalém se tornou definitivamente turca) o status da Terra Santa era o mesmo de antes de 1095. .

Mas a Europa passou por uma grande mudança. As pessoas do oeste tinham tido um vislumbre da luz, do sol e da beleza do leste. Seus sombrios castelos não mais os satisfaziam. Eles queriam uma vida mais ampla. Nem Igreja nem Estado poderiam dar isso a eles.

Eles encontraram nas cidades.



OceanofPDF.com

A CIDADE MEDIEVAL

Porque as pessoas da idade média diziam que "o ar da cidade é o ar livre"

A parte inicial da Idade Média tinha sido uma época de pioneirismo e de colonização. Um novo povo, que até então vivera fora da floresta selvagem, montanhas e pântanos que protegiam a fronteira nordeste do Império Romano, forçou seu caminho para as planícies da Europa ocidental e tomou posse da maior parte da terra. . Eles estavam inquietos, como todos os pioneiros desde o começo dos tempos. Eles gostavam de estar "em movimento". Eles cortam as florestas e cortam as gargantas uns dos outros com igual energia. Poucos deles queriam morar nas cidades. Insistiam em ser "livres", adoravam sentir o ar fresco das encostas encher seus pulmões enquanto conduziam seus rebanhos pelos pastos varridos pelo vento. Quando eles não gostaram mais de suas casas antigas, eles puxavam as estacas e iam embora em busca de novas aventuras.

Os mais fracos morreram. Os lutadores resistentes e as mulheres corajosas que seguiram seus homens para o deserto sobreviveram. Desta forma, eles desenvolveram uma forte raça de homens. Eles se importavam pouco com as graças da vida. Eles estavam ocupados demais para tocar violino ou escrever poemas. Eles tinham pouco amor pelas discussões. O sacerdote, "o homem instruído" da aldeia (e antes de meados do século XIII, um leigo que sabia ler e escrever era considerado um "marica") deveria resolver todas as questões que não tinham valor prático direto. Enquanto isso, o chefe germano, o barão franco, o duque nórdico (ou quaisquer que fossem seus nomes e títulos) ocuparam sua parte no território que antes fazia parte do grande Império Romano e entre as ruínas da glória passada, construíram um mundo próprio que lhes agradou poderosamente e que eles consideravam bastante perfeito.

Eles administraram os assuntos de seu castelo e do país ao redor da melhor maneira possível. Eles eram tão fiéis aos mandamentos da Igreja quanto qualquer mortal fraco poderia esperar ser. Eles eram suficientemente leais ao seu rei ou imperador para manter bons termos com aqueles

potentados distantes mas sempre perigosos. Em suma, eles tentaram fazer o certo e ser justo com seus vizinhos sem ser exatamente injusto com seus próprios interesses.

Não era um mundo ideal em que eles se encontravam. A maior parte do povo era de servos ou "vilões", mãos de fazendeiros que tanto faziam parte do solo em que viviam quanto as vacas e ovelhas cujos estábulos compartilhavam. Seu destino não era particularmente feliz nem era infeliz. Mas o que fazer? O bom Deus que governou o mundo da Idade Média, sem dúvida, ordenou tudo para o melhor. Se Ele, em sua sabedoria, tivesse decidido que deveria haver cavaleiros e servos, não era dever desses filhos fiéis da igreja questionar o arranjo. Os servos, portanto, não se queixavam, mas quando eram muito duros, eles morriam como gado que não são alimentados e estancados da maneira certa, e então algo seria feito apressadamente para melhorar sua condição. Mas se o progresso do mundo tivesse sido deixado ao servo e ao seu senhor feudal, ainda estaríamos vivendo à moda do século XII, dizendo "abracadabra" quando tentamos parar uma dor de dente e sentindo um profundo desprezo e ódio pelo dentista que se ofereceu para nos ajudar com sua "ciência", que provavelmente era de origem maometana ou pagã e, portanto, tanto iníqua quanto inútil.

Quando você crescer, descobrirá que muitas pessoas não acreditam em "progresso" e elas provarão a você pelas terríveis ações de alguns de nossos contemporâneos que "o mundo não muda". Mas espero que você não preste muita atenção a essa conversa. Você vê, levou nossos ancestrais quase um milhão de anos para aprender a andar sobre suas patas traseiras. Outros séculos tiveram que passar antes que seus grunhidos parecidos com animais se desenvolvessem em uma linguagem compreensível. Escrever — a arte de preservar nossas idéias para o benefício das gerações futuras, sem as quais nenhum progresso é possível, foi inventada há apenas quatro mil anos. A ideia de transformar as forças da natureza em servos obedientes do homem era bastante nova nos dias do seu próprio avô. Parece-me, portanto, que estamos progredindo a uma velocidade inaudita. Talvez tenhamos prestado muita atenção ao mero conforto físico da vida. Isso mudará no decorrer do tempo e, em seguida, atacaremos os problemas que não estão relacionados à saúde, aos salários, ao encanamento e às máquinas em geral.

Mas, por favor, não seja muito sentimental com os "bons e velhos tempos". Muitas pessoas que só vêem as lindas igrejas e as grandes obras de arte deixadas pela Idade Média tornam-se bastante eloquentes quando comparam nossa feia civilização com sua pressa e seu ruído e os cheiros maléficos dos caminhões com as cidades de um mil anos atrás. Mas essas igrejas medievais eram invariavelmente cercadas por choupanas miseráveis comparadas às quais um cortiço moderno se destaca como um palácio luxuoso. É verdade que o nobre Lancelote e o igualmente nobre Parsifal, o jovem herói puro que foi em busca do Santo Graal, não se incomodaram com o cheiro da gasolina. Mas havia outros cheiros da variedade de celeiro — odores de lixo em decomposição que haviam sido jogados na rua — de porcos em volta do palácio do bispo — de pessoas não lavadas que haviam herdado seus casacos e chapéus de seus avós e que nunca haviam aprendido a bênção do sabão. Eu não quero pintar uma imagem muito desagradável. Mas quando você lê nas crônicas antigas que o rei da França, olhando pelas janelas de seu palácio, desmaiava com o fedor causado pelos porcos torcendo nas ruas de Paris, quando um antigo manuscrito relata alguns detalhes de uma epidemia de uma praga ou da varíola, então você começa a entender que "progresso" é algo mais do que um slogan usado pelos publicitários modernos.

Não, o progresso dos últimos seiscentos anos não teria sido possível sem a existência de cidades. Vou, portanto, ter que discorrer neste capítulo um pouco mais do que muitos dos outros. É importante demais para ser reduzdo a três ou quatro páginas, dedicadas a meros eventos políticos.

O mundo antigo do Egito, Babilônia e da Assíria tinham sido um mundo de cidades. A Grécia tinha sido um país das cidades-estados. A história da Fenícia foi a história de duas cidades chamadas Sídon e Tiro. O Império Romano era o "interior" de uma única cidade. Escrever, arte, ciência, astronomia, arquitetura, literatura, teatro — a lista é interminável — foram todos produtos da cidade.

Por quase quatro mil anos, a colméia de madeira que chamamos de cidade foi a oficina do mundo. Depois vieram as grandes migrações. O Império Romano foi destruído. As cidades foram incendiadas e a Europa voltou a ser uma terra de pastagens e pequenas aldeias agrícolas. Durante a Idade das Trevas, os campos da civilização estavam em pousio.

As Cruzadas haviam preparado o solo para uma nova safra. Era hora da colheita, mas o fruto foram arrancados pelos burgueses das cidades livres.

Eu lhe contei a história dos castelos e mosteiros, com seus pesados cercados de pedras — as casas dos cavaleiros e dos monges, que guardavam os corpos dos homens e suas almas. Vocês viram como alguns artesãos (açougueiros, padeiros e um fabricante ocasional de velas) vieram morar perto do castelo para atender às necessidades de seus senhores e encontrar proteção em caso de perigo. Às vezes, o senhor feudal permitia que essas pessoas cercassem suas casas com uma paliçada. Mas eles eram dependentes para a sua vida com a boa vontade do poderoso Seigneur do castelo. Quando ele se aproximava, eles se ajoelhavam diante dele e beijavam sua mão.

Depois vieram as Cruzadas e muitas coisas mudaram. As migrações levaram pessoas do nordeste para o oeste. As Cruzadas fizeram milhões de pessoas viajarem do oeste para as regiões altamente civilizadas do sudeste. Eles descobriram que o mundo não estava limitado pelas quatro paredes de seu pequeno povoado. Eles vieram para apreciar roupas melhores, casas mais confortáveis, novos pratos, produtos do misterioso Oriente. Após o retorno às suas antigas casas, eles insistiram que fossem abastecidos com esses artigos. O mascate com sua mochila nas costas — o único comerciante da Idade das Trevas — acrescentou esses bens à sua mercadoria antiga, comprou um carrinho, contratou alguns ex-cruzadores para protegê-lo contra a onda de crimes que se seguiu a essa grande guerra internacional, e saiu para fazer negócios em uma escala mais moderna e maior. Sua carreira não foi fácil. Toda vez que ele entrava nos domínios de outro Senhor, ele tinha que pagar pedágios e impostos. Mas o negócio era lucrativo mesmo assim e o vendedor ambulante continuava fazendo as rondas.

Logo, certos comerciantes energéticos descobriram que as mercadorias que sempre importaram de longe podiam ser feitas em casa. Eles transformaram parte de suas casas em uma oficina. Eles deixaram de ser comerciantes e se tornaram fabricantes. Eles venderam seus produtos não apenas para o senhor do castelo e para o abade em seu mosteiro, mas também os exportaram para cidades vizinhas. O senhor e o abade lhes pagaram com produtos de suas fazendas, ovos e vinhos, e com mel, que naqueles primeiros dias era usado como açúcar. Mas os cidadãos de cidades

distantes eram obrigados a pagar em dinheiro e o fabricante e o comerciante começaram a possuir pequenos montantes de ouro, o que mudou completamente sua posição na sociedade do início da Idade Média.

É difícil imaginar um mundo sem dinheiro. Em uma cidade moderna, não é possível viver sem dinheiro. O dia todo você carrega um bolso cheio de pequenos discos de metal para "pagar no seu caminho" (agora você deve utilizar cartões de créditos). Você precisa de um centavo para o transporte, um dólar para um jantar, três centavos para um jornal da noite. Mas muitas pessoas do início da Idade Média nunca viram um dinheiro inventado desde o nascimento até o dia da morte. O ouro e a prata da Grécia e de Roma estavam enterrados sob as ruínas de suas cidades. O mundo das migrações, que sucedeu ao Império, era um mundo agrícola. Todos os fazendeiros criavam grãos suficientes e ovelhas suficientes e vacas suficientes para seu próprio uso.



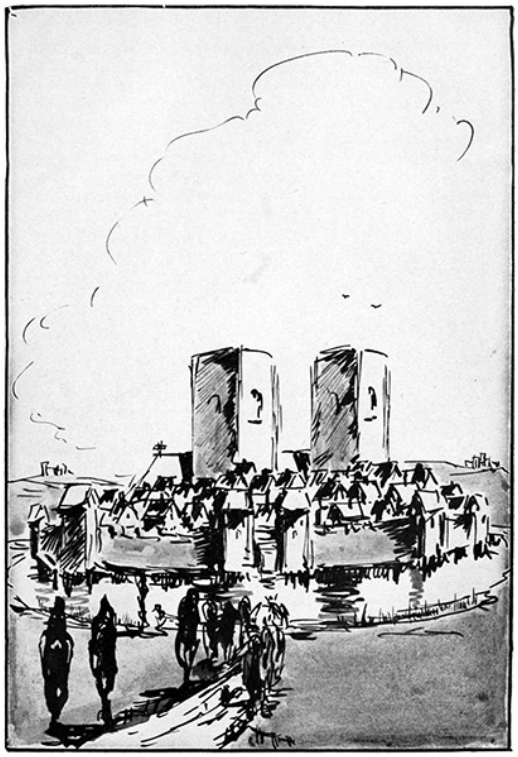
O cavaleiro medieval era um escudeiro e raramente era obrigado a pagar pelos materiais em dinheiro. Suas fazendas produziam tudo o que ele e sua família comiam, bebiam e usavam em suas costas. Os tijolos de sua casa foram feitos ao longo das margens do rio mais próximo. A madeira para as vigas do salão foi cortada da floresta baronial. Os poucos artigos que tinham que vir do exterior eram pagos em bens — em mel — em ovos — em cervos.

Mas as Cruzadas perturbaram a rotina da velha vida agrícola de uma maneira muito drástica. Suponha que o duque de Hildesheim estivesse indo para a Terra Santa. Ele deve viajar milhares de quilômetros e pagar a passagem e as contas do hotel. Em casa, ele poderia pagar com produtos de sua fazenda. Mas ele não podia levar uma centena de dúzias de ovos e uma

carreta de presuntos com ele para satisfazer a ganância do agente de navegação de Veneza ou o estalajadeiro da Passagem do Brennero. Esses senhores insistiram em dinheiro. Seu senhorio, portanto, foi obrigado a levar uma pequena quantidade de ouro com ele em sua viagem. Onde ele poderia encontrar esse ouro? Ele podia pegá-lo emprestado dos lombardos, os descendentes dos velhos longobardos, que haviam se transformado em emprestadores de dinheiro profissionais, que estavam sentados atrás de sua mesa de câmbio (comumente conhecido como "banco") ficavam contentes em permitir que sua Graça tivesse algumas centenas de moedas de ouro em troca de uma hipoteca sobre suas propriedades, a fim de que pudessem ser reembolsadas para o caso de Sua Senhoria morrer nas mãos dos turcos.

Isso era um negócio perigoso para o mutuário. No final, os lombardos invariavelmente possuíam as propriedades e o cavaleiro tornou-se um falido, que se contratou como um homem de combate para um vizinho mais poderoso e mais cuidadoso.

Sua graça também poderia ir para a parte da cidade onde os judeus foram forçados a viver. Lá ele poderia emprestar dinheiro a uma taxa de cinquenta ou sessenta por cento de juros. Isso também era um mau negócio. Mas havia uma saída? Dizem que algumas pessoas da pequena cidade que rodeava o castelo tinham dinheiro. Eles conheceram o jovem lorde a vida toda. Seu pai e seus pais tinham sido bons amigos. Eles não seriam despropositados em suas demandas. Muito bem. O escrivão de seu senhorio, um monge que podia escrever e manter contas, enviou uma nota aos mercadores mais conhecidos e pediu um pequeno empréstimo. As pessoas da cidade reuniram-se na sala de trabalho do joalheiro que fez cálices para as igrejas próximas e discutiam essa demanda. Eles não podiam recusar. Não serviria a nenhum propósito pedir “juros”. Em primeiro lugar, era contra os princípios religiosos da maioria das pessoas ter interesse e, em segundo lugar, nunca seria pago, exceto em produtos agrícolas, e desses, as pessoas tinham suficiente e de sobra.



"Mas", sugeriu o alfaiate que passou os dias em silêncio sentado em sua mesa e que era um filósofo, "suponha que pedimos algum favor em troca de nosso dinheiro. Todos gostamos de pescar. Mas seu senhorio não. Vamos pescar em seu riacho. Suponha que nós o deixemos ter cem ducados e que ele nos dê em troca uma garantia escrita que nos permita pescar tudo o que queremos em todos os seus rios. Então ele recebe as cem que ele precisa e nós pegamos os peixes, será um bom negócio para ambas as partes. "

No dia em que seu senhorio aceitou essa proposição (parecia uma maneira tão fácil de obter cem peças de ouro), ele assinou a sentença de morte de seu próprio poder. Seu funcionário elaborou o acordo. Seu senhorio fez sua marca (pois ele não podia assinar seu nome) e partiu para o Oriente. Dois anos depois ele voltou, sem dinheiro. As pessoas da cidade estavam pescando na lagoa do castelo. A visão dessa fila silenciosa de pescadores irritou seu senhorio. Ele disse a seu amigo para ir e afastar a multidão. Eles foram, mas naquela noite uma delegação de mercadores visitou o castelo. Eles foram muito educados. Eles parabenizaram seu senhorio em seu retorno seguro. Lamentaram que seu senhorio tivesse sido incomodado pelos pescadores, mas como seu senhorio talvez se lembrasse de que ele lhes dera permissão para fazê-lo, e o alfaiate produziu a Carta

que havia sido guardada no cofre do joalheiro desde que o mestre foi para a Terra Santa.

Sua senhoria estava muito aborrecida. Mas mais uma vez ele estava precisando urgentemente de algum dinheiro. Na Itália, ele havia assinado seu nome para alguns documentos que estavam agora em posse do Salvestro de Médicis o conhecido banqueiro. Esses documentos eram "notas promissórias" e eram devidos dois meses a partir da data. Sua quantia total chegou a trezentos e quarenta libras, ouro flamengo. Sob essas circunstâncias, o nobre cavaleiro não podia demonstrar a raiva que enchia seu coração e sua alma orgulhosa. Em vez disso, ele pediu outro pequeno empréstimo. Os comerciantes se retiraram para discutir o assunto.

Depois de três dias eles voltaram e disseram "sim". Eles estavam muito felizes em poder ajudar seu mestre em suas dificuldades, mas em troca das 345 libras de ouro ele lhes daria outra promessa escrita (outra carta) de que eles, os habitantes da cidade, poderiam estabelecer um conselho próprio para ser Eleito por todos os comerciantes e cidadãos livres da cidade, disse conselho para gerir assuntos cívicos sem interferência do lado do castelo?

Seu senhorio estava confundido com raiva. Mas novamente, ele precisava do dinheiro. Ele disse que sim e assinou a carta. Na semana seguinte, ele se arrependeu. Chamou seus soldados e foi até a casa do joalheiro e pediu os documentos que seus astutos súditos haviam lhe arrancado sob a pressão das circunstâncias. Ele os levou embora e os queimou. As pessoas da cidade pararam e não disseram nada. Mas quando o próximo senhorio precisou de dinheiro para pagar o dote de sua filha, ele não conseguiu um único centavo. Depois desse pequeno caso no joalheiro, seu crédito não foi considerado bom. Ele foi forçado a comer uma torta humilde e oferecer-se para fazer certas reparações. Antes de sua senhoria ter a primeira parcela da soma estipulada, os habitantes da cidade estavam mais uma vez de posse de todas as suas antigas cartas e uma nova que lhes permitia construir uma "prefeitura" e uma torre forte onde todas as cartas poderiam ser mantido protegido contra o fogo e o roubo, o que realmente significava protegido contra futuras violências por parte do Senhor e seus seguidores armados.



Isto, de uma forma muito geral, é o que aconteceu durante os séculos que se seguiram às Cruzadas. Foi um processo lento, essa mudança gradual de poder do castelo para a cidade. Houve alguns combates. Alguns alfaiates e joalheiros foram mortos e alguns castelos foram queimados. Mas tais ocorrências não eram comuns. Quase imperceptivelmente as cidades ficaram mais ricas e os senhores feudais ficaram mais pobres. Para se manterem, foram forçados a trocar cartas de liberdade cívica em troca de dinheiro pronto. As cidades cresceram. Eles ofereceram um asilo para os servos fugitivos que ganharam sua liberdade depois de viverem vários anos atrás das muralhas da cidade. Eles vieram para ser a casa dos elementos mais energéticos dos distritos do país circundante. Eles se orgulhavam de sua nova importância e expressavam seu poder nas igrejas e prédios públicos que eles erguiam em torno do antigo mercado, onde séculos antes da troca de ovos e ovelhas e mel e sal haviam ocorrido. Eles queriam que seus filhos tivessem uma chance melhor na vida do que eles se divertiram. Eles contrataram monges para virem à sua cidade e serem professores da escola. Quando ouviram falar de um homem que podia pintar quadros em tábuas de madeira, ofereceram-lhe uma pensão se ele viesse cobrir as paredes de suas capelas e sua prefeitura com cenas das Sagradas Escrituras.



Enquanto isso, seu senhorio, nos monótonos e sombrios corredores de seu castelo, viu todo esse esplendor inicial e se arrependeu do dia em que primeiro assinara um único de seus direitos e prerrogativas soberanas. Mas ele estava desamparado. Os habitantes da cidade, com suas caixas fortes bem cheias, estalaram os dedos para ele. Eles eram homens livres, totalmente preparados para manter o que haviam ganho com o suor de suas sobrancelhas e depois de uma luta que durou mais de dez gerações.

OceanofPDF.com

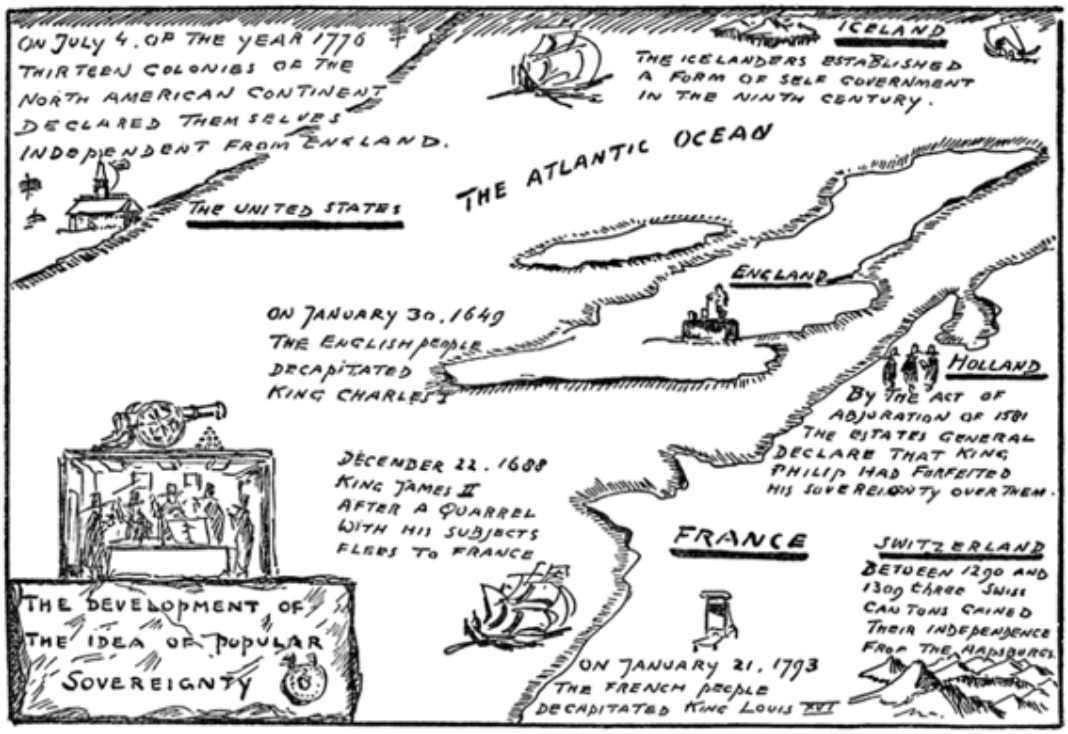
AUTOGOVERNO MEDIEVAL

Como as pessoas das cidades aferiram o seu direito a ser ouvido nos conselhos reais de seu país

Enquanto as pessoas eram "nômades", tribos errantes de pastores, todos os homens eram iguais e eram responsáveis pelo bem-estar e segurança de toda a comunidade.

Mas depois que eles se acalmaram e alguns enriqueceram e outros se tornaram pobres, o governo estava apto a cair nas mãos daqueles que não eram obrigados a trabalhar para viver e que podiam se dedicar à política.

Eu lhe contei como isso aconteceu no Egito, Mesopotâmia, Grécia e em Roma. Ocorreu entre a população germânica da Europa Ocidental assim que a ordem foi restaurada. O mundo da Europa Ocidental foi governado em primeiro lugar por um imperador que foi eleito pelos sete ou oito reis mais importantes do vasto Império Romano-Germânico e que desfrutava de uma grande quantidade de poder imaginário e muito pouco de poder real. Era governado por um número de reis que se sentavam em tronos trêmulos. O governo de todos os dias estava nas mãos de milhares de principes feudais. Seus súditos eram camponeses ou servos. Havia poucas cidades. Quase não havia classe média. Mas durante o século XIII (após uma ausência de quase mil anos) a classe média — a classe dos comerciantes — mais uma vez apareceu no palco histórico e sua ascensão no poder, como vimos no último capítulo, significou um diminuição da influência do povo do castelo.



Até então, o rei, ao governar seus domínios, prestou atenção apenas aos desejos de seus nobres e de seus bispos. Mas o novo mundo da troca e do comércio, que surgiu das Cruzadas, forçou-o a reconhecer a classe média ou a sofrer de um vazio cada vez maior do seu tesouro. Suas majestades (se tivessem seguido seus desejos ocultos) teriam rapidamente consultado suas vacas e seus porcos como os bons burgueses de suas cidades. Mas eles não podiam se ajudar. Eles engoliram a pílula amarga porque ela era dourada, mas não sem esforço.

Na Inglaterra, durante a ausência de Ricardo Coração de Leão (que foi para a Terra Santa, mas que passava a maior parte de sua cruzada em uma prisão austríaca), o governo do país havia sido colocado nas mãos de João, um irmão de Ricardo, que era seu inferior na arte da guerra, mas seu igual como mau administrador. João começou sua carreira como regente, perdendo a Normandia e a maior parte das possessões francesas. Em seguida, ele conseguiu entrar em uma briga com o papa Inocêncio III, o famoso inimigo dos Hohenstaufens. O papa havia excomungado João (como Gregório VII havia excomungado o imperador Henrique IV dois séculos antes). No ano de 1213, João tinha sido obrigado a fazer uma paz ignominiosa, assim como Henrique IV tinha sido obrigado a fazer no ano de 1077.

Desanimado por sua falta de sucesso, João continuou a abusar de seu poder real até que seus vassalos descontentes fizeram um prisioneiro de seu governante ungido e o forçou a prometer que ele seria bom e nunca mais interferiria com os antigos direitos de seus súditos. Tudo isso aconteceu em uma pequena ilha no Tamisa, perto do vilarejo de Runnymede, em 15 de junho de 1215. O documento para o qual João assinou seu nome chamava-se Grande Carta — a Magna Carta. Continha muito pouco que era novo. Ele reiterou em frases curtas e diretas os antigos deveres do rei e enumerou os privilégios de seus vassalos. Prestou pouca atenção aos direitos (se houver) da vasta maioria do povo, dos camponeses, mas oferecia certos títulos à classe crescente dos comerciantes. Era uma carta de grande importância porque definia os poderes do rei com mais precisão do que jamais havia sido feito antes. Mas ainda era um documento puramente medieval. Não se referia a seres humanos comuns, a menos que fossem propriedade do vassalo, que deve ser protegido contra a tirania real, assim como as florestas e vacas baronais eram protegidas contra um excesso de zelo por parte dos silvicultores reais.

Alguns anos depois, no entanto, começamos a ouvir uma nota muito diferente nos conselhos de Sua Majestade.

João, que era mau, tanto por nascimento como por inclinação, solenemente prometera obedecer à grande carta e depois quebrara cada uma de suas muitas estipulações. Felizmente, ele logo morreu e foi sucedido por seu filho Henrique III, que foi forçado a reconhecer a Carta novamente. Enquanto isso, o tio Ricardo, o cruzado, havia custado ao país uma grande quantidade de dinheiro e o rei era obrigado a pedir alguns empréstimos para poder pagar suas obrigações aos credores de dinheiro judaicos. Os grandes proprietários de terras e os bispos que agiam como conselheiros do rei não podiam fornecer-lhe o ouro e a prata necessários. O rei então deu ordens para que alguns representantes das cidades fossem chamados para assistir às sessões de seu Grande Conselho. Eles fizeram sua primeira aparição no ano de 1265. Eles deveriam agir apenas como especialistas financeiros que não deviam tomar parte na discussão geral das questões de Estado, mas dar conselhos exclusivamente sobre a questão da tributação.

Gradualmente, porém, esses representantes dos "comuns" foram consultados sobre muitos dos problemas e o encontro de nobres, bispos e delegados municipais se transformou em um Parlamento regular, um lugar

"où l’on parlait", que significa em português onde as pessoas falavam, antes que assuntos importantes do estado fossem tratados.

Mas a instituição de tal conselho consultivo geral com certos poderes executivos não era uma invenção inglesa, como parece ser a crença geral, e o governo por um "rei e seu parlamento" não era de forma alguma restrito às Ilhas Britânicas. Você encontrará em todas as partes da Europa. Em alguns países, como a França, o rápido aumento do poder real após a Idade Média reduziu a influência do "parlamento" a nada. No ano de 1302, representantes das cidades haviam sido admitidos na reunião do parlamento francês, mas cinco séculos se passaram antes que esse "Parlamento" fosse forte o suficiente para fazer valer os direitos da classe média, o chamado Terceiro Estado, e quebrar o poder do rei. Então eles compensaram o tempo perdido e durante a Revolução Francesa, aboliram o rei, o clero e os nobres e fizeram dos representantes do povo comum os governantes da terra. Na Espanha, a "corte" (o conselho do rei) foi aberto aos plebeus na primeira metade do século XII. No Império Germânico, várias cidades importantes obtiveram o posto de "cidades imperiais" cujos representantes deveriam ser ouvidos na Dieta Imperial (Reichstag).



Na Suécia, representantes do povo participaram das sessões do Riksdag na primeira reunião do ano 1359. Na Dinamarca, o Daneholf, a antiga assembléia nacional, foi restabelecida em 1314 e, embora os nobres muitas vezes recuperassem o controle do país às custas do rei e do povo, os representantes das cidades nunca foram completamente privados de seu poder.

No país escandinavo, a história do governo representativo é particularmente interessante. Na Islândia, o "Althing", a assembléia de todos os proprietários de terras livres, que administravam os negócios da ilha, começou a realizar reuniões regulares no século IX e continuou a fazê-lo por mais de mil anos.



Na Suíça, os homens livres dos diferentes cantões defenderam suas assembleias contra as tentativas de um grande número de vizinhos feudais.

Finalmente, nos Países Baixos, na Holanda, os conselhos dos diferentes ducados e condados foram atendidos por representantes do terceiro estado já no século XIII.

No século XVI, várias dessas pequenas províncias se rebelaram contra seu rei, abjuraram sua majestade em uma reunião solene dos "Estados Gerais", retiraram o clero das discussões, quebraram o poder dos nobres e assumiram plena autoridade executiva sobre os recém-chegados. Estabeleceu a República dos Sete Países Baixos. Por dois séculos, os representantes dos conselhos municipais governaram o país sem um rei, sem bispos e sem nobres. A cidade havia se tornado suprema e os bons burgueses haviam se tornado os governantes da terra.

OceanofPDF.com

O MUNDO MEDIEVAL

O que as pessoas da idade média pensam do mundo em que viviam

Datas são uma invenção muito útil. Nós não poderíamos ficar sem elas, mas a menos que tenhamos muito cuidado, eles nos enganarão. Elas estão aptos a tornar a história muito precisa. Por exemplo, quando falo do ponto de vista do homem medieval, não quero dizer que no dia 31 de dezembro do ano 476, de repente todos os povos da Europa disseram: "Ah, agora o Império Romano veio a um fim e estamos vivendo na Idade Média. Que interessante! "

Você poderia ter encontrado homens na corte franca de Carlos Magno, que eram romanos em seus hábitos, em suas maneiras, em sua aparência de vida. Por outro lado, quando você crescer, descobrirá que algumas das pessoas neste mundo nunca passaram além do estágio do homem das cavernas. Todos os tempos e todas as idades se sobrepõem, e as ideias das gerações seguintes jogam umas com as outras. Mas é possível estudar as mentes de muitos representantes verdadeiros da Idade Média e depois dar uma idéia da atitude do homem comum em relação à vida e aos muitos problemas difíceis da vida.

Antes de tudo, lembre-se de que as pessoas da Idade Média nunca pensaram em si mesmas como cidadãos nascidos livres, que podiam ir e vir à vontade e moldar seu destino de acordo com sua capacidade, energia ou sorte. Pelo contrário, todos eles se consideravam parte do esquema geral das coisas, que incluía imperadores e servos, papas e hereges, heróis e fanfarrões, homens ricos, homens pobres, mendigos e ladrões. Eles aceitaram essa ordenança divina e não fizeram perguntas. Nisso, é claro, diferiam radicalmente das pessoas modernas que não aceitam nada e que estão sempre tentando melhorar sua própria situação financeira e política.

Para o homem e a mulher do século XIII, o mundo afora — um paraíso de maravilhosas delícias e um inferno de enxofre e sofrimento — significava algo mais do que palavras vazias ou frases teológicas vagas. Foi

um fato real e os burgueses e cavaleiros medievais passaram a maior parte do tempo se preparando para isso. Nós, as pessoas modernas, consideramos uma morte nobre depois de uma vida bem passada com a tranquila calma dos antigos gregos e romanos. Depois de três anos de trabalho e esforço, vamos dormir com a sensação de que tudo ficará bem.

Mas, durante a Idade Média, o Rei dos Terrores, com seu crânio sorridente e seus ossos roncadores, seus companheiros constante. Ele acordava suas vítimas com melodias terríveis em seu violino desafinado, sentava-se com eles no jantar, ele sorria para eles por trás de árvores e arbustos quando iam caminhar. Se você não tivesse ouvido nada além de fios arrepiantes sobre cemitérios, caixões e doenças terríveis quando era muito jovem, em vez de ouvir os contos de fadas de Anderson e Grimm, você também teria vivido todos os seus dias com medo da hora final e o horrível dia do Julgamento. Isso é exatamente o que aconteceu com as crianças da Idade Média. Eles se moviam em um mundo de demônios e fantasmas e apenas alguns anjos ocasionais. As vezes, seu medo do futuro enchia suas almas com humildade e piedade, mas frequentemente isso as influenciava de outra maneira e as tornava cruéis e sentimentais. Antes de tudo assassinariam todas as mulheres e crianças de uma cidade capturada e então marchariam devotamente para um lugar sagrado e, com as mãos ensanguentadas com o sangue de vítimas inocentes, rezariam para que um céu misericordioso lhes perdoasse seus pecados. Sim, eles fariam mais do que orar, chorariam lágrimas amargas e confessariam a si mesmos os pecados mais iníquos. Mas no dia seguinte, eles novamente fariam um acampamento de inimigos sarracenos sem uma centelha de misericórdia em seus corações.

É claro que os cruzadores eram cavaleiros e obedeciam a um código de maneiras um pouco diferente dos homens comuns. Mas, em tais aspectos, o homem comum era exatamente o mesmo que seu mestre. Ele também se assemelhava a um cavalo tímido, facilmente assustado por uma sombra ou um pedaço de papel bobo, capaz de um serviço excelente e fiel, mas passível de fugir e causar danos terríveis quando sua imaginação febril vislumbrava um fantasma.

Ao julgar essas pessoas boas, entretanto, é sábio lembrar as terríveis desvantagens sob as quais elas viviam. Eles eram realmente bárbaros que se apresentavam como pessoas civilizadas. Carlos Magno e Oto, o Grande,

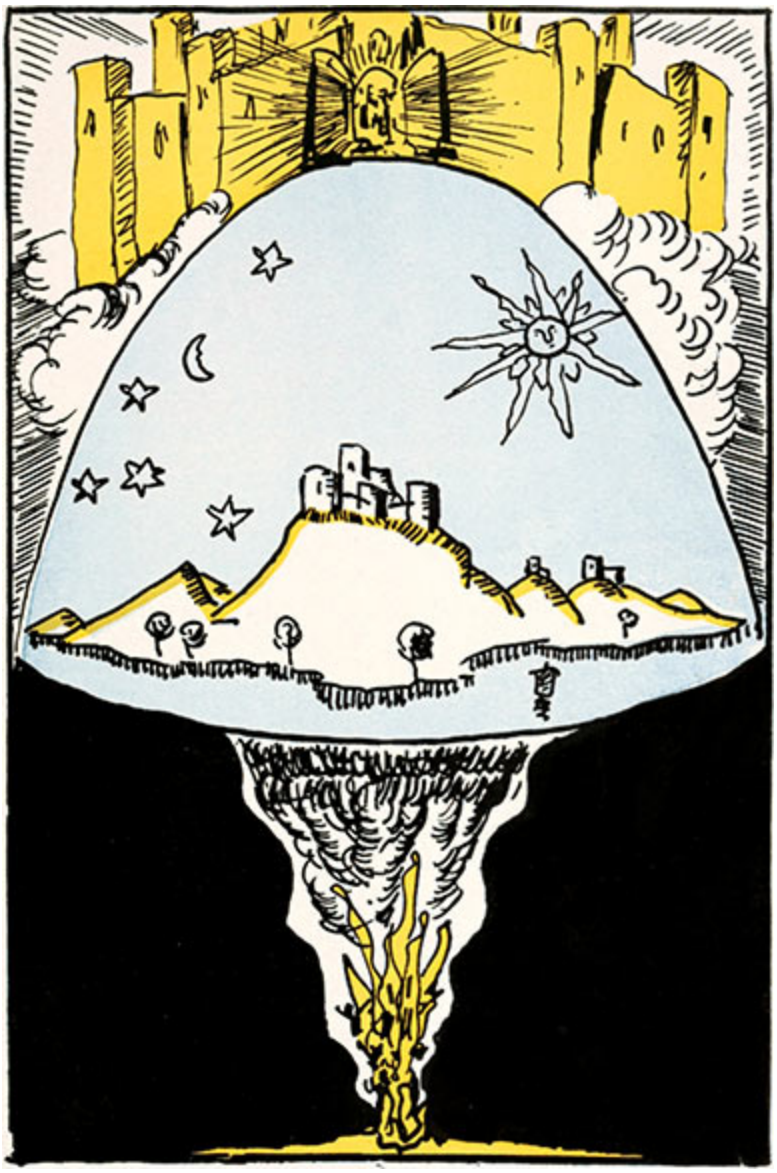
eram chamados de "imperadores romanos", mas tinham pouca semelhança com um verdadeiro imperador romano (Augusto ou Marco Aurélio), como o "rei" Wumba Wumba, do Alto Congo, tinha com os governantes altamente educados da Suécia ou da Dinamarca. Eles eram selvagens que viviam em meio a gloriosas ruínas, mas que não compartilhavam os benefícios da civilização que seus pais e avós tinham destruído. Eles não sabiam nada. Eles ignoravam quase todos os fatos que um menino de doze anos conhece hoje. Eles eram obrigados a procurar em um único livro as repostas para todas as suas dúvidas. Esse livro era a Bíblia. Mas aquelas partes da Bíblia que influenciaram a história da raça humana para melhor são aqueles capítulos do Novo Testamento que nos ensinam as grandes lições morais de amor, caridade e perdão. Como um manual de astronomia, zoologia, botânica, geometria e todas as outras ciências, o livro venerável não é totalmente confiável. No século XII, um segundo livro foi acrescentado à biblioteca medieval, a grande enciclopédia de conhecimento útil, compilada por Aristóteles, o filósofo grego do quarto século antes de Cristo. Por que a igreja cristã deveria estar disposta a conceder tais altas honras ao mestre de Alexandre, o Grande, enquanto condenavam todos os outros filósofos gregos por causa de suas doutrinas pagãs, eu realmente não sei. Mas ao lado da Bíblia, Aristóteles foi reconhecido como o único professor confiável cujas obras poderiam ser seguramente colocadas nas mãos dos verdadeiros cristãos.

Suas obras haviam chegado à Europa de uma maneira um pouco indireta. Eles tinham ido da Grécia para Alexandria. Eles foram então traduzidos do grego para o idioma árabe pelos maometanos que conquistaram o Egito no século VII. Eles seguiram os exércitos muçulmanos para a Espanha e a filosofia do grande stagirita (Aristóteles era natural de Stagira, na Macedônia) foi ensinada nas universidades mouras de Córdoba. O texto em árabe foi então traduzido para o latim pelos estudantes cristãos que haviam cruzado os Pirineus para obter uma educação liberal e essa versão muito viajada dos livros famosos foi finalmente ensinada nas diferentes escolas do noroeste da Europa. Não foi muito claro, mas isso tornou tudo ainda mais interessante.

Com a ajuda da Bíblia e de Aristóteles, os homens mais brilhantes da Idade Média começaram a trabalhar para explicar todas as coisas entre o Céu e a Terra em sua relação com a vontade expressa de Deus. Esses

homens brilhantes, os chamados escolásticos, eram realmente muito inteligentes, mas haviam obtido suas informações exclusivamente de livros e nunca de observações reais. Se quisessem fazer uma palestra sobre o esturjão ou lagartas, liam o Antigo e o Novo Testamento e Aristóteles e contavam a seus alunos tudo que esses bons livros tinham a dizer sobre o assunto de lagartas e esturjões. Eles não foram até o rio mais próximo para pegar um esturjão. Eles não deixaram suas bibliotecas e se dirigiram para o quintal para pegar algumas lagartas e olhar para esses animais e estudá-los em suas casas nativas. Mesmo estudiosos famosos como Alberto Magno e Tomás de Aquino não perguntaram se os esturjões na terra da Palestina e as lagartas da Macedônia poderiam não ter sido diferentes dos esturjões e das lagartas da Europa ocidental.

Quando, ocasionalmente, uma pessoa excepcionalmente curiosa como Roger Bacon aparecia no conselho do erudito e começava a experimentar lupas e telescópios engraçados e, na verdade, arrastava o esturjão e a lagarta para a sala de palestras e provava que eles eram diferentes criaturas descritas pelo Antigo Testamento e por Aristóteles, os escolásticos balançaram suas cabeças dignas. Bacon estava indo longe demais. Quando ele se atreveu a sugerir que uma hora de observação real valia mais de dez anos com Aristóteles e que as obras daquele famoso grego poderiam ter permanecido sem tradução por todo o bem que já haviam feito, os escolásticos foram à polícia e disseram: “Este homem é um perigo para a segurança do estado. Ele quer que estudemos grego para que possamos ler Aristóteles no original. Por que ele não deveria se contentar com a nossa tradução em latim que satisfez nosso povo fiel por tantos séculos? Por que ele está tão curioso sobre o interior dos peixes e o interior dos insetos? Ele é provavelmente um mago malvado tentando perturbar a ordem estabelecida das coisas com sua Magia Negra. ”E tão bem alegaram sua causa que os assustados guardiões da paz proibiram que Bacon escrevesse uma única palavra por mais de dez anos. Quando ele retomou seus estudos, ele aprendeu uma lição. Ele escreveu seus livros em uma cifra estranha que tornou impossível para seus contemporâneos lê-los, um truque que se tornou comum quando a Igreja se tornou mais desesperada em suas tentativas de impedir que as pessoas fizessem perguntas que levassem a dúvidas e infidelidade.



Isso, no entanto, não foi feito a partir de qualquer desejo perverso de manter as pessoas ignorantes. O sentimento que levou os caçadores hereges daquele dia foi realmente muito gentil. Eles acreditavam firmemente — não, eles sabiam — que essa vida não passava de uma preparação para nossa existência real no mundo vindouro. Sentiam-se convencidos de que muito conhecimento deixava as pessoas desconfortáveis, enchiam suas mentes com opiniões perigosas e levavam à dúvida e, consequentemente, à perdição. Um colegial medieval que viu um de seus alunos se afastar da autoridade revelada da Bíblia e de Aristóteles, de que poderia estudar as coisas por si mesmo, sentiu-se tão desconfortável quanto uma mãe amorosa que vê seu filho pequeno se aproximar de um fogão quente. Ela sabe que

ele vai queimar seus dedinhos se lhe for permitido tocá-lo e ela tenta mantê-lo longe, se necessário, ela usará força. Mas ela realmente ama a criança e se ele apenas a obedecer, ela será tão boa para ele quanto possível. Da mesma forma, os guardiães medievais das almas das pessoas, embora fossem rigorosos em todos os assuntos relativos à Fé, escravizavam dia e noite para prestar o maior serviço possível aos membros de seu rebanho. Eles estendiam a mão sempre que podiam e a sociedade daquele dia mostra a influência de milhares de homens bons e mulheres piedosas que tentavam tornar o destino do mortal médio o mais suportável possível.

Um servo era um servo e sua posição nunca mudaria. Mas o bom Deus da Idade Média, que permitiu que o servo permanecesse escravo durante toda a sua vida, concedeu uma alma imortal a essa humilde criatura e, portanto, ele deve ser protegido em seus direitos, para que viva e morra como um bom cristão. Quando ele ficou velho demais ou muito fraco para trabalhar, ele deve ser cuidado pelo mestre feudal por quem ele havia trabalhado. O servo, portanto, que levava uma vida monótona e triste, nunca foi assombrado pelo medo de amanhã. Ele sabia que estava "a salvo" — que ele não poderia ser expulso do emprego, que sempre teria um teto sobre sua cabeça (um telhado com vazamentos, talvez, mas mesmo assim telhado), e que ele sempre teria algo para comer.

Esse sentimento de “estabilidade” e de “segurança” foi encontrado em todas as classes da sociedade. Nas cidades, os mercadores e os artesãos estabeleceram guildas que asseguravam a todos os membros uma renda estável. Não incentivou os ambiciosos a fazer melhor do que seus vizinhos. Muitas vezes as guildas davam proteção aos “preguiçosos” que conseguiam “sobreviver”. Mas eles estabeleciam um sentimento geral de conteúdo e segurança entre as classes trabalhadoras que não existe mais em nossos dias de competição geral. A Idade Média estava familiarizada com os perigos do que as pessoas modernas chamam de “monopólio”, quando um único homem rico apanha todo o grão ou sabonete ou arenque em conserva, e então obriga o mundo a comprar dele a seu próprio preço. As autoridades, portanto, desencorajaram o comércio por atacado e regulamentaram o preço pelo qual os comerciantes podiam vender seus produtos.

A Idade Média não gostava de competição. Por que competir e encher o mundo com pressa e rivalidade e uma multidão de homens empurrando, quando o Dia do Juízo estava próximo, quando as riquezas não valeriam

nada e quando o bom servo entraria nos portões dourados do Céu enquanto o mau cavaleiro era enviado para fazer penitência no poço mais profundo do Inferno?

Em suma, pediu-se às pessoas da Idade Média que entregassem parte de sua liberdade de pensamento e ação, para que pudessem desfrutar de maior segurança da pobreza do corpo e da pobreza da alma.

E com pouquíssimas exceções, eles não objetaram. Eles acreditavam firmemente que eles eram meros visitantes neste planeta — que eles estavam aqui para estarem preparados para uma vida maior e mais importante. Deliberadamente voltaram as costas para um mundo cheio de sofrimento, maldade e injustiça. Eles abaixaram as persianas para que os raios do sol não desviassem sua atenção daquele capítulo do Apocalipse, que lhes dizia que a luz celestial deveria iluminar sua felicidade em toda a eternidade. Eles tentaram fechar os olhos para a maioria das alegrias do mundo em que viviam, para que pudessem desfrutar daquelas que os aguardavam no futuro próximo. Aceitavam a vida como um mal necessário e acolhia a morte como o começo de um dia glorioso.

Os gregos e os romanos nunca se preocuparam com o futuro, mas tentaram estabelecer o seu Paraíso bem aqui nesta terra. Eles conseguiram tornar a vida extremamente agradável para os seus semelhantes que não eram escravos. Então veio o outro extremo da Idade Média, quando o homem construiu um Paraíso além das nuvens mais altas e transformou este mundo em um vale de lágrimas para o alto e baixo, para o rico e o pobre, para o inteligente e o tolo. Já era hora de o pêndulo voltar na outra direção, como eu lhe contarei no próximo capítulo.

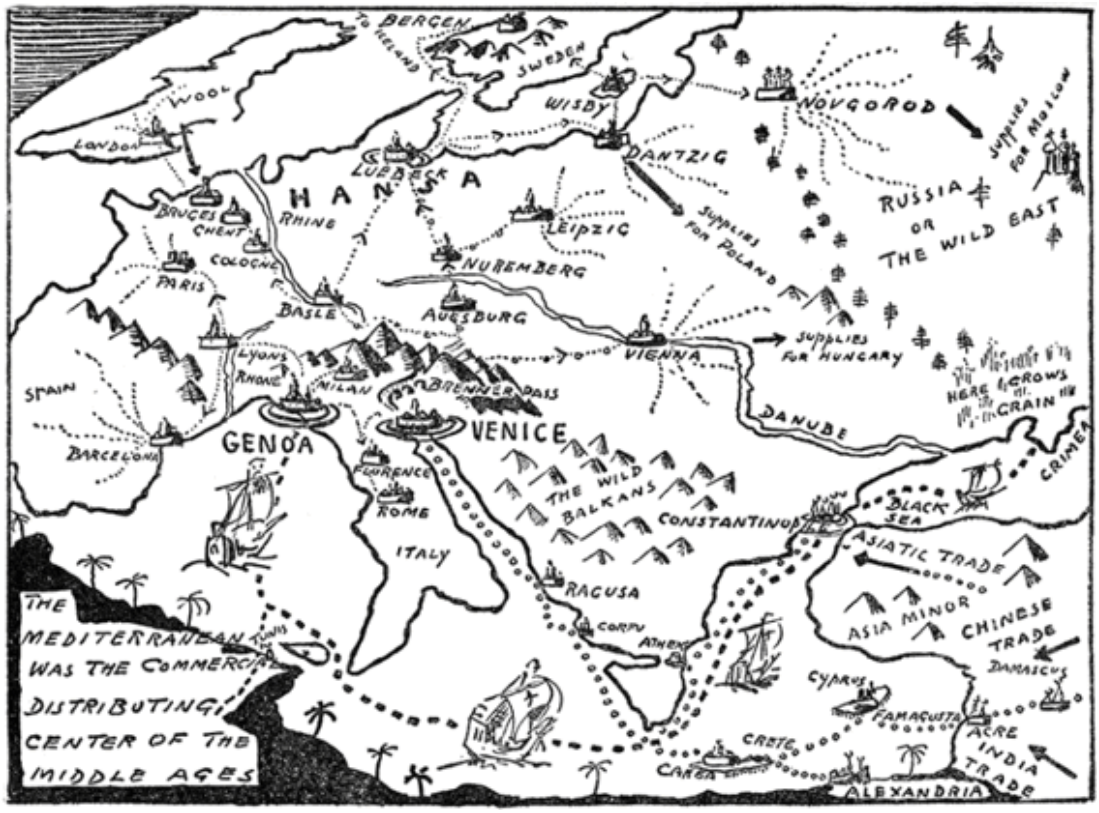
OceanofPDF.com

COMÉRCIO MEDIEVAL

Como as cruzadas uma vez mais fizeram do mediterrâneo um centro de comércio ocupado e como as cidades da península italiana se tornaram o grande centro de distribuição do comércio junto da Ásia e África

Havia três boas razões pelas quais as cidades italianas deveriam ter sido as primeiras a reconquistar uma posição de grande importância durante o final da Idade Média. A península italiana foi colonizada por Roma muito cedo. Havia mais estradas, mais cidades e mais escolas do que em qualquer outro lugar da Europa.

Os bárbaros tinham queimado tão vigorosamente na Itália quanto em outros lugares, mas havia tanto para destruir que mais pessoas conseguiram sobreviver. Em segundo lugar, o papa vivia na Itália e, como chefe de uma vasta máquina política, que possuía terras, servos, edifícios, florestas, rios e conduzia cortes de justiça, recebia constantemente muito dinheiro. As autoridades papais tinham que ser pagas em ouro e prata, assim como os mercadores e donos de navios de Veneza e Gênova. As vacas e os ovos e os cavalos e todos os outros produtos agrícolas do norte e do oeste devem ser transformados em dinheiro real antes que a dívida pudesse ser paga na distante cidade de Roma. Isso fez da Itália o único país onde havia uma abundância comparativa de ouro e prata. Finalmente, durante as Cruzadas, as cidades italianas haviam se tornado o ponto de embarque para os cruzadores e haviam lucrado quase inacreditavelmente.



E depois que as Cruzadas chegaram ao fim, essas mesmas cidades italianas continuaram sendo os centros de distribuição daqueles bens orientais dos quais os povos da Europa passaram a depender durante o tempo que passaram no Oriente Próximo.

Destas cidades, poucas eram tão famosas como Veneza. Veneza era uma república construída sobre um banco de barro. Lá, as pessoas do continente haviam fugido durante as invasões dos bárbaros no século IV. Cercados de todos os lados pelo mar, haviam se engajado no negócio da fabricação de sal. O sal havia sido muito escasso durante a Idade Média e o preço havia sido alto. Por centenas de anos Veneza gozou do monopólio dessa indispensável mercadoria de mesa (digo indispensável, porque pessoas, como ovelhas, ficam doentes a menos que recebam uma certa quantidade de sal em sua comida). As pessoas usaram esse monopólio para aumentar o poder de sua cidade. Às vezes, eles ousavam desafiar o poder dos Papas. A cidade enriquecera e começara a construir navios que se dedicavam ao comércio com o Oriente.

No final do século XIV, a população cresceu para duzentos mil, o que fez de Veneza a maior cidade da Idade Média. As pessoas estavam sem

influência sobre o governo que era o assunto privado de um pequeno número de famílias mercantes ricas. Eles elegeram um senado e um Doge (ou Duque), mas os governantes da cidade eram os membros do famoso Conselho dos Dez — que se mantiveram com a ajuda de um sistema altamente organizado de homens de serviço secreto e assassinos profissionais, que vigiava todos os cidadãos e silenciosamente removia aqueles que poderiam ser perigosos para a segurança de seu Comitê de Segurança Pública, desregrado e inescrupuloso.

O outro extremo do governo, uma democracia de hábitos muito turbulentos, era encontrado em Florença. Essa cidade controlava a estrada principal do norte da Europa até Roma e usava o dinheiro que ela havia conseguido com essa afortunada posição econômica para se dedicar à manufatura. Os florentinos tentaram seguir o exemplo de Atenas. Senhores, sacerdotes e membros das corporações participaram das discussões de assuntos cívicos. Isso levou a uma grande reviravolta cívica. As pessoas estavam sempre sendo divididas em partidos políticos e esses partidos lutavam entre si com intensa amargura e exilavam seus inimigos e confiscavam suas posses assim que obtinham uma vitória no conselho. Depois de vários séculos desta regra por multidões organizadas, o inevitável aconteceu. Uma poderosa família tornou-se dona da cidade e governou a cidade e o país vizinho segundo a moda dos antigos "tiranos" gregos. Eles foram chamados os Medici. Os primeiros Medici eram médicos (medicus é latim para médico, daí seu nome), mas depois eles se tornaram banqueiros. Seus bancos e suas casas de penhores eram encontrados em todos os centros de comércio mais importantes. Até hoje, nossos peões americanos exibem as três bolas de ouro que faziam parte do brasão da poderosa casa dos Medici, que se tornaram governantes de Florença e casaram suas filhas com os reis da França e foram enterradas em sepulturas dignas de um César romano.

Depois havia Gênova, o grande rival de Veneza, onde os mercadores especializados em comércio com Tunes, na África, e os depósitos de grãos do Mar Negro. Depois, havia mais de duzentas outras cidades, algumas grandes e outras pequenas, cada uma perfeita unidade comercial, todas lutando contra seus vizinhos e rivais com o ódio eterno de vizinhos que privavam uns aos outros de seus lucros.

Uma vez que os produtos do Oriente e da África tinham sido trazidos para esses centros de distribuição, eles deviam estar preparados para a viagem para o oeste e o norte.

Gênova transportava seus bens por via marítima para Marselha, de onde eram transferidos para as cidades ao longo do Ródano, que por sua vez serviam de mercado para o norte e o oeste da França.



Veneza usou a rota terrestre para o norte da Europa. Esta antiga estrada atravessava a passagem de Brenner, a antiga porta de entrada dos bárbaros que haviam invadido a Itália. Depois de Innsbruck, a mercadoria foi levada para Basel. De lá, ele desceu o Reno para o Mar do Norte e Inglaterra, ou era levado para Augsburg, onde a família Fugger (que eram tanto banqueiros quanto fabricantes e que prosperaram muito "raspando" as moedas com as quais pagavam seus trabalhadores), cuidou da distribuição posterior a Nuremberg e Leipzig e as cidades do Báltico e a Visby (na Ilha de Gotlândia) que cuidou das necessidades do Báltico do Norte e lidou diretamente com a República de Novogárdia, o antigo centro comercial da Rússia que foi destruído por Ivan o Terrível no meio do décimo sexto século.

As pequenas cidades na costa do noroeste da Europa tinham uma história interessante. O mundo medieval comeu muito peixe. Houve muitos dias de jejum e depois não foi permitido às pessoas comerem carne. Para aqueles que viviam longe da costa e dos rios, isso significava uma dieta de ovos ou nada. Mas no início do século XIII, um pescador holandês descobriu uma maneira de curar o arenque, para que pudesse ser transportado para pontos distantes. As pescarias de arenque do Mar do Norte tornaram-se então de grande importância. Mas durante algum tempo,

durante o século XIII, esse pequeno peixe útil (por motivos próprios) mudou-se do Mar do Norte para o Báltico e as cidades daquele mar interior começaram a ganhar dinheiro. Todo o mundo agora navegava para o Báltico para capturar arenque e como esse peixe só podia ser capturado durante alguns meses a cada ano (o resto do tempo eles gastam em águas profundas, criando grandes famílias de pequenos arenques) os navios teriam ficado ociosos durante o resto do tempo, a menos que tivessem encontrado outra ocupação. Eles foram então usados para transportar o trigo do norte e do centro da Rússia para o sul e oeste da Europa. Na viagem de volta trouxeram especiarias, sedas e tapetes orientais de Veneza e Gênova para Bruges, Hamburgo e Bremen.

A partir de um começo tão simples, desenvolveu-se um importante sistema de comércio internacional que chegou às cidades industriais de Bruges e Gante (onde as poderosas guildas lutaram com os reis da França e Inglaterra e estabeleceram uma tirania trabalhista que arruinou completamente os patrões e os operários) para a República de Novogárdia no norte da Rússia, que era uma cidade poderosa até que o Czar Ivan, que desconfiava de todos os comerciantes, tomou a cidade e matou sessenta mil pessoas em menos de um mês e reduziu os sobreviventes à mendicância.

Para que pudessem se proteger contra piratas, pedágios excessivos e legislação irritante, os mercadores do norte fundaram uma liga de proteção chamada "Hansa". A Liga Hanseática, que tinha sede em Lubeque, era uma associação voluntária de mais de cem cidades. A associação mantinha uma marinha própria que patrulhava os mares, lutava e derrotava os reis da Inglaterra e da Dinamarca, quando ousavam interferir nos direitos e privilégios dos poderosos mercadores hanseáticos.

Eu gostaria de ter mais espaço para contar algumas das histórias maravilhosas deste estranho comércio que foi realizado através das altas montanhas e através dos mares profundos em meio a tais perigos que cada viagem se tornou uma aventura gloriosa. Mas isso levaria vários volumes e isso não pode ser feito aqui.

Além disso, espero ter lhe contado o suficiente sobre a Idade Média para torná-lo curioso para ler mais.



A Idade Média, como tentei mostrar, foi um período de progresso muito lento. As pessoas que estavam no poder acreditavam que o "progresso" era uma invenção indesejável do Maligno e que deveriam ser desencorajadas, e como eles ocuparam os assentos dos poderosos, era fácil impor sua vontade aos pacientes servos e os cavaleiros analfabetos. Aqui e ali algumas almas corajosas às vezes se aventuravam na região proibida da ciência, mas elas se saíram mal e foram consideradas sortudas quando escaparam com suas vidas e uma sentença de prisão de vinte anos.

Nos séculos XII e XIII, a inundação do comércio internacional varreu a Europa Ocidental como o Nilo varreu o vale do antigo Egito. Deixou para trás um sedimento fértil de prosperidade. A prosperidade significou horas de lazer e essas horas de lazer deram a homens e mulheres a chance de comprar manuscritos e se interessar por literatura, arte e música.

Então mais uma vez o mundo foi preenchido com aquela curiosidade divina que elevou o homem das fileiras daqueles outros mamíferos que são seus primos distantes, mas que permaneceram mudos, e as cidades, de cujo crescimento e desenvolvimento eu lhes contei no meu último capítulo, ofereceram um abrigo seguro para esses corajosos pioneiros que ousaram deixar o domínio muito estreito da ordem estabelecida das coisas.

Eles se puseram a trabalhar. Eles abriram as janelas de suas celas enclausuradas e estudiosas. Uma inundação de luz solar entrou nos quartos empoeirados e mostrou-lhes as teias de aranha que se reuniram durante o longo período de semi-escuridão.

Eles começaram a limpar a casa. Em seguida, eles limparam seus jardins.

Depois saíram para os campos abertos, do lado de fora dos muros da cidade, e disseram: "Este é um mundo bom. Estamos contentes por vivermos nele".

Naquele momento, a Idade Média chegou ao fim e um novo mundo começou.

OceanofPDF.com

O RENASCIMENTO

As pessoas mais uma vez atreveram serem felizes apenas por estarem vivas. Tentaram salvar os restos mais antigos e agradáveis da civilização romana e grega e estavam tão orgulhosos de suas realizações que falavam de um renascimento da civilização.

O Renascimento não foi um movimento político ou religioso. Foi um estado de espírito.

Os homens da Renascença continuaram a ser os filhos obedientes da igreja mãe. Eles eram súditos de reis, imperadores e duques e não murmuravam.

Mas sua visão da vida mudou. Eles começaram a usar roupas diferentes — para falar uma língua diferente — a viver vidas diferentes em casas diferentes.

Eles não mais concentraram todos os seus pensamentos e esforços sobre a existência abençoada que os aguardava no céu. Eles tentaram estabelecer seu Paraíso neste planeta e, para dizer a verdade, tiveram sucesso em um grau notável.

Eu já o avisei muitas vezes contra o perigo que existe em datas históricas. As pessoas as tomam muito literalmente. Eles pensam na Idade Média como um período de escuridão e ignorância. "Clique", diz o relógio, e o Renascimento começa e as cidades e palácios são inundados pela luz solar brilhante de uma curiosidade intelectual ansiosa.

De fato, é completamente impossível desenhar linhas tão nítidas. O décimo terceiro século pertenceu decididamente à Idade Média. Todos os historiadores concordam com isso. Mas foi um tempo de escuridão e estagnação apenas? De jeito nenhum. As pessoas estavam tremendamente vivas. Grandes estados estavam sendo fundados. Grandes centros de

comércio estavam sendo desenvolvidos. Bem acima das torres do castelo e do telhado pontiagudo da prefeitura, erguia-se a torre delgada da recém-construída catedral gótica. Em todo lugar o mundo estava em movimento. Os altos e poderosos senhores da prefeitura, que acabavam de tomar consciência de sua própria força (por meio de suas riquezas recentemente adquiridas), lutavam por mais poder com seus senhores feudais. Os membros das guildas que acabaram de tomar conhecimento do importante fato de que "os números contam" estavam lutando contra os altos e poderosos cavalheiros da prefeitura. O rei e seus sábios conselheiros foram pescar nessas águas turbulentas e captaram bacias luminosas de lucro, que passaram a cozinhar e a comer diante do nariz dos conselheiros e membros da guilda, surpresos e desapontados.

Para animar o cenário durante as longas horas da noite, quando as ruas mal iluminadas não convidavam a disputas políticas e econômicas, os trovadores e os minnesingers contavam suas histórias e cantavam suas canções de romance, aventura, heroísmo e lealdade a todas as mulheres justas. Enquanto isso, os jovens, impacientes com a lentidão do progresso, reuniam-se nas universidades e, assim, faziam a história.

A Idade Média era "de espírito internacional". Isso parece difícil, mas espere até eu explicar para você. Nós, pessoas modernas, somos "mentalmente nacionais". Somos brasileiros, americanos, ingleses, franceses ou italianos e falamos português, inglês, francês ou italiano e frequentamos universidades inglesas, francesas e italianas, a menos que queiramos nos especializar em algum ramo particular de aprendizagem que é ensinado somente em outros lugares, e então aprendemos outra língua e vamos para Munique, Madri ou Moscou. Mas o povo do século XIII ou XIV raramente falava de si mesmos como ingleses ou franceses ou italianos. Eles disseram: "Sou cidadão de Sheffield, Bordeaux ou Gênova". Porque todos eles pertenciam à mesma igreja, eles sentiam um certo vínculo de irmandade. E como todos os homens instruídos podiam falar latim, possuíam uma linguagem internacional que eliminava as barreiras linguísticas estúpidas que se desenvolveram na Europa moderna e que colocam as pequenas nações em enorme desvantagem. Apenas como exemplo, tome o caso de Erasmo, o grande pregador da tolerância e do riso, que escreveu seus livros no século XVI. Ele era o nativo de uma pequena aldeia holandesa. Ele escreveu em latim e todo o mundo era seu público. Se

ele estivesse vivo hoje, ele escreveria em holandês. Então, apenas cinco ou seis milhões de pessoas poderiam lê-lo. Para ser compreendido pelo resto da Europa e da América, seus editores seriam obrigados a traduzir seus livros em vinte idiomas diferentes.

Seiscentos anos atrás, isso não poderia acontecer. A maior parte do povo ainda era muito ignorante e não sabia ler nem escrever. Mas aqueles que haviam dominado a difícil arte de manejar a pena de ganso pertenciam a uma república internacional de cartas que se espalhava por todo o continente e que não conhecia fronteiras e não respeitava limitações de idioma ou nacionalidade. As universidades eram as fortalezas desta república. Ao contrário das fortificações modernas, elas não seguiam a fronteira. Eles seriam encontrados sempre que um professor e alguns alunos se encontrassem juntos. Lá novamente a Idade Média e o Renascimento diferiram do nosso próprio tempo. Hoje em dia, quando uma nova universidade é construída, o processo (quase invariavelmente) é o seguinte: Algum homem rico quer fazer algo pela comunidade em que vive ou uma seita religiosa particular quer construir uma escola para manter seus filhos fiéis sob supervisão decente, ou um estado precisa de médicos, advogados e professores. A universidade começa como uma grande soma de dinheiro que é depositada em um banco. Esse dinheiro é então usado para construir edifícios, laboratórios e dormitórios. Finalmente professores profissionais são contratados, exames de admissão são realizados e a universidade está a caminho.

Mas na Idade Média as coisas foram feitas de forma diferente. Um homem sábio disse a si mesmo: "Descobri uma grande verdade. Devo transmitir meu conhecimento a outros". E ele começou a pregar sua sabedoria onde e quando ele conseguia que algumas pessoas o escutassem, como um moderno orador de novela (soap-opera). Se ele era um orador interessante, a multidão veio e ficou. Se ele estava sem graça, eles encolheram os ombros e continuaram o caminho. De tempos em tempos alguns jovens começaram a vir regularmente para ouvir as palavras de sabedoria deste grande mestre. Eles trouxeram cadernos com eles e uma pequena garrafa de tinta e uma pena de ganso e escreveram o que parecia ser importante. Um dia choveu. O professor e seus alunos retiraram-se para um porão vazio ou para o quarto do "Professor". O homem sábio sentou-se em sua cadeira e os meninos sentaram-se no chão. Esse foi o começo da

Universidade, a "universitas", uma corporação de professores e estudantes durante a Idade Média, quando o "professor" contava tudo e o edifício em que ele ensinava contava muito pouco.

Por exemplo, deixe-me contar algo que aconteceu no nono século. Na cidade de Salerno, perto de Nápoles, havia vários excelentes médicos. Eles atraíam pessoas desejosas de aprender a profissão médica e por quase mil anos (até 1817) havia uma universidade de Salerno que ensinava a sabedoria de Hipócrates, o grande médico grego que havia praticado sua arte nas antigas Hélade no quinto século antes da nascimento de Cristo.

Depois, houve Abelardo, o jovem padre da Bretanha, que no início do século XII começou a palestra sobre teologia e lógica em Paris. Milhares de rapazes ansiosos reuniram-se na cidade francesa para ouvi-lo. Outros padres que discordaram dele se adiantaram para explicar seu ponto de vista. Paris logo se encheu com uma multidão clamorosa de ingleses, alemães, italianos, estudantes da Suécia e da Hungria e ao redor da antiga catedral que ficava em uma pequena ilha no Sena onde cresceu a famosa Universidade de Paris.



Em Bolonha, na Itália, um monge chamado Gratian havia compilado um livro de texto para aqueles cujos negócios era conhecer as leis da igreja. Jovens padres e muitos leigos vieram de toda a Europa para ouvir Gratian explicar suas idéias.

Em seguida, houve uma briga na Universidade de Paris. Não sabemos o que causou isso, mas vários professores descontentes, junto com seus alunos, cruzaram o canal e encontraram um lar hospitaleiro em uma pequena aldeia no Tamisa chamada Oxford, e dessa forma surgiu a famosa

Universidade de Oxford. Da mesma forma, no ano de 1222, houve uma divisão na Universidade de Bolonha. Os professores descontentes (novamente seguidos pelos seus alunos) mudaram-se para Pádua e a cidade orgulhosa deles desde então se gabou de uma universidade própria. E assim foi de Valladolid, na Espanha, para Cracóvia, na distante Polônia, e de Poitiers, na França, para Rostock, na Alemanha.

É bem verdade que muito do ensino feito por esses primeiros professores soaria absurdo aos nossos ouvidos, treinados para ouvir os logaritmos e os teoremas geométricos. O ponto, no entanto, que eu quero fazer é este — a Idade Média e, especialmente, o século XIII não foram uma época em que o mundo permaneceu totalmente parado. Entre a geração mais jovem, havia vida, entusiasmo, e havia uma inquietante, embora meio tímida, de questionamentos e perguntas. E desse tumulto cresceu o Renascimento.



Mas pouco antes de a cortina baixar na última cena do mundo medieval, uma figura solitária atravessou o palco, de quem você deveria saber mais do que seu mero nome. Esse homem foi chamado Dante. Ele era filho de um advogado florentino que pertencia à família Alighieri e viu a luz do dia no ano de 1265. Ele cresceu na cidade de seus ancestrais enquanto Giotto di Bondone pintava suas histórias da vida de São Francisco de Assis nas paredes da Igreja da Santa Cruz, mas muitas vezes quando ia à escola, seus olhos assustados viam as poças de sangue que narravam a terrível e interminável guerra que durou para sempre entre os guelfos e os gibelinos, os seguidores do Papa e os adeptos dos imperadores.

Quando ele cresceu, ele se tornou um Guelfo, porque seu pai tinha sido um antes dele, assim como um menino americano poderia se tornar um democrata ou um republicano, simplesmente porque seu pai era democrata

ou republicano. Mas depois de alguns anos, Dante viu que a Itália, a menos que unida sob uma única cabeça, ameaçava perecer como vítima dos ciúmes desordenados de mil pequenas cidades. Então ele se tornou um Gibelino.

Ele procurou ajuda além dos Alpes. Ele esperava que um poderoso imperador viesse e restabelecesse a unidade e a ordem. Ai! ele esperava em vão. Os gibelinos foram expulsos de Florença no ano de 1302. Desde então até o dia de sua morte em meio às tristes ruínas de Ravenna, no ano de 1321, Dante era um errante sem lar, comendo o pão da caridade na mesa dos ricos. Padroeiros cujos nomes teriam afundado no mais profundo abismo do esquecimento, mas por esse fato único, que eles tinham sido gentis com um poeta em sua miséria. Durante os muitos anos de exílio, Dante sentiu-se compelido a justificar a si mesmo e suas ações quando ele era um líder político em sua cidade natal, e quando ele passava os dias caminhando ao longo das margens do rio Arno, ele podia ter um vislumbre da adorável Beatrice Portinari, que morreu a esposa de outro homem, uma dúzia de anos antes do desastre de Gibelino.

Ele falhou nas ambições de sua carreira. Ele serviu fielmente a cidade de nascimento e, diante de uma corte corrupta, ele foi acusado de roubar os fundos públicos e foi condenado a ser queimado vivo, caso se aventurasse de volta ao reino da cidade de Florença. Para limpar-se diante de sua própria consciência e diante de seus contemporâneos, Dante então criou um mundo imaginário e detalhadamente descreveu as circunstâncias que levaram à sua derrota e retratou a condição desesperançada de cobiça, luxúria e ódio que havia transformado sua justa e amada Itália em um campo de batalha para os mercenários impiedosos de tiranos perversos e egoístas.



Ele nos conta como na quinta-feira antes da Páscoa do ano 1300 ele havia perdido o caminho em uma densa floresta e como ele encontrou seu caminho cercado por um leopardo, um leão e um lobo. Ele se deu por perdido quando uma figura branca apareceu entre as árvores. Foi Virgílio, o poeta e filósofo romano, enviado em sua missão de misericórdia pela Santíssima Virgem e por Beatrice, que do Alto Céu vigiava o destino de seu verdadeiro amante. Virgílio então leva Dante até o Purgatório e ao Inferno. Mais fundo e fundo o caminho os leva até que eles alcancem o abismo mais baixo onde o próprio Lúcifer fica congelado no gelo eterno cercado pelo mais terrível dos pecadores, traidores, mentirosos e aqueles que alcançaram fama e sucesso por mentiras e por engano. Mas antes que os dois errantes tenham chegado a este ponto terrível, Dante encontrou todos aqueles que de uma forma ou de outra desempenharam um papel na história de sua amada cidade. Imperadores e papas, cavaleiros arrojados e usurários chorões, estão todos lá, condenados ao castigo eterno ou à espera do dia da libertação, quando deixarão o Purgatório do Paraíso.

É uma história curiosa. É um manual de tudo o que as pessoas do século XIII fizeram, sentiram, temeram e oraram. Através dela tudo move a figura do solitário exílio florentino, para sempre seguido pela sombra de seu próprio desespero.

E eis que! Quando os portões da morte se aproximavam do triste poeta da Idade Média, os portais da vida se abriram para a criança que seria a primeira dos homens do Renascimento. Era Francisco Petrarca, filho do notário da pequena cidade de Arezzo.

O pai de Francisco pertencera ao mesmo partido político que Dante. Ele também havia sido exilado e assim aconteceu que Petrarca nasceu longe de Florença. Com a idade de quinze anos ele foi enviado para Montpellier, na França, que ele poderia se tornar um advogado como seu pai. Mas o menino não queria ser jurista. Ele odiava a lei. Ele queria ser um estudioso e um poeta — e porque ele queria ser um estudioso e um poeta acima de tudo, ele se tornou um, como as pessoas de uma vontade forte são capazes de fazer. Ele fez longas viagens, copiando manuscritos em Flandres e nos claustros ao longo do Reno e em Paris e Liège e finalmente em Roma. Então ele foi morar em um vale solitário das montanhas selvagens de Vaucluse, e lá ele estudou e escreveu e logo se tornou tão famoso por seus versos e por saber que tanto a Universidade de Paris quanto o rei de Nápoles o convidaram para vir ensinar seus alunos e matérias. A caminho de seu novo emprego, ele foi obrigado a passar por Roma. As pessoas tinham ouvido falar de sua fama como editor de autores romanos meio esquecidos. Eles decidiram homenageá-lo e no antigo fórum da Cidade Imperial, Petrarca foi coroado com a coroa de louros do Poeta.

Daquele momento em diante, sua vida foi uma carreira interminável de honra e apreço. Ele escreveu as coisas que as pessoas mais queriam ouvir. Eles estavam cansados de disputas teológicas. O pobre Dante podia passear pelo inferno tanto quanto ele queria. Mas Petrarca escreveu sobre o amor, a natureza e o sol e nunca mencionou aquelas coisas sombrias que pareciam ter sido o estoque no comércio da última geração. E quando Petrarca chegou a uma cidade, todas as pessoas se reuniram para encontrá-lo e ele foi recebido como um herói conquistador. Se ele trouxesse seu jovem amigo Boccaccio, o contador de histórias, com ele, tanto melhor. Ambos eram homens do seu tempo, cheios de curiosidade, dispostos a ler tudo uma vez, cavando em bibliotecas esquecidas e mofadas que eles poderiam encontrar ainda outro manuscrito de Virgílio ou Ovídio ou Lucrece ou qualquer outro dos antigos poetas latinos. Eles eram bons cristãos. Claro que eles eram! Todos eram. Mas não há necessidade de andar por aí com um rosto comprido e usar um casaco sujo só porque um

dia ou outro você ia morrer. A vida foi boa. As pessoas deveriam ser felizes. Você desejou prova disso? Muito bem. Pegue uma pá e cave no solo. O que você achou? Belas e velhas estátuas. Lindos vasos antigos. Ruínas de edifícios antigos. Todas essas coisas foram feitas pelo povo do maior império que já existiu. Eles governaram todo o mundo por mil anos. Eles eram fortes, ricos e bonitos (basta olhar para o busto do imperador Augusto!). Claro, eles não eram cristãos e nunca seriam capazes de entrar no céu. Na melhor das hipóteses, passavam os dias no purgatório, onde Dante acabara de fazer uma visita.

Mas quem se importava? Ter vivido em um mundo como o da Roma antiga era o paraíso suficiente para qualquer ser mortal. E de qualquer forma, nós vivemos apenas uma vez. Sejamos felizes e alegres pela mera alegria da existência.

Tal era, em suma, o espírito que começara a encher as ruas estreitas e tortas das muitas pequenas cidades italianas.

Você sabe o que queremos dizer com a "mania da bicicleta" ou a "mania do automóvel". Alguém inventa uma bicicleta. As pessoas que há centenas de milhares de anos se movem lenta e penosamente de um lugar para outro ficam "loucas" com a perspectiva de rolar rápida e facilmente sobre morro e vale. Então um mecânico esperto faz o primeiro automóvel. Não é mais necessário pedalar e pedalar e pedalar. Você apenas senta e deixa pequenas gotas de gasolina fazer o trabalho para você. Então todo mundo quer um automóvel. Todo mundo fala sobre Rolls-Royces, Ford Flivvers, carburadores, quilometragem e óleo. Os exploradores penetram nos corações de países desconhecidos para encontrar novas fontes de gás. As florestas surgem em Sumatra e no Congo para nos fornecer borracha. A borracha e o óleo tornam-se tão valiosos que as pessoas lutam guerras por sua posse. O mundo inteiro é "louco por automóvel" e as crianças pequenas podem dizer "carro" antes de aprenderem a sussurrar "papai" e "mamãe".

No século XIV, o povo italiano enlouqueceu com as belezas recém-descobertas do mundo soterrado de Roma. Logo seu entusiasmo foi compartilhado por todas as pessoas da Europa Ocidental. A descoberta de um manuscrito desconhecido tornou-se a desculpa para um feriado cívico. O homem que escreveu uma gramática se tornou tão popular quanto o colega que hoje em dia inventa uma nova vela de ignição. O humanista, o erudito que dedicou seu tempo e suas energias a um estudo do "homo" ou

da humanidade (em vez de desperdiçar suas horas com investigações teológicas infrutíferas), esse homem foi considerado com maior honra e respeito mais profundo do que jamais foi concedido a um herói que acabara de conquistar todas as Ilhas Canibais.

Em meio a essa revolução intelectual, ocorreu um evento que favoreceu grandemente o estudo dos antigos filósofos e autores. Os turcos estavam renovando seus ataques à Europa. Constantinopla, capital do remanescente Império Romano, foi duramente pressionada. No ano de 1393, o imperador Manuel Paleólogo enviou Emmanuel Crisoloras para a Europa Ocidental para explicar o estado desesperado do antigo Bizâncio e pedir ajuda. Esta ajuda nunca veio. O mundo católico romano estava mais do que disposto a ver o mundo católico grego ir para o castigo que aguardava esses hereges perversos. Mas, por mais indiferente que seja a Europa ocidental, o destino dos bizantinos, eles estavam muito interessados nos antigos gregos cujos colonos haviam fundado a cidade no Bósforo dez séculos após a guerra de Tróia. Eles queriam aprender grego para ler Aristóteles, Homero e Platão. Eles queriam muito aprender, mas não tinham livros nem gramática e nem professores. Os magistrados de Florença ouviram falar da visita de Crisoloras. As pessoas de sua cidade eram "loucas para aprender grego". Ele poderia vir e ensiná-los? Ele iria e eis que! o primeiro professor de grego ensinando alfa, beta, gama a centenas de jovens ávidos, rumando para a cidade do Arno, vivendo em estábulos e em sótãos encardidos que eles poderiam aprender a conjugar o verbo παιδευω (educar) e entrar na companhia de Sófocles e Homero.

Enquanto isso, nas universidades, os velhos escolásticos ensinavam sua teologia antiga e sua velha lógica; explicando os mistérios ocultos do Antigo Testamento e discutindo a estranha ciência de sua edição de Aristóteles entre grego, arábico, espanhol e latim, via com desânimo e horror. Em seguida, eles ficaram com raiva. Essa coisa estava indo longe demais. Os jovens estavam abandonando as salas de aula das universidades estabelecidas para irem ouvir um "humanista" de olhos arregalados com suas noções inovadoras sobre uma "civilização renascida".

Eles foram para as autoridades. Eles reclamaram. Mas não se pode forçar um cavalo não disposto a beber e não se pode fazer ouvidos involuntários ouvir algo que realmente não lhes interessa. Os escolásticos estavam perdendo terreno rapidamente. Aqui e ali eles conseguiram uma

pequena vitória. Combinaram forças com os fanáticos que odiavam ver outras pessoas desfrutarem de uma felicidade que era estranha às suas próprias almas. Em Florença, o centro do Grande Renascimento, uma luta terrível foi travada entre a velha ordem e a nova. Um monge dominicano, azedo de rosto e amargo em seu ódio à beleza, era o líder da retaguarda medieval. Ele lutou uma batalha valente. Dia após dia ele trovejava suas advertências da ira sagrada de Deus através dos amplos salões de Santa Maria del Fiore. “Arrependa-se”, gritou ele, “arrependa-se de sua impiedade, de sua alegria em coisas que não são santas!” Ele começou a ouvir vozes e a ver espadas flamejantes que relampejavam pelo céu. Ele pregou para as criancinhas que elas não poderiam cair nos erros dessas maneiras que estavam levando seus pais à perdição. Ele organizou companhias de escoteiros, dedicadas ao serviço do grande Deus cujo profeta ele dizia ser. Em um súbito momento de frenesi, as pessoas assustadas prometeram fazer penitência por seu amor fraco de beleza e prazer. Eles carregavam seus livros, estátuas e suas pinturas para o mercado e celebraram um selvagem “carnaval das vaidades” com canto sagrado e a maioria das danças profanas, enquanto Girolamo Savonarola tocava fogo nas obras acumuladas.

Mas quando as cinzas esfriaram, as pessoas começaram a perceber o que haviam perdido. Este fanático terrível os fez destruir aquilo que eles passaram a amar acima de todas as coisas. Eles se voltaram contra ele, Savonarola foi jogado na cadeia. Ele foi torturado. Mas ele se recusou a se arrepender por qualquer coisa que fizesse. Ele era um homem honesto. Ele tentou viver uma vida santa. Ele tinha voluntariamente destruído aqueles que deliberadamente se recusaram a compartilhar seu próprio ponto de vista. Tinha sido seu dever erradicar o mal onde quer que ele o encontrasse. O amor pelos livros pagãos e a beleza pagã aos olhos desse fiel filho da Igreja, tinha sido um mal. Mas ele ficou sozinho. Ele havia lutado a batalha de um tempo que estava morto e desaparecido. O papa em Roma nunca moveu um dedo para salvá-lo. Pelo contrário, ele aprovou seus “fiéis florentinos” quando arrastaram Savonarola para a forca, enforcaram-no e queimaram seu corpo em meio ao alegre uivar e gritar da turba.

Foi um final triste, mas bastante inevitável. Savonarola teria sido um grande homem no século XI. No século XV ele era apenas o líder de uma causa perdida. Para melhor ou pior, a Idade Média tinha chegado ao fim

quando o papa se tornou humanista e quando o Vaticano se tornou o mais importante museu de antiguidades romanas e gregas.

OceanofPDF.com

A ERA DA EXPRESSÃO

As pessoas começaram a sentir a necessidade de expressa sua alegria de viver recém-descoberta. Elas expressaram sua felicidade na poesia, escultura, arquitetura, pintura e nos livros impressos.

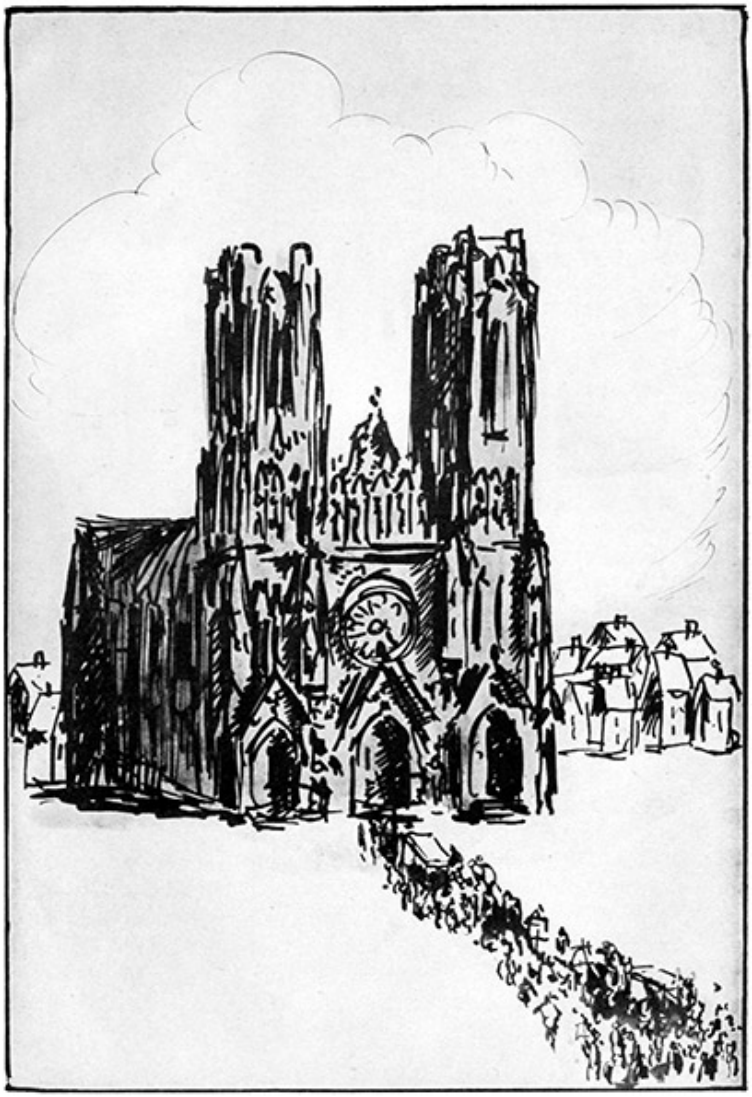
No ano de 1471, morreu um velho piedoso que havia passado setenta e dois de seus noventa e um anos atrás das muralhas do claustro do Monte St. Agnes, perto da boa cidade de Zwolle, a velha cidade hanseática holandesa no rio Ysel. Ele era conhecido como o irmão Tomás e porque ele nasceu na aldeia de Kempen, ele foi chamado Tomás de Kempis. Na idade de doze anos ele tinha sido enviado para Deventer, onde Gerhard Groot, um graduado brilhante das universidades de Paris, Colônia e Praga, e famoso como um pregador errante, havia fundado a Sociedade dos Irmãos da Vida Comum. Os bons irmãos eram leigos humildes que tentavam viver a vida simples dos primeiros apóstolos de Cristo enquanto trabalhavam em seus empregos regulares como carpinteiros, pintores de casas e pedreiros. Eles mantinham uma excelente escola, que merecia que os meninos de pais pobres pudessem aprender a sabedoria dos Padres da igreja. Nesta escola, o pequeno Tomás aprendera a conjugar verbos em latim e a copiar manuscritos. Depois de ter feito os votos, colocado o pequeno embrulho de livros nas costas, foi até Zwolle e, com um suspiro de alívio, fechou a porta num mundo turbulento que não o atraía.



Tomás viveu em uma época de turbulência, pestilência e morte súbita. Na Europa central, na Boêmia, os devotados discípulos de Johannus Huss, o amigo e seguidor de John Wycliffe, o reformador inglês, estavam vingando com uma terrível guerra a morte de seu amado líder que havia sido queimado na fogueira por ordem do mesmo. Concílio de Constança, que lhe prometera um salvo-conduto, se viesse à Suíça e explicasse suas doutrinas ao papa, o imperador, vinte e três cardeais, trinta e três arcebispos e bispos, cento e cinquenta abades e mais de um centenas de príncipes e duques que se reuniram para reformar sua igreja.

No oeste, a França lutava há cem anos para expulsar os ingleses de seus territórios e, a partir de então, foi salva da completa derrota pela afortunada aparição de Joana d'Arc. E assim que essa luta chegou ao fim, a França e a Borgonha ficaram na garganta um do outro, empenhadas em uma luta de vida e morte pela supremacia da Europa ocidental.

No sul, um papa em Roma estava chamando as maldições do Céu para um segundo papa que residia em Avignon, no sul da França, e que retaliava na mesma moeda. No extremo leste, os turcos estavam destruindo os últimos remanescentes do Império Romano e os russos começaram uma cruzada final para esmagar o poder de seus mestres tártaros.



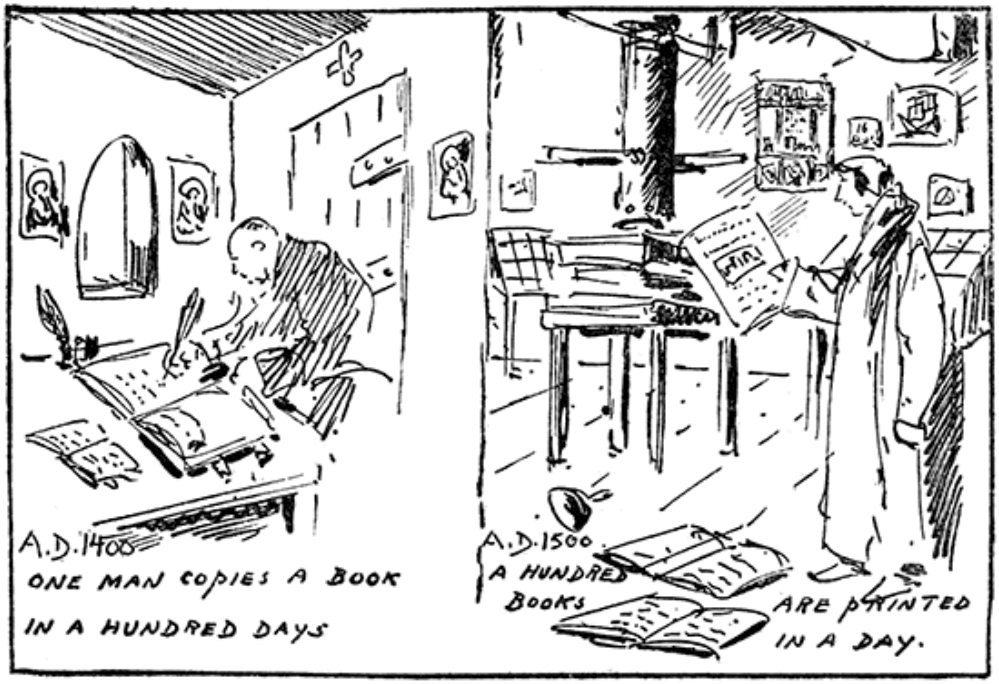
Mas de tudo isso, o irmão Tomás em sua sala silenciosa nunca ouviu. Ele tinha seus manuscritos e seus próprios pensamentos e ele estava contente. Ele derramou seu amor por Deus em um pequeno volume. Ele chamou A Imitação de Cristo. Desde então, foi traduzido para mais idiomas do que qualquer outro livro, exceto a Bíblia. Foi lido por tantas pessoas que nunca estudaram as Sagradas Escrituras. Isso influenciou a vida de incontáveis milhões de pessoas. E foi o trabalho de um homem cujo ideal de existência mais elevado se expressou no simples desejo de que "ele passasse os dias tranquilamente sentado num cantinho com um livrinho".

O bom Irmão Tomás representou os mais puros ideais da Idade Média. Cercada por todos os lados pelas forças do renascimento vitorioso, com os humanistas proclamando em voz alta a chegada dos tempos

modernos, a Idade Média reuniu forças para uma última salva. Mosteiros foram reformados. Os monges desistiram dos hábitos de riqueza e vício. Homens simples, honestos e honestos, pelo exemplo de suas vidas irrepreensíveis e devotas, tentaram trazer as pessoas de volta aos caminhos da justiça e humilde resignação à vontade de Deus. Mas tudo em vão. O novo mundo passou por essas pessoas boas. Os dias de meditação silenciosa desapareceram. A grande era da "expressão" havia começado.

Aqui e agora deixe-me dizer que sinto muito por ter que usar tantas "palavras grandes". Eu gostaria de poder escrever esta história em palavras de uma sílaba. Mas isso não pode ser feito. Você não pode escrever um livro de geometria sem referência a uma hipotenusa e triângulos e um paralelepípedo retangular. Você simplesmente tem que aprender o que essas palavras significam ou fazem sem matemática. Na história (e em toda a vida) você acabará sendo obrigado a aprender o significado de muitas palavras estranhas de origem latina e grega. Por que não fazer isso agora?

Quando digo que o Renascimento era uma era de expressão, quero dizer: as pessoas não se contentavam mais em ser o público e ficavam sentadas enquanto o imperador e o papa lhes diziam o que fazer e o que pensar. Eles queriam ser atores no palco da vida. Eles insistiram em dar "expressão" às suas próprias idéias individuais. Se um homem estava interessado em uma política de estado como o historiador florentino Nicolau Maquiavel (Niccolò Macchiavelli), ele se “expressou” em seus livros, o que revelou sua própria idéia de um estado de sucesso e um governante eficiente. Se, por outro lado, ele gostava de pintar, ele “expressaria” seu amor por linhas bonitas e cores adoráveis nos quadros que fizeram os nomes de Giotto, Fra Angelico, Rafael e outras milhares de palavras familiares onde as pessoas aprenderam cuidar das coisas que expressam uma beleza verdadeira e duradoura.



Se esse amor pela cor e pela linha foi combinado com o interesse pela mecânica e pela hidráulica, o resultado foi um Leonardo da Vinci, que pintou suas pinturas, experimentou seus balões e máquinas voadoras, drenou os pântanos das planícies da Lombardia e "expressou "sua alegria e interesse em todas as coisas entre o Céu e a Terra na prosa, na pintura, na escultura e em motores curiosamente concebidos. Quando um homem de força gigantesca, como Michelangelo, achou o pincel e a paleta muito macios para suas mãos fortes, ele se virou para a escultura e a arquitetura, e cortou as criaturas mais incríveis de blocos pesados de mármore e desenhou os planos para o igreja de São Pedro, a expressão mais concreta das glórias da igreja triunfante.

Toda a Itália (e muito em breve toda a Europa) estava cheia de homens e mulheres que viviam para acrescentar seu ácaro à soma total de nossos tesouros acumulados de conhecimento, beleza e sabedoria. Na Alemanha, na cidade de Mainz, Johann zum Gansefleisch, mais conhecido como Johannes Gutenberg, acabara de inventar um novo método de cópia de livros. Ele havia estudado as xilogravuras antigas e aperfeiçoado um sistema pelo qual cartas individuais de chumbo macio podiam ser colocadas de tal forma que formavam palavras e páginas inteiras. É verdade, ele logo perdeu todo o seu dinheiro em uma ação judicial que tinha a ver com a

invenção original da imprensa. Ele morreu na pobreza, mas a "expressão" de seu gênio inventivo particular viveu depois dele.

Logo Aldus em Veneza e Etienne em Paris e Plantin em Antuérpia e Froben em Basileia estavam inundando o mundo com edições cuidadosamente editadas dos clássicos impressos nas letras góticas da Bíblia de Gutenberg, ou impressas no tipo italiano que usamos neste livro, ou impresso em letras gregas ou em hebraico.

Então o mundo inteiro se tornou o público ansioso daqueles que tinham algo a dizer. O dia em que o aprendizado foi o monopólio de poucos privilegiados chegou ao fim. E a última desculpa para a ignorância foi removida deste mundo, quando Elzevier de Haarlem começou a imprimir suas edições baratas e populares. Então Aristóteles e Platão, Virgílio, Horácio e Plínio, todos da boa companhia dos antigos autores, filósofos e cientistas, ofereceram-se para se tornarem fiéis amigos do homem em troca de alguns poucos centavos. O humanismo fez todos os homens livres e iguais perante a palavra impressa.

OceanofPDF.com

AS GRANDES DESCOBERTAS

Mas agora que as pessoas tinham quebrado as amarras das suas limitações medievais, tinham que ter mais espaço para suas perambulações. O mundo europeu tinha crescido suas pequenas ambições. Era o tempo das grandes viagens de descobertas

As Cruzadas tinham sido uma lição na arte liberal de viajar. Mas pouquíssimas pessoas haviam se aventurado além da conhecida trilha batida que levava de Veneza a Jaffe. No século XIII, os irmãos Polo, mercadores de Veneza, perambularam pelo grande deserto mongol e, depois de escalar montanhas tão altas quanto a lua, encontraram o caminho para a corte do grande Khan de Catai, o poderoso imperador da China. O filho de um dos Polos, chamado Marco, escreveu um livro sobre suas aventuras, que cobriu um período de mais de vinte anos. O mundo atônito ficou boquiaberto com suas descrições das torres de ouro da estranha ilha de Zipangu, que era sua maneira italiana de soletrar o Japão. Muitas pessoas queriam ir para o leste, que eles possam achar esta terra de ouro e ficarem ricos. Mas a viagem era longa e perigosa demais e ficaram em casa.

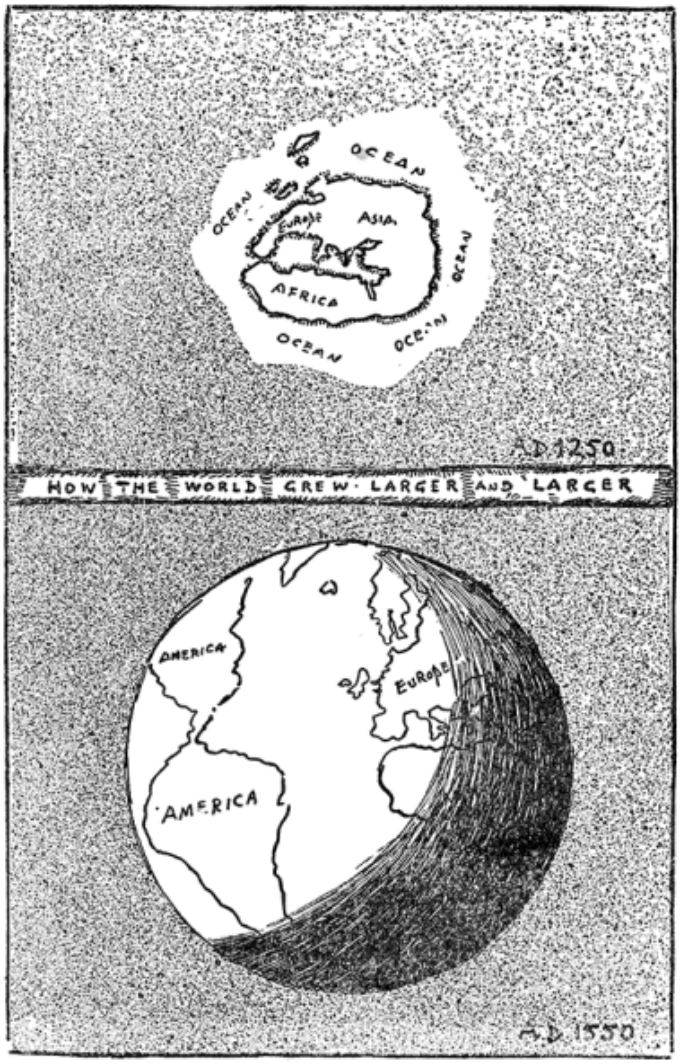


Claro, sempre havia a possibilidade de fazer a viagem por mar. Mas o mar era muito impopular na Idade Média e por muitas boas razões. Em primeiro lugar, os navios eram muito pequenos. As embarcações em que Magalhães fez sua famosa viagem ao redor do mundo, que durou muitos anos, não eram tão grandes quanto uma balsa moderna. Levavam de vinte a cinquenta homens, que viviam em acomodações sujas (muito baixas para permitir que qualquer um deles permanecesse em pé) e os marinheiros eram obrigados a comer alimentos mal cozidos, pois os arranjos da cozinha eram muito ruins e nenhum fogo podia ser feito. o tempo estava um pouco difícil. O mundo medieval sabia como conservar o arenque e como secar o peixe. Mas não havia produtos enlatados e legumes frescos nunca foram vistos no cardápio assim que a costa era deixada para trás. A água era transportada em pequenos barris. Logo ficava obsoleta e, em seguida, tinha gosto de madeira podre e ferrugem de ferro e estava cheia de coisas viscosas em crescimento. Como as pessoas da Idade Média não sabiam nada sobre micróbios (Roger Bacon, o sábio monge do século XIII parece ter suspeitado de sua existência, mas sabiamente manteve sua descoberta para si mesmo) eles frequentemente bebiam água suja e às vezes toda a tripulação morria de febre tifóide. De fato, a mortalidade a bordo dos navios dos primeiros navegadores era terrível. Dos duzentos marinheiros que no ano de 1519 deixaram Sevilha para acompanhar Magalhães em sua famosa viagem ao redor do mundo, apenas dezoito retornaram. Ainda no século XVII, quando havia um comércio vigoroso entre a Europa Ocidental e as Índia s, uma mortalidade de 40% não era nada incomum para uma viagem de Amsterdã a Batavia e vice-versa. A maior parte dessas vítimas morreu de escorbuto, uma doença que é causada pela falta de vegetais frescos e que afeta as gengivas e envenena o sangue até que o paciente morra de pura exaustão.

Nessas circunstâncias, você entenderá que o mar não atraiu os melhores elementos da população. Descobridores famosos como Magalhães, Colombo e Vasco da Gama viajaram à frente de tripulações que eram quase inteiramente compostas de ex-prisioneiros, futuros assassinos e batedores de carteira.

Esses navegadores certamente merecem nossa admiração pela coragem com que realizaram suas tarefas sem esperança diante das dificuldades de que as pessoas de nosso próprio mundo confortável não podem ter nenhuma

concepção. Seus navios estavam vazando. O equipamento era desajeitado. Desde meados do século XIII, eles possuíam uma espécie de bússola (que chegara da Europa à China por meio da Arábia e das Cruzadas), mas tinham mapas muito ruins e incorretos. Eles definem seu curso por Deus e por palpite. Se a sorte estivesse com eles, eles voltariam depois de um ou dois ou três anos. No outro caso, seus ossos descorados ficaram para trás em alguma praia solitária. Mas eles eram verdadeiros pioneiros. Eles jogaram com sorte. A vida para eles era uma aventura gloriosa. E todo o sofrimento, a sede, a fome e a dor foram esquecidos quando seus olhos contemplaram os contornos sombrios de uma nova costa ou as águas plácidas de um oceano que havia sido esquecido desde o começo dos tempos.



Mais uma vez, gostaria de poder fazer este livro de mil páginas. O assunto das primeiras descobertas é tão fascinante. Mas a história, para lhe

dar uma ideia verdadeira dos tempos passados, deve ser como as gravuras que Rembrandt costumava fazer. Deveria lançar uma luz vívida sobre certas causas importantes naquelas que são melhores e maiores. Todo o resto deve ser deixado na sombra ou deve ser indicado por algumas linhas. E neste capítulo só posso dar uma pequena lista das descobertas mais importantes.

Tenha em mente que durante os séculos XIV e XV os navegadores estavam tentando realizar apenas UMA COISA — eles queriam encontrar um caminho confortável e seguro para o império da Catai (China), para a ilha de Zipangu (Japão) e para aqueles ilhas misteriosas, onde cresciam as especiarias de que o mundo medieval tinha vindo desde a época das Cruzadas, e de que as pessoas necessitavam naqueles dias antes da introdução do armazenamento refrigerado, quando a carne e o peixe estragavam muito rapidamente e só podiam ser comidos após um polvilhar liberal de pimenta ou noz-moscada.

Os venezianos e os genoveses foram os grandes navegadores do Mediterrâneo, mas a honra de explorar a costa do Atlântico vai para os portugueses. Espanha e Portugal estavam cheios daquela energia patriótica que a antiga luta contra os invasores mouros havia desenvolvido. Tal energia, uma vez existente, pode ser facilmente forçada a novos canais. No século XIII, o rei Afonso III havia conquistado o reino do Algarve no canto sudoeste da península espanhola e acrescentado aos seus domínios. No século seguinte, os portugueses viraram a mesa dos maometanos, atravessaram o estreito de Gibraltar e tomaram posse de Ceuta, em frente à cidade árabe de Tarifa (palavra que em árabe significa "inventário").

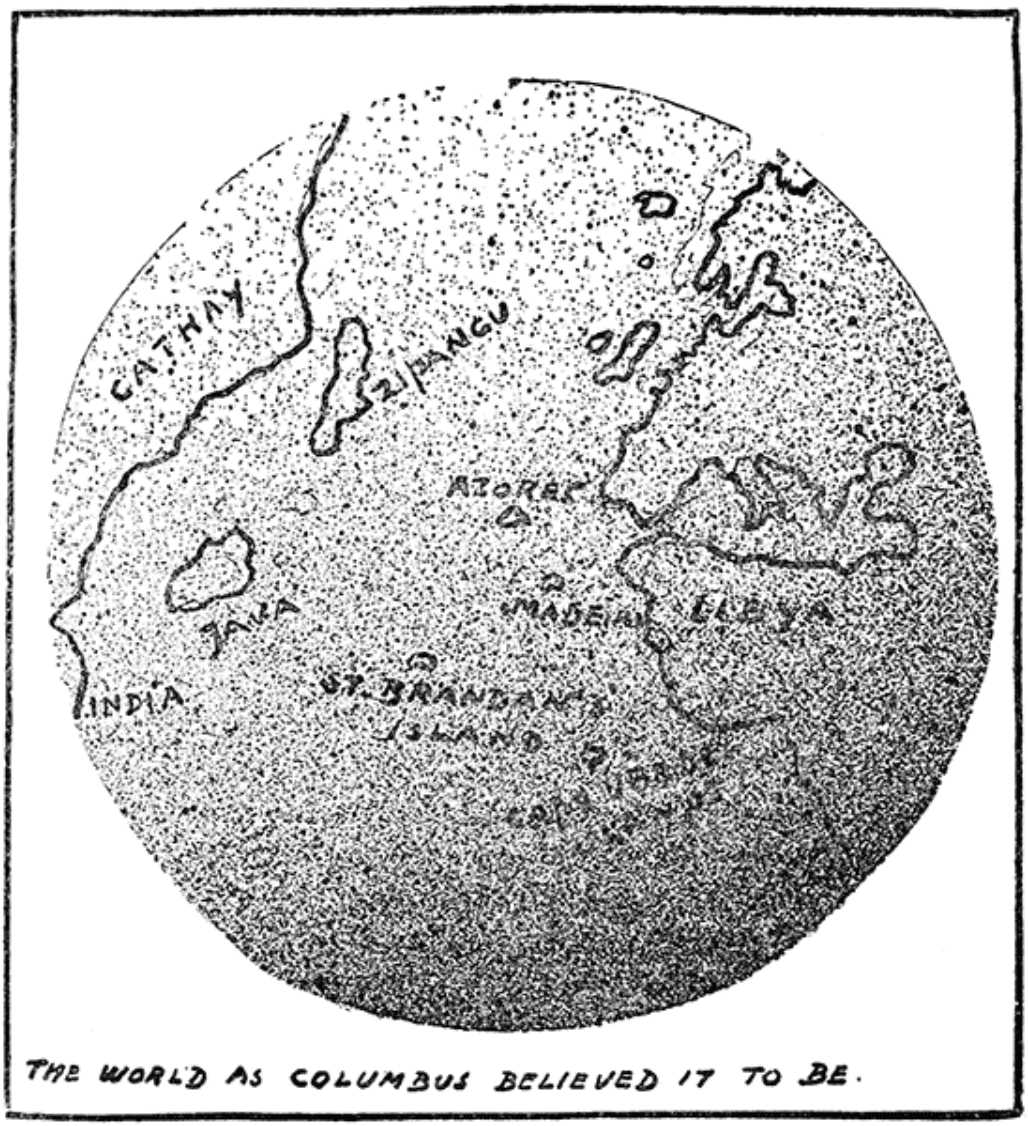
Eles estavam prontos para começar sua carreira como exploradores.

No ano de 1415, o Infante D. Henrique, conhecido como Henrique, o Navegador, filho de João I de Portugal e Filipa, filha de João de Gante (sobre quem você pode ler em Ricardo II, peça de William Shakespeare) começou a fazer preparativos para a exploração sistemática do noroeste da África. Antes disso, aquela costa quente e arenosa fora visitada pelos fenícios e pelos nórdicos, que se lembravam dela como a casa do "homem selvagem" cabeludo que conhecemos como o gorila. Um após o outro, o Infante D. Henrique e os seus capitães descobriram as Ilhas Canárias — redescobriram a ilha da Madeira que, um século antes, fora visitada por um navio genovês, mapeava cuidadosamente os Açores, que eram vagamente conhecidos tanto pelos portugueses como pelos espanhóis. e teve um

vislumbre da foz do rio Senegal, na costa oeste da África, que supostamente era a foz ocidental do Nilo. Finalmente, em meados do século XV, eles viram Cabo Verde, que ficava entre o caminho da costa da África e o Brasil.

Mas Henrique não se restringiu em suas investigações às águas do oceano. Ele foi Grão-Mestre da Ordem de Cristo. Esta era uma continuação portuguesa da ordem cruzada dos templários que havia sido abolida pelo papa Clemente V no ano de 1312 a pedido do rei Filipe IV de França, que melhorara a ocasião queimando seus próprios Templários na fogueira e roubando todas as suas posses. O Príncipe Henrique usou as receitas dos domínios de sua ordem religiosa para equipar várias expedições que exploravam o interior do Saara e da costa da Guiné.

Mas ele ainda era muito filho da Idade Média e gastou muito tempo e muito dinheiro em uma busca pelo misterioso " Preste João", o mítico Padre Cristão que se dizia ser o Imperador de um vasto império "situado em algum lugar do leste". A história desse estranho potentado foi contada pela primeira vez na Europa em meados do século XII. Por trezentos anos, as pessoas tentaram encontrar "Preste João" e seus descendentes, Henrique participou da busca. Trinta anos após sua morte, o enigma foi resolvido.



THE WORLD AS COLUMBUS BELIEVED IT TO BE.

No ano de 1486, Bartolomeu Diaz, tentando encontrar a terra do Preste João pelo mar, atingiu o ponto mais meridional da África. No início, ele o chamou de Cabo da Tempestade, por causa dos fortes ventos que o impediram de continuar sua viagem para o leste, mas os pilotos de Lisboa que entenderam a importância dessa descoberta em sua busca pela rota da água na Índia , mudaram o nome para o Cabo da Boa Esperança.

Um ano depois, Pedro de Covilham, munido de cartas de crédito na casa de Medici, iniciou uma missão semelhante por terra. Ele cruzou o Mediterrâneo e depois de deixar o Egito, ele viajou para o sul. Ele alcançou Aden e, de lá, viajando pelas águas do Golfo Pérsico, que poucos homens brancos tinham visto desde os dias de Alexandre, o Grande, dezoito séculos antes, ele visitou Goa e Calecute, na costa da Índia , onde conseguiu um

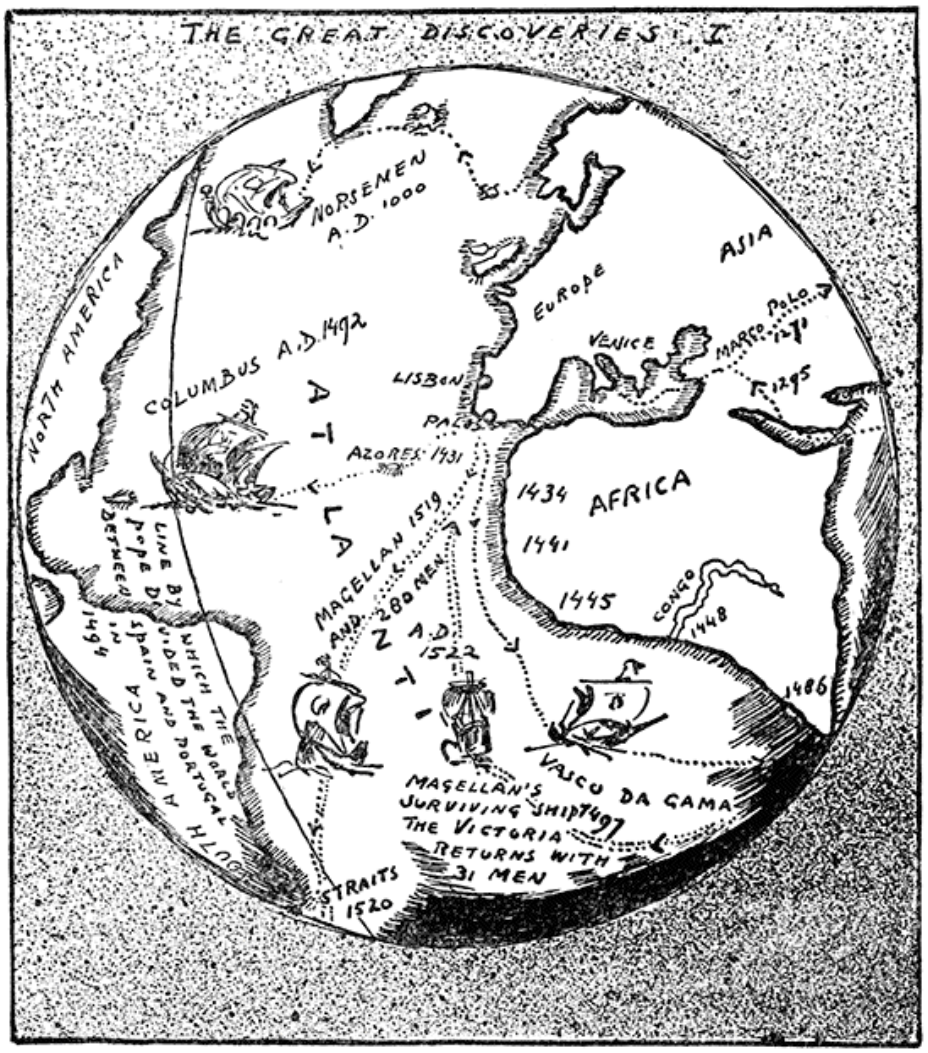
grande negócio, notícias sobre a ilha da Lua (Madagascar) que deveria estar a meio caminho entre a África e a Índia . Então ele retornou, fez uma visita secreta a Meca e a Medina, cruzou o Mar Vermelho mais uma vez e no ano de 1490 ele descobriu o reino do Preste João, que era ninguém menos que o Negro Negus (ou Rei) da Abissínia, cuja os ancestrais adotaram o cristianismo no século IV, setecentos anos antes de os missionários cristãos terem encontrado o caminho para a Escandinávia.

Estas muitas viagens convenceram os geógrafos e cartógrafos portugueses de que, embora a viagem às Índia s por uma rota marítima oriental fosse possível, não era de modo algum fácil. Então surgiu um grande debate. Algumas pessoas queriam continuar as explorações a leste do Cabo da Boa Esperança. Outros disseram: "Não, nós devemos navegar para o oeste através do Atlântico e então chegaremos a Catai".

Vamos afirmar aqui que as pessoas mais inteligentes daquele dia estavam firmemente convencidas de que a Terra não era tão plana quanto uma panqueca, mas sim redonda. O sistema ptolomeu do universo, inventado e devidamente descrito por Cláudio Ptolomeu, o grande geógrafo egípcio, que viveu no segundo século de nossa era, que atendia às necessidades simples dos homens da Idade Média, há muito era descartado pelos cientistas do Renascimento. Eles aceitaram a doutrina do matemático polonês Nicolau Copérnico, cujos estudos os convenceram de que a Terra era um dos vários planetas redondos que giravam em torno do Sol, uma descoberta que ele não se aventurou a publicar por trinta e seis anos (foi impresso em 1548, ano da sua morte) por medo da Santa Inquisição, um tribunal papal que fora estabelecido no século XIII, quando as heresias dos albigenses e dos valdenses na França e na Itália (heresias muito brandas de pessoas devotas e piedosas que não acreditavam na propriedade privada e preferiam viver na pobreza semelhante à de Cristo) Por um momento, ameaçou o poder absoluto dos bispos de Roma. Mas a crença na redondeza da terra era comum entre os especialistas náuticos e, como eu disse, eles agora estavam debatendo as respectivas vantagens das rotas leste e oeste.

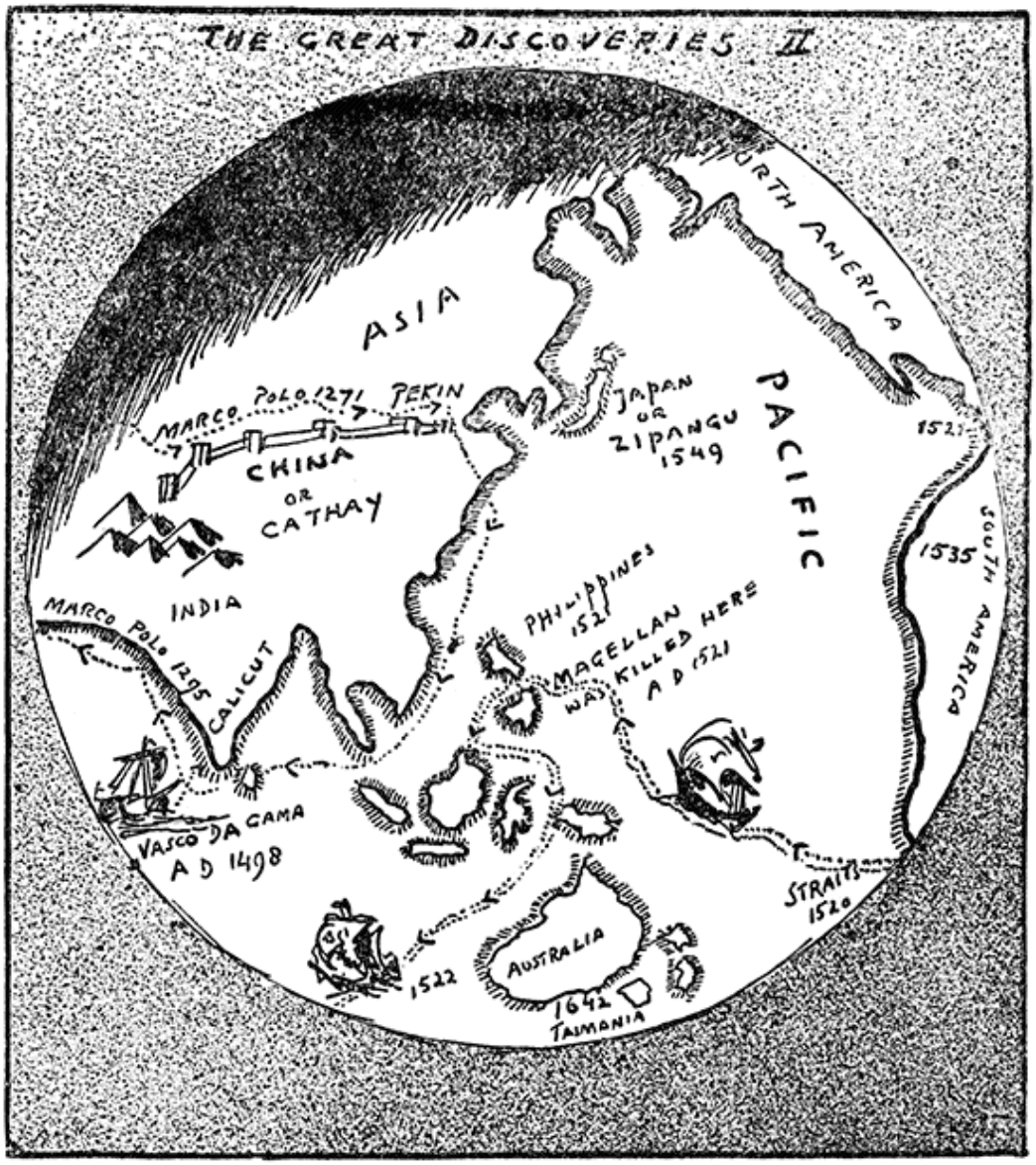
Entre os defensores da rota ocidental estava um marinheiro genovês chamado Cristóvão Colombo. Ele era o filho de um comerciante de lã. Ele parece ter sido aluno da Universidade de Pavia, onde se especializou em matemática e geometria. Então ele assumiu o comércio de seu pai, mas logo o encontramos em Quios, no leste do Mediterrâneo, viajando a

negócios. Depois disso, ouvimos falar de viagens para a Inglaterra, mas se ele foi para o norte em busca de lã ou como capitão de um navio que não conhecemos. Em fevereiro do ano de 1477, Colombo (se acreditarmos em suas próprias palavras) visitou a Islândia, mas muito provavelmente ele só chegou até as Ilhas Feroe, que são frias o suficiente em fevereiro para serem confundidas com a Islândia por qualquer um. Aqui Colombo conheceu os descendentes daqueles corajosos noruegueses que no século X haviam se estabelecido na Groenlândia e que visitaram a América no século XI, quando o navio de Leif foi levado para a costa de Vineland, ou Labrador.



O que aconteceu com aquelas colônias do oeste distante que ninguém conhecia. A colônia americana de Thorfinn Karlsefne, marido da viúva do irmão de Leif, Thorstein, fundada no ano de 1003, fora interrompida três anos depois por causa da hostilidade dos Esquimós. Quanto à Groenlândia,

nenhuma palavra fora ouvida dos colonos desde o ano de 1440. Muito provavelmente todos os groenlandeses haviam morrido da Peste Negra, que acabara de matar metade da população da Noruega. Seja como for, a tradição de uma "vasta terra no longínquo oeste" ainda sobreviveu entre o povo das Ilhas Feroe e da Islândia, e Colombo deve ter ouvido falar dela. Ele reuniu mais informações entre os pescadores das ilhas do norte da Escócia e depois foi para Portugal, onde se casou com a filha de um dos capitães que serviram sob o Infante D. Henrique, o Navegador.



Daquele momento em diante (o ano de 1478) dedicou-se à busca da rota ocidental para as Índia s. Ele enviou seus planos para tal viagem aos tribunais de Portugal e Espanha. Os portugueses, que tinham certeza de que

possuíam o monopólio da rota oriental, não quiseram ouvir seus planos. Na Espanha, Fernando de Aragão e Isabela de Castela, cujo casamento em 1469 havia transformado a Espanha num único reino, estavam ocupados em expulsar os mouros de sua última fortaleza, Granada. Eles não tinham dinheiro para expedições arriscadas. Eles precisavam de toda peseta para seus soldados.

Poucas pessoas foram forçadas a lutar tão desesperadamente por suas idéias quanto esse bravo italiano. Mas a história de Colombo (ou Colón ou Colombo, como nós o chamamos) é muito bem conhecida para ser repetida. Os mouros renderam Granada em 2 de janeiro do ano de 1492. No mês de abril do mesmo ano, Colombo assinou um contrato com o rei e a rainha da Espanha. Na sexta-feira, 3 de agosto, ele deixou Palos com três pequenos navios e uma tripulação de 88 homens, muitos dos quais eram criminosos que recebiam uma indenização de punição se eles se juntassem à expedição. Às duas horas da manhã de sexta-feira, 12 de outubro, Colombo descobriu a terra. Em quatro de janeiro de 1493, Colombo despediu-se dos 44 homens da pequena fortaleza de La Navidad (que nunca mais foi vista) e voltou para casa. Em meados de fevereiro, ele chegou aos Açores, onde os portugueses ameaçaram jogá-lo na prisão. No dia 15 de março de 1493, o almirante alcançou Palos e junto com seus índios (pois ele estava convencido de ter descoberto algumas ilhas remotas das Índia s e chamado indígenas índios vermelhos), ele apressou-se para Barcelona para dizer aos seus fiéis patronos que ele tinha sido bem sucedido e que o caminho para o ouro e a prata de Catai e Zipangu estava à disposição de suas maiores majestades católicas.

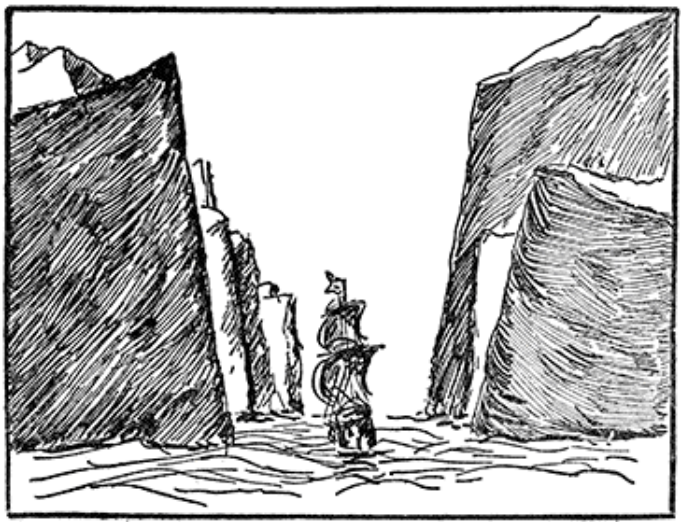
Infelizmente, Colombo não conheceu a verdade. No final de sua vida, em sua quarta viagem, quando tocou o continente da América do Sul, ele pode ter suspeitado que nem tudo estava bem com sua descoberta. Mas ele morreu com a firme convicção de que não havia um continente sólido entre a Europa e a Ásia e que ele havia encontrado a rota direta para a China.

Enquanto isso, os portugueses, aderindo a sua rota oriental, tiveram mais sorte. No ano de 1498, Vasco da Gama conseguira chegar à costa de Malabar e regressar em segurança a Lisboa com uma carga de especiarias. No ano de 1502, ele repetiu a visita. Mas ao longo da rota ocidental, o trabalho de exploração foi muito decepcionante. Em 1497 e 1498, John e Sebastian Cabot tinham tentado encontrar uma passagem para

o Japão, mas não tinham visto nada além das costas cobertas de neve e das rochas da Terra Nova, que haviam sido avistadas pela primeira vez pelos nórdicos, cinco séculos antes. Américo Vespúcio, um florentino que se tornou o Major Piloto da Espanha, e que deu seu nome ao nosso continente, explorou a costa do Brasil, mas não encontrou nenhum traço das Índia s.

No ano de 1513, sete anos após a morte de Colombo, a verdade finalmente começou a surgir sobre os geógrafos da Europa. Vasco Nunez de Balboa atravessara o istmo do Panamá, escalara o famoso pico em Darien e olhara para uma vasta extensão de água que parecia sugerir a existência de outro oceano.

Finalmente, no ano de 1519, uma frota de cinco pequenos navios espanhóis sob o comando do navegador português, Fernando de Magalhães, navegou para o oeste (e não para leste desde aquela rota, estava absolutamente nas mãos dos portugueses que não permitiam competição) em busca das Ilhas das Especiarias. Magalhães atravessou o Atlântico entre a África e o Brasil e navegou para o sul. Ele alcançou um canal estreito entre o ponto mais ao sul da Patagônia, a “terra do povo com os pés grandes” e a Ilha do Fogo (assim chamada por causa de um incêndio, o único sinal da existência de nativos, que os marinheiros observaram uma noite). Durante quase cinco semanas, os navios de Magalhães ficaram à mercê das terríveis tempestades e nevascas que varreram os estreitos. Um motim eclodiu entre os marinheiros. Magalhães suprimiu-o com uma severidade terrível e enviou dois dos seus homens para a praia, onde foram deixados a arrepender-se dos seus pecados de forma despreocupada. Por fim, as tempestades se aquietaram, o canal se alargou e Magalhães entrou num novo oceano. Suas ondas eram calmas e plácidas. Ele chamou o Mar Pacífico, o Mare Pacifico. Então ele continuou na direção oeste. Ele navegou por noventa e oito dias sem ver a terra. Seu povo quase pereceu de fome e sede e comeu os ratos que infestaram os navios, e quando todos eles acabaram eles mastigaram pedaços de vela para acalmar sua fome.

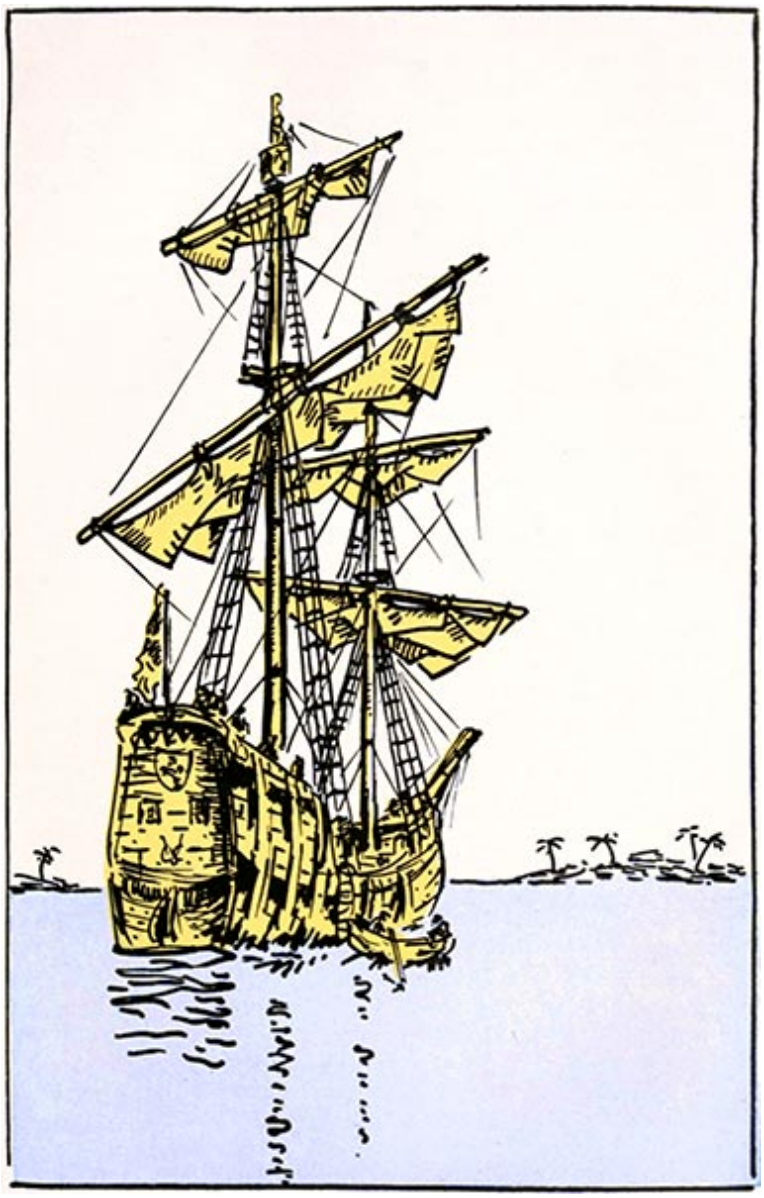


Em março do ano de 1521 eles viram terra. Magalhães chamou-lhe a terra dos Ladrones (que significa ladrões) porque os nativos roubaram tudo o que puderam pôr as mãos. Então mais para o oeste para as Ilhas das Especiarias!

Mais uma vez a terra foi avistada. Um grupo de ilhas solitárias. Magalhães chamou-lhes as Filipinas, depois de Filipe, o filho de seu mestre Carlos V, o Filipe II de memória histórica desagradável. A princípio, Magalhães foi bem recebido, mas quando ele usou as armas de seus navios para fazer cristãos convertidos, ele foi morto pelos aborígines, junto com vários de seus capitães e marinheiros. Os sobreviventes queimaram um dos três navios restantes e continuaram sua viagem. Eles encontraram as Molucas, as famosas Ilhas das Especiarias; Eles avistaram Borneo e chegaram a Tidor. Lá, um dos dois navios, muito vazando para ser de uso posterior, ficou para trás com sua tripulação. O "Vittoria", sob Sebastian del Cano, atravessou o Oceano Índico, sentiu falta da costa norte da Austrália (que só foi descoberta na primeira metade do século XVII quando navios da Companhia Holandesa das Índia s Orientais exploraram essa terra plana e inóspita) e, depois de grandes dificuldades, chegaram à Espanha.

Esta foi a mais notável de todas as viagens. Demorou três anos. Isso foi conseguido a um grande custo tanto de homens quanto de dinheiro. Mas havia estabelecido o fato de que a Terra era redonda e que as novas terras descobertas por Colombo não eram parte das Índia s, mas um continente separado. A partir de então, a Espanha e Portugal dedicaram todas as suas

energias ao desenvolvimento do seu comércio indiano e americano. Para impedir um conflito armado entre os rivais, o papa Alexandre VI (o único pagão declarado a ser eleito para este sagrado ofício) dividiu o mundo em duas partes iguais por uma linha de demarcação que seguia o 50º grau de longitude a oeste de Greenwich, a chamada divisão de Tordesilhas de 1494. Os portugueses deveriam estabelecer suas colônias ao leste desta linha, os espanhóis deveriam ter a sua para o oeste. Isso explica o fato de que todo o continente americano, com exceção do Brasil, tornou-se espanhol e que todas as Índia s e a maior parte da África se tornaram portuguesas até que os colonos ingleses e holandeses (que não respeitavam as decisões papais) levaram essas posses nos décimos sétimos e décimos oitavos séculos.



Quando a notícia da descoberta de Colombo chegou ao Rialto de Veneza, a Wall Street da Idade Média, houve um terrível pânico. Ações e títulos caíram 40 e 50 por cento. Depois de pouco tempo, quando pareceu que Colombo não havia encontrado o caminho para a Catai, os mercadores venezianos se recuperaram do susto. Mas as viagens de Gama e Magalhães provaram as possibilidades práticas de uma rota de água oriental para as Índia s. Então os governantes de Gênova e Veneza, os dois grandes centros comerciais da Idade Média e da Renascença, começaram a lamentar que tivessem se recusado a ouvir Colombo. Mas era tarde demais. Seu Mediterrâneo tornou-se um mar interior. O comércio terrestre para as Índia s e a China diminuiu para proporções insignificantes. Os velhos tempos da

glória italiana haviam desaparecido. O Atlântico tornou-se o novo centro de comércio e, portanto, o centro da civilização. Permaneceu assim desde então.

Veja como a civilização progrediu estranhamente desde aqueles primeiros dias, cinquenta séculos antes, quando os habitantes do vale do Nilo começaram a manter um registro escrito da história. Do rio Nilo, foi para a Mesopotâmia, a terra entre os rios. Então chegou a vez de Creta e Grécia e Roma. Um mar interior tornou-se o centro do comércio e as cidades ao longo do Mediterrâneo foram o lar da arte, da ciência, filosofia e da aprendizagem. No século XVI, deslocou-se para o oeste mais uma vez e fez com que os países que fazem fronteira com o Atlântico se tornassem os senhores da terra.

Há quem diga que a guerra mundial e o suicídio das grandes nações européias diminuíram muito a importância do oceano Atlântico. Eles esperam ver a civilização atravessar o continente americano e encontrar um novo lar no Pacífico. Mas eu duvido disso.

A viagem para o oeste foi acompanhada por um aumento constante no tamanho dos navios e uma ampliação do conhecimento dos navegadores. Os navios de fundo plano do Nilo e do Eufrates foram substituídos pelos navios de navegação dos fenícios, dos Egeus, dos gregos, dos cartagineses e dos romanos. Estes, por sua vez, foram descartados para as embarcações quadradas manipuladas dos portugueses e espanhóis. E estes últimos foram expulsos do oceano pela embarcação completa dos ingleses e holandeses.

Atualmente, no entanto, a civilização não depende mais de navios. Aeronave tomou e continuará a tomar o lugar do navio à vela e do vaporizador. O próximo centro de civilização dependerá do desenvolvimento de aeronaves e energia hidráulica. E o mar mais uma vez será o lar tranquilo dos pequenos peixes, que outrora compartilharam sua profunda residência com os primeiros ancestrais da raça humana.

OceanofPDF.com

BUDA E CONFÚCIO

Sobre Buda e Confúcio

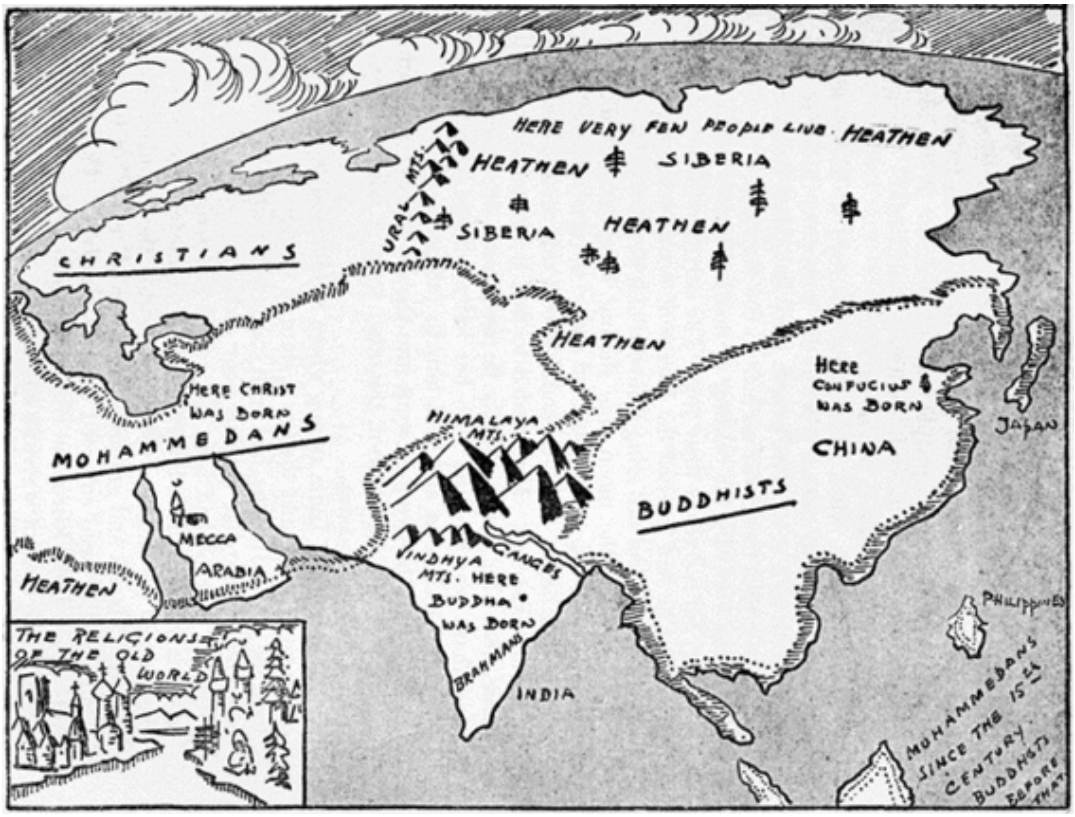
As descobertas dos portugueses e dos espanhóis trouxeram os cristãos da Europa ocidental a um contato próximo com o povo da Índia e da China. Eles sabiam, é claro, que o cristianismo não era a única religião na terra. Havia os maometanos e as tribos pagãs do norte da África que adoravam paus, pedras e árvores mortas. Mas na Índia e na China os conquistadores cristãos encontraram novos milhões que nunca ouviram falar de Cristo e que não quiseram ouvi-lo, porque pensavam que sua própria religião, que tinha milhares de anos, era muito melhor do que a do Ocidente. Como esta é uma história da humanidade e não uma história exclusiva dos povos da Europa e do nosso hemisfério ocidental, você deve saber algo sobre dois homens cujo ensinamento e cujo exemplo continuam a influenciar as ações e os pensamentos da maioria de nossos companheiros viajantes nesta terra.

Na Índia , Buda foi reconhecido como o grande professor religioso. Sua história é interessante. Ele nasceu no século VI, antes do nascimento de Cristo, à vista das poderosas montanhas do Himalaia, onde quatrocentos anos antes de Zaratustra (ou Zoroastro), o primeiro dos grandes líderes da raça ariana (o nome que o ramo oriental de a raça indo-européia se entregara), ensinara a seu povo a encarar a vida como uma luta contínua entre Ahriman e Ormuzd, os Deuses do Mal e do Bem. O pai de Buda era Sudodana, um poderoso chefe da tribo dos sakiyas. Sua mãe, Maha Maya, era filha de um rei vizinho. Ela se casaou quando era muito nova. Mas muitas luas tinham passado além das montanhas distantes e, ainda assim, seu marido não tinha um herdeiro que governasse suas terras depois dele. Por fim, quando ela tinha cinquenta anos, chegou o dia em que ela poderia estar entre seu próprio povo quando seu bebê viesse a este mundo.

Foi uma longa viagem à terra dos koliyanos, onde Maha Maya passara seus primeiros anos. Uma noite ela estava descansando entre as árvores frias do jardim de Lumbini. Lá nasceu o filho dela. Ele recebeu o nome de Siddhartha, mas o conhecemos como Buda, que significa o Iluminado.

No devido tempo, Siddhartha cresceu para ser um belo jovem príncipe e quando ele tinha dezenove anos de idade, ele era casado com seu primo Yasodhara. Durante os dez anos seguintes, ele viveu longe de toda dor e todo sofrimento, atrás das paredes protetoras do palácio real, aguardando o dia em que ele deveria suceder seu pai como Rei dos Sakiyas.

Mas aconteceu que quando ele tinha trinta anos de idade, ele dirigiu para fora dos portões do palácio e viu um homem que era velho e desgastado com o trabalho e cujos membros fracos dificilmente poderiam carregar o fardo da vida. Siddhartha apontou-o para o seu cocheiro, Channa, mas Channa respondeu que havia muitas pessoas pobres neste mundo e que uma mais ou menos não importava. O jovem príncipe ficou muito triste, mas não disse nada e voltou a morar com a esposa, o pai e a mãe e tentou ser feliz. Um pouco mais tarde, ele deixou o palácio pela segunda vez. Sua carruagem conheceu um homem que sofria de uma doença terrível. Siddhartha perguntou a Channa qual tinha sido a causa do sofrimento desse homem, mas o cocheiro respondeu que havia muitas pessoas doentes neste mundo e que tais coisas não podiam ser ajudadas e não importavam muito. O jovem príncipe ficou muito triste quando ouviu isso, mas voltou a seu povo.



Algumas semanas se passaram. Certa noite, Siddhartha ordenou sua carruagem para ir ao rio e tomar banho. De repente, seus cavalos ficaram assustados com a visão de um homem morto, cujo corpo podre estava esparramado no fosso ao lado da estrada. O jovem príncipe, que nunca tinha sido autorizado a ver tais coisas, estava assustado, mas Channa disse-lhe para não se importar com essas ninharias. O mundo estava cheio de pessoas mortas. Foi a regra da vida que todas as coisas devem chegar ao fim. Nada era eterno. A sepultura aguardava a todos nós e não havia escapatória.

Naquela noite, quando Siddhartha voltou para sua casa, ele foi recebido com música. Enquanto ele estava ausente, sua esposa deu à luz um filho. As pessoas ficaram encantadas porque agora sabiam que havia um herdeiro ao trono e celebraram o evento com o bater de muitos tambores. Siddhartha, no entanto, não compartilhava sua alegria. A cortina da vida havia sido levantada e ele aprendera o horror da existência do homem. A visão da morte e do sofrimento seguiu-o como um sonho terrível.

Naquela noite a lua estava brilhando intensamente. Siddhartha acordou e começou a pensar em muitas coisas. Nunca mais ele poderia ser feliz até que tivesse encontrado uma solução para o enigma da existência. Ele decidiu encontrá-lo longe de todos aqueles a quem ele amava. Suavemente ele entrou no quarto onde Yasodhara estava dormindo com seu bebê. Então ele chamou seu fiel Channa e disse-lhe para seguir.

Juntos, os dois homens entraram na escuridão da noite, um para encontrar descanso para sua alma, o outro para ser um servo fiel a um mestre amado.

O povo da Índia , com quem Siddhartha vagou por muitos anos, estava então em estado de mudança. Seus ancestrais, os índios nativos, tinha sido conquistado sem grande dificuldade pelos arianos (nossos primos distantes) e, posteriormente, os arianos tinham sido os governantes e mestres de dezenas de milhões de dócil homenzinhos marrons. Para manter-se no banco dos poderosos, que haviam dividido a população em classes diferentes e, gradualmente, um sistema de "castas" do tipo mais rígido tinha sido executada sobre os nativos. Os descendentes dos conquistadores indo-europeus pertenciam à mais alta "casta", a classe de guerreiros e nobres. Em seguida veio a casta dos sacerdotes. Abaixo, seguiram-se os camponeses e os homens de negócios. Os antigos nativos, no entanto, que eram chamados

de párias, formavam uma classe de escravos desprezados e miseráveis e nunca esperavam ser outra coisa.

Até mesmo a religião do povo era uma questão de casta. Os antigos indo-europeus, durante seus milhares de anos de peregrinação, encontraram muitas aventuras estranhas. Estas foram coletadas em um livro chamado Veda. A linguagem deste livro chamava-se sânscrito e estava intimamente relacionada com as diferentes línguas do continente europeu, com o grego e o latim, com o russo e o alemão, e com dois outros pontos. As três maiores castas foram autorizadas a ler estas sagradas escrituras. O pária, no entanto, o membro desprezado da mais baixa casta, não foi autorizado a conhecer o seu conteúdo. Ai do homem de casta nobre ou sacerdotal que ousasse ensinar um pária a estudar o volume sagrado!

A maioria do povo indiano, portanto, vivia na miséria. Já que este planeta lhes ofereceu muito pouca alegria, a salvação do sofrimento deve ser encontrada em outro lugar. Eles tentaram obter um pouco de consolo da meditação sobre a felicidade de sua futura existência.

Brahma, o todo-criador que era considerado pelo povo indiano como o supremo governante da vida e da morte, era adorado como o mais elevado ideal de perfeição. Tornar-se como Brahma, perder todos os desejos de riqueza e poder, era reconhecido como o propósito mais exaltado da existência. Os pensamentos sagrados eram considerados mais importantes que os feitos sagrados, e muitas pessoas iam para o deserto e viviam nas folhas das árvores e morriam de fome para alimentar suas almas com a gloriosa contemplação dos esplendores de Brahma, o Sábio, o Bom e o Misericordioso.

Siddhartha, que muitas vezes observara esses errantes solitários que buscavam a verdade longe do tumulto das cidades e das aldeias, decidiu seguir seu exemplo. Ele cortou o cabelo. Ele pegou suas pérolas e seus rubis e os enviou de volta para sua família com uma mensagem de despedida, que o sempre fiel Channa carregava. Sem um único seguidor, o jovem príncipe se mudou para o deserto.

Logo a fama de sua conduta santa se espalhou entre as montanhas. Cinco jovens vieram até ele e pediram permissão para ouvir suas palavras de sabedoria. Ele concordou em ser seu mestre se eles o seguissem. Eles consentiram, e ele os levou para as colinas e por seis anos

ele ensinou-lhes tudo o que sabia em meio aos picos solitários das Montanhas VÍndia s. Mas no final deste período de estudo, ele sentiu que ainda estava longe da perfeição. O mundo que ele tinha deixado continuou a tentá-lo. Ele agora pediu que seus alunos o deixassem e então ele jejuou por quarenta e nove dias e noites, sentados sobre as raízes de uma velha árvore. Por fim, ele recebeu sua recompensa. No crepúsculo da quinquagésima noite, Brahma se revelou ao seu fiel servo. Daquele momento em diante, Siddhartha foi chamado de Buda e ele foi reverenciado como o Iluminado que veio para salvar os homens de seu destino mortal infeliz.

Os últimos quarenta e cinco anos de sua vida, Buda passou no vale do rio Ganges, ensinando sua lição simples de submissão e mansidão a todos os homens. No ano 488 antes da nossa era, ele morreu, cheio de anos e amado por milhões de pessoas. Ele não havia pregado suas doutrinas para o benefício de uma única classe. Mesmo o mais baixo dos párias poderia se chamar seu discípulo.

Isso, no entanto, não agradou os nobres e os sacerdotes e mercadores que fizeram o melhor que podiam para destruir um credo que reconhecia a igualdade de todas as criaturas vivas e oferecia aos homens a esperança de uma segunda vida (uma reencarnação) em circunstâncias mais felizes. Assim que puderam, encorajaram o povo da Índia a retornar às antigas doutrinas do credo brâmane com seu jejum e suas torturas do corpo pecaminoso. Mas o budismo não pode ser destruído. Lentamente, os discípulos do Iluminado vagaram pelos vales do Himalaia e se mudaram para a China. Atravessaram o Mar Amarelo e pregaram a sabedoria de seu mestre ao povo do Japão, e obedeceram fielmente à vontade de seu grande mestre, que os proibiu de usar a força.



Quanto a Confúcio, o velho sábio dos chineses, sua história é simples. Ele nasceu no ano 550 a.C. Ele levou uma vida tranquila, digna e monótona numa época em que a China não tinha um governo central forte e quando o povo chinês estava à mercê de bandidos e barões-ladrões que iam de cidade em cidade, pilhando, roubando e matando e transformando as movimentadas planícies do norte e do centro da China em um deserto de gente faminta.

Confúcio, que amava seu povo, tentou salvá-los. Ele não tinha muita fé no uso da violência. Ele era uma pessoa muito pacífica. Ele não achava que poderia fazer as pessoas darem muitas novas leis. Ele sabia que a única salvação possível viria de uma mudança de coração, e partiu para a tarefa aparentemente sem esperança de mudar o caráter de seus milhões de

companheiros que habitavam as vastas planícies da Ásia oriental. Os chineses nunca estiveram muito interessados em religião, da maneira em que nós entendemos essa palavra. Eles acreditavam em demônios e fantasmas como a maioria das pessoas primitivas. Mas eles não tinham profetas e não reconheciam a "verdade revelada". Confúcio é quase o único entre os grandes líderes morais que não viram visões, que não se proclamou como o mensageiro de um poder divino; que, em algum momento ou outro, não alegou ter sido inspirado por vozes vindas de cima.

Ele era apenas um homem muito sensível e gentil, bastante dado a perambulações solitárias e melancólicas melodias em sua fiel flauta. Ele não pediu reconhecimento. Ele não exigiu que alguém o seguisse ou o adorasse. Ele nos lembra dos antigos filósofos gregos, especialmente os da Escola Estóica, homens que acreditavam no viver correto e no pensamento justo sem a esperança de uma recompensa, mas simplesmente pela paz da alma que vem com uma boa consciência.

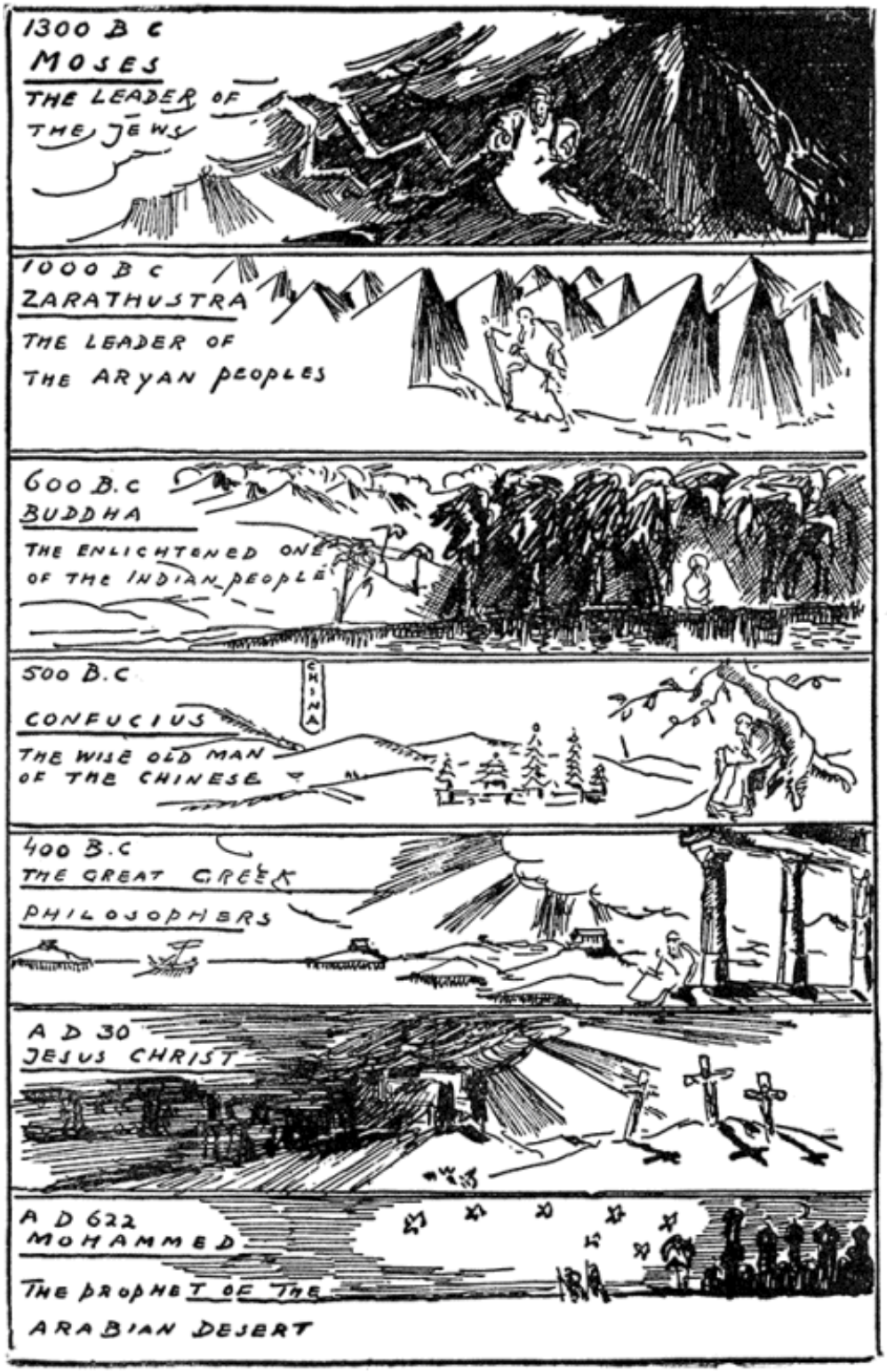
Confúcio era um homem muito tolerante. Ele saiu do seu caminho para visitar Lao-Tse, o outro grande líder chinês e fundador de um sistema filosófico chamado "taoísmo", que era apenas uma versão chinesa da Regra de Ouro (Ética da reciprocidade).

Confúcio não tinha ódio a ninguém. Ele ensinou a virtude do autocontrole supremo. Uma pessoa de valor real, de acordo com os ensinamentos de Confúcio, não se deixa perturbar pela raiva e sofre o que quer que o destino lhe trouxer com a resignação daqueles sábios que entendem que tudo o que acontece, de uma maneira ou de outra, é para o melhor.

No começo ele tinha apenas alguns alunos. Gradualmente, o número aumentou. Antes de sua morte, no ano de 478 a.C., vários dos reis e príncipes da China se confessaram seus discípulos. Quando Cristo nasceu em Belém, a filosofia de Confúcio já havia se tornado parte da composição mental da maioria dos chineses. Continuou a influenciar suas vidas desde então. Não no entanto, em sua forma pura e original. A maioria das religiões muda com o passar do tempo. Cristo pregava humildade, mansidão e ausência das ambições mundanas, mas quinze séculos depois do Gólgota, o chefe da igreja cristã estava gastando milhões na construção de um edifício que tinha pouca relação com o solitário estábulo de Belém.

Lao-Tse ensinou a Regra de Ouro e, em menos de três séculos, as massas ignorantes o transformaram em um Deus real e muito cruel e enterraram seus sábios mandamentos sob um montão de superstição que tornou as vidas dos chineses um tanto tempo série de frustrações e medos e horrores.

Confúcio mostrara a seus alunos as belezas de honrar seu pai e sua mãe. Eles logo começaram a se interessar mais pela memória de seus pais que partiram do que pela felicidade de seus filhos e netos. Deliberadamente voltaram as costas para o futuro e tentaram perscrutar a vasta escuridão do passado. A adoração dos ancestrais tornou-se um sistema religioso positivo. Em vez de perturbar um cemitério situado no lado ensolarado e fértil de uma montanha, plantavam seu arroz e trigo nas rochas estéreis da outra encosta, onde nada poderia crescer. E eles preferiram a fome à profanação da sepultura ancestral.



Ao mesmo tempo, as sábias palavras de Confúcio nunca perderam o controle sobre os milhões crescentes da Ásia oriental. O confucionismo, com seus profundos dizeres e observações astutas, acrescentou um toque de

filosofia de senso comum à alma de todo chinês e influenciou toda a sua vida, fosse ele um simples lavador de roupas em um porão fervilhante ou o governante de vastas províncias que viviam atrás os altos muros de um palácio isolado.

No século XVI, os cristãos entusiastas, mas pouco civilizados, do mundo ocidental ficaram frente a frente com os credos mais antigos do oriente. Os primeiros espanhóis e portugueses olhavam para as estátuas pacíficas de Buda e contemplavam os veneráveis quadros de Confúcio e não sabiam o que fazer com aqueles profetas dignos com seu sorriso distante. Chegaram à conclusão fácil de que essas divindades estranhas eram simplesmente demônios que representavam algo idólatra e herético e não mereciam o respeito dos verdadeiros filhos da Igreja. Sempre que o espírito de Buda ou Confúcio parecia interferir com o comércio de especiarias e sedas, os europeus atacavam a "má influência" com balas e granadas. Esse sistema tinha certas desvantagens bem definidas. Deixou-nos uma herança desagradável de má vontade que promete pouco bem para o futuro imediato.

OceanofPDF.com

A REFORMA

O progresso da raça humana é melhor comparado com um pêndulo gigante que para sempre balança para a frente e para trás. A indiferença religiosa e o entusiasmo artístico e literário do renascimento foram seguidos pela indiferença artística e literária e o entusiasmo religioso da reforma

É claro que você já ouviu falar da Reforma. Você pensa em um pequeno mas corajoso grupo de peregrinos que cruzou o oceano para Ser "liberto de um culto religioso". Vagamente no decorrer do tempo (e mais especialmente em nossos países protestantes), a Reforma passou a representar a idéia de "liberdade de pensamento". Martinho Lutero é representado como o líder da vanguarda do progresso. Mas quando a história é algo mais do que uma série de discursos lisonjeiros dirigidos aos nossos gloriosos ancestrais, quando usamos as palavras do historiador alemão Ranke, tentamos descobrir o que "realmente aconteceu", então muito do passado é visto de uma forma muito diferente.

Poucas coisas na vida humana são inteiramente boas ou inteiramente ruins. Poucas coisas são pretas ou brancas. É dever do cronista honesto dar um relato verdadeiro de todos os lados bons e ruins de cada evento histórico. É muito difícil fazer isso porque todos nós temos nossos gostos e desgostos pessoais. Mas devemos tentar ser o mais justo possível e não devemos permitir que nossos preconceitos nos influenciem demais.

Tome meu próprio caso como um exemplo. Eu cresci no centro protestante de um país muito protestante. Eu nunca vi nenhum católico até os doze anos de idade. Então me senti muito desconfortável quando os conheci. Eu estava com um pouco de medo. Eu conhecia a história das muitas milhares de pessoas que foram queimadas e enforcadas e

esquartejadas pela Inquisição Espanhola quando o Duque de Alba tentou curar o povo holandês de suas heresias luterana e calvinista. Tudo isso foi muito real para mim. Pareceu ter acontecido apenas no dia anterior. Pode ocorrer novamente. Poderia haver outra noite de São Bartolomeu, e o pobrezinho eu seria assassinado em meu pijama e meu corpo seria jogado pela janela, como acontecera com o nobre Almirante de Coligny.

Muito depois, fui morar por vários anos em um país católico. Achei o povo muito mais gentil e muito mais tolerante e tão inteligente quanto meus antigos compatriotas. Para minha grande surpresa, comecei a descobrir que havia um lado católico na Reforma, tanto quanto um protestante.

É claro que as pessoas boas dos séculos XVI e XVII, que realmente viveram através da Reforma, não viam as coisas assim. Eles estavam sempre certos e o inimigo deles estava sempre errado. Era uma questão de enforcar ou ser enforcado, e ambos os lados preferiam fazer o enforcamento. Que não era mais do que humano e pelo qual eles não merecem nenhuma culpa.

Quando olhamos para o mundo como ele apareceu no ano de 1500, uma data fácil de lembrar, e o ano em que o imperador Carlos V nasceu, é isso que vemos. A desordem feudal da Idade Média deu lugar à ordem de um número de reinos altamente centralizados. O mais poderoso de todos os soberanos é o grande Carlos, depois um bebê no berço. Ele é neto de Fernando e Isabel e de Maximiliano de Habsburgo, o último dos cavaleiros medievais, e de sua esposa Maria, filha de Carlos, o Valdo, o ambicioso duque borgonhês que fez uma guerra bem-sucedida contra a França, mas que foi morto por os camponeses suíços independentes. A criança Carlos, portanto, caiu herdeira da maior parte do mapa, para todas as terras de seus pais, avós, tios, primos e tias na Alemanha, na Áustria, na Holanda, na Bélgica, na Itália e na Espanha, juntamente com todas as suas colônias na Ásia, África e América. Por uma estranha ironia do destino, ele nasceu em Ghent, naquele mesmo castelo dos condes de Flandres, que os alemães usaram como prisão durante sua recente ocupação da Bélgica, e embora seja um rei espanhol e um imperador alemão, ele recebe o treinamento de um Fleming.

Como seu pai está morto (envenenado, dizem as pessoas, mas isso nunca é provado), e sua mãe ficou louca (ela está viajando através de todos os seus domínios com o caixão contendo o corpo de seu marido morto), a criança é

deixada para a rígida disciplina de sua tia Margaret. Forçado a governar alemães, italianos, espanhóis e uma centena de raças estranhas, Carlos cria um Fleming, um filho fiel da Igreja Católica, mas bastante avesso à intolerância religiosa. Ele é bastante preguiçoso, tanto como menino quanto como homem. Mas o destino o condena a governar o mundo quando o mundo está em um tumulto de fervor religioso. Ele estava sempre indo de Madri para Innsbruck e de Bruges para Viena. Ele amava a paz e o silêncio mas estava sempre em guerra. Na idade de cinquenta e cinco anos, nós o vemos virar as costas para a raça humana em absoluto desgosto por tanto ódio e tanta estupidez. Três anos depois ele morre, um homem muito cansado e desapontado.

Era muito para Carlos o imperador. E que tal para Igreja, a segunda grande potência no mundo? A Igreja mudou muito desde os primeiros dias da Idade Média, quando começou a conquistar os pagãos e a mostrar-lhes as vantagens de uma vida piedosa e justa. Em primeiro lugar, a Igreja ficou muito rica. O papa não era mais o pastor de um rebanho de cristãos humildes. Ele mora em um vasto palácio e se cercava de artistas, músicos e famosos literatos. Suas igrejas e capelas eram cobertas com novas imagens em que os santos se parecem mais com os deuses gregos do que o estritamente necessário. Ele divide seu tempo desigualmente entre os assuntos de estado e arte. Os assuntos do estado levam dez por cento de seu tempo. Os outros noventa por cento vão para um interesse ativo em estátuas romanas, vasos gregos recentemente descobertos, planos para uma nova casa de verão, o ensaio de uma nova peça. Os arcebispos e os cardeais seguem o exemplo de seu papa. Os bispos tentam imitar os arcebispos. Os sacerdotes da aldeia, no entanto, permaneceram fiéis aos seus deveres. Eles se mantêm afastados do mundo perverso e do amor pagão de beleza e prazer. Eles ficam longe dos mosteiros onde os monges parecem ter esquecido seus antigos votos de simplicidade e pobreza e vivem tão felizes quanto ousam, sem causar muito escândalo público.

Finalmente, há as pessoas comuns. Elas estão melhores do que nunca. Elas são mais prósperas, vivem em casas melhores, seus filhos vão para escolas melhores, suas cidades são mais bonitas do que antes, suas armas de fogo os igualaram aos seus antigos inimigos, os barões-ladrões, que durante séculos cobraram esse pesado roubo impostos sobre o seu comércio. Era tanto coisa para os principais atores da Reforma.

Agora vamos ver o que a Renascença fez na Europa, e então você entenderá como o renascimento da aprendizagem e da arte estava fadado a ser seguido por um reavivamento de interesses religiosos. O Renascimento começou na Itália. De lá, se espalhou para a França. Não foi bem sucedido na Espanha, onde quinhentos anos de guerra com os mouros tornaram o povo muito limitado e muito fanático em todas as questões religiosas. O círculo havia se tornado mais largo e largo, mas assim que os Alpes foram atravessados, o Renascimento sofrera uma mudança.

O povo do norte da Europa, vivendo em um clima muito diferente, tinha uma visão da vida que contrastava estranhamente com a de seus vizinhos do sul. Os italianos viviam ao ar livre, sob um céu ensolarado. Era fácil para eles rir, cantar e ser felizes. Os alemães, os holandeses, os ingleses, os suecos, passavam a maior parte do tempo dentro de casa, ouvindo a chuva batendo nas janelas fechadas de suas pequenas casas confortáveis. Eles não riram tanto. Eles levaram tudo mais a sério. Eles estavam sempre conscientes de suas almas imortais e não gostavam de ser engraçados sobre assuntos que consideravam sagrados. A parte "humanista" da Renascença, os livros, os estudos de autores antigos, a gramática, Interessou-os muito. Mas o retorno geral à antiga civilização pagã da Grécia e de Roma, que foi um dos principais resultados da Renascença na Itália, encheu seus corações de horror.

Mas o Papado e o Colégio dos Cardeais eram quase inteiramente compostos por italianos e haviam transformado a Igreja em um clube agradável, onde as pessoas discutiam arte, música e teatro, mas raramente mencionavam religião. Portanto, a divisão entre o norte sério e o sul mais civilizado, despreocupado e indiferente, estava se tornando cada vez mais ampla e ampla e ninguém parecia estar ciente do perigo que ameaçava a Igreja.

Houve algumas pequenas razões que explicarão por que a Reforma ocorreu na Alemanha, e não na Suécia ou na Inglaterra. Os alemães tinham um antigo ressentimento contra Roma. As brigas intermináveis entre o imperador e o papa causaram muita amargura mútua. Nos outros países europeus onde o governo descansava nas mãos de um rei forte, o governante muitas vezes conseguira proteger seus súditos contra a ganância dos padres. Na Alemanha, onde um sombrio imperador governava uma turbulenta multidão de pequenos principezinhos, os bons burgueses estavam

mais diretamente à mercê de seus bispos e prelados. Esses dignitários estavam tentando coletar grandes somas de dinheiro para o benefício daquelas enormes igrejas que eram um hobby dos Papas do Renascimento.

E depois há o fato raramente mencionado de que a Alemanha era o lar da imprensa. No norte da Europa os livros eram baratos e a Bíblia não era mais um misterioso manuscrito possuído e explicado pelo padre. Era um livro doméstico de muitas famílias onde o latim era compreendido pelo pai e pelos filhos. Famílias inteiras começaram a lê-lo, o que era contra a lei da Igreja. Eles descobriram que os sacerdotes estavam lhes contando muitas coisas que, de acordo com o texto original das Sagradas Escrituras, eram um pouco diferentes. Isso causou dúvida. As pessoas começaram a fazer perguntas. E as perguntas, quando não podem ser respondidas, costumam causar muitos problemas.

O ataque começou quando os humanistas do norte abriram fogo contra os monges. Em seu íntimo, eles ainda tinham muito respeito e reverência pelo papa para dirigir suas investidas contra ele. Mas os monges preguiçosos e ignorantes, vivendo atrás das muralhas de seus ricos mosteiros, esses sim ofereciam uma boa oportunidade para represália.

O líder nessa guerra, curiosamente, era um filho muito fiel da igreja Gerard Gerardzoon, ou Desidério Erasmo, como ele é geralmente chamado, era um menino pobre, nascido em Roterdão, na Holanda, e educado na mesma escola latina de Deventer, do qual Tomás de Kempis se formara. Ele havia se tornado padre e por algum tempo ele havia morado em um mosteiro. Ele tinha viajado muito e sabia o que ele escreveu, quando começou sua carreira como panfletário público (ele teria sido chamado de redator editorial em nossos dias) o mundo se divertiu muito em uma série anônima de cartas que tinha acabado de aparecer sob o título de "Cartas de Homens Obscuros". Nestas cartas, a estupidez geral e arrogância dos monges do final da Idade Média foi exposta em um estranho doggerel latino-alemão que lembra uma das nossas modernas limericks. O próprio Erasmo era um estudioso muito erudito e sério, que conhecia o latim e o grego e nos deu a primeira versão confiável do Novo Testamento, que ele traduziu para o latim juntamente com uma edição corrigida do texto original em grego. Mas ele acreditava com Salústio, o poeta romano, que nada nos impede de "afirmar a verdade com um sorriso em nossos lábios". que ele traduziu para o latim juntamente com uma edição corrigida do texto grego

original. Mas ele acreditava com Sallust, o poeta romano, que nada nos impede de "afirmar a verdade com um sorriso em nossos lábios

No ano de 1500, quando visitava Sir Thomas More na Inglaterra, ele tirou algumas semanas de folga e escreveu um livrinho engraçado, chamado de "Elogio da Loucura", no qual ele atacava os monges e seus seguidores crédulos com aquela mais perigosas de todas as armas, o humor. O livreto foi o best seller do século XVI. Foi traduzido para quase todas as línguas e fez com que as pessoas prestassem atenção àqueles outros livros de Erasmo nos quais ele defendia a reforma dos muitos abusos da igreja e apelou a seus companheiros humanistas para ajudá-lo em sua tarefa de provocar um grande renascimento a fé cristã.

Mas nada veio desses excelentes planos. Erasmo era por demais razoável e tolerante demais para agradar a maioria dos inimigos da igreja. Eles estavam esperando por um líder de natureza mais robusta.

Ele veio e seu nome era Martinho Lutero.



Lutero era um camponês do norte da Alemanha com um cérebro de primeira classe e possuidor de grande coragem pessoal. Ele era um universitário, um mestre de artes da Universidade de Erfurt; depois, ele se juntou a um mosteiro dominicano. Depois, tornou-se professor universitário na escola teológica de Wittenberg e começou a explicar as escrituras aos indiferentes rapazes da sua casa saxã. Ele tinha muito tempo livre e isso ele usou para estudar os textos originais do Antigo e do Novo Testamento. Logo ele começou a ver a grande diferença que existia entre as palavras de Cristo e aquelas pregadas pelos Papas e pelos Bispos. No ano de 1511, ele visitou Roma em negócios oficiais. Alexandre VI, da família dos Bórgia, que se enriquecera em benefício de seu filho e filha, estava morto. Mas seu sucessor, Júlio II, um homem de caráter pessoal

irrepreensível, passava a maior parte do tempo lutando e construindo e não impressionava esse teólogo alemão de mentalidade séria com sua piedade. Lutero retornou a Wittenberg, um homem muito desapontado. Mas o pior estava por vir.

A gigantesca igreja de São Pedro, que o papa Júlio desejara que seus inocentes sucessores, embora apenas tivessem começado pela metade, já precisasse de reparos. Alexandre VI gastara cada centavo do tesouro papal. Leão X, que sucedeu Julius no ano de 1513, estava à beira da falência. Ele voltou a um antigo método de levantar dinheiro pronto. Ele começou a vender "indulgências". Uma indulgência era um pedaço de pergaminho que, em troca de uma certa quantia em dinheiro, prometia ao pecador uma diminuição do tempo que ele teria de gastar no purgatório. Era uma coisa perfeitamente correta de acordo com o credo do final da Idade Média. Como a igreja tinha o poder de perdoar os pecados daqueles que verdadeiramente se arrependiam antes de morrerem, a igreja também tinha o direito de encurtar, através de sua intercessão com os santos, o tempo durante o qual a alma deve ser purificada nos reinos obscuros do Purgatório.

Era lamentável que essas indulgências deviam ser vendidas por dinheiro. Mas elas ofereciam uma forma fácil de lucro e, além disso, aqueles que eram pobres demais para pagar recebiam de graça.

Agora aconteceu no ano de 1517 que o território exclusivo para a venda de indulgências na Saxônia foi dado a um monge dominicano chamado Johann Tetzel. O irmão Johann era um vendedor agressivo. Para dizer a verdade, ele estava um pouco ansioso demais. Seus métodos de negócios ultrajavam o povo piedoso do pequeno ducado. E Lutero, que era um sujeito honesto, ficou tão bravo que fez uma coisa imprudente. Em 31 de outubro do ano de 1517, ele foi à igreja do tribunal e, nas suas portas, publicou uma folha de papel com noventa e cinco declarações (ou teses), atacando a venda de indulgências. Essas declarações foram escritas em latim. Lutero não tinha intenção de começar um motim. Ele não era um revolucionário. Ele se opôs à instituição das Indulgências e queria que seus colegas professores souIsabelem o que ele pensava sobre elas. Mas este ainda era um assunto privado do mundo clerical e professoral e não havia apelo aos preconceitos da comunidade de leigos.

Infelizmente, naquele momento em que o mundo inteiro começara a se interessar pelos assuntos religiosos do dia, era absolutamente impossível discutir qualquer coisa, sem ao mesmo tempo criar um grave distúrbio mental. Em menos de dois meses, toda a Europa discutia as noventa e cinco teses do monge saxão. Cada um deve tomar partido. Todo obscuro pequeno teólogo deve imprimir sua própria opinião. As autoridades papais começaram a ficar alarmadas. Eles ordenaram que o professor de Wittenberg procedesse a Roma e desse conta de sua ação. Lutero sabiamente lembrou o que aconteceu com Jan Hus. Ele ficou na Alemanha e foi punido com a excomunhão. Lutero queimou a bula papal na presença de uma multidão admiradora e a partir desse momento, a paz entre ele e o papa não era mais possível.

Sem qualquer desejo de sua parte, Lutero se tornou o líder de um vasto exército de cristãos descontentes. Os patriotas alemães, como Ulrich von Hutten, correram em sua defesa. Os estudantes de Wittenberg e Erfurt e Leipzig se ofereceram para defendê-lo caso as autoridades tentassem prendê-lo. O eleitor da Saxônia tranquilizou os jovens espertos. Nenhum dano aconteceria a Lutero enquanto ele permanecesse em território saxão.

Tudo isso aconteceu no ano de 1520. Carlos V tinha vinte anos e, como governante da metade do mundo, foi forçado a permanecer em condições agradáveis com o papa. Ele enviou chamadas para uma dieta ou assembléia geral na boa cidade de Worms, no Reno, e ordenou que Lutero estivesse presente e desse conta de seu extraordinário comportamento. Lutero, que agora era o herói nacional dos alemães, foi. Ele se recusou a retirar uma única palavra do que ele havia escrito ou dito. Sua consciência era controlada apenas pela palavra de Deus. Ele viveria e morreria por sua consciência.

A Dieta de Worms, após a devida deliberação, declarou Lutero um fora da lei diante de Deus e do homem, e proibiu todos os alemães de lhe dar abrigo, comida ou bebida, ou ler uma única palavra dos livros que o covarde herege havia escrito. Mas o grande reformador não estava em perigo. Pela maioria dos alemães do norte, o decreto foi denunciado como um documento injusto e ultrajante. Para maior segurança, Lutero estava escondido em Wartburg, um castelo pertencente ao Eleitor da Saxônia, e lá ele desafiou toda autoridade papal traduzindo toda a Bíblia para a língua

alemã, para que todo o povo pudesse ler e conhecer a palavra de Deus por si mesmos.

A essa altura, a Reforma não era mais um assunto espiritual e religioso. Aqueles que odiavam a beleza do edifício da igreja moderna usaram esse período de inquietação para atacar e destruir o que não gostavam porque não o entendiam. Cavaleiros empobrecidos tentaram compensar as perdas passadas agarrando o território que pertencia aos mosteiros. Príncipes descontentes fizeram uso da ausência do Imperador para aumentar seu próprio poder. Os camponeses famintos, seguindo a liderança de agitadores meio loucos, aproveitaram ao máximo a oportunidade e atacaram os castelos de seus senhores e saquearam, assassinaram e queimaram com o zelo dos antigos cruzadores.

Um verdadeiro reino de desordem se espalhou pelo Império. Alguns príncipes tornaram-se protestantes (como foram chamados os seguidores "protestantes" de Lutero) e perseguiram seus súditos católicos. Outros permaneceram católicos e enforcaram seus súditos protestantes. A Dieta de Speyer do ano de 1526 tentou resolver essa questão difícil de lealdade ao ordenar que "os sujeitos deveriam todos ser da mesma denominação religiosa que seus príncipes". Isso transformou a Alemanha em um tabuleiro de xadrez de mil pequenos ducados e principados hostis e criou uma situação que impediu o crescimento político normal por centenas de anos.

Em fevereiro do ano de 1546, Lutero morreu e foi colocado para descansar na mesma igreja onde vinte e nove anos antes ele havia proclamado suas famosas objeções à venda de indulgências. Em menos de trinta anos, o mundo indiferente, brincalhão e risonho da Renascença havia se transformado na sociedade da Reforma que discutia, contava e debatia. O império espiritual universal dos Papas chegou a um fim repentino e toda a Europa Ocidental se transformou em um campo de batalha, onde protestantes e católicos se mataram para a maior glória de certas doutrinas teológicas que são tão incompreensíveis para a atual geração quanto as outras inscrições misteriosas dos antigos etruscos.

OceanofPDF.com

A GUERRA RELIGIOSA

A era das grandes controvérias religiosas

Os séculos XVI e XVII foram a época de controvérsia religiosa.

Se você perceber que vai descobrir que quase todos ao seu redor estão sempre falando "economia" e discutindo salários e horas de trabalho e greves em sua relação com a vida da comunidade, pois esse é o principal tópico de interesse de nosso próprio tempo.

As pobres criancinhas do ano 1600 ou 1650 se saíram pior. Eles nunca ouviram nada além de "religião". Suas cabeças estavam cheias de "predestinação", "transubstanciação", "livre-arbítrio" e uma centena de outras palavras estranhas, expressando pontos obscuros da "verdadeira fé", católica ou protestante. De acordo com o desejo de seus pais, eles eram batizados católicos ou luteranos, calvinistas, zwinglianos ou anabatistas. Eles aprenderam sua teologia do catecismo de Augsburgo, composto por Lutero, ou dos "Institutos do Cristianismo", escritos por Calvino, ou eles murmuraram os Trinta e Nove Artigos de Fé que foram impressos no Livro Inglês de Oração Comum, e eles foram ditos que estes, por si só, representavam a "Fé Verdadeira".

Eles ouviram falar do roubo em massa da propriedade da igreja perpetrada pelo rei Henrique VIII, o monarca da Inglaterra, que se tornou o chefe supremo da igreja inglesa, e assumiu o antigo direito papal de nomear bispos e padres. Eles tiveram um pesadelo sempre que alguém mencionava a Santa Inquisição, com suas masmorras e suas muitas câmaras de tortura, e eles foram tratados com histórias igualmente horríveis de como uma multidão de indignados protestantes holandeses havia se apossado de uma dúzia de velhos padres indefesos e os enforcado por puro prazer de matar aqueles que professavam uma fé diferente. Foi lamentável que os dois partidos em disputa fossem tão igualados. Caso contrário, a luta teria chegado a uma solução rápida. Essa guerra se arrastou por oito gerações, e ficou tão complicada que só posso lhe contar os detalhes mais importantes, e devo pedir-lhe para obter o resto de uma das muitas histórias da Reforma.



O grande movimento da reforma dos protestantes foi seguido por uma profunda reforma no seio da Igreja. Aqueles papas que tinham sido meramente humanistas amadores e traficantes em antiguidades romanas e gregas, desapareceram da cena e seu lugar foi ocupado por homens sérios que passavam vinte horas por dia administrando aqueles deveres sagrados que haviam sido colocados em suas mãos.

A longa e desonrosa felicidade dos mosteiros chegou ao fim. Monges e freiras foram forçados a levantar-se ao nascer do sol para estudar, os Padres da Igreja, cuidar dos doentes e consolar os que estão morrendo. A Santa Inquisição vigiava dia e noite que nenhuma doutrina perigosa deveria ser espalhada por meio da imprensa. Aqui costuma-se mencionar o pobre Galileu, que estava trancado porque tinha sido um pouco indiscreto em explicar os céus com seu pequeno telescópio e murmurara certas opiniões sobre o comportamento dos planetas que se opunham inteiramente às visões oficiais da Igreja. Mas com toda a justiça ao papa, ao clero e à Inquisição, deve-se afirmar que os protestantes eram tanto inimigos da ciência e da medicina quanto os católicos, e com manifestações iguais de ignorância e intolerância, consideravam os homens que investigavam as coisa como os inimigos mais perigosos da humanidade.

E Calvino, o grande reformador francês e o tirano (tanto político quanto espiritual) de Genebra, não apenas auxiliou as autoridades francesas quando tentaram enforcar Michael Servetus (o teólogo e médico espanhol que se

tornara famoso como assistente de Vesalius, o primeiro grande anatomista), mas quando Servet conseguiu escapar de sua prisão francesa e fugiu para Genebra, Calvino jogou este homem brilhante na prisão e depois de um julgamento prolongado, permitiu que ele fosse queimado na fogueira por conta de suas heresias, totalmente indiferente a sua fama como cientista.

E assim foi. Temos poucas estatísticas confiáveis sobre o assunto, mas, no geral, os protestantes cansados desse jogo muito antes dos católicos, e a maior parte dos homens e mulheres honestos que foram queimados, enforcados e decapitados por conta de suas crenças religiosas caíram como vítimas da igreja muito energética mas também muito dura de Roma.

Por tolerância (e por favor lembre-se disso quando você envelhecer), é de origem muito recente e até mesmo as pessoas de nosso próprio “mundo moderno” tendem a ser tolerantes apenas em assuntos que não lhes interessam muito. Elas são tolerantes com um nativo da África, e não se importam se ele se torna um budista ou um maometano, porque nem o budismo nem o maometismo significam nada para eles. Mas quando eles ouvem que seu vizinho republicano acredita em uma alta tarifa protecionista, se juntou ao Partido Socialista e agora quer revogar todas as leis tarifárias, sua tolerância cessa e eles usam quase as mesmas palavras que aqueles empregados por um gentil católico. (ou protestante) do século XVII, que foi informado de que seu melhor amigo, que ele sempre havia respeitado e amado, havia sido vítima das terríveis heresias da igreja protestante (ou católica).

"Heresia" até muito pouco tempo atrás era considerada uma doença. Hoje em dia, quando vemos um homem negligenciando a limpeza pessoal de seu corpo e de sua casa e expondo a si mesmo e a seus filhos aos perigos da febre tifoide ou de outra doença evitável, enviamos o conselho de saúde e o oficial de saúde chama a polícia para ajudá-lo a remover essa pessoa que é um perigo para a segurança de toda a comunidade. Nos séculos XVI e XVII, um herege, um homem ou uma mulher que duvidavam abertamente dos princípios fundamentais sobre os quais se baseara sua religião protestante ou católica, eram considerados uma ameaça mais terrível do que um portador de febre tifóide. A febre tifóide pode (muito provavelmente) destruir o corpo. Mas heresia, de acordo com eles, iria destruir positivamente a alma imortal. Era, portanto, dever de todos os cidadãos bons e lógicos advertir a polícia contra os inimigos da ordem

estabelecida das coisas e aqueles que não o faziam eram tão culpados quanto um homem moderno que não telefona para o médico mais próximo quando descobre que seus colegas-inquilinos estão sofrendo de cólera ou varíola.

Nos próximos anos, você ouvirá muito sobre medicina preventiva. Medicina preventiva significa simplesmente que nossos médicos não esperam até que seus pacientes fiquem doentes, então dê um passo à frente e os cure. Pelo contrário, eles estudam o paciente e as condições sob as quais ele vive quando ele (o paciente) está perfeitamente bem e eles removem todas as possíveis causas da doença limpando o lixo, ensinando-lhe o que comer e o que evitar, e dando-lhe algumas idéias simples de higiene pessoal. Eles vão ainda mais longe, e esses bons médicos entram nas escolas e ensinam as crianças a usar escovas de dentes e evitar resfriados.

O século XVI, que considerava (como eu tentei mostrar para você) a doença corporal muito menos importante do que a doença que ameaçava a alma, organizou um sistema de medicina preventiva espiritual. Tão logo uma criança tinha idade suficiente para soletrar suas primeiras palavras, ele foi educado nos verdadeiros (e os "únicos verdadeiros") princípios da Fé. Indiretamente isto provou ser uma coisa boa para o progresso geral dos povos da Europa. As terras protestantes logo foram pontilhadas de escolas. Eles usaram um tempo muito valioso para explicar o Catecismo, mas deram instruções em outras coisas além da teologia. Eles incentivaram a leitura e foram responsáveis pela grande prosperidade do comércio de impressão.

Mas os católicos não ficaram para trás. Eles também devotaram muito tempo e pensaram em educação. A Igreja, nesse caso, encontrou um amigo e aliado inestimáveis na ordem recém-fundada da Companhia de Jesus. O fundador desta notável organização foi um soldado espanhol que depois de uma vida de aventuras profanas tinha sido convertido e, em seguida, sentiu-se obrigado a servir a igreja assim como muitos antigos pecadores, que foram mostrados os erros do seu caminho pelo Exército de Salvação, dedicaram os anos restantes de suas vidas para a tarefa de ajudar e consolar aqueles que são menos afortunados.

O nome deste espanhol era Inácio de Loyola. Ele nasceu no ano anterior à descoberta da América. Ele havia foi ferido e ficou alejado por toda a vida

e, enquanto estava no hospital, ele havia visto uma visão da Virgem Santíssima e de seu Filho, que ordenou que ele abandonasse a iniquidade de sua vida anterior. Ele decidiu ir para a Terra Santa e terminar a tarefa das Cruzadas. Mas uma visita a Jerusalém lhe mostrara a impossibilidade da tarefa e ele retornou para o oeste para ajudar na guerra contra as heresias dos luteranos.

No ano de 1534, ele estudava em Paris, na Sorbonne. Juntamente com outros sete estudantes, ele fundou uma fraternidade. Os oito homens prometeram um ao outro que levariam vidas santas, que não se esforçariam em busca de riquezas, mas depois de justiça, e se dedicariam, corpo e alma, ao serviço da Igreja. Alguns anos mais tarde, essa pequena fraternidade tornou-se uma organização regular e foi reconhecida pelo papa Paulo III como a Companhia de Jesus.

Loyola tinha sido um militar. Acreditava na disciplina e a obediência absoluta às ordens dos dignitários superiores tornou-se uma das principais causas do enorme sucesso dos jesuítas. Eles se especializaram em educação. Eles deram aos seus professores uma educação mais completa antes de lhes permitirem conversar com um único aluno. Eles viviam com seus alunos e eles entraram em seus jogos. Eles os observavam com ternura. E como resultado, eles criaram uma nova geração de fiéis católicos que levaram seus deveres religiosos tão a sério quanto as pessoas do início da Idade Média.

Os jesuítas astutos, no entanto, não desperdiçaram todos os seus esforços na educação dos pobres. Eles entraram nos palácios dos poderosos e se tornaram os tutores privados de futuros imperadores e reis. E o que isso significa que você vai ver por si mesmo quando eu te contar sobre a Guerra dos Trinta Anos. Mas antes desse terrível e final surto de fanatismo religioso, muitas outras coisas aconteceram.

Carlos V estava morto. Alemanha e Áustria foram deixadas para seu irmão Fernando. Todas as suas outras possessões, a Espanha, Holanda, as Índia s e a América tinham ido a seu filho Filipe. Filipe era filho de Carlos e uma princesa portuguesa que fora prima primeira do próprio marido. Os filhos que nasceram de tal união tenderam a ser bastante esquisitos. O filho de Filipe, o desafortunado Don Carlos (assassinado depois com o consentimento do próprio pai), era louco. Filipe não era muito maluco, mas seu zelo pela Igreja limitava-se à insanidade religiosa. Ele acreditava que o

Céu o havia designado como um dos salvadores da humanidade. Portanto, quem se mostrasse obstinado a recusar as mesmas opiniões de sua Majestade, proclamaria a si mesmo um inimigo da raça humana e seria exterminado para que seu exemplo não corrompesse as almas de seus vizinhos piedosos.

A Espanha, claro, era um país muito rico. Todo o ouro e prata do novo mundo fluíam para os tesouros castelhanos e aragoneses. Mas a Espanha sofria de uma curiosa doença econômica. Seus camponeses eram homens que trabalhavam duro e mulheres ainda mais trabalhadoras. Mas as classes melhores mantinham um supremo desprezo por qualquer forma de trabalho, fora do emprego no exército, na marinha ou no serviço civil. Quanto aos mouros, que eram artesãos muito industriosos, tinham sido expulsos do país muito antes. Como resultado, a Espanha, a arca do tesouro do mundo, permaneceu um país pobre porque todo o seu dinheiro tinha que ser enviado ao exterior em troca do trigo e das outras necessidades da vida que os espanhóis deixavam de criar para si.

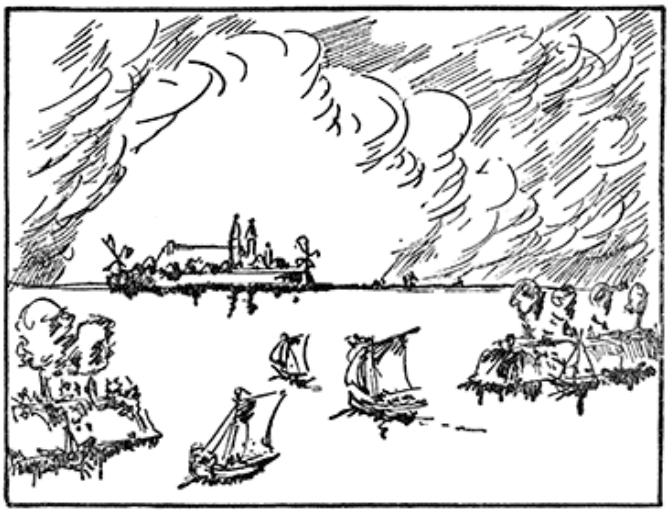


Filipe, governante da nação mais poderosa do século XVI, dependia de sua receita com os impostos que estavam reunidos na movimentada colméia comercial dos Países Baixos. Mas esses Flemings e holandeses eram devotos seguidores das doutrinas de Lutero e Calvino e eles haviam purificado suas igrejas de todas as imagens e pinturas sagradas e haviam informado ao Papa que eles não mais o consideravam como seu pastor, mas pretendiam seguir os ditames de suas consciências e os comandos de sua Bíblia recém-traduzida.

Isso colocou o rei em uma posição muito difícil. Ele não podia tolerar as heresias de seus súditos holandeses, mas precisava do dinheiro deles. Se ele permitisse que eles fossem protestantes e não tomassem medidas para

salvar suas almas, ele seria deficiente em seu dever para com Deus. Se ele enviasse a Inquisição para a Holanda e queimasse seus súditos na fogueira, perderia a maior parte de sua renda.

Sendo um homem de força de vontade incerta, ele hesitou por um longo tempo. Ele tentou bondade, severidade, promessas e ameaças. Os holandeses permaneceram obstinados e continuaram a cantar salmos e a ouvir os sermões de seus pregadores luteranos e calvinistas. Felipe, em seu desespero, enviou seu "homem de ferro", o duque de Alba, para levar esses pecadores endurecidos a condições. Alba começou por decapitar os líderes que não haviam deixado sabiamente o país antes de sua chegada. No ano de 1572 (o mesmo ano em que os líderes protestantes franceses foram todos mortos durante a terrível noite de São Bartolomeu), ele atacou várias cidades holandesas e massacrou os habitantes como um exemplo para os outros. No ano seguinte, ele sitiou a cidade de Leyden, o centro industrial da Holanda.



Enquanto isso, as sete pequenas províncias do norte da Holanda formaram uma união defensiva, a chamada união de Utrecht, e reconheceram Guilherme de Orange, um príncipe germânico que havia sido secretário particular do imperador Carlos V, como líder de seu exército e como comandante de seus marinheiros, que eram conhecidos como os Mendigos do Mar. Guilherme, para salvar Leyden, cortou os diques, criou um mar interior raso e entregou a cidade com a ajuda de uma marinha estranhamente equipada, de barcaças de fundo chato, que foram remadas pela lama até chegarem à muralha da cidade.



Foi a primeira vez que um exército do invencível rei espanhol sofreu uma derrota tão humilhante. Surpreendeu o mundo assim como a vitória japonesa de Mukden, na guerra russo-japonesa, surpreendeu nossa própria geração. Os poderes protestantes ganharam nova coragem e Filipe criou novos meios com o propósito de conquistar seus súditos rebeldes. Ele contratou um pobre fanático para matar Guilherme de Orange. Mas a visão de seu líder morto não colocou as Sete Províncias de joelhos. Pelo contrário, isso os deixou furiosamente irritados. No ano de 1581, os Estados Gerais (a reunião dos representantes das Sete Províncias) se reuniram em Haia e mais solenemente abjuraram seu "ímpio rei Filipe".

Este é um evento muito importante na história da grande luta pela liberdade política. Foi um passo que chegou muito além da insurreição dos nobres que terminou com a assinatura da Magna Carta. Esses bons burgueses disseram: "Entre um rei e seus súditos há um entendimento silencioso de que ambos os lados executarão certos serviços e reconhecerão certos deveres definidos. Se qualquer das partes não cumprir este contrato, o outro terá o direito de considerá-lo terminado. " Os tópicos americanos do rei George III no ano de 1776 chegaram a uma conclusão semelhante. Mas eles tinham três mil milhas de oceano entre si e seu governante e a Assembleia dos Estados Gerais tomaram sua decisão (o que significou uma morte lenta em caso de derrota) dentro da audição dos canhões espanhóis e embora em constante medo de uma frota vingativa espanhola.



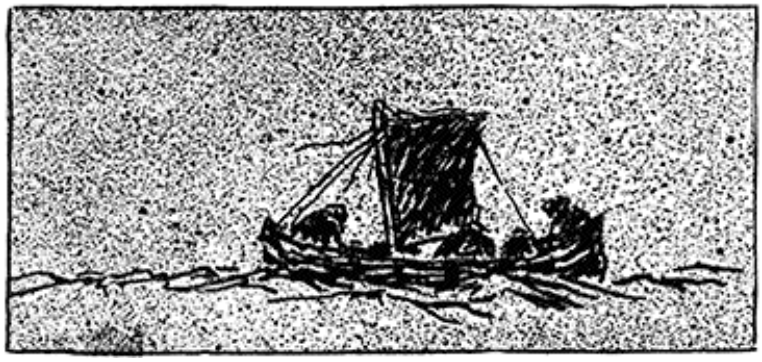
As histórias sobre uma misteriosa frota espanhola que conquistaria a Holanda e a Inglaterra, quando a Rainha Protestante Isabel sucedera a católica Maria I de Inglaterra "Bloody Mary", eram antigas. Durante anos, os marinheiros da orla falaram sobre isso. Nos anos oitenta do século XVI, o boato assumiu uma forma definitiva. De acordo com os pilotos que estiveram em Lisboa, todos os cais espanhóis e portugueses estavam construindo navios. E no sul da Holanda (na Bélgica) o duque de Parma estava coletando uma grande força expedicionária para ser levada de Ostende para Londres e Amsterdã assim que a frota chegasse.

No ano de 1586, a Grande Armada partiu para o norte. Mas os portos da costa flamenga foram bloqueados por uma frota holandesa e o canal era vigiado pelos ingleses, e os espanhóis, acostumados aos mares mais calmos do sul, não sabiam como navegar naquele clima árido e sombrio do norte. O que aconteceu com a Armada uma vez que foi atacada por navios e por tempestades eu não preciso te contar. Alguns navios, navegando pela Irlanda, escaparam para contar a terrível história da derrota. Os outros morreram e ficaram no fundo do Mar do Norte.

Virar é justo. Os protestantes britânicos e holandeses levaram a guerra para o território do inimigo. Antes do final do século, Houtman, com a ajuda de um folheto escrito por Linschoten (um holandês que estivera no serviço Português), tinha finalmente descoberto o caminho para as Índia s. Como resultado, a grande Companhia Holandesa das Índia s Orientais foi fundada e uma guerra sistemática contra as colônias portuguesas e espanholas na Ásia e na África foi iniciada com toda a seriedade.

Foi durante essa época inicial da conquista colonial que uma ação judicial curiosa foi disputada nos tribunais holandeses. No início do século XVII, um capitão holandês chamado van Heemskerk, um homem que se

tornara famoso como chefe de uma expedição que tentara descobrir a passagem do nordeste para as Índia s e que passara um inverno nas praias congeladas. da ilha de Nova Zembla, havia capturado um navio português nos estreitos de Malaca. Você se lembrará de que o papa havia dividido o mundo em duas partes iguais, uma das quais fora dada aos espanhóis e a outra aos portugueses. Os portugueses consideravam muito naturalmente a água que rodeava suas ilhas indígenas como parte de sua propriedade e, por enquanto, eles não estavam em guerra com a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, e alegavam que o capitão de uma empresa comercial privada holandesa não tinha o direito de entrar em seu domínio privado e roubar seus navios. E eles os processaram. Os diretores da Companhia Holandesa das Índia s Orientais contrataram um jovem e brilhante advogado, chamado De Groot ou Grócio, para defender seu caso. Ele fez o surpreendente argumento de que o oceano é livre para todos os visitantes. Uma vez fora da distância que uma bala de canhão disparada da terra pode alcançar, o mar é ou (segundo Grócio) deveria ser, uma estrada livre e aberta para todos os navios de todas as nações. Foi a primeira vez que essa doutrina surpreendente foi publicamente pronunciada em um tribunal. Foi combatido por todas as outras pessoas do mar. Para contrariar o efeito do famoso argumento de Grócio de um "Mare Liberum", ou "Mar Aberto", John Selden, o inglês, escreveu seu famoso tratado sobre o "Mare Clausum" ou "Mar Fechado" que tratava do direito natural de um soberano de considerar os mares que cercou seu país como pertencente ao seu território. Eu menciono isso aqui porque a questão ainda não havia sido decidida e durante a última guerra causou todo tipo de dificuldades e complicações.



Para voltar à guerra entre o espanhol, o holandês e o inglês, antes de vinte anos passavam pelas colônias mais valiosas das Índia s e do Cabo da

Boa Esperança e Ceilão, e aquelas ao longo da costa da China e até do Japão estavam em mãos protestantes. Em 1621 foi fundada uma Companhia das Índia s Ocidentais que conquistou o Brasil e, na América do Norte, construiu uma fortaleza chamada Nieuw Amsterdam, na foz do rio que Henrique Hudson havia descoberto no ano de 1609.

Essas novas colônias enriqueceram tanto a Inglaterra quanto a República Holandesa de tal forma que podiam contratar soldados estrangeiros para lutar em terra enquanto se dedicavam ao comércio e as trocas. Para eles, a revolta protestante significava independência e prosperidade. Mas em muitas outras partes da Europa, isso significava uma sucessão de horrores comparados aos quais a última guerra foi uma excursão leve de bondosos meninos da escola dominical.

A Guerra dos Trinta Anos, que eclodiu no ano de 1618 e que terminou com o famoso tratado da Vestfália em 1648, foi o resultado perfeitamente natural de um século de crescente ódio religioso. Foi, como eu disse, uma guerra terrível. Todos lutaram contra todos e a luta só terminou quando todas as partes estavam exaustas e não podiam mais lutar.

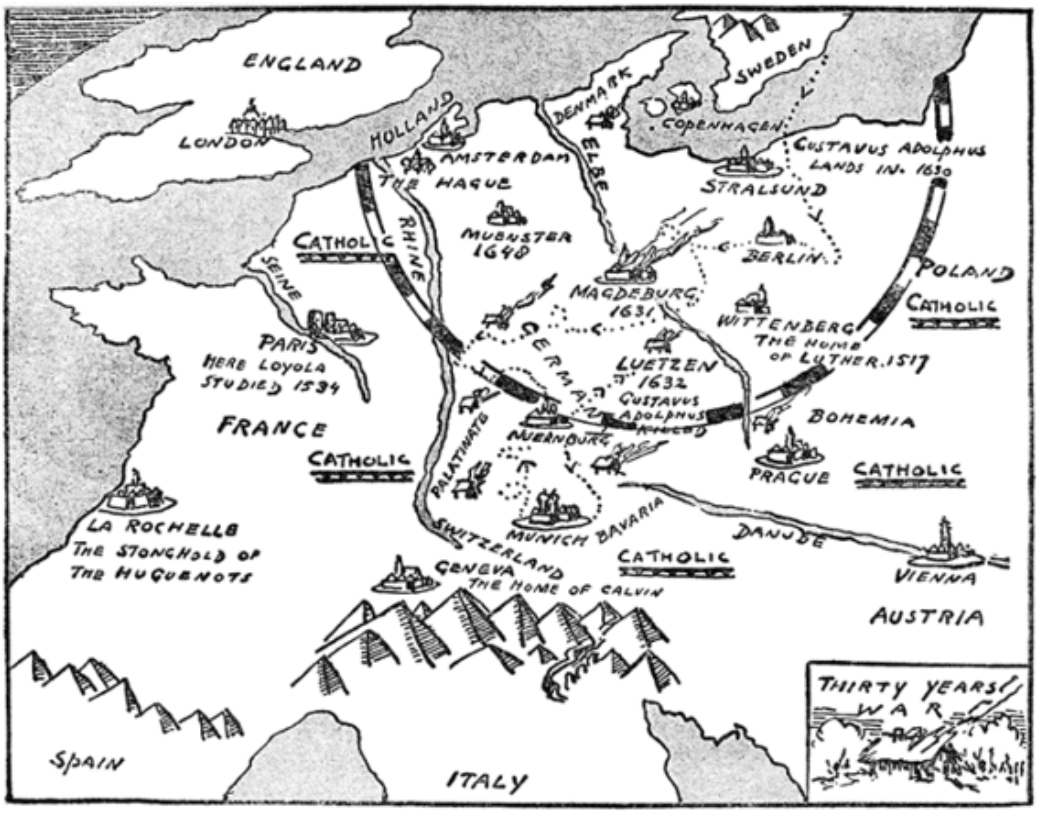
Em menos de uma geração, transformou muitas partes da Europa central em um deserto, onde os camponeses famintos lutavam pela carcaça de um cavalo morto com o lobo ainda mais faminto. Cinco sextos de todas as cidades e aldeias alemãs foram destruídas. O Palatinado, no oeste da Alemanha, foi saqueado vinte e oito vezes. E uma população de dezoito milhões de pessoas foi reduzida a quatro milhões.

As hostilidades começaram quase tão logo Fernando II da Casa de Habsburgo foi eleito Imperador. Ele era o produto de um treinamento jesuíta mais cuidadoso e era um filho muito obediente e devoto da Igreja. O voto que fizera quando jovem, de erradicar todas as seitas e todas as heresias de seus domínios, Fernando manteve o melhor de sua capacidade. Dois dias antes de sua eleição, seu principal oponente, Frederico V, Eleitor Palatino e genro de Jaime I da Inglaterra, fora nomeado rei da Boêmia, em violação direta dos desejos de Fernando.

Imediatamente, os exércitos dos Habsburgos invadiram a Boêmia. O jovem rei procurou em vão por assistência contra esse formidável inimigo. A República Holandesa estava disposta a ajudar, mas, engajada em uma guerra desesperada com a filial espanhola dos Habsburgos, pouco

poderia fazer. Os Stuarts na Inglaterra estavam mais interessados em fortalecer seu próprio poder absoluto em casa do que gastar dinheiro e homens em uma aventura desesperada na longínqua Boêmia. Após uma luta de alguns meses, o Eleitorado do Palatinado foi expulso e seus domínios foram entregues à casa católica da Baviera. Este foi o começo da grande guerra.

Então os exércitos dos Habsburgos, sob Tilly e Wallenstein, abriram caminho através da parte protestante da Alemanha até chegarem às costas do Báltico. Um vizinho católico significava sério perigo para o rei protestante da Dinamarca. Christian IV tentou se defender atacando seus inimigos antes que eles se tornassem fortes demais para ele. Os exércitos dinamarqueses marcharam para a Alemanha, mas foram derrotados. Wallenstein seguiu sua vitória com tanta energia e violência que a Dinamarca foi forçada a pedir a paz. Apenas uma cidade do Báltico permaneceu nas mãos dos protestantes. Isso foi Stralsund.

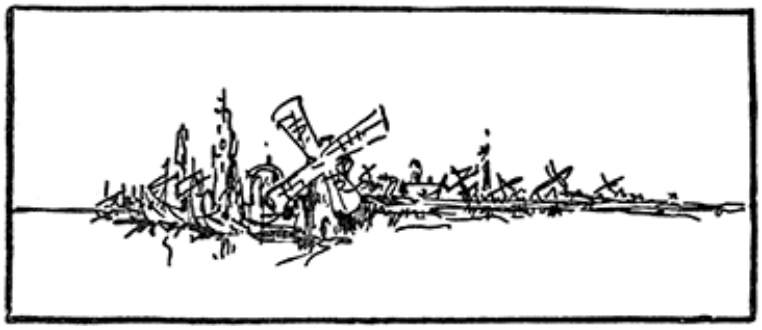


Lá, no início do verão do ano 1630, desembarcou o rei Gustavo II Adolfo da casa de Vasa, rei da Suécia, e famoso como o homem que defendera seu país contra os russos. Um príncipe protestante de ambição

ilimitada, desejoso de fazer da Suécia o centro de um grande Império do Norte, Gustavo II Adolfo foi recebido pelos príncipes protestantes da Europa como o salvador da causa luterana. Ele derrotou Tilly, que acabara de assassinar com sucesso os habitantes protestantes de Magdeburgo. Então suas tropas começaram sua grande marcha pelo coração da Alemanha, na tentativa de alcançar as possessões dos Habsburgos na Itália. Ameaçado na retaguarda pelos católicos, Gustavo de repente virou e derrotou o principal exército dos Habsburgos na batalha de Lutzen. Infelizmente o rei sueco foi morto quando se afastou de suas tropas. Mas o poder dos Habsburgos havia sido quebrado.

Fernando, que era uma pessoa suspeita, começou a desconfiar de seus próprios criados. Wallenstein, seu comandante-chefe, foi assassinado por sua instigação. Quando os Bourbons católicos, que governaram a França e odiavam seus rivais dos Habsburgos, souberam disso, eles se juntaram aos protestantes suecos. Os exércitos de Luís XIII invadiram a parte oriental da Alemanha, Turenne e Condé acrescentaram sua fama à de Baner e Weimar, os generais suecos, assassinando, pilhando e queimando a propriedade dos Habsburgos. Isso trouxe grande fama e riqueza para os suecos e fez com que os dinamarqueses ficassem com inveja. Os dinamarqueses protestantes declararam guerra aos suecos protestantes que eram os aliados dos franceses católicos, cujo líder político, o cardeal de Richelieu, acabara de privar os huguenotes (ou protestantes franceses) daqueles direitos de culto público que o Edito de Nantes do ano de 1598 os garantiu.

A guerra, depois do hábito de tais encontros, não resolveu nada, quando chegou ao fim com o tratado de Westfália em 1648. Os poderes católicos permaneceram católicos e os poderes protestantes permaneceram fiéis às doutrinas de Lutero, Calvino e Zwinglio. Os protestantes suíços e holandeses foram reconhecidos como repúblicas independentes. A França manteve as cidades de Metz, Toul, Verdun e uma parte da Alsácia. O Sacro Império Romano continuou a existir como uma espécie de estado de medo, sem homens, sem dinheiro, sem esperança e sem coragem.



O único bem que a Guerra dos Trinta Anos cumpriu foi negativa. Isso desencorajou tanto católicos quanto protestantes de tentar novamente. De agora em diante, eles se deixaram em paz. Isso, entretanto, não significa que o sentimento religioso e o ódio teológico tenham sido removidos da Terra. Pelo contrário. As brigas entre católicos e protestantes chegaram ao fim, mas as disputas entre as diferentes seitas protestantes continuaram tão amargamente quanto antes. Na Holanda, uma diferença de opinião quanto à verdadeira natureza da predestinação (um ponto muito obscuro da teologia, mas extremamente importante para os olhos de seu bisavô) causou uma discussão que terminou com a decapitação de John de Oldenbarneveldt, o estadista holandês, que havia sido responsável pelo sucesso da República durante os primeiros vinte anos de sua independência e que era o grande gênio organizador de sua empresa comercial indiana. Na Inglaterra, a rivalidade levou à guerra civil.

Mas antes de falar sobre esse surto que levou à primeira execução por um processo de lei de um rei europeu, devo dizer algo sobre a história anterior da Inglaterra. Neste livro, estou tentando lhe dar apenas os eventos do passado que podem lançar luz sobre as condições do mundo atual. Se eu não mencionar alguns países, a causa não será encontrada em nenhum desgosto secreto de minha parte. Eu gostaria de poder lhe contar o que aconteceu com a Noruega, Suíça, Sérvia e a China. Mas essas terras não exerceram grande influência sobre o desenvolvimento da Europa nos séculos XVI e XVII. Por isso, passo-os com uma reverência educada e muito respeitosa. Inglaterra, no entanto, está em uma posição diferente. O que as pessoas daquela pequena ilha fizeram nos últimos quinhentos anos moldaram o curso da história em todos os cantos do mundo. Sem um conhecimento adequado do histórico da história inglesa, você não consegue entender o que lê nos jornais. E é, portanto, necessário que você saiba como

a Inglaterra desenvolveu uma forma parlamentar de governo, enquanto o resto do continente europeu ainda era governado por monarcas absolutos.

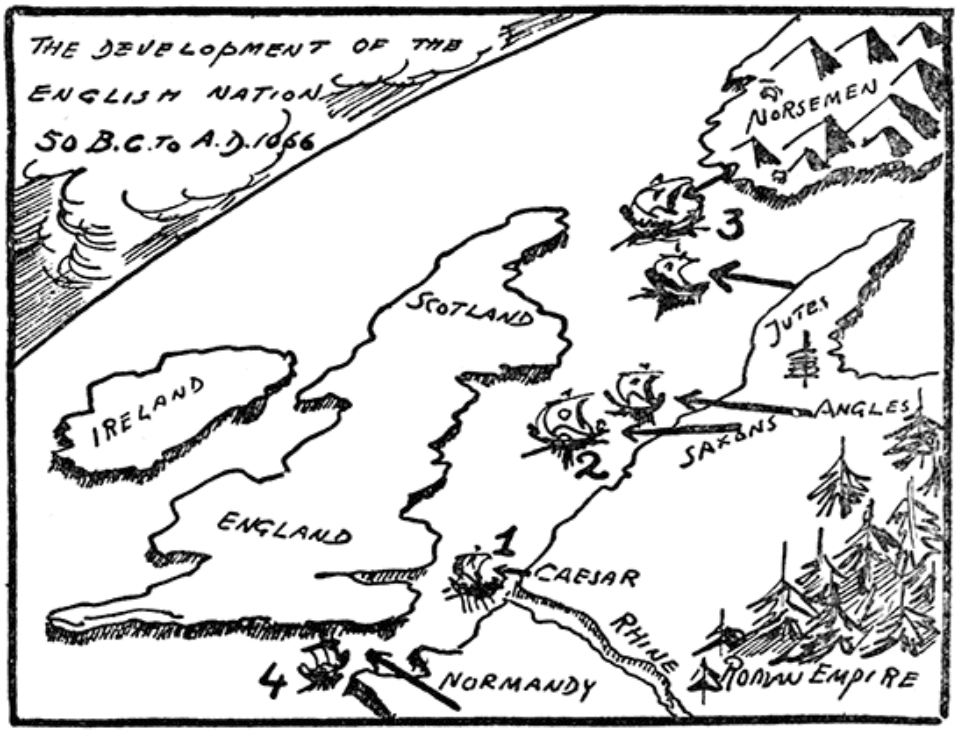
OceanofPDF.com

A REVOLUÇÃO INGLESA

Como a luta entre o "direito divino" dos reis e o menos divino mas mais razoável "direito do parlamento" terminou desastrosamente para o rei Carlos I

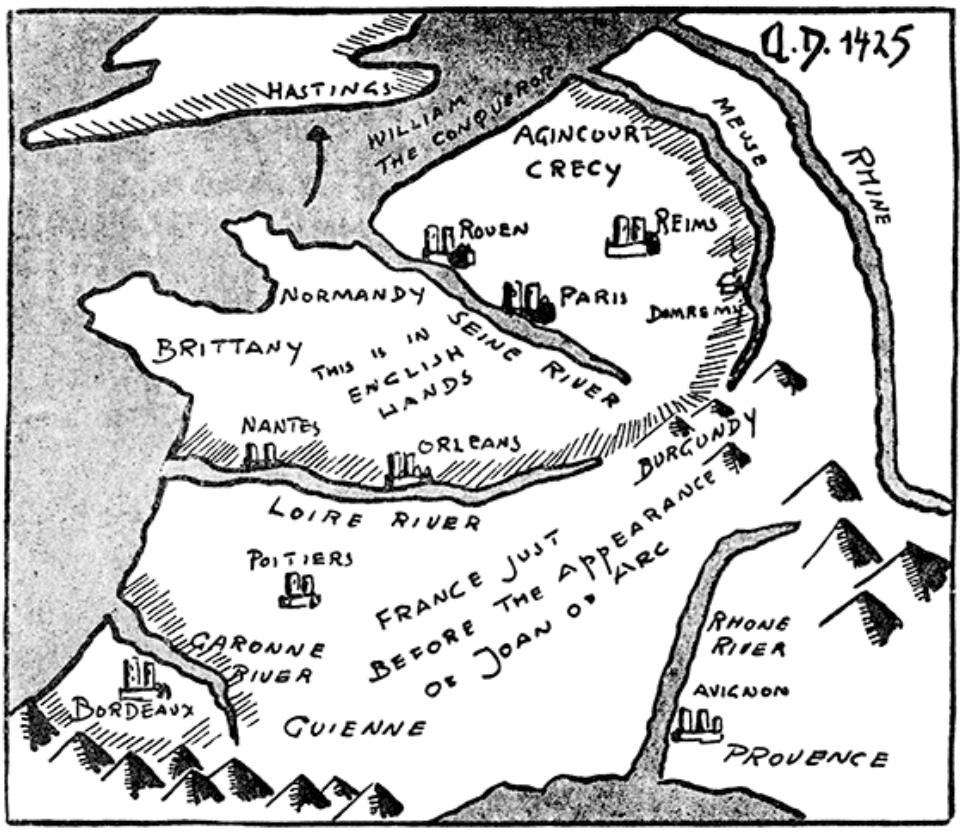
César, o primeiro explorador do noroeste da Europa, atravessou o Canal no ano 55 a.C. e conquistou a Inglaterra. Durante quatro séculos o país permaneceu uma província romana. Mas quando os bárbaros começaram a ameaçar Roma, as guarnições foram chamadas de volta da fronteira para que pudessem defender o país de origem e a Britânia ficou sem um governo e sem proteção.

Assim que isso ficou conhecido entre as famosas tribos saxãs do norte da Alemanha, eles navegaram pelo Mar do Norte e se fizeram sentir em casa na próspera ilha. Eles fundaram vários reinos anglo-saxões independentes (assim chamados pelos invasores originais, os Angles ou os ingleses e os saxões), mas esses pequenos estados brigavam para sempre uns com os outros e nenhum rei era forte o suficiente para se estabelecer como chefe de governo de um país unido. Por mais de quinhentos anos, Mércia, Nortúmbria, Wessex, Sussex, Kent e Ânglia Oriental, ou quaisquer que fossem seus nomes, foram expostos a ataques de vários piratas escandinavos. Finalmente, no século XI, a Inglaterra, juntamente com a Noruega e o norte da Alemanha, tornaram-se parte do grande Império dinamarquês de Canuto, o Grande, e os últimos vestígios de independência desapareceram.



Os dinamarqueses, com o passar do tempo, foram expulsos, mas assim que a Inglaterra foi libertada, foi conquistada pela quarta vez. Os novos inimigos eram descendentes de outra tribo de nórdicos que no início do século X invadiram a França e fundaram o Ducado da Normandia. Guilherme , duque da Normandia, que por um longo tempo olhou através da água com um olhar invejoso, atravessou o Canal em outubro do ano 1066. Na batalha de Hastings, em 17 de outubro daquele ano, ele destruiu as forças fracas de Harold de Wessex, o último dos reis anglo-saxões e estabeleceu-se como rei da Inglaterra. Mas nem Guilherme nem seus sucessores da Casa de Anjou e Plantageneta consideravam a Inglaterra seu verdadeiro lar. Para eles, a ilha era apenas uma parte de sua grande herança no continente — uma espécie de colônia habitada por pessoas bastante atrasadas, a quem forçavam sua própria língua e civilização. Gradualmente, porém, a "colônia" da Inglaterra ganhou sobre a "pátria mãe" da Normandia. Ao mesmo tempo, os reis da França tentavam desesperadamente livrar-se dos poderosos vizinhos normando-ingleses que, na verdade, não eram mais que servos desobedientes da coroa francesa. Após um século de guerras, o povo francês, sob a liderança de uma jovem chamada Joana d'Arc, expulsou os “estrangeiros” de seu solo. A própria Joana, prisioneira da batalha de Compiègne no ano de 1430 e vendida por seus captores borgonheses aos soldados ingleses, foi queimada como bruxa.

Mas os ingleses nunca conseguiram se firmar no continente e seus reis finalmente puderam dedicar todo o seu tempo às posses britânicas. Como a nobreza feudal da ilha estava envolvida em uma daquelas estranhas lutas que eram tão comuns na Idade Média quanto o sarampo e a varíola, e como a maior parte dos antigos proprietários de terras fora morta durante essas chamadas guerras das Rosas, foi muito fácil para os reis aumentarem seu poder real. E no final do século XV, a Inglaterra era um país fortemente centralizado, governado por Henrique VII da Casa de Tudor, cuja famosa Corte de Justiça, a "Câmara da Estrela" de terrível memória, suprimiu todas as tentativas por parte dos nobres sobreviventes para recuperar sua antiga influência sobre o governo do país com a máxima severidade.



No ano de 1509 Henrique VII foi sucedido por seu filho Henrique VIII, e a partir daquele momento a história da Inglaterra ganhou uma nova importância para o país deixar de ser uma ilha medieval e se tornar um Estado moderno.

Henrique não tinha interesse profundo em religião. Ele alegremente usou um desacordo privado com o papa sobre um de seus muitos divórcios para se declarar independente de Roma e fazer da igreja da Inglaterra a primeira

daquelas "igrejas nacionalistas" nas quais o governante mundano também age como o chefe espiritual de seus súditos. Esta reforma pacífica de 1534 não apenas deu à casa de Tudor o apoio do clero inglês, que por muito tempo esteve exposto aos violentos ataques de muitos propagandistas luteranos, mas também aumentou o poder real através do confisco das antigas possessões dos mosteiros. Ao mesmo tempo, tornou Henrique popular entre os mercadores e comerciantes, que, como habitantes orgulhosos e prósperos de uma ilha separada do resto da Europa por um canal amplo e profundo, tinha grande aversão por tudo que era "estrangeiro" e não queria que um bispo italiano governasse suas honestas almas britânicas.

Em 1547, Henrique morreu. Ele deixou o trono para seu filho pequeno, com dez anos. Os guardiões da criança, favorecendo as modernas doutrinas luteranas, fizeram o melhor que podiam para ajudar a causa do protestantismo. Mas o menino morreu antes dos dezesseis anos, e foi sucedido por sua irmã Maria, esposa de Filipe II da Espanha, que queimou os bispos da nova "igreja nacional" e seguiu o exemplo de seu marido real espanhol.

Felizmente, ela morreu no ano de 1558 e foi sucedida por Isabel, a filha de Henrique VIII e Ana Bolena, a segunda de suas seis esposas, que ele havia decapitado quando elas não lhe agradavam mais. Isabel, que passara algum tempo na prisão, e que fora libertada apenas a pedido do Sacro Imperador Romano, era uma inimiga muito cordial de tudo o que era católico e espanhol. Ela compartilhou a indiferença de seu pai em matéria de religião, mas herdou sua habilidade como um juiz de caráter muito perspicaz e passou os quarenta e cinco anos de seu reinado fortalecendo o poder da dinastia e aumentando a receita e as posses de suas muitas ilhas. Nisto ela foi mais habilmente auxiliada por um número de homens que se reuniram em torno de seu trono e fizeram da era elisabetana um período de tamanha importância que você deveria estudá-la em detalhes.

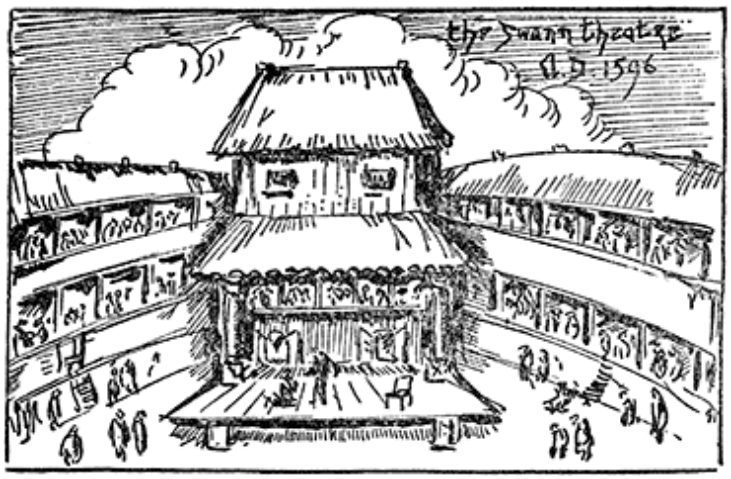
Isabel, no entanto, não se sentia totalmente segura em seu trono. Ela tinha um rival e um muito perigosa. Maria, da casa de Stuart, filha de uma duquesa francesa e de um pai escocês, viúva do rei Francisco II da França e nora de Catarina de Médici (que organizara os assassinatos da noite de São Bartolomeu), era a mãe de um garotinho que depois se tornou o primeiro rei Stuart da Inglaterra. Ela era uma católica ardente e uma amiga disposta para

aqueles que eram os inimigos de Isabel. Sua própria falta de habilidade política e os métodos violentos que ela empregou para punir seus súditos calvinistas, causaram uma revolução na Escócia e forçaram Maria a se refugiar em território inglês. Durante dezoito anos, ela permaneceu na Inglaterra, sempre conspirando contra a mulher que lhe abrigara e que finalmente foi obrigada a seguir o conselho de seus conselheiros de confiança "para cortar o a cabeça da rainha escocesa".

A cabeça foi devidamente "cortada" no ano de 1587 e causou uma guerra com a Espanha. Mas as marinhas combinadas da Inglaterra e Holanda derrotaram a Invincible Armada de Filipe, como já vimos, e o golpe que tinha sido destinado a destruir o poder dos dois grandes líderes anticatólicos foi transformado em uma lucrativa aventura de negócios.



Por ora, finalmente, depois de muitos anos de hesitação, tanto os ingleses quanto os holandeses acharam bom o direito de invadir as Índia s e a América e vingar os males que seus irmãos protestantes haviam sofrido nas mãos dos espanhóis. Os ingleses estiveram entre os primeiros sucessores de Colombo. Navios britânicos, comandados pelo piloto veneziano Giovanni Caboto (ou Cabot), foram os primeiros a descobrir e explorar o continente norte-americano em 1496. Labrador e Newfoundland eram de pouca importância como uma possível colônia. Mas os bancos da Terra Nova ofereciam uma recompensa rica à frota pesqueira inglesa. Um ano depois, em 1497, o mesmo Cabot havia explorado a costa da Flórida.



Então vieram os ocupados anos de Henrique VII e Henrique VIII, quando não havia dinheiro para explorações estrangeiras. Mas sob Isabel, com o país em paz e Maria Stuart na prisão, os marinheiros podiam deixar o porto sem medo do destino daqueles que deixaram para trás. Enquanto Isabel ainda era uma criança, Willoughby aventurou-se a passar pelo Cabo Norte e um de seus capitães, Richard Chancellor, avançando mais a leste em busca de uma possível estrada para as Índia s, alcançou Arcanjo, Rússia, onde estabelecera relações diplomáticas e relações comerciais com os misteriosos governantes deste distante Império Moscovita. Durante os primeiros anos do governo de Isabel, essa viagem foi seguida por muitos outros. Os aventureiros mercantes, trabalhando em benefício de uma "sociedade anônima", lançaram as fundações das empresas de comércio, que nos séculos posteriores se tornariam colônias. Meio pirata, meio diplomata, disposto a arriscar tudo em uma única viagem de sorte, contrabandistas de tudo o que pudesse ser carregado no porão de um navio, traficantes de homens e mercadorias com igual indiferença a tudo, exceto ao lucro, os marinheiros de Isabel haviam transportado a bandeira inglesa e a fama de sua Rainha Virgem aos quatro cantos dos Sete Mares. Enquanto isso, William Shakespeare mantinha sua Majestade divertida em casa, os melhores cérebros e a melhor inteligência da Inglaterra cooperavam com a rainha em sua tentativa de transformar a herança feudal de Henrique VIII em um estado nacional moderno.

No ano de 1603 a velha senhora morreu aos setenta anos. Seu primo, bisneto de seu próprio avô, Henrique VII e filho de Maria Stuart, sua rival e inimiga, a sucedeu como Jaime I. Pela graça de Deus, ele se achou o governante de um país que havia escapado do destino de seus rivais

continentais. Enquanto os protestantes europeus e os católicos estavam se matando em uma tentativa desesperada de quebrar o poder de seus adversários e estabelecer o domínio exclusivo de seu próprio credo, a Inglaterra estava em paz e "reformada" sem se extrapolar para os extremos de Lutero. ou Loyola. Isso deu ao reino da ilha uma enorme vantagem na luta vindoura pelas posses coloniais. Assegurou a Inglaterra uma liderança em assuntos internacionais que aquele país manteve até os dias atuais. Nem mesmo a desastrosa aventura com os Stuarts foi capaz de impedir esse desenvolvimento normal.

Os Stuarts, que sucederam os Tudors, eram "estrangeiros" na Inglaterra. Eles não parecem ter apreciado ou entendido esse fato. A casa nativa de Tudor podia roubar um cavalo, mas os Stuarts "estrangeiros" não podiam olhar para o freio sem causar grande desaprovação popular. A velha rainha Isabel I de Inglaterra governara seus domínios como bem entendesse. Em geral, no entanto, ela sempre seguiu uma política que significava dinheiro no bolso dos honestos (e de outra forma) mercadores britânicos. Por isso, a rainha sempre tivera certeza do apoio sincero de seu povo agradecido. E as pequenas liberdades tomadas com alguns dos direitos e prerrogativas do Parlamento foram negligenciadas pelos benefícios ulteriores que derivaram de sua Majestade.

Exteriormente, o rei James continuou a mesma política. Mas ele não tinha aquele entusiasmo pessoal que havia sido tão típico de sua grande predecessora. O comércio exterior continuou a ser incentivado. Os católicos não receberam liberdades. Mas quando a Espanha sorria agradavelmente para a Inglaterra em um esforço para estabelecer relações pacíficas, James foi visto sorrindo de volta. A maioria dos ingleses não gostava disso, mas James era o rei deles e eles ficavam quietos.

Logo havia outras causas de atrito. O rei Jaime e seu filho, Carlos I, que o sucederam no ano de 1625, acreditavam firmemente no princípio de seu "direito divino" de administrar seu reino como julgassem melhor sem consultar os desejos de seus súditos. A ideia não era nova. Os Papas, que em mais de um sentido foram os sucessores dos imperadores romanos (ou melhor, do ideal imperial romano de um estado único e indiviso cobrindo todo o mundo conhecido), sempre se consideraram e foram publicamente reconhecidos como “Vice-Regentes de Cristo sobre a Terra.” Ninguém questionou o direito de Deus de governar o mundo como ele achou por

bem. Como resultado natural, poucos se aventuraram a duvidar do direito do "vice-regente" divino de fazer o mesmo e exigir a obediência das massas, porque ele era o representante direto do Regente Absoluto do Universo e responsável a prestar contas a ele.

Quando a Reforma Luterana provou ser bem sucedida, aqueles direitos que antes haviam sido investidos no papado foram tomados pelos muitos soberanos europeus que se tornaram protestantes. Como chefe de suas próprias igrejas nacionais ou dinásticas, eles insistiram em ser "vice-regentes de Cristo" dentro do limite de seu próprio território. O povo não questionou o direito de seus governantes de dar esse passo. Eles aceitaram isso, assim como nós, em nossos dias, aceitamos a idéia de um sistema representativo que para nós parece ser a única forma razoável e justa de governo. É injusto, portanto, afirmar que tanto o luteranismo quanto o calvinismo causaram o sentimento particular de irritação que saudou o pensamento do rei James e a repetida afirmação de seu "direito divino".

A primeira negação positiva do "Direito Divino" dos soberanos tinha sido ouvida na Holanda quando os Estados Gerais renegaram seu legítimo rei Filipe II da Espanha, no ano de 1581. "O Rei", diziam eles, "quebrou sua contrato e o rei, portanto, é demitido como qualquer outro servo infiel.” Desde então, essa idéia particular das responsabilidades de um rei para com seus súditos se espalhou entre muitas das nações que habitavam as margens do Mar do Norte. Eles estavam em uma posição muito favorável. Eles eram ricos. As pessoas pobres no coração da Europa central, à mercê do guarda-costas de seu Governante, não podiam se permitir discutir um problema que as levaria imediatamente ao mais profundo calabouço do castelo mais próximo. Mas os mercadores da Holanda e da Inglaterra, que possuíam o capital necessário para a manutenção de grandes exércitos e marinhas, que sabiam como lidar com a arma todo-poderosa chamada "crédito", não tinham esse medo. Eles estavam dispostos a colocar o "Direito Divino" do seu próprio dinheiro bom contra o "Direito Divino" de qualquer Habsburgo, Bourbon ou Stuart. Eles sabiam que seus florins e xelins poderiam derrotar os desajeitados exércitos feudais, que eram as únicas armas do rei. Eles ousaram agir, onde outros foram condenados a sofrer em silêncio ou correr o risco do cadafalso.

Quando os Stuarts começaram a incomodar o povo da Inglaterra com a alegação de que tinham o direito de fazer o que queriam e não importavam

a responsabilidade, as classes médias inglesas usaram a Câmara dos Comuns como sua primeira linha de defesa contra esse abuso do poder real. A Coroa recusou-se a ceder e o rei enviou o Parlamento para cuidar do seu próprio negócio. Onze longos anos, Carlos I governou sozinho. Ele cobrava impostos que a maioria das pessoas considerava ilegais e ele administrava seu reino britânico como se fosse sua propriedade rural. Ele tinha assistentes capazes e devemos dizer que ele tinha a coragem de suas convicções.

Infelizmente, em vez de se assegurar do apoio de seus fiéis súditos escoceses, Carlos se envolveu em uma briga com os presbiterianos escoceses. Muito contra sua vontade, mas forçado por sua necessidade de dinheiro pronto, Carlos foi finalmente obrigado a convocar o Parlamento mais uma vez. Encontrou-se em abril de 1640 e mostrou um temperamento feio. Foi dissolvido algumas semanas depois. Um novo Parlamento reuniu-se em novembro. Este era ainda menos maleável que o primeiro. Os membros entenderam que a questão do "Governo por Direito Divino" ou "Governo pelo Parlamento" deve ser disputada para o bem e para todos. Eles atacaram o rei em seus principais conselheiros e executaram meia dúzia deles. Eles anunciaram que não se permitiriam ser dissolvidos sem sua própria aprovação. Finalmente, em 1º de dezembro de 1641, apresentaram ao rei uma "grande remonstração", que dava conta detalhada das muitas queixas do povo contra seu governante.

Carlos, esperando obter algum apoio para sua própria política nos distritos do país, partiu de Londres em janeiro de 1642. Cada lado organizou um exército e preparou-se para uma guerra aberta entre o poder absoluto da coroa e o poder absoluto do Parlamento. Durante essa luta, o elemento religioso mais poderoso da Inglaterra, chamado de puritanos, (eles eram anglicanos que haviam tentado purificar suas doutrinas até os limites mais absolutos), veio rapidamente para a frente. Os regimentos de "homens piedosos", comandados por Oliver Cromwell, com sua disciplina de ferro e sua profunda confiança na santidade de seus objetivos, logo se tornaram o modelo para todo o exército da oposição. Duas vezes Carlos foi derrotado. Após a batalha de Naseby, em 1645, ele fugiu para a Escócia. Os escocêses o venderam aos ingleses.

Seguiu-se um período de intrigas e uma revolta dos Presbiterianos Escoceses contra os Puritanos ingleses. Em agosto do ano de 1648, após a

batalha de três dias de Preston Pans, Cromwell acabou com essa segunda guerra civil e tomou Edimburgo. Enquanto isso, seus soldados, cansados de mais conversas e horas perdidas de debate religioso, decidiram agir por iniciativa própria. Eles retiraram do Parlamento todos aqueles que não concordaram com seus próprios pontos de vista puritanos. Então o "Garupa", que era o que sobrou do antigo Parlamento, acusou o rei de alta traição. A Câmara dos Lordes se recusou a se sentar como um tribunal. Um tribunal especial foi designado e condenou o rei à morte. Em 30 de janeiro do ano de 1649, O rei Carlos saiu silenciosamente de uma janela do White Hall para o andaime. Naquele dia, o Povo Soberano, agindo através de seus representantes escolhidos, pela primeira vez executou um governante que não conseguiu entender sua própria posição no estado moderno.

O período que se seguiu à morte de Carlos é tido depois de Oliver Cromwell. No início, o ditador não oficial da Inglaterra, ele foi oficialmente feito Lorde Protetor no ano de 1653. Ele governou cinco anos. Ele usou esse período para continuar as políticas de Isabel. A Espanha tornou-se mais uma vez o arqui-inimigo da Inglaterra e a guerra contra o espanhol tornou-se uma questão nacional e sagrada.

O comércio da Inglaterra e os interesses dos comerciantes foram colocados antes de tudo, e o credo protestante da mais estrita natureza foi rigidamente mantido. Ao manter a posição da Inglaterra no exterior, Cromwell teve sucesso. Como reformador social, no entanto, ele falhou muito mal. O mundo é composto de várias pessoas e elas raramente pensam da mesma forma. A longo prazo, isso parece uma disposição muito sábia. Um governo de e para uma única parte de toda a comunidade não pode sobreviver. Os puritanos tinham sido uma grande força para o bem quando tentaram corrigir o abuso do poder real. Como os governantes absolutos da Inglaterra, eles se tornaram intoleráveis.

Quando Cromwell morreu em 1658, era fácil para os Stuarts retornarem ao seu antigo reino. De fato, eles foram recebidos como "libertadores" pelas pessoas que tinham achado o jugo dos mansos puritanos tão difícil de suportar quanto o do autocrata rei Carlos. Contanto que os Stuarts estivessem dispostos a esquecer o Direito Divino de seu falecido e lamentado pai e estivessem dispostos a reconhecer a superioridade do Parlamento, o povo prometeu que seriam súditos leais e fiéis.

Duas gerações tentaram fazer um sucesso desse novo arranjo. Mas os Stuarts aparentemente não aprenderam a lição e foram incapazes de abandonar seus maus hábitos. Carlos II, que voltou no ano de 1660, era uma pessoa amável mas sem valor. Sua indolência e sua insistência constitucional em seguir o curso mais fácil, junto com seu sucesso conspícuo como mentiroso, impediram um surto aberto entre ele e seu povo. Pelo ato da Uniformidade, em 1662, ele quebrou o poder do clero puritano, banindo todos os clérigos dissidentes de suas paróquias. Pelo chamado Conventicle Act de 1664, ele tentou impedir que os Dissidentes participassem de reuniões religiosas por uma ameaça de deportação para as Índia s Ocidentais. Isso parecia muito com os bons velhos tempos do Direito Divino. As pessoas começaram a mostrar os antigos e bem conhecidos sinais de impaciência, e o Parlamento subitamente teve dificuldade em fornecer fundos ao rei.

Como não conseguia dinheiro de um parlamento sem vontade, Carlos pegou emprestado secretamente de seu vizinho e primo rei Luís da França. Ele traiu seus aliados protestantes em troca de 200.000 libras por ano e riu dos pobres simplórios do Parlamento.

A independência econômica de repente deu ao rei grande fé em sua própria força. Ele passou muitos anos de exílio entre suas relações católicas e ele tinha um gosto secreto por sua religião. Talvez ele pudesse trazer a Inglaterra de volta a Roma! Ele aprovou uma Declaração de Indulgência que suspendeu as antigas leis contra os católicos e dissidentes. Isso aconteceu justamente quando se dizia que o irmão mais novo de Carlos, James, havia se tornado católico. Tudo isso parecia suspeito para o homem da rua. As pessoas começaram a temer uma conspiração papista terrível. Um novo espírito de inquietação entrou na terra. A maioria das pessoas queria evitar outro surto de guerra civil. Para eles, a opressão real e um rei católico — sim, mesmo direito divino — eram preferíveis a uma nova luta entre membros da mesma raça. Outros, no entanto, foram menos tolerantes. Eles eram os muito temidos dissidentes, que invariavelmente tinham a coragem de suas convicções. Eles foram liderados por vários grandes nobres que não queriam ver um retorno dos velhos tempos do poder real absoluto.

Por quase dez anos, esses dois grandes partidos, os Whigs (o elemento de classe média, chamado por este nome zombeteiro porque no ano 1640

um monte de whiggamores escoceses ou tropeiros de cavalos liderados pelo clero presbiteriano, marcharam para Edimburgo para se opor ao rei) e os Tories (um epíteto originalmente usado contra os partidários irlandeses realistas, mas agora aplicados aos partidários do rei) opunham-se uns aos outros, mas nenhum deles queria causar uma crise. Eles permitiram que Carlos morresse em paz em sua cama e permitiu que o católico James II sucedesse seu irmão em 1685. Mas quando James, depois de ameaçar o país com a terrível invenção estrangeira de um "exército permanente" (que seria comandado por franceses católicos), emitiu uma segunda Declaração de Indulgência em 1688, e ordenou que ela fosse lida em todas as igrejas anglicanas, ele foi apenas um pouco além daquela linha de demarcação sensata que só pode ser transgredida pelo mais popular dos governantes sob circunstâncias muito excepcionais. Sete bispos recusaram-se a cumprir o Comando Real. Eles foram acusados de "difamação sediciosa". Eles foram levados perante um tribunal. O júri que pronunciou o veredicto de "não culpado" colheu uma rica colheita de aprovação popular.

Neste momento infeliz, James (que em um segundo casamento havia tomado a esposa Maria da casa católica de Modena-Este) tornou-se o pai de um filho. Isso significava que o trono era para ir a um menino católico e não a suas irmãs mais velhas, Maria e Anne, que eram protestantes. O homem da rua voltou a suspeitar. Maria de Modena era velha demais para ter filhos! Foi tudo parte de um enredo! Um estranho bebê fora levado ao palácio por algum padre jesuíta para que a Inglaterra pudesse ter um monarca católico. E assim por diante parecia que outra guerra civil iria eclodir. Então sete homens bem conhecidos, Whigs e Tories, escreveram uma carta pedindo ao marido da filha mais velha de James, Maria II, Guilherme III, o Stadtholder ou chefe da República Holandesa, para vir para a Inglaterra e libertar o país de seu soberano legal mas totalmente indesejável.

No dia 5 de novembro do ano de 1688, Guilherme desembarcou em Torbay. Como ele não queria fazer um mártir de seu sogro, ele o ajudou a escapar em segurança para a França. Em 22 de janeiro de 1689, ele convocou o Parlamento. No dia 13 de fevereiro do mesmo ano ele e sua esposa Maria foram proclamados soberanos conjuntos da Inglaterra e o país foi salvo pela causa protestante.

O Parlamento, tendo se comprometido a ser algo mais do que um mero órgão consultivo do Rei, aproveitou as oportunidades. A velha Petição de Direitos do ano de 1628 foi retirada de um recanto esquecido dos arquivos. Uma segunda e mais drástica Declaração de Direitos exigia que o soberano da Inglaterra pertencesse à igreja anglicana. Além disso, afirmou que o rei não tinha o direito de suspender as leis ou permitir que certos cidadãos privilegiados desobedecessem a certas leis. Estipulou que "sem o consentimento do Parlamento nenhum imposto poderia ser cobrado e nenhum exército poderia ser mantido". Assim, no ano de 1689, a Inglaterra adquiriu uma quantidade de liberdade desconhecida em qualquer outro país da Europa.

Mas não é apenas por conta dessa grande medida liberal que o governo de Guilherme na Inglaterra ainda é lembrado. Durante sua vida, o governo por um ministério "responsável" se desenvolveu primeiro. Nenhum rei, claro, pode governar sozinho. Ele precisa de alguns conselheiros confiáveis. Os Tudors tinham seu Grande Conselho, composto de nobres e clérigos. Este corpo ficou muito grande. Estava restrito ao pequeno "Conselho Privado". Com o passar do tempo, tornou-se costume desses conselheiros encontrar o rei em um gabinete do palácio. Daí eles foram chamados de "Conselho de Gabinete". Depois de um curto período, eles eram conhecidos como "Gabinete".

Guilherme, como a maioria dos soberanos ingleses antes dele, escolhera seus conselheiros entre todos os partidos. Mas com o aumento da força do Parlamento, ele achara impossível dirigir a política do país com a ajuda dos conservadores, enquanto os whigs tinham maioria na Câmara dos Comuns. Portanto, os Tories foram demitidos e o Conselho de Ministros foi composto inteiramente de Whigs. Poucos anos depois, quando os whigs perderam seu poder na Câmara dos Comuns, o rei, por conveniência, foi obrigado a procurar seu apoio entre os principais tories. Até sua morte em 1702, Guilherme estava ocupado demais lutando contra Luís da França para se preocupar muito com o governo da Inglaterra. Praticamente todos os assuntos importantes foram deixados para seu Conselho de Ministros. Quando a cunhada de Guilherme, Ana I, sucedeu-lhe em 1702 esta condição de coisas continuou. Quando ela morreu em 1714 (e infelizmente nem um dos seus dezessete filhos sobreviveram a ela) o trono foi para Jorge I da Casa de Hanover, o filho de Sofia, neta de James I.

Esse monarca um tanto rústico, que nunca aprendeu uma palavra de inglês, ficou completamente perdido nos complicados labirintos dos arranjos políticos da Inglaterra. Deixou tudo para seu Conselho de Ministros e se manteve longe de suas reuniões, o que o entediava, pois não entendia uma única sentença. Desta forma, o Gabinete adquiriu o hábito de governar a Inglaterra e a Escócia (cujo Parlamento havia se juntado ao da Inglaterra em 1707) sem incomodar o rei, que estava apto a gastar uma grande parte de seu tempo no continente.

Durante o reinado de Jorge I e Jorge II, uma sucessão de grandes whigs (dos quais um, Sir Robert Walpole, ocupou o cargo por vinte e um anos) formou o Conselho de Ministros do Rei. Seu líder foi finalmente reconhecido como o líder oficial não apenas do atual Gabinete, mas também do partido da maioria no poder no Parlamento. As tentativas de Jorge III de tomar as coisas em suas próprias mãos e não deixar o negócio real do governo para seu gabinete eram tão desastrosas que nunca foram repetidas. E desde os primeiros anos do século XVIII, a Inglaterra desfrutou de um governo representativo, com um ministério responsável que conduzia os negócios da terra.

Para ser verdade, este governo não representava todas as classes da sociedade. Menos de um homem a cada doze tinha o direito de votar. Mas foi a base da moderna forma representativa de governo. De uma forma tranquila e ordeira, tirou o poder do rei e colocou-o nas mãos de um número cada vez maior de representantes populares. Não trouxe o milênio para a Inglaterra, mas salvou o país da maioria dos surtos revolucionários que se revelaram tão desastrosos para o continente europeu nos séculos XVIII e XIX.

OceanofPDF.com

EQUILÍBRIO DO PODER

Na França, por outro lado, o "direito divino dos reis" continuou com maior pompa e esplendor e a ambição do regente só era temperada pela nova lei do "equilíbrio de poder"

Em contraste com o capítulo anterior, deixe-me contar o que aconteceu na França durante os anos em que o povo inglês lutava por sua liberdade. A feliz combinação do homem certo no país certo, no momento certo, é muito rara na História. Luís XIV era uma realização deste ideal, no que dizia respeito à França, mas o resto da Europa teria ficado mais feliz sem ele.

O país sobre o qual o jovem rei foi chamado a governar era a nação mais populosa e brilhante naquele dia. Luís subiu ao trono quando Mazarin e Richelieu, os dois grandes cardeais, acabaram de martelar o antigo reino francês para o estado mais fortemente centralizado do século XVII. Ele era um homem de extraordinária habilidade. Nós, as pessoas do século XX, ainda estamos cercados pelas lembranças da gloriosa era do Rei Sol. Nossa vida social é baseada na perfeição das maneiras e na elegância de expressão alcançada na corte de Luís. Nas relações internacionais e diplomáticas, o francês ainda é a língua oficial da diplomacia (No século XXI o Inglês se firmou como a lingua da diplomacia) e das reuniões internacionais porque, há dois séculos, alcançou uma elegância polida e uma pureza de expressão que nenhuma outra língua ainda era capaz de igualar. O teatro do rei Luís ainda nos ensina lições que aprendemos muito devagar. Durante seu reinado, a Academia Francesa (uma invenção de Richelieu) passou a ocupar uma posição no mundo das letras que outros países lisonjearam por sua imitação. Podemos continuar esta lista para muitas páginas. Não é por acaso que nosso moderno cardápio é impresso em francês (Menu). A arte muito difícil de cozinhar decente, uma das mais altas expressões da civilização, foi praticada pela primeira vez em benefício do grande monarca. A era de Luís XIV foi uma época de esplendor e graça que ainda pode nos ensinar muito.

Infelizmente esta imagem brilhante tem outro lado que foi muito menos encorajador. Glória no exterior muitas vezes significa miséria em casa, e a França não foi exceção a essa regra que Luís XIV sucedeu a seu pai no ano de 1643. Ele morreu no ano de 1715. Isso significa que o governo da França estava nas mãos de um único homem por setenta e dois anos, quase duas gerações inteiras.

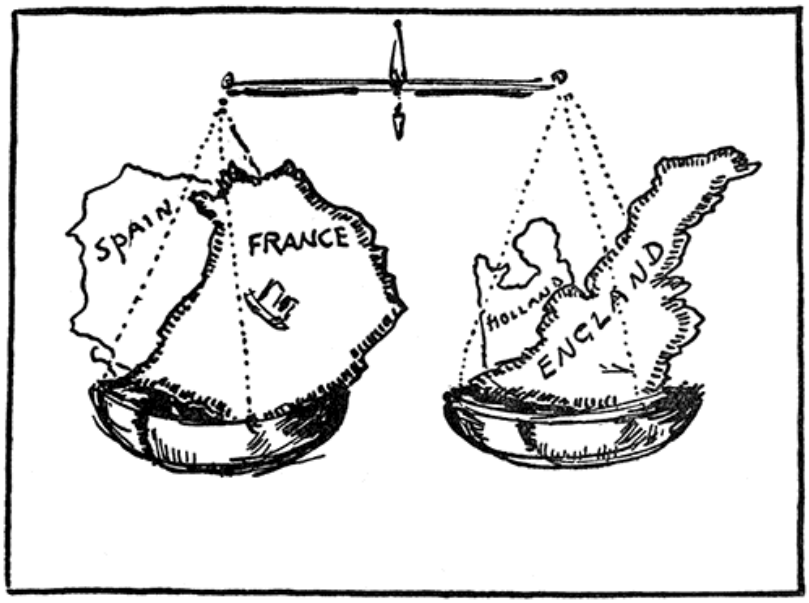
Será bom ter um pensamento firme dessa ideia de: "um único homem". Luís foi o primeiro de uma longa lista de monarcas que em muitos países estabeleceram aquela forma particular de autocracia altamente eficiente que chamamos de "despotismo esclarecido". Ele não gostava de reis que apenas brincavam de ser governantes e transformavam os assuntos oficiais em um agradável piquenique. Os reis daquela época iluminada trabalhavam mais do que qualquer um de seus súditos. Levantavam-se mais cedo e iam para a cama mais tarde do que qualquer outra pessoa, e sentiram sua "divina responsabilidade" tão fortemente quanto seu "direito divino", que lhes permitia governar sem consultar seus súditos.

É claro que o rei não poderia atender tudo pessoalmente. Ele foi obrigado a cercar-se de alguns ajudantes e conselheiros. Um ou dois generais, alguns especialistas em política externa, alguns financistas espertos e economistas fariam para esse fim. Mas esses dignitários só poderiam agir através de seu soberano. Eles não tinham existência individual. Para a massa do povo, o soberano realmente representava em sua própria pessoa sagrada o governo de seu país. A glória da pátria comum tornou-se a glória de uma única dinastia. Significava exatamente o oposto do nosso ideal americano. A França foi governada por e para a Casa de Bourbon.

As desvantagens de tal sistema são claras. O rei cresceu para ser tudo. Todo mundo cresceu para ser nada. A velha e útil nobreza foi gradualmente forçada a desistir de suas antigas ações no governo das províncias. Um pequeno burocrata real, com os dedos salpicados de tinta, sentado atrás das janelas esverdeadas de um edifício governamental na longínqua Paris, realizava agora a tarefa que cem anos antes fora o dever do senhor feudal. O senhor feudal, privado de todo o trabalho, mudou-se para Paris para se divertir da melhor maneira possível na corte. Logo suas propriedades começaram a sofrer com aquela doença econômica muito perigosa, conhecida como "senhorio ausente". Em uma única geração, os

administradores feudais, industriosos e úteis, haviam se tornado mocassins bem-educados, mas inúteis, da corte de Versalhes.

Luís tinha dez anos quando a paz de Vestfália foi concluída e a Casa de Habsburgo, como resultado da Guerra dos Trinta Anos, perdeu sua posição predominante na Europa. Era inevitável que um homem com sua ambição usasse um momento tão favorável para ganhar para sua própria dinastia as honrarias anteriormente exercidas pelos Habsburgos. No ano de 1660, Luís se casara com Maria Teresa, filha do rei da Espanha. Logo depois, seu sogro, Filipe IV, um dos idiotas espanhóis Habsburgos, morreu. Imediatamente Luís reivindicou a Holanda espanhola (Bélgica) como parte do dote de sua esposa. Tal aquisição teria sido desastrosa para a paz da Europa e teria ameaçado a segurança dos estados protestantes. Sob a liderança de Jan de Witt, Raadpensionaris ou Ministro dos Negócios Estrangeiros da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, a primeira grande aliança internacional, a Tripla Aliança da Suécia, Inglaterra e Holanda, do ano 1664, foi concluída. Não durou muito tempo. Com dinheiro e promessas justas, Luís comprou o rei Carlos e as propriedades suecas. Holanda foi traída por seus aliados e foi deixada para seu próprio destino. No ano de 1672, os franceses invadiram os países baixos. Eles marcharam para o coração do país. Pela segunda vez os diques foram abertos e o Sol Real da França foi colocado no meio da lama dos pântanos holandeses. A paz de Nimwegen, concluída em 1678, não se limitou a antecipar outra guerra.



Uma segunda guerra de agressão de 1689 a 1697, terminando com a Paz de Ryswick, também não deu a Luís essa posição nos assuntos da Europa a que ele aspirava. Seu velho inimigo, Jan de Witt, havia sido assassinado pela ralé holandesa, mas seu sucessor, Guilherme III (que você conheceu no último capítulo), controlara todos os esforços de Luís para fazer da França a governante da Europa.

A grande guerra pela sucessão espanhola, iniciada no ano de 1701, imediatamente após a morte de Carlos II, o último dos Habsburgos espanhóis, e terminada em 1713 pela Paz de Utrecht, permaneceu igualmente indecisa, mas arruinou o tesouro de Luís. Em terra, o rei francês tinha sido vitorioso, mas as marinhas da Inglaterra e da Holanda haviam estragado toda a esperança de uma vitória final francesa; Além disso, a longa luta dera origem a um novo e fundamental princípio da política internacional, que, a partir de então, tornava impossível para uma única nação governar toda a Europa ou todo o mundo por qualquer período de tempo.

Esse foi o chamado "equilíbrio de poder". Não foi uma lei escrita, mas por três séculos foi obedecida tão fielmente quanto as leis da natureza. As pessoas que originaram a idéia sustentavam que a Europa, em seu estágio nacionalista de desenvolvimento, só poderia sobreviver quando houvesse um equilíbrio absoluto entre os muitos interesses conflitantes de todo o continente. Nenhum poder único ou dinastia única deve ser permitido dominar os outros. Durante a Guerra dos Trinta Anos, os Habsburgos foram vítimas da aplicação desta lei. Eles, no entanto, foram vítimas inconscientes. As questões durante essa luta foram tão nubladas em uma névoa de conflitos religiosos que não temos uma visão muito clara das principais tendências desse grande conflito. Mas, a partir de então, começamos a ver como as considerações e os cálculos econômicos frios prevalecem em todos os assuntos de importância internacional. Descobrimos o desenvolvimento de um novo tipo de estadista, o estadista com os sentimentos pessoais da régua de cálculo e da caixa registradora. Jan de Witt foi o primeiro expoente de sucesso desta nova escola de política. Guilherme III foi o primeiro grande aluno. E Luís XIV, com toda a sua fama e glória, foi a primeira vítima consciente. Houve muitos outros desde então.

OceanofPDF.com

A ASCENSÃO DA RÚSSIA

A história do misterioso império Moscovito que, repentinamente, rompe o grande estágio político da Europa

No ano de 1492, como você sabe, Colombo descobriu a América. No início do ano, um tirolês com o nome de Schnups, viajando como chefe de uma expedição científica para o arcebispo do Tirol, e munido das melhores cartas de apresentação e excelente crédito, tentou chegar à mítica cidade de Moscou. Ele não teve sucesso. Quando chegou às fronteiras desse vasto estado moscovita que supostamente existia no extremo leste da Europa, ele teve que retornar. Nenhum estrangeiro era bem-vindo. E Schnups foi visitar o turco pagão em Constantinopla, a fim de que ele pudesse ter algo a relatar a seu mestre clerical quando voltasse de suas explorações.

Sessenta e um anos depois, Richard Chancellor, tentando descobrir a passagem nordeste para as Índia s, e soprado por um vento mal no Mar Branco, chegou à foz do Dwina e encontrou a aldeia moscovita de Kholmogory, a poucas horas do local onde em 1584 a cidade de Arcanjo foi fundada. Desta vez, os visitantes estrangeiros foram convidados a ir a Moscou e mostrar-se ao grão-duque. Eles foram e voltaram para a Inglaterra com o primeiro tratado comercial já concluído entre a Rússia e o mundo ocidental. Outras nações logo seguiram e algo se tornou conhecido desta terra misteriosa.

Geograficamente, a Rússia é uma vasta planície. Os montes Urais são baixos e não formam barreira contra os invasores. Os rios são largos, mas geralmente rasos. Era um território ideal para nômades.

Enquanto o Império Romano foi fundado, cresceu em poder e desapareceu novamente, as tribos eslavas, que há muito haviam deixado suas casas na Ásia Central, perambulavam sem rumo pelas florestas e planícies da região entre os rios Dniester e Dnieper. Os gregos tinham, por vezes, encontrado esses eslavos e alguns viajantes do terceiro e quarto

séculos os mencionaram. Caso contrário, eles eram tão pouco conhecidos quanto os índios de Nevada no ano de 1800.

Infelizmente para a paz desses povos primitivos, uma rota comercial muito conveniente percorreu seu país. Esta era a estrada principal do norte da Europa para Constantinopla. Seguiu a costa do Báltico até que o Neva foi alcançado. Depois atravessou o lago Ladoga e foi para o sul ao longo do rio Volkhov. Depois pelo lago Ilmen e pelo pequeno rio Lovat. Então houvera um breve transporte até Dnieper ser alcançado. Então descemos o Dnieper até o Mar Negro.

Os nórdicos conheceram este caminho muito antes. No século IX, eles começaram a se estabelecer no norte da Rússia, assim como outros nórdicos estavam lançando as bases para estados independentes na Alemanha e na França. Mas no ano de 862, três noruegueses, irmãos, atravessaram o Báltico e fundaram três pequenas dinastias. Dos três irmãos, apenas um, Rurik, viveu por vários anos. Ele tomou posse do território de seus irmãos, e vinte anos após a chegada deste primeiro nórdico, um estado eslavo foi estabelecido com Kiev como sua capital.



De Kiev para o Mar Negro é uma curta distância. Logo a existência de um Estado eslavo organizado tornou-se conhecida em Constantinopla. Isso significou um novo campo para os missionários zelosos da fé cristã. Monges bizantinos seguiram o Dnieper a caminho do norte e logo alcançaram o coração da Rússia. Eles encontraram as pessoas adorando deuses estranhos que deveriam habitar em bosques e rios e em cavernas nas

montanhas. Eles ensinaram a história de Jesus. Não houve competição do lado dos missionários romanos. Esses bons homens estavam ocupados demais educando os pagãos teutônicos para se preocuparem com os eslavos distantes. Daí a Rússia recebeu sua religião e seu alfabeto e suas primeiras idéias de arte e arquitetura dos monges bizantinos e como o império bizantino (uma relíquia do Império Romano Oriental) se tornou muito oriental e perdeu muitos de seus traços europeus, os russos sofreram em consequência.

Politicamente falando, esses novos estados das grandes planícies russas não se saíram bem. Era o hábito dos nórdicos dividir todas as heranças igualmente entre todos os filhos. Tão logo um pequeno estado foi fundado, ele foi dividido entre oito ou nove herdeiros que, por sua vez, deixaram seu território para um número cada vez maior de descendentes. Era inevitável que esses pequenos estados competidores discutissem entre si. Anarquia era a ordem do dia. E quando o brilho vermelho do horizonte oriental dizia ao povo a ameaça de invasão de uma selvagem tribo asiática, os pequenos estados eram fracos demais e divididos demais para prestar qualquer tipo de defesa contra esse terrível inimigo.

Foi no ano 1224 que ocorreu a primeira grande invasão tártara e que as hordas de Gengis Khan, o conquistador da China, Bokhara, Tashkent e Turkestan fizeram sua primeira aparição no oeste. Os exércitos eslavos foram espancados perto do rio Kalka e a Rússia estava à mercê dos mongóis. Assim como de repente eles vieram, eles também desapareceram. Treze anos depois, em 1237, no entanto, eles retornaram. Em menos de cinco anos conquistaram todas as partes das vastas planícies russas. Até o ano de 1380, quando Dmitry Donskoi, grão-duque de Moscou, os espancou nas planícies de Kulikovo, os tártaros eram os senhores do povo russo.

Ao todo, os russos precisaram de dois séculos para se libertarem desse jugo. Para um jugo, este era o mais ofensivo e objetável. Transformou os camponeses eslavos em escravos miseráveis. Nenhum russo podia esperar sobreviver a menos que estivesse disposto a rastejar diante de um homenzinho amarelo e sujo que se sentava em uma tenda em algum lugar no coração das estepes do sul da Rússia e cuspia nele. Privava a massa do povo de todo sentimento de honra e independência. Isso fez com que a fome, a miséria, os maus-tratos e o abuso pessoal fossem o estado normal

da existência humana. Até que, por fim, o russo médio, fosse ele camponês ou nobre, cuidava dos seus negócios como um cão negligenciado que foi espancado tantas vezes que seu espírito foi quebrado e ele não ousara abanar o rabo sem permissão.

Não houve escapatória. Os cavaleiros de Tartar Khan eram rápidos e impiedosos. A infinita pradaria não deu ao homem a chance de cruzar o território seguro de seu vizinho. Ele deve ficar quieto e suportar o que seu mestre amarelo decidiu infligir a ele ou correr o risco de morte. Claro, a Europa poderia ter interferido. Mas a Europa estava empenhada em seus próprios negócios, lutando contra as disputas entre o papa e o imperador ou reprimindo isto ou aquilo ou a outra heresia. E assim a Europa deixou o eslavo ao seu destino e forçou-o a elaborar sua própria salvação.

O último salvador da Rússia foi um dos muitos pequenos estados fundados pelos primeiros governantes nórdicos. Estava situado no coração da planície russa. Sua capital, Moscou, ficava em uma colina íngreme às margens do rio Moskwa. Este principiado, à vontade de agradar o tártaro (quando era necessário agradar), e opondo-se a ele (quando era seguro fazê-lo), em meados do século XIV, tornou-se líder de uma nova vida nacional. Deve ser lembrado que os tártaros eram totalmente deficientes em capacidade política construtiva. Eles só podiam destruir. Seu principal objetivo na conquista de novos territórios era obter receita. Para obter essa receita na forma de impostos, era necessário permitir que certos remanescentes da antiga organização política continuassem. Assim, havia muitas cidades pequenas, sobrevivendo pela graça do Grande Khan, para que pudessem atuar como coletores de impostos e roubar seus vizinhos em benefício do tesouro tártaro.

O estado de Moscou, engordando às custas do território circundante, finalmente se tornou forte o suficiente para arriscar uma rebelião aberta contra seus senhores, os tártaros. Foi bem sucedido e sua fama como líder na causa da independência russa fez de Moscou o centro natural para todos aqueles que ainda acreditavam em um futuro melhor para a raça eslava. No ano de 1453, Constantinopla foi tomada pelos turcos. Dez anos depois, sob o governo de Ivan III, Moscou informou ao mundo ocidental que o Estado eslavo reivindicou a herança espiritual e mundana do Império Bizantino perdido e as tradições do império romano que sobreviveram em Constantinopla. Uma geração depois, sob o comando de Ivan, o Terrível, os

grão-duques de Moscou foram fortes o suficiente para adotar o título de César ou Czar e exigir o reconhecimento das potências ocidentais da Europa.

No ano de 1598, com Teodoro, o Primeiro, a antiga dinastia moscovita, descendentes do original nórdicos Rurik, chegou ao fim. Nos sete anos seguintes, um mestiço tártaro, chamado Boris Godunow, reinou como Czar. Foi durante este período que o futuro destino das grandes massas do povo russo foi decidido. Este Império era rico em terra, mas muito pobre em dinheiro. Não havia comércio e não havia fábricas. Suas poucas cidades eram aldeias sujas. Era composto por um governo central forte e um vasto número de camponeses analfabetos. Este governo, uma mistura de influências eslavas, nórdicas, bizantinas e tártaras, não reconhecia nada além do interesse do estado. Para defender esse estado, precisava de um exército. Para recolher os impostos, que eram necessários para pagar os soldados, precisava de funcionários públicos. Para pagar esses muitos funcionários, precisava de terra. No vasto deserto do leste e do oeste, havia um suprimento suficiente dessa mercadoria. Mas a terra sem alguns trabalhadores para cultivar os campos e cuidar do gado não tem valor. Portanto, os antigos camponeses nômades foram roubados de um privilégio após o outro, até que, finalmente, durante o primeiro ano do século XVII, eles foram formalmente integrados ao solo em que viviam. Os camponeses russos deixaram de ser homens livres. Eles se tornaram servos ou escravos e permaneceram servos até o ano de 1861, quando seu destino se tornou tão terrível que eles estavam começando a morrer.



No século XVII, esse novo estado, com seu crescente território que se espalhava rapidamente pela Sibéria, havia se tornado uma força que o resto da Europa era obrigado a considerar. Em 1618, após a morte de Boris Godunow, os nobres russos elegeram um dos seus próprios para ser Czar. Ele era Michael, filho de Teodoro, da família de Romanow em Moscou, que vivia em uma pequena casa nos arredores do Kremlin.

No ano de 1672, seu bisneto, Pedro, o filho de outro Teodoro, nasceu. Quando a criança tinha dez anos, sua meia-irmã Sophia tomou posse do trono russo. O menino foi autorizado a passar seus dias nos subúrbios da capital nacional, onde os estrangeiros viviam. Cercado por barqueiros escoceses, comerciantes holandeses, boticários suíços, barbeiros italianos, professores de dança franceses e mestres de escola alemães, o jovem príncipe obteve uma primeira, mas extraordinária impressão daquela

distante e misteriosa Europa, onde as coisas eram feitas de maneira diferente.

Quando ele tinha dezessete anos de idade, ele de repente empurrou a irmã Sophia do trono. O próprio Pedro tornou-se o governante da Rússia. Ele não estava contente em ser o Czar de um povo semi-bárbaro e semi-asiático. Ele deve ser o chefe soberano de uma nação civilizada. Mudar a Rússia da noite para o dia de um estado tártaro-bizantino para um império europeu não era uma tarefa pequena. Precisava de mãos fortes e uma cabeça capaz. Pedro possuiu ambos. No ano de 1698, a grande operação de enxertar a Europa Moderna na Rússia Antiga foi realizada. O paciente não morreu. Mas ele nunca superou o choque, como os eventos dos últimos cinco anos demonstraram de forma muito clara.

OceanofPDF.com

RUSSIA vs SUÉCIA

Rússia e Suécia lutaram muitas guerras para decidir quem seria o poder dominante do nordeste da Europa

No ano de 1698, o czar Pedro partiu em sua primeira viagem à Europa ocidental. Ele viajou por Berlim e foi para a Holanda e para a Inglaterra. Quando criança, quase se afogara navegando num barco caseiro no lago dos patos da casa de campo do pai. Essa paixão pela água permaneceu com ele até o fim de sua vida. De um modo prático, mostrou-se no seu desejo de dar aos seus domínios em terreno acesso ao mar aberto.

Enquanto o impopular e duro jovem governante estava fora de casa, os amigos do velho jeito russo em Moscou começaram a trabalhar para desfazer todas as suas reformas. Uma repentina rebelião entre seus guardas de vida, o regimento Streltsi, forçou Pedro a se apressar para retornar a casa. Ele nomeou-se carrasco e os Streltsi foram enforcados, esquartejados e mortos até o último homem. A irmã Sophia, que tinha sido a cabeça da rebelião, estava trancada em um claustro e o governo de Pedro começou a sério. Essa cena se repetiu no ano de 1716, quando Pedro fez sua segunda viagem ao oeste. Naquela época, os reacionários seguiram a liderança do filho de Pedro, Alexis. Novamente o czar retornou com grande pressa. Alexis foi espancado até a morte em sua cela de prisão e os amigos dos antigos modos bizantinos marcharam milhares de milhas tristes para o seu destino final nas minas de chumbo da Sibéria. Depois disso, não houve mais surtos de descontentamento popular. Até o momento de sua morte, Pedro poderia reformar em paz.



Não é fácil fornecer uma lista de suas reformas em ordem cronológica. O czar trabalhava com pressa furiosa. Ele não seguiu nenhum sistema. Ele emitiu seus decretos com tanta rapidez que é difícil contar. Pedro parecia sentir que tudo o que havia acontecido antes estava completamente errado. Toda a Rússia, portanto, devia ser mudada no menor tempo possível. Quando ele morreu, deixou para trás um exército bem treinado de 200.000 homens e uma marinha de cinquenta navios. O antigo sistema de governo havia sido abolido durante a noite. A Duma, ou convenção dos nobres, fora demitida e, em seu lugar, o czar cercara-se de um conselho consultivo de funcionários do Estado, chamado Senado.

A Rússia foi dividida em oito grandes "governos" ou províncias. Estradas e cidades foram construídas. Indústrias foram criadas onde quisesse o Czar, sem qualquer consideração pela presença de matéria-prima. Canais foram escavados e minas foram abertas nas montanhas do leste. Nesta terra de analfabetos, foram fundadas escolas e estabelecimentos de ensino superior, em conjunto com Universidades e hospitais e escolas profissionais. Engenheiros navais holandeses e comerciantes e artesãos de todo o mundo foram encorajados a se mudarem para a Rússia. Lojas de impressão foram estabelecidas, mas todos os livros deviam ser lidos pela primeira vez pelos censores imperiais. Os deveres de cada classe

da sociedade foram cuidadosamente redigidos em uma nova lei e todo o sistema de leis civis e criminais foi reunido em uma série de volumes impressos. Os antigos trajes russos foram abolidos por decreto imperial, e os policiais, armados com uma tesoura, observando todas as estradas do país, transformaram de repente os mou-jiks russos de cabelos compridos em uma agradável imitação do oeste bem barbeado. Europeus.

Em assuntos religiosos, o czar não tolerava divisão de poder. Não deve haver chance de rivalidade entre um imperador e um papa como aconteceu na Europa. No ano de 1721, Pedro se fez chefe da Igreja Russa. O Patriarcado de Moscou foi abolido e o Santo Sínodo fez sua aparição como a mais alta fonte de autoridade em todos os assuntos da Igreja estabelecida.



Como, no entanto, essas muitas reformas não podiam ser bem-sucedidas enquanto os antigos elementos russos tinham um ponto de convergência na cidade de Moscou, Pedro decidiu transferir seu governo para uma nova capital. Em meio aos pântanos do mar Báltico, o czar construiu essa nova cidade. Ele começou a recuperar a terra no ano de 1703. Quarenta mil camponeses trabalharam durante anos para estabelecer as bases para esta cidade imperial. Os suecos atacaram Pedro e tentaram destruir sua cidade, e a doença e a miséria mataram dezenas de milhares de camponeses. Mas o trabalho continuou, inverno e verão, e a cidade pronta logo começou a crescer. No ano de 1712, foi oficialmente declarada a "Residência Imperial". Uma dúzia de anos depois, tinha 75.000 habitantes. Duas vezes por ano toda a cidade foi inundada pelo Neva. Mas a tremenda força de vontade do czar criou diques e canais e as inundações deixaram de causar danos. Quando Pedro morreu em 1725, ele era o dono da maior cidade do norte da Europa.

Naturalmente, esse crescimento súbito de um rival tão perigoso havia sido uma fonte de grande preocupação para todos os vizinhos. Do seu lado, Pedro observara com interesse as muitas aventuras de seu rival báltico, o reino da Suécia. No ano de 1654, Christina, a única filha de Gustavo Adolfo, o herói da Guerra dos Trinta Anos, renunciou ao trono e foi para Roma para terminar seus dias como uma católica devota. Um sobrinho protestante de Gustavo Adolfo sucedera a última rainha da casa de

Vasa. Sob Carlos X e Carlos XI, a nova dinastia levou a Suécia ao seu ponto mais alto de desenvolvimento. Mas em 1697, Carlos XI morreu repentinamente e foi sucedido por um garoto de quinze anos, Carlos XII.

Este foi o momento pelo qual muitos dos estados do norte esperaram. Durante as grandes guerras religiosas do século XVII, a Suécia cresceu à custa dos vizinhos. A hora chegara, então os donos pensaram em equilibrar a conta. Imediatamente eclodiu uma guerra entre a Rússia, a Polônia, a Dinamarca e a Saxônia, de um lado, e a Suécia, do outro. Os exércitos crus e destreinados de Pedro foram derrotados por Carlos na famosa batalha de Narva em novembro de 1700. Então Carlos, um dos mais interessantes gênios militares daquele século, se voltou contra seus outros inimigos e durante nove anos ele atacou e abriu caminho pelas aldeias e cidades da Polônia, Saxônia, Dinamarca e das províncias bálticas, enquanto Pedrotreinava seus soldados na distante Rússia.

Como resultado, no ano de 1709, na batalha de Poltawa, os moscovitas destruíram os exércitos exaustos da Suécia. Carlos continuou a ser uma figura altamente pitoresca, um herói maravilhoso do romance, mas em sua tentativa vã de se vingar, ele arruinou seu próprio país. No ano de 1718, ele foi acidentalmente morto ou assassinado (não sabemos qual) e quando a paz foi feita em 1721, na cidade de Nystadt, a Suécia tinha perdido todas as suas antigas posses bálticas, exceto a Finlândia. O novo estado russo, criado por Pedro, havia se tornado o principal poder do norte da Europa. Mas já um novo rival estava a caminho. O estado prussiano estava tomando forma.

OceanofPDF.com

A ASCENSÃO DA PRÚSSIA

A ascensão extraordinária de um pequeno estado em uma parte do norte da Alemanha, a Prússia

A história da Prússia é a história de um distrito de fronteira. No século IX, Carlos Magno transferira o antigo centro de civilização do Mediterrâneo para as regiões selvagens do noroeste da Europa. Seus soldados francos haviam empurrado a fronteira da Europa cada vez mais para o leste. Eles haviam conquistado muitas terras dos eslavos pagãos e lituanos que viviam na planície entre o Mar Báltico e os Montes Cárpatos, e os Franks administravam os distritos mais distantes exatamente como os Estados Unidos administravam seus territórios antes de alcançarem a dignidade de um Estado. .

O estado fronteiriço de Brandemburgo havia sido originalmente fundado por Carlos Magno para defender suas possessões orientais contra as invasões das tribos saxãs selvagens. Os Wendes, uma tribo eslava que habitava aquela região, foram subjugados durante o século X e seu mercado, chamado Brennabor, tornou-se o centro e deu seu nome à nova província de Brandemburgo.

Durante o décimo primeiro, décimo segundo, décimo terceiro e décimo quarto séculos, uma sucessão de famílias nobres exerceu as funções de governador imperial neste estado fronteiriço. Finalmente, no século XV, a Casa de Hohenzollern fez sua aparição, como os Eleitos de Brandenburg, começaram a transformar um território de fronteira arenosa e desamparada em um dos impérios mais eficientes do mundo moderno.

Esses Hohenzollerns, que acabaram de ser removidos do cenário histórico pelas forças combinadas da Europa e da América, vieram originalmente do sul da Alemanha. Eles eram de origem muito humilde. No século XII, um certo Frederico de Hohenzollern fizera um casamento de sorte e fora nomeado o guardião do castelo de Nuremberg. Seus descendentes usaram todas as oportunidades para melhorar seu poder e,

depois de vários séculos de vigilância, foram designados para a dignidade de Eleitor, nome dado àqueles soberanos que deveriam eleger os imperadores do antigo Império Alemão. Durante a Reforma, eles tomaram o lado dos protestantes e o início do século XVII os encontrou entre os mais poderosos príncipes do norte da Alemanha.

Durante a Guerra dos Trinta Anos, protestantes e católicos haviam saqueado Brandemburgo e a Prússia com igual zelo. Mas sob o comando de Frederico Guilherme, o Grande Eleitor, o dano foi rapidamente reparado e, por um uso sábio e cuidadoso de todas as forças econômicas e intelectuais do país, foi fundado um Estado no qual praticamente não havia desperdício.

A Prússia moderna, um estado no qual o indivíduo e seus desejos e aspirações foram inteiramente absorvidos pelos interesses da comunidade como um todo — essa Prússia remonta ao pai de Frederico, o Grande. Frederico Guilherme I da Prússia era um sargento prussiano esforçado e parcimonioso, com um grande amor por histórias de bares e um forte tabaco holandês, uma intensa antipatia por todos os babados e penas (especialmente se fossem de origem francesa), e possuidor de apenas uma ideia. Essa ideia era do dever. Severo consigo mesmo, ele não tolerou fraqueza em seus súditos, sejam eles generais ou soldados comuns. A relação entre ele e seu filho Frederico nunca foi cordial, para dizer o mínimo. As maneiras grosseiras do pai ofendiam o espírito mais sutil do filho. O amor do filho pelas maneiras francesas, literatura, filosofia e música foi rejeitado pelo pai como uma manifestação de frescura. Seguiu-se um terrível surto entre esses dois temperamentos estranhos. Frederico tentou fugir para a Inglaterra. Ele foi pego e levado à corte marcial e forçado a testemunhar a decapitação de seu melhor amigo que tentou ajudá-lo. Então, como parte de sua punição, o jovem príncipe foi enviado para uma pequena fortaleza em algum lugar nas províncias para aprender os detalhes de seu futuro negócio de ser um rei. Foi uma bênção disfarçada. Quando Frederico subiu ao trono em 1740, ele sabia como seu país era administrado, desde a certidão de nascimento do filho de um pobre até os mínimos detalhes de um orçamento anual complicado.

Como autor, especialmente em seu livro chamado "Anti-Macchiavelli", Frederico havia expressado seu desprezo pelo credo político do antigo historiador florentino, que aconselhara seus principescos alunos a mentir e trapacear sempre que fosse necessário fazê-lo pela benefício de seu país. O

governante ideal no volume de Frederico foi o primeiro servo de seu povo, o déspota iluminado após o exemplo de Luís XIV. Na prática, porém, Frederico, enquanto trabalhava para o seu povo vinte horas por dia, não tolerava que ninguém estivesse perto dele como conselheiro. Seus ministros eram funcionários superiores. A Prússia era sua possessão particular, para ser tratada de acordo com seus próprios desejos. E nada era permitido para interferir com o interesse do estado.

No ano de 1740, o imperador Carlos VI, da Áustria, morreu. Ele tentou tornar segura a posição de sua única filha, Maria Teresa, por meio de um tratado solene, escrito em preto sobre branco, sobre um grande pedaço de pergaminho. Mas, tão logo o antigo imperador foi depositado na cripta ancestral da família dos Habsburgos, os exércitos de Frederico estavam marchando em direção à fronteira austríaca para ocupar a parte da Silésia pela qual (juntamente com quase tudo na Europa central) a Prússia clamava, por causa de alguns direitos de reivindicação antigos e muito duvidosos. Em várias guerras, Frederico conquistou toda a Silésia e, embora estivesse frequentemente muito próximo da derrota, manteve-se nos seus territórios recém-adquiridos contra todos os contra-ataques austríacos.

A Europa tomou a devida atenção desta súbita aparição de um novo estado muito poderoso. No século XVIII, os alemães eram um povo arruinado pelas grandes guerras religiosas e que não eram muito estimados por ninguém. Frederico, por um esforço tão repentino e tão espetacular quanto o de Pedro da Rússia, transformou essa atitude de desprezo em medo. Os assuntos internos da Prússia eram arranjados com tanta habilidade que os sujeitos tinham menos razão para reclamar do que em outros lugares. O Tesouro mostrou um excedente anual em vez de um déficit. A tortura foi abolida. O sistema judiciário foi melhorado. Bons caminhos, boas escolas e boas universidades, juntamente com uma administração escrupulosamente honesta, faziam as pessoas sentirem que quaisquer serviços eram exigidos deles, eles (para falar o vernáculo) valeram o dinheiro deles.

Depois de ter sido durante vários séculos o campo de batalha dos franceses, austríacos, suecos, dinamarqueses e dos poloneses, a Alemanha, encorajada pelo exemplo da Prússia, começou a recuperar a autoconfiança. E esse era o trabalho do velhinho, com seu nariz de gancho e seus velhos uniformes cobertos de rapé, que diziam coisas muito engraçadas, mas muito

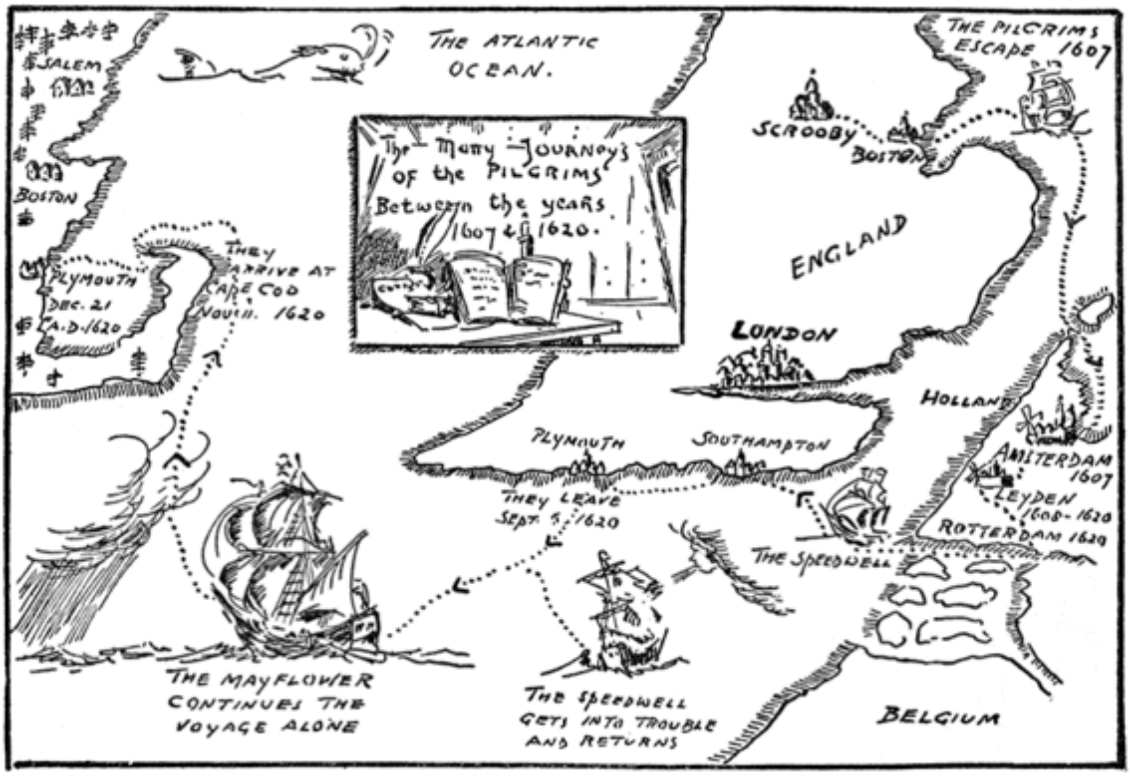
desagradáveis sobre seus vizinhos, e que faziam o jogo escandaloso da diplomacia do século XVIII sem qualquer consideração pela verdade, desde que ele pudesse ganhar algo por suas mentiras. Isso apesar de seu livro "Anti-Macchiavelli". No ano de 1786, chegou o fim. Seus amigos foram todos embora. Filhos que ele nunca teve. Ele morreu sozinho, cuidado por um único servo e seus cães fiéis, a quem ele amava melhor do que os seres humanos, porque, como ele disse, eles nunca foram ingratos e permaneceram fiéis a seus amigos.

OceanofPDF.com

O SISTEMA MERCANTIL

Como os estados nacionais ou dinásticos recentemente fundados na Europa tentaram se enriquecer e o que isso significou para o sistema mercantil

Vimos como, durante os séculos XVI e XVII, os estados do nosso mundo moderno começaram a tomar forma. Suas origens eram diferentes em quase todos os casos. Alguns foram o resultado do esforço deliberado de um único rei. Outros aconteceram por acaso. Outros ainda foram o resultado de limites geográficos naturais favoráveis. Mas depois que eles foram fundados, todos eles tentaram fortalecer sua administração interna e exercer a maior influência possível sobre os assuntos estrangeiros. Tudo isso, é claro, custara muito dinheiro. O estado medieval, com sua falta de poder centralizado, não dependia de um tesouro rico. O rei obteve suas receitas dos domínios da coroa e seu serviço civil pagou por si mesmo. O moderno estado centralizado era um assunto mais complicado. Os antigos cavaleiros desapareceram e contrataram oficiais do governo ou burocratas tomaram seus lugares. Exército, marinha e administração interna exigiam milhões. A questão então se tornou onde estava esse dinheiro para ser encontrado?



O ouro e a prata tinham sido uma mercadoria rara na Idade Média. O homem comum, como eu lhe disse, nunca viu uma peça de ouro enquanto vivesse. Apenas os habitantes das grandes cidades estavam familiarizados com moedas de prata. A descoberta da América e a exploração das minas peruanas mudaram tudo isso. O centro de comércio foi transferido do Mediterrâneo para o litoral atlântico. As antigas "cidades comerciais" da Itália perderam sua importância financeira. Novas "nações comerciais" tomaram seu lugar e ouro e prata não eram mais uma curiosidade.

Através da Espanha, Portugal, Holanda e Inglaterra, os metais preciosos começaram a encontrar o caminho para a Europa. O século XVI tinha seus próprios escritores sobre economia política e eles desenvolveram uma teoria da riqueza nacional que lhes pareceu inteiramente sadia e do maior possível benefício para seus respectivos países. Eles raciocinaram que tanto ouro quanto prata eram riquezas. Portanto, eles acreditavam que o país com a maior oferta de dinheiro real nos cofres do seu tesouro e seus bancos era ao mesmo tempo o país mais rico. E como o dinheiro significava exércitos, seguia-se que o país mais rico também era o mais poderoso e podia governar o resto do mundo.

Chamamos esse sistema de "sistema mercantil" e foi aceito com a mesma fé inquestionável com a qual os primeiros cristãos acreditavam em milagres e muitos dos homens de negócios americanos atuais acreditam na pauta. Na prática, o sistema Mercantil funcionou da seguinte maneira: Para obter o maior excedente de metais preciosos, um país deve ter um balanço favorável do comércio de exportação. Se você puder exportar mais para o seu vizinho do que ele exporta para o seu próprio país, ele lhe deverá dinheiro e será obrigado a lhe enviar um pouco do ouro dele. Daí você ganha e ele perde. Como resultado desse credo, o programa econômico de quase todos os estados do século XVII era o seguinte:

1. Tente obter a posse de tantos metais preciosos quanto possível.

2. Incentivar o comércio exterior em preferência ao comércio interno.

3. Incentivar as indústrias que transformam matérias-primas em produtos acabados exportáveis.

4. Incentive uma grande população, pois você precisará de trabalhadores para suas fábricas e uma comunidade agrícola não tem trabalhadores suficientes.

5. Deixe o Estado vigiar este processo e interferir sempre que for necessário.

Em vez de considerar o comércio internacional algo parecido com uma força da natureza que obedeceria sempre a certas leis naturais, independentemente da interferência do homem, o povo dos séculos XVI e XVII tentou regular seu comércio com a ajuda de decretos oficiais e leis reais e ajuda financeira. por parte do governo.

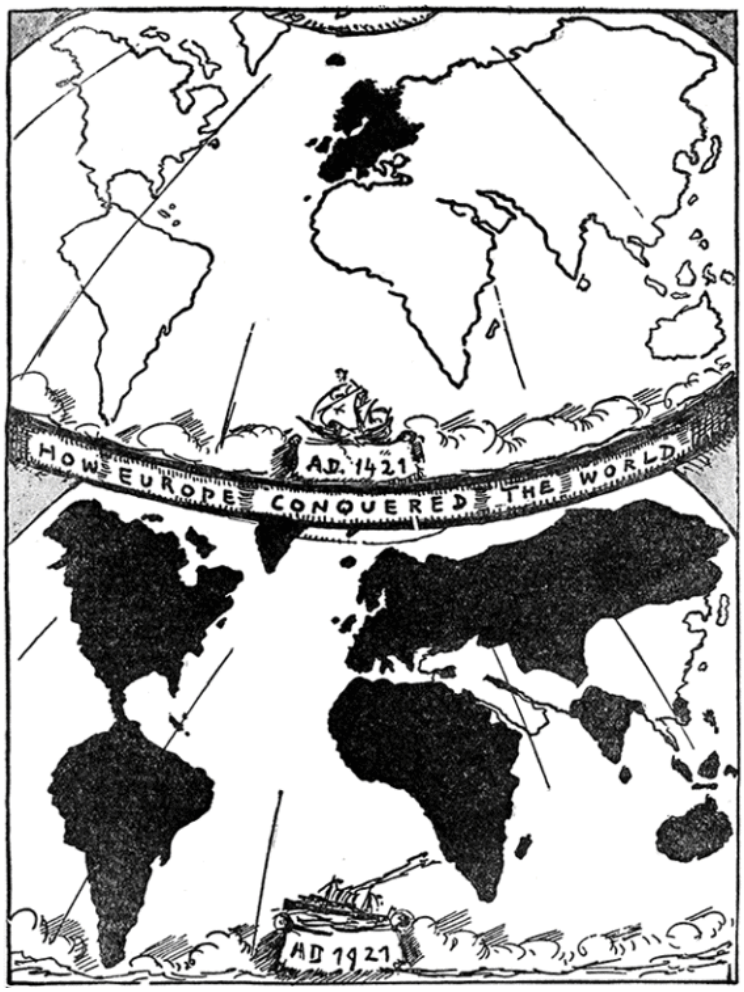
No século XVI, Carlos V adotou esse Sistema Mercantil (que era então algo inteiramente novo) e introduziu-o em suas muitas posses. Isabel da Inglaterra lisonjeava-o por sua imitação. Os Bourbons, especialmente o rei Luís XIV, eram adeptos fanáticos dessa doutrina e Colbert, seu grande ministro das finanças, tornou-se o profeta do Mercantilismo, para quem toda a Europa procurava orientação.

Toda a política externa de Cromwell foi uma aplicação prática do Sistema Mercantil. Era invariavelmente dirigido contra a rica rival República da Holanda. Para os exportadores holandeses, como os

transportadores das mercadorias da Europa, tinham certas inclinações para o livre comércio e, portanto, tinham que ser destruídas a todo custo.

Será fácil entender como esse sistema deve afetar as colônias. Uma colônia sob o Sistema Mercantil tornou-se meramente um reservatório de ouro e prata e especiarias, que deveria ser aproveitado em benefício do país de origem. A oferta asiática, americana e africana de metais preciosos e as matérias-primas desses países tropicais tornaram-se um monopólio do estado que por acaso possuía aquela colônia em particular. Nenhum estrangeiro era permitido dentro do recinto e nenhum nativo tinha permissão para negociar com um comerciante cujo navio voasse com uma bandeira estrangeira.

Sem dúvida, o Sistema Mercantil estimulou o desenvolvimento de indústrias jovens em certos países onde nunca houve fabricação antes. Construiu estradas e cavou canais e fez melhor meio de transporte. Exigia maior habilidade entre os operários e dava ao comerciante uma melhor posição social, ao mesmo tempo em que enfraquecia o poder da aristocracia fundiária.



Por outro lado, causou muito grande sofrimento. Isso fez com que os nativos das colônias fossem vítimas de uma exploração sem vergonha. Isso expôs os cidadãos do país de origem a um destino ainda mais terrível. Ajudou em grande medida a transformar todas as terras em um acampamento armado e dividiu o mundo em pequenos pedaços de território, cada um trabalhando para seu próprio benefício direto, enquanto se esforçava o tempo todo para destruir o poder de seus vizinhos e se apossar de seus tesouros. Colocou tanta ênfase na importância de possuir riqueza que "ser rico" passou a ser considerado como a única virtude do cidadão comum. Sistemas econômicos vêm e vão como as modas na cirurgia e nas roupas das mulheres, e durante o século dezenove o Sistema Mercantil foi descartado em favor de um sistema de competição livre e aberta. Ao menos foi assim que me contaram.



OceanofPDF.com

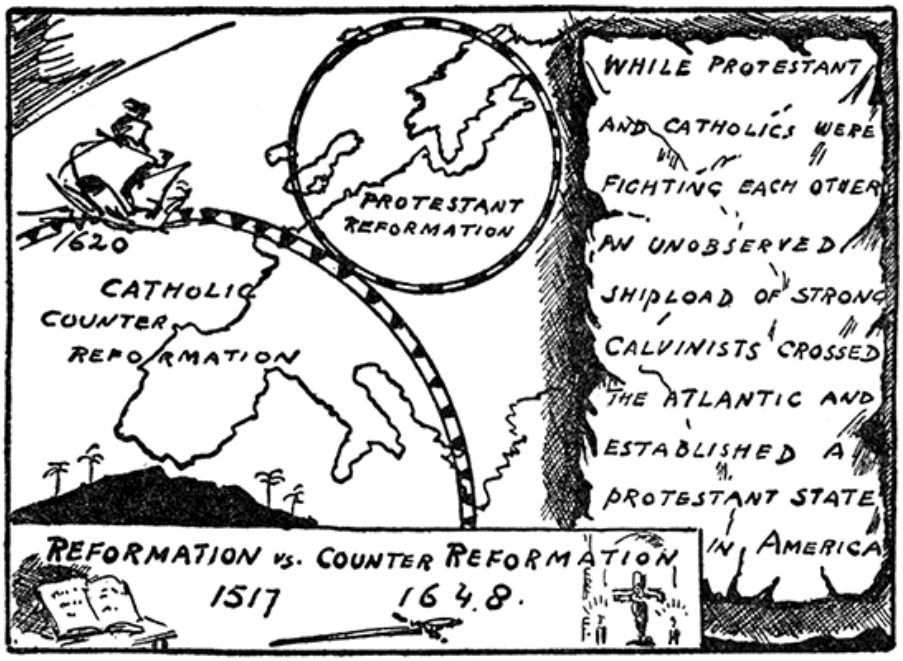
A REVOLUÇÃO AMERICANA

No final do século XVIII, a Europa ouviu relatórios estranhos sobre algo que havia acontecido na vastidão do continente norte-americano. Os descendentes dos homens que puniram o rei carlos por sua insistência sobre seus "direitos divinos" adicionaram um novo capítulo à velha história da luta pela independência

Por conveniência, devemos voltar alguns séculos e repetir a história inicial da grande luta pelas posses coloniais.



Assim que um número de nações européias foi criado sobre a nova base de interesses nacionais ou dinásticos, isto é, durante e imediatamente após a Guerra dos Trinta Anos, seus governantes, apoiados pela capital de seus mercadores e pelos navios de suas empresas de comércio, continuou a luta por mais território na Ásia, África e América.



Os espanhóis e os portugueses exploravam o mar da Índia e o oceano Pacífico há mais de um século antes que a Holanda e a Inglaterra aparecessem no palco. Isso provou ser uma vantagem para o último. O primeiro trabalho bruto já havia sido feito. Além disso, os primeiros navegantes muitas vezes se tornaram impopulares com os asiáticos, americanos e africanos que tanto ingleses quanto holandeses foram recebidos como amigos e libertadores. Não podemos reivindicar quaisquer virtudes superiores para nenhuma dessas duas raças. Mas eles eram mercadores antes de tudo. Eles nunca permitiram que considerações religiosas interferissem em seu senso comum prático. Durante suas primeiras relações com raças mais fracas, todas as nações européias se comportaram com uma brutalidade chocante. O inglês e o holandês, no entanto, sabia melhor onde tirar o jantar. Contanto que recebessem suas especiarias, seu ouro e sua prata e seus impostos, estavam dispostos a deixar o nativo viver da maneira que mais lhe agradava.



Não foi muito difícil para eles, portanto, estabelecer-se nas partes mais ricas do mundo. Mas assim que isso foi realizado, eles começaram a lutar entre si por ainda mais posses. Estranhamente, as guerras coloniais nunca foram resolvidas nas próprias colônias. Eles foram decididos a três mil milhas de distância pelas marinhas dos países rivais. É um dos princípios mais interessantes da guerra antiga e moderna (uma das poucas leis confiáveis da história) que "a nação que comanda o mar é também a nação que comanda a terra". Até agora esta lei nunca deixou de funcionar, mas o

avião moderno pode ter mudado isso. No século XVIII, no entanto, não havia máquinas voadoras e foi a marinha britânica que ganhou para a Inglaterra suas vastas colônias americanas, indianas e africanas.

A série de guerras navais entre Inglaterra e Holanda no século XVII não nos interessa aqui. Terminou como todos esses encontros entre poderes irremediavelmente malparados terminarão. Mas a guerra entre a Inglaterra e a França (seu outro rival) é de maior importância para nós, pois enquanto a frota superior britânica derrotou a marinha francesa, uma grande parte da luta preliminar foi feita em nosso próprio continente americano. Nesse vasto país, tanto a França quanto a Inglaterra reivindicaram tudo o que havia sido descoberto e muito mais que o olho de nenhum homem branco jamais vira. Em 1497, Cabot havia desembarcado na parte norte da América e vinte e sete anos depois, Giovanni Verrazano havia visitado essas costas. Cabot tinha tremulado a bandeira inglesa. Verrazano navegara sob a bandeira francesa. Por isso, tanto a Inglaterra quanto a França se proclamaram donos de todo o continente.

Durante o século XVII, cerca de dez pequenas colônias inglesas haviam sido fundadas entre o Maine e as Carolinas. Elas geralmente eram um refúgio para alguma seita particular de dissidentes ingleses, como os puritanos, que no ano de 1620 foram para a Nova Inglaterra, ou os Quakers, que se estabeleceram na Pensilvânia em 1681. Eles eram pequenas comunidades de fronteira, aninhados perto das margens do oceano, onde as pessoas se reuniram para fazer um novo lar e começar a vida em meio a um ambiente mais feliz, longe da supervisão real e da interferência.



As colônias francesas, por outro lado, permaneciam sempre como posse da coroa. Nenhum huguenote ou protestante era permitido nessas colônias por medo de contaminar os índios com suas perigosas doutrinas protestantes e, talvez, interferir no trabalho missionário dos padres jesuítas. As colônias inglesas, portanto, tinham sido fundadas em bases muito mais saudáveis do que seus vizinhos e rivais franceses. Eles eram uma expressão da energia comercial das classes médias inglesas, enquanto os assentamentos franceses eram habitados por pessoas que haviam cruzado o oceano como servos do rei e que esperavam retornar a Paris na primeira chance possível.

Politicamente, no entanto, a posição das colônias inglesas estava longe de ser satisfatória. Os franceses haviam descoberto a foz do São Lourenço no século XVI. Da região dos Grandes Lagos, haviam percorrido o caminho para o sul, desceram o Mississippi e construíram várias fortificações ao longo do Golfo do México. Após um século de exploração, uma linha de sessenta fortes franceses cortou os assentamentos ingleses ao longo da costa atlântica a partir do interior.



As concessões de terras inglesas, feitas para as diferentes empresas coloniais, deram-lhes "todas as terras de mar a mar". Isso soou bem no papel, mas na prática, o território britânico terminou onde a linha de fortificações francesas começou. Romper essa barreira era possível, mas exigia homens e dinheiro e causou uma série de terríveis guerras de fronteira em que ambos os lados assassinaram seus vizinhos brancos, com a ajuda das tribos indígenas.



Enquanto os Stuarts governassem a Inglaterra, não havia perigo de guerra com a França. Os Stuarts precisavam dos Bourbons em sua tentativa de estabelecer uma forma autocrática de governo e quebrar o poder do Parlamento. Mas em 1689 o último dos Stuarts desapareceu do solo britânico e o holandês Guilherme, o grande inimigo de Luís XIV o sucedeu. Desde então, até o Tratado de Paris de 1763, a França e a Inglaterra lutaram pela posse da Índia e da América do Norte.

Durante essas guerras, como eu disse antes, as marinhas inglesas invariavelmente derrotaram os franceses. Cortada de suas colônias, a França perdeu a maioria de suas posses, e quando a paz foi declarada, todo o continente norte-americano caiu nas mãos dos britânicos e o grande

trabalho de exploração de Cartier, Champlain, La Salle, Marquette e outros foi perdido para a França.



Apenas uma parte muito pequena deste vasto domínio era habitada. De Massachusetts, no norte, onde os peregrinos (uma seita de puritanos que eram muito intolerantes e que, portanto, não tinham encontrado felicidade na Inglaterra anglicana ou na Holanda calvinista) haviam desembarcado no ano de 1620, nas Carolinas e Virgínia províncias que tinham sido fundadas inteiramente por causa do lucro), estendiam uma linha fina de território esparsamente povoado. Mas os homens que viviam nesta nova terra de ar fresco e alto céu eram muito diferentes de seus irmãos da pátria. No deserto, eles aprenderam independência e autoconfiança. Eles eram os filhos de ancestrais resistentes e energéticos. Pessoas preguiçosas e medrosas não cruzavam o oceano naqueles dias. Os colonos americanos detestavam a contenção e a falta de espaço para respirar que tornara suas vidas no velho país tão infelizes. Eles pretendiam ser seus próprios mestres. Isso as classes dominantes da Inglaterra não pareciam entender. O governo incomodou os colonos e os colonos, que odiavam ser incomodados dessa maneira, começaram a incomodar o governo britânico.

Mau sentimento causou mais mau pressentimento. Não é necessário repetir aqui em detalhes o que realmente aconteceu e o que poderia ter sido evitado se o rei britânico tivesse sido mais inteligente do que Jorge III ou menos dado à sonolência e indiferença do que seu ministro, Frederick North. Os colonos britânicos, quando entenderam que argumentos pacíficos não resolveriam as dificuldades, pegaram em armas. De seus súditos leais, eles se tornaram rebeldes, que se expuseram ao castigo da morte quando foram capturados pelos soldados alemães, que George contratou para lutar, após o agradável costume daquele dia, quando os príncipes teutônicos venderam os regimentos inteiros ao mais alto preço oferecido.

A guerra entre a Inglaterra e suas colônias americanas durou sete anos. Durante a maior parte desse tempo, o sucesso final dos rebeldes parecia muito duvidoso. Um grande número de pessoas, especialmente nas cidades, permaneceu fiel ao seu rei. Eles eram a favor de um compromisso, e estariam dispostos a pedir a paz. Mas a grande figura de Washington ficou de guarda sobre a causa dos colonos.

Habilmente auxiliado por um punhado de bravos homens, ele usou seus exércitos firmes mas mal equipados para enfraquecer as forças do rei. Uma e outra vez, quando a derrota parecia inevitável, sua estratégia mudou a maré da batalha. Muitas vezes seus homens eram mal alimentados. Durante o inverno, eles não tinham sapatos e casacos e foram obrigados a viver em cavidades doentias. Mas a confiança deles em seu grande líder era absoluta e eles continuaram até a hora final da vitória.

Mas mais interessante que as campanhas de Washington ou os triunfos diplomáticos de Benjamin Franklin, que estava na Europa recebendo dinheiro do governo francês e dos banqueiros de Amsterdã, foi um evento que ocorreu no início da revolução. Os representantes das diferentes colônias haviam se reunido na Filadélfia para discutir assuntos de importância comum. Foi o primeiro ano da Revolução. A maioria das grandes cidades da costa marítima ainda estava nas mãos dos ingleses. Reforços da Inglaterra estavam chegando pela carga do navio. Somente homens que estavam profundamente convencidos da justiça de sua causa teriam encontrado a coragem de tomar a decisão importante dos meses de junho e julho de 1776.



Em junho, Richard Henrique Lee, da Virgínia, propôs uma moção ao Congresso Continental de que "essas colônias unidas são, e de certo

deveriam ser, estados livres e independentes, que elas são absolvidas de toda lealdade à coroa britânica, e que toda conexão política entre eles e o estado da Grã-Bretanha era e deveria ser totalmente dissolvida ".

A moção foi apoiada por John Adams, de Massachusetts. Foi realizado em julho do segundo e em 4 de julho, foi seguido por uma declaração oficial de independência, que foi o trabalho de Thomas Jefferson, um estudante sério e capaz destinado a ser um dos mais famosos presidentes americanos .



Quando a notícia deste evento chegou à Europa, e foi seguida pela vitória final dos colonos e pela adoção da famosa Constituição do ano de 1787 (a primeira de todas as constituições escritas), causou grande interesse. O sistema dinástico dos estados altamente centralizados que haviam sido desenvolvidos após as grandes guerras religiosas do século XVII atingiram o ápice de seu poder. Em todos os lugares, o palácio do rei tinha crescido em enormes proporções, enquanto as cidades do reino real

estavam sendo cercadas por hectares de favelas que cresciam rapidamente. Os habitantes dessas favelas mostravam sinais de inquietação. Eles estavam completamente indefesos. Mas as classes mais altas, os nobres e os homens profissionais, eles também estavam começando a ter certas dúvidas sobre as condições econômicas e políticas sob as quais viviam. O sucesso dos colonos americanos mostrou-lhes que muitas coisas eram possíveis, e que tinham sido consideradas impossíveis pouco tempo antes.

Segundo o poeta, o tiro que abriu a batalha de Lexington foi "ouvido em todo o mundo". Isso foi um pouco de exagero. Os chineses, os japoneses e os russos (para não falar dos australianos, que acabaram de ser redescobertos pelo capitão Cook, a quem mataram por causa do seu problema) nunca ouviram falar dele. Mas atravessou o Oceano Atlântico. Aterrissou na casa de pó do descontentamento europeu e na França causou uma explosão que sacudiu todo o continente de Petrogrado a Madri e enterrou os representantes da velha política e a velha diplomacia sob várias toneladas de tijolos democráticos.

OceanofPDF.com

A REVOLUÇÃO FRANCESA

A grande revolução francesa proclama os princípios da liberdade, fraternidade e igualdade a todos os povos da terra

Antes de falarmos sobre uma revolução, é bom explicarmos o que essa palavra significa. Nos termos de um grande escritor russo (e os russos sabem do que estão falando neste campo), uma revolução é "uma rápida derrubada, em alguns anos, de instituições que levaram séculos para arraigar no solo, e parecem tão fixos e imóveis que nem mesmo os mais fervorosos reformadores se atrevem a atacá-los em seus escritos: é a queda, a desintegração em um breve período, de tudo o que, até então, compôs a essência da ação social, religiosa, política e vida econômica em uma nação ".

Essa revolução ocorreu na França no século XVIII, quando a velha civilização do país ficou obsoleta. O rei nos dias de Luís XIV havia se tornado TUDO e era o estado. A nobreza, ex-funcionária do estado federal, viu-se sem deveres e tornou-se um ornamento social da corte real.

Este estado francês do século XVIII, no entanto, custou incríveis somas de dinheiro. Esse dinheiro tinha que ser produzido na forma de impostos. Infelizmente os reis da França não tinham sido fortes o suficiente para forçar a nobreza e o clero a pagar sua parte desses impostos. Por isso, os impostos eram pagos inteiramente pela população agrícola. Mas os camponeses que viviam em choupanas tristes, não mais em contato íntimo com seus antigos senhores de terras, mas vítimas de agentes terrestres cruéis e incompetentes, estavam indo de mal a pior. Por que eles deveriam trabalhar e se esforçar? Os retornos crescentes sobre suas terras significavam apenas mais impostos e nada para eles mesmos e, portanto, negligenciavam seus campos tanto quanto ousavam.

Por isso temos um rei que vagueia em esplendor vazio através dos vastos salões de seus palácios, habitualmente seguidos por sedentos buscadores de escritório, todos os quais vivem das receitas obtidas de camponeses que não

são melhores que as feras dos campos. Não é uma imagem agradável, mas não é exagerada. Havia, no entanto, outro lado do chamado "Ancien Regime", que devemos ter em mente.

Uma classe média abastada, intimamente ligada à nobreza (pelo processo usual de a filha do rico bancário casar-se com o filho do pobre barão) e um tribunal composto por todas as pessoas mais divertidas da França, trouxera a arte educada da vida graciosa ao mais alto nível de desenvolvimento. Como os melhores cérebros do país não foram autorizados a ocupar-se com questões de economia política, eles gastaram suas horas ociosas na discussão de idéias abstratas.

Como a moda nos jeitos de pensar e comportar são tão propensas a chegar aos extremos como a moda no vestuário, era natural que a sociedade mais artificial daquele dia tivesse um tremendo interesse naquilo que eles consideravam “a vida simples”. O rei e rainha, os proprietários absolutos e inquestionáveis da França, e todas as suas colônias e dependências, junto com seus cortesãos, foram morar em pequenas casas de campo engraçadas, todas vestidas de leiteiras e cavalariços, e brincavam de ser pastores em um vale feliz da antiga Hellas. Ao redor deles, seus cortesãos dançavam a assistência, seus músicos da corte compunham adoráveis minuetos, seus barbeiros judiciais projetavam chapéus cada vez mais elaborados e caros, até que por puro tédio e falta de empregos reais, todo esse mundo artificial de Versalhes (o grande show place que Luís XIV havia construído longe de sua cidade barulhenta e inquieta) só falava daqueles assuntos que estavam mais afastados de suas próprias vidas, assim como um homem faminto não fala de nada além de comida.

Quando Voltaire, o corajoso e velho filósofo, dramaturgo, historiador, romancista e grande inimigo de toda tirania religiosa e política, começou a lançar suas bombas de crítica a tudo relacionado com a Ordem das Coisas Estabelecidas, todo o mundo francês o aplaudiu e a ele peças teatrais tocavam apenas em pé. Quando Jean Jacques Rousseau tornou-se sentimental sobre o homem primitivo e deu a seus contemporâneos descrições deliciosas da felicidade dos habitantes originais deste planeta (sobre quem ele sabia tão pouco quanto ele sabia sobre as crianças, cuja educação ele era a autoridade reconhecida) toda a França leu seu “Contrato Social” e essa sociedade em que o rei e o estado eram um, chorou lágrimas amargas quando ouviram o apelo de Rousseau por um retorno aos dias

abençoados, quando a verdadeira soberania ficou nas mãos do povo e quando o rei tinha sido apenas o servo de seu povo.

Quando Montesquieu publicou suas “Cartas persas”, nas quais dois distintos viajantes persas transformam toda a sociedade existente da França em confusão e zombam de tudo, desde o rei até o mais baixo de seus seiscentos confeiteiros, o livro passou imediatamente por quatro edições e assegurou ao escritor milhares de leitores por sua famosa discussão do "Espírito das Leis" em que o nobre Barão comparou o excelente sistema inglês com o sistema atrasado da França e defendeu em vez de uma monarquia absoluta o estabelecimento de um estado no qual o Poder Executivo, Legislativo e Judiciário devem estar em mãos separadas e devem trabalhar independentemente uns dos outros. Quando Lebreton, o vendedor de livros parisiense, anunciou que Messieurs Diderot, d'Alembert, Turgot e uma série de outros ilustres escritores iriam publicar uma Enciclopédia que deveria conter “todas as novas idéias, a nova ciência e o novo conhecimento, a resposta do lado do público foi muito satisfatória, e quando, depois de vinte e dois anos, o último dos vinte e oito volumes tinha sido concluído, a interferência um tanto atrasada da polícia não pôde reprimir o entusiasmo com que a sociedade francesa recebeu esta contribuição mais importante, mas muito perigosa para as discussões do dia.



Aqui, deixe-me dar um pequeno aviso. Quando você lê um romance sobre a revolução francesa ou vê uma peça ou um filme, você terá facilmente a impressão de que a Revolução foi obra da plebe das favelas de Paris. Não era nada disso. A multidão aparece com frequência no palco revolucionário, mas invariavelmente sob a instigação e sob a liderança

daqueles profissionais de classe média que usaram a multidão faminta como um aliado eficiente em sua guerra contra o rei e sua corte. Mas as idéias fundamentais que causaram a revolução foram inventadas por algumas mentes brilhantes, e elas foram inicialmente introduzidas nos charmosos salões do Ancien Régime para proporcionar uma diversão amistosa para as senhoras e senhores entediados da corte de sua majestade. Essas pessoas agradáveis, mas descuidadas, brincavam com os perigosos fogos de artifício da crítica social, até que as faíscas caíam pelas rachaduras do chão, velho e podre como o resto do prédio. Essas faíscas, infelizmente, aterrissaram no porão, onde lixo antigo estava em grande confusão. Então houve um grito de fogo. Mas o dono da casa que estava interessado em tudo, exceto na administração de sua propriedade, não sabia como apagar o pequeno incêndio. A chama se espalhou rapidamente e todo o edifício foi consumido pela conflagração, que chamamos de Grande Revolução Francesa.

Por uma questão de conveniência, podemos dividir a Revolução Francesa em duas partes. De 1789 a 1791 houve uma tentativa mais ou menos ordenada de introduzir uma monarquia constitucional. Isso fracassou, em parte por falta de boa-fé e estupidez por parte do próprio monarca, em parte por circunstâncias sobre as quais ninguém tinha controle algum.

De 1792 a 1799 houve uma República e um primeiro esforço para estabelecer uma forma democrática de governo. Mas o surto real de violência foi precedido por muitos anos de inquietação e muitas tentativas sinceras, mas ineficazes, de reforma.

Quando a França tinha uma dívida de 4.000 milhões de francos e o tesouro estava sempre vazio e não havia uma única coisa sobre a qual poderiam ser cobrados novos impostos, até o bom rei Luís (que era serralheiro especialista e grande caçador, mas um estadista muito pobre) sentiu vagamente que algo deveria ser feito. Por isso, ele chamou Turgot, para ser seu ministro das Finanças. Anne Robert Jacques Turgot, barão de l'Aulne, um homem no início dos anos sessenta, um esplêndido representante da classe que rapidamente desaparecia da nobreza fundiária, tinha sido um governador de sucesso de uma província e era um economista político amador de grande capacidade. Ele fez o melhor que pôde. Infelizmente, ele não pôde realizar milagres. Como era impossível extrair mais impostos dos camponeses esfarrapados, era necessário obter os fundos

necessários da nobreza e do clero que nunca pagaram um centavo. Isso fez de Turgot o homem mais odiado da corte de Versalhes. Além disso, ele foi obrigado a enfrentar a inimizade de Maria Antonieta, a rainha, que era contra todos que se atreviam a mencionar a palavra "economia" em sua orelha. Logo Turgot foi chamado de "visionário pouco prático" e um "professor teórico" e, claro, sua posição tornou-se insustentável. No ano de 1776, ele foi forçado a renunciar.

Depois do "professor" surgiu um homem de senso prático de negócios. Ele era um suíço industrioso com o nome de Necker, que se tornou rico como especulador de grãos e parceiro em uma casa bancária internacional. Sua ambiciosa esposa o havia empurrado para o serviço governamental para que ela pudesse estabelecer uma posição para a filha que, posteriormente, como a esposa do ministro sueco em Paris, o barão de Stael, tornou-se uma famosa figura literária do início do século XIX.

Necker preparou-se para trabalhar com uma demonstração de zelo, exatamente como Turgot fizera. Em 1781 publicou uma cuidadosa revisão das finanças francesas. O rei não entendia nada disso "Compte Rendu". Ele acabara de enviar tropas para os Estados Unidos para ajudar os colonos contra seus inimigos comuns, os ingleses. Esta expedição provou ser inesperadamente cara e foi pedido a Necker que encontrasse os fundos necessários. Quando, em vez de produzir receita, ele publicou mais números, fez estatísticas e começou a usar o sombrio alerta sobre "economias necessárias", seus dias estavam contados. No ano de 1781 ele foi demitido como um funcionário incompetente.



Depois do Professor e do homem prático de negócios, veio o tipo financeiro que garantirá a todos 100% de retorno todo mês em seu dinheiro se eles confiarem em seu próprio sistema infalível. Ele era Charles

Alexandre de Calonne, um oficial empreendedor, que fez sua carreira tanto por sua indústria quanto por sua total falta de honestidade e escrúpulos. Ele achava o país altamente endividado, mas era um homem inteligente, disposto a obrigar todo mundo, e inventou um remédio rápido. Ele pagou as dívidas antigas contratando novas. Este método não é novo. O resultado desde tempos imemoriais tem sido desastroso. Em menos de três anos, mais de 800 milhões de francos foram acrescentados à dívida francesa por esse encantador ministro da Fazenda, que nunca se preocupou e assinou sorrindo seu nome para todas as exigências feitas por Sua Majestade e por sua adorável rainha, que aprendera o hábito de gastar durante os dias de sua juventude em Viena.

Finalmente, até mesmo o Parlamento de Paris (um alto tribunal de justiça e não um órgão legislativo), embora de forma alguma carente de lealdade ao seu soberano, decidiu que algo deveria ser feito. Calonne queria pegar emprestado outros 80 milhões de francos. Tinha sido um ano ruim para as plantações e a miséria e a fome nos distritos do país eram terríveis. A menos que algo sensato fosse feito, a França iria à falência. O rei, como sempre, desconhecia a seriedade da situação. Não seria uma boa ideia consultar os representantes do povo? Desde 1614, nenhum general de Estados foi convocado. Em vista do pânico ameaçador, havia uma exigência de que os estados fossem convocados. Luís XVI, no entanto, que nunca pôde tomar uma decisão, recusou-se a ir tão longe quanto isso.

Para apaziguar o clamor popular, convocou uma reunião dos notáveis no ano de 1787. Isso significava apenas uma reunião das melhores famílias que discutiam o que poderia e deveria ser feito, sem tocar no privilégio feudal e clerical de isenção de impostos. Não é razoável esperar que uma certa classe de sociedade cometa suicídio político e econômico em benefício de outro grupo de concidadãos. Os 127 notáveis recusaram-se obstinadamente a entregar um único dos seus antigos direitos. A multidão na rua, agora com muita fome, exigiu que Necker, em quem eles tinham confiança, fosse reconduzido. Os Notáveis disseram "não". A multidão na rua começou a quebrar janelas e fazer outras coisas impróprias. Os notáveis fugiram. Calonne foi demitido.

Um novo e incolor ministro da Fazenda, o cardeal Lomenie de Brienne, foi designado e Luís, impulsionado pelas ameaças violentas de seus súditos

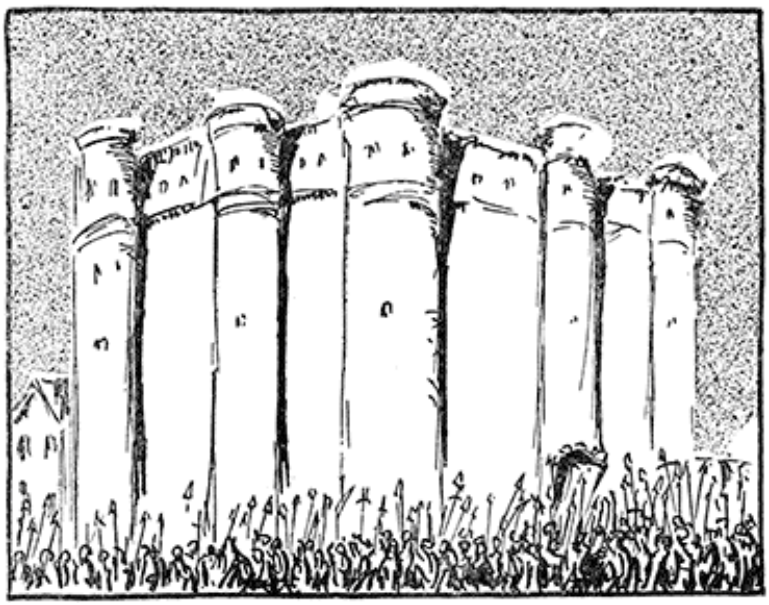
famintos, concordou em convocar os antigos Estados Gerais "logo que possível". Esta promessa vaga, é claro, não satisfez ninguém.

Nenhum inverno tão severo foi experimentado por quase um século. As plantações haviam sido destruídas pelas enchentes ou congeladas até a morte nos campos. Todas as oliveiras de Provença foram mortas. A caridade privada tentou fazer alguma coisa, mas conseguiu pouco para dezoito milhões de pessoas famintas. Em toda parte ocorreram tumultos por pão. Uma geração antes deles teria sido abatida pelo exército. Mas o trabalho da nova escola filosófica começou a dar frutos. As pessoas começaram a entender que uma espingarda não é um remédio eficaz para um estômago faminto e até mesmo os soldados (que vieram do meio do povo) não eram mais de quem dependeriam. Era absolutamente necessário que o rei fizesse algo definitivo para recuperar a boa vontade popular, mas novamente hesitou.

Aqui e ali nas províncias, pequenas repúblicas independentes foram estabelecidas pelos seguidores da nova escola. O grito de "não tributação sem representação" (o slogan dos rebeldes americanos um quarto de século antes) foi ouvido entre as classes médias fiéis. A França foi ameaçada pela anarquia geral. Para apaziguar o povo e aumentar a popularidade real, o governo suspendeu inesperadamente a antiga forma muito restrita de censura de livros. Imediatamente uma inundação de tinta desceu sobre a França. Todo mundo, alto ou baixo, criticou e foi criticado. Mais de 2000 panfletos foram publicados. Lomenie de Brienne foi varrida por uma tempestade de abusos. Necker foi chamado apressadamente de volta para aplacar, o melhor que pôde, a inquietação nacional. Imediatamente o mercado de ações subiu trinta por cento. E, de comum acordo, as pessoas suspenderam o julgamento por mais algum tempo. Em maio de 1789, os Estados Gerais se reuniram e, em seguida, a sabedoria de toda a nação resolveria rapidamente o difícil problema de recriar o reino da França em um estado saudável e feliz.

Essa idéia prevalecente, de que a sabedoria combinada do povo seria capaz de resolver todas as dificuldades, provou ser desastrosa. Lamiou todo o esforço pessoal durante muitos meses importantes. Em vez de manter o governo em suas próprias mãos nesse momento crítico, Necker permitiu que tudo mudasse. Assim, houve um novo surto do debate acrimonioso sobre as melhores maneiras de reformar o antigo reino. Em todos os

lugares, o poder da polícia enfraqueceu. O povo dos subúrbios de Paris, sob a liderança de agitadores profissionais, gradualmente começou a descobrir sua força, e começou a desempenhar o papel que lhes caberia ao longo dos anos de grande agitação, quando eles agiram como a força bruta que era usado pelos verdadeiros líderes da Revolução para assegurar as coisas que não poderiam ser obtidas de maneira legítima.



Como um sopro para os camponeses e a classe média, Necker decidiu que eles deveriam ter uma representação dupla nos Estados Gerais. Sobre este assunto, o abade Sieyes escreveu então um famoso panfleto: "Para Que Serve O Terceiro Estado?" em que ele chegou à conclusão de que o Terceiro Estado (um nome dado à classe média) deveria equivaler a tudo, que não havia sido nada no passado e que agora desejava ser algo. Ele expressou o sentimento da grande maioria das pessoas que tinham no coração os melhores interesses do país.

Finalmente as eleições aconteceram nas piores condições imagináveis. Quando terminaram, 308 clérigos, 285 nobres e 621 representantes do Terceiro Estado fizeram as malas para ir a Versalhes. O Terceiro Estado foi obrigado a transportar bagagem adicional. Isso consistia em relatórios volumosos chamados "cahiers", nos quais as muitas queixas de seus constituintes haviam sido escritas. O palco estava montado para o grande ato final que salvaria a França.

Os Estados Gerais se reuniram em 5 de maio de 1789. O rei estava de mau humor. O clero e a nobreza deixaram claro que não estavam dispostos a abrir mão de um único privilégio. O rei ordenou que os três grupos de representantes se reunissem em salas diferentes e discutissem suas queixas separadamente. O Terceiro Estado recusou-se a obedecer ao comando real. Eles insistiram que todos os três estados, Nobreza, Clero e Terceiro Estado, deveriam se reunir e assim informado Sua Majestade. O rei cedeu.

Como a "Assembléia Nacional", a Assembleia dos Estados Gerais começou a discutir o estado do reino francês. O rei ficou com raiva. Então novamente ele hesitou. Ele disse que nunca entregaria seu poder absoluto. Então ele foi caçar, esqueceu tudo sobre os cuidados do estado e quando voltou da caça ele cedeu. Pois era o hábito real de fazer a coisa certa, na hora errada, da maneira errada. Quando as pessoas clamavam por A, o rei as repreendeu e não lhes deu nada. Então, quando o palácio foi cercado por uma multidão uivante de pessoas pobres, o rei se rendeu e deu aos seus súditos o que eles haviam pedido. Por esta altura, no entanto, as pessoas queriam A mais B. A comédia foi repetida.

Infelizmente o rei estava sempre apenas uma carta atrás. Ele nunca entendeu isso. Mesmo quando deitou a cabeça sob a guilhotina, sentiu que era um homem muito maltratado, que recebera um tratamento extremamente injustificável nas mãos de pessoas a quem amara com o máximo de sua capacidade limitada.

Os "e se" históricos, como eu frequentemente os adverti, nunca são de nenhum valor. É muito fácil para nós dizer que a monarquia poderia ter sido salva "se" Luís tivesse sido um homem de maior energia e menos bondade de coração. Mas o rei não estava sozinho. Mesmo "se" ele tivesse possuído a força implacável de Napoleão, sua carreira durante estes dias difíceis poderia ter sido facilmente arruinada por sua esposa, que era filha de Maria Teresa da Áustria e que possuía todas as virtudes e vícios característicos de uma jovem que tinha sido criada no tribunal mais autocrático e medieval daquela época.

Ela decidiu que alguma ação deveria ser tomada e planejou uma contra-revolução. Necker foi subitamente dispensado e tropas leais foram chamadas para Paris. Quando souberam disso, o povo invadiu a fortaleza da prisão da Bastilha e, no dia 14 de julho de 1789, destruiu este familiar, mas muito odiado, símbolo do Poder Autocrático que há muito deixara de ser

uma prisão política e agora era usado como o bloqueio da cidade para batedores de carteira e homens do segundo andar. Muitos nobres entenderam a idéia e deixaram o país. Mas o rei, como de costume, não fez nada. Ele estava caçando no dia da queda da Bastilha e atirou em vários cervos e se sentiu muito satisfeito.

A Assembléia Nacional agora começou a trabalhar e no dia 4 de agosto, com o barulho da multidão parisiense em seus ouvidos, eles aboliram todos os privilégios. Isto foi seguido no dia 27 de agosto pela "Declaração dos Direitos do Homem", o famoso preâmbulo da primeira constituição francesa. Até aí tudo bem, mas o tribunal aparentemente ainda não aprendeu sua lição. Havia uma suspeita generalizada de que o rei estava novamente tentando interferir nessas reformas e, como resultado, no dia 5 de outubro, houve uma segunda revolta em Paris. Ele se espalhou para Versalhes e as pessoas não foram pacificadas até que trouxeram o rei de volta ao seu palácio em Paris. Eles não confiavam nele em Versalhes.

Enquanto isso, na Assembléia, Mirabeau, um nobre que se tornara líder do Terceiro Estado, estava começando a colocar ordem no caos. Mas antes que ele pudesse salvar a posição do rei ele morreu, em 2 de abril do ano de 1791. O rei, que agora começou a temer por sua própria vida, tentou escapar no dia 21 de junho. Ele foi reconhecido a partir de sua foto em uma moeda, foi parado perto da aldeia de Varennes por membros da Guarda Nacional, e foi trazido de volta para Paris.

Em setembro de 1791, a primeira constituição da França foi aceita e os membros da Assembléia Nacional foram para casa. No dia primeiro de outubro de 1791, a assembléia legislativa reuniu-se para continuar o trabalho da Assembléia Nacional. Neste novo encontro de representantes populares, havia muitos elementos extremamente revolucionários. Os mais ousados entre eles eram conhecidos como os jacobinos, depois do antigo claustro jacobino no qual eles realizavam suas reuniões políticas. Esses jovens (a maioria deles pertencentes às classes profissionais) fizeram discursos muito violentos e, quando os jornais levaram essas orações para Berlim e Viena, o rei da Prússia e o imperador decidiram que deviam fazer alguma coisa para salvar seu bom irmão e sua irmã. Eles estavam muito ocupados dividindo o reino da Polônia, onde facções políticas rivais causaram tal estado de desordem que o país estava à mercê de qualquer um

que quisesse tomar algumas províncias. Mas eles conseguiram enviar um exército para invadir a França e entregar o rei.

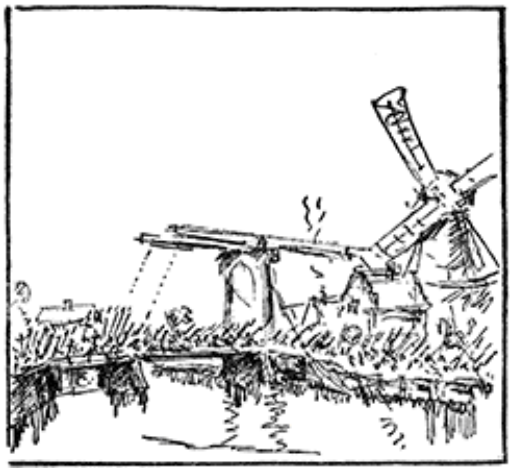
Então um terrível pânico de medo varreu a terra da França. Todo o ódio reprimido de anos de fome e sofrimento chegou a um clímax horrível. A turba de Paris invadiu o palácio das Tulherias. Os fiéis guarda-costas suíços tentaram defender seu mestre, mas Luís, incapaz de decidir-se, ordenou que "parasse de disparar" justamente quando a multidão estava se retirando. O povo, bêbado de sangue, barulho e vinho barato, assassinaram os suíços até o último homem, depois invadiram o palácio e foram atrás de Luís, que havia escapado para o salão de reuniões da Assembléia, onde foi imediatamente suspenso de sua função e de onde ele foi levado como prisioneiro para o antigo castelo do Templo.

Mas os exércitos da Áustria e da Prússia continuaram avançando e o pânico transformou-se em histeria e transformou homens e mulheres em feras. Na primeira semana de setembro do ano de 1792, a multidão invadiu as prisões e assassinou todos os prisioneiros. O governo não interferiu. Os jacobinos, chefiados por Danton, sabiam que essa crise significava o sucesso ou o fracasso da revolução, e que apenas a audácia mais brutal poderia salvá-los. A Assembléia Legislativa foi fechada e em 21 de setembro do ano de 1792, uma nova Convenção Nacional se reuniu. Era um corpo composto quase inteiramente de revolucionários extremos. O rei foi formalmente acusado de alta traição e levado perante a Convenção. Ele foi considerado culpado e por um voto de 361 a 360 (o voto extra sendo o de seu primo, o duque de Orleans), ele foi condenado à morte. No dia 21 de janeiro do ano de 1793, ele silenciosamente e com muita dignidade sofreu para ser levado ao cadafalso. Ele nunca tinha entendido o que todo o tiroteio e a confusão tinham sido. E ele tinha sido muito orgulhoso para fazer perguntas.

Então os jacobinos se voltaram contra o elemento mais moderado da convenção, os girondinos, chamados pelo seu distrito meridional, o Gironde. Um tribunal revolucionário especial foi instituído e vinte e um dos principais girondinos foram condenados à morte. Os outros cometeram suicídio. Eles eram homens capazes e honestos, mas muito filosóficos e moderados demais para sobreviver durante esses anos assustadores.

Em outubro de 1793, a Constituição foi suspensa pelos jacobinos "até que a paz fosse declarada". Todo o poder foi colocado nas mãos de um

pequeno comitê de Segurança Pública, com Danton e Robespierre como seus líderes. A religião cristã e a velha cronologia foram abolidas. A "Era da Razão" (da qual Tomás Paine escrevera com tanta eloquência durante a Revolução Americana) chegou e com ela o "Terror" que por mais de um ano matou pessoas boas e más e indiferentes a uma taxa de setenta ou oitenta ao dia.



O governo autocrático do rei havia sido destruído. Foi sucedido pela tirania de algumas pessoas que tinham um amor tão apaixonado pela virtude democrática que se sentiram compelidos a matar todos aqueles que discordavam deles. A França foi transformada em um matadouro. Todo mundo suspeitava de todo mundo. Ninguém se sentia seguro. Por puro medo, alguns membros da antiga Convenção, que sabiam que eram os próximos candidatos ao cadafalso, finalmente se voltaram contra Robespierre, que já havia decapitado a maioria de seus antigos colegas. Robespierre, "o único verdadeiro e puro democrata", tentou se matar, mas não conseguiu. Sua mandíbula despedaçada foi enfaixada às pressas e ele foi arrastado para a guilhotina. No dia 27 de julho do ano de 1794 (o 9º Termidor do ano II, segundo a estranha cronologia da revolução), o reinado do Terror chegou ao fim e toda Paris dançou de alegria.

A posição perigosa da França, entretanto, tornou necessário que o governo permanecesse nas mãos de alguns homens fortes, até que os muitos inimigos da revolução fossem expulsos do solo da pátria francesa. Enquanto os exércitos revolucionários meio vestidos e meio mortos de fome lutaram suas batalhas desesperadas do Reno, Itália, Bélgica e Egito e derrotaram cada um dos inimigos da Grande Revolução, cinco diretores foram

nomeados, e eles governaram a França por quatro anos. Então o poder foi investido nas mãos de um general bem-sucedido pelo nome de Napoleão Bonaparte, que se tornou "Primeiro Cônsul" da França no ano de 1799. E durante os quinze anos seguintes, o velho continente europeu tornou-se o laboratório de uma série de experimentos políticos, o gosto de que o mundo nunca tinha visto antes.

OceanofPDF.com

NAPOLEÃO

Napoleão nasceu no ano de 1769, o terceiro filho de Carlo Maria Buonaparte, um notário público honesto da cidade de Ajaccio, na ilha da Córsega, e sua boa esposa, Letizia Ramolino. Ele, portanto, não era francês, mas um italiano cuja ilha natal (uma antiga colônia grega, cartaginesa e romana no Mar Mediterrâneo) vinha lutando durante anos para recuperar sua independência, em primeiro lugar dos genoveses, e depois do meio do século XVIII, dos franceses, que gentilmente se ofereceram para ajudar os corsos em sua luta pela liberdade e ocuparam a ilha em benefício próprio.

Durante os primeiros vinte anos de sua vida, o jovem Napoleão era um patriota profissional da Córsega — um Corsino Sinn Feiner, que esperava libertar seu amado país do jugo do odiado inimigo francês. Mas a revolução francesa reconheceu inesperadamente as reivindicações dos corsos e, gradualmente, Napoleão, que havia recebido um bom treinamento na escola militar de Brienne, chegou ao serviço de seu país adotivo. Embora nunca tenha aprendido a soletrar o francês corretamente ou a falar sem um amplo sotaque italiano, tornou-se francês. No devido tempo, ele passou a ser a mais alta expressão de todas as virtudes francesas. Atualmente ele é considerado o símbolo do gênio gaulês.

Napoleão foi o que é chamado de trabalhador rápido. Sua carreira não cobre mais de vinte anos. Nesse curto espaço de tempo ele lutou mais guerras, ganhou mais vitórias, marchou mais quilômetros, conquistou mais quilômetros quadrados, matou mais pessoas, trouxe mais reformas e geralmente perturbou a Europa em maior medida do que qualquer um (incluindo Alexandre, o Grande e Gengis Khan) já havia conseguido fazer.

Ele era um rapazinho e durante os primeiros anos de sua vida sua saúde não era muito boa. Ele nunca impressionou ninguém pela sua boa aparência e permaneceu até o fim de seus dias muito desajeitado sempre que era obrigado a aparecer em uma função social. Ele não desfrutou de uma única vantagem de criação, nascimento ou riqueza. Durante a maior parte de sua juventude, ele era desesperadamente pobre e muitas vezes tinha que ir sem uma refeição ou era obrigado a fazer alguns centavos extra de maneiras curiosas.

Ele deu poucas promessas como um gênio literário. Quando ele competiu por um prêmio oferecido pela Academia de Lyon, seu ensaio foi encontrado ao lado do último e ele era o número 15 dos 16 candidatos. Mas ele superou todas essas dificuldades através de sua crença absoluta e inabalável em seu próprio destino e em seu futuro glorioso. A ambição foi a principal fonte de sua vida. O pensamento de si mesmo, a adoração daquela letra maiúscula "N" com a qual ele assinou todas as suas cartas, e que retrocedia para sempre nos ornamentos de seus palácios construídos às pressas, a vontade absoluta de fazer o nome Napoleão a coisa mais importante do mundo ao lado do nome de Deus, esses desejos levaram Napoleão a um pináculo de fama que nenhum outro homem jamais alcançou.

Quando era um tenente meio-pago, o jovem Bonaparte gostava muito das "vidas de homens famosos", que Plutarco, o historiador romano, escrevera. Mas ele nunca tentou viver de acordo com o alto padrão de caráter estabelecido por esses heróis dos tempos antigos. Napoleão parece ter sido desprovido de todos aqueles sentimentos ponderados e pensativos que diferenciam os homens dos animais. Será muito difícil decidir com alguma precisão se ele amou alguém além de si mesmo. Ele mantinha uma língua civilizada para sua mãe, mas Letizia tinha o ar e os modos de uma grande dama e, à moda das mães italianas, sabia como governar sua ninhada de filhos e conquistar seu respeito. Por alguns anos ele gostava de Joséine, sua bela esposa crioula, que era filha de um oficial francês da Martinica e da viúva do visconde de Beauharnais, executada por Robespierre quando perdeu uma batalha contra os prussianos. Mas o imperador se divorciou dela quando ela não conseguiu dar-lhe um filho e herdeiro e se casou com a filha do imperador austríaco, porque parecia boa política.

Durante o cerco de Toulon, onde ganhou grande fama como comandante de uma bateria, Napoleão estudou Maquiavel com cuidado diligente. Ele seguiu o conselho do estadista florentino e nunca manteve sua palavra quando foi a sua vantagem para quebrá-la. A palavra gratidão não ocorreu em seu dicionário pessoal. Nem, para ser justo, ele esperava isso dos outros. Ele era totalmente indiferente ao sofrimento humano. Ele executou prisioneiros de guerra (no Egito em 1798) aos quais foram prometidas suas vidas, e silenciosamente permitiu que seus feridos na Síria fossem sedados

quando ele achou impossível transportá-los para seus navios. Ele ordenou que o duque de Enghien fosse condenado à morte por uma corte marcial preconceituosa e que fosse baleado de forma contrária a toda a lei, alegando que os "Bourbons precisavam de uma advertência". Ele decretou que os oficiais alemães que foram feitos prisioneiros para a independência de seu país, deviam serem baleados contra a parede mais próxima, e quando Andreas Hofer, o herói tirolês, caiu em suas mãos depois de uma resistência heróica, ele foi executado como um traidor comum.

Em resumo, quando estudamos o caráter do Imperador, começamos a entender aquelas ansiosas mães britânicas que costumavam levar seus filhos para a cama com a ameaça de que "Bonaparte, que comia meninos e meninas no café da manhã, viesse buscá-los se eles não fossem bonzinhos". E, no entanto, tendo dito essas muitas coisas desagradáveis sobre esse tirano estranho, que cuidava de todos os outros departamentos de seu exército com o maior cuidado, mas negligenciava o serviço médico, e que arruinava seus uniformes com Eau de Cologne (água-de-colônia) porque não aguentava o cheiro dos seus pobres soldados suados; Tendo dito todas essas coisas desagradáveis e estando totalmente preparado para acrescentar muito mais, devo confessar um certo sentimento de dúvida.

Aqui estou sentado a uma mesa confortável cheia de livros, com um olho na minha máquina de escrever e outro no gato Licorice, que tem uma grande predileção por papel carbono, e estou lhe dizendo que o Imperador Napoleão era uma pessoa muito desprezível. Mas se por acaso eu olhasse para fora da janela, bem lá abaixo na Sétima Avenida, e uma interminável procissão de caminhões e carroças parasse de repente, e eu ouvisse o som dos tambores pesados e visse o homenzinho em seu cavalo branco e em seu velho e desgastado uniforme verde, não saberia dizer, mas temo que deixaria meus livros, o gatinho, minha casa e tudo mais para segui-lo onde quer que ele quisesse liderar. Meu próprio avô fez isso e os céus sabem que ele não nasceu para ser um herói. Milhões de outros avôs fizeram isso. Eles não receberam recompensa, mas não esperavam nenhuma. Eles alegremente deram pernas, braços e vidas para servir a esse estrangeiro, que os levou a milhares de quilômetros de suas casas e os levou a uma enxurrada de canhões russos, ingleses, espanhóis, italianos ou austríacos e ficaram olhando fixamente para o espaço enquanto estavam entrando na agonia da morte.

Se você me pedir uma explicação, devo responder que não tenho nenhuma. Eu só posso adivinhar uma das razões. Napoleão foi o maior dos atores e todo o continente europeu foi seu palco. Em todos os momentos e sob todas as circunstâncias, ele sabia a atitude precisa que impressionaria mais os espectadores e ele entendeu que palavras causariam a mais profunda impressão. Se ele falava no deserto egípcio, diante do cenário da Esfinge e das pirâmides, ou se dirigia a seus homens tremendo nas planícies encharcadas de orvalho da Itália, não fazia diferença. Em todos os momentos ele era o mestre da situação. Mesmo no final, um exílio em uma pequena pedra no meio do Atlântico, um homem doente à mercê de um governador britânico maçante e intolerável, ele segurava o centro do palco.

Após a derrota de Waterloo, ninguém fora de alguns amigos de confiança viu o grande imperador. Os habitantes da Europa sabiam que ele vivia na ilha de Santa Helena — sabiam que uma guarnição britânica o guardava dia e noite — sabiam que a frota britânica guardava a guarnição que guardava o imperador em sua fazenda em Longwood. Mas ele nunca estava fora da mente de um amigo ou inimigo. Quando a doença e o desespero finalmente o afastaram, seus olhos silenciosos continuaram a assombrar o mundo. Até hoje ele é uma força tão grande na vida da França quanto há duzentos anos, quando as pessoas desmaiaram à mera visão daquele homem de rosto pálido que empinava seus cavalos nos mais sagrados templos do Kremlin russo,

Dar-lhe um mero esboço de sua vida exigiria alguns volumes. Para falar de sua grande reforma política do Estado francês, de seus novos códigos de leis que foram adotados na maioria dos países europeus, de suas atividades em todos os campos da atividade pública, seriam necessários milhares de páginas. Mas eu posso explicar em poucas palavras por que ele foi tão bem sucedido durante a primeira parte de sua carreira e por que ele falhou durante os últimos dez anos. Do ano de 1789 até o ano de 1804, Napoleão foi o grande líder da Revolução Francesa. Ele não estava apenas lutando pela glória de seu próprio nome. Ele derrotou a Áustria, Itália, Inglaterra e a Rússia porque ele próprio e seus soldados foram os apóstolos do novo credo da "Liberdade, Fraternidade e Igualdade".

Mas no ano de 1804, Napoleão se fez imperador hereditário dos franceses e mandou o papa Pio VII vir e coroá-lo, assim como Leão III, no

ano 800 havia coroado aquele outro grande rei dos francos, Carlos Magno, cujo exemplo estava constantemente diante dos olhos de Napoleão.

Uma vez no trono, o antigo chefe revolucionário tornou-se uma imitação malsucedida de um monarca dos Habsburgos. Ele esqueceu sua mãe espiritual, o clube político dos jacobinos. Ele deixou de ser o defensor dos oprimidos. Ele se tornou o chefe de todos os opressores e manteve seus esquadrões de tiro prontos para executar aqueles que ousaram se opor à sua vontade imperial. Ninguém havia derramado uma lágrima quando, no ano de 1806, os tristes restos do Sacro Império Romano foram carregados para a lata de lixo histórica e quando a última relíquia da antiga glória romana foi destruída pelo neto de um camponês italiano. Mas quando os exércitos napoleônicos invadiram a Espanha, forçaram os espanhóis a reconhecer um rei que detestavam, massacraram os pobres madrilenos que permaneceram fiéis a seus antigos governantes, então a opinião pública voltou-se contra o ex-herói de Marengo e Austerlitz e uma centena de outras batalhas revolucionárias. Então, e só então, quando Napoleão não era mais o herói da revolução, mas a personificação de todos os maus traços do Antigo Regime, era possível que a Inglaterra desse direção ao sentimento de ódio que se espalhava rapidamente e que estava transformando todos os homens honestos em inimigos do imperador francês.

O povo inglês desde o início sentiu-se profundamente enojado quando seus jornais lhes contaram os terríveis detalhes do Terror. Eles haviam encenado sua própria grande revolução (durante o reinado de Carlos I) um século antes. Tinha sido um caso muito simples em comparação com a agitação de Paris. Aos olhos do inglês médio, um jacobino era um monstro a ser baleado à vista e Napoleão era o chefe do diabo. A frota britânica bloqueara a França desde o ano de 1798. O plano de Napoleão de invadir a Índia via Egito era estragado e forçara-o a uma retirada ignominiosa, depois de suas vitórias ao longo das margens do Nilo. E finalmente, no ano de 1805, a Inglaterra teve a oportunidade de ter esperado por tanto tempo.

Perto do Cabo Trafalgar, na costa sudoeste da Espanha, Nelson aniquilou a frota napoleônica, sem chance de uma possível recuperação. Daquele momento em diante, o imperador estava sem litoral. Mesmo assim, ele teria sido capaz de se manter como o governante reconhecido do continente, se tivesse entendido os sinais dos tempos e aceitado a honrosa paz que os poderes lhe ofereciam. Mas Napoleão havia

sido cegado pelo brilho de sua própria glória. Ele não reconheceria iguais. Ele não podia tolerar rivais. E seu ódio se voltou contra a Rússia, a terra misteriosa das planícies intermináveis com seu inesgotável suprimento de carne de canhão (dispensáveis em cenário de guerra).



Enquanto a Rússia era governada por Paulo I, o filho tolo de Catarina II, Napoleão sabia como lidar com a situação. Mas Paulo tornou-se cada vez mais irresponsável até que seus súditos exasperados foram obrigados a matá-lo (para que todos não fossem enviados às minas siberianas) e o filho de Paulo, o imperador Alexandre, não compartilhava o afeto de seu pai pelo usurpador a quem ele considerado como o inimigo da humanidade, o eterno perturbador da paz. Ele era um homem piedoso que acreditava ter sido escolhido por Deus para libertar o mundo da maldição corsa. Ele se juntou à Prússia, Inglaterra e Áustria e foi derrotado. Ele tentou cinco vezes e cinco vezes ele falhou. No ano de 1812 ele mais uma vez insultou Napoleão até o imperador francês, em uma fúria cega, jurou que ditaria a paz em Moscou. Então, de longe, da Espanha, Alemanha, Holanda, Itália e Portugal, regimentos involuntários foram levados para o norte, para que o orgulho ferido do grande imperador pudesse ser devidamente vingado. O resto da história é de conhecimento comum. Após uma marcha de dois meses, Napoleão chegou à capital russa e estabeleceu sua sede no santo Kremlin. Na noite de 15 de setembro do ano de 1812, Moscou pegou fogo. A cidade queimou quatro dias. Quando a noite do quinto dia chegou, Napoleão deu a ordem para o retiro. Duas semanas depois, começou a nevar. O exército arrastou-se pela lama e pelo granizo até o dia 26 de novembro, quando o rio Berezina foi atingido. Então os ataques russos começaram com toda a seriedade. Os cossacos cercavam o "Grande

Armée", que não era mais um exército, mas uma turba. Em meados de dezembro, o primeiro dos sobreviventes começou a ser visto nas cidades alemãs do Oriente.

Depois houve muitos rumores de uma revolta iminente. "Chegou a hora", disse o povo da Europa, "de nos libertarmos desse jugo insuportável". E começaram a procurar espingardas antigas que haviam escapado aos olhos dos espiões franceses sempre presentes. Mas eles sabiam o que tinha acontecido, Napoleão estava de volta com um novo exército. Ele deixara seus soldados derrotados e, em seu pequeno trenó, avançara para Paris, fazendo um apelo final a mais tropas para defender o solo sagrado da França contra a invasão estrangeira.

Jovens de dezesseis e dezessete anos o seguiram quando ele foi para o leste para encontrar os poderes aliados. Nos dias 16, 18 e 19 de outubro do ano de 1813, ocorreu a terrível batalha de Leipzig, onde durante três dias os meninos de verde e os meninos de azul lutaram entre si até que o Elba ficou vermelho de sangue. Na tarde do dia 17 de outubro, as reservas concentradas da infantaria russa romperam as linhas francesas e Napoleão fugiu.

De volta a Paris ele foi. Ele abdicou em favor de seu filho pequeno, mas as potências aliadas insistiram que Luís XVIII, o irmão do falecido rei Luís XVI, ocupasse o trono francês e, cercado por cossacos e ulanos, o príncipe Bourbon fez sua entrada triunfal em Paris.

Quanto a Napoleão, ele foi nomeado soberano da pequena ilha de Elba, no Mediterrâneo, onde organizou seus cavalariços em um exército em miniatura e travou batalhas em um tabuleiro de xadrez.

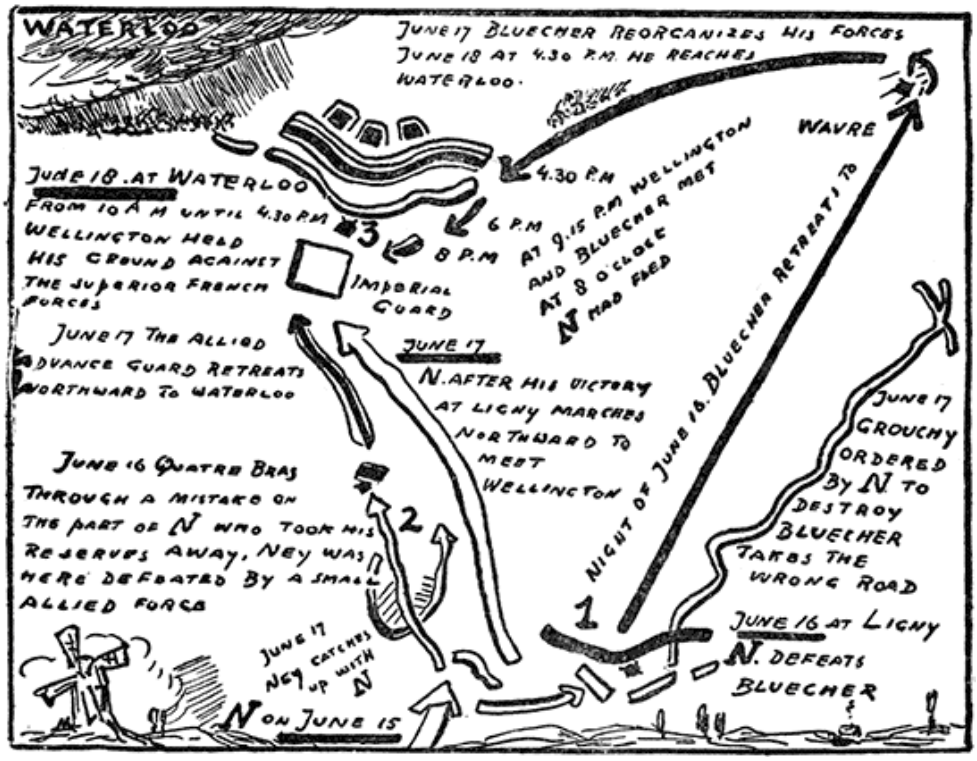
Mas assim que ele deixou a França, as pessoas começaram a perceber o que haviam perdido. Os últimos vinte anos, embora caros, foram um período de grande glória. Paris foi a capital do mundo. O gordo rei Bourbon, que não aprendera nada e não havia esquecido nada durante os dias de seu exílio, desgostou a todos por sua indolência.

No dia primeiro de março do ano de 1815, quando os representantes dos aliados estavam prontos para iniciar o trabalho de desembaralhar o mapa da Europa, Napoleão de repente pousou perto de Cannes. Em menos de uma semana, o exército francês abandonou os Bourbons e correu para o sul, oferecendo suas espadas e baionetas ao "pequeno cabo". Napoleão marchou

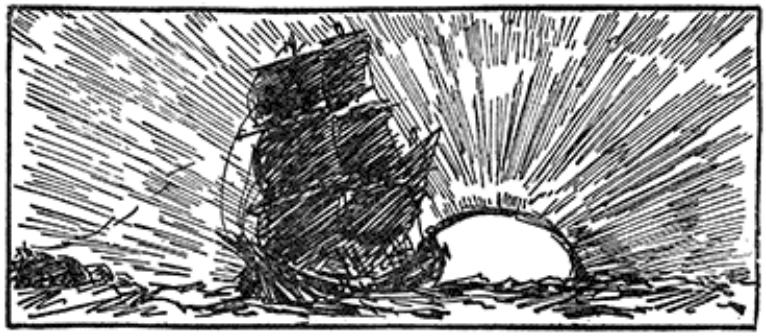
direto para Paris, onde chegou no dia vinte de março. Desta vez ele foi mais cauteloso. Ele ofereceu a paz, mas os aliados insistiram na guerra. Toda a Europa surgiu contra o "corso pérfido". Rapidamente, o imperador marchou para o norte para poder esmagar seus inimigos antes que pudessem unir suas forças. Mas Napoleão não era mais seu antigo eu. Ele sentiu-se mal. Ele se cansou facilmente. Ele dormiu quando deveria estar dirigindo o ataque de sua guarda avançada. Além disso, ele sentia falta de muitos de seus antigos generais fiéis. Eles estavam mortos.

No início de junho, seus exércitos entraram na Bélgica. No dia 16 daquele mês, ele derrotou os prussianos sob o comando de Blucher. Mas um comandante subordinado não conseguiu destruir o exército em retirada, como ele havia sido ordenado a fazer.

Dois dias depois, Napoleão conheceu Wellington perto de Waterloo. Era o dia 18 de junho, um domingo. Às duas horas da tarde, a batalha parecia vencida pelos franceses. Às três horas, uma partícula de poeira apareceu no horizonte a leste. Napoleão acreditava que isso seria a aproximação de sua própria cavalaria, que agora transformaria a derrota inglesa em uma rota. Às quatro horas ele soube melhor. Amaldiçoando e xingando, o velho Blucher levou suas tropas mortas e cansadas para o centro da briga. O choque quebrou as fileiras dos guardas. Napoleão não tinha mais reservas. Ele disse a seus homens que se salvassem da melhor maneira possível e fugiu.



Pela segunda vez, ele abdicou em favor de seu filho. Apenas cem dias depois de sua fuga de Elba, ele estava indo para a costa. Ele pretendia ir para a América. No ano de 1803, por uma mera canção, ele havia vendido a colônia francesa de Luísiana (que corria grande risco de ser capturada pelos ingleses) para a jovem república americana. "Os americanos", disse ele, "serão gratos e me darão um pouco de terra e uma casa onde eu possa passar os últimos dias da minha vida em paz e tranquilidade." Mas a frota inglesa estava vigiando todos os portos franceses. Apanhado entre os exércitos dos Aliados e os navios dos britânicos, Napoleão não teve escolha. Os prussianos pretendiam atirar nele. Os ingleses podem ser mais generosos. Em Rochefort, ele esperou na esperança de que alguma coisa aparecesse. Um mês depois de Waterloo, ele recebeu ordens do novo governo francês para deixar o solo francês dentro de vinte e quatro horas. Sempre o trágico, ele escreveu uma carta ao Príncipe Regente da Inglaterra (Jorge IV, o rei, estava em um asilo de loucos) informando Sua Alteza Real de sua intenção de "lançar-se à mercê de seus inimigos e como Temístocles, para olhar por um bem-vindo na lareira de seus inimigos ... "



Em 15 de julho, ele embarcou no "Belerofonte" e entregou sua espada ao almirante Hotham. Em Plymouth, ele foi transferido para o "Northumberland", que o levou para Santa Helena. Lá ele passou os últimos sete anos de sua vida. Ele tentou escrever suas memórias, brigou com seus guardiões e sonhou com os tempos passados. Curiosamente, ele retornou (pelo menos em sua imaginação) ao seu ponto de partida original. Ele se lembrava dos dias em que lutara nas batalhas da Revolução. Ele tentou se convencer de que sempre fora o verdadeiro amigo daqueles grandes princípios da "Liberdade, Fraternidade e Igualdade" que os soldados maltrapilhos da convenção haviam levado até os confins da terra. Ele gostava de insistir em sua carreira como comandante-em-chefe e cônsul. Ele raramente falava do Império. Às vezes pensava em seu filho, o duque de Reichstadt, a pequena águia, que morava em Viena, onde era tratado como "parente pobre" de seus jovens primos dos Habsburgo, cujos pais haviam tremido com a simples menção do nome dele. Quando o fim chegou, ele estava levando suas tropas à vitória. Ele ordenou que Ney atacasse com os guardas. Então ele morreu.

Mas se você quiser uma explicação para essa estranha carreira, se você realmente deseja saber como um homem poderia governar tantas pessoas por tantos anos pela força de sua vontade, não leia os livros que foram escritos sobre ele. Seus autores ou odiavam o imperador ou o amavam. Você aprenderá muitos fatos, mas é mais importante "sentir a história" do que conhecê-la. Não leia, mas espere até que você tenha a chance de ouvir um bom artista cantar a música chamada "The Two Grenadiers". As palavras foram escritas por Heine, o grande poeta alemão que viveu a era napoleônica. A música era composta por Schumann, um alemão que via o imperador, o inimigo de seu país, sempre que ele vinha visitar seu sogro imperial.

Vá e ouça. Então você entenderá o que milhares de livros não poderiam lhe dizer.

OceanofPDF.com

A SANTA ALIANÇA

Assim que Napoleão foi enviado para St. Helena os lideres que tão frequentemente foram derrotados pelo ódiado Corso encontraram-se em Viena e tentaram desfazer as muitas mudanças que foram trazidas pela Revolução Francesa

As Altezes Imperiais, as Altezas Reais, suas Graças os Duques, os Ministros Extraordinários e Plenipotenciários, juntamente com as excelências comuns e seu exército de secretários, servos e cabides, cujos trabalhos foram tão rudemente interrompidos pelo súbito retorno do terrível Corso (agora suando sob o sol quente de Santa Helena) voltaram para seus empregos. A vitória foi devidamente celebrada com jantares, festas de jardim e bailes nos quais a nova e muito chocante "valsa" foi dançada ao grande escândalo das senhoras e senhores que se lembraram do minueto do antigo regime.

Durante quase uma geração, eles haviam se aposentado. Finalmente o perigo acabou. Eles foram muito eloquentes sobre o assunto das terríveis dificuldades que eles sofreram. E eles esperavam receber uma recompensa por cada centavo perdido nas mãos dos indescritíveis jacobinos que ousaram matar seu rei ungido, que havia abolido as perucas e que havia descartado as calças curtas da corte de Versalhes pelas calças esfarrapadas das favelas parisienses.

Você pode pensar que é absurdo mencionar tal detalhe. Mas, por favor, o Congresso de Viena foi uma longa sucessão de tais absurdos e, por muitos meses, a questão das "calças curtas versus calças compridas" interessou mais aos delegados do que a futura solução dos problemas saxões ou espanhóis. Sua Majestade, o Rei da Prússia, foi tão longe a ponto de encomendar um par de curtas, que ele poderia dar evidência pública de seu desprezo por tudo revolucionário.

Outro potentado alemão, para não ficar para trás neste nobre ódio pela revolução, decretou que todos os impostos que seus súditos pagaram ao usurpador francês deveriam ser pagos uma segunda vez ao governante legítimo que amava seu povo de longe, enquanto eles estavam em poder do ogro Corso. E assim por diante. De um erro a outro, até que alguém ofega e exclama "mas por que o povo não objetou?" Por que não, de fato? Porque as pessoas estavam completamente exaustas, estavam desesperadas, não se importavam com o que acontecesse, como ou onde ou por quem eram governadas, desde que houvesse paz. Eles estavam doentes e cansados da guerra, da revolução e reforma.

Nos anos oitenta do século XIX, todos dançaram em torno da árvore da liberdade. Os príncipes tinham abraçado seus cozinheiros e as duquesas haviam dançado o Carmagnole com seus lacaios na crença sincera de que o Milênio da Igualdade e da Fraternidade havia finalmente passado por esse mundo perverso. Em vez do Milênio, eles haviam sido visitados pelo comissário revolucionário que havia colocado uma dúzia de soldados sujos em sua sala e roubado a chapa da família quando retornou a Paris para informar seu governo sobre o entusiasmo com que o "país libertado" havia recebido a Constituição que o povo francês havia apresentado aos seus bons vizinhos.

Quando ouviram como o último surto de desordem revolucionária em Paris fora reprimido por um jovem oficial chamado Bonaparte, que entregara suas armas à turba, deram um suspiro de alívio. Um pouco menos de liberdade, fraternidade e igualdade parecia uma coisa muito desejável. Mas, em pouco tempo, o jovem oficial Bonaparte tornou-se um dos três cônsules da República Francesa, depois único cônsul e finalmente imperador. Como ele era muito mais eficiente do que qualquer governante que já havia sido visto antes, sua mão pressionou fortemente seus pobres súditos. Ele não lhes mostrou misericórdia. Ele impressionou seus filhos em seus exércitos, ele casou suas filhas com seus generais e ele tirou suas fotos e fez suas estátuas para enriquecer seus próprios museus. Ele transformou toda a Europa em um acampamento armado e matou quase uma geração inteira de homens.



Agora ele se foi, e as pessoas (exceto alguns militares profissionais) tinham apenas um desejo. Eles queriam ser deixados em paz. Por um tempo, eles foram autorizados a governar a si mesmos, a votar em prefeitos, vereadores e juízes. O sistema tinha sido um fracasso terrível. Os novos governantes eram inexperientes e extravagantes. De puro desespero as pessoas se voltaram para os homens representativos do antigo regime. "Você nos governa", diziam eles, "como você costumava fazer. Diga-nos o que devemos a você pelos impostos e nos deixe em paz. Estamos ocupados consertando os danos da era da liberdade."

Os homens que conduziram o famoso congresso certamente fizeram o possível para satisfazer esse desejo de descanso e tranquilidade. A Santa Aliança, o principal resultado do Congresso, fez do policial o mais importante dignitário do Estado e realizou a mais terrível punição para aqueles que ousaram criticar um único ato oficial.

A Europa tinha paz, mas era a paz do cemitério.

Os três homens mais importantes em Viena eram o imperador Alexandre da Rússia, Metternich, que representava os interesses da casa austríaca dos Habsburgos, e Talleyrand, o antigo bispo de Autun, que havia conseguido superar as diferentes mudanças no governo francês pela força de sua astúcia e que agora viajou para a capital austríaca para salvar para seu país tudo o que poderia ser salvo da ruína napoleônica. Como o jovem alegre de limerick, que nunca soube quando foi desprezado, esse não convidado veio à festa e comeu com a mesma intensidade que se tivesse sido realmente convidado. De fato, em pouco tempo, ele estava sentado à cabeceira da mesa entretendo a todos com suas histórias divertidas e ganhando a companhia.



Antes de estar em Viena, vinte e quatro horas, ele sabia que os aliados estavam divididos em dois campos hostis. De um lado estavam a Rússia, que queria tomar a Polônia, e a Prússia, que queria anexar a Saxônia; e do outro lado estavam a Áustria e a Inglaterra, que tentavam impedir essa tomada porque era contra o próprio interesse que a Prússia ou a Rússia pudessem dominar a Europa. Talleyrand jogou os dois lados uns contra os outros com grande habilidade e foi devido aos seus esforços que o povo francês não sofreu pelos dez anos de opressão que a Europa tinha sofrido nas mãos dos oficiais imperiais. Ele argumentou que o povo francês não tinha escolha no assunto. Napoleão os forçou a agir de acordo com suas ordens. Mas Napoleão se foi e Luís XVIII estava no trono. "Dê a ele uma

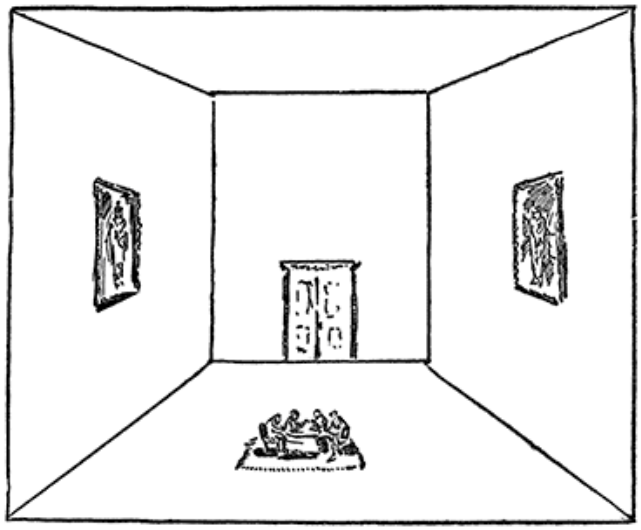
chance", implorou Talleyrand. E os Aliados, satisfeitos em ver um rei legítimo no trono de um país revolucionário, renderam-se de bom grado e os Bourbons tiveram a chance, da qual fizeram tal uso e que foram expulsos depois de quinze anos.

O segundo homem do triunvirato de Viena foi Metternich, o primeiro-ministro austríaco, o líder da política externa da casa dos Habsburgos. Wenzel Lothar, Príncipe de Metternich-Winneburg, foi exatamente o que o nome sugere. Ele era um Grande Seigneur, um cavalheiro muito bonito, com modos muito bons, imensamente rico e muito capaz, mas o produto de uma sociedade que vivia a mil milhas de distância das multidões suadas que trabalhavam nas cidades e nas fazendas. Quando jovem, Metternich estudava na Universidade de Strassburg quando a Revolução Francesa eclodiu. Strassburg, a cidade que deu origem à Marselhesa, tinha sido um centro de atividades jacobinas. Metternich lembrou que sua agradável vida social havia sido tristemente interrompida, que muitos cidadãos incompetentes foram repentinamente convocados para realizar tarefas para as quais não estavam em condições, que a turba havia celebrado a aurora da nova liberdade pelo assassinato de pessoas perfeitamente inocentes. Ele não conseguiu ver o sincero entusiasmo das massas, o raio de esperança aos olhos de mulheres e crianças que levavam pão e água para as tropas irregulares da Convenção, marchando pela cidade de frente a caminho de uma morte gloriosa para a pátria francesa.

A coisa toda enchera o jovem austríaco de desgosto. Foi incivilizado. Se houvesse qualquer luta a ser feita, isso deveria ser feito por homens jovens em lindos uniformes, correndo pelos campos verdes em cavalos bem-vestidos. Mas transformar um país inteiro em um acampamento armado de cheiro maligno, onde vagabundos eram promovidos à noite para serem generais, isso era tanto perverso quanto sem sentido. “Veja o que veio de todas as suas boas ideias”, ele dizia aos diplomatas franceses que ele conheceu em um pequeno e tranquilo jantar oferecido por um dos inumeráveis grão-duques austríacos. “Você queria liberdade, igualdade e fraternidade e conseguiu Napoleão. Quanto melhor teria sido se você tivesse ficado contente com a ordem existente das coisas.” E ele explicaria seu sistema de “estabilidade”. Ele advogaria um retorno à normalidade dos bons velhos tempos antes da guerra, quando todos estavam felizes e

ninguém falava bobagens sobre “todo mundo sendo tão bom quanto todos os outros”. Nessa atitude ele era totalmente sincero e como ele era um homem capaz de grande força de vontade e um tremendo poder de persuasão, ele era um dos mais perigosos inimigos das idéias revolucionárias. Ele não morreu até o ano de 1859 e, portanto, viveu tempo suficiente para ver o completo fracasso de todas as suas políticas, quando foram varridos pela revolução do ano de 1848. Ele então se viu o homem mais odiado da Europa e mais de uma vez correu o risco de ser linchado por multidões enfurecidas de cidadãos indignados. Mas até o último, ele permaneceu firme em sua crença de que ele tinha feito a coisa certa.

Ele sempre estivera convencido de que as pessoas preferiam a paz à liberdade e tentara dar-lhes o que era melhor para elas. E com toda a justiça, deve ser dito que seus esforços para estabelecer a paz universal foram bastante bem sucedidos. As grandes potências não voaram na garganta um do outro por quase quarenta anos, na verdade não até a guerra da Crimeia entre a Rússia e a Inglaterra, França, Itália e Turquia, no ano de 1854. Isso significa um recorde para o continente europeu.



O terceiro herói deste congresso valsíssimo foi o imperador Alexandre. Ele fora criado na corte de sua avó, a famosa Catarina, a Grande. Entre as lições dessa velha astuta, que lhe ensinou a considerar a glória da Rússia como a coisa mais importante da vida, e as de seu professor particular, um admirador suíço de Voltaire e Rousseau, que preencheu sua mente com um amor generalizado pela humanidade, o menino cresceu para ser uma mistura estranha de um tirano egoísta e um

revolucionário sentimental. Ele havia sofrido grandes indignidades durante a vida de seu pai louco, Paulo I. Ele tinha sido obrigado a testemunhar o massacre massivo dos campos de batalha napoleônicos. Então a maré virou. Seus exércitos haviam ganho o dia para os Aliados.

Mas Alexandre não era muito inteligente. Ele não conhecia homens e mulheresda mesma forma que Talleyrand e Metternich os conheciam. Ele não entendeu o estranho jogo da diplomacia. Ele era vaidoso (quem não estaria sob as circunstâncias?) E adorava ouvir o aplauso da multidão e logo ele se tornara a principal "atração" do congresso, enquanto Metternich e Talleyrand e Castlereagh (o competente representante britânico) se sentaram ao redor de uma mesa e beberam uma garrafa de Tokay e decidiram o que realmente seria feito. Eles precisavam da Rússia e, portanto, eram muito educados com Alexandre, mas quanto menos ele pessoalmente tinha a ver com o trabalho real do Congresso, melhor ficavam satisfeitos.

Alexandre era uma pessoa sociável que gostava de ir a festas e conhecer pessoas. Em tais ocasiões, ele estava feliz e alegre, mas havia um elemento muito diferente em seu caráter. Ele tentou esquecer algo que ele não podia esquecer. Na noite de 23 de março do ano de 1801, ele estava sentado em uma sala do Palácio São Miguel, em Petersburgo, aguardando a notícia da abdicação de seu pai. Mas Paulo recusara-se a assinar o documento que os oficiais bêbados haviam colocado diante dele sobre a mesa e, em sua fúria, colocaram um lenço em seu pescoço e o estrangularam até a morte. Então eles desceram para contar a Alexandre que ele era o Imperador de todas as terras russas.

A lembrança dessa noite terrível ficou com o Czar, que era uma pessoa muito sensível. Ele havia sido educado na escola dos grandes filósofos franceses que não acreditavam em Deus, mas na Razão Humana. Mas só a Razão não podia satisfazer o Imperador em sua situação. Ele começou a ouvir vozes e a ver as coisas. Ele tentou encontrar um meio pelo qual pudesse se encaixar com sua consciência. Ele se tornou muito piedoso e começou a se interessar pelo misticismo, aquele estranho amor pelo misterioso e pelo desconhecido que é tão antigo quanto os templos de Tebas e Babilônia.

A tremenda emoção da grande era revolucionária influenciou o caráter das pessoas daquele dia de uma forma estranha. Homens e mulheres que viveram vinte anos de ansiedade e medo não eram mais normais. Eles

pulavam sempre que a campainha tocava. Pode significar a notícia da "morte no campo da honra" de um único filho. As frases sobre "amor fraternal" e "liberdade" da Revolução eram palavras vazias nos ouvidos de camponeses gravemente feridos. Eles se apegaram a qualquer coisa que pudesse lhes dar um novo controle sobre os terríveis problemas da vida. Em sua tristeza e miséria, foram facilmente impostas por um grande número de impostores que se apresentavam como profetas e pregavam uma estranha nova doutrina que eles extraíam das passagens mais obscuras do Livro das Revelações.

No ano de 1814, Alexandre, que já havia consultado um grande número de doutores milagres, ouviu falar de uma nova vidente que estava predizendo a vinda do mundo e estava exortando as pessoas a se arrependerem antes que fosse tarde demais. A baronesa Barbara Juliane von Krüdener, a senhora em questão, era uma mulher russa de idade incerta e reputação semelhante que fora mulher de um diplomata russo nos tempos do imperador Paulo. Ela havia desperdiçado o dinheiro do marido e o desgraçara com seus estranhos casos de amor. Ela viveu uma vida muito dissoluta até que seus nervos cederam e por um tempo ela não estava em seu juízo perfeito. Então ela foi convertida pela visão da morte repentina de um amigo. Depois disso, ela desprezou toda a alegria. Ela confessou seus antigos pecados a seu sapateiro, um devoto irmão moraviano, um seguidor do antigo reformador John Huss, que havia sido queimado por suas heresias pelo Concílio de Constança no ano de 1415.

Nos dez anos seguintes, a baronesa passou na Alemanha fazendo uma espécie de "conversão" de reis e príncipes. Convencer Alexandre, o Salvador da Europa, do erro de seus caminhos era a maior ambição de sua vida. E como Alexandre, em sua miséria, estava disposto a ouvir qualquer um que lhe trouxesse um raio de esperança, o encontro foi facilmente organizado. Na noite de quatro de junho do ano de 1815, ela foi admitida na tenda do imperador. Ela o encontrou lendo a Bíblia dele. Nós não sabemos o que ela disse a Alexandre, mas quando ela o deixou três horas depois, ele foi banhado em lágrimas, e prometeu que "finalmente sua alma encontrou a paz". Daquele dia em diante, a baronesa era sua fiel companheira e sua conselheira espiritual.

Você pode perguntar por que eu conto essa história com tantos detalhes? Não são as mudanças sociais do século XIX de maior importância

do que a carreira de uma mulher desequilibrada que seria melhor esquecer? É claro que existem, mas existe um grande número de livros que lhe dirão essas outras coisas com grande exatidão e em grande detalhe. Eu quero que você aprenda algo mais dessa história do que uma mera sucessão de fatos. Eu quero que você se aproxime de todos os eventos históricos em um estado de espírito que não tomará nada como garantido. Não fique satisfeito com a mera afirmação de que "tal e tal coisa aconteceu então e ali".

Eu não quero que você pense na Santa Aliança como um pedaço de papel que foi assinado no ano de 1815 e está morto e esquecido em algum lugar nos arquivos do estado. Pode ser esquecido, mas não está de modo algum morto. A Santa Aliança foi diretamente responsável pela promulgação da Doutrina Monroe, e a Doutrina Monroe da América para os americanos tem uma influência muito distinta sobre a sua própria vida. Essa é a razão pela qual eu quero que você saiba exatamente como este documento passou a existir e quais os motivos reais que estavam por trás dessa manifestação externa de piedade e devoção cristã ao dever.

A Santa Aliança foi o trabalho conjunto de um homem infeliz que sofreu um terrível choque mental e que estava tentando pacificar sua alma muito perturbada, e de uma mulher ambiciosa que depois de uma vida perdida perdeu sua beleza e sua atração e que estava satisfeita sua vaidade e seu desejo de notoriedade, assumindo o papel de autodesignado Messias de um novo e estranho credo. Eu não estou dando nenhum segredo quando lhes digo estes detalhes. Tais pessoas de mente sóbria como Castlereagh, Metternich e Talleyrand entenderam plenamente as habilidades limitadas da Baronesa sentimental. Teria sido fácil para Metternich mandá-la de volta para suas propriedades alemãs. Algumas linhas para o todo-poderoso comandante da polícia imperial e a coisa estava pronta.

Mas a França, a Inglaterra e a Áustria dependiam da boa vontade da Rússia. Eles não podiam se dar ao luxo de ofender Alexandre. E eles toleraram a velha e boba baronesa porque precisavam. E enquanto eles consideravam a Santa Aliança como lixo absoluto e não valiam o papel sobre o qual ela estava escrita, eles escutaram pacientemente o Tsar quando ele leu o primeiro rascunho dessa tentativa de criar a Irmandade dos Homens sobre a base das Santas Escrituras. Pois é isso que a Santa Aliança tentou fazer, e os signatários do documento declararam solenemente que

"na administração de seus respectivos estados e em suas relações políticas com todos os outros governos, tomam como guia único os preceitos da Sagrada Religião", ou seja, os preceitos da Justiça, Caridade Cristã e Paz, que longe de serem aplicáveis apenas às preocupações privadas devem ter uma influência imediata nos conselhos dos príncipes e devem orientar todos os seus passos como sendo o único meio de consolidar as instituições humanas e remediar suas imperfeições. ”Eles então prometeram um ao outro que permaneceriam unidos“ pelos laços de uma fraternidade verdadeira e indissolúvel, e considerando uns aos outros como compatriotas, em todas as ocasiões e em todos os lugares, prestariam ajuda e assistência uns aos outros. E mais palavras para o mesmo efeito.

Por fim, a Santa Aliança foi assinada pelo Imperador da Áustria, que não entendeu uma palavra dela. Foi assinado pelos Bourbons que precisavam da amizade dos velhos inimigos de Napoleão. Foi assinado pelo rei da Prússia, que esperava conquistar Alexandre por seus planos para uma "maior Prússia" e por todas as pequenas nações da Europa que estavam à mercê da Rússia. A Inglaterra nunca assinou, porque Castlereagh achou a coisa toda um teatro. O papa não assinou porque se ressentiu dessa interferência em seus negócios por um ortodoxo grego e um protestante. E o sultão não assinou porque nunca ouviu falar disso.

A massa geral do povo europeu, no entanto, logo foi forçada a tomar conhecimento. Por trás das frases vazias da Santa Aliança estavam os exércitos da Aliança Quíntupla que Metternich criara entre as grandes potências. Esses exércitos significavam negócios. Deixam saber que a paz da Europa não deve ser perturbada pelos chamados liberais que, na realidade, eram apenas jacobinos disfarçados, e esperavam pelo retorno dos dias revolucionários. O entusiasmo pelas grandes guerras de libertação dos anos 1812, 1818, 1814 e 1815 começara a desaparecer. Tinha sido seguido por uma crença sincera na vinda de um dia mais feliz. Os soldados que tinham suportado o peso da batalha queriam paz e disseram isso.

Mas eles não queriam o tipo de paz que a Santa Aliança e o Conselho das potências européias lhes haviam concedido. Eles gritaram que tinham sido traídos. Mas eles foram cuidadosos para que não fossem ouvidos por um espião da polícia secreta. A reação foi vitoriosa. Foi uma reação causada por homens que sinceramente acreditavam que seus métodos eram necessários para o bem da humanidade. Mas era tão difícil suportar como se

suas intenções tivessem sido menos gentis. E isso causou muito sofrimento desnecessário e retardou muito o progresso ordeiro do desenvolvimento político.

OceanofPDF.com

A GRANDE REAÇÃO

Eles tentaram garantir ao mundo uma era de paz ininterrupta ao sufocar todas as novas idéias. Eles fizeram a polícia espiã — a mais alta função do estado e logo as prisões de todos os países ficaram cheias daqueles que reivindicaram que as pessoas tinham o direito de se governar

Desfazer o dano causado pela grande inundação napoleônica era quase impossível. Cercas antigas haviam sido lavadas. Os palácios de duas dinastias foram danificados de tal forma que tiveram que ser condenados como inabitáveis. Outras residências reais foram grandemente aumentadas à custa de vizinhos menos afortunados. As estranhas probabilidades e os fins da doutrina revolucionária haviam sido deixados para trás pelas águas que recuavam e não podiam ser expelidas sem perigo para toda a comunidade. Mas os engenheiros políticos do Congresso fizeram o melhor que puderam e foi isso que conseguiram. Parecia bom para a paz da Europa e essa era a principal consideração.

A França havia perturbado a paz do mundo por tantos anos que as pessoas passaram a temer o país quase instintivamente. Os Bourbons, através da boca de Talleyrand, prometeram ser bons, mas os Cem Dias ensinaram à Europa o que esperar se Napoleão conseguir escapar pela segunda vez. A República Holandesa, portanto, foi transformada em um Reino e a Bélgica (que não aderiu à luta holandesa pela independência no século XVI e desde então fazia parte dos domínios dos Habsburgos, sob o domínio espanhol e depois sob o domínio austríaco). foi feito parte deste novo reino dos Países Baixos. Ninguém queria essa união no Norte Protestante ou no Sul Católico, mas nenhuma pergunta foi feita.

A Polônia esperava grandes coisas porque um polonês, o príncipe Adam Czartoryski, era um dos amigos mais íntimos do czar Alexandre e fora seu constante conselheiro durante a guerra e no Congresso de Viena. Mas a Polônia foi feita uma parte semi-independente da Rússia, com Alexandre como seu rei. Esta solução não agradou a ninguém e causou muitas sensações amargas e três revoluções.

A Dinamarca, que havia permanecido fiel aliada de Napoleão até o fim, foi severamente punida. Sete anos antes, uma frota inglesa tinha navegado pelo Kattegat e, sem uma declaração de guerra ou qualquer advertência, havia bombardeado Copenhague e retirado a frota dinamarquesa, para não ser valiosa para Napoleão. O Congresso de Viena foi um passo além. A Noruega (que desde a união de Calmar do ano de 1397 se uniu à Dinamarca) se distanciou da Dinamarca e a deu a Carlos XIV da Suécia como recompensa por sua traição a Napoleão, que o estabelecera no negócio do rei. Este rei sueco, curiosamente, era um ex-general francês chamado Bernadotte, que tinha chegado à Suécia como um dos ajudantes de Napoleão, e tinha sido convidado para o trono daquele bom país quando o último dos governantes da casa de Holstein-Gottorp morreu sem deixar filho nem filha. De 1815 até 1844, ele governou seu país adotivo (a língua da qual ele nunca aprendeu) com grande habilidade. Ele era um homem inteligente e gostava do respeito tanto de seus súditos suecos quanto noruegueses, mas não conseguiu juntar-se a dois países que a natureza e a história separaram. O estado escandinavo duplo nunca foi um sucesso e, em 1905, a Noruega, de uma maneira mais pacífica e ordeira, estabeleceu-se como um reino independente e os suecos disseram-lhe “boa sorte” e muito sabiamente a deixaram seguir seu próprio caminho.

Os italianos, que desde os tempos do Renascimento estiveram à mercê de uma longa série de invasores, também depositaram grandes esperanças no general Bonaparte. O imperador Napoleão, porém, desapontou-os gravemente. Em vez da Itália unida que o povo queria, haviam sido divididos em pequenos principados, ducados, repúblicas e no Estado papal, que (ao lado de Nápoles) era a região mais mal governada e mais miserável de toda a península. O Congresso de Viena aboliu algumas das repúblicas napoleônicas e em seu lugar ressuscitou vários principados antigos que foram dados a membros merecedores, tanto homens quanto mulheres, da família dos Habsburgos.

Os pobres espanhóis, que haviam iniciado a grande revolta nacionalista contra Napoleão, e que haviam sacrificado o melhor sangue do país por seu rei, foram severamente punidos quando o Congresso permitiu que Sua Majestade retornasse a seus domínios. Esta criatura cruel, conhecida como Fernando VII de Espanha, passou os últimos quatro anos de sua vida como prisioneiro de Napoleão. Ele havia melhorado seus dias tricotando roupas para as estátuas de seus santos padroeiros favoritos. Ele comemorou seu retorno reintroduzindo a Inquisição e a câmara de tortura, ambas abolidas pela Revolução. Ele era uma pessoa repugnante, desprezada tanto pelos seus súditos quanto pelas suas quatro esposas, mas a Santa Aliança o manteve em seu legítimo trono e todos os esforços dos espanhóis decentes para se livrar dessa maldição e fazer da Espanha um reino constitucional terminaram em derramamento de sangue e execuções.

Portugal estava sem rei desde o ano de 1807, quando a família real fugiu para as colônias no Brasil. O país tinha sido usado como base de abastecimento para os exércitos de Wellington durante a guerra da Península, que durou de 1808 até 1814. Depois de 1815, Portugal continuou a ser uma espécie de província britânica até a casa de Bragança regressar ao trono, deixando um de seus membros no Rio de Janeiro como Imperador do Brasil, o único Império Americano que durou mais de alguns anos, e que chegou ao fim em 1889, quando o país se tornou uma república.

No leste, nada foi feito para melhorar as terríveis condições tanto dos eslavos quanto dos gregos que ainda eram súditos do sultão. No ano de 1804, Jorge Negro, um suiniano-servo (fundador da dinastia Karageorgevich) iniciara uma revolta contra os turcos, mas fora derrotado por seus inimigos e havia sido assassinado por um de seus supostos amigos, o líder servo rival, chamado Milosh Obrenovich, (que se tornou o fundador da dinastia Obrenovich) e os turcos continuaram a ser os mestres indiscutíveis dos Balcãs.

Os gregos, que desde a perda de sua independência, dois mil anos antes, foram súditos dos macedônios, dos romanos, dos venezianos e dos turcos, esperavam que seu conterrâneo, Capo d'Istria, natural de Corfu e junto com Czartoryski, os amigos pessoais mais íntimos de Alexandre, faria algo por eles. Mas o Congresso de Viena não estava interessado em gregos, mas estava muito interessado em manter todos os monarcas "legítimos",

cristãos, muçulmanos e outros, em seus respectivos tronos. Portanto, nada foi feito.

O último, mas talvez o maior erro do Congresso foi o tratamento da Alemanha. A Reforma e a Guerra dos Trinta Anos destruíram não só a prosperidade do país, mas também a transformaram em um monte de lixo político sem esperança, consistindo de um par de reinos, alguns grão-ducados, um grande número de ducados e centenas de margravata , principados, baronies, eleitorados, cidades livres e aldeias livres, governados pelo mais estranho sortimento de potentados que já foi visto fora do palco da ópera cômica. Frederico, o Grande, mudou isso quando criou uma forte Prússia, mas este estado não lhe sobreviveu por muitos anos.

Napoleão havia decifrado o pedido de independência da maioria desses pequenos países, e apenas 52 de um total de mais de trezentos sobreviveram ao ano de 1806. Durante os anos da grande luta pela independência, muitos jovens soldados sonhava com uma nova pátria que deveria ser forte e unida. Mas não pode haver união sem uma liderança forte, e quem seria esse líder?

Havia cinco reinos nas terras de fala alemã. Os governantes de dois desses, Áustria e Prússia, eram reis pela graça de Deus. Os governantes de outros três, Baviera, Saxônia e Wurtemberg, eram reis da Graça de Napoleão, e como eles tinham sido os capangas fiéis do Imperador, seu crédito patriótico com os outros alemães não era, portanto, muito bom.

Foi terrivelmente humilhante para as pessoas que sacrificaram tudo por um ideal nacional. Mas o Congresso não estava interessado nos sentimentos particulares dos "sujeitos" e o debate foi encerrado.

Alguém se opôs? Mais seguramente. Assim que o primeiro sentimento de ódio contra Napoleão se aquietou — assim que o entusiasmo da grande guerra diminuiu — assim que o povo chegou à plena conclusão do crime que havia sido cometido em nome da "paz e estabilidade"eles começaram a murmurar. Eles até fizeram ameaças de revolta aberta. Mas o que eles poderiam fazer? Eles eram impotentes. Eles estavam à mercê do sistema policial mais impiedoso e eficiente que o mundo já havia visto.

Os membros do Congresso de Viena acreditavam, honestamente e sinceramente, que “o Princípio Revolucionário levara à usurpação

criminosa do trono do antigo imperador Napoleão”. Eles achavam que eram chamados a erradicar os adeptos do chamado “ideal francês", assim como Filipe II tinha apenas seguido a voz de sua consciência quando ele queimou protestantes ou enforcou mouros. No início do século XVI, um homem que não acreditava no direito divino do papa de governar seus súditos como julgava adequado era um "herege" e era dever de todos os cidadãos leais matá-lo. No início do século XIX, no continente europeu, um homem que não acreditasse no direito divino de seu rei governá-lo como ele ou seu primeiro-ministro julgavam adequado, era um "herege", e era o dever de todos os cidadãos leais denunciá-lo ao policial mais próximo e vê-lo punido.

Mas os governantes do ano de 1815 haviam aprendido eficiência na escola de Napoleão e cumpriram sua tarefa muito melhor do que no ano de 1517. O período entre o ano de 1815 e o ano de 1860 foi a grande época do espião político. Espiões estavam por toda parte. Eles viviam em palácios e eles podiam ser encontrados nos bares mais baratos. Eles espiaram através dos orifícios do gabinete ministerial e ouviram as conversas das pessoas que estavam tomando ar nas bancadas do Parque Municipal. Eles guardavam a fronteira para que ninguém partisse sem um passaporte devidamente informado e inspecionaram todos os pacotes, para que nenhum livro com perigosas "idéias francesas" entrasse no reino de seus mestres reais. Eles sentaram-se entre os estudantes na sala de aula e ai do Professor que pronunciou uma palavra contra a ordem existente de coisas. Eles seguiram os meninos e meninas a caminho da igreja, para não brincarem com a prostituta.

Em muitas dessas tarefas eles foram assistidos pelo clero. A igreja sofreu muito durante os dias da revolução. A propriedade da igreja foi confiscada. Vários padres haviam sido mortos e a geração que havia aprendido seu catecismo com Voltaire e Rousseau e os outros filósofos franceses dançara em volta do Altar da Razão quando o Comitê de Salvação Pública aboliu a adoração a Deus em outubro de 1793. Os padres tinha seguido os "emigrados" em seu longo exílio. Agora eles voltaram na esteira dos exércitos aliados e se puseram a trabalhar com uma vingança.

Até mesmo os jesuítas voltaram em 1814 e retomaram seus antigos trabalhos de educação dos jovens. Sua ordem tinha sido um pouco bem sucedida em sua luta contra os inimigos da igreja. Estabeleceu "províncias"

em todas as partes do mundo, para ensinar aos nativos as bênçãos do cristianismo, mas logo se transformou em uma empresa de comércio regular que estava sempre interferindo com as autoridades civis. Durante o reinado do Marquês de Pombal, o grande ministro da reforma de Portugal, eles foram expulsos das terras portuguesas e no ano de 1773, a pedido da maioria das potências católicas da Europa, a ordem havia sido suprimida pelo papa Clemente XIV. Agora estavam de volta ao trabalho e pregavam os princípios de “obediência” e “amor pela legítima dinastia” a crianças cujos pais haviam contratado vitrines para que pudessem rir de Maria Antonieta dirigindo-se ao cadafalso que acabaria com a sua miséria.

Mas nos países protestantes como a Prússia, as coisas não eram muito melhores. Os grandes líderes patrióticos do ano de 1812, os poetas e os escritores que haviam pregado uma guerra santa contra o usurpador, eram agora considerados perigosos “demagogos”. Suas casas eram revistadas. Suas cartas foram lidas. Eles foram obrigados a informar a polícia em intervalos regulares e dar conta de si mesmos. O mestre de treinamento prussiano foi solto em toda a sua fúria contra a geração mais jovem. Quando um grupo de estudantes celebrava o tricentenário da Reforma com festas ruidosas mas inofensivas no velho Wartburg, os burocratas prussianos tinham visões de uma revolução iminente. Quando um estudante de teologia, mais honesto do que inteligente, matou um espião do governo russo que operava na Alemanha, as universidades foram colocadas sob supervisão policial e os professores foram presos ou demitidos sem qualquer forma de julgamento.

A Rússia, claro, era ainda mais absurda nessas atividades anti-revolucionárias. Alexandre havia se recuperado de seu ataque de piedade. Ele foi gradualmente à deriva em direção à melancolia. Ele conhecia bem suas próprias habilidades limitadas e entendia como em Viena ele havia sido vítima de Metternich e da mulher Krudener. Cada vez mais ele dava as costas para o oeste e se tornava um governante verdadeiramente russo cujos interesses residiam em Constantinopla, a velha cidade sagrada que fora a primeira professora dos eslavos. Quanto mais velho ele crescia, mais ele trabalhava e menos conseguia. E enquanto ele estava sentado em seu escritório, seus ministros transformaram toda a Rússia em uma terra de quartéis militares.

Não é uma imagem bonita. Talvez eu possa ter encurtado essa descrição da Grande Reação. Mas é bom que você tenha um conhecimento profundo dessa era. Não foi a primeira vez que uma tentativa foi feita para acertar o relógio da história. O resultado foi o habitual.

OceanofPDF.com

INDEPENDÊNCIA NACIONAL

O amor da independência nacional, entretanto era forte demais para ser destruído. Os sul-americanos foram primeiros a rebelar contra as medidas reacionadoras do congresso de Viena, Grécia, Bélgica, Espanha e um grande número de outros países do continente europeu seguiram o processo e o século XIX foi invadido por rumores de muitas guerras de independência

Não servirá a nenhum bom propósito dizer “se apenas o Congresso de Viena tivesse feito tal e tal coisa em vez de tomar tal e tal curso, a história da Europa no século dezenove teria sido diferente”. O Congresso de Viena foi uma reunião de homens que acabaram de passar por uma grande revolução e por vinte anos de guerra terrível e quase contínua. Eles se uniram com o propósito de dar à Europa aquela “paz e estabilidade” que eles achavam que as pessoas precisavam e queriam. Eles eram o que chamamos de reacionários. Eles sinceramente acreditavam na incapacidade da massa do povo para se governarem. Eles reorganizaram o mapa da Europa de uma forma que parecia prometer a maior possibilidade de um sucesso duradouro. Eles falharam, mas não por qualquer maldade premeditada da parte deles. Eram, na maior parte, homens da velha escola que se lembravam dos dias mais felizes de sua juventude quieta e ardentemente desejavam um retorno daquele período abençoado. Eles falharam em reconhecer a forte influência que muitos dos princípios revolucionários haviam conquistado sobre o povo do continente europeu. Isso foi uma desgraça, mas dificilmente um pecado. Mas uma das coisas que a Revolução Francesa ensinou não apenas a Europa, mas também a América, era o direito das pessoas à sua própria "nacionalidade".

Napoleão, que não respeitava nada nem ninguém, era totalmente implacável ao lidar com aspirações nacionais e patrióticas. Mas os primeiros generais revolucionários proclamaram a nova doutrina de que "nacionalidade não era uma questão de fronteiras políticas ou crânios redondos e narizes largos, mas uma questão de coração e alma". Enquanto ensinavam às crianças francesas a grandeza da nação francesa, encorajaram espanhóis, holandeses e italianos a fazerem o mesmo. Logo essas pessoas, que compartilhavam a crença de Rousseau nas virtudes superiores do Homem Original, começaram a escavar seu passado e descobriram, enterradas sob as ruínas do sistema feudal, os ossos das poderosas raças das quais se supunham os débeis descendentes.

A primeira metade do século XIX foi a época das grandes descobertas históricas. Em toda parte, os historiadores estavam ocupados publicando cartas medievais e as primeiras crônicas medievais, e em todos os países o resultado era um novo orgulho na antiga pátria. Grande parte desse sentimento foi baseada na interpretação errada dos fatos históricos. Mas na política prática, não importa o que é verdade, mas tudo depende do que as pessoas acreditam ser verdade. E na maioria dos países, tanto os reis quanto seus súditos acreditavam firmemente na glória e fama de seus ancestrais.

O Congresso de Viena não estava inclinado a ser sentimental. Suas excelências dividiram o mapa da Europa de acordo com os melhores interesses de meia dúzia de dinastias e colocaram "aspirações nacionais" no Índice, ou lista de livros proibidos, juntamente com todas as outras "doutrinas francesas" perigosas.

Mas a história não faz acepção de congressos. Por alguma razão ou outra (pode ser uma lei histórica, que até agora escapou à atenção dos estudiosos) "nações" pareciam ser necessárias para o desenvolvimento ordenado da sociedade humana e a tentativa de conter esta maré foi tão mal sucedida quanto o esforço de Metternichian para impedir que as pessoas pensem.

Curiosamente, o primeiro problema começou em uma parte muito distante do mundo, na América do Sul. As colônias espanholas daquele continente estavam desfrutando de um período de relativa independência durante os muitos anos das grandes guerras napoleônicas. Eles tinham permanecido fiéis ao seu rei quando ele foi feito prisioneiro pelo imperador francês e se recusaram a reconhecer José Bonaparte, que no ano de 1808 fora rei da Espanha por ordem de seu irmão.

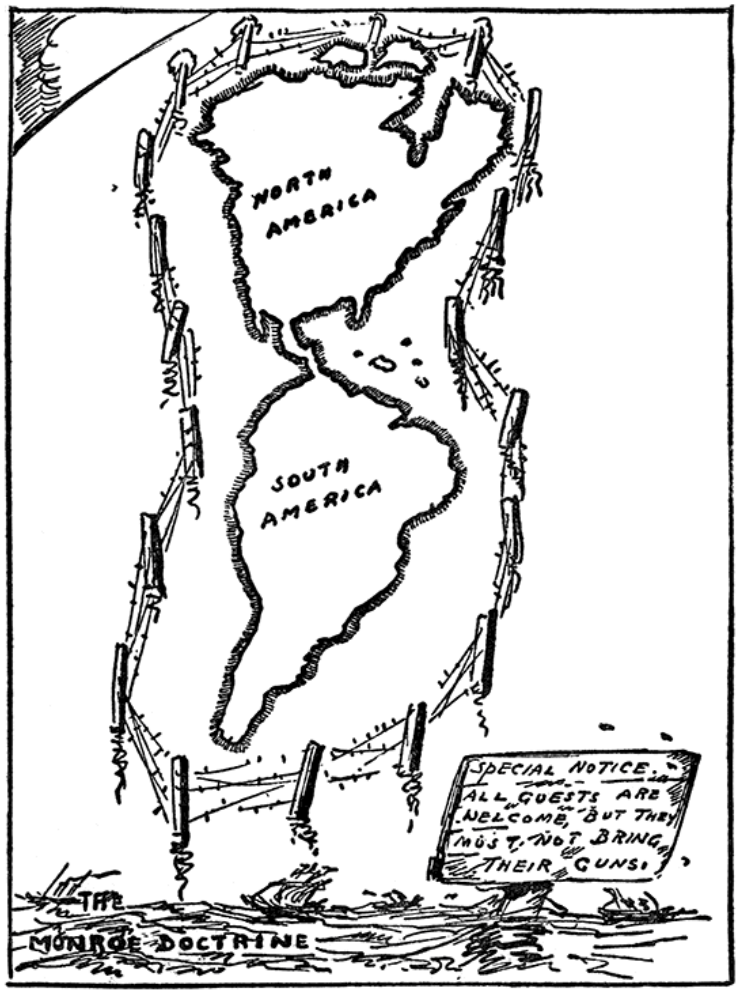
De fato, a única parte da América a ficar muito perturbada com a Revolução foi a ilha do Haiti, a primeira viagem de Espagnola de Colombo. Aqui no ano de 1791, a Convenção Francesa, numa súbita explosão de amor e fraternidade humana, concedeu a seus irmãos negros todos os privilégios até então desfrutados por seus mestres brancos. Assim como de repente se arrependeram desse passo, mas a tentativa de desfazer a promessa original levou a muitos anos de terrível guerra entre o general Leclerc, o cunhado de Napoleão, e Toussaint l'Ouverture, o chefe negro. No ano de 1801, Toussaint foi convidado a visitar Leclerc e discutir os termos de paz. Ele recebeu a promessa solene de que não seria molestado. Ele confiava em seus adversários brancos, foi colocado a bordo de um navio e pouco depois morreu em uma prisão francesa. Mas os negros ganharam sua independência e fundaram uma república. Aliás, eles foram de grande ajuda para o primeiro grande patriota sul-americano em seus esforços para entregar seu país natal do jugo espanhol.

Simão Bolívar, natural de Caracas, na Venezuela, nascido em 1783, estudara na Espanha, visitara Paris, onde vira o governo revolucionário em ação, morara por algum tempo nos Estados Unidos e retornara ao seu país natal. terra onde o descontentamento generalizado contra a Espanha, a pátria mãe, estava começando a tomar uma forma definitiva. No ano de 1811, a Venezuela declarou sua independência e Bolívar tornou-se um dos generais revolucionários. Em dois meses, os rebeldes foram derrotados e Bolívar fugiu.

Nos cinco anos seguintes, ele foi o líder de uma causa aparentemente perdida. Ele sacrificou toda a sua riqueza e ele não teria sido capaz de iniciar sua expedição final e bem-sucedida sem o apoio do Presidente do Haiti. Depois disso, a revolta espalhou-se por toda a América do Sul e logo pareceu que a Espanha não era capaz de reprimir a rebelião sem ajuda. Ela pediu o apoio da Santa Aliança.

Este passo preocupou muito a Inglaterra. Os carregadores britânicos conseguiram os holandeses como os transportadores comuns do mundo e esperavam colher lucros pesados de uma declaração de independência por parte de toda a América do Sul. Eles tinham esperanças de que os Estados Unidos da América interferissem, mas o Senado não tinha tais planos e, na Câmara, também, havia muitas vozes que declaravam que a Espanha deveria dar a liberdade.

Só então, houve uma mudança de ministros na Inglaterra. Os whigs saíram e os conservadores entraram. George Canning tornou-se secretário de Estado. Ele deixou escapar que a Inglaterra apoiaria alegremente o governo americano com toda a força de sua frota, se o governo declarasse sua desaprovação aos planos da Santa Aliança em relação às colônias rebeldes do continente sulista. O Presidente Monroe então, em 2 de dezembro de 1823, dirigiu-se ao Congresso e declarou que: “Os Estados Unidos considerariam qualquer tentativa por parte das potências aliadas de estender seu sistema a qualquer porção deste hemisfério ocidental como perigosa para nossa paz e segurança ”, e advertiu que“ o governo americano consideraria tal ação por parte da Santa Aliança como uma manifestação de uma disposição hostil em relação aos Estados Unidos ”. Quatro semanas depois, o texto da“ Doutrina Monroe ”foi impresso em os jornais ingleses e os membros da Santa Aliança foram forçados a fazer sua escolha.



Metternich hesitou. Pessoalmente, ele estaria disposto a arriscar o descontentamento dos Estados Unidos (que permitiram que tanto o exército quanto a marinha ficassem negligenciados desde o fim da guerra anglo-americana do ano de 1812.) Mas a atitude ameaçadora e os problemas de Canning no continente forçou-o a ter cuidado. A expedição nunca aconteceu e a América do Sul e o México conquistaram sua independência.

Quanto aos problemas no continente da Europa, eles estavam chegando velozes e furiosos. A Santa Aliança enviara tropas francesas para a Espanha para atuarem como guardiões da paz no ano de 1820. As tropas austríacas tinham sido usadas para um propósito similar na Itália quando os "Carbonari" (a sociedade secreta dos Queimadores a Carvão) estavam fazendo propaganda para uma Itália unida e causou uma rebelião contra o indescritível Fernando de Nápoles.

Más notícias também vieram da Rússia, onde a morte de Alexandre havia sido o sinal de um surto revolucionário em São Petersburgo , uma revolta curta mas sangrenta, a chamada Revolta Dezembrista (porque aconteceu em dezembro), que terminou com a suspensão de um grande número de bons patriotas que tinham ficado enojados com a reação dos últimos anos de Alexandre e tentaram dar à Rússia uma forma constitucional de governo.

Mas o pior foi seguir. Metternich tentara assegurar-se do apoio contínuo dos tribunais europeus por uma série de conferências em Aix-la-Chapelle em Troppau, em Laibach, e finalmente em Verona. Os delegados das diferentes potências viajaram devidamente para estes agradáveis locais de água onde o primeiro-ministro austríaco costumava passar os seus verões. Eles sempre prometeram fazer o seu melhor para reprimir a revolta, mas não estavam muito certos de seu sucesso. O espírito do povo começava a ser feio e, especialmente na França, a posição do rei não era satisfatória.

O problema real, no entanto, começou nos Bálcãs, a porta de entrada para a Europa Ocidental, através da qual os invasores daquele continente haviam passado desde o início dos tempos. O primeiro surto ocorreu na Moldávia, a antiga província romana da Dácia, que havia sido cortada do Império no terceiro século. Desde então, tinha sido uma terra perdida, uma espécie de Atlântida, onde o povo continuava a falar a antiga língua romana e ainda se chamava romano e seu país de Roumania (Romênia). Aqui no ano de 1821, um jovem grego, o príncipe Alexandre Ypsilanti, iniciou uma

revolta contra os turcos. Ele disse a seus seguidores que eles poderiam contar com o apoio da Rússia. Mas os mensageiros rápidos de Metternich logo estavam a caminho de São Petersburgo e do czar, inteiramente persuadido pelos argumentos austríacos a favor da "paz e estabilidade", recusou-se a ajudar. Ypsilanti foi forçado a fugir para a Áustria, onde passou os próximos sete anos na prisão.

No mesmo ano, 1821, começaram os problemas na Grécia. Desde 1815, uma sociedade secreta de patriotas gregos estava preparando o caminho para uma revolta. De repente, eles içaram a bandeira da independência no Morea (o antigo Peloponeso) e afastaram as guarnições turcas. Os turcos responderam da maneira habitual. Eles levaram o Patriarca grego de Constantinopla, que era considerado seu papa pelos gregos e por muitos russos, e o enforcaram no domingo de Páscoa do ano de 1821, junto com alguns de seus bispos. Os gregos voltaram com um massacre de todos os maometanos em Tripolitsa, a capital do Morea, e os turcos retaliaram com um ataque à ilha de Chios, onde assassinaram 25.000 cristãos e venderam outros 45.000 como escravos para a Ásia e o Egito.

Então os gregos apelaram para os tribunais europeus, mas Metternich disse-lhes em tantas palavras que poderiam "cozinhar com sua própria graxa" (não estou tentando fazer um trocadilho, mas estou citando Sua Alteza Serena que informou ao czar que esse "fogo da revolta deveria se extinguir além do limiar da civilização" e as fronteiras estavam fechadas para aqueles voluntários que desejavam ir em socorro dos patriotas helênicos. Sua causa parecia perdida. A pedido da Turquia, um exército egípcio foi desembarcado no Morea e logo a bandeira turca estava novamente voando da Acrópole, a antiga fortaleza de Atenas.O exército egípcio então pacificou o país "à la Turque", e Metternich seguiu o processo com um interesse silencioso, aguardando o dia em que esta "tentativa contra a paz da Europa" devia ser uma coisa do passado.

Mais uma vez foi a Inglaterra que perturbou seus planos. A maior glória da Inglaterra não está em suas vastas possessões coloniais, em sua riqueza ou em sua marinha, mas no silencioso heroísmo e independência de seu cidadão comum. O inglês obedece à lei porque sabe que o respeito pelos direitos dos outros marca a diferença entre um canil e uma sociedade civilizada. Mas ele não reconhece o direito dos outros de interferir na sua liberdade de pensamento. Se o seu país faz algo que ele acredita ser errado,

ele se levanta e diz que o governo que ele ataca o respeitará e lhe dará proteção total contra a multidão que hoje, como no tempo de Sócrates, ama muitas vezes. para destruir aqueles que o superam em coragem ou inteligência. Nunca houve uma boa causa, por mais impopular ou por mais distante que não tenha contado vários ingleses entre seus mais fiéis adeptos. A massa do povo inglês não é diferente das outras terras. Eles se apegam ao negócio em mãos e não têm tempo para "empreendimentos esportivos" pouco praticáveis. Mas eles admiram seu vizinho excêntrico que deixa tudo para trás e luta por algumas pessoas obscuras na Ásia ou na África e quando ele é morto eles lhe dão um bom funeral público e o garantem para seus filhos como um exemplo de bravura e cavalheirismo.

Mesmo os espiões policiais da Santa Aliança foram impotentes contra essa característica nacional. No ano de 1824, Lord Byron, um jovem inglês rico que escreveu a poesia sobre a qual toda a Europa chorou, içou as velas de seu iate e partiu para o sul para ajudar os gregos. Três meses depois, a notícia se espalhou pela Europa de que seu herói estava morto em Missolonghi, a última das fortalezas gregas. Sua morte solitária pegou a imaginação do povo. Em todos os países, as sociedades foram formadas para ajudar os gregos. Lafayette, o grandioso homem da revolução americana, defendeu sua causa na França. O rei da Baviera enviou centenas de seus oficiais. Dinheiro e suprimentos chegavam aos homens famintos de Missolonghi.

Na Inglaterra, George Canning, que havia derrotado os planos da Santa Aliança na América do Sul, era agora o primeiro-ministro. Ele viu sua chance de dar xeque-mate em Metternich pela segunda vez. As frotas inglesas e russas já estavam no Mediterrâneo. Elas foram enviados por governos que não ousavam mais reprimir o entusiasmo popular pela causa dos patriotas gregos. A marinha francesa apareceu porque a França, desde o fim das Cruzadas, assumira o papel de defensora da fé cristã nas terras maometanas. Em 20 de outubro do ano de 1827, os navios das três nações atacaram a frota turca na baía de Navarino e a destruíram. Raramente as notícias de uma batalha foram recebidas com tal júbilo geral. Os povos da Europa Ocidental e da Rússia, que não gozavam de liberdade em casa, consolaram-se lutando uma guerra imaginária de liberdade em favor dos gregos oprimidos. No ano de 1829 eles tiveram sua recompensa. A Grécia

tornou-se uma nação independente e a política de reação e estabilidade sofreu sua segunda grande derrota.

Seria absurdo tentar, neste pequeno volume, dar-lhe um relato detalhado da luta pela independência nacional em todos os outros países. Há um grande número de excelentes livros dedicados a esses assuntos. Descrevi a luta pela independência da Grécia porque foi o primeiro ataque bem-sucedido ao baluarte de reação que o Congresso de Viena erigira para "manter a estabilidade da Europa". Aquela poderosa fortaleza de supressão ainda se mantinha e Metternich continuava no comando. Mas o fim estava próximo.

Na França, os Bourbons haviam estabelecido uma regra quase insuportável de oficiais da polícia que tentavam desfazer o trabalho da Revolução Francesa, com total desrespeito aos regulamentos e leis da guerra civilizada. Quando Luís XVIII morreu no ano de 1824, o povo desfrutou de nove anos de "paz" que se mostraram ainda mais infelizes que os dez anos de guerra do Império. Luís foi sucedido por seu irmão, Carlos X.

Luís pertencia à famosa família Bourbon que, apesar de nunca ter aprendido nada, nunca esqueceu de nada. A lembrança daquela manhã na cidade de Hamm, quando as notícias chegaram até ele da decapitação de seu irmão, permaneceu um aviso constante do que poderia acontecer àqueles reis que não liam corretamente os sinais dos tempos. Carlos, por outro lado, que conseguira acumular dívidas privadas de cinquenta milhões de francos antes dos vinte anos de idade, não sabia nada, não lembrava nada e pretendia firmemente não aprender nada. Assim que ele sucedeu seu irmão, ele estabeleceu um governo "por sacerdotes, através de sacerdotes e por sacerdotes", e enquanto o Duque de Wellington, que fez esta observação, não pode ser chamado de um liberal violento, Carlos governou de tal maneira que ele repugnou até mesmo aquele amigo de confiança da lei e da ordem. Quando ele tentou reprimir os jornais que ousaram criticar seu governo, e demitiu o Parlamento porque apoiava a imprensa, seus dias estavam contados.

Na noite de 27 de julho do ano 1830, uma revolução ocorreu em Paris. No dia 30 do mesmo mês, o rei fugiu para a costa e partiu para a Inglaterra. Desta forma, a "famosa farsa de quinze anos" chegou ao fim e os Bourbons foram finalmente retirados do trono da França. Eles eram muito

irremediavelmente incompetentes. A França, então, poderia ter retornado a uma forma republicana de governo, mas tal passo não teria sido tolerado por Metternich.

A situação era perigosa o suficiente. A centelha de rebelião saltou para além da fronteira francesa e incendiara outra casa de pó cheia de queixas nacionais. O novo reino da Holanda não foi um sucesso. O povo belga e holandês não tinha nada em comum e seu rei, Guilherme de Orange (descendente de um tio de Guilherme, o Silencioso), embora trabalhador e bom homem de negócios, sentia falta de tato e flexibilidade demais para manter paz entre seus assuntos incompatíveis. Além disso, a horda de padres que havia descido sobre a França tinha encontrado seu caminho para a Bélgica e o que o protestante Guilherme tentou fazer foi uivado por grandes multidões de cidadãos excitados como uma nova tentativa contra a "liberdade da Igreja Católica". No dia 25 de agosto houve um surto popular contra as autoridades holandesas em Bruxelas. Dois meses depois, os belgas se declararam independentes e elegeram Leopoldo de Coburgo, tio da rainha Vitória da Inglaterra, ao trono. Essa foi uma excelente solução para a dificuldade. Os dois países, que nunca deveriam ter estado unidos, separaram-se e, depois disso, viveram em paz e harmonia e comportaram-se como vizinhos decentes.

Notícias naqueles dias em que havia apenas algumas estradas de ferro curtas, viajavam devagar, mas quando o sucesso dos revolucionários franceses e belgas se tornou conhecido na Polônia, houve um choque imediato entre os poloneses e seus governantes russos, o que levou a um ano de guerra terrível e terminou com uma vitória completa para os russos que "estabeleceram a ordem ao longo das margens do rio Vístula" conhecido como Nicolau I da Rússia, que sucedera seu irmão Alexandre em 1825, acreditava firmemente no Direito Divino de sua autoria família e os milhares de refugiados poloneses que haviam encontrado abrigo na Europa ocidental testemunharam que os princípios da Santa Aliança ainda eram mais do que uma frase vazia na Santa Rússia.

Na Itália também houve um momento de inquietação. Marie Luíse Duquesa de Parma e esposa do ex-imperador Napoleão, a quem ela havia abandonado após a derrota de Waterloo, foi expulsa de seu país e, no estado papal, o povo exasperado tentou estabelecer uma República independente. Mas os exércitos da Áustria marcharam para Roma e logo

tudo era como antigamente. Metternich continuou a residir no Ball Platz, a casa do ministro das Relações Exteriores da dinastia dos Habsburgos, os espiões da polícia voltaram ao seu trabalho e a paz reinou supremamente. Mais dezoito anos se passariam antes que uma segunda e mais bem sucedida tentativa pudesse ser feita para libertar a Europa da terrível herança do Congresso de Viena.

Mais uma vez foi a França, o revolucionário galo climático da Europa, que deu o sinal de revolta. Carlos X havia sido sucedido por Luís Filipe, filho do famoso Duque de Orleans, que se tornara jacobino, votara pela morte de seu primo, o rei, e desempenhara um papel durante os primeiros dias da revolução, sob o nome de Filipe Igualdade. Eventualmente, ele havia sido morto quando Robespierre tentou expulsar a nação de todos os “traidores” (pelo qual ele indicou aquelas pessoas que não compartilhavam seus próprios pontos de vista) e seu filho tinha sido forçado a fugir do exército revolucionário. O jovem Luís Filipe, então, vagou por toda parte. Ele havia ensinado na Suíça e passara alguns anos explorando o desconhecido "extremo oeste" da América. Depois da queda de Napoleão, ele retornou a Paris. Ele era muito mais inteligente que seus primos Bourbon. Ele era um homem simples que andava pelos parques públicos com um guarda-chuva de algodão vermelho debaixo do braço, seguido por uma ninhada de crianças como qualquer bom pai de família. Mas a França havia superado os negócios do rei e Luís não sabia disso até a manhã do dia 24 de fevereiro de 1848, quando uma multidão invadiu Tulherias e afastou sua majestade e proclamou a República.

Quando a notícia desse evento chegou a Viena, Metternich expressou a opinião casual de que se tratava apenas de uma repetição do ano de 1793 e de que os Aliados seriam mais uma vez obrigados a marchar sobre Paris e dar um fim a essa disputa democrática tão inconveniente. Mas duas semanas depois sua própria capital austríaca estava em franca revolta. Metternich escapou da multidão pela porta dos fundos de seu palácio, e o imperador Fernando foi forçado a entregar aos súditos uma constituição que incorporava a maioria dos princípios revolucionários que seu primeiro-ministro tentara suprimir nos últimos trinta e três anos.

Desta vez, toda a Europa sentiu o choque. A Hungria declarou-se independente e iniciou uma guerra contra os Habsburgos sob a liderança de Luís Kossuth. A luta desigual durou mais de um ano. Foi finalmente

suprimido pelos exércitos do czar Nicolau que marcharam pelas montanhas dos Cárpatos e tornaram a Hungria mais uma vez segura para a autocracia. Os Habsburgos estabeleceram então cortes marciais extraordinárias e enforcaram a maior parte dos patriotas húngaros que eles não tinham conseguido derrotar em batalha aberta.

Quanto à Itália, a ilha da Sicília declarou-se independente de Nápoles e expulsou seu rei Bourbon. Nos estados papais, o primeiro ministro, Rossi, foi assassinado e o papa foi obrigado a fugir. Ele retornou no ano seguinte à frente de um exército francês que permaneceu em Roma para proteger Sua Santidade contra seus súditos até o ano de 1870. Em seguida, foi chamado de volta para defender a França contra os prussianos, e Roma se tornou a capital da Itália. No norte, Milão e Veneza se levantaram contra seus mestres austríacos. Eles foram apoiados pelo rei Albert da Sardenha, mas um forte exército austríaco sob o velho Radetzky marchou para o vale do Pó, derrotou os sardos perto de Custozza e Novara e forçou Albert a abdicar em favor de seu filho, Victor Emanuel, que alguns anos depois seria o primeiro rei de uma Itália unida.

Na Alemanha, a agitação do ano de 1848 assumiu a forma de uma grande manifestação nacional em favor da unidade política e de uma forma representativa de governo. Na Baviera, o rei que desperdiçava seu tempo e dinheiro com uma senhora irlandesa que posava como uma dançarina espanhola — (ela era chamada de Lola Montez e esta enterrada em Nova York na tumba de Portter) — foi expulso pelos estudantes enfurecidos da universidade. Na Prússia, o rei foi forçado a ficar de cabeça descoberta diante dos caixões dos que haviam sido mortos durante os combates de rua e prometer uma forma constitucional de governo. E em março do ano de 1849, um parlamento alemão, formado por 550 delegados de todas as partes do país, reuniu-se em Frankfort e propôs que o rei Frederico Guilherme da Prússia fosse o Imperador de uma Alemanha Unida.

Então, no entanto, a maré começou a girar. Fernando incompetente abdicou em favor de seu sobrinho Francisco José I. O exército austríaco bem treinado permaneceu fiel ao seu senhor da guerra. O carrasco recebeu muito trabalho e os Habsburgos, depois da natureza daquela estranha família, mais uma vez pousaram em seus pés e rapidamente fortaleceram sua posição como mestres da Europa oriental e ocidental. Eles jogaram o

jogo da política muito habilmente e usaram os ciúmes dos outros estados alemães para impedir a elevação do rei prussiano à dignidade imperial. Seu longo treinamento na arte de sofrer a derrota ensinara-lhes o valor da paciência. Eles sabiam esperar. Eles esperavam o tempo e enquanto os liberais, totalmente destreinados em política prática, falavam, conversavam e se intoxicavam com seus próprios discursos, os austríacos reuniram suas forças em silêncio, dispensaram o Parlamento de Frankfurt e restabeleceram a antiga e impossível Confederação Alemã que o Congresso de Viena desejara a um mundo desavisado.

Mas entre os homens que compareceram a este estranho Parlamento de entusiastas pouco práticos, havia um escudeiro prussiano chamado Bismarck, que fizera bom uso de seus olhos e ouvidos. Ele tinha um profundo desprezo pela oratória. Ele sabia (o que todo homem de ação sempre soube) que nada é realizado pela conversa. À sua maneira, ele era um patriota sincero. Ele havia sido treinado na velha escola de diplomacia e podia atacar seus oponentes da mesma maneira que podia ultrapassá-los, superá-los e ultrapassá-los.

Bismarck sentiu-se convencido de que a confederação de pequenos estados deveria ser transformada em um país unido forte, se ela se mantivesse contra as outras potências européias. Criado em meio a idéias feudais de lealdade, ele decidiu que a casa de Hohenzollern, da qual ele era o servo mais fiel, deveria governar o novo Estado, em vez dos Habsburgos incompetentes. Para este propósito, ele deve primeiro se livrar da influência austríaca e começou a fazer os preparativos necessários para essa dolorosa operação.

Nesse ínterim, a Itália resolvera seu próprio problema e se livrara de seu odiado mestre austríaco. A unidade da Itália foi obra de três homens, Cavour, Mazzini e Garibaldi. Destes três, Cavour, o engenheiro civil com olhos de visão curta e óculos de aro de aço, representou o papel do cuidadoso piloto político. Mazzini, que passara a maior parte de seus dias em diferentes garretos europeus, escondendo-se da polícia austríaca, era o agitador público, enquanto Garibaldi, com seu bando de maltrapilhos vermelhos, apelava para a imaginação popular.

Mazzini e Garibaldi eram ambos crentes na forma republicana de governo. Cavour, no entanto, era um monarquista, e os outros que reconheciam sua habilidade superior em assuntos de política prática,

aceitavam sua decisão e sacrificavam suas próprias ambições pelo bem maior de sua amada pátria.



Cavour se sentiu em direção à Casa da Sardenha, como fez Bismarck em relação à família Hohenzollern. Com infinito cuidado e grande perspicácia, começou a trabalhar para equiparar o rei da Sardenha a uma posição da qual Sua Majestade seria capaz de assumir a liderança de todo o povo italiano. As condições políticas instáveis no resto da Europa o ajudaram muito em seus planos, e nenhum país contribuiu mais para a independência da Itália do que seu vizinho idoso e de confiança (e muitas vezes desconfiado), a França.

Naquele país turbulento, em novembro do ano de 1852, a República chegou a um fim repentino, mas não inesperado. Napoleão III, filho de Luís Bonaparte, ex-rei da Holanda, e sobrinho-neto de um grande tio-avô, havia restabelecido um império e se tornado imperador "pela graça de Deus e pela vontade do povo".

Esse jovem, que fora educado na Alemanha e misturava seu francês com duras guturais teutônicas (assim como o primeiro Napoleão sempre pronunciara a língua de seu país adotivo com forte sotaque italiano) estava se esforçando muito para usar a tradição napoleônica para seu próprio benefício. Mas ele tinha muitos inimigos e não se sentia muito seguro de seu poder sobre seu trono pronto. Ele conquistara a amizade da rainha Vitória, mas essa não tinha sido uma tarefa difícil, pois a boa rainha não era particularmente brilhante e era muito suscetível à lisonja. Quanto aos outros soberanos europeus, eles trataram o imperador francês com altivez insultante e sentaram-se à noite inventando novas maneiras de mostrar seu novato "bom irmão" como sinceramente o desprezavam.

Napoleão foi obrigado a encontrar uma maneira de romper essa oposição, seja por amor ou por medo. Ele conhecia bem o fascínio que a palavra "glória" ainda mantinha para seus súditos. Desde que ele foi forçado a jogar pelo seu trono, ele decidiu jogar o jogo do Império por apostas altas. Ele usou um ataque da Rússia sobre a Turquia como uma desculpa para provocar a guerra da Crimeia na qual a Inglaterra e a França se uniram contra o czar em nome do sultão. Foi um empreendimento muito caro e extremamente pouco lucrativo. Nem a França nem a Inglaterra nem a Rússia colheram muita glória.

Mas a guerra da Criméia fez uma coisa boa. Isso deu à Sardenha a chance de se voluntariar do lado vencedor e quando a paz foi declarada, deu a Cavour a oportunidade de reivindicar a gratidão da Inglaterra e da França.

Tendo feito uso da situação internacional para obter a Sardenha reconhecida como uma das potências mais importantes da Europa, o italiano inteligente provocou uma guerra entre a Sardenha e a Áustria em junho de 1859. Ele se assegurou do apoio de Napoleão em troca de as províncias de Sabóia e a cidade de Nice, que era realmente uma cidade italiana. Os exércitos franco-italianos derrotaram os austríacos em Magenta e Solferino, e as antigas províncias e ducados austríacos se uniram em um único reino italiano. Florença tornou-se a capital desta nova Itália até o ano de 1870, quando os franceses chamaram suas tropas de Roma para defender a França contra os alemães. Assim que se foram, as tropas italianas entraram na cidade eterna e a Casa da Sardenha fixou residência no antigo Palácio do Quirinal que um antigo papa construíra sobre as ruínas do banheiro do imperador Constantino.

O papa, no entanto, atravessou o rio Tibre e se escondeu atrás dos muros do Vaticano, que tinha sido o lar de muitos de seus predecessores desde o retorno do exílio de Avignon, no ano de 1377. Ele protestou em voz alta contra este arrogante roubo de seus domínios e cartas de apelo dirigidas aos fiéis católicos que estavam inclinados a simpatizar com ele em sua perda. O número deles, no entanto, era pequeno e tem diminuído constantemente. Pois, uma vez libertado dos cuidados do Estado, o papa pôde dedicar todo o seu tempo a questões de natureza espiritual. Elevando-se acima das pequenas discussões dos políticos europeus, o papado assumiu uma nova dignidade que provou ser um grande benefício para a igreja e fez dela uma força internacional para o progresso social e religioso que demonstrou uma

apreciação muito mais inteligente dos problemas econômicos modernos do que a maioria das seitas protestantes.

Desta forma, a tentativa do Congresso de Viena de resolver a questão italiana, tornando a península uma província austríaca, foi finalmente desfeita.

O problema alemão, no entanto, permaneceu ainda sem solução. Provou o mais difícil de todos. O fracasso da revolução do ano de 1848 levou à migração massiva dos elementos mais enérgicos e liberais entre o povo alemão. Esses jovens se mudaram para os Estados Unidos da América, para o Brasil, para as novas colônias na Ásia e na América. Seu trabalho continuou na Alemanha, mas por um tipo diferente de homens.

Na nova Dieta que se reuniu em Frankfurt, depois do colapso do Parlamento alemão e do fracasso dos liberais em estabelecer um país unido, o Reino da Prússia foi representado por aquele mesmo Oto von Bismarck, de quem nos separamos há algumas páginas. Bismarck já conseguira ganhar a total confiança do rei da Prússia. Isso foi tudo que ele pediu. A opinião do parlamento prussiano ou do povo prussiano não lhe interessava de modo algum. Com seus próprios olhos, ele havia visto a derrota dos liberais. Ele sabia que não seria capaz de se livrar da Áustria sem uma guerra e começou fortalecendo o exército prussiano. O Landtag, exasperado com seus métodos arrogantes, recusou-se a dar-lhe os créditos necessários. Bismarck nem se preocupou em discutir o assunto. Ele foi em frente e aumentou seu exército com a ajuda de fundos que a casa prussiana de Peers e o rei colocaram à sua disposição. Então ele procurou uma causa nacional que pudesse ser usada com o propósito de criar uma grande onda de patriotismo entre todo o povo alemão.

No norte da Alemanha, havia os Ducados de Schleswig e Holstein, que desde a Idade Média haviam sido fonte de problemas. Ambos os países eram habitados por um certo número de dinamarqueses e um certo número de alemães, mas, apesar de serem governados pelo rei da Dinamarca, não faziam parte integrante do Estado dinamarquês e isso levava a dificuldades sem fim. O céu proíbe que eu deva reviver essa questão esquecida que agora parece resolvida pelos atos do recente Congresso de Versalhes. Mas os alemães em Holstein eram muito barulhentos em seus abusos contra os dinamarqueses e os dinamarqueses em Schleswig fizeram grande barulho de sua dinamarquês, e toda a Europa estava discutindo o problema e os

alemães Männerchors e Turnvereins ouviram discursos sentimentais sobre os "irmãos perdidos" e as diferentes chancelarias estavam tentando descobrir o que era, quando a Prússia mobilizou seus exércitos para “salvar as províncias perdidas”. Como a Áustria, chefe oficial da Confederação Alemã, não podia permitir que a Prússia atuasse sozinha em um assunto tão importante, as tropas de Habsburgo também foram mobilizadas e os exércitos combinados das duas grandes potências cruzaram as fronteiras dinamarquesas e, após uma resistência muito corajosa por parte dos dinamarqueses, ocuparam os dois ducados. Os dinamarqueses apelaram para a Europa, mas a Europa estava envolvida e os pobres dinamarqueses foram deixados à sua sorte.

Bismarck então preparou a cena para o segundo número em seu programa imperial. Ele usou a divisão dos espólios para escolher uma briga com a Áustria. Os Habsburgos caíram na armadilha. O novo exército prussiano, a criação de Bismarck e seus fiéis generais invadiram a Boêmia e, em menos de seis semanas, a última das tropas austríacas foi destruída em Koniggratz e Sadowa e a estrada para Viena estava aberta. Mas Bismarck não queria ir longe demais. Ele sabia que precisaria de alguns amigos na Europa. Ele oferecia aos Habsburgos derrotados termos decentes de paz, desde que renunciassem à presidência da Confederação. Ele foi menos misericordioso com muitos dos pequenos estados alemães que tomaram o lado dos austríacos e os anexou à Prússia.

A Europa ficou horrorizada com a rapidez com que o trabalho de consolidação foi feito. A Inglaterra era bastante indiferente, mas a França mostrava sinais de desaprovação. A influência de Napoleão sobre o povo francês estava diminuindo constantemente. A guerra da Crimeia tinha sido dispendiosa e não havia realizado nada.

Uma segunda aventura no ano de 1863, quando um exército francês tinha tentado forçar um grão-duque austríaco chamado Maximiliano ao povo mexicano como seu imperador, chegou a um fim desastroso assim que a Guerra Civil Americana foi vencida pelo norte. O governo de Washington forçou os franceses a retirarem suas tropas e isso deu aos mexicanos a chance de limpar seu país do inimigo e atirar no indesejável imperador.

Era necessário dar ao trono napoleônico uma nova camada de tinta de glória. Dentro de alguns anos, a Confederação do Norte da Alemanha seria um sério rival da França. Napoleão decidiu que uma guerra com a

Alemanha seria uma coisa boa para sua dinastia. Ele procurou por uma desculpa e a Espanha, a pobre vítima de infindáveis revoluções, deu-lhe uma.

Nesse momento, o trono espanhol estava vazio. Foi oferecido ao ramo católico da casa de Hohenzollern. O governo francês se opusera e os Hohenzollern se recusaram educadamente a aceitar a coroa. Mas Napoleão, que estava mostrando sinais de doença, estava sob a influência de sua bela esposa, Eugénie de Montijo, filha de um cavalheiro espanhol e neta de Guilherme Kirkpatrick, um cônsul americano em Málaga, onde as uvas vêm. Eugénie, embora astuta o suficiente, era tão mal educada quanto a maioria das mulheres espanholas daquele dia. Ela estava à mercê de seus conselheiros espirituais e esses dignos cavalheiros não sentiam amor pelo rei protestante da Prússia. “Seja ousado”, foi o conselho da Imperatriz ao seu marido, mas ela omitiu acrescentar a segunda metade daquele famoso provérbio persa que adverte o herói para “ser ousado, mas não muito ousado”. Napoleão, convencido da força de Exército, dirigiu-se ao rei da Prússia e insistiu que o rei lhe desse garantias de que "ele nunca permitiria outra candidatura de um príncipe Hohenzollern à coroa espanhola". Como os Hohenzollerns tinham acabado de recusar a honra, o pedido era tolo, e Bismarck informou o governo francês. Mas Napoleão não ficou satisfeito.

Era o ano de 1870 e o rei Guilherme estava tomando as águas em Ems. Lá um dia ele foi abordado pelo ministro francês que tentou reabrir a discussão. O rei respondeu muito agradavelmente que era um belo dia e que a questão espanhola estava agora encerrada e que nada mais restava a ser dito sobre o assunto. Por uma questão de rotina, um relatório desta entrevista foi telegrafado a Bismarck, que lidou com todos os assuntos estrangeiros. Bismarck editou o despacho em benefício da imprensa prussiana e francesa. Muitas pessoas o chamam de nomes para isso. Bismarck, porém, poderia alegar que a manipulação das notícias oficiais, desde tempos imemoriais, havia sido um dos privilégios de todos os governos civilizados. Quando o telegrama “editado” foi impresso, as boas pessoas em Berlim achavam que seu velho e venerável rei, com seus belos bigodes brancos, fora insultado por um francês arrogante e o igualmente bom povo de Paris se enfurecia porque o ministro, perfeitamente cortês tinha sido mostrada a porta por um lacaio real da Prússia.

E assim ambos foram para a guerra e em menos de dois meses, Napoleão e a maior parte de seu exército eram prisioneiros dos alemães. O Segundo Império havia chegado ao fim e a Terceira República se preparava para defender Paris contra os invasores alemães. Paris resistiu por cinco longos meses. Dez dias antes da rendição da cidade, no vizinho palácio de Versalhes, construído pelo mesmo rei Luís XIV, que era um inimigo tão perigoso para os alemães, o rei da Prússia foi proclamado publicamente imperador alemão e um estrondoso bombardeio de armas disse aos famintos parisienses que um novo império alemão tomou o lugar da antiga e inofensiva Confederação de Estados e estatutos da Teutônia.

Desta forma áspera, a questão alemã foi finalmente resolvida. No final do ano de 1871, cinquenta e seis anos após a memorável reunião em Viena, o trabalho do Congresso havia sido totalmente desfeito. Metternich, Alexandre e Talleyrand tentaram dar aos povos da Europa uma paz duradoura. Os métodos que empregaram causaram guerras e revoluções sem fim e o sentimento de uma fraternidade comum do século XVIII foi seguido por uma era de nacionalismo exagerado que ainda não chegou ao fim.

OceanofPDF.com

A ERA DO MOTOR

Mas, enquanto as pessoas da Europa lutavam pela independência nacional, o mundo em que viviam tinha sido inteiramente mudado por uma série de invenções, que fez do motor a vapor envelhecido do século XVIII, o amigo mais fiel e eficiente do homem

O maior benfeitor da raça humana morreu há mais de meio milhão de anos. Ele era uma criatura cabeluda com uma sobrancelha baixa e olhos afundados, uma mandíbula pesada e dentes fortes parecidos com tigres. Ele não teria parecido bem em uma reunião de cientistas modernos, mas eles o teriam honrado como seu mestre. Pois ele usara uma pedra para quebrar uma noz e um graveto para levantar uma pedra pesada. Ele foi o inventor do martelo e da alavanca, nossas primeiras ferramentas, e ele fez mais do que qualquer ser humano que veio depois dele ao dar ao homem sua enorme vantagem sobre os outros animais com quem ele compartilha este planeta.

Desde então, o homem tentou tornar sua vida mais fácil com o uso de um maior número de ferramentas. A primeira roda (um disco redondo feito de uma velha árvore) criou tanto rebuliço nas comunidades de 100.000 a.C. como o avião fez apenas a algumas décadas atrás.

Em Washington, a história é contada por um diretor do Escritório de Patentes que no início dos anos trinta do XIX passado sugeriu que o Escritório de Patentes fosse abolido, porque "tudo que possivelmente poderia ser inventado havia sido inventado". Um sentimento semelhante deve ter se espalhado pelo mundo pré-histórico quando a primeira vela foi içada em uma jangada e as pessoas puderam se mover de um lugar para outro sem remar ou nadar.

De fato, um dos capítulos mais interessantes da história é o esforço do homem em deixar alguém fazer algo por ele, enquanto desfrutava de seu

lazer, sentado ao sol ou pintando quadros nas pedras, ou treinando lobos e tigres jovens para se comportarem como animais domésticos pacíficos.

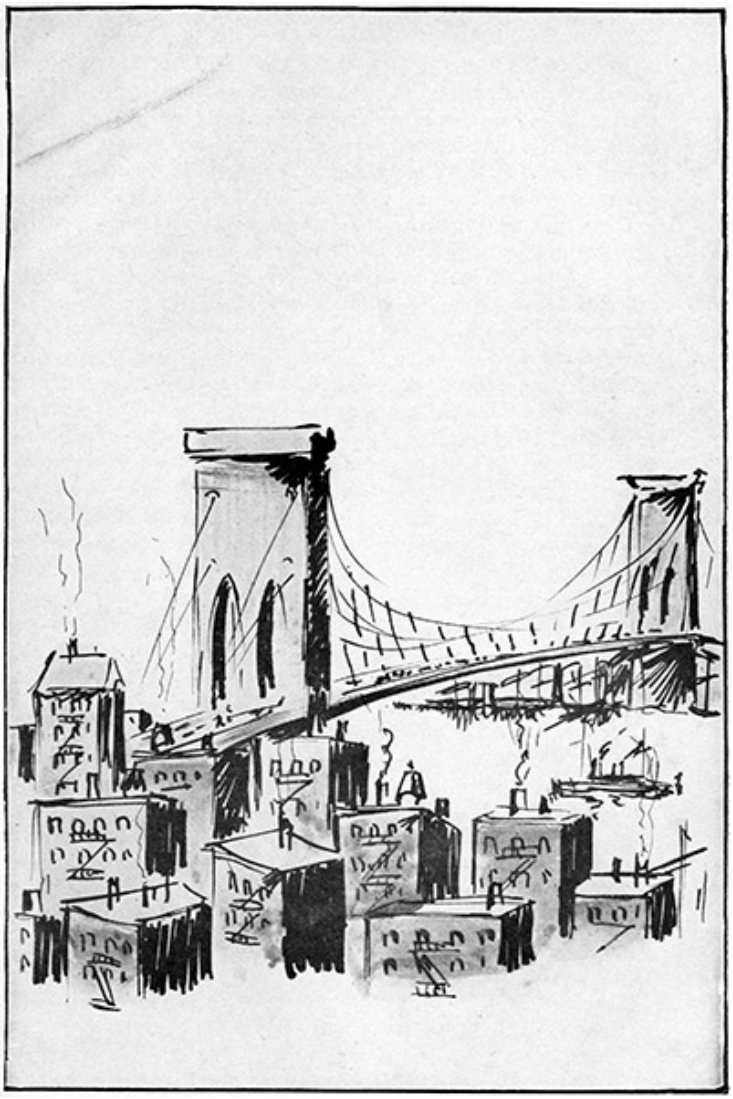
Claro que nos tempos muito antigos; sempre foi possível escravizar um vizinho mais fraco e obrigá-lo a realizar as tarefas desagradáveis da vida. Uma das razões pelas quais os gregos e os romanos, que eram tão inteligentes quanto nós, falharam em conceber máquinas mais interessantes, foi devido a ampla existência da escravidão. Por que um grande matemático deveria desperdiçar seu tempo com fios, roldanas e engrenagens e encher o ar de barulho e fumaça quando pudesse ir ao mercado e comprar todos os escravos de que precisava a um custo muito pequeno?

E durante a Idade Média, embora a escravidão tenha sido abolida e apenas uma forma leve de servidão tenha sobrevivido, as guildas desencorajaram a idéia de usar máquinas porque achavam que isso tiraria um grande número de seus irmãos do trabalho. Além disso, a Idade Média não estava interessada em produzir grandes quantidades de mercadorias. Seus alfaiates, açougueiros e carpinteiros trabalhavam para as necessidades imediatas da pequena comunidade em que viviam e não tinham vontade de competir com seus vizinhos, nem de produzir mais do que o estritamente necessário.

Durante a Renascença, quando os preconceitos da Igreja contra as investigações científicas não podiam mais ser aplicados tão rigidamente quanto antes, um grande número de homens começou a dedicar suas vidas à matemática e à astronomia, à física e à química. Dois anos antes do início da Guerra dos Trinta Anos, John Napier, um escocês, publicara seu livrinho que descrevia a nova invenção dos logaritmos. Durante a guerra, Gottfried Leibnitz, de Leipzig, aperfeiçoara o sistema do cálculo infinitesimal. Oito anos antes da paz da Vestfália, Newton, o grande filósofo natural inglês, nasceu e, nesse mesmo ano, Galileu, o astrônomo italiano, morreu. Enquanto isso, a Guerra dos Trinta Anos havia destruído a prosperidade da Europa central e havia um interesse súbito, mas muito geral, na "alquimia", a estranha pseudociência da Idade Média pela qual as pessoas esperavam transformar metais básicos em ouro. Isso provou ser impossível, mas os alquimistas em seus laboratórios tropeçaram em muitas novas idéias e ajudaram muito o trabalho dos químicos que eram seus sucessores.

O trabalho de todos esses homens forneceu ao mundo uma sólida base científica sobre a qual foi possível construir até mesmo os mais complicados motores, e vários homens práticos fizeram bom uso disso. A Idade Média usara madeira para os poucos componentes do maquinário necessário. Mas a madeira desgastou-se facilmente. O ferro era um material muito melhor, mas o ferro era escasso, exceto na Inglaterra. Na Inglaterra, portanto, a maior parte da fundição foi feita. Para fundir o ferro, eram necessários grandes incêndios. No começo, esses incêndios eram feitos de madeira, mas gradualmente as florestas haviam sido esgotadas. Então foi usado o "carvão de pedra" (as árvores petrificadas de tempos pré-históricos).

Estes foram dois problemas que tiveram que ser resolvidos de uma só vez. Por enquanto, os cavalos ainda podiam ser usados para transportar os vagões de carvão, mas a questão do bombeamento exigia a aplicação de maquinário especial. Vários inventores estavam ocupados tentando resolver o problema. Todos sabiam que o vapor teria que ser usado em seu novo motor. A ideia do motor a vapor era muito antiga. Herói de Alexandria, que viveu no primeiro século antes de Cristo, descreveu-nos vários pedaços de maquinaria que eram movidos pelo vapor. O povo do Renascimento brincara com a noção de carros de guerra movidos a vapor. O Marquês de Worcester, contemporâneo de Newton, em seu livro de invenções, fala de um motor a vapor. Um pouco mais tarde, no ano de 1698, Tomás Savery, de Londres, solicitou uma patente para um motor de bombeamento. Ao mesmo tempo, um holandês, Christian Huygens, estava tentando aperfeiçoar um motor no qual a pólvora era usada para causar explosões regulares da mesma maneira que usamos gasolina em nossos motores.



Por toda a Europa, as pessoas estavam ocupadas com a ideia. Denis Papin, um francês, amigo e assistente da Huygens, estava fazendo experimentos com motores a vapor em vários países. Ele inventou uma pequena carroça que era movida a vapor e um barco com rodas de pás. Mas quando ele tentou fazer uma viagem em seu navio, foi confiscado pelas autoridades em uma queixa do sindicato de barqueiros, que temiam que tal ofício os privasse de seu sustento. Papin finalmente morreu em Londres em grande pobreza, tendo desperdiçado todo o seu dinheiro em suas invenções. Mas, no momento de sua morte, outro entusiasta de mecânica, Tomás Newcomen, estava trabalhando no problema de uma nova bomba de vapor. Cinquenta anos depois, seu motor foi aperfeiçoado por James Watt, um fabricante de instrumentos de Glasgow. No ano de 1777, ele deu ao mundo a primeira máquina a vapor que provou ser de valor prático real.

Mas durante os séculos de experimentos com um "motor de calor", o mundo político mudou muito. O povo britânico tinha sucedido os holandeses como os portadores comuns do comércio mundial. Eles abriram novas colônias. Eles levaram as matérias-primas que as colônias produziram para a Inglaterra, e lá as transformaram em produtos acabados, e depois exportaram os produtos acabados para os quatro cantos do mundo. Durante o século XVII, o povo da Geórgia e das Carolinas começaram a cultivar um novo arbusto que dava um tipo estranho de substância lanosa, o chamado "algodão". Depois de ter sido arrancado, foi enviado para a Inglaterra e lá o povo de Lancashire o transformou em tecido. Esta tecelagem era feita à mão e nas casas dos operários. Muito em breve uma série de melhorias foram feitas no processo de tecelagem. No ano de 1730, John Kay inventou a "Lançadeira transportadora". Em 1770, James Hargreaves recebeu uma patente de sua "Máquina de fiar". Eli Whitney, um americano, inventou o Descaroçador de algodão, que separou o algodão de sua sementes, um trabalho que anteriormente tinha sido feito à mão, a uma taxa de apenas um quilo por dia. Finalmente, Richard Arkwright e o reverendo Edmund Cartwright inventaram grandes máquinas de tecelagem, movidas por energia hidráulica. E então, nos anos oitenta do século XVIII, justamente quando os Estados Gerais da França iniciaram aquelas famosas reuniões que revolucionariam o sistema político da Europa, os motores de Watt foram arranjados de tal maneira que poderiam dirigir as máquinas de tecelagem de Arkwright, e isso criou uma revolução econômica e social que mudou o relacionamento humano em quase todas as partes do mundo.

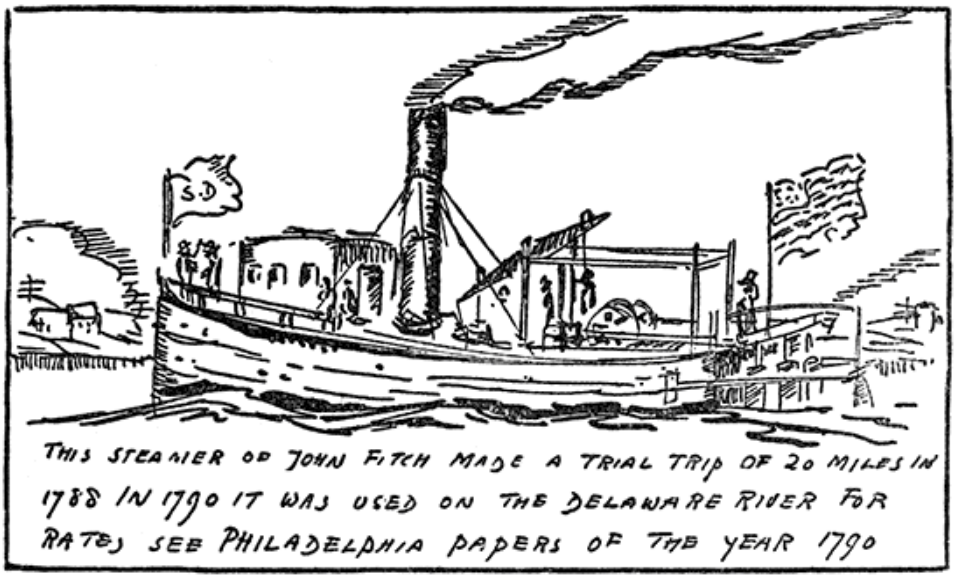
Assim que o motor estacionário provou ser um sucesso, os inventores voltaram sua atenção para o problema de impulsionar barcos e carroças com a ajuda de um artifício mecânico. O próprio Watt projetou planos para uma "locomotiva a vapor", mas antes de aperfeiçoar suas idéias, no ano de 1804, uma locomotiva feita por Richard Trevithick carregou uma carga de vinte toneladas em Pen-y-Darran, no distrito de mineração do País de Gales.

Ao mesmo tempo, um joalheiro e pintor de retratos americano chamado Robert Fulton estava em Paris, tentando convencer Napoleão de que, com o uso de seu barco submarino, o "Nautilus" e seu "barco a vapor", os franceses ser capaz de destruir a supremacia naval da Inglaterra.

A ideia de Fulton de um barco a vapor não era original. Sem dúvida, ele havia copiado de John Fitch, um gênio mecânico de Connecticut cujo barco

a vapor engenhosamente construído havia navegado pelo rio Delaware no ano de 1787. Mas Napoleão e seus conselheiros científicos não acreditavam na possibilidade prática de um barco autopropulsionado. e, embora o motor escocês do pequeno barco incidisse alegremente sobre o rio Sena, o grande imperador esqueceu-se de usar essa formidável arma que poderia ter lhe dado a vingança por Trafalgar.

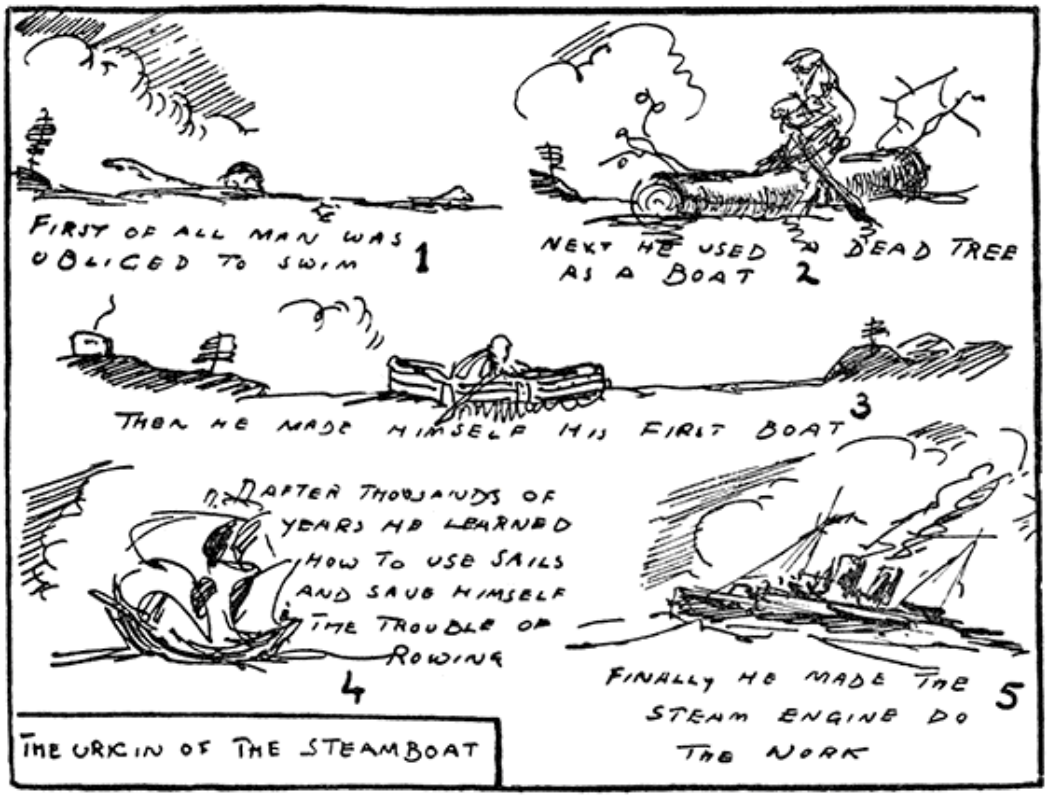
Quanto a Fulton, ele retornou aos Estados Unidos e, sendo um homem de negócios prático, organizou uma bem sucedida companhia de barcos a vapor junto com Robert R. Livingston, um signatário da Declaração de Independência, que era Ministro americano da França quando Fulton estava em Paris, tentando vender sua invenção. O primeiro navio desta nova empresa, o "Clermont", que recebeu o monopólio de todas as águas do Estado de Nova York, equipado com um motor construído pela Boulton and Watt de Birmingham na Inglaterra, iniciou um serviço regular entre Nova York e Albany. no ano de 1807.



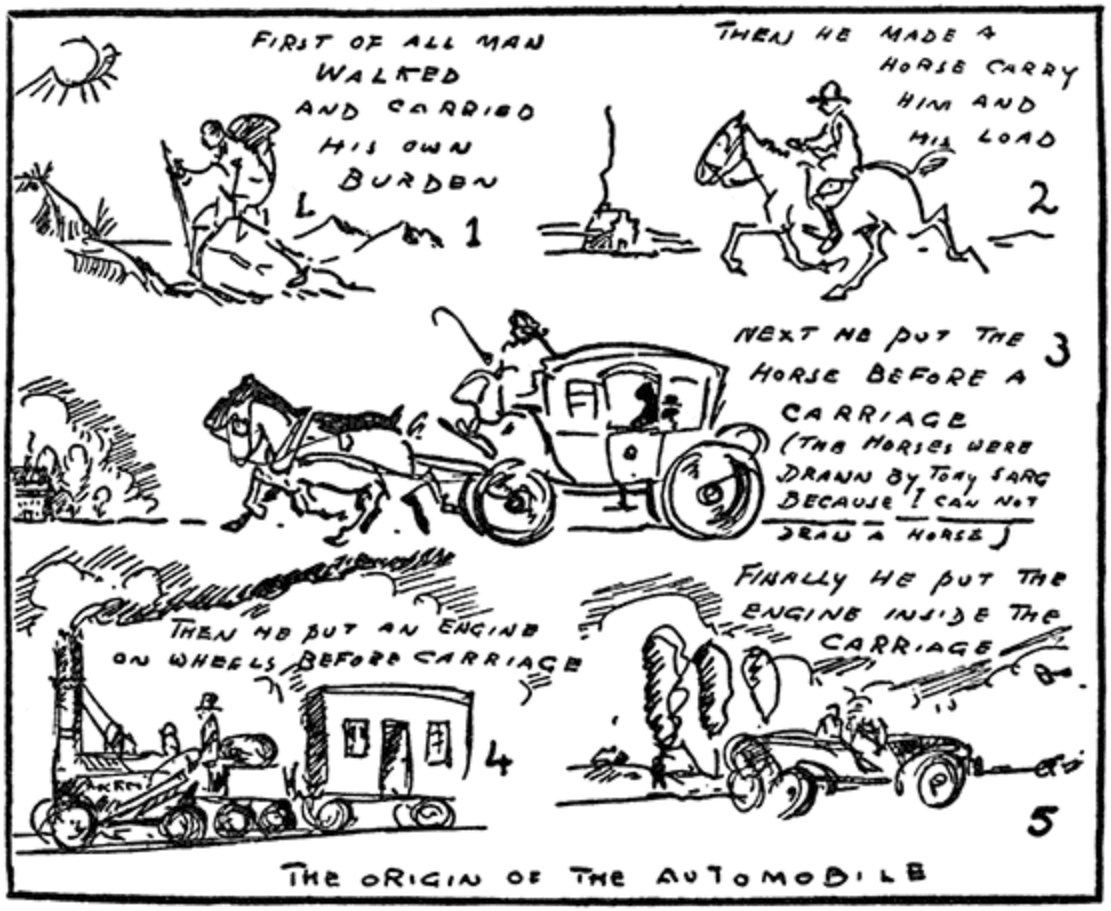
Quanto ao pobre John Fitch, o homem que muito antes de qualquer outra pessoa ter usado o "barco a vapor" para fins comerciais, ele chegou a uma morte triste. Quebrado em saúde e vazio de carteira, ele chegou ao fim de seus recursos quando seu quinto barco, que foi impulsionado por meio de um parafuso-hélice, tinha sido destruído. Seus vizinhos zombaram dele como se estivessem rindo cem anos depois, quando o professor Langley construiu suas engraçadas máquinas voadoras. Fitch esperava dar ao seu país um acesso fácil aos largos rios do oeste e seus compatriotas preferiam

viajar em barcos planos ou ir a pé. No ano de 1798, em total desespero e miséria, Fitch se matou tomando veneno.

Mas vinte anos depois, a "Savannah", um vapor de 1850 toneladas e produzindo seis nós por hora (a Mauritânia vai apenas quatro vezes mais rápido), atravessou o oceano de Savannah a Liverpool no tempo recorde de vinte e cinco dias. Então houve um fim ao escárnio da multidão e em seu entusiasmo o povo deu o crédito pela invenção ao homem errado.



Seis anos depois, George Stephenson, um escocês que construí locomotivas com o objetivo de transportar carvão da mina para fornos de fusão e fábricas de algodão, construiu seu famoso "mecanismo de viagem" que reduziu o preço do carvão em quase setenta por cento e que permitiram estabelecer o primeiro serviço regular de passageiros entre Manchester e Liverpool, quando as pessoas eram levadas de cidade em cidade à velocidade inédita de quinze milhas por hora. Uma dúzia de anos depois, essa velocidade aumentara para trinta quilômetros por hora. Atualmente, qualquer flivver bem-comportado (o descendente direto das pequenas máquinas motorizadas de Daimler e Levassor dos anos 80 do século passado) pode fazer melhor do que esses primeiros "Puffing Billies".



Mas enquanto esses engenheiros de mentalidade prática estavam aprimorando seus "motores de calor", um grupo de cientistas "puros" (homens que dedicam quatorze horas de cada dia ao estudo desses fenômenos científicos "teóricos" sem os quais nenhum progresso mecânico seria possível) estavam seguindo um novo perfume que prometia levá-los aos domínios mais secretos e ocultos da natureza.

Dois mil anos atrás, um número de filósofos gregos e romanos (notavelmente Tales de Mileto e Plínio que foi morto enquanto tentavam estudar a erupção do Vesúvio do ano de 79 quando Pompéia e Herculano foram enterrados sob as cinzas) notaram estranhas pedaços de palha e de penas que ficavam grudadas perto de um pedaço de âmbar que estava sendo esfregado com um pouco de lã. Os escolásticos da Idade Média não se interessaram por esse misterioso poder “elétrico”. Mas logo após o Renascimento, Guilherme Gilbert, médico particular da rainha Isabel, escreveu seu famoso tratado sobre o caráter e o comportamento dos ímãs. Durante a Guerra dos Trinta Anos, Otto von Guericke, o burgomestre de

Magdeburgo e o inventor da bomba de ar, construiu a primeira máquina elétrica. Durante o século seguinte, um grande número de cientistas dedicou-se ao estudo da eletricidade. Não menos de três professores inventaram a famosa Garrafa de Leiden no ano de 1795. Ao mesmo tempo, Benjamin Franklin, o gênio mais universal da América ao lado de Benjamin Thomson (que após sua fuga de New Hampshire por causa de suas simpatias pró-britânicas se tornou conhecido como Conde Rumford) estava dedicando sua atenção a este assunto. Ele descobriu que os raios e a faísca elétrica eram manifestações da mesma energia elétrica e continuaram seus estudos elétricos até o final de sua vida ocupada e útil. Depois vieram Volta com sua famosa “pilha elétrica”, Galvani, Day e o professor dinamarquês Hans Christian Oersted e Ampère, Arago e Faraday, todos eles investigadores diligentes da verdadeira natureza das forças elétricas.

Eles livremente deram suas descobertas para o mundo e Samuel Morse (que, como Fulton começou sua carreira como artista), pensou que poderia usar essa nova corrente elétrica para transmitir mensagens de uma cidade para outra. Ele pretendia usar fio de cobre e uma pequena máquina que ele havia inventado. As pessoas riram dele. Morse, portanto, foi obrigado a financiar seus próprios experimentos e logo ele gastou todo o seu dinheiro e então ele ficou muito pobre e as pessoas riam ainda mais alto. Ele então pediu ao Congresso para ajudá-lo e uma Comissão Especial de Comércio prometeu-lhe seu apoio. Mas os membros do Congresso não estavam interessados e Morse teve que esperar doze anos antes de receber uma pequena dotação do Congresso. Ele então construiu um "telégrafo" entre Baltimore e Washington. No ano de 1837, ele havia mostrado seu primeiro "telégrafo" de sucesso em uma das salas de aula da Universidade de Nova York. Finalmente, em 24 de maio de 1844, a primeira mensagem de longa distância foi enviada de Washington para Baltimore e hoje o mundo inteiro é coberto com fios telegráficos e podemos enviar notícias da Europa para a Ásia em poucos segundos. Vinte e três anos depois, Alexander Graham Bell usou a corrente elétrica para seu telefone. E meio século depois, Marconi aprimorou essas idéias inventando um sistema de envio de mensagens que eliminava inteiramente os fios antiquados.

Enquanto Morse, o New Englander, estava trabalhando em seu "telégrafo", Michael Faraday, o homem de Yorkshire, construiu o primeiro "dínamo". Esta minúscula pequena máquina foi concluída no ano de 1881,

quando a Europa ainda estava tremendo como resultado das grandes revoluções de julho, que perturbaram tão gravemente os planos do Congresso de Viena. O primeiro dínamo cresceu e cresceu e cresceu e hoje nos fornece calor e luz (você conhece as pequenas lâmpadas incandescentes que Edison, construindo sobre experimentos franceses e ingleses dos anos quarenta e cinquenta, primeiro feito em 1878) e com poder para todos os tipos de máquinas. Se não me engano, o motor elétrico em breve expulsará o "motor térmico" assim como nos velhos tempos, os animais pré-históricos, mais organizados, expulsavam seus vizinhos menos eficientes.

Pessoalmente (mas eu não sei nada sobre maquinário) isso vai me deixar muito feliz. Pois o motor elétrico que pode ser dirigido pelo poder da água é um servo limpo e amigável da humanidade, mas o "motor térmico", a maravilha do século XVIII, é uma criatura barulhenta e poluente que enche o mundo de pilhas de fumaça, com poeira e fuligem e pedindo que seja alimentado com carvão que tem que ser extraído das minas com grande inconveniência e risco para milhares de pessoas.

E se eu fosse um romancista e não um historiador, que deve se ater aos fatos e não pode usar sua imaginação, eu descreveria o dia feliz em que a última locomotiva a vapor será levada ao Museu de História Natural para ser colocada ao lado do esqueleto do dinossauro e do Pterossauro e as outras criaturas extintas de um tempo passado.

OceanofPDF.com

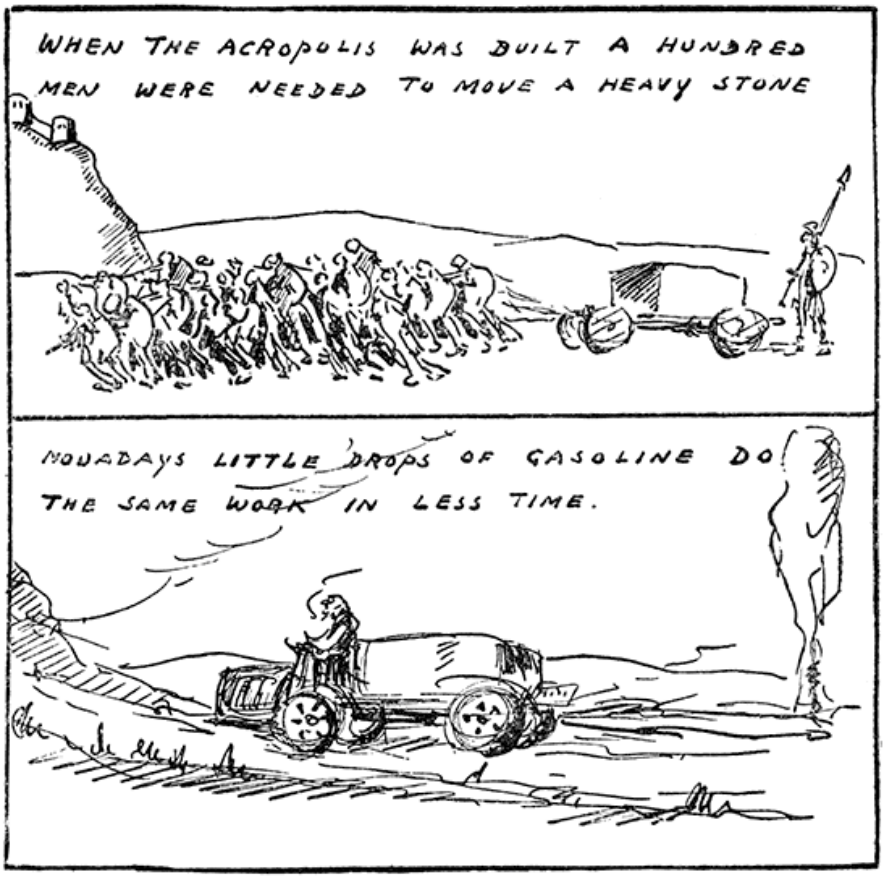
A REVOLUÇÃO SOCIAL

Mas os mecanismos novos eram muito caros e somente ricos poderiam tê-los. O velho sapateiro que tinha sido seu próprio patrão se viu obrigado a trabalhar para os donos das grandes fábricas

Nos tempos antigos o trabalho do mundo tinha sido feito por operários independentes que se sentavam em suas próprias pequenas oficinas na frente de suas casas, que possuíam suas ferramentas, que encaixotavam os ouvidos de seus próprios aprendizes e que, dentro dos limites prescritos por suas guildas, conduziram seus negócios como lhes agradava. Eles viviam vidas simples e eram obrigados a trabalhar longas horas, mas eram seus próprios mestres. Se eles se levantassem e vissem que era um ótimo dia para ir pescar, eles foram pescar e não havia ninguém para dizer "não".

Mas a introdução de máquinas mudou isso. Uma máquina não é nada além de uma ferramenta muito ampliada. Um trem que leva você a uma velocidade de uma milha por minuto é, na realidade, um par de pernas muito rápidas, e um martelo a vapor que achata placas pesadas de ferro é apenas um grande punho terrível, feito de aço.

Mas enquanto todos podemos ter um par de boas pernas e um bom punho forte, um trem de ferrovia, um martelo a vapor e uma fábrica de algodão são máquinas muito caras e não são de propriedade de um único homem, mas geralmente de uma empresa de pessoas que contribuem com certa quantia e depois dividem os lucros de sua ferrovia ou fábrica de algodão de acordo com a quantidade de dinheiro que investiram.



Portanto, quando as máquinas foram aprimoradas até que fossem realmente praticáveis e lucrativas, os construtores dessas grandes ferramentas, os fabricantes de máquinas, começaram a procurar clientes que pudessem pagar em dinheiro.

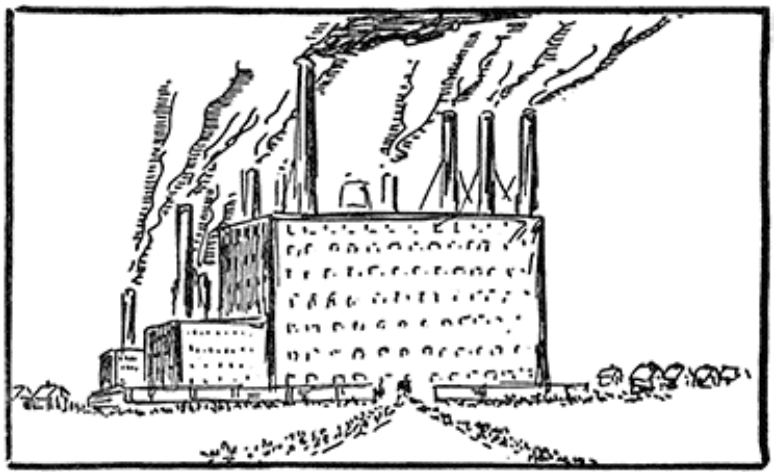
Durante o início da Idade Média, quando a terra era quase a única forma de riqueza, a nobreza era a única pessoa que era considerada rica. Mas como eu lhe contei em um capítulo anterior, o ouro e a prata que eles possuíam eram bastante insignificantes e usaram o antigo sistema de troca, trocando vacas por cavalos e ovos por mel. Durante as cruzadas, os burgueses das cidades conseguiram reunir riquezas do comércio revitalizante entre o leste e o oeste, e foram sérios rivais dos senhores e dos cavaleiros.

A Revolução Francesa destruíra inteiramente a riqueza da nobreza e aumentara enormemente a da classe média ou da “burguesia”. Os anos de agitação que se seguiram à Grande Revolução ofereceram a muitas pessoas de classe média a chance de obter mais do que sua parcela de bens deste mundo. As propriedades da igreja haviam sido confiscadas pela Convenção

Francesa e haviam sido vendidas em leilão. Houve uma quantidade incrível de enxerto. Os especuladores de terras haviam roubado milhares de milhas quadradas de terras valiosas e, durante as guerras napoleônicas, eles haviam usado sua capital para “aproveitar” grãos e pólvora, e agora eles possuíam mais riqueza do que precisavam para as despesas reais de suas famílias. e eles podiam construir suas próprias fábricas e contratar homens e mulheres para trabalhar nas máquinas.

Isso causou uma mudança muito abrupta na vida de centenas de milhares de pessoas. Em poucos anos, muitas cidades dobraram o número de seus habitantes e o antigo centro cívico, que era a verdadeira "casa" dos cidadãos, estava cercado de subúrbios feios e baratos, onde os operários dormiam depois de onze, doze ou treze horas que passavam nas fábricas.

De longe, através do campo, falava-se das fabulosas somas de dinheiro que podiam ser feitas nas cidades. O camponês, acostumado a uma vida a céu aberto, foi para a cidade. Ele rapidamente perdeu sua saúde antiga em meio à fumaça, poeira e sujeira dessas fábricas precoces e mal ventiladas, e o fim, muitas vezes, foi a morte na casa dos pobres ou no hospital.



É claro que a mudança da fazenda para a fábrica por parte de tantas pessoas não foi conseguida sem uma certa quantidade de oposição. Como um motor poderia trabalhar tanto quanto cem homens, os noventa e nove outros que foram demitidos não gostaram. Frequentemente eles atacaram os prédios da fábrica e incendiaram as máquinas, mas as companhias de seguros haviam sido organizadas já no século XVII e, via de regra, os proprietários estavam bem protegidos contra perdas.

Logo, novas e melhores máquinas foram instaladas, a fábrica foi cercada por um muro alto e depois houve um fim aos tumultos. As antigas guildas não poderiam sobreviver neste novo mundo de vapor e ferro. Eles saíram da existência e os operários tentaram organizar sindicatos trabalhistas regulares. Mas os proprietários das fábricas, que através de suas riquezas podiam exercer grande influência sobre os políticos dos diferentes países, foram ao Legislativo e aprovaram leis que proibiam a formação de tais sindicatos porque interferiam na "liberdade de ação" do trabalhador.

Por favor, não pensem que os bons membros do Parlamento que aprovaram essas leis eram tiranos perversos. Eles eram os verdadeiros filhos do período revolucionário, quando todos falavam de "liberdade" e quando as pessoas frequentemente matavam seus vizinhos porque não eram tão amantes da liberdade como deveriam ter sido. Como a "liberdade" era a principal virtude do homem, não era certo que os sindicatos de trabalhadores ditassem aos seus membros as horas durante as quais poderiam trabalhar e os salários que deveriam exigir. O trabalhador deve, em todos os momentos, ser "livre para vender seus serviços no mercado aberto", e o empregador deve ser igualmente "livre" para conduzir seus negócios como bem entendesse. Os dias do sistema mercantil, quando o estado regulamentou a vida industrial de toda a comunidade, estava chegando ao fim. A nova idéia de "liberdade" insistia em que o Estado ficasse totalmente de lado e deixasse o comércio seguir seu curso.

A última metade do século XVIII não foi apenas um período de dúvida intelectual e política, mas as velhas idéias econômicas também haviam sido substituídas por novas que melhor atendiam à necessidade da hora. Vários anos antes da revolução francesa, Turgot, que havia sido um dos vencedores ministros das finanças de Luís XVI, havia pregado a nova doutrina da "liberdade econômica". Turgot vivia em um país que sofria com excesso de burocracia, muitos regulamentos, muitos funcionários tentando impor muitas leis. "Remova essa supervisão oficial", escreveu ele, "deixe as pessoas fazerem o que quiserem, e tudo ficará bem". Logo seu famoso conselho de "laissez faire" tornou-se o grito de guerra em torno do qual os economistas daquele período se reuniram.

Ao mesmo tempo, na Inglaterra, Adam Smith estava trabalhando em seus poderosos volumes sobre a "Riqueza das Nações", que fez outro apelo por "liberdade" e os "direitos naturais do comércio". Trinta anos depois,

após a queda de Napoleão, quando as potências reacionárias da Europa obtiveram sua vitória em Viena, a mesma liberdade que lhes foi negada em suas relações políticas foi imposta a eles em sua vida industrial.

O uso geral de máquinas, como eu disse no começo deste capítulo, provou ser de grande vantagem para o estado. A riqueza aumentou rapidamente. A máquina tornou possível que um único país, como a Inglaterra, carregasse todos os fardos das grandes guerras napoleônicas. Os capitalistas (as pessoas que forneciam o dinheiro com o qual as máquinas eram compradas) obtinham enormes lucros. Eles se tornaram ambiciosos e começaram a se interessar por política. Eles tentaram competir com a aristocracia rural que ainda exercia grande influência sobre o governo da maioria dos países europeus.

Na Inglaterra, onde os membros do Parlamento ainda eram eleitos de acordo com um Decreto Real do ano de 1265, e onde um grande número de centros industriais recentemente criados estavam sem representação, eles provocaram a aprovação da Lei de Reforma do ano de 1832, que mudou o sistema eleitoral e deu à classe dos proprietários das fábricas mais influência sobre o corpo legislativo. Isso, no entanto, causou grande descontentamento entre os milhões de operários, que ficaram sem voz no governo. Eles também começaram uma agitação pelo direito de voto. Eles colocam suas demandas em um documento que veio a ser conhecido como "Carta do Povo". Os debates sobre essa carta ficaram cada vez mais violentos. Eles ainda não tinham chegado ao fim quando as revoluções do ano de 1848 eclodiram. Assustado com a ameaça de um novo surto, o jacobinismo e a violência, o governo inglês colocou o Duque de Wellington, agora com oitenta anos, à frente do exército, e chamou voluntários. Londres foi colocada em estado de sítio e preparações foram feitas para suprimir a revolução vindoura.

Mas o movimento cartista se matou por má liderança e nenhum ato de violência aconteceu. A nova classe de donos de fábricas ricas, (eu não gosto da palavra "burguesia" que foi usada até a morte pelos apóstolos de uma nova ordem social), lentamente aumentou seu poder sobre o governo, e as condições da vida industrial nas grandes cidades. Continuou a transformar vastos hectares de pasto e terra de trigo em miseráveis favelas, que guardam a aproximação de todas as cidades européias modernas.

OceanofPDF.com

A EMANCIPAÇÃO

A introdução geral da maquinaria não trouxe a era da alegria e a prosperidade que foi prevista pela geração que viu as charretes serem substituidas pela estrada de ferro. Várias soluções foram sugeridas, mas nenhuma dessas soluções resolveu o problema

No ano de 1831, pouco antes do falecimento do primeiro Reform Bill, Jeremy Bentham, o grande estudante inglês de métodos legislativos e o reformador político mais prático da época, escreveu a um amigo: "A maneira de estar confortável é fazer com que os outros se sintam confortáveis". A maneira de tornar os outros confortáveis é parecer amá-los. A maneira de parecer amá-los é amá-los na realidade ”. Jeremy era um homem honesto. Ele disse o que ele acreditava ser verdade. Suas opiniões foram compartilhadas por milhares de seus compatriotas. Eles se sentiam responsáveis pela felicidade de seus vizinhos menos afortunados e tentaram o melhor para ajudá-los. E o Céu sabe que já era hora de fazer alguma coisa!

O ideal de "liberdade econômica" (o "laissez faire" de Turgot) era necessário na velha sociedade, onde restrições medievais lamentavam todo o esforço industrial. Mas essa "liberdade de ação", que havia sido a mais alta lei da terra, levara a uma terrível condição. As horas na fábrica eram limitadas apenas pela força física dos trabalhadores. Enquanto uma mulher pudesse se sentar diante de seu tear, sem desmaiar de fadiga, deveria trabalhar. Filhos de cinco e seis anos foram levados para as fábricas de algodão, para salvá-los dos perigos da rua e de uma vida de ócio. Uma lei foi aprovada que forçou os filhos de indigentes a irem trabalhar ou serem punidos por estarem acorrentados a suas máquinas. Em troca de seus serviços, eles recebiam comida ruim o suficiente para mantê-los vivos e uma espécie de chiqueiro em que podiam descansar à noite. Muitas vezes

eles estavam tão cansados que adormeciam no trabalho. Para mantê-los acordados, um capataz fazia as rondas e os batia nos nós dos dedos quando era necessário trazê-los de volta aos seus deveres. Claro que, nessas circunstâncias, milhares de crianças pequenas morreram. Isso era lamentável e os empregadores, que afinal eram seres humanos e não sem coração, sinceramente desejavam poder abolir o "trabalho infantil". Mas como o homem era "livre", as crianças também eram "livres". Além disso, se o Sr. Jones tivesse tentado trabalhar em sua fábrica sem o uso de crianças de cinco e seis anos, seu rival, o Sr. Stone, teria contratado uma fonte extra de meninos e Jones teria sido forçado a falir. Era, portanto, impossível para Jones ficar sem trabalho infantil até que um ato do Parlamento o proibisse para todos os empregadores.

Mas como o Parlamento não era mais dominado pela velha aristocracia fundiária (que desprezava os donos de fábricas iniciantes com suas sacolas de dinheiro e os tratava com desprezo aberto), mas estava sob o controle dos representantes dos centros industriais, e enquanto a lei não permitia que trabalhadores combinassem em sindicatos, muito pouco foi realizado. É claro que as pessoas inteligentes e decentes da época não eram cegas para essas condições terríveis. Elas estavam apenas desamparadas. A maquinaria havia conquistado o mundo de surpresa e levou muitos anos e os esforços de milhares de homens e mulheres nobres para fazer da máquina o que deveria ser, o servo do homem, e não seu mestre.

Curiosamente, o primeiro ataque ao ultrajante sistema de emprego, então comum em todas as partes do mundo, foi feito em nome dos escravos negros da África e da América. A escravidão foi introduzida no continente americano pelos espanhóis. Eles haviam tentado usar os índios como trabalhadores nos campos e nas minas, mas os índios, quando tirados de uma vida ao ar livre, tinham se deitado e morrido e para salvá-los da extinção, um padre bondoso sugerira que negros fossem trazidos da África para fazer o trabalho. Os negros eram fortes e podiam suportar um tratamento violento. Além disso, a associação com o homem branco lhes daria a chance de aprender o cristianismo e, desse modo, seriam capazes de salvar suas almas e, portanto, de todos os pontos de vista possíveis, seria um excelente arranjo tanto para o bondoso homem branco quanto para seu ignorante irmão negro. Mas com a introdução do maquinário houve uma demanda maior por algodão e os negros foram forçados a trabalhar mais do

que nunca, e eles também, como os índios, começaram a morrer sob o tratamento que recebiam das mãos dos superintendentes.

Histórias de incrível crueldade encontravam constantemente a Europa e, em todos os países, homens e mulheres começaram a agitar pela abolição da escravatura. Na Inglaterra, Guilherme Wilberforce e Zachary Macaulay (o pai do grande historiador cuja história da Inglaterra você deve ler se quiser saber como um livro de história pode ser maravilhosamente interessante) organizou uma sociedade para a supressão da escravidão. Primeiro de tudo eles conseguiram uma lei que tornava o "comércio de escravos" ilegal. E depois do ano de 1840 não havia um único escravo em nenhuma das colônias britânicas. A revolução de 1848 pôs fim à escravidão nas possessões francesas. Os portugueses aprovaram uma lei no ano de 1858 que prometia a todos os escravos sua liberdade em vinte anos a partir da data.

Nos Estados Unidos da América a questão levou a graves dificuldades e uma guerra prolongada. Embora a Declaração de Independência tenha estabelecido o princípio de que "todos os homens foram criados livres e iguais", uma exceção foi feita para aqueles homens e mulheres cujas peles eram escuras e que trabalhavam nas plantações dos estados do sul. Com o passar do tempo, a antipatia das pessoas do Norte pela instituição da escravidão aumentou e eles não fizeram segredo de seus sentimentos. Os sulistas, no entanto, alegaram que não poderiam cultivar seu algodão sem trabalho escravo, e por quase cinquenta anos um poderoso debate se desenrolou tanto no Congresso quanto no Senado.

O Norte permaneceu obstinado e o Sul não cedeu. Quando parecia impossível chegar a um acordo, os estados do sul ameaçaram deixar a União. Foi um ponto muito perigoso na história da União. Muitas coisas "podiam" ter acontecido. O fato de não terem acontecido foi obra de um homem muito grande e muito bom.

Em 6 de novembro do ano de 1860, Abraham Lincoln, um advogado de Illinois, e um homem que fizera sua própria fortuna intelectual, fora eleito presidente pelos republicanos, que eram muito fortes nos estados antiescravistas. Ele sabia que os males da escravidão humana em primeira mão e seu astuto senso comum lhe diziam que não havia espaço no continente setentrional para duas nações rivais. Quando vários estados do sul se separaram e formaram os "Estados Confederados da América",

Lincoln aceitou o desafio. Os estados do norte foram convocados para voluntários. Centenas de milhares de jovens responderam com entusiasmo e seguiram-se quatro anos de amarga guerra civil. O Sul, melhor preparado e seguindo a brilhante liderança de Lee e Jackson, repetidamente derrotou os exércitos do Norte. Então a força econômica da Nova Inglaterra e do Ocidente começou a contar. Um oficial desconhecido chamado Grant surgiu da obscuridade e se tornou o Charles Martel da grande guerra de escravos. Sem interrupção, ele martelou seus poderosos golpes contra as defesas desintegradas do sul. No início do ano de 1863, o Presidente Lincoln emitiu sua “Proclamação da Emancipação”, que libertou todos os escravos. Em abril do ano de 1865, Lee entregou o último de seus bravos exércitos em Appomattox. Alguns dias depois, o presidente Lincoln foi assassinado por um lunático. Mas seu trabalho foi feito. Com exceção de Cuba, que ainda estava sob domínio espanhol, a escravidão chegou ao fim em todas as partes do mundo civilizado.

Mas enquanto o negro gozava de uma quantidade cada vez maior de liberdade, os trabalhadores "livres" da Europa não se saíram tão bem. De fato, é uma questão de surpresa para muitos escritores e observadores contemporâneos que as massas de operários (o chamado proletariado) não morreram por pura miséria. Eles viviam em casas sujas situadas em partes miseráveis das favelas. Eles comiam comida ruim. Eles receberam apenas a escolaridade suficiente para ajustá-los a suas tarefas. Em caso de morte ou acidente, suas famílias não foram atendidas. Mas os interesses da cervejaria e da destilaria (que poderiam exercer grande influência sobre o Legislativo) encorajaram-nos a esquecer seus infortúnios, oferecendo-lhes quantidades ilimitadas de uísque e gim a preços muito baratos.

A enorme melhoria que tem ocorrido desde os anos trinta e quarenta do século passado não se deve aos esforços de um único homem. Os melhores cérebros de duas gerações dedicaram-se à tarefa de salvar o mundo dos resultados desastrosos da introdução súbita de máquinas. Eles não tentaram destruir o sistema capitalista. Isso teria sido muito tolo, pois a riqueza acumulada de outras pessoas, quando usada de maneira inteligente, pode ser de grande benefício para toda a humanidade. Mas eles tentaram combater a noção de que a verdadeira igualdade pode existir entre o homem que tem riqueza e possui as fábricas e pode fechar suas portas à vontade sem o risco de passar fome, e o trabalhador que deve aceitar qualquer trabalho

oferecido, seja qual for o salário que ele pode conseguir, ou enfrentar o risco de fome para si mesmo, sua esposa e seus filhos.

Eles se esforçaram para introduzir uma série de leis que regulavam as relações entre os donos da fábrica e os trabalhadores. Neste, os reformadores têm sido cada vez mais bem sucedidos em todos os países. Hoje, a maioria dos trabalhadores está bem protegida; suas horas estão sendo reduzidas à excelente média de oito e seus filhos são mandados para as escolas em vez de irem para poços de minas ou fábricas insalubres.

Mas havia outros homens que também contemplavam a visão de todas as pilhas de fumaça que escorriam, que ouviam o barulho dos trens da estrada de ferro, que viam os armazéns cheios de todo tipo de material, e que se perguntavam qual era o objetivo final essa tremenda atividade levaria nos próximos anos. Eles lembraram que a raça humana viveu por centenas de milhares de anos sem competição comercial e industrial. Poderiam eles mudar a ordem existente das coisas e acabar com um sistema de rivalidade que tantas vezes sacrificava a felicidade humana aos lucros?

Essa ideia — essa vaga esperança de um dia melhor — não se restringia a um único país. Na Inglaterra, Robert Owen, dono de muitas fábricas de algodão, estabeleceu a chamada "comunidade socialista", que foi um sucesso. Mas quando ele morreu, a prosperidade de New Lanark chegou ao fim e uma tentativa de Luís Blanc, um jornalista francês, de estabelecer "oficinas sociais" por toda a França não se saiu melhor. De fato, o crescente número de escritores socialistas logo começou a ver que pequenas comunidades individuais que permaneciam fora da vida industrial regular nunca seriam capazes de realizar qualquer coisa. Era necessário estudar os princípios fundamentais subjacentes a toda a sociedade industrial e capitalista antes que pudessem ser sugeridos remédios úteis.

Os socialistas práticos como Robert Owen e Luís Blanc e François Fournier foram sucedidos por estudantes teóricos do socialismo como Karl Marx e Friedrich Engels. Destes dois, Marx é o mais conhecido. Ele era um judeu muito brilhante cuja família viveu por muito tempo na Alemanha. Ele tinha ouvido falar dos experimentos de Owen e Blanc e começou a se interessar por questões de trabalho e salários e desemprego. Mas suas visões liberais o tornaram impopular junto às autoridades policiais da

Alemanha, e ele foi forçado a fugir para Bruxelas e depois para Londres, onde viveu uma vida pobre como correspondente do New York Tribune.

Até agora, ninguém havia prestado muita atenção a seus livros sobre assuntos econômicos. Mas no ano de 1864 ele organizou a primeira associação internacional de trabalhadores e três anos depois, em 1867, publicou o primeiro volume de seu bem conhecido tratado chamado "Capital". Marx acreditava que toda a história era uma longa luta entre aqueles que “Tem” e aqueles que “não tem”. A introdução e o uso geral de maquinário criaram uma nova classe na sociedade, a dos capitalistas que usaram sua riqueza excedente para comprar as ferramentas que eram então usadas pelos trabalhadores para produzir ainda mais riqueza, que foi novamente usada para construir mais fábricas e assim por diante, até o fim dos tempos. Enquanto isso, de acordo com Marx, o terceiro estado (a burguesia) estava ficando cada vez mais rico e o quarto estado (o proletariado) estava ficando cada vez mais pobre, e ele previu que no final, um homem possuiria toda a riqueza do mundo. enquanto os outros seriam seus empregados e dependentes de sua boa vontade.

Para evitar tal estado de coisas, Marx aconselhou trabalhadores de todos os países a se unirem e lutarem por uma série de medidas políticas e econômicas que ele havia enumerado em um Manifesto no ano de 1848, o ano da última grande revolução européia.

Essas visões, é claro, foram muito impopulares com os governos da Europa, muitos países, especialmente a Prússia, aprovaram severas leis contra os socialistas e policiais foram ordenados a romper as reuniões socialistas e prender os oradores. Mas esse tipo de perseguição nunca faz bem algum. Mártires são os melhores anúncios possíveis para uma causa impopular. Na Europa, o número de socialistas aumentou de forma constante e logo ficou claro que os socialistas não contemplavam uma revolução violenta, mas usavam seu poder crescente nos diferentes Parlamentos para promover os interesses das classes trabalhadoras. Os socialistas foram chamados a atuar como Ministros do Gabinete e cooperaram com católicos e protestantes progressistas para desfazer o dano causado pela Revolução Industrial e para conseguir uma divisão mais justa dos muitos benefícios que se seguiram à introdução da maquinaria e aumento da produção de riqueza.

OceanofPDF.com

A ERA DA CIÊNCIA

Mas o mundo tinha sofrido outra mudança que era de maior importância do que as revoluções políticas ou industriais. Após gerações de opressão e perseguição, o cientista tinha liberdade de ação e estava, agora, tentando descobrir as leis fundamentais que governam o universo

Os egípcios, os babilônios, os caldeus, os gregos e os romanos contribuíram com algo para as primeiras noções vagas de ciência e investigação científica. Mas as grandes migrações do quarto século haviam destruído o mundo clássico do Mediterrâneo, e a Igreja Cristã, que estava mais interessada na vida da alma do que na vida do corpo, tinha considerado a ciência como uma manifestação daquela arrogância humana que queria se intrometer em assuntos divinos que pertenciam ao reino do Deus Todo-Poderoso, e que, portanto, estava intimamente relacionado com os sete pecados capitais.



O Renascimento, até certo ponto, mas limitado, rompera essa parede de preconceitos medievais. A Reforma, no entanto, que havia ultrapassado a Renascença no início do século 16, tinha sido hostil aos ideais da "nova civilização", e mais uma vez os homens da ciência foram ameaçados de

severa punição, caso tentassem passar além dos estreitos limites do conhecimento que haviam sido estabelecidos nas Sagradas Escrituras.

Nosso mundo está cheio de estátuas de grandes generais, no topo de cavalos empinados, levando seus soldados aplaudindo à gloriosa vitória. Aqui e ali, um modesto pedaço de mármore anuncia que um homem da ciência encontrou seu lugar de descanso final. Daqui a mil anos, provavelmente faremos essas coisas de maneira diferente, e os filhos dessa geração feliz saberão da esplêndida coragem e da quase inconcebível devoção ao dever dos homens que foram os pioneiros desse conhecimento abstrato, que por si só fez nossa mundo moderno uma possibilidade prática.

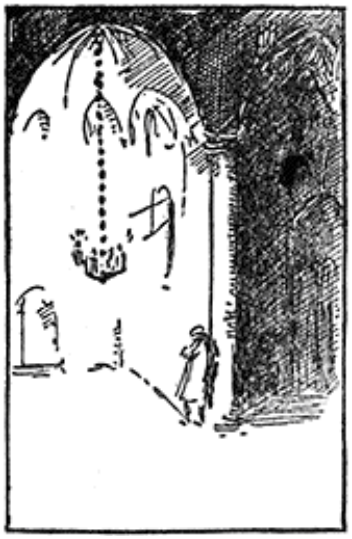
Muitos desses pioneiros científicos sofreram pobreza, desprezo e humilhação. Eles viviam em garças e morriam nas masmorras. Eles não ousaram imprimir seus nomes nas páginas de rosto de seus livros e não ousaram imprimir suas conclusões na terra em que nasceram, mas contrabandearam os manuscritos para alguma gráfica secreta em Amsterdã ou Haarlem. Eles foram expostos à amarga inimizade da Igreja, tanto protestante quanto católica, e foram sujeitos a intermináveis sermões, incitando os paroquianos à violência contra os "hereges".

Aqui e ali encontraram um asilo. Na Holanda, onde o espírito de tolerância era mais forte, as autoridades, embora considerassem essas investigações científicas com pouco favor, recusaram-se a interferir na liberdade de pensamento das pessoas. Tornou-se um pequeno asilo para a liberdade intelectual, onde filósofos, matemáticos e médicos franceses, ingleses e alemães podiam desfrutar de um breve período de descanso e respirar ar livre.

Em outro capítulo, eu lhe contei que Roger Bacon, o grande gênio do século XIII, foi impedido por anos de escrever uma única palavra, a fim de não se meter em novos problemas com as autoridades da igreja. E quinhentos anos depois, os colaboradores da grande "Enciclopédia" filosófica estavam sob a supervisão constante da guarda francesa. Meio século depois, Darwin, que ousou questionar a história da criação do homem, conforme revelado na Bíblia, foi denunciado em todos os púlpitos como um inimigo da raça humana.

Mesmo hoje, a perseguição daqueles que se aventuram no reino desconhecido da ciência não chegou completamente ao fim. E enquanto

escrevo isso, o Sr. Bryan está dirigindo-se a uma vasta multidão sobre a "Ameaça do Darwinismo", advertindo seus ouvintes contra os erros do grande naturalista inglês.



Tudo isso, no entanto, é um mero detalhe. O trabalho que tem que ser feito invariavelmente é feito, e o lucro final das descobertas e das invenções vai para a massa daquelas mesmas pessoas que sempre condenaram o homem de visão como um idealista nada prático.

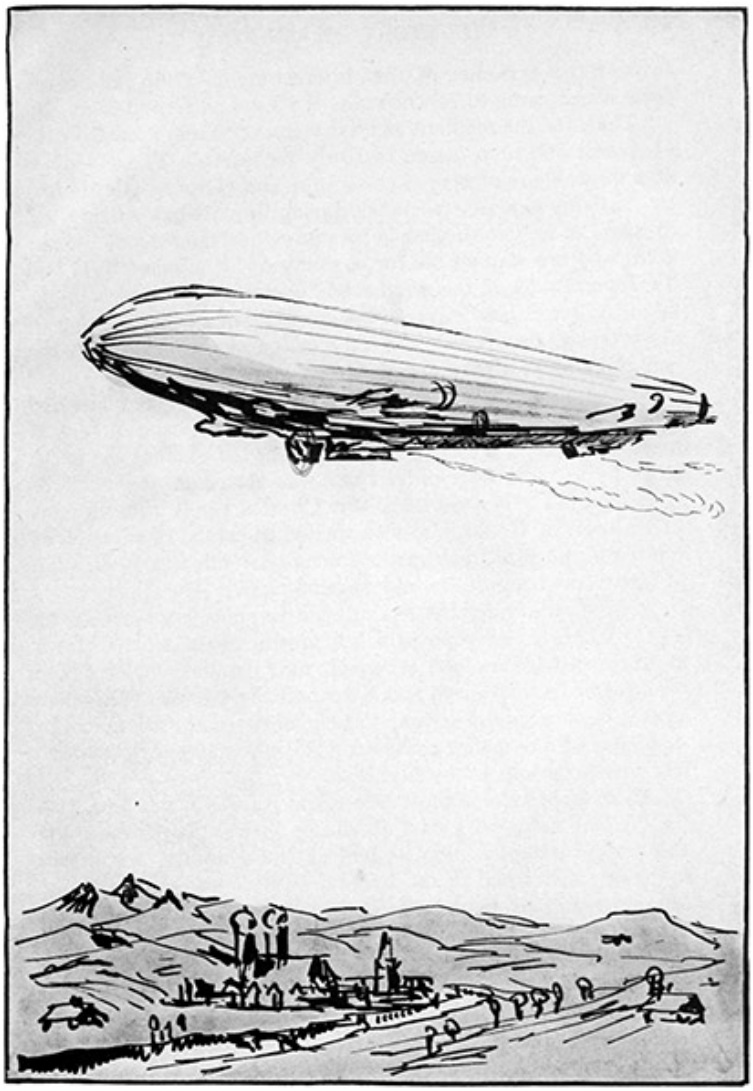
O século XVII ainda preferia investigar os céus longínquos e estudar a posição do nosso planeta em relação ao sistema solar. Mesmo assim, a Igreja desaprovara essa curiosidade indecorosa, e Copérnico, que antes de tudo provara que o sol era o centro do universo, não publicou seu trabalho até o dia de sua morte. Galileu passou a maior parte de sua vida sob a supervisão das autoridades clericais, mas continuou a usar seu telescópio e forneceu uma grande quantidade de observações práticas a Isaac Newton, o que ajudou muito o matemático inglês ao descobrir a existência daquele interessante costume do cair dos objetos que veio a ser conhecido como a Lei da Gravitação.

Que, pelo menos no momento, esgotou o interesse pelos céus, e o homem começou a estudar a terra. A invenção de um microscópio viável (uma coisa estranha e desajeitada), de Anthony van Leeuwenhoek, durante a última metade do século XVII, deu ao homem a chance de estudar as criaturas "microscópicas" responsáveis por tantos de seus males. Ele lançou as bases da ciência da "bacteriologia", que nos últimos quarenta anos libertou o mundo de um grande número de doenças, descobrindo os

minúsculos organismos que causam desconforto. Também permitiu que os geólogos fizessem um estudo mais cuidadoso das diferentes rochas e dos fósseis (as plantas pré-históricas petrificadas) que encontraram profundamente abaixo da superfície da Terra.

Ao mesmo tempo, o Marquês de Laplace estava trabalhando em uma nova teoria da criação, que fez da terra uma pequena mancha no mar nebuloso do qual o sistema planetário havia sido formado e Bunsen e Kirchhoff, pelo uso do espectroscópio, estavam investigando a composição química das estrelas e do nosso bom vizinho, o sol, cujos pontos curiosos haviam sido notados pela primeira vez por Galileu.

Enquanto isso, depois de uma guerra amarga e implacável com as autoridades clericais das terras católicas e protestantes, os anatomistas e fisiologistas finalmente conseguiram permissão para dissecar corpos e substituir a adivinhação dos charlatões medievais por um conhecimento positivo de nossos órgãos e hábitos.



Em uma única geração (entre 1810 e 1840), houve mais progresso em todos os ramos da ciência do que em todas as centenas de milhares de anos que se passaram desde que o homem olhou pela primeira vez para as estrelas e se perguntou por que elas estavam ali. Deve ter sido uma época muito triste para as pessoas que haviam sido educadas sob o antigo sistema. E podemos entender seu sentimento de ódio por homens como Lamarck e Darwin, que não lhes disseram exatamente que eram "descendentes de macacos" (uma acusação que nossos avós pareciam considerar um insulto pessoal), mas que sugeriram que a orgulhosa raça humana evoluiu de uma longa série de ancestrais que puderam rastrear a árvore genealógica até os pequenos peixes-geleia que foram os primeiros habitantes de nosso planeta.

O mundo digno da classe média abastada, que dominava o século XIX, estava disposto a fazer uso do gás ou da luz elétrica, de todas as muitas aplicações práticas das grandes descobertas científicas, mas o mero investigador, o O homem da "teoria científica" sem a qual nenhum progresso seria possível, continuou a ser desconfiado até muito recentemente. Então, finalmente, seus serviços foram reconhecidos. Hoje, as pessoas ricas que em épocas passadas doaram sua riqueza para a construção de uma catedral, constroem vastos laboratórios onde os homens silenciosos lutam contra os inimigos ocultos da humanidade e frequentemente sacrificam suas vidas para que as gerações vindouras desfrutem de maior felicidade e saúde.

De fato, aconteceu que muitos dos males deste mundo, que nossos ancestrais consideravam como inevitáveis "atos de Deus", foram expostos como manifestações de nossa própria ignorância e negligência. Toda criança hoje em dia sabe que pode evitar ter febre tifóide com um pouco de cuidado na escolha de sua água potável. Mas levou anos e anos de trabalho duro antes que os médicos conseguissem convencer as pessoas desse fato. Poucos de nós agora temem a cadeira do dentista. Um estudo dos micróbios que vivem em nossa boca tornou possível evitar que os dentes se deteriorem. Quando os jornais do ano de 1846 trouxeram a história da "operação indolor" que foi realizado na América com a ajuda do éter, as pessoas boas da Europa balançaram a cabeça. Para eles, parecia contra a vontade de Deus que o homem escapasse da dor que era a parte de todos os mortais, e demorou muito para que a prática de tomar éter e clorofórmio para as operações se tornasse geral.

Mas a batalha do progresso havia sido ganha. A brecha nos velhos muros do preconceito foi ficando cada vez maior e, com o passar do tempo, as antigas pedras da ignorância desabaram. Os ávidos cruzadores de uma nova e mais feliz ordem social avançaram. De repente, eles se viram diante de um novo obstáculo. Das ruínas de um passado longínquo, outra cidadela de reação foi erguida e milhões de homens tiveram que dar suas vidas antes que este último baluarte fosse destruído.

OceanofPDF.com

ARTE

Um capítulo sobre arte

Quando um bebê é perfeitamente saudável e tem o suficiente para comer e dormiu o que quer, então ele cantarola um pouco para mostrar como ele é feliz. Para os adultos, esse zumbido não significa nada. Soa como "goo-zum, goo-zum, goo-oooo", mas para o bebê é uma música perfeita. É sua primeira contribuição para a arte.

Assim que ele (ou ela) fica um pouco mais velho e é capaz de se sentar, o período de confecção de bolinhos de barro começa. Esses bolinhos de lama não interessam ao mundo exterior. Há muitos milhões de bebês, fazendo milhões de bolinhos de lama ao mesmo tempo. Mas para o pequeno bebê eles representam outra expedição ao agradável reino da arte. O bebê é agora um escultor.

Na idade de três ou quatro anos, quando as mãos começam a obedecer ao cérebro, a criança se torna pintora. Sua mãe afeiçoada lhe dá uma caixa de giz colorido e cada pedaço solto de papel é rapidamente coberto com estranhos canhões e rabiscos que representam casas, cavalos e terríveis batalhas navais.

Logo, porém, essa felicidade de apenas "fazer coisas" chega ao fim. A escola começa e a maior parte do dia é preenchida com trabalho. O negócio de viver, ou melhor, o negócio de "ganhar a vida", torna-se o evento mais importante na vida de todos os meninos e meninas. Há pouco tempo para a "arte" pois o restante é destubadi oara aprender as tabelas de multiplicação e os particípios passados dos verbos irregulares da língua. E a menos que o desejo de fazer certas coisas pelo mero prazer de criá-las sem qualquer esperança de um retorno prático seja muito forte, a criança cresce na masculinidade e esquece que os primeiros cinco anos de sua vida foram dedicados principalmente à arte.

Nações não são diferentes das crianças. Assim que o homem das cavernas escapou dos perigos ameaçadores do longo e trêmulo período de gelo, e colocou sua casa em ordem, ele começou a fazer certas coisas que achava bonitas, embora não fossem de utilidade terrena para ele e sua luta

com os animais selvagens da selva. Ele cobriu as paredes de sua gruta com fotos dos elefantes e do cervo que ele caçava e, de um pedaço de pedra, ele cortou as figuras ásperas das mulheres que ele achava mais atraentes.

Assim que os egípcios, os babilônios, os persas e todas as outras pessoas do oriente fundaram seus pequenos países ao longo do Nilo e do Eufrates, começaram a construir magníficos palácios para seus reis, inventaram brilhantes peças de joalheria para suas mulheres e jardins plantados que cantavam alegres canções de cor com suas muitas flores brilhantes.

Nossos próprios ancestrais, os nômades errantes das pradarias asiáticas distantes, desfrutando de uma existência livre e fácil como combatentes e caçadores, compuseram canções que celebravam os poderosos feitos de seus grandes líderes e inventaram uma forma de poesia que sobreviveu até nossos dias. Mil anos depois, quando se estabeleceram no continente grego e construíram suas "cidades-estados", expressaram sua alegria (e suas tristezas) em magníficos templos, em estátuas, comédias e tragédias, e em todos os forma concebível de arte.

Os romanos, como seus rivais cartagineses, estavam muito ocupados administrando outras pessoas e ganhando dinheiro para ter muito amor por aventuras "inúteis" do espírito. Eles conquistaram o mundo e construíram estradas e pontes, mas eles pegaram emprestado sua arte dos gregos. Eles inventaram certas formas práticas de arquitetura que respondiam às demandas de seus dias e épocas. Mas suas estátuas e suas histórias e seus mosaicos e poemas eram meras imitações latinas de originais gregos. Sem aquela coisa vaga e difícil de definir, que o mundo chama de "personalidade", não pode haver arte e o mundo romano desconfiava desse tipo particular de personalidade. O Império precisava de soldados e comerciantes eficientes.

Então veio a Idade das Trevas. O bárbaro era o touro proverbial na loja de porcelana da Europa Ocidental. Ele não tinha uso para o que ele não entendia. Falando em termos do ano de 1921, ele gostou das capas de revistas de damas bonitas, mas jogou as gravuras de Rembrandt que ele herdou no cinzeiro. Logo ele veio para aprender melhor. Então ele tentou desfazer o dano que ele havia criado alguns anos antes. Mas as latas de cinzas tinham sumido e as fotos também.

Mas a essa altura, sua própria arte, que ele trouxera do Oriente, se transformara em algo muito bonito e compensou sua negligência e indiferença do passado pela chamada "arte da Idade Média", que até agora como o norte da Europa estava em causa era um produto da mente germânica e tinha emprestado pouco dos gregos e dos latinos e nada das antigas formas de arte do Egito e da Assíria, para não falar da Índia e da China, que simplesmente não existe, tanto quanto as pessoas daquele tempo estavam preocupadas. De fato, tão pouco as raças do norte foram influenciadas por seus vizinhos do sul que seus próprios produtos arquitetônicos foram completamente mal compreendidos pelo povo da Itália e foram tratados por eles com desprezo total e absoluto.

Todos vocês ouviram a palavra gótico. Você provavelmente associa isso com a imagem de uma linda e antiga catedral, erguendo suas esguias torres em direção ao alto céu. Mas o que a palavra realmente significa?

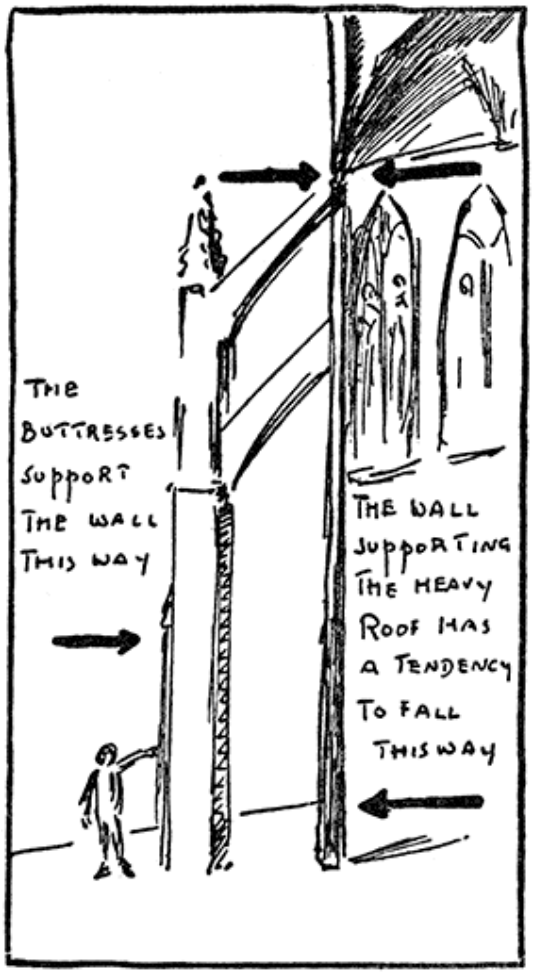
Significa algo "grosseiro" e "bárbaro" — algo que se poderia esperar de um "gótico não-civilizado", um homem rude que não respeitava as regras estabelecidas da arte clássica e que construía seus "horrores modernos" para agradar a ele próprio e seu baixo gosto sem uma decente consideração pelos exemplos do Fórum e da Acrópole.

No entanto, durante vários séculos, essa forma de arquitetura gótica foi a mais alta expressão do sentimento sincero de arte que inspirou todo o continente do norte. De um capítulo anterior, você se lembrará de como as pessoas do final da Idade Média viveram. A menos que fossem camponeses e morassem em aldeias, eram cidadãos de uma "cidade" ou "civitas", o antigo nome latino de uma tribo. E, de fato, por trás de seus altos muros e seus profundos fossos, esses bons burgueses eram verdadeiros membros da tribo que compartilhavam os perigos comuns e desfrutavam da segurança e prosperidade comuns que derivavam de seu sistema de proteção mútua.

Nas antigas cidades gregas e romanas, o mercado, onde ficava o templo, fora o centro da vida cívica. Durante a Idade Média, a Igreja, a Casa de Deus, tornou-se um desses centros. Nós, povos modernos protestantes, que vão à nossa igreja apenas uma vez por semana, e depois por apenas algumas horas, mal sabemos o que uma igreja medieval significou para a comunidade. Então, antes de completar uma semana, você foi levado à Igreja para ser batizado. Quando criança, você visitou a Igreja para aprender as histórias sagradas das Escrituras. Mais tarde você se tornou um membro

da congregação, e se você fosse rico o suficiente você construiu uma pequena capela separada, sagrada para a memória do santo padroeiro de sua própria família. Quanto ao edifício sagrado, estava aberto a todas as horas do dia e a maior parte da noite. Em certo sentido, assemelhava-se a um clube moderno, dedicado a todos os habitantes da cidade. Na igreja, você provavelmente teve um primeiro vislumbre da garota que se tornaria sua noiva em uma grande cerimônia antes do Altar Supremo. E finalmente, quando o fim da jornada chegou, você foi enterrado sob as pedras deste edifício familiar, para que todos os seus filhos e netos pudessem passar por seu túmulo até o Dia do Juízo.

Como a Igreja não era apenas a Casa de Deus, mas também o verdadeiro centro de toda a vida comum, o edifício tinha que ser diferente de qualquer coisa que já tivesse sido construída pelas mãos do homem. Os templos dos egípcios, dos gregos e dos romanos eram apenas o santuário de uma divindade local. Como nenhum sermão foi pregado antes das imagens de Osíris, Zeus ou Júpiter, não era necessário que o interior oferecesse espaço para uma grande multidão. Todas as procissões religiosas dos antigos povos do Mediterrâneo aconteceram ao ar livre. Mas no norte, onde o tempo costumava ser ruim, a maioria das funções era mantida sob o teto da igreja.



Durante muitos séculos, os arquitetos lutaram com esse problema de construir um edifício que fosse grande o suficiente. A tradição romana ensinou-os a construir pesadas paredes de pedra com janelas muito pequenas para que as paredes perdessem sua força. No topo, colocaram um pesado telhado de pedra. Mas no século XII, após o início das Cruzadas, quando os arquitetos viram os arcos pontiagudos dos construtores maometanos, os construtores ocidentais descobriram um novo estilo que lhes deu sua primeira chance de fazer o tipo de construção que aqueles dias de uma intensa vida religiosa exigida. E então eles desenvolveram esse estilo estranho sobre o qual os italianos deram o desdenhoso nome de "gótico" ou bárbaro. Eles alcançaram seu objetivo inventando um teto abobadado que era sustentado por "costelas". Mas um telhado assim, se ficar pesado demais, poderia quebrar as paredes, assim como um homem de trezentas libras sentado na cadeira de uma criança forçá-lo a entrar em colapso. Para superar essa dificuldade, certos arquitetos franceses

começaram a reforçar as muralhas com “contrafortes”, que eram meras massas pesadas de pedras contra as quais as paredes podiam se apoiar enquanto apoiavam o telhado. E para garantir a segurança adicional do telhado, eles apoiavam as nervuras do telhado com os chamados "contrafortes voadores", um método de construção muito simples que você compreenderá imediatamente quando olhar para a foto.

Este novo método de construção permitiu a introdução de enormes janelas. No século XII, o vidro ainda era uma curiosidade cara, e muito poucos edifícios privados possuíam janelas de vidro. Até mesmo os castelos dos nobres estavam sem proteção e isso explica os rascunhos eternos e explica por que as pessoas daquele dia usavam peles tanto dentro quanto fora.

Felizmente, a arte de fazer vidro colorido, com a qual o povo antigo do Mediterrâneo era familiar, não se perdera inteiramente. Houve um renascimento do vitral e logo as janelas das igrejas góticas contavam as histórias do Livro Sagrado em pequenos pedaços de vidraças brilhantemente coloridas, que estavam presas em uma longa estrutura de chumbo.

Eis, portanto, a nova e gloriosa casa de Deus, cheia de uma multidão ansiosa, "vivendo" sua religião como nenhum outro jamais fez antes ou depois! Nada é considerado bom demais ou caro demais ou maravilhoso demais para esta Casa de Deus e Lar do Homem. Os escultores, que desde a destruição do Império Romano estavam desempregados, retornam hesitantemente à sua nobre arte. Portais e pilares e contrafortes e cornijas são todos cobertos com imagens esculpidas de Nosso Senhor e dos santos abençoados. As bordadeiras também devem trabalhar para fazer tapeçarias para as paredes. Os joalheiros oferecem sua mais alta arte que o santuário do altar pode ser digno de completa adoração. Até o pintor faz o seu melhor.

E, assim, trava uma história.

Os romanos do período cristão primitivo cobriram o chão e as paredes de seus templos e casas com mosaicos; fotos feitas de pedaços coloridos de vidro. Mas essa arte havia sido extremamente difícil. Deu ao pintor nenhuma chance de expressar tudo o que ele queria dizer, como todas as crianças sabem que já tentaram fazer figuras de blocos coloridos de

madeira. A arte da pintura em mosaico morreu durante o final da Idade Média, exceto na Rússia, onde os pintores bizantinos encontraram um refúgio após a queda de Constantinopla e continuaram a ornamentar as paredes das igrejas ortodoxas até o dia dos bolcheviques, quando lá foi um fim para a construção de igrejas.

É claro que o pintor medievo poderia misturar suas cores com a água do gesso molhado que foi colocado nas paredes das igrejas. Este método de pintura sobre “gesso fresco” (que era geralmente chamado de pintura “fresca”) foi muito popular por muitos séculos. Hoje, é tão raro quanto a arte de pintar miniaturas em manuscritos e, entre as centenas de artistas de nossas cidades modernas, talvez haja alguém que possa lidar com esse meio com sucesso. Mas durante a Idade Média não havia outro caminho e os artistas eram trabalhadores “frescos” por falta de algo melhor. O método, no entanto, tinha certas grandes desvantagens. Muitas vezes o gesso sai das paredes depois de apenas alguns anos, ou a umidade estraga as imagens, assim como a umidade estraga o padrão do papel de parede. As pessoas tentaram todos os expedientes imagináveis para fugir deste fundo de gesso. Eles tentaram misturar suas cores com vinho e vinagre e com mel e com o branco pegajoso de ovo, mas nenhum desses métodos era satisfatório. Por mais de mil anos, essas experiências continuaram. Ao pintar quadros sobre as folhas de manuscritos em pergaminho, os artistas medievais tiveram muito sucesso. Mas quando se tratava de cobrir grandes espaços de madeira ou pedra com tinta que aderisse, eles não tiveram sucesso.

Finalmente, durante a primeira metade do século XV, o problema foi resolvido no sul da Holanda por Jan e Hubert van Eyck. Os famosos irmãos flamengos misturaram suas tintas com óleos especialmente preparados e isso permitiu que eles usassem madeira e lona ou pedra ou qualquer outra coisa como pano de fundo para suas fotos.

Mas a essa altura o ardor religioso do início da Idade Média era coisa do passado. Os ricos burgueses das cidades estavam sucedendo os bispos como patronos das artes. E como a arte invariavelmente acompanhava o pote de jantar completo, os artistas agora começavam a trabalhar para esses patrões mundanos e pintavam quadros para reis, para grão-duques e para ricos banqueiros. Dentro de muito pouco tempo, o novo método de pintura com óleo espalhado pela Europa e em todos os países desenvolveu uma escola

de pintura especial que mostrava os gostos característicos das pessoas para as quais esses retratos e paisagens eram feitos.

Na Espanha, por exemplo, Velasquez pintou os anões da corte e os tecelões das fábricas de tapeçaria reais, e todo tipo de pessoas e assuntos relacionados com o rei e sua corte. Mas na Holanda, Rembrandt e Frans Hals e Vermeer pintaram o celeiro da casa do comerciante, e pintaram sua esposa um tanto desleixada e suas crianças saudáveis, mas elegantes, e os navios que lhe trouxeram sua fortuna. Na Itália, por outro lado, onde o papa permaneceu como o maior patrono das artes, Michelangelo e Correggio continuaram a pintar madonas e santos, enquanto na Inglaterra, onde a aristocracia era muito rica e poderosa e na França, onde os reis haviam se tornado os mais importantes do estado, os artistas pintaram distintos senhores que eram membros do governo e senhoras muito amáveis que eram amigas de Sua Majestade.

A grande mudança na pintura, que surgiu com a negligência da velha igreja e a ascensão de uma nova classe na sociedade, refletiu-se em todas as outras formas de arte. A invenção da impressão tornou possível aos autores ganhar fama e reputação escrevendo livros para as multidões. Assim surgiu a profissão do romancista e do ilustrador. Mas as pessoas que tinham dinheiro suficiente para comprar os novos livros não eram do tipo que gostavam de ficar em casa de noites, olhando para o teto ou simplesmente sentadas. Eles queriam se divertir. Os poucos menestréis da Idade Média não eram suficientes para cobrir a demanda por entretenimento. Pela primeira vez desde as primeiras cidades-estados gregas de dois mil anos antes, o dramaturgo profissional tinha a chance de exercer sua profissão. A Idade Média conhecia o teatro apenas como parte de certas celebrações da igreja. As tragédias dos séculos XIII e XIV contaram a história do sofrimento de nosso Senhor. Mas durante o século XVI, o teatro do mundo fez seu reaparecimento. É verdade que, a princípio, a posição do dramaturgo e do ator profissional não era muito alta. William Shakespeare era considerado como um tipo de colega de circo que divertia seus vizinhos com suas tragédias e comédias. Mas quando ele morreu no ano de 1616 ele começou a desfrutar do respeito de seus vizinhos e os atores não eram mais sujeitos de supervisão policial.

O contemporâneo de William, Lope de Vega, o incrível espanhol que escreveu nada menos que 1800 peças mundanas e 400 peças religiosas, era

uma pessoa de classe que recebeu a aprovação papal sobre seu trabalho. Um século depois, Molière, o francês, foi considerado digno da companhia de ninguém menos que o rei Luís XIV.

Desde então, o teatro tem desfrutado de um crescente afeto por parte do povo. Hoje, um "teatro" faz parte de todas as cidades bem regulamentadas, e o "drama silencioso" dos filmes penetrou no menor dos nossos vilarejos de pradarias.

Outra arte, no entanto, iria tornar-se a mais popular de todas. Isso foi música. A maioria das antigas formas de arte exigia muita habilidade técnica. Leva anos e anos de prática antes que nossa mão desajeitada possa seguir os comandos do cérebro e reproduzir nossa visão sobre tela ou mármore. É preciso tempo de vida para aprender a agir ou escrever um bom romance. E é preciso muito treinamento por parte do público para apreciar o melhor da pintura, da escrita e da escultura. Mas quase qualquer um, não totalmente surdo, pode seguir uma música e quase todo mundo pode se divertir com algum tipo de música. A Idade Média ouvira um pouco de música, mas fora inteiramente a música da igreja. Os cânticos sagrados estavam sujeitos a leis muito severas de ritmo e harmonia e logo estes se tornaram monótonos. Além disso, eles não podiam ser cantados na rua ou no mercado.

O Renascimento mudou isso. A música mais uma vez se tornou a melhor amiga do homem, tanto em sua felicidade como em suas tristezas.

Os egípcios os babilônios e os antigos judeus tinham sido grandes amantes da música. Eles até combinaram diferentes instrumentos em orquestras regulares. Mas os gregos tinham desaprovado esse barulho estrangeiro bárbaro. Eles gostavam de ouvir um homem recitar a imponente poesia de Homero e Píndaro. Eles permitiram que ele acompanhasse a lira (o mais pobre de todos os instrumentos de cordas). Isso foi tão longe quanto qualquer um poderia ir sem incorrer no risco de desaprovação popular. Os romanos, por outro lado, tinham amado a música orquestral em seus jantares e festas e inventaram a maioria dos instrumentos que (na forma MUITO modificada) usamos hoje em dia. A igreja primitiva havia desprezado essa música que dava muita importância ao mundo pagão iníquo que acabara de ser destruído. Algumas músicas feitas por toda a congregação eram todas que os bispos do terceiro e quarto séculos tolerariam. Como a congregação estava disposta a cantar terrivelmente fora

da chave sem a orientação de um instrumento, a igreja tinha depois permitido o uso de um órgão, uma invenção do segundo século da nossa era que consistia em uma combinação dos velhos tubos de Pan e um par de foles.



Depois vieram as grandes migrações. Os últimos músicos romanos foram mortos ou se tornaram violinistas vagabundos indo de cidade em cidade e brincando na rua, e implorando por moedas de um centavo como a harpista em um moderno navio.

Mas o renascimento de uma civilização mais mundana nas cidades do final da Idade Média criou uma nova demanda por músicos. Instrumentos como o chifre, que haviam sido usados apenas como instrumentos de sinalização para caçar e lutar, foram remodelados até que pudessem reproduzir sons que fossem agradáveis no salão de baile e na sala de banquetes. Um arco amarrado com pêlos de cavalo era usado para tocar a guitarra antiquada e antes do fim da Idade Média, este instrumento de seis cordas (o mais antigo de todos os instrumentos de cordas que remontam ao Egito e à Assíria) havia se tornado nosso moderno violino de quatro cordas que Stradivarius e os outros violinistas italianos do século XVIII trouxeram ao auge da perfeição.

E finalmente o piano moderno foi inventado, o mais difundido de todos os instrumentos musicais, que acompanhou o homem na imensidão da selva e nos campos de gelo da Groenlândia. O órgão foi o primeiro de todos os instrumentos com chave, mas o intérprete sempre dependeu da cooperação de alguém que trabalhou o fole, um trabalho que hoje em dia é feito pela eletricidade. Os músicos, portanto, procuraram um instrumento mais prático e menos circunstancial para ajudá-los a treinar os alunos dos muitos coros

da igreja. Durante o grande século XI, Guido, um monge beneditino da cidade de Arezzo (o berço do poeta Petrarca), nos deu nosso sistema moderno de anotação musical. Algum tempo durante aquele século, quando havia um grande interesse popular na música, o primeiro instrumento com chaves e cordas foi construído. Deve ter soado tão sinuoso quanto um daqueles minúsculos pianos infantis que você pode comprar em todas as lojas de brinquedos. Na cidade de Viena, a cidade onde os músicos ambulantes da Idade Média (que tinham sido classificados com malabaristas e carteiristas) formaram a primeira Guilda de Músicos separada no ano de 1288, o pequeno monochord foi desenvolvido em algo que podemos reconhecer como o ancestral direto de nosso Steinway moderno. Da Áustria, o "clavicórdio", como era habitualmente chamado naqueles dias (porque tinha "ânsia" ou chaves), foi para a Itália. Lá foi aperfeiçoado no "spinet", que foi assim chamado após o inventor, Giovanni Spinetti de Veneza. Finalmente, no século XVIII, Em algum momento entre 1709 e 1720, Bartolomeo Cristofori fez um "clavier" que permitia ao performer tocar alto e baixo ou como se dizia em italiano, "piano" e "forte". Este instrumento com certas mudanças tornou-se nosso piano ou pianoforte.

Então, pela primeira vez, o mundo possuía um instrumento fácil e conveniente que poderia ser dominado em um par de anos e não precisava da eterna afinação de harpas e violinos e era muito mais agradável aos ouvidos do que as tubas medievais, clarinetes, trombones e oboés. Assim como o fonógrafo deu a milhões de pessoas modernas seu primeiro amor pela música, o primeiro "piano" levou o conhecimento da música a círculos muito mais amplos. A música tornou-se parte da educação de todo homem e mulher bem-educados. Príncipes e comerciantes ricos mantinham orquestras privadas. O músico deixou de ser um "jongleur" errante e tornou-se um membro altamente valorizado da comunidade. Música foi adicionada às performances dramáticas do teatro e fora desta prática, cresceu nossa ópera moderna. Originalmente, apenas alguns príncipes muito ricos podiam pagar as despesas de uma "companhia de ópera". Mas como o gosto por esse tipo de entretenimento cresceu, muitas cidades construíram seus próprios teatros, onde óperas italianas e depois alemãs foram dadas à alegria ilimitada de toda a comunidade, com exceção de algumas seitas de cristãos muito rigorosos que ainda consideravam a música profunda

suspeita como algo que era adorável demais para ser inteiramente bom para a alma.

Em meados do século XVIII, a vida musical da Europa estava em pleno andamento. Então surgiu um homem que era maior do que todos os outros, um simples organista da Igreja Thomas de Leipzig, chamado Johann Sebastian Bach. Em suas composições para todos os instrumentos conhecidos, desde canções cômicas e danças populares até os mais imponentes hinos e oratórios sagrados, ele estabeleceu as bases para toda a nossa música moderna. Quando ele morreu no ano de 1750, ele foi sucedido por Mozart, que criou tecidos musicais de pura beleza que nos lembram de rendas que foram tecidas em harmonia e ritmo. Então veio Ludwig von Beethoven, o mais trágico dos homens, que nos deu a nossa orquestra moderna, mas não ouviu nenhuma de suas maiores composições porque ele era surdo, como resultado de uma gripe contraída durante seus anos de pobreza.

Beethoven viveu o período da grande Revolução Francesa. Cheio de esperança por um dia novo e glorioso, ele dedicara uma de suas sinfonias a Napoleão. Mas ele viveu para se arrepender da hora. Quando ele morreu no ano de 1827, Napoleão se foi e a Revolução Francesa desapareceu, mas a máquina a vapor chegou e estava enchendo o mundo com um som que não tinha nada em comum com os sonhos da Terceira Sinfonia.

De fato, a nova ordem de vapor, ferro, carvão e grandes fábricas tinham pouco uso para a arte, para pintura, escultura, poesia e música. Os antigos protetores das artes, a Igreja, os príncipes e mercadores da Idade Média e dos séculos XVII e XVIII não existiam mais. Os líderes do novo mundo industrial estavam muito ocupados e tinham muito pouca educação para se preocupar com gravuras, sonatas e pedaços de marfim esculpido, para não falar dos homens que criaram essas coisas, e que não tinham utilidade prática para a comunidade na qual eles viveram. E os operários das fábricas ouviram o zumbido de seus motores até que também perderam todo o gosto pela melodia da flauta ou do violino de seus ancestrais camponeses. As artes tornaram-se os enteados da nova era industrial. Arte e Vida se tornaram totalmente separadas. Quaisquer que fossem as pinturas, estavam morrendo lentamente nos museus. E a música se tornou um monopólio de alguns "virtuoses" que tiraram a música de casa e a levaram para a sala de concertos.

Mas de forma constante, embora lentamente, as artes estão voltando para as suas. As pessoas começam a entender que Rembrandt, Beethoven e Rodin são os verdadeiros profetas e líderes de sua raça e que um mundo sem arte e felicidade se assemelha a um berçário sem riso.

OceanofPDF.com

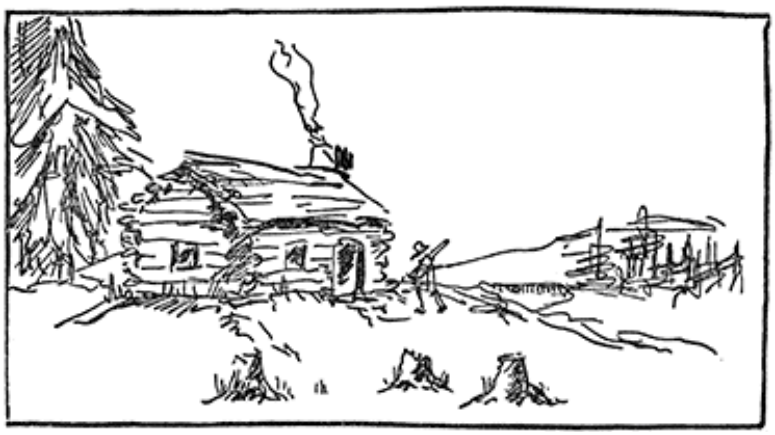
EXPANSÃO E GUERRA COLONIAL

Um capítulo que precisa dar a você um grande trabalho de informações políticas sobre os últimos cinquenta anos (1872-1922), mas que realmente contém diversas explicações e algumas desculpas

Se eu soubesse o quão difícil era escrever uma História do Mundo, nunca deveria ter assumido a tarefa. É claro que qualquer um que possua uma indústria suficiente para se perder por meia dúzia de anos nas pilhas de mofo de uma biblioteca, pode compilar um pesado tomo que dá conta dos eventos em todas as terras durante todos os séculos. Mas esse não era o objetivo do presente livro. Os editores queriam imprimir uma história que deveria ter ritmo — uma história que galopou em vez de caminhar. E agora que quase terminei, descobri que certos capítulos galopam, que outros percorrem vagarosamente as tristes areias de eras há muito esquecidas — que algumas partes não progridem, enquanto outras ainda se entregam a um verdadeiro jazz de ação e romance. Eu não gostei disso e sugeri que destruíssemos todo o manuscrito e começássemos mais uma vez desde o começo. Isso, no entanto, os editores não permitiriam.

Como a melhor solução das minhas dificuldades, levei as páginas escritas a vários amigos de caridade e pedi que lessem o que eu dissera e me dessem o benefício de seus conselhos. A experiência foi bastante desanimadora. Todo homem tinha seus próprios preconceitos e seus próprios hobbies e preferências. Todos eles queriam saber por que, onde e como ousava omitir sua nação de estimação, seu estadista de estimação ou até mesmo seu mais amado criminoso. Com alguns deles, Napoleão e Jenghiz Khan eram candidatos a grandes honrarias. Expliquei que tinha tentado arduamente ser justo com Napoleão, mas que, na minha opinião, ele era muito inferior a homens como George Washington, Gustavus Wasa, Augustus, Hamurabi ou Lincoln e uma quantidade de outros que foram obrigados a se contentar com alguns parágrafos, por pura falta de

espaço. Quanto a Jenghiz Khan, só reconheço sua capacidade superior no campo do assassinato por atacado e não pretendia dar-lhe mais publicidade do que poderia ajudar.



"Isso está muito bom", disse o próximo crítico, "mas e os puritanos? Estamos celebrando o tricentenário de sua chegada a Plymouth. Eles deveriam ter mais espaço ”. Minha resposta foi que, se eu estivesse escrevendo uma história da América, os puritanos receberiam metade dos primeiros doze capítulos; que, no entanto, esta era uma história da humanidade e que o evento em Plymouth Rock não era uma questão de grande importância internacional até muitos séculos depois; que os Estados Unidos haviam sido fundados por treze colônias e não apenas por uma; que os líderes mais proeminentes dos primeiros vinte anos de nossa história foram da Virgínia, da Pensilvânia e da ilha de Nevis, e não de Massachusetts; e que, portanto, os puritanos deveriam se contentar com uma página impressa e um mapa especial.

Em seguida veio o especialista pré-histórico. Por que, em nome do grande Tiranossauro, não dediquei mais espaço à maravilhosa raça dos homens de Cro-Magnon, que havia desenvolvido um estágio tão elevado de civilização há 10.000 anos?

De fato, e porque não? O motivo é simples. Eu não me importo tanto com a perfeição dessas primeiras raças quanto alguns de nossos antropólogos mais notáveis parecem fazer. Rousseau e os filósofos do século XVIII criaram o "nobre selvagem" que deveria ter vivido em um estado de perfeita felicidade durante o início dos tempos. Nossos cientistas modernos descartaram o "nobre selvagem", tão amado por nossos avós, e eles o substituíram pelo "esplêndido selvagem" dos vales franceses, que há

35.000 anos acabaram com o domínio universal da baixa-sobrancelha do Neandertal e outras vizinhanças germânicas.

Eu não quero dizer que eles estão errados. Mas sustento que sabemos muito pouco de todo esse período para reconstruir essa antiga sociedade ocidental européia com alguma precisão (mesmo que modesta). E eu preferiria não declarar certas coisas do que correr o risco de declarar certas coisas que não eram assim.

Depois houve outros críticos, que me acusaram de injustiça direta. Por que deixei de fora países como a Irlanda, a Bulgária e o Sião, enquanto eu os arrastava para outros países como a Holanda, a Islândia e a Suíça? Minha resposta foi que eu não arrastei em nenhum país. Eles se empurraram pela força das circunstâncias, e eu simplesmente não consegui mantê-los fora. E para que meu ponto seja compreendido, deixe-me declarar a base sobre a qual a participação ativa neste livro da história foi considerada.

Havia apenas uma regra. "O país ou a pessoa em questão produziu uma nova ideia ou realizou um ato original sem o qual a história de toda a raça humana teria sido diferente?" Não foi uma questão de gosto pessoal. Era uma questão de julgamento legal e quase matemático. Nenhuma raça jamais desempenhou um papel mais pitoresco na história do que os mongóis, e nenhuma raça, do ponto de vista da realização ou progresso inteligente, foi de menos valor para o resto da humanidade.

A carreira de Tiglath-Pileser, o assírio, está cheia de episódios dramáticos. Mas, no que nos diz respeito, ele poderia muito bem nunca ter existido. Da mesma forma, a história da República Holandesa não é interessante porque antigamente os marinheiros de Ruyter iam pescar no rio Tâmisa, mas sim pelo fato de que esse pequeno banco de lama ao longo das margens do Mar do Norte ofereceu um asilo hospitaleiro a todos os tipos de pessoas estranhas que tinham todo tipo de idéias esquisitas sobre todos os tipos de assuntos muito impopulares.

É bem verdade que Atenas ou Florença, durante o auge de sua glória, possuía apenas um décimo da população de Kansas City. Mas nossa civilização atual seria muito diferente se nenhuma dessas duas pequenas cidades da bacia do Mediterrâneo existisse. E o mesmo (com as devidas desculpas às boas pessoas do Condado de Wyandotte) dificilmente pode ser dito sobre essa metrópole movimentada no rio Missouri.

E já que estou sendo muito pessoal, permita-me declarar outro fato.

Quando visitamos um médico, descobrimos de antemão se ele é cirurgião, diagnosticador, homeopata ou curandeiro, pois queremos saber de que ângulo ele examinará nossa queixa. Devemos ser tão cuidadosos na escolha de nossos historiadores quanto na seleção de nossos médicos. Nós pensamos: "Oh, bem, a história é história", e deixe passar por isso. Mas o escritor que foi educado em uma casa estritamente presbiteriana em algum lugar no sertão da Escócia olhará diferentemente para cada questão de relações humanas de seu vizinho que, quando criança, foi arrastado para ouvir as brilhantes exortações de Robert Ingersoll, o inimigo de todos revelou Devils. No devido tempo, ambos os homens podem esquecer seu treinamento inicial e nunca mais visitar a igreja ou o auditório. Mas a influência destes anos impressionáveis fica com eles e eles não podem escapar mostrando-os em tudo o que escrevem, dizem ou fazem.

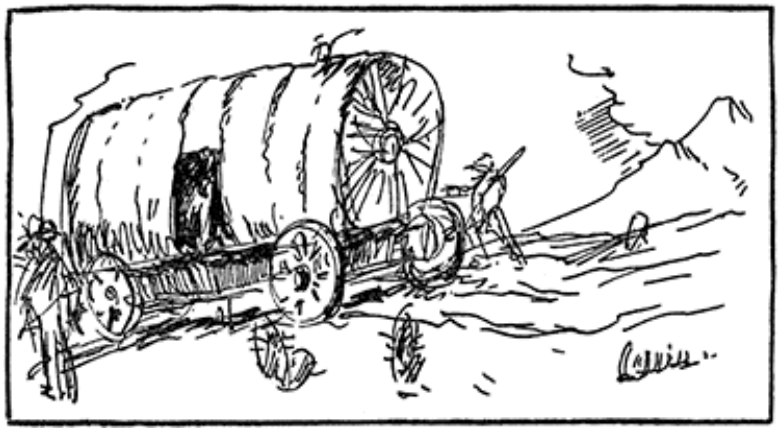
No prefácio deste livro, eu lhe disse que não deveria ser um guia infalível e agora que quase chegamos ao fim, repito o aviso. Eu nasci e fui educado em uma atmosfera do liberalismo antiquado que seguiu as descobertas de Darwin e dos outros pioneiros do século XIX. Quando criança, passava a maior parte do tempo em que eu ficava acordado com um tio que era um grande colecionador de livros escritos por Montaigne, o grande ensaísta francês do século XVI. Como nasci em Roterdã e fui educado na cidade de Gouda, corri continuamente por Erasmus e, por alguma razão desconhecida, esse grande expoente da tolerância tomou conta de meu eu intolerante.

Se eu tivesse nascido em uma agradável cidade do centro-oeste, provavelmente teria um certo afeto pelos hinos que ouvi na infância. Mas minha lembrança mais antiga da música remonta à tarde em que minha mãe me levou a ouvir nada menos que uma fuga de Bach. E a perfeição matemática do grande mestre protestante me influenciou de tal maneira que não posso ouvir os hinos habituais de nossas reuniões de oração sem um sentimento de intensa agonia e dor direta.

Mais uma vez, se eu tivesse nascido na Itália e tivesse sido aquecido pelo sol do vale feliz do Arno, eu poderia amar muitas fotos coloridas e ensolaradas que agora me deixam indiferente porque eu tenho minhas primeiras impressões artísticas em um país onde as raras o sol bate na terra

encharcada pela chuva com brutalidade quase cruel e joga tudo em contrastes violentos de luz e escuridão.

Declaro esses poucos fatos deliberadamente para que você possa conhecer o viés pessoal do homem que escreveu essa história e possa entender seu ponto de vista.



Após esta curta mas necessária excursão, retornamos à história dos últimos cinquenta anos. Muitas coisas aconteceram durante este período, mas muito pouco ocorreu, o que na época parecia ser de suma importância. A maioria das potências maiores deixou de ser meras agências políticas e se tornaram grandes empresas. Eles construíram ferrovias. Eles fundaram e subsidiaram linhas de navios a vapor para todas as partes do mundo. Eles conectaram suas diferentes posses com fios telegráficos. E eles aumentaram constantemente suas propriedades em outros continentes. Cada pedaço disponível de território africano ou asiático foi reivindicado por um dos poderes rivais. A França tornou-se uma nação colonial com interesses em Argel, Madagascar, Annam e Tonkin (no leste da Ásia). A Alemanha reivindicou partes do sudoeste e leste da África, construiu assentamentos em Kameroon, na costa oeste da África e na Nova Guiné e em muitas das ilhas do Pacífico, e usou o assassinato de alguns missionários como desculpa para tomar o porto de Kiaochau. no Mar Amarelo, na China. A Itália tentou sua sorte na Abissínia, foi desastrosamente derrotada pelos soldados do Negus e se consolou ocupando as posses turcas em Trípoli, no norte da África. A Rússia, tendo ocupado toda a Sibéria, levou Port Arthur para longe da China. O Japão, tendo derrotado a China na guerra de 1895, ocupou a ilha de Formosa e no ano de 1905 começou a reivindicar todo o império de Corea. No ano de 1883, a Inglaterra, o maior império colonial

que o mundo já viu, comprometeu-se a "proteger" o Egito. Ela executou essa tarefa de maneira mais eficiente e com o grande benefício material daquele país muito negligenciado, que desde a abertura do canal de Suez, em 1868, havia sido ameaçado por uma invasão estrangeira. Durante os trinta anos seguintes, ela travou uma série de guerras coloniais em diferentes partes do mundo e em 1902 (após três anos de combates acirrados) conquistou as repúblicas independentes Boer do Transvaal e do Estado Livre de Orange. Enquanto isso, ela encorajou Cecil Rhodes a estabelecer as fundações de um grande estado africano, que chegava desde o Cabo até quase a foz do Nilo, e havia recolhido fielmente ilhas ou províncias como as que restaram sem um dono europeu.

O sagaz rei da Bélgica, de nome Leopold, usou as descobertas de Henrique Stanley para fundar o Estado Livre do Congo no ano de 1885. Originalmente, esse gigantesco império tropical era uma "monarquia absoluta". Mas depois de muitos anos de má gestão escandalosa, ela foi anexada pelo povo belga que a transformou em colônia (no ano de 1908) e aboliu os terríveis abusos que haviam sido tolerados por essa majestade sem escrúpulos, que não se importava com o destino dos nativos. contanto que ele tenha seu marfim e borracha.

Quanto aos Estados Unidos, eles tinham tantas terras que não desejavam mais território. Mas o terrível desgoverno de Cuba, uma das últimas possessões espanholas no hemisfério ocidental, praticamente forçou o governo de Washington a agir. Depois de uma guerra curta e bastante monótona, os espanhóis foram expulsos de Cuba, Porto Rico e das Filipinas, e os dois últimos tornaram-se colônias dos Estados Unidos.

Este desenvolvimento econômico do mundo era perfeitamente natural. O crescente número de fábricas na Inglaterra, na França e na Alemanha precisava de uma quantidade crescente de matérias-primas e o número igualmente crescente de trabalhadores europeus precisava de uma quantidade cada vez maior de alimentos. Em todos os lugares, o grito era por mais e por mercados mais ricos, por minas de carvão e minas de ferro e seringueiras e poços de petróleo, de acesso mais fácil, para maiores ofertas de trigo e grãos.

Os eventos puramente políticos do continente europeu diminuíram para a mera insignificância aos olhos dos homens que faziam planos para as linhas de barcos a vapor em Victoria Nyanza ou para as ferrovias pelo

interior de Shantung. Eles sabiam que muitas questões européias ainda precisavam ser resolvidas, mas não incomodavam e, por pura indiferença e negligência, davam a seus descendentes uma terrível herança de ódio e miséria. Por incontáveis séculos, o canto sudeste da Europa tinha sido palco de rebelião e derramamento de sangue. Durante os anos setenta do século passado, o povo da Sérvia e da Bulgária e Montenegro e a Romênia tentaram mais uma vez ganhar sua liberdade e os turcos (com o apoio de muitas das potências ocidentais) tentavam impedir isso.

Após um período de massacres particularmente atrozes na Bulgária no ano de 1876, o povo russo perdeu toda a paciência. O governo foi forçado a intervir assim que o presidente McKinley foi obrigado a ir a Cuba e parar os esquadrões de tiro do general Weyler em Havana. Em abril do ano de 1877, os exércitos russos atravessaram o Danúbio, invadiram a passagem de Shipka e, após a captura de Plevna, marcharam para o sul até chegarem aos portões de Constantinopla. A Turquia pediu ajuda para a Inglaterra. Havia muitos ingleses que denunciaram seu governo quando ele ficou do lado do sultão. Mas Disraeli (que acabara de fazer a Rainha Vitória Imperatriz da Índia e que amava os pitorescos turcos enquanto odiava os russos que eram brutalmente cruéis ao povo judeu dentro de suas fronteiras) decidiu interferir. A Rússia foi forçada a concluir a paz de San Stefano (1878) e a questão dos Bálcãs foi deixada para um Congresso que se reuniu em Berlim em junho e julho do mesmo ano.

Esta famosa conferência foi inteiramente dominada pela personalidade de Disraeli. Até mesmo Bismarck temia o velho inteligente, com seus cabelos cacheados bem lubrificados e sua suprema arrogância, temperado por um senso de humor cínico e um presente maravilhoso para a lisonja. Em Berlim, o primeiro-ministro britânico cuidadosamente vigiou o destino de seus amigos, os turcos. Montenegro, Sérvia e Romênia foram reconhecidos como reinos independentes. O principado da Bulgária foi dado um status semi-independente sob o príncipe Alexander de Battenberg, sobrinho do czar Alexandre II. Mas nenhum desses países teve a chance de desenvolver seus poderes e recursos como teriam podido fazer, se a Inglaterra estivesse menos preocupada com o destino do sultão, cujos domínios eram necessários à segurança do Império Britânico como um todo. baluarte contra mais agressões russas.

Para piorar a situação, o congresso permitiu que a Áustria tirasse a Bósnia e Herzegovina dos turcos para ser "administrada" como parte dos domínios dos Habsburgos. É verdade que a Áustria fez um excelente trabalho. As províncias negligenciadas eram tão bem administradas quanto as melhores colônias britânicas, e isso é muito importante. Mas eles eram habitados por muitos sérvios. Antigamente faziam parte do grande império sérvio de Stephan Dushan, que no início do século XIV defendera a Europa ocidental contra as invasões dos turcos e cuja capital, Uskub, fora um centro de civilização cento e cinquenta anos antes de Colombo. descobriu as novas terras do oeste. Os sérvios se lembraram de sua antiga glória como quem não? Eles se ressentiam da presença dos austríacos em duas províncias, que, segundo eles, eram deles por todos os direitos da tradição.

E foi em Sarajevo, a capital da Bósnia, que o arquiduque Ferdinand, herdeiro do trono austríaco, foi assassinado em 28 de junho de 1914. O assassino era um estudante sérvio que agia por motivos puramente patrióticos.

Mas a culpa por essa terrível catástrofe que foi a imediata, embora não a única causa da Grande Guerra Mundial, não residia no menino sérvio meio louco ou em sua vítima austríaca. Deve ser rastreada até os dias da famosa Conferência de Berlim, quando a Europa estava ocupada demais construindo uma civilização material para se preocupar com as aspirações e os sonhos de uma raça esquecida em um canto sombrio da antiga península balcânica.

OceanofPDF.com

UM NOVO MUNDO

A Primeira Guerra Mundial que era realmente a luta por um novo e melhor mundo

O Marquês de Condorcet foi um dos personagens mais nobres entre o pequeno grupo de entusiastas honestos que foram responsáveis pela eclosão da grande Revolução Francesa. Ele havia dedicado sua vida à causa dos pobres e dos desafortunados. Ele tinha sido um dos assistentes de d'Alembert e Diderot quando eles escreveram sua famosa Encyclopédie. Durante os primeiros anos da Revolução, ele foi o líder da ala moderada da Convenção.

Sua tolerância, sua bondade, seu bom senso, o tornaram objeto de suspeita quando a traição do rei e da facção da corte deu aos radicais a chance de conseguir o governo e matar seus oponentes. Condorcet foi declarado "hors de loi", ou proscrito, um pária que estava doravante à mercê de todo verdadeiro patriota. Seus amigos se ofereceram para escondê-lo por sua própria conta e risco. Condorcet recusou-se a aceitar o sacrifício deles. Ele escapou e tentou chegar a sua casa, onde ele poderia estar seguro. Depois de três noites a céu aberto, rasgadas e sangrando, ele entrou em uma estalagem e pediu um pouco de comida. Os caipiras suspeitos revistaram-no e, em seus bolsos, encontraram uma cópia de Horace, o poeta latino. Isso mostrava que seu prisioneiro era um homem de gentil criação e não tinha negócios nas estradas quando uma pessoa educada era considerada inimiga do Estado Revolucionário. Eles pegaram Condorcet e amarraram-no, amordaçaram-no e jogaram-no no aprisionamento da aldeia, mas de manhã, quando os soldados vieram arrastá-lo de volta a Paris e cortar a cabeça, eis que! ele estava morto.

Este homem que deu tudo e não recebeu nada, tinha boas razões para desesperar-se da raça humana. Mas ele escreveu algumas frases que são verdadeiras hoje, como fizeram cento e trinta anos atrás. Repito aqui para seu benefício.

"A natureza não estabeleceu limites para nossas esperanças", escreveu ele, "e a imagem da raça humana, agora liberta de suas correntes e marchando com passos firmes no caminho da verdade, virtude e felicidade, oferece ao filósofo um espetáculo que consola-lo para os erros, para os crimes e as injustiças que ainda poluem e afligem esta terra ".



O mundo acabou de passar por uma agonia de dor comparada com a qual a Revolução Francesa foi um mero incidente. O choque foi tão grande que matou a última centelha de esperança nos seios de milhões de homens. Eles estavam cantando um hino de progresso, e quatro anos de massacre seguiram suas orações pela paz. "Vale a pena?", perguntam eles, "trabalhar e escravizar-se para o benefício de criaturas que ainda não passaram além do estágio dos primeiros homens das cavernas?"

Existe apenas uma resposta.

Essa resposta é "sim!"

A guerra mundial foi uma terrível calamidade. Mas isso não significou o fim das coisas. Pelo contrário, provocou a vinda de um novo dia.

É fácil escrever uma história da Grécia e de Roma ou da Idade Média. Os atores que desempenharam seu papel naquele palco há muito esquecido estão todos mortos. Podemos criticá-los com uma cabeça fria. O público que aplaudiu seus esforços se dispersou. Nossas observações não podem ferir seus sentimentos.

Mas é muito difícil dar um relato verdadeiro dos eventos contemporâneos. Os problemas que enchem as mentes das pessoas com quem passamos pela vida, são nossos próprios problemas, e nos prejudicam demais ou nos agradam muito bem para serem descritos com essa justiça que é necessária quando estamos escrevendo história e não soprando a trombeta da propaganda. Mesmo assim, tentarei dizer-lhe por que concordo com o pobre Condorcet quando expressou sua firme fé em um futuro melhor.

Muitas vezes, antes, adverti-o contra a falsa impressão que é criada pelo uso de nossas chamadas épocas históricas, que dividem a história do homem em quatro partes: o mundo antigo, a Idade Média, o Renascimento e a Reforma, e o Tempo Moderno. O último desses termos é o mais perigoso. A palavra “moderno” implica que nós, as pessoas do século XX, estamos no topo da conquista humana. Cinquenta anos atrás, os liberais da Inglaterra, que seguiram a liderança de Gladstone, sentiram que o problema de uma forma de governo verdadeiramente representativa e democrática havia sido resolvido para sempre pela segunda grande Lei de Reforma, que dava aos trabalhadores uma participação igual no governo com seus empregadores. Quando Disraeli e seus amigos conservadores falaram de um perigoso “salto no escuro”, eles responderam “Não”. Eles tinham certeza de sua causa e confiavam que daí em diante todas as classes da sociedade cooperariam para tornar o governo de seu país comum um sucesso. Desde então, muitas coisas aconteceram e os poucos liberais que ainda estão vivos começam a entender que estavam enganados.

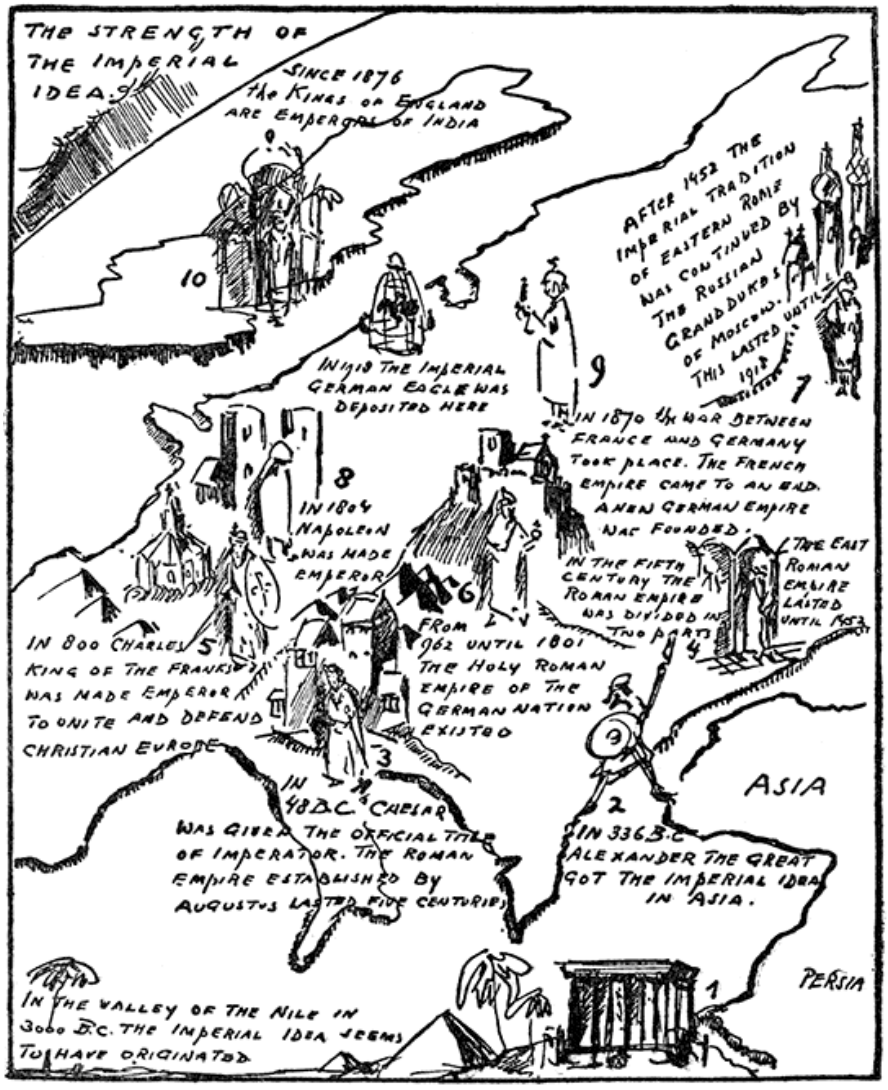
Não há resposta definitiva para nenhum problema histórico.

Toda geração deve lutar novamente contra o bom combate ou perecer quando esses animais preguiçosos do mundo pré-histórico pereceram.

Se uma vez você se apegar a essa grande verdade, terá uma visão nova e muito mais ampla da vida. Então, vá um passo além e tente se imaginar na posição de seus bisnetos que ocuparão o seu lugar no ano 10.000. Eles também aprenderão história. Mas o que eles pensarão daqueles curtos quatro mil anos durante os quais mantivemos um registro escrito de nossas ações e de nossos pensamentos? Eles pensarão em Napoleão como contemporâneo de Tiglath Pileser, o conquistador assírio. Talvez eles o confundam com Jenghiz Khan ou Alexandre, o macedônio. A grande guerra que acaba de chegar aparecerá à luz daquele longo conflito comercial que se instalou na supremacia do Mediterrâneo, quando Roma e Cartago lutaram durante cento e vinte e oito anos pelo domínio do mar. Os problemas dos Bálcãs do século XIX (a luta pela liberdade da Sérvia e da Grécia e da Bulgária e Montenegro) parecerão uma continuação das condições desordenadas causadas pelas Grandes Migrações. Eles verão as fotos da catedral de Rheims que ontem foi destruída por armas alemãs enquanto olhamos para uma fotografia da Acrópole arruinada há duzentos e cinquenta anos durante uma guerra entre os turcos e os venezianos. Eles

considerarão o medo da morte, que ainda é comum entre muitas pessoas, como uma superstição infantil que talvez fosse natural em uma raça de homens que haviam queimado bruxas até o ano de 1692. Até mesmo nossos hospitais e nossos laboratórios e nossas salas de cirurgia das quais estamos tão orgulhosos parecerão oficinas ligeiramente melhoradas de alquimistas e cirurgiões medievais.

E a razão para tudo isso é simples. Nós homens e mulheres modernos não somos "modernos". Pelo contrário, ainda pertencemos às últimas gerações dos habitantes das cavernas. A fundação para uma nova era foi lançada, mas ontem. A raça humana teve sua primeira chance de se tornar verdadeiramente civilizada quando foi preciso coragem para questionar todas as coisas e fez do "conhecimento e compreensão" a base sobre a qual criar uma sociedade mais razoável e sensata dos seres humanos. A Grande Guerra foi a "crescente dor" deste novo mundo.



Por muito tempo, as pessoas escreverão livros poderosos para provar que isso ou aquilo ou a outra pessoa provocaram a guerra. Os socialistas publicarão volumes nos quais acusarão os "capitalistas" de terem causado a guerra por "ganho comercial". Os capitalistas responderão que perderam infinitamente mais com a guerra do que fizeram — que seus filhos estavam entre os primeiros a lutar e ser mortos — e mostrarão como, em todos os países, os banqueiros tentaram ao máximo evitar a eclosão de hostilidades. Os historiadores franceses passarão pelo registro de pecados alemães desde os dias de Carlos Magno até que os dias de Guilherme de Hohenzollern e historiadores alemães devolvam o elogio e passem pela lista de horrores franceses desde os dias de Carlos Magno até os dias do Presidente Poincaré. E então eles estabelecerão para sua própria satisfação que o outro sujeito foi culpado de "causar a guerra". Estadistas, mortos e

ainda não mortos, em todos os países levarão suas máquinas de escrever e explicarão como tentaram evitar as hostilidades e como seus oponentes perversos os forçaram a isso.

O historiador, daqui a cem anos, não se importará com essas desculpas e reivindicações. Ele compreenderá a natureza real das causas subjacentes e saberá que as ambições pessoais, a perversidade pessoal e a ganância pessoal tiveram muito pouco a ver com a explosão final. O erro original, que foi responsável por toda essa miséria, foi cometido quando nossos cientistas começaram a criar um novo mundo de aço, ferro, química e eletricidade e esqueceram que a mente humana é mais lenta que a proverbial tartaruga, é mais preguiçosa do que o bicho Preguiça conhecido e marchas de cem a trezentos anos atrás do pequeno grupo de líderes corajosos.

Um zulu vestindo uma sobrecasaca ainda é um zulu. Um cão treinado para andar de bicicleta e fumar cachimbo ainda é um cachorro. E um ser humano com a mente de um comerciante do século XVI dirigindo um Rolls-Royce de 1921 ainda é um ser humano com a mente de um comerciante do século XVI.

Se você não entender isso primeiro, leia-o novamente. Isso se tornará mais claro para você em um momento e explicará muitas coisas que aconteceram nos últimos seis anos.

Talvez eu possa lhe dar outro exemplo, mais familiar, para lhe mostrar o que quero dizer. Nos cinemas, piadas e comentários engraçados são frequentemente lançados na tela. Assista ao público na próxima vez que tiver uma chance. Algumas pessoas parecem quase inalar as palavras. Demora apenas um segundo para ler as linhas. Outros são um pouco mais lentos. Ainda outros levam de vinte a trinta segundos. Finalmente, aqueles homens e mulheres que não lêem mais do que podem ajudar, conseguem entender quando os mais brilhantes da platéia já começaram a decifrar a próxima invasão. Não é diferente na vida humana, como mostrarei agora.

Em um capítulo anterior, eu lhe contei como a idéia do Império Romano continuou a viver por mil anos após a morte do último imperador romano. Isso causou o estabelecimento de um grande número de "impérios de imitação". Isso deu aos Bispos de Roma a chance de se tornarem chefes

de toda a igreja, porque representavam a idéia da supremacia mundial romana. Isso levou um número de chefes bárbaros perfeitamente inofensivos a uma carreira de crime e guerra interminável, porque eles estavam para sempre sob o feitiço dessa palavra mágica "Roma". Todas essas pessoas, Papas, Imperadores e simples combatentes não eram muito diferentes de você ou de mim. Mas eles viviam em um mundo onde a tradição romana era uma questão vital, algo vivo — algo que era claramente lembrado tanto pelo pai quanto pelo filho e neto. E assim eles lutaram e se sacrificaram por uma causa que hoje não encontraria uma dúzia de recrutas.

Ainda em outro capítulo, eu lhe contei como as grandes guerras religiosas ocorreram mais de um século após o primeiro ato aberto da Reforma e, se você comparar o capítulo da Guerra dos Trinta Anos com o das Invenções, você verá que esse horrível açougue aconteceu em um momento em que as primeiras máquinas a vapor desajeitadas já estavam sendo expelidas nos laboratórios de vários cientistas franceses, alemães e ingleses. Mas o mundo em geral não se interessou por essas estranhas engenhocas, e continuou com uma grande discussão teológica que hoje causa bocejos, mas sem raiva.

E por aí vai. Daqui a mil anos, o historiador usará as mesmas palavras sobre a Europa do século XIX em ascensão, e verá como os homens estavam engajados em lutas nacionalistas fantásticas, enquanto os laboratórios ao redor deles estavam cheios de pessoas sérias que não se importavam com nada com a política, desde que eles pudessem forçar a natureza a render mais alguns de seus milhões de segredos.

Você vai gradualmente começar a entender o que eu estou dirigindo. O engenheiro, o cientista e o químico, em uma única geração, encheram a Europa, a América e a Ásia com suas vastas máquinas, com seus telégrafos, suas máquinas voadoras, seus produtos de alcatrão de carvão. Eles criaram um novo mundo em que o tempo e o espaço foram reduzidos a completa insignificância. Eles inventaram novos produtos e os tornaram tão baratos que quase todos podiam comprá-los. Já lhe disse tudo isso antes, mas certamente será repetitivo.

Para manter o crescente número de fábricas em funcionamento, os proprietários, que também haviam se tornado os governantes da terra, precisavam de matérias-primas e carvão. Especialmente carvão. Enquanto isso, a massa do povo ainda pensava em termos dos séculos XVI e XVII e

apegava-se às velhas noções do Estado como organização dinástica ou política. Esta desajeitada instituição medieval foi subitamente chamada a lidar com os problemas altamente modernos de um mundo mecânico e industrial. Ele fez o seu melhor, de acordo com as regras do jogo que haviam sido estabelecidas séculos antes. Os diferentes estados criaram enormes exércitos e gigantescas marinhas que foram usadas com o propósito de adquirir novas posses em terras distantes. Onde quer que houvesse um pouquinho de terra sobrando, surgiu uma colônia inglesa, francesa, alemã ou russa. Se os nativos se opusessem, eles seriam mortos. Na maioria dos casos, eles não se opuseram e foram autorizados a viver em paz, desde que não interferissem com as minas de diamantes, minas de carvão, minas de ouro ou plantações de seringueiras, e obtinham muitos benefícios da ocupação estrangeira.

Às vezes acontecia que dois estados em busca de matérias-primas queriam o mesmo pedaço de terra ao mesmo tempo. Então houve uma guerra. Isso ocorreu quinze anos atrás, quando a Rússia e o Japão lutaram pela posse de certos territórios que pertenciam ao povo chinês. Tais conflitos, no entanto, foram a exceção. Ninguém realmente desejava lutar. De fato, a idéia de lutar com exércitos e encouraçados e submarinos começou a parecer absurda para os homens do início do século XX. Eles associaram a ideia de violência à era longínqua de monarquias ilimitadas e dinastias intrigantes. Todos os dias eles liam em seus documentos de ainda mais invenções, grupos de cientistas ingleses, americanos e alemães que trabalhavam juntos em perfeita amizade com o propósito de um avanço na medicina ou na astronomia. Eles viviam em um mundo ocupado de comércio, trocas e fábricas. Mas apenas alguns notaram que o desenvolvimento do estado (da gigantesca comunidade de pessoas que reconhecem certos ideais comuns) estava defasado há centenas de anos. Eles tentaram avisar os outros. Mas os outros estavam ocupados com seus próprios assuntos.

Eu usei tantos símiles que devo me desculpar por trazer mais um. O Navio de Estado (aquela expressão antiga e confiável que é sempre nova e sempre pitoresca) dos egípcios, gregos, romanos, venezianos e dos aventureiros mercantes do século dezessete era uma embarcação robusta, construída com um madeira bem temperada e comandada por oficiais que

conheciam tanto sua tripulação quanto seu navio e que entendiam as limitações da arte de navegar que lhes havia sido dada por seus ancestrais.

Depois veio a nova era do ferro e aço e maquinaria. Primeiro uma parte, depois outra do antigo navio de estado foi mudada. Suas dimensões foram aumentadas. As velas foram descartadas para vapor. Estabeleceram-se melhores alojamentos, mas mais pessoas foram obrigadas a entrar no buraco, e apesar de o trabalho ser seguro e bastante remunerado, não gostaram nem do seu trabalho antigo e mais perigoso no aparelhamento. Finalmente, e quase imperceptivelmente, o velho barco quadrado de madeira transformara-se num transatlântico moderno. Mas o capitão e os companheiros continuaram os mesmos. Eles foram nomeados ou eleitos da mesma forma que cem anos antes. Eles aprenderam o mesmo sistema de navegação que servira aos marinheiros do século XV. Em suas cabanas, pendiam os mesmos mapas e sinalizavam bandeiras que haviam prestado serviço nos dias de Luís XIV e Frederico, o Grande. Em suma, eles eram (sem culpa própria) completamente incompetentes.

O mar da política internacional não é muito amplo. Quando esses agentes imperiais e coloniais começaram a tentar superar um ao outro, os acidentes estavam prestes a acontecer. Eles aconteceram. Você ainda pode ver os destroços se você se aventurar a atravessar essa parte do oceano.

E a moral da história é simples. O mundo está na péssima necessidade de homens que assumirão a nova liderança — que terão a coragem de suas próprias visões e que reconhecerão claramente que estamos apenas no começo da viagem, e terão que aprender um sistema inteiramente novo de marinharia.

Eles terão que servir por anos como meros aprendizes. Eles terão que lutar para chegar ao topo contra todas as formas possíveis de oposição. Quando chegam à ponte, o motim de uma tripulação invejosa pode causar sua morte. Mas, algum dia, surgirá um homem que trará o barco em segurança para o porto e ele será o herói dos séculos.

OceanofPDF.com

COMO SEMPRE SERÁ

"Quanto mais penso nos problemas de nossas vidas, mais estou convencido de que devemos escolher a Ironia e a Piedade para nossos "assessores e juízes", como os antigos egípcios chamavam "a Deusa Isis e a Deusa Nephtys" em nome de seus mortos.

"Ironia e Piedade" são ambos bons conselhos; o primeiro com seus "sorrisos" torna a vida agradável; o outro a santifica com suas lágrimas.

"A Ironia que eu invoco não é uma Deidade cruel. Ela não zomba nem do amor nem da beleza. Ela é gentil e carinhosamente disposta. Sua alegria desarma e é ela quem nos ensina a rir de bobos e tolos, os quais para ela nós somos tão fracos para sermos odiados ou desprezados".

E com estas sábias palavras de um grande francês, eu me despeço.

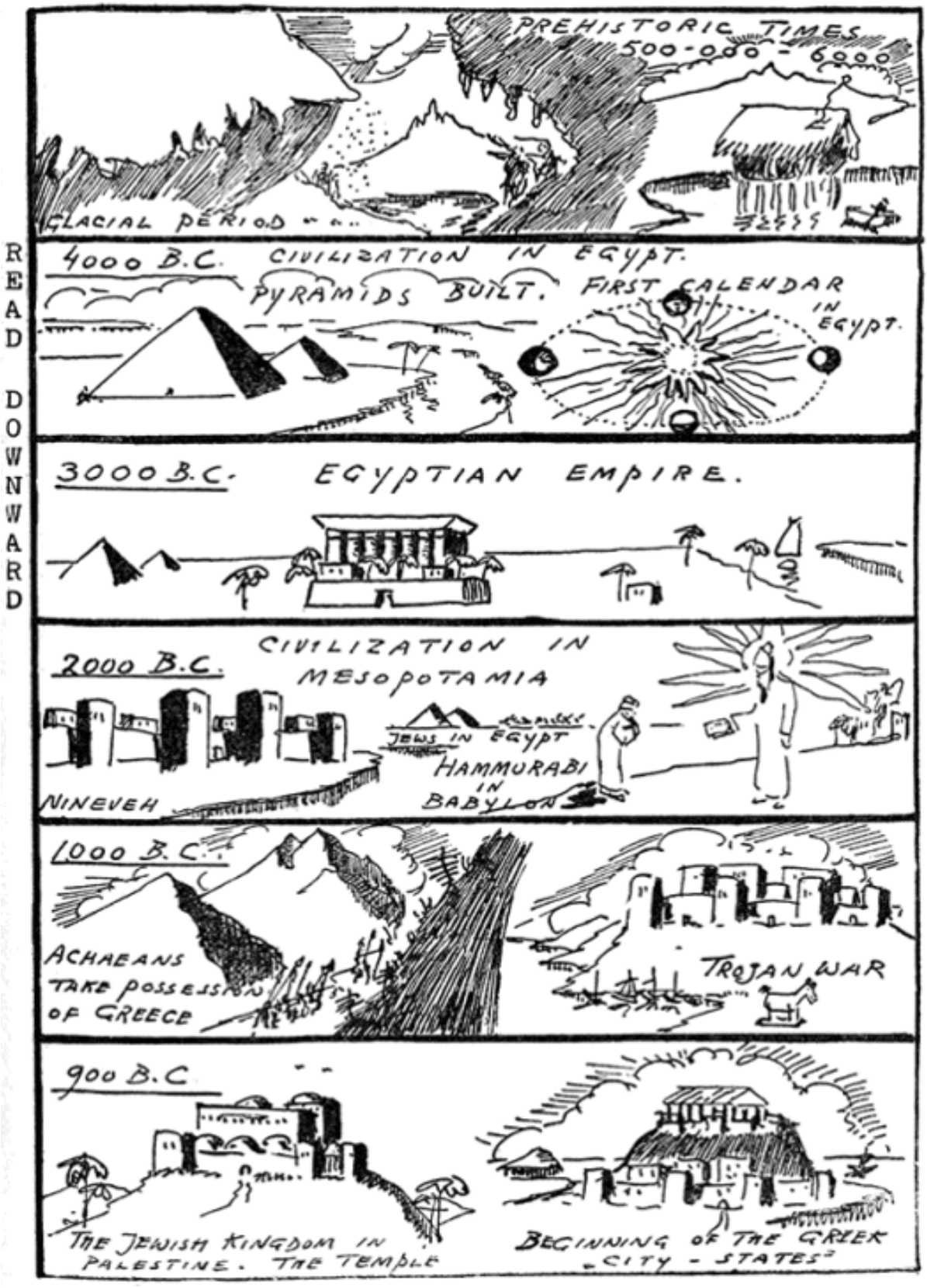
8 Barrow Street, Nova Iorque.

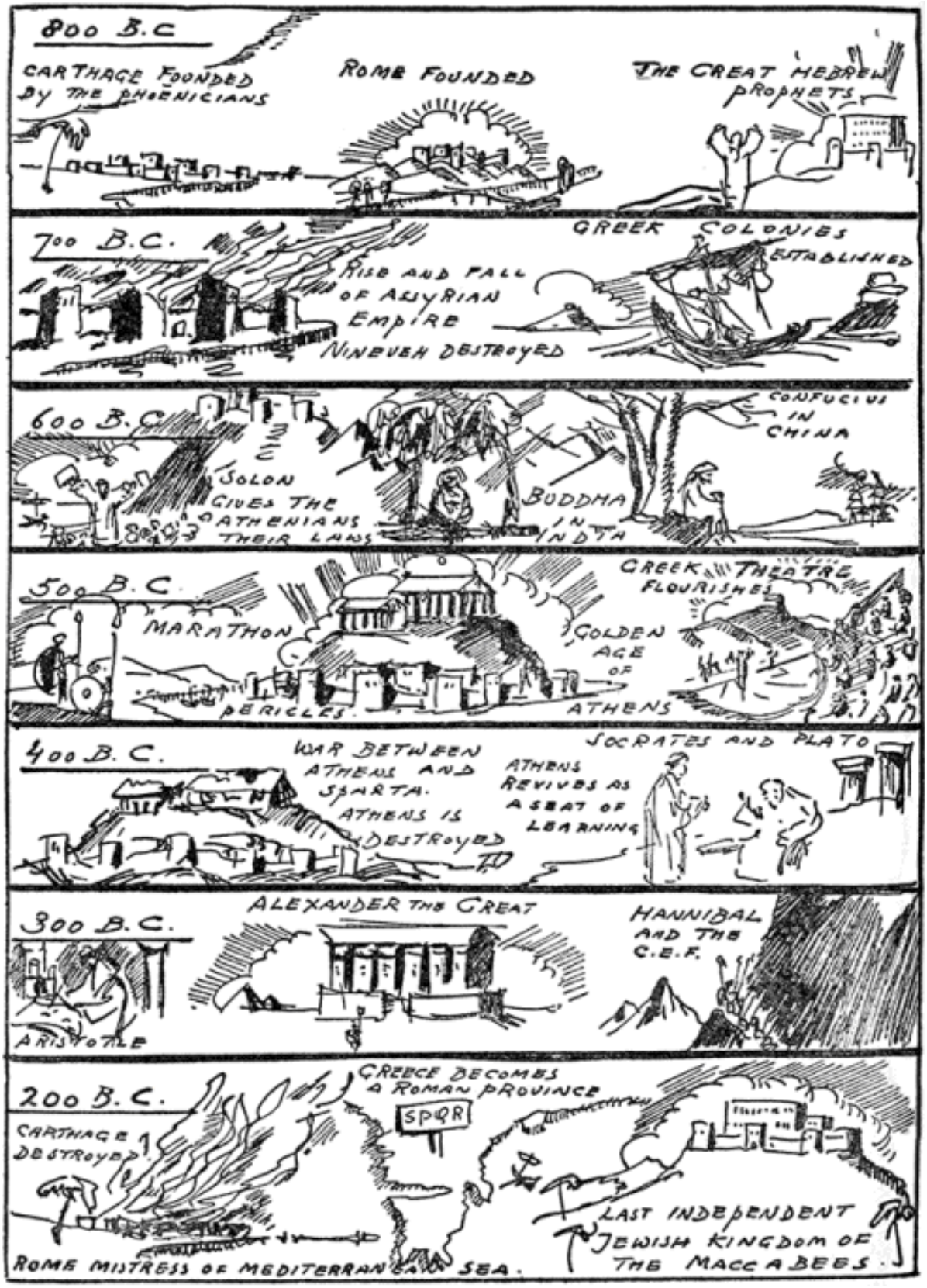
Sábado, 26 de junho de 1922.

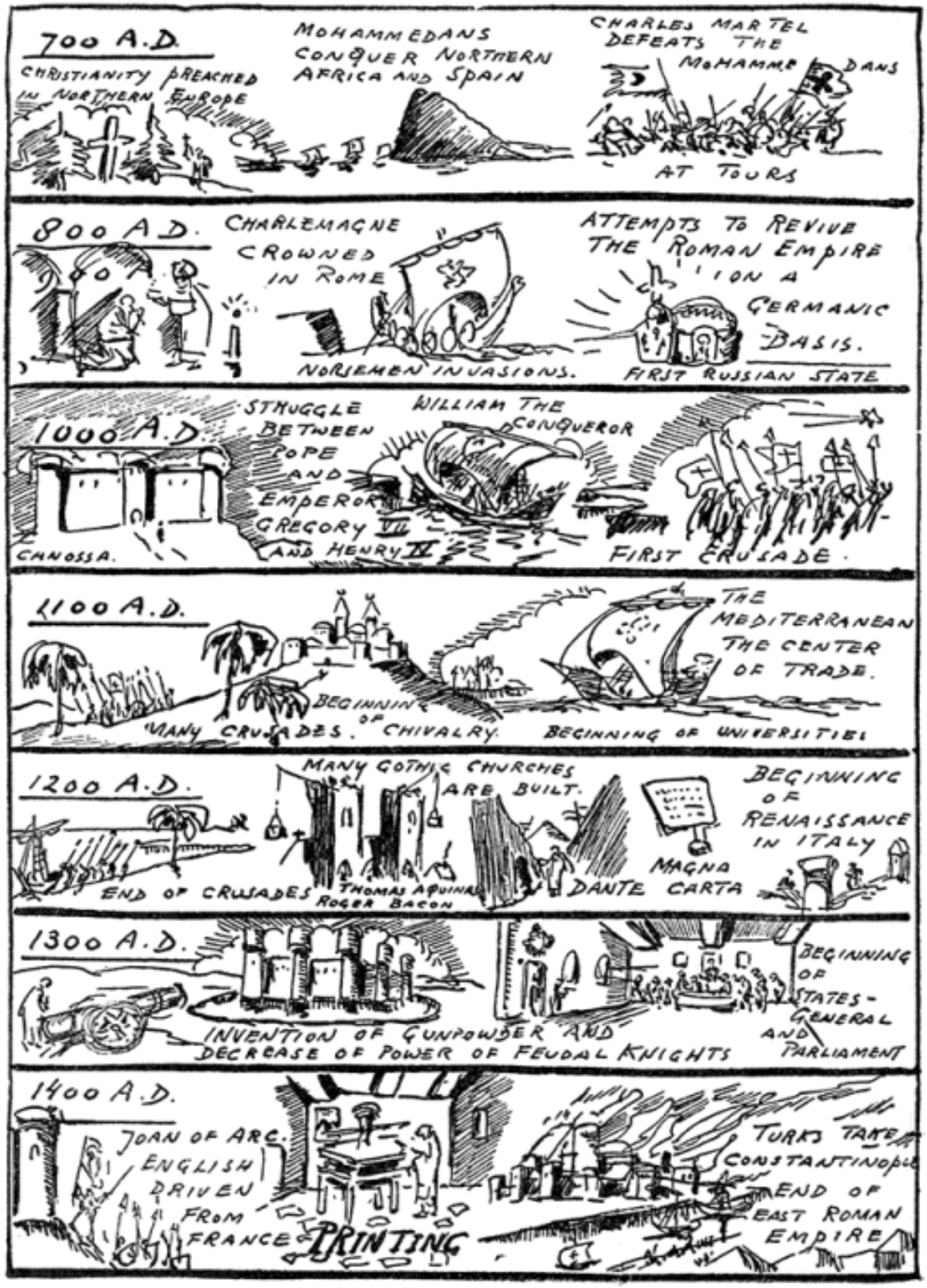
OceanofPDF.com

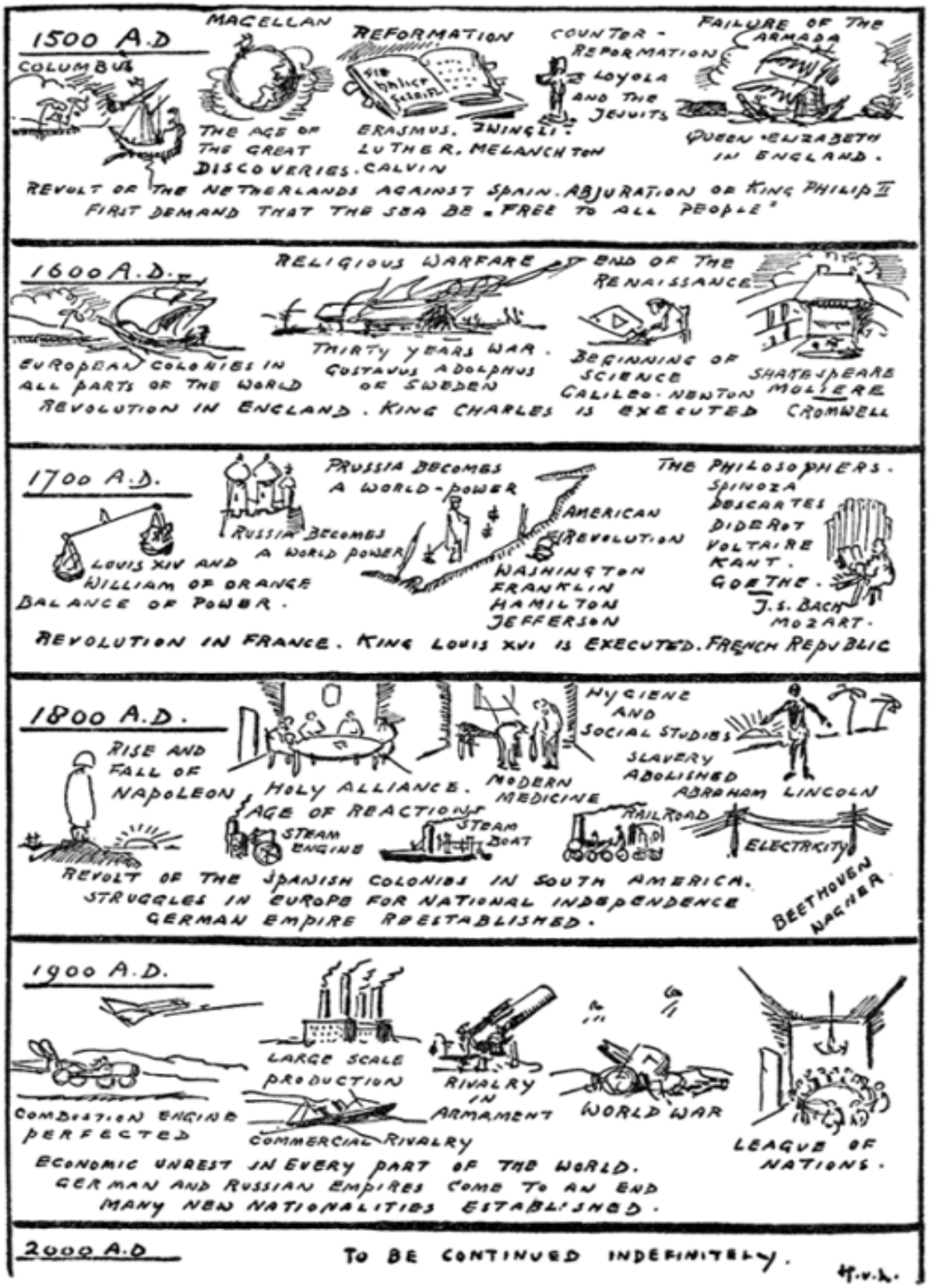
UMA CRONOLOGIA ANIMADA

500,000 a.C. — 1922 d.C.




800 B.C
CARTHAGE FOUNDED BY THE PHOENICIANS
ROME FOUNDED
THE GREAT HEBREW PROPHETS
700 B.C.
RISE AND FALL OF ASSYRIAN EMPIRE
NINEVEH DESTROYED
GREEK COLONIES ESTABLISHED
600 B.C.
SOLON GIVES THE ATHENIANS THEIR LAWS
BUDDHA IN INDIA
CONFUCIUS IN CHINA
500 B.C.
MARATHON
PERICLES
GOLDEN AGE OF ATHENS
GREEK THEATRE FLOURISHES
400 B.C.
WAR BETWEEN ATHENS AND SPARTA.
ATHENS IS DESTROYED
ATHENS REVIVES AS A SEAT OF LEARNING
SOCRATES AND PLATO
300 B.C.
ALEXANDER THE GREAT
ARISTOTLE
HANNIBAL AND THE C.E.F.
200 B.C.
CARTHAGE DESTROYED
GREECE BECOMES A ROMAN PROVINCE
SPQR
ROME MISTRESS OF MEDITERRANEAN SEA.
LAST INDEPENDENT JEWISH KINGDOM OF THE MACCABEES.


700 A.D.
CHRISTIANITY PREACHED IN NORTHERN EUROPE
MOHAMMEDANS CONQUER NORTHERN AFRICA AND SPAIN
CHARLES MARTEL DEFEATS THE MOHAMMEDANS AT TOURS
800 A.D.
CHARLEMAGNE CROWNED IN ROME
NORSEMEN INVASIONS.
ATTEMPTS TO REVIVE THE ROMAN EMPIRE ON A GERMANIC BASIS.
FIRST RUSSIAN STATE
1000 A.D.
CANOSSA.
STRUGGLE BETWEEN POPE AND EMPEROR GREGORY VII AND HENRY IV
WILLIAM THE CONQUEROR
FIRST CRUSADE.
1100 A.D.
MANY CRUSADES.
BEGINNING OF CHIVALRY.
THE MEDITERRANEAN THE CENTER OF TRADE.
BEGINNING OF UNIVERSITIES
1200 A.D.
END OF CRUSADES
MANY GOTHIC CHURCHES ARE BUILT.
THOMAS AQUINAS
ROGER BACON
DANTE
MAGNA CARTA
BEGINNING OF RENAISSANCE IN ITALY
1300 A.D.
INVENTION OF GUNPOWDER AND DECREASE OF POWER OF FEUDAL KNIGHTS
BEGINNING OF STATES-GENERAL AND PARLIAMENT
1400 A.D.
JOAN OF ARC. ENGLISH DRIVEN FROM FRANCE
PRINTING
TURKS TAKE CONSTANTINOPLE
END OF EAST ROMAN EMPIRE


1500 A.D
COLUMBUS
MACELLAN
THE AGE OF THE GREAT DISCOVERIES.
REFORMATION
ERASMUS. LUTHER. MELANCHTON. CALVIN. ZWINGLI.
COUNTER - REFORMATION
LOYOLA AND THE JESUITS
FAILURE OF THE ARMADA
QUEEN ELIZABETH IN ENGLAND.
REVOLT OF THE NETHERLANDS AGAINST SPAIN. ABJURATION OF KING PHILIP II
FIRST DEMAND THAT THE SEA BE "FREE TO ALL PEOPLE"
1600 A.D.
EUROPEAN COLONIES IN ALL PARTS OF THE WORLD
RELIGIOUS WARFARE
THIRTY YEARS WAR. GUSTAVUS ADOLPHUS OF SWEDEN
END OF THE RENAISSANCE
BEGINNING OF SCIENCE
GALILEO · NEWTON
SHAKESPEARE
MOLIERE
REVOLUTION IN ENGLAND. KING CHARLES IS EXECUTED
CROMWELL
1700 A.D.
LOUIS XIV AND WILLIAM OF ORANGE
BALANCE OF POWER.
RUSSIA BECOMES A WORLD POWER
PRUSSIA BECOMES A WORLD-POWER
AMERICAN REVOLUTION
WASHINGTON
FRANKLIN
HAMILTON
JEFFERSON
THE PHILOSOPHERS.
SPINOZA
DESCARTES
DIDEROT
VOLTAIRE
KANT.
GOETHE.
J.S. BACH
MOZART.
REVOLUTION IN FRANCE. KING LOUIS XVI IS EXECUTED. FRENCH REPUBLIC
1800 A.D.
RISE AND FALL OF NAPOLEON
HOLY ALLIANCE.
AGE OF REACTIONS
MODERN MEDICINE
HYGIENE AND SOCIAL STUDIES
SLAVERY ABOLISHED
ABRAHAM LINCOLN
STEAM ENGINE
STEAM BOAT
RAILROAD
ELECTRICITY
REVOLT OF THE SPANISH COLONIES IN SOUTH AMERICA.
STRUGGLES IN EUROPE FOR NATIONAL INDEPENDENCE
GERMAN EMPIRE REESTABLISHED.
BEETHOVEN
WAGNER
1900 A.D.
COMBUSTION ENGINE PERFECTED
LARGE SCALE PRODUCTION
COMMERCIAL RIVALRY
RIVALRY IN ARMAMENT
WORLD WAR
LEAGUE OF NATIONS.
ECONOMIC UNREST IN EVERY PART OF THE WORLD.
GERMAN AND RUSSIAN EMPIRES COME TO AN END
MANY NEW NATIONALITIES ESTABLISHED.
2000 A.D
TO BE CONTINUED INDEFINITELY.
H.v.L.

OceanofPDF.com

RELATIVO ÀS IMAGENS

Sobre as imagens deste livro

O dia do livro histórico sem ilustrações desapareceu. Fotos e fotografias de personagens famosas e ocorrências igualmente famosas cobrem as páginas de Breasted, Robinson e Beard. Neste volume, as fotografias foram omitidas para dar lugar a uma série de desenhos feitos em casa que representam ideias e não eventos.

Embora o autor não reivindique uma grande excelência artística (sendo decidido a desenhar quando criança, ele foi ensinado a tocar violino como disciplina), ele prefere fazer seus próprios mapas e desenhos porque sabe exatamente o que ele quer dizer e não pode explicar este significado para seus irmãos mais proficientes no campo da arte.

Nem os editores nem o autor afirmam que "A História da Humanidade" é a última palavra a ser dita sobre o tema da história. É um aperitivo. O livro tenta apresentar o assunto de tal maneira queo leitor médio tenha um gosto pela História e peça mais.



OceanofPDF.com